

**O Brasil lá fora: a invenção de nacionalidades brasileiras
na Alemanha e em Portugal (1989-2012). Narrativas e
Discursos de Identidades**

Dissertation zur Erlangung des akademischen Grades
eines Doctor philosophiae (Dr. phil.)

vorgelegt dem Rat der Philosophischen Fakultät
der Friedrich-Schiller-Universität Jena

von

Glauco Vaz Feijó, MA,
geboren am 10.4.1975 in Miracema-RJ, Brasilien

Gutachter:

1. Prof. Dr. Claudia Hammerschmidt (FSU Jena)
2. Prof. Dr. Cléria Bôtelho da Costa (Universidade de Brasília)
3. Privatdozentin Dr. Margit Thir (FSU Jena)

Tag der mündlichen Prüfung: 21. Juli 2015

GLAUCO VAZ FEIJÓ

O Brasil lá fora: a invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal (1989-2012). Narrativas e Discursos de Identidades

Tese apresentada sob acordo de cotutela ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB) e à Faculdade de Filosofia da Friedrich-Schiller-Universität Jena (FSU) como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História pela UnB e de *Doctor philosophiae* (Dr. phil.) pela FSU.

Orientadora UnB: Prof.^a Dr.^a Cléria Bôtelho da Costa
Orientadora FSU: Prof.^a Dr.^a Claudia Hammerschmidt

Brasília - Jena
2015

Feijó, Glauco Vaz.

F297b O Brasil lá fora : a invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal (1989-2012) : narrativas e discursos de identidades / Glauco Vaz Feijó. – Brasília-Jena, 2015.
480 f. ; 30 cm.

Dissertation – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História. Friedrich-Schiller-Universität Jena, Philosophische Fakultät, 2015.

Bibliographie: S. 405-431.

Orientadoras: Cléria Botelho da Costa e Claudia Hammerschmidt.

1. Imigração. 2. Identidade. 3. Discurso. 4. Narrativa. 5. Memória. I. Botelho da Costa, Cléria. II. Hammerschmidt, Cláudia. III. Título.

GLAUCO VAZ FEIJÓ

O Brasil lá fora: a invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal (1989-2012). Narrativas e discursos de identidades

Tese apresentada sob acordo de cotutela ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB) e à Faculdade de Filosofia da Friedrich-Schiller-Universität Jena (FSU) como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História pela UnB e de *Doctor philosophiae* (Dr. phil.) pela FSU.

COMISSÃO JULGADORA NA UnB

Prof.^a Dr.^a Cléria Botelho da Costa
PPGHIS – Universidade de Brasília (Presidenta)

Prof.^a Dr.^a Claudia Hammerschmidt
Instituto de Romanística – Friedrich-Schiller-Universität Jena

Prof.^a Dr.^a Eloísa Pereira Barroso
Departamento de História – Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Lucilia de Almeida Neves Delgado
PPGHIS – Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Viviane de Melo Resende
Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade de Brasília

Aprovada em: 05 de março de 2015

Local da defesa: Sala de Defesas do Programa de Pós-Graduação em História
Universidade de Brasília

Para Ayumi e para Inaê, por haverem ainda tão novas enfrentado um mundo tão novo, repleto de palavras incompreensíveis. Espero que não tenha doído tanto em vocês quanto em mim.

Agradecimentos

A Jacqueline, por tudo.

A Claudia Hammerschmidt, pela ousadia.

A Cléria Bôtelho, pela confiança.

A Viviane Resende, pela metodologia.

A Lucilia Delgado, pela qualificação e pela memória.

A Christiane Coelho, pelos contatos e pela bibliografia.

A Luiz Gonzaga Motta, pela narrativa.

A Vanessa Araújo, pelo coleguismo e pela parceria.

A Gustavo Filice, pela dica sobre o Edital CAPES/DAAD.

Ao Clerismar pelas transcrições.

Ao Pablo pelas transcrições e pelas cópias.

A Fábio Contel pela ajuda no último minuto.

À CAPES, por 12 meses de bolsa na Alemanha.

Ao DAAD, pelo profissionalismo.

À Graduierten Akademie da FSU, por ser o momento de agradecer.

A Hans Barkowski, *herzlich*, pelo início e pelo fim.

A Gabriele Wieduwilt, pelo carinho.

A Elisabeth Piek, pelo inglês.

A Basti, Jonathan, Annett e Benjamin, pela família.

A Bianca, pelo tempo e pela feijoada.

A Cláudia, pela calma.

A Andreia, pelas quatro horas.

A Amaro, *für das Mitmachen*.

A Bruno, pela clareza.

A Diva, por duas entrevistas.

A Eloísa, pelas lágrimas.

A Gabriela, pelo desabafo.

A Flávia, pela sensibilidade e engajamento.

A Carlito, pela receptividade.

A Helen, pelo sotaque.

A Elton, pelos comentários e pela dica do fado.

A Irene, pela disposição.

A Joana, pelo atendimento.

A Karen, pela atitude.

A Luciana, pelo café.

A Fabrício, pela descontração.

A Gustavo, também pelo café.

A Maria, pela superação.

A quem eu tiver esquecido de nominar, por coisas de que agora eu não me lembro.

A Ayumi e a Inaê, pelo sentido da vida.

A Jacqueline, porque “as palavras têm limites, mas as coisas não”.

O Brasil lá fora: a invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal (1989-2012). Narrativas e Discursos de Identidades

RESUMO

Nesta tese, interpreto narrativas de trajetórias de vida de imigrantes coletadas por meio de entrevistas com brasileiros/as na Alemanha e em Portugal e tento responder à pergunta: quais são as fronteiras identitárias imaginadas dentro desses casos específicos de encontro intercultural com alteridades surgidas no processo de imigração e como essas alteridades agem na (re)construção de identidades? Reflito sobre a (re)construção identitária a partir da experiência de migração e busco entendê-la dentro de um processo histórico maior de construção de identidades nacionais. Trata-se de um trabalho interdisciplinar e vinculado à história do tempo presente. Complementarmente à história do tempo presente e ainda no campo da História, as ideias de memória cultural e comunicativa de Assmann são fundamentos das interpretações buscadas no trabalho. Tomo a memória comunicativa como manifesta nos textos das narrativas, e a memória cultural como os discursos que tento acessar por meio da interpretação desses textos. Proponho um hibridismo metodológico no qual trabalho com a História Oral, a Análise Crítica de Narrativa (ACN) e a Análise Crítica do Discurso (ACD) em uma interpretação histórico-cultural que considero vinculada à tradição interdisciplinar dos Estudos Culturais. Divido a tese em três partes, na Parte I contextualizo teórica e metodológica o trabalho. No capítulo 1, revelo a condução de toda a pesquisa e os pressupostos teórico-metodológicos que me orientaram, dando especial atenção às mudanças ocorridas no caminho. No capítulo 2, apresento o tema das migrações internacionais contemporâneas por meio de uma revisão da literatura que demonstra minha afiliação à tese de que vivemos a “era das migrações”. Resumo no capítulo 3 uma bibliografia em torno da ideia de nacionalidade de Anderson adotada nesta tese. E no capítulo 4, descrevo das categorias de interpretação da ACN e da ACD utilizadas na segunda parte do trabalho. Na parte II tento transformar as trajetórias de vidas narradas por minhas colaboradoras em interpretação cultural de narrativas e interpretação narrativa de culturas, como propõe Bal (1999). Divido os capítulos desta parte entre as interpretações das narrativas colhidas em Portugal, capítulos 5 e 6, e as interpretações das narrativas colhidas na Alemanha, capítulos 7 e 8. Tento, nos capítulos 5 e 7, dar uma visão geral das possibilidades latentes de identidades culturais vislumbradas entre as narrativas de Portugal e da Alemanha, respectivamente. Nos capítulos 6 e 8 trabalho minuciosamente com as ferramentas da ACD e da ACN na interpretação de duas narrativas selecionadas pelo critério de “passagens citáveis”. Para a ACN serve-me de base o trabalho de Motta (2013) e as categorias metodológicas de Labov (2006; 2010b). Para a ACD, sirvo-me das categorias de Van Leeuwen (2008) de representação de atores sociais e de categorias metodológicas de Fairclough (2003). A parte intitulada “Como terminar?” se resume ao capítulo de desfecho, no qual coloco lado a lado algumas interpretações das narrativas colhidas em Portugal e na Alemanha, como forma de identificar o peso de diferentes alteridades na (re)construção discursiva de identidades. Se tanto em Portugal quanto na Alemanha elementos da memória cultural acionado são semelhantes e se vinculam a uma identidade nacional brasileira discursivamente fundada na mestiçagem e na cordialidade, as narrativas construídas sobre a memória cultural sofrem também o impacto do presente e há diferenças sensíveis nas estratégias narradas e nas formas como a memória cultural fundada no discurso é manejada narrativamente pela memória comunicativa. Na Alemanha a diferença entre “nós” e “eles” é mais clara e as estratégias de aproximação são narradas como estratégias individuais entre “eu” e “eles”. Em Portugal as ambivalências entre alteridade e identidade são mais profundas e aproximações e afastamentos são majoritariamente movimentos coletivos entre “nós” e “eles”.

Palavras-chave: imigração, identidade, discurso, narrativa, memória

Brasilien da draußen: die Erfindung brasilianischer Nationalitäten in Deutschland und in Portugal (1989-2012). Identitätennarrativen und -diskurse

ZUSAMMENFASSUNG

In dieser Dissertation interpretiere ich – mittels Interviews, die mit BrasilianerInnen in Deutschland und in Portugal geführt worden sind – Narrativen zur Lebenslaufbahn von Migranten und versuche dabei folgende Frage zu beantworten: welche sind die imaginierten Grenzen in diesen spezifischen Fällen von interkultureller Begegnung zwischen Alteritäten, die sich im Migrationsprozess ergeben, und wie wirken diese Alteritäten in der (Re)konstruktion von Identitäten? Es handelt sich um eine interdisziplinäre Arbeit, die an die Zeitgeschichte anknüpft. Innerhalb des Arbeitsfelds der Geschichte bediene ich mich des Konzepts von kulturellem und kommunikativem Gedächtnis von Jan und Aleida Assmann als Interpretationsgrundlage. Dabei sehe ich das kommunikative Gedächtnis als Manifestationen in den Texten der Narrativen und das kulturelle Gedächtnis als Diskurse, die ich mittels Textinterpretation zugänglich machen möchte. Ich schlage eine methodologische Hybride vor, bei der ich mich der *oral history*, der kritischen Narrativenanalyse (KNA) und der kritischen Diskursanalyse (KDA) bediene, um eine kultur-historische Interpretation auszuarbeiten, die ich der interdisziplinären Tradition der *cultural studies* zuschreibe. Die Dissertation besteht aus drei Teilen, in Teil I wird die Arbeit theoretisch und methodologisch verortet. In Kapitel 1 erörtere ich die Leitfragen sowie die theoretisch-methodologischen Vorannahmen, die mich während der Studie orientiert haben. In Kapitel 2 führe ich anhand einer Literaturrecherche das Thema der zeitgenössischen internationalen Migrationen ein und bekenne mich zur These, dass wir gegenwärtig im „Zeitalter der Migration“ leben. In Kapitel 3 fasse ich den Forschungsstand rund um das von Anderson vorgeschlagene und in dieser Arbeit grundlegende Konzept der Nationalität zusammen. Abschließend für Teil I beschreibe ich in Kapitel 4 die Interpretationskategorien der KNA und der KDA, die ich im zweiten Teil der Dissertation anwende. In Teil II unternehme ich den Versuch, die erzählten Lebenslaufbahnen meiner Mitwirkenden in kulturellen Interpretationen von Narrativen sowie als narrative Interpretationen von Kulturen (Bal, 1999) zugänglich zu machen. In den Kapiteln 5 und 7 wird versucht, einen allgemeinen Überblick über die latenten Möglichkeiten der kulturellen Identitäten jeweils in Portugal und in Deutschland zu verschaffen. In den Kapiteln 6 und 8 werden detaillierte Anwendungen der Werkzeuge der KNA und der KDA unternommen, um zwei nach dem Kriterium der „zitierbaren Passagen“ ausgewählte Narrative jeweils von Kapitel 5 und 7 zu interpretieren. Bei der KNA nehme ich als Grundlage sowohl die Arbeit von Motta (2013) als auch die methodologischen Kategorien von Labov (2006; 2010b). Bei der KDA bediene ich mich der Kategorien zur Analyse der Repräsentation von sozialen Akteuren von Leeuwens (2008) und anderer Kategorien von Fairclough (2003). Im Teil III schließlich werden Ergebnisse der Interpretationen der Narrativen aus Portugal und aus Deutschland verglichen und daraufhin untersucht, ob und ggf. in welcher Weise diese sich auf dem Hintergrund unterschiedlicher Migrationserfahrungen und deren Verarbeitung unterscheiden. Wenngleich sich in beiden Ländern die aktivierten Elemente des kulturellen Gedächtnisses gleichen und einer brasilianischen nationalen Identität entsprechen, werden die Narrativen auch von der Gegenwart beeinflusst und weisen unterschiedliche Strategien und Formen der narrativen Handhabung des kulturellen Gedächtnisses durch das kommunikative Gedächtnis auf.

Stichworte: Immigration, Identität, Diskurs, Narrative, Gedächtnis

Brazil abroad: the invention of Brazilian nationalities in Germany and in Portugal (1989-2012). Narratives and discourses of identities

ABSTRACT

In this thesis, I interpret narratives of life trajectories of immigrants, gathered through interviews with Brazilians in Germany and Portugal. I try to answer the question: What are the imagined boundaries of identity in these specific cases of intercultural encounters with otherness, arising during the immigration process. I ponder on the (re)construction of identities within the migration experience and I seek to understand these processes within the larger historical process of national identity construction. This is an interdisciplinary work, linked to the history of the present time. In addition to the history of the present time and still in the field of history, Assmann's ideas of cultural and communicative memory are the basis of the interpretations sought in this work. I take the communicative memory as manifested in the narrative texts and the cultural memory as the discourses I try to access through the interpretation of these texts. I propose a methodological hybrid in which I work with the Oral History, the Critical Analysis of Narrative (CAN) and the Critical Analysis of Discourse (CDA) for a historical-cultural interpretation which I consider to be linked to the interdisciplinary tradition of Cultural Studies. I divide the argument into three parts. In Part I, I contextualize the work theoretically, methodologically and geographically. In Chapter 1, I seek to show the conduction of all the research and the theoretical and methodological principles that guided me. I pay particular attention to changes in the way this work. In Chapter 2, I present the topic of contemporary international migration through a review of the literature that shows my affiliation to the thesis that we live in the "era of migration". In Chapter 3 I summarise a bibliography around Benedict Anderson's idea of nationality, adopted in this thesis. To close the first part, in Chapter 4, I describe the categories of interpretation of the CAN and the CDA used in the second part. In Part II, I try to translate my coworkers' lives trajectories into cultural interpretation of narratives and narrative interpretation of cultures, as proposed by Bal (1999). I divide the chapters in this part into the interpretations of the narratives collected in Portugal, chapter 5 and chapter 6, and the interpretations of the narratives collected in Germany, chapter 7 and chapter 8. I try, in chapters 5 and 7, to give an overview of the latent possibilities of cultural identities glimpsed between the narratives of Portugal and Germany, respectively. In chapters 6 and 8, I work closely with the CDA and CAN tools in the interpretation of two narratives selected by the criterion of "quotable passages". For CAN I used as a basis the work of Motta (2013) and the methodological categories of Labov (2006; 2010). For the CDA, I used Van Leeuwen's (2008) categories of representation of social actors and methodological categories of Fairclough (2003). The section entitled "How to end?" is summarized in the concluding chapter, in which I put side by side some interpretations of the narratives collected in Portugal and Germany, in order to identify the weight of different manifestations of otherness in the discursive (re)construction of identities. If both in Portugal and in Germany elements of cultural memory that were activated, are similar and are linked to a Brazilian national identity logically based on miscegenation and affection, the narratives constructed upon the cultural memory also suffer the impact of the present and there are appreciable differences in narratives strategies and in the ways in which cultural memory based on discourse is managed by the communicative memory. In Germany, the difference between "us" and "them" is clearer and approximation strategies are narrated as individual strategies between "I" and "them". In Portugal the ambivalence between otherness and identity are deeper and approaching and separating are mostly collective movements between "us" and "them".

Keywords: immigration, identity, discourse, narrative, memory

Abreviaturas

ACD	Análise Crítica de Discurso
ACIDI	Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural
ACN	Análise Crítica de Narrativa
BRD	Bundesrepublik Deutschland
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBL	Casa do Brasil de Lisboa
CELADE	Centro Latinoamericano de Demografia
CEMI	Centro de Estudos de Migrações Internacionais
DAAD	Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico
DAES	Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais
DESTATIS	Statistisches Bundesamt
FSU	Friedrich-Schiller-Universität
GEB	Grupo de Estudos sobre Brasileiros
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMILA	Investigación de la Migración Internacional en Latinoamérica
INE	Instituto Nacional de Estatística de Portugal
IOM	International Organisation for Migration
IUSSP	União Internacional para o Estudo Científico da População
MRE	Ministério das Relações Exteriores
NEPO	Núcleo de Estudos de População
OECD	Organisation for Economic Co-operation and Development
OI	Observatório da Imigração

ONU	Organização das Nações Unidas
PICMME	Comitê Intergovernamental Provisório para os Movimentos de Migrantes na Europa
PPGHIS	Programa de Pós-Graduação em História
SEF	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
UE	União Europeia
UnB	Universidade de Brasília
WMR	World Migration Report

Tabelas

0.1 Colaboradoras/es na Alemanha (idade, escolaridade, ocupação, anos de vida na Alemanha e Estado de procedência no Brasil)	39
0.2 Colaboradoras/es em Portugal (idade, escolaridade, ocupação, anos de vida em Portugal e Estado de procedência no Brasil)	40
0.3 Gênero, estado civil e situação oficial da permanência na Alemanha	41
0.4 Gênero, estado civil e situação oficial da permanência em Portugal	41
2.1 Brasileiros/as no mundo – Dados do MRE	113
4.1: Quadro resumido com algumas possibilidades de representação de atores sociais (inspirado em Ramalho e Resende, 2011: 150)	153-251
5.1 Brasileiros e brasileiras em Portugal 2008-2012	170
5.2 Brasileiros/as, ucranianos/as e romenos/as em Portugal 1990-2008	173
7.1 Brasileiros/as na Europa 2009, 2011, 2012	284
7.2 Estado civil de brasileiros/as na Alemanha, 1998-2013	287
7.3 Brasileiros/as casados/as com alemães/es	289
7.4 Autorizações de permanência e de residência para brasileiros/as na Alemanha	291
7.5 Distribuição de brasileiros/as na Alemanha por faixa etária 2013	296

4.1 Representação gráfica da construção pré-narrativa	142
5.1 Brasileiros/as residentes em Portugal (1990-2008)	171
5.2 Brasileiros/as e total de estrangeiros/as em Portugal (1990-2008)	172
5.3 Nacionalidades representativas em Portugal (1990-2008)	172
5.4 Romenos/as, ucranianos/as e brasileiros/as em Portugal (2008-2012)	174
7.1 Brasileiros/as na Alemanha 1998-2013.....	285
7.2 Estrangeiros/as na Alemanha 1998-2013	286
7.3 Estados civil de brasileiros/as na Alemanha 1998-2013	288
7.4 Brasileiros/as na Alemanha: curva de feminilização 2000-2013	289
7.5 Brasileiros/as na Alemanha por tipo de autorização de permanência 2013	290
7.6 Emissão de autorizações de permanência por tipo e permissões de residência para brasileiras/os na Alemanha 2006-2013	293
7.7 Emissão de autorizações de permanência por tipo e permissões de residência para homens brasileiros na Alemanha 2006-2013.....	294
7.8 Emissão de autorizações de permanência por tipo e permissões de residência para mulheres brasileiras na Alemanha 2006-2013	295
7.9 Brasileiros (homens) por faixa etária na Alemanha 1998-2103	297
7.10 Brasileiras por faixa etária na Alemanha 1998-2103	297
7.11 Distribuição dos brasileiros/as na Alemanha por faixa etária	298
7.12 Brasileiras/os de 16 a 25 anos na Alemanha 1998-2013	299
7.13 Brasileiros (homens) de 16 a 25 anos na Alemanha 1998-2013	299
7.14 Brasileiras de 16 a 25 anos na Alemanha 1998-2013	300

Sumário

Introdução	21
Parte I Por onde começar? Pensando os caminhos	43
Capítulo 1 Odoi, caminhos percorridos.....	45
1.1 Apresentação	47
1.2 O caminho se faz ao caminhar.....	47
1.3 Caminhando: minha viagem redonda.....	63
Capítulo 2 O cenário: a era das migrações	90
2.1 No mundo	90
2.2 No Brasil.....	101
Capítulo 3 Leituras em torno de <i>Comunidades Imaginadas</i>	119
3.1 Apresentação	119
3.2 O enredo: a teia da nação que une processos migratórios singulares	121
Capítulo 4 Ferramentas para o percurso: categorias de interpretação	139
4.1 Apresentação	139
4.2 Ferramentas para a interpretação da narrativa.....	140
4.3 Ferramentas para a interpretação do discurso.....	150
Parte II Como caminhar? As narrativas	165
Capítulo 5 Gênero e experiências de brasileiros e brasileiras em Portugal.....	167
5.1 Apresentação	167
5.2 Brasileiros e brasileiras mundo afora, muitos e muitas também em Portugal.....	168
5.2.1 Números	170
5.2.2 Pessoas: classe, gênero, raça e processos identitários	176
5.3 Alguns e algumas dos muitos e muitas brasileiros e brasileiras em Portugal	195
Capítulo 6 (Re)inventando identidades em Portugal.....	225
6.1 Apresentação	225
6.2 Plano da história e metanarrativa	226
6.3 Plano do texto e metanarrativa	251
Capítulo 7 Nacionalidade e experiências de brasileiras/os na Alemanha	277
7.1 Apresentação	277
7.2 Brasileiros e brasileiras mundo afora, alguns e muitas também na Alemanha	277
7.2.1 Pessoas: gênero, nacionalidade e processos identitários	278
7.2.2 Números	283

7.3 Alguns e algumas dos muitos e muitas brasileiros e brasileiras na Alemanha.....	303
Capítulo 8 (Re)inventando identidades na Alemanha	335
8.1 Apresentação	335
8.2 Plano da história e metanarrativa	336
8.3 Plano do texto e metanarrativa	360
Parte III Como terminar?	383
Considerações finais	385
Corpus documental	401
A – Oral:.....	401
B – Escrito:.....	402
C – Base de dados Online:	403
Bibliografia	405
Apêndice A: guia para orientação das entrevistas	433
Anexo A: transcrição de entrevista realizada em Portugal.....	435
Anexo B: transcrição de entrevista realizada na Alemanha	449
Ausführliche Zusammenfassung (resumo estendido)	461
Declaração de Honra	471
Ehrenwörtliche Erklärung	473
Tabellarischer Lebenslauf	475

Introdução

A poesia encerra mais filosofia e elevação do que a história; aquela enuncia verdades gerais; esta relata fatos particulares (Aristóteles)

Antes de qualquer outra coisa, é necessário dizer o que esta tese não é. Ela não é um trabalho sobre migração *stricto sensu*, embora tenha imigrantes como sujeitos da pesquisa. Apenas por esse fato, impossível de desprezar, envolvi-me obrigatoriamente com o tema das migrações internacionais contemporâneas, que ganharam algum destaque nas discussões propostas.

Ela também não é uma tese disciplinar, mas tampouco é uma tese antidisciplinar, como eu a havia idealizado. A busca da antidisciplinaridade vem decisivamente de meu contato tardio com os Estudos Culturais britânicos, mas se fundamenta sobretudo na leitura do pequeno grande livro *Um discurso sobre as ciências* (Santos, 2010), feita pela primeira vez ainda nos anos de graduação, quando o estilo atrevido e ao mesmo tempo cheio de ternura de Boaventura de Sousa Santos pareciam ainda mais envolventes do que hoje ainda são. Em sua exposição dos problemas e entraves da ciência moderna, entre outras coisas, aponta o sociólogo português para a disciplinaridade. “*Sendo um conhecimento disciplinar, tende a ser um conhecimento disciplinado, isto é, segrega uma organização do saber orientada para policiar as fronteiras entre as disciplinas e reprimir os que as quiserem transpor.*” (Santos, 2010: 74)

Em minha empreitada contra a disciplinaridade (minha metodologia a *contrapelo*), creio poder afirmar ter conseguido produzir um trabalho interdisciplinar, que vai além da multidisciplinaridade e se aproxima em alguns aspectos da transdisciplinaridade. Cabe, talvez, explicar que entendo multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade de forma muito próxima ao que van Leeuwen (2005) considera serem “três modelos de interdisciplinaridade”: o modelo centralista, o modelo pluralista e o modelo integracionista, respectivamente. Tomo, então, para multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade as definições elaboradas por van Leeuwen para cada um de seus “modelos de interdisciplinaridade”:

A centralist model of interdisciplinarity is essentially a model of the relation between different autonomous disciplines. Though situating itself among other disciplines, each discipline sees itself as the center of the universe of knowledge, and, from this

center, charts its relations to other disciplines. The core of each discipline is formed by its theories, methods and central subject matters (van Leeuwen, 2005: 4).¹

In pluralist models issues and problems are central, and it is recognised that these may rightfully belong to a number of different disciplines. The pluralist model seeks to bring such disciplines together, as equal partners, rather than that elements of other disciplines are incorporated in a “centralist” discipline. Yet the disciplines themselves remain autonomous and self-sufficient in the way they operate, and their identities and values are not fundamentally affected (van Leeuwen, 2005: 6).²

Like the pluralist model, the integrationist model focuses on problems rather than methods (...). But here it is recognised that no single discipline can satisfactorily address any given problem on its own. As a result disciplines are seen as interdependent, and research projects involve team work with specific divisions of labor and specific integrative principles. This involves a major shift in the way disciplines function, and can at times be seen as threatening the status quo (van Leeuwen, 2005: 6).³

Se não fui capaz de perseguir a desintegração das disciplinas levando a cabo um projeto anti-disciplinar ou integracionista, busquei me aproximar da vinculação disciplinar proporcionada pela transdisciplinaridade ou pluralismo. Gosto de pensar que estive perto da anti-disciplinaridade em alguns momentos e estou bastante seguro de que quase sempre consegui superar o centralismo da multidisciplinaridade, o que certamente me foi possível por trabalhar sob a perspectiva dos Estudos Culturais. Talvez por isso, por um lado, gostaria que bibliotecários/as guardassem os exemplares impressos deste texto nas estantes com a indicação “Estudos Culturais”. Contudo, por outro lado, ainda aposto que os Estudos Culturais, mesmo após sua institucionalização, não se renderam à disciplinarização, por isso não deverão ter estantes reservadas nas bibliotecas, devem sim continuar se espalhando pelas estantes

¹ Um modelo centralista de interdisciplinaridade é em essência um modelo da relação entre diferentes disciplinas autônomas. Apesar de situar-se em meio a outras disciplinas, cada disciplina se vê como o centro do universo do conhecimento, e, a partir desse centro, traça as suas relações com outras disciplinas. O núcleo de cada disciplina é formado por suas teorias, seus métodos e suas questões centrais (van Leeuwen, 2005:4). **Salvo menção em contrário, todas as traduções em nota de rodapé são livre.**

² Em modelos pluralistas, as questões e os problemas são centrais e se reconhece que estes podem pertencer, por direito, a um conjunto de diferentes disciplinas. O modelo pluralista busca reunir essas disciplinas como parceiras iguais, ao invés de tentar incorporar elementos de outras disciplinas em uma disciplina “centralizadora”. Ainda assim, as próprias disciplinas permanecem autônomas e autossuficientes no seu modo de operar, e suas identidades e valores não são fundamentalmente afetados (van Leeuwen, 2005:6).

³ Assim como no modelo pluralista, o modelo integracionista enfoca não os métodos, e sim os problemas (...). Porém, aqui, reconhece-se que nenhuma disciplina individual é capaz de lidar com qualquer problema por conta própria. Como resultado, as disciplinas são vistas como interdependentes, e os projetos de pesquisa envolvem o trabalho em equipe com divisões específicas do trabalho e princípios integrativos específicos. Isso envolve uma grande mudança na maneira como uma disciplina funciona e, em momentos, pode ser visto como uma ameaça ao *status quo* (van Leeuwen, 2005:6).

existentes, reatando a indissociabilidade do conhecimento, quebrada pelo desenvolvimento histórico que teve a produção do conhecimento acadêmico-científico.

Certa vez ouvi de uma dessas professoras que fazem diferença em nossa formação, quem me apresentou formalmente e mostrou muitas das possibilidades dos Estudos Culturais, que ela não acreditava ser possível realizar um bom trabalho no campo dos Estudos de Cultura sem estar firmemente apoiado em alguma disciplina consolidada. De forma mais generalizante, mas transitória, Boaventura Santos corrobora a ideia ao afirmar, em 1987, que:

Nenhum de nós pode neste momento visualizar projetos concretos de investigação que correspondam inteiramente ao paradigma emergente [não disciplinar] que aqui delineei (...) Duvidamos suficientemente do passado para imaginarmos o futuro, mas vivemos demasiadamente o presente para podermos realizar nele o futuro. (Santos, 2010: 92)

Ainda tenho esperança de que esteja errada a professora e certa a transitoriedade apontada por Boaventura e de que, sendo assim, um dia possamos prescindir das disciplinas. Mas não foi esse o percurso que trilhei aqui, e por isso não cheguei sequer perto da radicalidade da antidisciplinaridade a que aspirava. Seguindo a advertência da professora, apoiei-me na História para, a partir daí, buscar o diálogo com outras áreas de produção de conhecimento e chegar à interdisciplinaridade teórico-metodológica que espero ser uma das contribuições desta tese. Bibliotecários/as, então, não temam; por favor, guardem os exemplares desta tese nas estantes de História e, quem sabe, futuros leitores e leitoras, se eu as tiver, os deixarão, por desleixo ou inconformidade, ora aqui e ora ali. Assim, talvez eles se encontrem nessa desordem (“que, repetida, seria uma ordem”) - *mi soledad se alegra con esa elegante esperanza*.

Mas, então, sobre o que é esta tese? Esta tese é um desdobramento de uma experiência histórica por mim vivenciada durante quase cinco anos como imigrante na Alemanha. Experiência que me constituiu em sujeito deste processo e me levou a refletir sobre como e por que organizávamos encontros semanais entre brasileiros e brasileiras que residiam na mesma cidade ou em cidades vizinhas. Porque nos juntávamos, ainda, em associações com outros imigrantes latino-americanos, e, muitas vezes, ampliávamos a latinidade ao seu máximo, sentindo-nos de certa forma cúmplices de espanhóis, italianos e até franceses, dando razão à estratégia napoleônica de forjar o termo América Latina. Mais do que isso, o que permitia que nos encontros semanais quase que invariavelmente terminássemos dando no mesmo assunto: como somos nós, brasileiros e brasileiras (e às vezes latinos e latinas), diferentes dos alemães e alemãs.

Esta tese parte, então, de uma reflexão sobre a (re)construção de identidades e de alteridades a partir de experiências de migração. O caminho escolhido para chegar a interpretações possíveis dos processos identitários abordados foi assumi-los como processos vinculados a um processo histórico maior de (re)construção de identidades nacionais e como processos ideológicos que se materializam discursivamente, por meio da linguagem; neste caso específico, por meio de narrativas de trajetória de vida. A aproximação à materialidade discursiva expressa em textos narrativos foi sendo alterada durante grande parte do percurso da pesquisa, até chegar ao pluralismo metodológico discutido com mais detalhe no primeiro capítulo desta tese.

Como primeiro esboço de reflexão teórico-metodológica, cabe ainda aqui ressaltar que este trabalho interdisciplinar, que se apoia no campo de produção de conhecimento da História, é, claramente, um trabalho dentro das margens da chamada história do tempo presente. Mesmo que estas margens sejam ainda objeto de controvérsias (Lagrou, 2000; Rousso, 2000), nem sempre muito profícuas, a metodologia empregada e as interpretações alcançadas se ajustam com maior ou menor conforto em quase todas as delimitações debatidas e critérios imaginados, independentemente de considerarmos o período abordado ou o tema do estudo.

Henry Rousso (2000) aponta quatro elementos constituintes da história do tempo presente, a saber: o testemunho, a memória, a demanda social e o evento. Creio não serem necessárias muitas linhas para indicar a importância dos três primeiros elementos definidos por Rousso para esta pesquisa. Sobre o testemunho e a memória, todo o trabalho foi construído sobre fontes orais geradas durante a pesquisa, mais especificamente sobre testemunhos em forma de trajetórias de vida, que ensejam uma discussão sobre o papel da memória na cultura (Erll, 2011) e sobre sua relevância nos processos identitários, no deslocamento “do interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares” (Ferreira, 2000: 118), todos importantes para a história do tempo presente.⁴ Busco ajuda de Ferreira e Erll na sustentação de meus argumentos, não por uma coincidência entre história oral e história do tempo presente ou entre esta e os estudos culturais sobre a memória, são coisas distintas e independentes, mas há entre elas uma possibilidade de cumplicidade que me parece evidente (Ferreira, 2002).

⁴ Rousso afirma que “a história do tempo presente encontrou novos fenômenos sociais que considero extremamente importantes, sendo que o principal foi a questão da memória” (Rousso, 2009: 207). Sobre as ligações da memória e do tempo presente, é muito pertinente argumentar com Beatriz Sarlo que “o tempo próprio da lembrança é o presente: isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio” (Sarlo, 2005: 10)

Sobre a demanda social, esta é dada imediatamente pela relevância atual de dois temas latentes da contemporaneidade que são o enorme fluxo de pessoas através das fronteiras criadas sobre o globo, com as implicações políticas e sobretudo humanas que a intensificação desse processo carrega consigo e, no caso específico desse trabalho, as manifestações discursivas dos processos identitários acionados pela migração.

Por fim, sobre o evento, embora de forma alguma tenha relevância imediata para a pesquisa, não se pode negar que o processo maior que serve de pano de fundo para o trabalho empreendido – qual seja, o incremento das migrações internacionais na contemporaneidade e seus efeitos discursivos nas identidades de pertencimento – teve grande influência dos eventos que demarcaram o fim do “breve século XX”, com a queda do muro e o desmantelamento do leste europeu. Embora eu não vá por aí, não tenho dúvidas de que a delimitação de minha pesquisa a partir de 1989 não é apenas uma feliz coincidência.

Contudo, para este trabalho, mais importante do que a breve tentativa de categorização dos elementos da história do tempo presente de Rousso, e mais importante que os marcos da história recente, é a sua inserção em um tempo que ainda não se tornou passado, o que, pela ausência de uma história do tempo futuro, o insere na história do presente. Presente não apenas pelo momento em que vivem os sujeitos da pesquisa e no qual a pesquisa é realizada, mas presente também pelos problemas que suscitam a pesquisa e a temporalidade alcançada com as interpretações, que percorrem parte dos processos de construção de identidades durante as primeiras décadas do século XX. Se, por um lado, o fenômeno da aceleração do tempo (Rosa, 2012, 2013) pode nos levar à impressão de uma contração do presente, visto que a volatilização tornaria rapidamente em passado o que ontem ainda era presente; por outro lado, a insegurança trazida pela aceleração leva a interpretações de que, em vez de contração, há uma dilatação do presente, uma busca de vincular a um passado menos imediato o que experimentamos no cotidiano⁵, numa espécie de encontro do presente com o passado. A dilatação do presente tem influência nas discussões sobre as possibilidades da história do tempo presente e também sobre minhas interpretações nesta pesquisa. Enfim, vale talvez lembrar, com uma frase de impacto

⁵ Boaventura de Sousa Santos é um dos autores que, inspirado por Ernst Bloch, aponta para os problemas da contração do presente, fundante da racionalidade ocidental. Para ele, “a característica mais fundamental da concepção ocidental de racionalidade é o facto de, por um lado, contrair o presente e, por outro lado, expandir o futuro. A contração do presente, ocasionada por uma peculiar concepção de totalidade, transformou o presente num instante fugidio, entrincheirado entre o passado e o futuro. Do mesmo modo, a concepção linear do tempo e a planificação da história permitiram expandir o futuro indefinidamente” (Santos, 2006: 779). Notem que, neste caso, as duas concepções, de contração e dilatação do presente, não são necessariamente antagônicas e podem mesmo serem abordadas de forma complementar, pois o presente contraído o é pela expansão do futuro, enquanto que o presente dilatado o é pela presentificação do passado.

atribuída a Albert Einstein, que “*die Unterscheidung zwischen Vergangenheit, Gegenwart und Zukunft ist nur eine Täuschung - wenn auch eine hartnäckige*”.⁶

Quiçá, o mais importante é que a história do tempo presente a mim me parece ser minha história, onde me encontro e onde tomo partido. É, portanto, uma história engajada (Fiorucci, 2011), assim como também é uma história subjetiva. Como Maranhão Filho (2009: 139), entendo como o pressuposto epistemológico mais relevante da história do tempo presente ser ela marcada pela e na subjetividade, e especialmente, ser ela uma história de nós mesmos.

Cogito a hipótese de que aquele que escreve [a história do tempo presente] sempre escreve e pensa sobre si e a partir de si mesmo, e por ser uma escrita comprometida com sua sensibilidade, isto faria dos seus escritos mais verdadeiros. (Maranhão Filho, 2009: 142)

Também e para além de estarmos escrevendo a nossa história, aqueles que consideramos a história do tempo presente História, como qualquer outra, ao escrevê-la e assim nomeá-la, podemos estar a contribuir para um câmbio em uma ideia de História que, ao excluir o presente do tempo considerado histórico, portanto do tempo considerado humano, exclui-nos também da formação do mundo enquanto sujeitos históricos. Algo que, embora não vá abordar com profundidade nas interpretações das entrevistas colhidas, aparece com certa frequência nas narrativas dos/as imigrantes entrevistados/as, como no trecho abaixo, retirado de entrevista com **Luciana**⁷, imigrante brasileira em Portugal.

É onde contém história, né? A impressão que dá, acho que qualquer cidade da Europa que seja mais ou menos bem cuidada... é gostoso, você se sente parte de uma história quando você anda nela, anda nela... O que me incomoda na minha cidade, porque aquilo é tudo muito impessoal, quando eu chego na minha cidade é tudo muito impessoal, tudo muito frio, são prédios, prédios, prédios, prédios, ruas, lixo pela rua e (...), lixo pela rua e gente mal-educada.

Essa é a perspectiva de **Luciana**, ao comparar Lisboa com sua cidade do interior de Minas Gerais, estado colonizado por portugueses, por esses europeus que fazem história e que constroem cidades com história, que não é percebida por **Luciana** em sua cidade natal. Não é percebida mesmo por essa imigrante cuja epopeia nos renderá tantas reflexões sobre *Clio*. Com potencial de atuar contra a exclusão de sujeitos do presente dos processos históricos que vivem, a história do tempo presente se apresenta como poeticamente a definiu Jean-Pierre Rioux, como

⁶ “A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, ainda que persistente”

⁷ Todos os nomes dos/as entrevistados/as foram alterados e escritos em negrito. Suas falas estão grafadas em itálico e em negrito para diferenciá-las das citações bibliográficas, grafadas apenas em itálico.

“un vibrato de l’inachevé qui colore brusquement tout un passé, un présent peu à peu délivré de son autisme, une intelligibilité traquée hors des sentiers battus: c’est un peu cela, l’histoire du temps présent” (Rioux, 1992:54).⁸ É também um pouco isso, além do que já foi dito acima, que nos proporciona a história do tempo presente.

Cabe aqui ainda uma breve reflexão sobre o papel que têm os estudos sobre a memória tanto no encorajamento da história do tempo presente, quanto nos estudos sobre narrativas e identidades, temas que se interseccionam nesta tese. Mesmo dando razão à afirmação de Confino (2011) de que os estudos sobre a memória são mais praticados do que teorizados, parece-me ser relevante assumir que quase todas as questões aqui desenvolvidas certamente não existiriam ou teriam outra formulação não fosse a tradição de estudos da memória levada a cabo por Maurice Halbwachs, na França, e por Aby Warburg, na Alemanha, nos anos 20 do século passado, sendo retomada mais de 60 anos depois, também nesses dois países, por Pierre Nora (2001, 1998, 1997) e por Jan Assmann (1992), respectivamente. Claro que nem Halbwachs, nem Warburg inventaram os estudos sobre a memória, basta lembrar de seus contemporâneos e colíngues Marcel Proust e Sigmund Freud, ou então rememorar toda a tradição grega do culto à deusa Minemosine. Mas Halbwachs e Warburg são aqui fundamentais devido ao peso que possuem nas categorias elaboradas por Jan e Aleida Assmann e que serão aqui utilizadas.

Sobre Halbwachs é suficiente, nos limites que aqui me imponho, relembrar que seu primeiro livro de impacto, *Les cadres sociaux de la mémoire* (Halbwachs, 1995), foi escrito em 1925, vinte e cinco anos antes da publicação *post mortem* de *La mémoire collective* (Halbwachs, 1991), que traz como título a impregnante ideia de memória coletiva, amplamente usada nas últimas três ou quatro décadas, não só em estudos diretamente relacionados à memória, como também nos estudos sobre identidades e outras questões afetas à história do tempo presente. Com os quadros sociais da memória, Halbwachs traz para os estudos sobre a memória a ideia seminal de que memórias individuais são fundamentalmente marcadas por contextos socioculturais, que ajudam a formar o que mais tarde ele denominará memória coletiva. Conforme nos lembra Erll (2010), se hoje isso não nos causa nenhum estranhamento, essa não parecia ser uma questão tão óbvia no início do século XX.

Mas desde finais do século XX, é comum a qualquer pessoa que já tenha se aproximado de alguma reflexão teórica mais elementar sobre memória, o reconhecimento de que o enquadramento sociocultural da memória atua ao menos em dois níveis, um individual, mais

⁸ Um vibrato do inacabado, que colore bruscamente todo um passado, um presente pouco a pouco libertado de seu autisme, uma inteligibilidade perseguida fora dos caminhos batidos, é um pouco isso a história do tempo presente.

ligado a fatores psicológicos, e outro coletivo, manifesto em práticas, instituições, símbolos etc. Um passo além desse é a percepção de que os dois níveis de enquadramento social da memória são inseparáveis, pois, ainda com Erll (2010), não há memória individual pré-cultural, como não há memória coletiva em prédios, monumentos e instituições sem indivíduos que as signifiquem:

Just as social-cultural contexts shape individual memories, a “memory” which is represented by media and institutions must be actualized by individuals, by members of a community of remembrance, who may be conceived of as points de vue (Maurice Halbwachs) on shared notions of the past. (Erll, 2010: 5)⁹

Talvez seja essa necessária atualização da memória coletiva pelos indivíduos o que torna as reflexões sobre a memória, mais especificamente sobre o lembrar, tão recorrentes e relevantes para a história do tempo presente e para os estudos sobre identidades, pois é a rememoração (muitas vezes a rememoração narrativa), sempre feita por indivíduos no presente, que inventa identidades, trazendo para esse processo o tempo, que, ao fim e ao cabo, é o que define a fazer historiográfico.

Contemporâneo a Halbwachs, mas conhecido entre nós, historiadores brasileiros/as, quase que somente por meio de um ensaio de Ginzburg (1989), Aby Warburg é lido na Alemanha não só pelos seus estudos sobre história da arte, mas também pela elaboração da ideia de “memória social” e pela sua antecipatória querela contra o que chamou de “policiamento de fronteiras disciplinares”, sendo, por isso, atualmente celebrado pelos Estudos Culturais germânicos. De pouca influência entre nós, a menção a Warburg cabe mais aqui na contextualização da formação dos estudos sobre memória e dos desdobramentos desses estudos, décadas depois, nos dois contextos acadêmicos em que foram gestados.

Na França, nos anos 80 do século passado, 60 anos após a publicação da obra seminal de Halbwachs, Pierre Nora dirige a obra monumental que viria a se tornar referência obrigatória nos estudos de história que de alguma forma abordam questões ligadas a memória. Publicadas em três tomos e sete volumes, as mais de 6.000 páginas escritas por mais de uma centena de colaboradores são introduzidas por um ensaio de Nora que remete diretamente às questões trazidas pela ideia de memória coletiva deixada como herança por Halbwachs. Nora (2001) parece querer, sobretudo, solucionar a difícil questão sobre os limites entre história e memória,

⁹ Assim como os contextos socioculturais moldam as memórias individuais, uma “memória” representada pela mídia e pelas instituições deve ser atualizada por indivíduos, por membros de uma comunidade de memória, que podem ser concebidos como pontos de vista (Maurice Halbwachs) a respeito de noções compartilhadas do passado (Erll, 2010:5).

tematizada por Halbwachs e alvo mais constante das críticas à sua obra (Erll 2010). Assim como Halbwachs, Nora enfatiza nessa introdução chamada “*Entre mémoire et histoire*” que há uma grande diferença entre história e memória e que as duas seriam em alguns pontos antagônicas. Mas, ao contrário de valorizar a memória em detrimento da história, como o faz Halbwachs, Nora propõe como solução para as tensões entre história e memória o estudo dos lugares de memória, que são as marcas deixadas pela memória na história, são então um entre-lugar entre história e memória. Para Nora (2001), “*on ne parle tant de mémoire que parce qu’il n’y en a plus*” (p. XXVII)¹⁰, por isso a atenção dos historiadores deve se voltar para os lugares de memória, pois “*il y a des lieux de mémoire parce qu’il n’y a plus de milieux de mémoire*” (p. XXVII).¹¹

Para além das mais de 6.000 páginas redigidas sobre a direção de Nora, os lugares de memória parecem ter rendido outras milhares, ao menos no ocidente, e as apreensões da ideia parecem ter sido bastante variadas. Como nos alerta Erll (2010), apesar da tentativa de Nora de definir o que podem ser considerados lugares de memória por meio de três dimensões obrigatórias aos *lieux de mémoire* (dimensão material, dimensão funcional e dimensão simbólica), na própria obra monumental a ideia foge ao seu controle, pois entram aí lugares de memória como frases (“*mourir pour la patrie*”), posicionamentos políticos (“*gaullistes et communistes*”) e comportamentos (“*la galanterie*”).

Lugares de memória poderiam, então, ter sido acionados no pensar desta minha empreitada. Poderia, por exemplo, ter me ocorrido pensar como lugares de memória os *topoi* e as mídias (Assmann, 1996) que materializam, simbolizam e dão funcionalidade às representações de identidades nacionais, e que são acionadas por minhas colaboradoras e colaboradores. Poderia, mas não foi esse o caminho tomado, e apenas tardiamente a leitura de Nora foi resgatada para a contextualização teórica necessária. Foi outra tradição de estudos sobre a memória, certamente também pela atração que sobre mim exerceu a sua ideia chave de *kulturelles Gedächtnis* (memória cultural), a ser acionada e me ajudar a pensar minhas questões em termos de textos, narrativas e discursos de identidade.

Na Alemanha, Aleida Assmann e Jan Assmann ressignificam as ideias de memória herdadas de Halbwachs e também de Warburg na mesma década de 1980 que viu nascer os “lugares de memória”. Em 1992, o egiptólogo Jan Assmann publicou o livro *Das kulturelle Gedächtnis: Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen* (Assmann,

¹⁰ Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais.

¹¹ Há lugares de memória porque não há mais meios de memória.

1999), em que ideias como a interdependência entre memória cultural e identidade coletiva, e a proposta de divisão da memória coletiva de Halbwachs em memória comunicativa e memória cultural são expostas e influenciam significativamente os Estudos Culturais germânicos desde então.

A distinção entre memória comunicativa e memória cultural a partir da ideia de memória coletiva de Halbwachs é o ponto fundamental do desenvolvimento da proposta de Assmann (Erll, 2011). Segundo Aleida Assmann, a ideia de memória comunicativa foi desenvolvida por ela e por Jan Assmann como forma de diferenciar a memória coletiva de Halbwachs da ideia de memória cultural que estavam desenvolvendo (Assmann, 2006). Jan Assmann pondera que:

Halbwachs, however, the inventor of the term “collective memory”, was careful to keep his concept of collective memory apart from the realm of traditions, transmissions and transference which we propose to subsume under the term “cultural memory”. We preserve Halbwachs’s distinction by breaking up his concept of collective memory into “communicative” and “cultural memory”, but we insist on including the cultural sphere, which he excluded, in the study of memory. (Assmann, 2010: 110)¹²

A memória cultural (*kulturelles Gedächtnis*) é descrita por Assmann como:

Cultural memory is a kind of institution. It is exteriorized, objectified, and stored away in symbolic forms that, unlike the sounds of words or the sight of gestures, are stable and situation-transcendent (...). In an order to be reembodyed in the sequence of generations, cultural memory, unlike communicative memory, exists also in disembodied form. (Assmann, 2010: 110-111)¹³

Enquanto a memória comunicativa é assim definida:

Communicative memory is non-institutional; it is not supported by any institutions of learning, transmission, and interpretation; it is not cultivated by specialists and it is not summoned or celebrated on special occasions; it is not formalized and stabilized

¹² Halbwachs, no entanto, que inventou o termo “memória coletiva”, teve o cuidado de manter o seu conceito de memória coletiva separado do domínio das tradições, transmissões e transferências que propomos subsumir ao termo “memória cultural”. Preservamos a distinção de Halbwachs ao desmembrarmos este conceito de memória coletiva em memória “comunicativa” e “cultural”, mas insistimos em incluir a esfera cultural, que Halbwachs excluiu, no estudo da memória (Assmann, 2010: 110).

¹³ A memória cultural é um tipo de instituição. Ela é exteriorizada, objetivada e armazenada em formas simbólicas que, diferentemente dos sons das palavras ou da imagem dos gestos, são estáveis e vão além das situações (...). Para se reincorporar à corrente das gerações, a memória cultural, diferentemente da memória comunicativa, existe também em forma desincorporada (Assmann, 2010: 110-111).

by any forms of material symbolization; it lives in everyday interaction and communication. (Assmann, 2010: 111)¹⁴

Para além das associações que teço a seguir entre as ideias de memória cultural e memória comunicativa e as ideias de discurso, narrativa e texto, com as quais tive de me entender nesse percurso de pesquisa, a vinculação essencial que propõe Assmann sobre seus estudos de memória e as questões identitárias me foram de grande valia. Para Assmann:

The distinction of different forms of memory looks like a structure but works more as a dynamic, creating tension and transition between the various poles. There is also much overlapping. This holds true especially with respect to the relation between memory and identity (...). Individuals possess various identities according to the various groups, communities, belief systems, political systems, etc. to which they belong, and equally multifarious are their communicative and cultural, in short: collective memories. On all levels, memory is an open system. Still, it is not totally open and diffuse; there are always frames that relate memory to specific horizons of time and identity on the individual, generational, political, and cultural levels. (Assmann, 2010: 113-114)¹⁵

Nesta tese, as influências dos estudos da memória são conscientemente praticadas, ainda que não teorizadas (Confino, 2011: 78). Especialmente me serviram de orientação, em muitos momentos, discussões sobre memória cultural e memória comunicativa, propostas por Aleida e Jan Assmann. Além disso, também me foi útil a difundida distinção entre memória, esquecimento e rememoração, de onde provavelmente deriva o título da importante obra de Paul Ricoeur (Ricoeur, 2004).

Erl (2010) define provisoriamente sua ideia de memória cultural como a “interação entre passado e presente em contextos sócio-culturais”, imagem espaço-temporal que indubitavelmente lança luzes sobre um estudo que tem por tema representações identitárias construídas narrativamente. Bastante frutífera creio também ter sido minha interpretação das propostas de Assmann (1992, 2010) para o meu tema. Pois tomei a memória comunicativa

¹⁴ A memória comunicativa é não institucional; ela não é apoiada por instituições de aprendizagem, transmissão e interpretação; ela não é cultivada por especialistas e não é convocada ou celebrada em ocasiões especiais; ela não é formalizada e estabilizada por qualquer forma de simbologia material; ela vive na interação e na comunicação cotidianas (Assmann, 2010: 111).

¹⁵ A distinção de diferentes formas de memória assemelha-se a uma estrutura, mas atua mais como uma dinâmica, criando tensões e transições entre polos variados. Também há uma boa medida de superposição. Isso é verdade especialmente na relação entre memória e identidade (...). Os indivíduos possuem várias identidades, de acordo com os diversos grupos, comunidades, sistemas de crenças, sistemas políticos etc., aos quais pertencem, e igualmente multifacetadas são as suas memórias comunicativas e culturais – em suma, suas memórias coletivas. Em todos os níveis, a memória é um sistema aberto. Ainda assim, ela não é totalmente aberta e difusa; sempre há quadros que relacionam a memória a horizontes específicos de tempo e identidade nos níveis individual, geracional, político e cultural (Assmann, 2010: 113-114).

proposta por Assmann como manifesta nas narrativas de meus colaboradores e colaboradoras de pesquisa, assim como tomei a ideia de memória cultural como os discursos que tento acessar por meio da interpretação dos textos dessas narrativas. É, talvez, também na interação entre as duas memórias de Assmann que se encontra o tempo e o lugar de interação entre presente e passado proposto por Erll. No meu estudo, creio que por meio da memória comunicativa, materializada nos textos das narrativas de trajetórias de vidas de imigrantes brasileiras e brasileiros na Alemanha e em Portugal, posso me aproximar da memória cultural que fundamenta essas narrativas, e o acesso de dá tanto por meio das relações presentes quanto dos fundamentos passados manejados nessas construções identitárias. Segundo interpretação de Harth:

Assmann argues that every culture connects every one of its individual subjects on the basis of shared norms (rules) and stories (memories; *Erinnerungen*) to the experience of a commonly inhabited meaningful world. It is only because of this experience that individuals are able to frame their personal identity through the orientating symbols of identity of their social world, symbols which are embodied in the objectified forms of a commonly shared cultural tradition. (Harth, 2010: 86)¹⁶

Ainda que a ideia de uma cultura que conecta todos indivíduos que a compartilhem tenha sempre que ser tomada com cautela, problematizada e relativizada pelos mais distintos recortes, seus desdobramentos podem, sem dúvida, ajudar a pensar sobre questões de identidade.

Se há razões suficientes para propor uma certa proximidade, como admite Nora (1978), ou uma afiliação, como quer Confino (2010), entre memória coletiva e história das mentalidades, creio ser possível também argumentar que aquela oferece mais caminhos que esta. Se tomamos a história das mentalidades conforme a crítica pontual de Ginzburg, como a história que une “*Cesare e l'ultimo soldato delle sue legioni, san Luigi e il contadino che coltiva le sue terre, Cristoforo Colombo e il marinaio delle sue caravelle*” (Ginzburg, 1993: XXIII)¹⁷, podemos começar a desconfiar de uma semelhança entre esta proposta e a proposta de Assmann de que cada cultura une sujeitos individuais por meio de regras e histórias compartilhadas. Contudo, a semelhança para por aí, pois Assmann e as possibilidades dos estudos de memória vão além disso.

¹⁶ Assmann argumenta que cada cultura conecta cada um dos seus sujeitos individuais com base em normas (regras) e histórias (memórias; *Erinnerungen*) compartilhadas à experiência de um mundo de significados comumente habitado. É apenas por causa dessa experiência que os indivíduos têm condições de enquadrar sua identidade pessoal por meio dos símbolos orientadores da identidade do seu mundo social, símbolos estes que estão incorporados nas formas objetivadas de uma tradição cultural comumente compartilhada (Harth, 2010: 86).

¹⁷ César e o último soldado de sua legião, São Luís e o camponês que cultiva a sua terra, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas caravelas.

O reservatório de memória coletiva de uma cultura não apenas conecta seus sujeitos, mas permite que esses construam suas diferenças. A mentalidade une César aos seus soldados e os congela em um único espírito (*Geist*) de um passado fechado em si mesmo, sem distinções de qualquer espécie. A memória cultural se utiliza também das regras e histórias comuns, do interdiscurso, mas se faz no presente e fomenta tanto a construção de semelhanças quanto a construção de diferenças, que são, sabemos, parte do mesmo processo de construção de identidades.

De forma paralela e bastante semelhante, a distinção entre esquecimento, memória e rememoração, muito cara a nós historiadores, mesmo que mais acionada nos estudos de memórias traumáticas (Pollak, 1989), também esteve presente em minha construção mental e em minhas interpretações de texto e aproximações de discursos. Assim como toda memória implica esquecimento, ou melhor, assim como não há construção de memória sem silenciamentos, não há construção identitária que não tenha omissões entre suas estratégias narrativas. Assim como não temos acesso direto à memória, mas apenas às rememorações que a materializam, também não temos acesso direto ao discurso, mas tão somente às suas materializações textuais, objetos de minhas interpretações. A familiaridade com os argumentos relativos à memória foi muitas vezes involuntariamente acionada em minhas aproximações com as teorias do discurso. Foram, para não fugir ao chavão, a madalena que – pela rememoração, ideia próxima ao texto e à memória comunicativa – me permitiu apropriar da ideia de discurso.

Findas essas observações, o que segue é um resumo das partes e capítulos desta tese, permeado por alguns contidos lampejos de reflexões teórico-metodológicas que serão desenvolvidas de forma explícita no primeiro capítulo e de forma contextualizada nos demais capítulos do trabalho.

Para além desta Introdução – que não considero um começo, mas um desfecho, visto que foram as últimas folhas a serem encerradas, um balanço do trabalho depois de redigido, como solem ser as introduções –, divido a tese em três partes: “Por onde começar? Pensando os caminhos”; “Como caminhar? As narrativas” e “Como terminar?”. É uma singela homenagem à importância que teve o trabalho de William Labov (Labov; Waletzky, 1967 e Labov 1997, 2003, 2004, 2006, 2010a, 2010b) para o desenvolvimento da narratologia tal como a utilizo em meu próprio trabalho, como também para as formulações da Análise Crítica de Discurso, essencialmente influenciada pela Linguística Crítica, que está ligada, por sua vez, à Linguística Sistêmica Funcional, que não deixou de dialogar, em sua formação, com a Sociolinguística de Labov.

Trata-se do reconhecimento da relevância da leitura de um texto específico de Labov (2010b) para o início do desbravamento dos aspectos narratológicos de minhas entrevistas. Mesmo que minimizadas depois por abordagens diferentes (Bal, 1999; Bruner, 1991, 2001, 2010; Motta 2013), o contato com os textos de Labov foi um detonador do processo de interpretação de narrativas que tento desenvolver em alguns capítulos.

A parte I, *Por onde começar? Pensando os caminhos*, é toda ela a parte que considero de fato introdutória, na qual contextualizo tanto teórica quanto metodológica e geograficamente o trabalho desenvolvido. O primeiro capítulo, por não ter meu nulo conhecimento de grego me permitido algum trocadilho mais interessante, chamo-o de *Odoi: caminhos percorridos*. Nele busco mostrar a condução de toda a pesquisa e os pressupostos teóricos e metodológicos que me orientaram. Dou especial atenção às mudanças ocorridas no decorrer da pesquisa, pois, como repito linhas abaixo, creio ser a contribuição mínima de uma tese doutoral provocar reflexões metodológicas e desnudar as dúvidas e contradições da pesquisa, como forma de auxiliar colegas em pesquisas futuras. O Capítulo 2 foi o capítulo que se impôs ao trabalho; nele faço uma apresentação do tema “migrações internacionais contemporâneas” por meio de uma revisão da literatura e apresentação de algumas estatísticas que demonstram minha afiliação à tese de que vivemos a “era das migrações”. Trata-se de uma descrição da relevância e dimensão dos processos migratórios contemporâneos, nos quais me descobri imerso ao mergulhar em meu tema de pesquisa. Julguei ainda pertinente resumir em um curto capítulo uma revisão bibliográfica em torno da ideia de nacionalidade adotada nesta tese, a saber, a ideia de Benedict Anderson de tratar a nação como uma comunidade imaginada e, portanto, como um produto cultural de tipo determinado; fiz isso no Capítulo 3.

Para fechar a primeira parte, quando já estava nas últimas semanas da redação e a poucas páginas do final, vi-me tentado a dar uma outra solução à questão da descrição das categorias interpretativas da Análise Crítica de Narrativa (ACN) e da Análise Crítica de Discurso (ACD) utilizadas na interpretação da segunda parte da tese. Havia feito sua introdução sobretudo no Capítulo 6, mas também no Capítulo 1 e no Capítulo 8. Incomodou-me bastante as repetições forçadas que essa estrutura redacional causara, assim como julguei incômoda a remissão a diferentes partes de um texto longo quando uma categoria de interpretação era utilizada. Decidi-me, então, por mais um capítulo, o Capítulo 4, no qual reuni a descrição das categorias de interpretação da ACN e da ACD utilizadas na tese, eliminando as repetições involuntárias no texto e diminuindo a busca pelas remissões ao concentrá-las em um único capítulo da tese.

A Parte II desta tese, *Como caminhar? As narrativas*, pode ser vista como o que os alemães chamariam de *Kern* da tese. Creio que eu a chamaria de “alma” da tese, que possui, como toda alma, um corpo, representado por suas demais partes. É nessa parte que entram em cena minhas/meus colaboradoras/es e que tento transformar suas trajetórias de vidas em interpretação cultural de narrativas e interpretação narrativa de culturas, como propõe Bal (1999: 39).

É esta a parte na qual procuro dar respostas a minhas perguntas. Tento desenhar um campo discursivo de possibilidades abertas pela cultura e presentes nas narrativas interpretadas. Devido ao volume relativamente grande de fontes orais manuseadas, em se tratando de um trabalho de interpretação de discursos e narrativas, divido os capítulos entre as interpretações das narrativas colhidas em Portugal (Capítulo 5, “Gênero e experiências de imigrantes brasileiras e brasileiros em Portugal”, e Capítulo 6, “(Re)inventando identidades em Portugal”) e as interpretações das narrativas colhidas na Alemanha (Capítulo 7, “Nacionalidade e experiências de imigrantes brasileiros e brasileiras na Alemanha”, e Capítulo 8, “(Re)inventando identidades na Alemanha”).

O Capítulo 5 segue uma estrutura de transição entre o caráter descritivo desenvolvido nos capítulos 2 a 4 e o caráter interpretativo que começa a ser desenvolvido. Após a apresentação do capítulo, tento fazer uma revisão crítica da já vasta bibliografia sobre a imigração brasileira em Portugal, delimitando três grandes temas centrais desses estudos: imigração, classe e trabalho; imigração e gênero; imigração e processos identitários. Na última parte apresento meus colaboradores e colaboradoras de pesquisa e suas trajetórias de imigração que dão vida à bibliografia discutida na primeira parte do capítulo.

Como uma das formas de dar materialidade aos dados que iniciam o capítulo e para tentar interpretá-los histórica e culturalmente, introduzo as/os colaboradoras/es ao longo da tese por meio de “passagens citáveis”¹⁸ das narrativas de suas trajetórias de vida. Observo algo do modelo proposto por Labov e Waletzky em 1967 e desenvolvido por Labov em vários outros momentos (1997, 2003, 2004, 2006, 2010a, 2010b), mas me oriento pela perspectiva de Mieke Bal (1999) em sua defesa de uma *narratological analysis of culture e a cultural analysis of narrative*. mantenho-me atento também ao argumento de Bal – que pode servir de crítica ao próprio Labov, entre vários outros narratologistas – de que:

¹⁸ Para Alberti, “dizer que uma boa história dentro da entrevista é aquela que é citável, não significa dizer que ela é útil para ilustrar uma tese, e sim que ela é essencial” (1996: 18). Em outro texto define “passagens citáveis” como “unidades indivisíveis sem as quais não podemos apreender novamente o sentido” (2004: 17).

The point of narratology ... is not to demonstrate the narrative nature of an object. (...). Classifying texts as a method of analysis, therefore, is a circular way of reasoning. There is no direct logical connection between classifying and understanding texts. And understanding – if taken in a broad sense that encompasses cognitive as well as affective acts, precisely, not distinguished – is the point (Bal, 1999: 20)¹⁹

Tomo, assim, a estruturação feita baseada em Labov como ponto de partida possível para a interpretação necessária, mas de forma alguma como uma possível interpretação. A interpretação buscada é cultural e não estrutural. A narratologia de Bal, a qual me filio, é, conforme Motta (2013), mais cultural que linguística, pois “a ênfase da análise aqui proposta recai sobre o processo de comunicação narrativa, mais do que sobre a narrativa como obra fechada” (Motta, 2013: 11).

No Capítulo 7, os números parecem assaltar meu trabalho, mas retornam em seguida à materialidade dos sujeitos históricos que eles, em outros momentos, tentaram pretensamente e em vão substituir, numa relação significante-significado das mais incompletas e etéreas que a “ciência histórica” já conseguiu construir. Sujeitos e números se encontram aqui, com estes a serviço daqueles. Foi o próprio movimento de encontro de colaboradores e colaboradoras de pesquisa que me levou à busca de estatísticas sobre brasileiros/as para a Alemanha, e os dados que encontrei se me apresentaram como interessantes para serem incorporados à tese por meio de uma tentativa de interpretá-los histórica e culturalmente. Se, no caso de Portugal, tive de me dedicar aos estudos sobre os/as brasileiros/as neste país, na Alemanha estes estudos são ainda ausentes, ou quase ausentes de tão poucos. Sem o apoio de estudos quantitativos anteriores, tentei suprir lacunas ao menos em alguns pontos importantes.

Assim como no Capítulo 5, que trata dos/as brasileiros/as em Portugal, tento, no Capítulo 7, dar uma visão geral das possibilidades latentes de identidades culturais vislumbradas entre as entrevistas feitas com brasileiros/as na Alemanha. Faço isso também por meio da apresentação das narrativas dos colaboradores e colaboradoras.

Das interpretações dos dois conjuntos de narrativas realizadas nos capítulos 5 e 7, selecionei, para cada um desses conjuntos, uma narrativa que, por meio da intensidade e frequência de suas “passagens citáveis”, a mim se apresentou como horizonte especialmente promissor de um campo de possibilidades latentes, que tento interpretar em detalhes nos capítulos 6 e 8, respectivamente. Nesses capítulos trabalho mais minuciosamente com as

¹⁹ O ponto da narratologia... não é demonstrar a natureza narrativa de um objeto (...). Portanto, como método de análise, a classificação de textos é uma forma circular de raciocínio. Não há uma conexão lógica direta entre classificar e entender textos. E entender – considerado em um sentido amplo que abarca tanto atos cognitivos, quanto afetivos, precisamente, não distinguidos – é o ponto (Bal, 1999: 20).

ferramentas da ACD e da ACN para a interpretação da narrativa selecionada. Para a ACN, serve-me de base o trabalho de Motta (2013) e as categorias metodológicas de Labov (1997, 2003, 2004, 2010a, 2010b); outras categorias importantes da narratologia, como, por exemplo, episódio, narrador e personagem, também são acionadas. Para a ACD, sirvo-me das categorias desenvolvidas por van Leeuwen para a interpretação da representação de atores sociais (van Leeuwen 2008) e das categorias metodológicas de Fairclough (2003); todas essas categorias são explicitadas no Capítulo 4 desta tese.

Cabe ainda notar que, quando falo acima em “horizonte”, não tenho intenção de pensar as entrevistas selecionadas de forma isolada ou exemplar, pelo contrário, ao pensá-las dentro de um “campo de possibilidades”, imagino-as como um “até onde consigo enxergar” de um universo passível de ser compreendido por meio da interpretação das narrativas que o sustentam, estando estas apoiadas em elementos de cultura que lhes são comuns.

Nos capítulos 6 e 8 os métodos utilizados aparecem em sua forma mais transdisciplinar, pois parto de uma proposta de ACN que sugere abordar as narrativas interpretadas concomitantemente por três planos distintos (Motta, 2013), planos que me permitem a integração dos três métodos de abordagem utilizados. Motta (2013) nomeia seus planos de abordagem como “plano da estória”, “plano da expressão” e “plano da metanarrativa”. Eu, ao meu turno, tomo a liberdade de alterar os nomes, trabalhando com “plano da história” e “plano do texto”, e mantendo a denominação “plano da metanarrativa”.

Com a primeira alteração, ao mesmo tempo que evito entrar na discussão sobre as diferenças ou não entre narrativas ficcionais e narrativas fáticas, não deixo de tomar posição sobre a existência e a importância de diferenças entre elas, sendo que no meu trabalho trato de história, de narrativas fáticas, e não de “estória”, de narrativas ficcionais. Claro que não se trata aqui da defesa do fato histórico “*wie es eigentlich gewesen ist*”, o que seria de todo incompatível com as outras posições defendidas neste trabalho. Cabe também deixar claro que os fatos históricos interpretados são as próprias narrativas e não fatos históricos externos, pretensamente mais grandiosos ou grandiloquentes. As narrativas interpretadas são os fatos históricos deste estudo e, indubitavelmente, englobam e são englobadas por fatos históricos maiores que lhes são exteriores.

Com a segunda alteração, ao usar “plano do texto” em vez de “plano da expressão”, quero apenas dar ênfase às estratégias discursivas que são os aspectos mais relevantes e reveladores deste plano, também para Motta, que descreve o plano da expressão como sendo “o plano da

linguagem, o plano da superfície do texto (...). Plano do discurso propriamente dito” (Motta, 2013: 136). Julgo então mais adequado chamar a coisa pelo nome.

No “plano da história”, reconstruo as narrativas interpretadas para descobrir seus enredos, identificando seu início, meio e fim (Labov, 2010b), e, portanto, “sua inteligibilidade como totalidade” (Motta, 2013: 140). O enredo se constrói por sequências-tipo, episódios, estratégias argumentativas, atores e seus conflitos, que, ao serem desvendados e interpretados, ajudam-nos a entender o contexto histórico-cultural que permite a construção da narrativa; nos ajudam a vislumbrar o contexto metanarrativo, que é o que de fato nos interessa em uma interpretação pós-estruturalista de narrativas.

Com a observação das estratégias argumentativas e dos atores da narrativa, a atenção se centra no “plano do texto”, em que os usos da linguagem são reveladores da história, da cultura e das relações sociais que embasam as narrativas interpretadas. Em vez de seguir única e fielmente com as ferramentas da ACN inicialmente utilizadas, ao escolher trabalhar com atores em vez de personagens, integro transdisciplinarmente a ACD à interpretação proposta, partindo da interpretação da representação de atores sociais proposta por van Leeuwen (1996, 2008), e chegando à interpretação das categorias dos significados acionais, representacionais e identificacionais proposta por Fairclough (2003).

Envolvendo e cortando os dois planos anteriores em todos os tempos e sentidos, está o “plano da metanarrativa”, plano da “estrutura profunda que evoca os imaginários culturais” (Motta, 2013: 139), plano por excelência de atuação do/a historiador/a cultural. Esse plano permeia toda a interpretação, pois tanto a ACN, predominante no plano da história, quanto a ACD, predominante no plano do texto, ambas nos remetem a questões histórico-culturais anteriores à narrativa interpretada, nos remetem a categorias ideológicas sobre as quais as narrativas se constroem. Enredos narrativos e estratégias de linguagem são manifestações de superfície de conflitos profundos enraizados na cultura e latentes no discurso. Tanto ACD quanto ACN nos permitem acesso a esses conflitos profundos por meio da superfície do texto narrado. No caso de minha pesquisa, ACD e ACN permitem-me interpretar a (re)construção de identidades nacionais fundadas em um processo histórico conflituoso e sempre em curso da formação de identidades nacionais brasileiras.

A parte intitulada “Como terminar?” se resume ao capítulo de desfecho da tese. Custou-me um tanto responder a essa última pergunta, que não me coloquei de forma apenas retórica. Embora importante, tive como propósito evitar uma conclusão, ou melhor, evitar forçar-me a alguma conclusão. Nesse capítulo de desfecho, que não se chama conclusão, mas sim

Considerações Finais, coloco lado a lado algumas interpretações das narrativas colhidas em Portugal e na Alemanha, como forma de identificar o peso de diferentes alteridades na (re)construção discursiva de identidades de brasileiros/as nesses dois países e também como forma de retomar alguns pontos centrais das interpretações alcançadas no decorrer da tese.

Ao capítulo de desfecho seguem-se ainda a indicação do *corpus*, dividido em oral e escrito; as referências bibliográficas; um apêndice com um guia de orientação das entrevistas realizadas; dois anexos com as transcrições completas das duas entrevistas interpretadas com ferramentas da ACN e da ACD nos capítulos 6 e 8; o resumo estendido da tese escrito em alemão, conforme exigência do acordo de cotutela doutoral que rege esta tese; uma *Ehrenwörtliche Erklärung* – precedido de uma equivalente “Declaração de Honra”, em português – e um *Tabellarischer Lebenslauf* (currículo tabelar), ambos exigências do regulamento de doutorado da FSU Jena.

Antes de terminar esse início, é muito importante ressaltar que o que reuni agora nesta tese em forma de um texto único e pretensamente coerente é uma história de pesquisa que, mesmo com dois grandes períodos de interrupção, venho construindo há oito anos. O que escrevo agora não surgiu como sonho na noite de ontem, quem dera o fosse, mas não o foi. Grande parte do que segue é fruto de reflexões já compartilhadas com colegas e amigos/as; parte já foi objeto de publicação (Feijó, 2007, 2010 e 2012), e uma parte significativa é fruto do processo criativo da narração, que nos toma no momento em que começamos a escrever.

Ainda antes de fechar esta Introdução um tanto quanto extensa, seguem algumas tabelas com dados das entrevistas utilizadas na tese. Creio que elas estão mais bem localizadas aqui do que em um Apêndice. Fica o lugar de destaque como homenagem às pessoas por trás das iniciais da primeira coluna, que me permitiram fazer um pouco minhas as suas viagens.

Tabela 0.1 – Colaboradoras/es na Alemanha (idade, escolaridade, ocupação, anos de vida na Alemanha e Estado de procedência no Brasil)

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	ANOS NA ALEMANHA	UF NO BRASIL
AB*	29	Doutorado concluído na Alemanha	Estudante	5	SP
AG	31	Doutorado concluído na Alemanha	Arquiteta	8	SC
EW*	30	Doutorado iniciado na Alemanha	Estudante	4	SC
MC*	28	Superior iniciado na Alemanha	Estudante	7	PR
MJ*	39	Superior incompleto no Brasil	Dona de casa	6	MS

MS	43	Superior concluído no Brasil	Microempresário	2	PE
NI	27	Mestrado concluído na Alemanha	Professora	5	RS
RE	26	Superior concluído no Brasil	Babá	5	SC
RM*	53	Superior concluído no Brasil e na Alemanha	Advogada	17	AL
TS	31	Superior concluído na Alemanha	Desempregado	8	RJ

*Entrevistas realizadas em 2006 (as demais foram realizadas em 2011).

Tabela 0.2 – Colaboradoras/es em Portugal (idade, escolaridade, ocupação, anos de vida em Portugal e Estado de procedência no Brasil)

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	ANOS EM PORTUGAL	UF NO BRASIL
AM	47	Superior completo no Brasil	Desempregada	23	RJ
CA	35	Doutorando iniciado em Portugal	Estudante	3	SP
EL	32	Ensino Médio completo no Brasil	Restauração	9	MG
FE	31	Mestrado incompleto em Portugal	Restauração	6	SE
GU	28	Superior incompleto no Brasil	Faxina	5	MG
MA	27	Superior incompleto em Portugal	Restauração	5	MG
ME	42	Doutorado iniciado em Portugal	Estudante	11	SP
MT	39	Superior completo em Portugal	Restauração	10	GO
MY	31	Ensino Médio incompleto no Brasil	Restauração	11	PR

Todas as entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2012 e janeiro de 2013.

Além dos dados apresentados nas tabelas e que serão explorados nos capítulos da tese, gostaria desde já de chamar a atenção para o fato de que todos/as os/as entrevistados/as na Alemanha jamais passaram pela situação de imigração irregular no país, a maioria tem permissão de residência (alguma já com direito a requerer cidadania) devido a união matrimonial com alemã/o; um número considerável possui cidadania por serem descendentes diretos de alemães, e outros/as poucos/as têm autorização de permanência vinculada ao *status* de estudante. Há ainda alguns casos de imigrantes com cidadania alemã ou europeias casados/as com alemã/o, neste caso, obviamente, a cidadania lhes garante a situação regular, independentemente do casamento.

No caso português, a situação é bastante diferente: cinco dos/as nove entrevistados/as enfrentaram um largo período de irregularidade; dois chegaram a Portugal com visto de estudante, uma com contrato de trabalho conseguido antes da imigração e apenas um possui cidadania devido à ascendência familiar portuguesa.

Tabela 0.3 – Gênero, estado civil e situação oficial da permanência na Alemanha

NOME	GÊNERO	ESTADO CIVIL	SITUAÇÃO OFICIAL
AG	F	casada com alemão	cidadã europeia
TS	M	solteiro	cidadão alemão
NI	F	solteira	estudante
MS	M	casado com alemã	união familiar
RE	F	casada com brasileiro	união familiar
EW*	F	casada com brasileiro	estudante
AB*	F	solteira	estudante
RM*	F	casada com alemão	união familiar
MC*	M	solteiro	estudante
MJ*	F	casada com alemão	união familiar

Tabela 0.4 – Gênero, estado civil e situação oficial da permanência em Portugal

NOME	GÊNERO	ESTADO CIVIL	SITUAÇÃO OFICIAL
AM	F	Casada com português	residência
CA	M	solteiro	cidadão português
EL	F	solteira	trabalho após período de irregularidade
FE	F	casada com brasileiro	trabalho após entrada como estudante
GU	F	solteira	trabalho após período de irregularidade
MA	F	solteira	trabalho após período de irregularidade
ME	F	casada com português	união familiar
MY	M	separado	trabalho após período de irregularidade
MT	M	solteiro	trabalho após período de irregularidade

Parte I Por onde começar? Pensando os caminhos

Capítulo 1 Odoi, caminhos percorridos

Toutefois il se peut faire que je me trompe, et ce n'est peut-être qu'un peu de cuivre et de verre que je prends pour de l'or et des diamants. Je sais combien nous sommes sujets à nous méprendre en ce qui nous touche, et combien aussi les jugements de nos amis nous doivent être suspects, lorsqu'ils sont en notre faveur. Mais je serai bien aise de faire voir en ce discours quels sont les chemins que j'ai suivis, et d'y représenter ma vie comme en un tableau, afin que chacun en puisse juger, et qu'apprenant du bruit commun les opinions qu'on en aura, ce soit un nouveau moyen de m'instruire, que j'ajouterai à ceux dont j'ai coutume de me servir. (René Descartes)

1.1 Apresentação

Neste capítulo tenho a intenção de narrar em *flashback* a história de minha pesquisa desde o ponto que considero ser seu início, alguns anos antes do ingresso no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS-UnB), até o momento de redação deste primeiro capítulo da tese doutoral. Essa foi a forma que encontrei de resolver minhas questões teóricas com a metodologia, cujos manuais sempre foram para mim objeto de desconfiança e de crítica, apaziguadas com o início da maturidade, mas que não deixaram de existir. Lembro-me sempre de que *odos* é caminho, ou rua como pude ver um dia nas vielas de Plaka, e de que *métodos*, para além e antes dos manuais, são os caminhos percorridos. Eis então, aqui, os que trilhei, em idas e vindas, umas que me levaram a lugares-reflexões que julgo satisfatórias, outras que valeram mais pelo caminhar do que pelo local de chegada.

Contrariando de certa forma a sequência cronológica linear mais frequente em uma narrativa²⁰, escolhi começar pelo meio, pelas questões metodológicas que assaltaram minha pesquisa de doutorado em história, quando resolvi enfrentar o desafio de torná-la, sobretudo, interdisciplinar. Do meio, retorno ao início e a uma sequência narrativa linear. Conforme Labov, *the decision on where to begin is a major element in the construction of the narrative in the interest of the teller* (Labov, 2010: 8)²¹. Minha escolha de “por onde começar” tem a ver

²⁰ Ver, entre vários, Neumann et al.: *The essential order imposed by narrativization upon the universe of our experience is temporality, which implies the structure of past, present, and future, with the concomitant chronologically* (A ordem essencial imposta pela narrativização sobre o universo de nossa experiência é a temporalidade, que implica a estrutura de passado, presente e futuro com o cronologicamente concomitante) (Neumann et al., 2008: 5).

²¹ A decisão sobre onde começar é um elemento central na construção da narrativa, de acordo com o interesse do narrador (Labov, 2010: 8).

com a forma que encontrei de chamar a atenção para o que, quiçá, pode vir a ser uma contribuição relevante desta tese. Nesse “retorno ao início pelo meio”, pretendo refletir sobre etapas da pesquisa desenvolvida: sobre os avanços, mas, sobretudo, sobre os recuos; e, principalmente, sobre as filiações teóricas reafirmadas e sobre as opções metodológicas revistas.

Dois motivos me levam por esse caminho. O primeiro é a crença em que a contribuição mínima que uma tese doutoral deve alcançar é fomentar o processo de produção de conhecimento por meio de reflexões metodológicas subjetivas dos desafios e dilemas enfrentados durante a pesquisa. Tais reflexões, se minimamente bem feitas, podem vir a ser úteis na construção de futuros trabalhos de colegas que se interessem pelo mesmo tema, ou trilhem semelhantes *odoi*. A contribuição de uma tese não deveria ser só isso, nem tem de passar obrigatoriamente por aí, mas se isso for alcançado, já não terá sido a alma pequena e terá valido a pena parte do trabalho empreendido.

Segundo, encaro este capítulo como um momento decisivo do processo de redação da tese, primeiro por obrigar a organizar as ideias de uma forma como só fora feito antes na redação do projeto inicial e uma segunda vez no trabalho entregue para o exame de qualificação ao meio do caminho. Esse capítulo inicial se torna, assim, o mais difícil; meu Cabo da Tormenta e, ao conseguir dobrá-lo, posso ter a certeza de ter organizado mentalmente o material coletado e as páginas lidas, restando então os noventa por cento do trabalho de transpiração e escrita, parte dele já realizado. Espero conseguir uma exposição transparente de todas as minhas dúvidas, pretensões e angústias, e que, entre elas, haja algo que justifique as inúmeras impressões dessas páginas.

Antes, porém, faz-se ainda necessário esclarecer o primeiro passo, anterior ao início da redação deste capítulo. Antes da redação, elaborei uma estrutura de capítulos que me guia nesse percurso inicial da escrita. A estrutura guia nunca foi fixa, tendo sido alterada durante a redação, mas serviu como fio condutor e, sobretudo, como contenção à imaginação criativa, uma dose de pragmatismo que não me permita transformar esse texto, que deve ser uma tese doutoral, em algo muito diferente disso.

A estrutura prévia à escrita surgiu das audições, seleção e reflexões teórico-metodológicas de mais de 30 horas de gravação, contabilizadas em 18 entrevistas com 17 brasileiros/as residentes na Alemanha e nove entrevistas com imigrantes brasileiros/as em Portugal²². Ela me foi essencial na medida em que me permitiu visualizar o todo em um trabalho

²² Ver quadro das entrevistas realizadas ao final da introdução desta tese.

inicialmente composto por partes e possibilitou a redação deste capítulo inicial que, metodológica e pragmaticamente, tem essa função primeira e fundamental de amarração do todo e orientação dos caminhos.

1.2 O caminho se faz ao caminhar

A crítica à fixação de hipóteses orientadoras da pesquisa já é lugar comum nas reflexões sobre teoria e metodologia da história. Acho importante aqui afirmar minha filiação a essas críticas. Quero deixar claro então que, embora admita minha necessidade de imaginar o todo, de forma alguma isso se confunde com uma postura metodológica comprometida em encontrar o já sabido de antemão. Pelo contrário, toda a pesquisa se desenvolveu a partir de perguntas geradoras. Contudo, devo deixar também muito claro que não lançar mão de hipóteses que acabam por conduzir a pesquisa não significa acreditar que estou livre de ideias pré-concebidas, ideias que direcionam minha interpretação e que exercem grande influência nas respostas encontradas para as perguntas geradoras. A meu ver, a grande vantagem em partir de perguntas, em vez de partir de hipóteses, é a clareza da subjetividade intrínseca ao trabalho do historiador, que, como o entendo, é o trabalho de um hermenauta, que deve aprender a negociar entre o que “já sabe” e o que “encontra”.

The prevailing view is that the notion of totally suspending disbelief is at best an idealization of the reader and, at worst, a distortion of what the process of narrative comprehension involves. Inevitably, we assimilate narrative on our own terms (Bruner, 1991: 17)²³

Conforme argumenta Jerome Bruner sobre a “negociação” inerente ao trabalho de interpretação de narrativas – que é o trabalho essencial de minha pesquisa –, acho devido reforçar que nunca deixei de especular sobre respostas para as perguntas que formulei e reformulei desde o início desta pesquisa e, obviamente, essas especulações tiveram influência nas respostas que fui encontrando. Como essas coisas ainda não são frequentemente ditas com tanta clareza nas teses e dissertações, achei por bem destacá-las: não lançar mão de hipóteses é um bom início para não cair nas armadilhas da crença na objetividade científica; achar que assim estamos livres da influência das ideias pré-concebidas, ou melhor, querer nos livrar de tais influências é uma ótima forma de voltar ao caminho inicialmente evitado.

²³ A visão prevalecente é a de que a noção de suspender totalmente a descrença é, no melhor dos casos, uma idealização do leitor, e, no pior, uma distorção daquilo que o processo de compreensão narrativa envolve. Inevitavelmente, assimilamos a narrativa em nossos próprios termos (Bruner, 1991: 17).

Se compararmos esta tese, cuja redação final é de 2014, com o projeto apresentado para ingresso no PPGHIS-UnB em 2010, salta aos olhos uma grande diferença entre o texto atual e o texto do projeto original: o título. Ao projeto dei o título de *O Brasil lá fora: a invenção discursiva de uma nacionalidade brasileira no exterior*. A tese, chamei-a *O Brasil lá fora: a invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal (1989-2012). Narrativas, discursos e identidades*. Há três razões bastante significativas para a alteração: uma eminentemente prática, uma fundamentalmente teórica e uma basicamente metodológica.

A razão prática foi a confirmação da viabilidade de se estender a pesquisa também a Portugal, algo apontado no projeto inicial, mas cuja viabilidade era àquele momento uma grande incerteza, que me levou a uma menor precisão no título do projeto. Falei de brasileiros no exterior, em vez de falar de brasileiros/as na Alemanha e em Portugal, pois ainda era grande a possibilidade de a pesquisa ter de se restringir à Alemanha, limitação que, felizmente, não se confirmou.

A razão teórica deveria ter sido notada já na escolha do título do projeto, visto que a postura teórica que orienta o trabalho não se alterou substancialmente desde então. Por óbvio, como será visto em todo o texto que segue, assim espero, não entendo identidade (e ao falar em (re)construção de nacionalidades estou falando de processos identitários) como algo “uno”, como deixa transparecer o título do projeto inicial, mas sim com um processo múltiplo em constante refazer-se. Sou, nesse ponto, como em grande parte da sustentação teórica deste trabalho, inteiramente caudatário das proposições dos Estudos Culturais, tais como as apresentadas por Hall (2007) e Woodward (2007). Talvez um “ato falho” ligado à percepção ainda dominante da identidade com algo fixo e imutável tenha me levado àquele título inicial. Talvez a escolha possa se dever ao caráter bizarro da personalidade, tal como o define Gramsci.

Die eigene Persönlichkeit ist auf bizarre Weise zusammengesetzt: es finden sich in ihr Elemente des Höhlenmenschen und Prinzipien der modernsten und fortgeschrittensten Wissenschaft, Vorurteile aller vergangenen, lokal bornierten geschichtlichen Phasen und Intuitionen einer künftigen Philosophie, wie sie einem weltweit vereinigten Menschengeschlecht zu eigen sein wird (Gramsci, 1999: 1376)²⁴

Minha imaginação criativa não consegue inventar justificativa mais plausível para a escolha do título naquele momento. Por sorte, a contradição entre título e embasamento teórico

²⁴ A própria personalidade é construída de uma forma muito bizarra: encontram-se nela elementos dos homens da caverna e princípios da mais moderna e avançada ciência; preconceitos de todas as fases históricas passadas, estreitamente localistas, e intuições de uma filosofia futura que será própria do gênero humano unificado (Gramsci, 1999: 1376).

do projeto de pesquisa foi perdoada pela banca de seleção; por sorte em dobro, pude me retratar do equívoco durante o processo de construção da pesquisa.

A terceira razão, como disse, é metodológica e se divide em dois momentos. O primeiro momento foi a delimitação temporal do estudo entre 1989 e 2012, algo inexistente no projeto original. Desde Bloch sabemos ser a história o estudo do ser humano no tempo, o que torna a delimitação temporal, ou a clareza do trabalho com temporalidades, uma recomendação importante em pesquisas de história. Optei, contudo, por não partir de nenhuma delimitação precisa, como a que cheguei após as entrevistas na Alemanha e em Portugal. Claro que trato na minha pesquisa de história do tempo presente – conforme anunciado e discutido na Introdução desta tese –, da *Zeitgeschichte* tão cara aos alemães, mas a delimitação precisa do tempo histórico observado surgiu da própria pesquisa e por dois motivos.

Todo marco é, em maior ou menor grau, arbitrário, mas carrega sempre consigo um simbolismo que o torna possível como marco. Neste estudo, 1989 é um marco na vida da colaboradora que há mais tempo passou pelo processo de imigração para a Alemanha, e justamente para a ex-Alemanha Oriental (DDR), onde dois anos antes, em 1987, ao viajar para conhecer o sonho do socialismo, encontrara o sonho de um novo amor. Por fiações das Moiras, nossa colaboradora migrou para a DDR no mesmo ano em que caía o muro de Berlim, evento que tornaria 1989 um indiscutível marco histórico e alteraria completamente a trajetória de vida desta que, daí pra frente, seria uma imigrante brasileira na Alemanha. Por coincidência das mais felizes, 1989 foi também o ano da mudança para a colaboradora que há mais tempo migrou para Portugal.

Claro que essas coincidências se explicam por processos históricos que permeiam esta pesquisa. A virada da década de 1980 para 1990 é um marco também para o fluxo migratório de brasileiros/as para o exterior. É somente a partir desse momento que eles e elas passam a ter algum peso quantitativo que chamará a atenção de demógrafas²⁵ e outros/as pesquisadores/as. 1989 é o penúltimo ano antes da década de 1990, década apontada nos ainda pouco numerosos estudos sobre as emigrações brasileiras como de crescimento vertiginoso no número de brasileiros e brasileiras em direção aos países do norte, o que obviamente tem impacto direto no movimento migratório de nacionais rumo a Portugal e Alemanha (Patarra 1995, 2005, 2006; Machado 2006a, 2006b; Malheiros 2007).

²⁵ Fica aqui o substantivo apenas em sua forma feminina como forma de homenagem à demógrafa Neide Patarra, recentemente falecida, uma das pioneiras nas décadas de 1980 e 1990 nos estudos sobre o fluxo da imigração brasileira para o exterior.

No título inicial do projeto de pesquisa, havia dado ênfase literal apenas ao processo discursivo de construção de identidades, na “retitulação” espero poder ter ido além, pois com o subtítulo “narrativas, discursos e identidades” estão reafirmados os aspectos discursivos dos processos identitários, porém acrescidos dos aspectos narrativos que envolvem esses processos. Longe de abandonar a proposta inicial de interpretação e compreensão de processos de (re)construção de identidades experimentados por imigrantes brasileiras/os na Alemanha e em Portugal, a alteração do título tem para mim o significado bastante claro de que esses processos se realizam por meio da narração de histórias. São vistos, agora como antes, como processos discursivos, mas são vistos também como narrativas. Os textos, materializações dos discursos, são abordados como narrativas, como construções que organizam experiências de vida em ordem temporal, o que torna profícua a aproximação histórico-metodológica no trabalho de interpretação.

Retomando a magistral definição de Bloch já utilizada neste capítulo, se a história é o estudo do ser humano no tempo, cabe lembrar, com Paul Ricoeur, que a narrativa é o que torna humano o tempo, e também, com outro grande narrador, que a narrativa é o conteúdo do tempo.²⁶ Num silogismo fácil, creio então poder argumentar que, se o tempo é central nos estudos da história, esse é obviamente o tempo humano e nenhum outro; sendo assim, se o conteúdo do tempo é preenchido pelas narrativas, que ao preenchê-lo também o humanizam, a narrativa torna-se objeto de interesse primordial do historiador, e essa foi talvez a grande pedra no meu caminho, a grande mudança no desenvolvimento da pesquisa inicialmente proposta. Essa mudança trouxe abordagens não imaginadas no projeto original. Aqui certamente se encontra a grande diferença entre o projeto original e o seu resultado.

Narrativas, discursos e identidades são as ideias que desde o início chamo de fundantes desta pesquisa que chega ao seu término. Ligadas a essas ideias fundantes, métodos, que chamo de estruturantes – pois, entre outras coisas, serviram para construir minha própria narrativa –, se impuseram ao pesquisador de forma desafiadora. Quer dizer, a escolha ontológica das ideias fundantes, aliada à opção epistemológica pelo trabalho com entrevistas, trouxe consigo, a reboque, os métodos estruturantes, quais sejam: história oral, análise de narrativas e análise crítica de discursos. Sendo que:

Narratives are not regarded as a merely literate form but as a fundamental way of organising human experience and as tool for constructing models of reality (...).

²⁶ É verdade que Thomas Mann em *A Montanha Mágica* apresenta não só a narrativa, mas também a música, como o conteúdo do tempo. Tomo aqui, nesta alusão, apenas o espaço do tempo preenchido pela narrativa, deixando o espaço tomado pela música para mãos mais competentes.

Narrative, therefore, allow human beings to come to terms with the temporality of their existence (...). When we tell stories we impose order to chaotic events, structuring heterogeneous lived experience. (Neumann et al., 2008: 4-5)²⁷

Foi o diálogo necessário entre essa perspectiva de narrativa, *fundamentalmente baseada na experiência humana do tempo, característica maior do conhecimento histórico*, e o uso da história oral como prática metodológica interdisciplinar que me levaram à busca de uma aproximação indispensável com a narratologia.

Em obra recente sobre o que chama de teoria da história oral, Lynn Abrams defende que:

Oral history sources are also narrative sources, so historians must use theories devised from the interpretation of literacy and folklore texts, and those derived from linguistics and psychology in order to gain insight into the meaning as opposed to the content of the interview. (Abrams, 2010: 18)²⁸

[...]

The important point here is that as historians using oral history we must be alert to the essential narrative nature of oral sources and recognising them as such we need to employ the tools of the narrative theorists to unpack our sources (Abrams 2010: 21)²⁹

Quero crer, então, conforme argumentei, que teorias e metodologias aqui empregadas, ainda que múltiplas, ou híbridas, se concatenam em um todo coerente, pois surgem umas das outras, sem que se possa dizer com muita precisão onde se encontram seus limites. A opção que fiz, parece-me, foi a de trabalhar com entrevistas e ter a história oral como metodologia de trabalho; daí derivaram os demais métodos, das exigências contemporâneas que o uso da história oral como metodologia aberta ao diálogo permissivamente nos impõe.

Mesmo que bastante inspirado pelas reflexões epistemológicas de Boaventura de Sousa Santos, ainda que goste da ideia, não creio que a pluralidade de métodos utilizados tenha sido alcançada mediante uma *transgressão metodológica* (Santos, 2010, 2011) como ele a define,

²⁷ As narrativas não são vistas como uma mera forma literária, e sim como uma maneira fundamental de organizar a experiência humana e uma ferramenta para construir modelos da realidade (...). A narrativa, portanto, permite que os seres humanos se reconciliem com a temporalidade de sua existência (...). Quando contamos histórias, impomos ordem a eventos caóticos, estruturando a heterogênea experiência vivenciada (Neumann et al., 2008).

²⁸ As fontes de história oral também são fontes de narrativa. Portanto, os historiadores devem utilizar teorias criadas a partir da interpretação de textos literários e textos folclóricos, e de textos derivados da linguística e da psicologia, para que possam entender melhor o significado, mais além do conteúdo da entrevista (Abrams, 2010).

²⁹ O ponto importante aqui é que na condição de historiadores que utilizam a história oral, devemos estar alertas para a natureza narrativa essencial das fontes orais; e, reconhecendo-as como tais, devemos empregar as ferramentas dos teóricos narrativos para desembalar nossas fontes (Abrams 2010: 21).

exceto talvez no estilo do texto. Menos (ou quem sabe mais) do que isso, lancei mão de um “certo truque”, seguindo lição de outro epistemólogo, para quem “a pesquisa bem-sucedida não obedece a padrões gerais; depende, em um momento, de certo truque e, em outro, de outro” (Feyerabend, 2011: 19). Ainda é Feyerabend, em sua famosa paráfrase de Lênin, quem defende que “a história (...) é sempre mais rica em conteúdo, mais variada, mais multiforme e sutil do que mesmo o melhor historiador e o melhor metodólogo podem imaginar” (Feyerabend, 2011: 31)³⁰. Para me aproximar mais dessa história, uso os truques metodológicos que me foram apontados pela própria pesquisa, atrelando história, narrativa e discurso.

A ideia de discurso que utilizo, tomo-a emprestada da Análise Crítica do Discurso (ACD), buscando me apropriar de ideias e instrumentos metodológicos de distintas escolas da ACD, que, embora não coincidentes, e em alguns momentos conflitantes, guardam ainda muitas afinidades entre si. Uma ideia de discurso que creio não desagradar nem a austríacos/as, nem a holandeses/as, nem a ingleses/as³¹ é a proposta por Chouliaraki & Fairclough:

Critical Discourse Analysis (...) starts from the perception of discourse (language but also other forms of semiosis, such as visual images) as an element of social practices, which constitutes other elements as well as being shaped by them. Social questions are therefore in part questions about discourse (...) careful linguistic and semiotic analysis of text (e.g. newspaper articles or advertisements) and interactions (e.g. conversations or interviews) therefore has a part to play in social analysis. (Chouliaraki; Fairclough, 2009: vii)³²

We shall use the term ‘discourse’ to refer to semiotic elements of social practices. Discourse therefore includes language (...) nonverbal communication (...) and visual images (...). The concept of discourse can be understood as a particular perspective on these various forms of semiosis – it sees them as moments of social practices in

³⁰ O texto de Lenin parafraseado é “A história como um todo, e a história das revoluções em particular, é sempre mais rica em conteúdo, mais variada, mais multiforme, mais viva e engenhosa do que imaginam mesmo os melhores partidos, as vanguardas mais conscientes das classes mais avançadas” (Lênin, citado em Feyerabend, 2011: 31). Feyerabend faz questão de explicar a razão pela qual parte de Lenin na introdução de seu *Contra o Método*: “Metodologia e política são ambos meios de passar de um estágio histórico a outro. Vemos também como um indivíduo como Lênin, que não é intimidado por fronteiras tradicionais e cujo pensamento não está preso à ideologia de uma profissão em particular, pode dar conselhos úteis a todos, até mesmo a filósofos da ciência” (Feyerabend: 2011: 32).

³¹ Refiro-me aqui a três grandes pesquisadores/as e fundadores/as de escolas de ACD: Ruth Wodak, Theo van Leeuwen e Norman Fairclough, respectivamente.

³² A Análise Crítica do Discurso (...) parte da percepção do discurso (linguagem, mas também outras formas de semiose, tais como imagens visuais), como um elemento de práticas sociais que constitui outros elementos, mas é também moldado por eles. Assim, as questões sociais são, em parte, questões sobre discurso (...); cuidadosas análises linguísticas e semióticas de textos (p.ex. artigos de jornal ou anúncios) e interações (p.ex. diálogos ou entrevistas), portanto, têm um papel a desempenhar na análise social (Chouliaraki; Fairclough, 2009: vii).

their articulation with other non-discursive moments (Chouliaraki; Fairclough, 2009: 38)³³

Nesse ponto, acho oportuno esclarecer que, embora me aproprie da ideia de discurso de Chouliaraki & Fairclough, não me proponho a utilizar ostensivamente a ACD como teoria, assim como o fazem esse autor e autora na obra citada. Limito-me a utilizar a ACD como método, aproximando-me mais, creio, da posição de van Leeuwen, outro analista crítico de discurso, quando, argumentando sobre um caso específico, propõe que:

As discourse analysts, we can only recognise them [the use of expressions with an evaluative dimension] on the basis of our common-sense cultural knowledge. *The usefulness of linguistic discourse analysis stops at this point, and historical discourse research has to take over.* Only the social and cultural historian can explain the moral status of these expressions, by tracing them back to the moral discourses that underlie them, thus undoing the ‘genesis amnesia’ (Bourdieu) that allows us to treat such ‘moral evaluations’ as common sense values that need not to be made explicit. (van Leeuwen, 2005: 12 – Grifo meu)³⁴

Aqui a ACD aparece como método, como a utilizo. Um método extremamente profícuo se bem utilizado em um campo interdisciplinar no qual historiadores da cultura poderiam dar contribuições significativas, coisa que parece ainda não ocorrer com muita frequência. Esse ponto é de fundamental importância metodológica, sobretudo quando, entre leigos, em terras brasileiras, ainda é comum associar análise de discurso à escola francesa, em muitos casos a Dominique Maingueneau, autor muito citado entre nós. Aos pares que ainda não se aventuraram em diferentes abordagens da análise de discurso, cabe alertar que a ACD, e isso fica bastante claro na citação de van Leeuwen, ainda que não negue completamente a tradição francesa, posiciona-se em relação à História de forma bastante distinta do estruturalismo a-histórico à la Maingueneau, e busca claramente dialogar com interpretações histórico-culturais, em alguns casos, como na escola austríaca de ACD, autointitulada “abordagem histórico-discursiva”.³⁵

³³ Usaremos o termo ‘discurso’ para nos referir a elementos semióticos de práticas sociais. O discurso, portanto, inclui a linguagem (...), a comunicação não verbal (...) e imagens visuais (...). O conceito de discurso pode ser entendido como uma perspectiva específica a respeito dessas várias formas de semiose – ele as vê como momentos de práticas sociais em sua articulação com outros momentos não discursivos (Chouliaraki; Fairclough, 2009: 38).

³⁴ Como analistas do discurso, podemos apenas reconhecê-los [o uso de expressões com uma dimensão avaliativa] com base no nosso conhecimento cultural comum. A utilidade da análise do discurso linguístico termina neste ponto, no qual a pesquisa histórica do discurso deve assumir o seu trabalho. Apenas o historiador social e cultural pode explicar o status moral dessas expressões, traçando-as de volta aos discursos morais que as subjazem e desfazendo, assim, a “amnésia da gênese” (Bourdieu) que nos permitiria caracterizar tais “avaliações morais” como valores de senso comum que não precisam ser explicitados (van Leeuwen, 2005: 12).

³⁵ Discursive Historical Approach (DHA)

Cabe ainda frisar que, embora trabalhe com diferentes abordagens da ACD, faço-o não por concordar com todas as suas perspectivas teóricas, mas por achar mais profícua uma aproximação complementar, colhendo de cada uma aquilo que se aproxima de minhas próprias crenças e valores e excluindo perspectivas das quais discordo, apoiando-me para isso nas próprias autocríticas internas da ACD.

Já indiquei que não trabalho com a proposta de Chouliaraki & Fairclough de utilização da ACD como teoria. Acho importante também afirmar que tampouco parto de uma premissa fundante para muitos expoentes da ACD, como o próprio Fairclough e também Ruth Wodak e Teun van Dijk, de que as teorias críticas devem ter por objetivo desvendar mecanismos de dominação, desmistificando discursos e decifrando ideologias que frequentemente impedem que sujeitos percebam que são enganados a respeito de suas próprias necessidades e interesses. Assim compreendo, por exemplo, as palavras de Wodak ao comentar o papel das teorias críticas, entre as quais inclui a ACD:

Ainda que adotem conceitos diferentes de ideologia, as teorias críticas pretendem despertar nos agentes a consciência de que, com frequência, eles são enganados a respeito de suas próprias necessidades e interesses. (...) Um dos objetivos da ACD é ‘desmistificar’ os discursos decifrando as ideologias (Wodak, 2004:236)

Assim como Motta (2013) – que faz crítica muito semelhante a Teun van Dijk, apesar de trabalhar com várias outras contribuições deste analista crítico do discurso –, considero que esse posicionamento da ACD está muito atrelado à sociologia crítica da Escola de Frankfurt e às suas teorias sobre o controle do poder e o exercício da dominação. Considero que esta posição está também muito atrelada à dificuldade que as teorias críticas, em maior ou menor medida, influenciadas pelo marxismo, têm para superar os debates sobre as diferentes acepções em que o próprio Marx utiliza o termo ideologia, na maior parte das vezes, empregado, de fato, para nomear as ideias burguesas intencionalmente manejadas para “mistificar” o mundo aos homens e mulheres comuns.

Ainda com Motta, reconheço a importância da teoria crítica dos frankfurtianos, mas não deixo de me incomodar com seu iluminismo exacerbado; comungo com este autor uma visão que creio gramsciana das correlações de forças. Para Motta:

O todo social é um espaço assimétrico de confrontos e contradições permanentes (...) o nível discursivo, cultural e ideológico é um entre outros níveis de conflito de poder. A luta ideológica é permanente, enquanto houver assimetria social. Neste sentido, cada grupo conforma representações próprias opondo-as às outras, age

estrategicamente, avança e recua politicamente, conquista e cede terreno. A força política e simbólica do grupo hegemônico jamais penetra todos os recônditos da sociedade nem impede manifestações culturais contra-hegemônicas. Elas podem ou não se consolidar como representações tangíveis. A consolidação de uma ideologia ou representação tangível e estável depende, em cada momento, da correlação de forças (poder) específica. (Motta, 2013: 22-23)

Também entendo as “formações discursivas” à moda gramsciana, como processos históricos de correlações de forças, processos conduzidos por grupos humanos em constante luta pela hegemonia, e essa luta se dá também ao nível discursivo. Não tenho, pois, intenção de desmistificar as narrativas de meus/minhas colaboradores/as, pois não as ouço como mitos, pelo menos não no sentido de deturpação do real, que embasa a necessidade de desmistificação. Se em algum momento aponto para a possibilidade de enxergar as narrativas como mitos, é em um processo histórico e criativo de construção do presente que estou pensando. O que proponho é desvendar um pouco o imaginário desses/as imigrantes brasileiros/as por meio das narrativas de suas trajetórias de vida, sendo o imaginário tomado como parte dialógica do real (Boia, 1998), como fruto da imaginação criativa que nos torna humanos/as e que é parte essencial de nossa interação com o mundo (Castoriadis, 1997).

A ideia de ideologia empregada em parte da ACD é ainda caudatária das reflexões althusserianas dos anos 1970, que, embora tenham dado uma grande contribuição para o rompimento com uma ideia anterior (que ainda persiste entre nós) de ideologia como falsificação do real (Hall, 2003b), continua deixando em segundo plano as contradições entre as diferentes ideologias em embate nas relações de reprodução e *transformação* social. Conforme instigante interpretação de Hall sobre o problema da ideia de ideologia desenhada por Althusser em seu pequeno clássico *Aparelhos ideológicos de Estado*:

A ideologia nesse ensaio parece ser, principalmente, aquela da classe dominante. Se existe uma ideologia das classes dominadas, esta parece estar perfeitamente adaptada aos interesses e funções da classe dominante no modo capitalista de produção. Neste ponto, o estruturalismo althusseriano torna-se vulnerável à acusação, que tem sido dirigida contra ele, de um sorrateiro funcionalismo marxista. A ideologia parece exercer a função que dela se demanda (qual seja, reproduzir a dominância da ideologia dominante), exercê-la com eficácia e continuar assim, sem encontrar quaisquer "contra-tendências" (...). Quando se questiona sobre o campo contraditório da ideologia, sobre como a ideologia das classes dominadas é produzida e reproduzida, sobre as ideologias de resistência, de exclusão, de desvio etc., não há respostas nesse ensaio. Tampouco há uma explicação para o fato de a ideologia, tão efetivamente

costurada à formação social na narrativa de Althusser, produzir seu oposto ou sua contradição. (Hall, 2003b: 172-173).

Creio que a ideia de ideologia predominante entre alguns dos principais autores e autoras da ACD não foge a esse aspecto da ideologia althusseriana, o que os leva por caminhos e propostas diferentes das que sigo nesta tese. Mas, a mesma ideia althusseriana de ideologia, presente no mesmo pequeno e problemático clássico *Aparelhos ideológicos de Estado*, tem a virtude de nos apresentar a materialidade da ideologia, ao encará-la como estruturas sociais e não como processos puramente mentais. A materialidade da ideologia como estrutura social se dá talvez principalmente, mas não exclusivamente, por meio da linguagem, quer dizer, discursivamente, e é nesse ponto, bastante explorado pela ACD, que suas diferentes escolas vêm ao encontro e ao auxílio de minha proposta; nesse ponto somos idênticos apesar de nossas diferenças. Além disso, é importante frisar, mesmo entre os/as mais renomados/as analistas críticos/as do discurso há divergências relacionadas às ideias de ideologia. Margaret Jäger, por exemplo, discute longamente a proposta de “desmistificação”, da qual discorda e de maneira muito feliz argumenta que:

Es geht nicht darum, zu untersuchen, ob die von den Interviewten vorgetragenen Vorbehalte und Wahrnehmungen das, was in der Realität geschieht, richtig wiedergeben (...), Als Diskursanalytikerin bin ich also nicht daran interessiert, herauszufinden, ob das, was die Personen sagen, „stimmt“. Ich will herausfinden, was die Diskursbeteiligten zu ihrer Äußerung bewogen hat und was diese diskursive Äußerung ihrerseits bewirkt. (Jäger, 1996: 37-38) (...) Mit ihrem Ergebnis macht eine Diskursanalyse diesen Diskurs transparent: seine Wirkungsweise, seine Folgen für den einzelnen wie auch für die Gesellschaft können mit Hilfe von Diskursanalyse verstanden werden. Auf diese Weise können Diskursanalysen zur Sensibilisierung der im Diskurs beteiligten und verstrickten Subjekte beitragen. (Jäger, 1996: 40)³⁶

Com Jäger proponho então o uso da ACD não para desmistificar ou encontrar a verdade (*es geht nicht darum!*), mas sim com forma de *sensibilização* sobre quais elementos históricos culturais se encontram nas práticas discursivas dos/as entrevistados/as e como eles se deixam perceber também textualmente. A “verdade” dessa interpretação é uma verdade

³⁶ Não se trata de descobrir se as questões e percepções levantadas pelos entrevistados sobre o que está acontecendo na realidade são reproduzidas corretamente (...). Como analista do discurso, não estou interessada em saber se o que as pessoas dizem “está certo”. Eu quero descobrir o que levou os participantes do discurso à essa enunciação e o que essa enunciação provoca (...). Uma análise de discurso torna o discurso transparente: seu modo de ação, suas conseqüências para o indivíduo e para a sociedade podem ser entendidos com a ajuda da análise de discurso. Desta forma, análises de discurso podem contribuir para a sensibilização dos sujeitos envolvidos e enredados no discurso (Jäger, 1996: 40).

contextualizada, que pode ser julgada em sua exatidão ou imperfeições dentro do campo discursivo em que se insere o próprio analista.

Como última observação a uma possível vinculação da ACD ao conceito de ideologia restrito ao conjunto de ideias da classe burguesa manejado como forma de manipulação de corações e mentes, limito-me a citar, pela enésima vez, o belíssimo alerta de E.P. Thompson em sua crítica ferina, por vezes grosseira, ao marxismo althusseriano:

Mais uma vez os intelectuais – um grupo escolhido entre eles – receberam a tarefa de iluminar o povo. Não há traço mais característico dos marxismos ocidentais, nem mais revelador de suas premissas profundamente antidemocráticas (...). É porém uma triste premissa para a teoria socialista (todos os homens e mulheres, exceto nós, são originalmente estúpidos) e destinada a levar a conclusões pessimistas ou autoritárias (Thompson, 1981: 205)

Concordo com Gouveia (2009) que o crescimento da ACD está claramente relacionado à crise do modelo científico racionalista vigente desde as últimas três décadas do século passado e exposta com toda clareza por Boaventura de Sousa Santos (Santos, 2010). Contudo, devo dizer que enxergo por trás da proposta desmistificadora da ACD resquícios das pretensões iluministas que acalentaram o mesmo modelo científico, de cuja crítica a ACD é caudatária. Mas vejo na ACD também o movimento constante da autocrítica, o que certamente potencializa a sua vontade de engajamento e de contribuição para a transformação social, dificultando que sua própria sobrevivência e preponderância acadêmica se tornem, em última instância, seu maior objetivo.

Não quero tampouco parecer ingênuo ao deixar de reconhecer a necessidade de luta por espaço dentro das relações de poder no campo de produção de conhecimento acadêmico; o apelo é apenas no sentido da pertinência de se manter a mente esperta, a espinha ereta e o coração tranquilo, sem nunca perder de vista o que é meio e o que é fim. Para a ACD, fim é a crítica social e o engajamento político; se para isso é necessário ampliar os espaços de participação na academia, que isso seja feito, mas como meio. Em uma frase: a ACD não deve ser um fim em si mesma, ao menos se quiser manter seu engajamento e crítica fundantes.

Creio ter sido essa, por exemplo, a preocupação de Hall com o avanço experimentado pelos Estudos Culturais estadunidenses, incluindo um grande volume de recursos aplicados por instituições tradicionais de pesquisa. Creio ser também essa a origem do posicionamento de Hall ao sempre ironizar ou problematizar a paternidade dos Estudos Culturais que ele compartilharia com Richard Hoggart, Raymond Williams e, às vezes, E.P. Thompson:

No final das contas, os estudos culturais não emergiram em algum lugar naquele momento em que conheci Raymond Williams, ou na troca de olhares entre eu e Richard Hoggart? Os estudos culturais teriam nascido nesse momento, saindo prontos da nossa cabeça, já em estado adulto! Quero falar do passado, mas certamente não dessa forma. Não gostaria de me referir aos estudos culturais britânicos (...) de uma forma patriarcal, como guardião da consciência dos estudos culturais, esperando escoltá-los de volta aos parâmetros de sua verdadeira essência (Hall, 2009: 187)

Ao ironizar uma possível narrativa que buscaria o nascimento de um movimento em uma simples troca de geniais olhares, desconhecendo a história e a gênese de processos sociais complexos e que envolvem muitos sujeitos históricos, muitas vezes sujeitos histórico coletivos, Hall age estrategicamente usando a própria narrativa sobre a formação dos Estudos Culturais de forma a fortalecer posições subalternas normalmente estudadas pelos Estudos Culturais.³⁷

Em situação semelhante, ao ser convidada para escrever um texto sobre a trajetória da ACD, Ruth Wodak afirma que:

A ACD como uma rede de estudiosos emergiu no início dos anos 1990, depois de um pequeno simpósio em Amsterdã, em janeiro de 1991. Por acaso, e com o apoio da University of Amsterdã, Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak passaram dois dias juntos, e tiveram a maravilhosa oportunidade de discutir teorias e métodos de análise do discurso, especificamente de ACD. O encontro permitiu que todos confrontassem entre si abordagens distintas e diferenciadas, abordagens que ainda marcam as tendências existentes hoje. (Wodak, 2004: 227)

Os diferentes posicionamentos de Hall e de Wodak sobre seus respectivos papéis nos campos de produção do conhecimento no qual são referência podem nos dar algumas pistas sobre os riscos que corremos em não assumirmos ideologias a que nos filiamos. O que seria mais interessante do ponto de vista de um posicionamento político emancipatório: negar a “paternidade” de uma luta para compartilhá-la com toda uma classe social ou requisitá-la para um *petit comité* que continuaria fornecendo as estratégias básicas de ação?

O exercício de comparação serve, para mim, como reflexão sobre as armadilhas que a luta contra-hegemônica nos impõem e como pode ser difícil nos desvencilharmos de todas essas armadilhas. Mas a ACD tem potencial para isso, pois se consolida como um projeto contra-

³⁷ A visão processual e coletiva não é uma estratégia isolada de Hall e conta com vários e belos exemplos na tradição dos Estudos Culturais britânicos, entre nós, a tradução de “A formação da classe operária inglesa” trouxe à tona, devido a questões de tradução, toda a historicidade, poesia e engajamento político por trás do belíssimo título em inglês da *opus magnum* de E.P Thompson: *The making of the English working class*.

hegemônico consistente, e se lanço mão dela como um dos métodos centrais em minha tese é porque concordo com Fairclough que fenômenos sociais [e culturais] são parcialmente discursivos (Fairclough, 2003) e porque a vejo como um excelente método de interpretação das manifestações discursivas desses fenômenos. Além disso, quero tentar ser justo ao reconhecer que tanto Fairclough quanto Wodak deixam transparecer em vários textos que a abordagem que propõem é apenas uma entre outras. Ao defender-se da crítica de Paul Chilton (2005) sobre uma abordagem que se limitaria a explorar os aspectos de dominação e conservação da ideologia, esquecendo suas possibilidades de resistência e mudança, Fairclough argumenta que:

We should distinguish however between issues and problems it has not got around to because others seemed more pressing or more interesting or simply because life is short, and issues and problems which fall outside its remit and are thus not issues and problems for it. An example for the former is a relative emphasis on the workings of Power rather than the workings of reception, reaction and resistance to Power – I stress relative because the latter have not been entirely neglected (...). This has been a bias in my work, perhaps partly because of the sort of left-wing politics I was involved with in the 1970s (...) (Fairclough, 2009: 183)³⁸

Também Wodak, embora muitas vezes enfatize a ideia da ideologia totalizadora e mistificadora, assume em várias passagens que:

Ideologies serve as an important means establishing and maintaining unequal power relations through discourse (...) in addition, *ideologies also function as a means of transforming power relations more or less radically* (Reisigl; Wodak, 2009: 88, grifo meu)³⁹

São essas “aberturas ao diálogo” da ACD, tanto para fora quanto para dentro, que me deixam utilizá-la com tranquilidade, apesar das críticas que levo comigo. Há no projeto da ACD, e isso a vincula indubitavelmente à crítica ao racionalismo científico, espaço para autocrítica e para posicionamentos díspares, como demonstra a forte crítica de Paul Chilton, acima mencionada, incluída em coletânea de ACD organizada por ele mesmo juntamente com Wodak (Chilton; Wodak, 2005), na qual constam textos de vários outros expoentes da ACD.

³⁸ Precisamos distinguir entre as questões e problemas dos quais ela não se acerbou, porque outros pareceram mais prementes ou mais interessantes, ou simplesmente porque a vida é curta e as questões e problemas que extrapolam o seu mandato não são, assim, questões e problemas para ela. Um exemplo do primeiro caso é uma ênfase relativa no funcionamento do Poder, ao invés de no funcionamento da recepção, reação e resistência ao Poder – ênfase a palavra *relativa*, uma vez que as últimas não foram inteiramente negligenciadas (...). Esse tem sido um viés em meu trabalho, talvez, em parte, por conta do tipo de política esquerdista com que estive envolvido nos anos 70 (...) (Fairclough, 2009: 183).

³⁹ As ideologias servem como um importante meio de estabelecer e manter relações desiguais de poder por meio do discurso (...); ademais, as ideologias também funcionam como um meio para transformar relações de poder de modo mais ou menos radical (Reisigl; Wodak, 2009: 88).

Não se trata de um caso isolado a inclusão de autocrítica em coletâneas de textos em ACD; ela é mesmo muitas vezes incentivada, como o faz Michael Billig, em alerta sobre o que chama de retórica da crítica:

As will be suggested, if critical analysts fail to be self-reflexive then the critical enterprise can be compromised, to the extent that the critical limits of critique become ignored and thereby hidden (Billig, 2003: 37)⁴⁰

Above all, there is a need to encourage young academics, especially those without established positions, to criticize the language and rhetoric of the established critical writers (...). The results would not be comfortable for the critical experts; nor should they be if the activity of social critique is to continue into the future (Billig, 2003: 45)⁴¹

É então a própria ACD que me leva a crer ser essencial o posicionamento crítico frente ao método, mesmo que a considere adequada e pertinente a minha pesquisa.

Ainda sobre as escolhas metodológicas induzidas pelas escolhas teóricas, talvez seja necessário reafirmar que, na esteira de Paul Feyerabend e Boaventura de Souza Santos, optei claramente pelo pluralismo metodológico na construção de minha narrativa. Ainda que o princípio do “tudo vale” de Feyerabend seja admitidamente uma irônica provocação, ele cumpre com maestria a intenção provocativa junto àqueles e àquelas que, nas esteiras das discussões epistemológicas das últimas décadas, desconfiam dos caminhos trilhados pela chamada ciência moderna:

Está claro, então, que a ideia de um método fixo ou de uma teoria fixa da racionalidade baseia-se em uma concepção demasiado ingênua do homem e de suas circunstâncias sociais. Para os que examinam o rico material fornecido pela história e não têm a intenção de empobrecê-lo a fim de agradar a seus baixos instintos, a seus anseios por segurança intelectual na forma de clareza, precisão, “objetividade” e “verdade”, ficará claro que há apenas um princípio que pode ser defendido em todas as circunstâncias e em todos os estágios do desenvolvimento humano. É o princípio de que tudo vale. (Feyerabend, 2011: 42)

⁴⁰ Como será sugerido, se os analistas críticos falharem em ser autorreflexivos, então o empreendimento crítico ficará comprometido, na medida em que os limites críticos da crítica serão ignorados e, assim, ocultados (Billig, 2003: 37).

⁴¹ Sobretudo, há a necessidade de encorajar jovens acadêmicos, em especial os que não têm posições estabelecidas, a criticar a linguagem e a retórica dos escritores críticos estabelecidos (...). Os resultados não iriam ser confortáveis para os especialistas críticos; tampouco deveriam ser, se o que se deseja é que a atividade da crítica social continue no futuro (Billig, 2003: 45).

Provocado pelo “tudo vale” de Feyerabend, já quando da escolha das ideias fundantes, estava para mim bem definida a necessidade de trabalhar com ideias maleáveis, em vez de optar por conceitos rígidos. Sendo assim, *os métodos escolhidos, em maior ou menor grau, em muitas ou em algumas acepções, são, todos eles, claramente promíscuos*, como define Lynn Abramm o uso da história oral como metodologia.⁴²

Historians who conduct and use oral history have learned to be promiscuous in the use of theoretical perspectives and borrow analytical techniques from literature and linguistics, psychology and anthropology, folklore studies and the performance arts to name a few (Abrams, 2010: 03)⁴³

Acredito que assim também posso entender os argumentos de Ruth Wodak, no caso da ACD, quando afirma que

We would like to stress that CDA has never been and has never attempted to be or to provide one single or specific theory, and one specific methodology is not characteristic of research in CDA (Wodak; Weiss, 2003: 12)⁴⁴

Assim também entendo Mieke Bal, no caso do uso da análise de narrativa como interpretação de cultura, quando propõe que “*narrative is a cultural attitude, hence, narratology a perspective on culture*” (Bal, 1999: 21).⁴⁵

Nesse momento, talvez seja aconselhável uma explicação ao leitor mais atento de que, embora cheio de idas e vindas entre os dois métodos, há em minhas interpretações uma distinção importante entre narrativa e discurso, diferenciação reclamada por narrativistas, como, por exemplo, Hayden White (1987) e fundamental para ACD. Embora na própria construção de meu texto reconheça que em alguns momentos a aproximação que opero dificulta a distinção, ela existe e deve ser destacada. Toda narrativa é também uma manifestação discursiva, no caso das narrativas com que trabalho são textos orais e, como tais, materializam discursos.

⁴² Já me referi algumas vezes aqui ao uso da história oral como metodologia. Embora já tenha se disseminado a tal ponto esse uso que poderíamos tomá-lo como de conhecimento comum, sinto-me ainda obrigado a me reportar à excelente coletânea de Ferreira e Amado, que logo completará 15 anos e que foi em parte responsável pelo grande interesse pela história oral entre os estudantes de história de meus anos de graduação. Na introdução da coletânea, as autoras defendem que a história oral é uma metodologia e não uma disciplina ou uma teoria. Isso tornaria necessário o seu diálogo com teorias e disciplinas.

⁴³ Os historiadores que conduzem e utilizam a história oral aprenderam a ser promíscuos no uso de perspectivas teóricas e pegam técnicas analíticas emprestadas da literatura e da linguística, da psicologia e da antropologia, dos estudos sobre folclore e das artes performativas, para citar algumas áreas (Abrams, 2010: 03).

⁴⁴ Gostaríamos de enfatizar que a ACD nunca foi e nunca tentou ser ou prover uma teoria individual ou específica, e uma metodologia específica não é uma característica da pesquisa de ACD (Wodak; Weiss, 2003: 12).

⁴⁵ A narrativa é uma atitude cultural e, portanto, a narratologia é uma perspectiva sobre a cultura (Bal, 1999: 21).

Contudo, dentro da concepção de discurso adotada – como parte da estrutura abstrata de organização das relações sociais, operada por meio da linguagem –, e dentro da ideia de narrativa acolhida – como tipo textual que permite organização humana do tempo –, discurso se aproxima muito do que os/as historiadores/as (e também os/as analistas críticos/as de discurso) entendemos como representações sociais, enquanto narrativas se enquadrariam muito bem nas práticas sociais, assim definidas tanto por historiadores/as da cultura, quanto por analistas críticos/as do discurso.⁴⁶ Recorrendo aqui às ideias de “prática social” e de “representação social” comuns a Roger Chartier (2002), renomado historiador cultural, e Norman Fairclough, já apresentados aos/às leitores/as.⁴⁷

O “hibridismo metodológico” a que me proponho é, pois, intrínseco aos métodos que escolhi para trabalhar. Embora exija um esforço intelectual e emocional bastante grande, tentar sair dos limites mais confortáveis e confiáveis, além do risco de ver todo o esforço ser “julgado” como amadorismo ou ecletismo, pode trazer momentos de conforto. A cada nova perspectiva aberta, foram se abrandando as angústias e dúvidas sobre o potencial heurístico do caminho escolhido, que ao fim parece ser o mais indicado para os Estudos de Cultura, que, junto com a História Cultural, formam o substrato teórico deste trabalho.

Theo van Leeuwen, outro expoente dos estudos em ACD, rende de certa forma homenagem aos estudos culturais ao propor que o modelo de interdisciplinaridade buscado pela ACD faz parte do cotidiano dos estudos culturais:

Must cultural studies scholars work alone, or with other cultural studies scholars, rather than in interdisciplinary research projects, maybe because the field is so interdisciplinary already. From the point of view of “mono-disciplinary” researchers, their use of a wide range of sources and methods may result in a more comprehensive view of the phenomena investigate, but can also lead to a lack of depth and methodological rigour, a risk of amateurism and eclectism (van Leeuwen, 2005: 8)⁴⁸

⁴⁶ Cabe explicar nesta nota que a narrativa como prática social é a forma genérica de preenchimento do tempo, tornando-o humano, ao passo que cada narrativa materializada em texto, pode ser mais bem entendida como um evento, completando a tríade estrutura-prática-evento, comum a historiadores/as e analistas do discurso.

⁴⁷ Sobretudo para os/as colegas historiadores/as, creio ser interessante e proveitoso esboçar o modelo teórico-metodológico de ACD mais recente de Fairclough (2003), no qual *representação discursiva* se refere aos *discursos*, modos particulares de representar o mundo. *Práticas sociais*, por seu turno, são maneiras internalizadas, vinculadas a momentos e lugares particulares, nos quais as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agir no mundo, por meio de *gêneros discursivos* específicos. E *eventos sociais* são a atualização dos potenciais característicos de uma determinada *prática social*, tendo nos *textos* seu elemento discursivo.

⁴⁸ Pode ser que os estudiosos dos estudos culturais trabalhem sós, ou com outros estudiosos de estudos culturais, ao invés de em projetos de pesquisa interdisciplinares, talvez porque o campo já seja tão interdisciplinar. Pelo ponto de vista dos pesquisadores “monodisciplinares”, o seu uso de um amplo leque de fontes e métodos pode resultar em uma visão mais abrangente dos fenômenos investigados, mas também pode levar a uma falta de profundidade e rigor metodológico, e a um risco de amadorismo e ecletismo (van Leeuwen, 2005: 8).

Sobre o “risco” do ecletismo, concordo com a tranquilidade com que Lister e Wells propõem que

Cultural Studies, is, then, not only methodologically eclectic, but also open and experimental in the ways that it frames its objects of study. While it may borrow its methodological resources, it seldom assumes that it unproblematically has a set of objects ‘out there’ or before it, about which it can then ask questions formulated by and inherited from other disciplines (...). Pragmatically, its achievements have to be judged in terms of the coherence and insights of the accounts that it gives of its objects. Its methodological rigour lies in the responsible way that a researcher uses the intellectual resources that they borrow and apply. (Lister; Wells, 2001: 63-64)⁴⁹

Lister e Wells me caem como luva para concluir minha viagem redonda, para cumprir a promessa de “começar do meio para voltar ao início” da pesquisa. Após todo esse percurso de reflexões metodológicas provocadas pelo processo da pesquisa, chego próximo ao “vale tudo” feyerabendiano, verificado pela responsabilidade nos usos dos recursos metodológicos aplicados.

1.3 Caminhando: minha viagem redonda

Mais do que apenas um exercício de intertextualidade, falo metafórica e ironicamente em “viagem redonda”, pois poderia dizer que cheguei até aqui andando em círculo e voltando para o lugar de onde saí. Claro que o uso da ironia aqui não pretende significar uma defesa da concepção cíclica da história, de todo incompatível com a benjaminiana visão descontínua da história que carrego comigo e que informa as reflexões aqui feitas em nome de *Clio*. A ironia é mais geográfica que temporal, pois na redação final da tese me encontro na mesma pequena cidade universitária alemã onde, poderia dizer retrospectivamente, tudo começou, há aproximadamente oito anos.

Entre maio e outubro de 2006, realizei um estudo piloto em Jena, Alemanha, com o intuito de encontrar indícios sobre a reinvenção de uma identidade nacional brasileira fora do Brasil. À época, antes do início do estudo piloto, ainda pensava em termos de “uma” identidade

⁴⁹ Assim, a área dos Estudos Culturais não é apenas metodologicamente eclética, mas é também aberta e experimental nas formas de enquadrar os seus objetos de estudo. Se por um lado, ela pode pegar emprestados os seus recursos metodológicos, por outro, ela raramente pressupõe ter, de forma não problemática, um conjunto de objetos ‘por aí’ ou diante de si, sobre os quais ela possa fazer perguntas formuladas por outras disciplinas e herdadas delas (...). Pragmaticamente, as suas realizações precisam ser julgadas em termos da coerência e dos *insights* dos relatos que ela faz de seus objetos. O seu rigor metodológico reside no modo responsável como um pesquisador utiliza os recursos intelectuais que esses relatos pegam emprestados e aplicam (Lister; Wells, 2001: 63-64).

nacional brasileira. Esperava encontrar pistas que pudesse seguir posteriormente em um trabalho de doutorado. Para o estudo piloto, foram entrevistados nove brasileiros e brasileiras, formando um *corpus* que foi breve e pretensamente interpretado baixo a lupa da ACD.

A interpretação que elaborei, apresentei-a em novembro de 2006 no *II Congreso Internacional de Lenguas y Culturas del Mundo* em Granada, Espanha, e o texto que resultou da apresentação foi publicado mais tarde (Feijó, 2007). Para mim, a ressonância alcançada pela comunicação em Granada foi o resultado mais importante do estudo, pois pude confirmar, empiricamente, que as questões que levantava, e que havia podido tratar apenas superficialmente no estudo piloto, mereciam uma aproximação mais cuidadosa e profunda.

Nos três anos posteriores ao estudo piloto, não pude dar início oficialmente ao projeto de doutorado; pude, contudo, aprofundar algumas leituras, conhecer outros autores e discutir sobre o tema com alunos e colegas nos cursos de graduação que conduzi na Universidade de Jena e nos de pós-graduação que visitei como aluno especial na Universidade Federal da Bahia e como aluno regular na Universidade de Brasília. Pude, assim, rever e/ou ampliar ideias antes esboçadas.

Em agosto de 2009, pude reapresentar o estudo piloto, revisto e retrabalhado, na mesma cidade em que o havia conduzido, em Jena. Mais uma vez, a ressonância atingida foi bastante estimulante, aumentando minha confiança em relação à relevância e viabilidade do projeto de pesquisa.

O objetivo central da pesquisa passou a ser interpretar e compreender a (re)construção discursiva de identidades por imigrantes brasileiros/as vivendo na Alemanha e em Portugal⁵⁰. Para me aproximar dessa (re)construção discursiva, optei por trabalhar com entrevistas livres sobre trajetória de vida dos/as entrevistados/as antes e depois de migrarem. Como metodologia para as entrevistas e para sua interpretação, havia optado por trabalhar com história oral e com análise crítica do discurso, respectivamente.

As entrevistas foram semiestruturadas, uma forma mista entre os tipos de entrevista que Lucilia Delgado denomina “entrevistas temáticas” e “trajetórias de vidas”. Para Delgado, entrevistas temáticas são:

entrevistas que se referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. As entrevistas temáticas podem (...) compor um

⁵⁰ A inserção de Portugal será explicada ainda nesse capítulo.

elenco vinculado a um projeto de pesquisa, a uma dissertação de mestrado ou a uma tese de doutoramento. (Delgado, 2006: 22)

Enquanto trajetórias de vida são:

depoimentos de história de vida mais sucintos e menos detalhados. A opção por essa modalidade de entrevista acontece quando o entrevistado dispõe de pouco tempo para a entrevista, mas o pesquisador considera importante para os objetivos da pesquisa recuperar sua trajetória de vida. Também é aplicável quando a situação é inversa (...), quando o entrevistador (...) não dispõe de muitos dias para recolher um depoimento mais pormenorizado de história de vida. (Delgado, 2006: 22)

Para além das considerações de Delgado sobre “trajetórias de vida”, que ela considera ser um novo tipo de documento oral gerado por pesquisadores/as, creio que essa forma abreviada de documentos orais de “história de vida” reflete também a legitimidade que alcançou a metodologia da história oral desde que Paul Thompson, em 1978, narrou a euforia de estudantes munidos/as de gravadores de fitas cassete e ávidos/as por entrevistarem todos/as os/as trabalhadores/as, mulheres, imigrantes que encontrassem pela frente (Thompson, 1998). Avidez que mais tarde viria despertar preocupação mesmo entre os/as defensores/as das fontes orais, como mostra o título da coletânea organizada por Marieta Ferreira e Janaína Amado, *Usos e abusos da história oral* (Ferreira; Amado, 1996). Mas tudo isso agora parece passado, um passado mítico, recontado de forma que acentua ainda o caráter marginalizado da história oral na academia, ao passo que é talvez mais corriqueiro nos dias atuais serem marginalizados/as aqueles/as que ainda “torcem o nariz” para as fontes orais.

Das nove entrevistas realizadas em Jena em 2006, selecionei, a princípio, cinco, por critérios definidos posteriormente a realização dessas primeiras entrevistas e explicados ainda no decorrer desse capítulo, para comporem, inicialmente, junto com outras 13 entrevistas realizadas em 2011, parte do *corpus* de fontes orais que serviu para a construção narrativa de minha tese. Um ano depois de terminar a geração de entrevistas na Alemanha, tive que ceder aos apelos da banca do exame de qualificação de redução do volume das fontes trabalhadas, como detalho mais abaixo.

Com a interpretação das fontes orais selecionadas, pretendia responder às perguntas geradoras: Como esses/as imigrantes brasileiros/as organizam discursivamente suas experiências de vida? Como refletem sobre a experiência de (con-)viver com alteridades e como são as representações discursivas dessas reflexões? E, principalmente, essas representações formam discursos de (re)invenção de identidades nacionais?

Acreditava ainda que por esse caminho, por meio da interpretação de narrativas de brasileiros e brasileiras vivendo e convivendo na Alemanha e em Portugal, conseguiria também chegar um pouco mais perto de uma ideia de cultura que pudesse contribuir para o ainda nebuloso debate sobre encontros interculturais.⁵¹ Isso teria sido um resultado gratificante, mas não cheguei a ele.

Em uma das mais citadas ideias de cultura, Clifford Geertz (1992: 9) argumenta que o ser humano é um ser que se encontra envolto em uma teia de significados por ele mesmo tecida. Cultura, aqui entendida como estruturas de significados por meio das quais homens e mulheres dão forma a sua experiência, é para Geertz essa teia. Essa ideia de cultura me levou a perguntar como imigrantes brasileiros/as organizam simbolicamente suas vidas, quer dizer, como eles/as tecem suas teias? Dizendo mais claramente, propunha inicialmente uma interpretação de como esses sujeitos influenciados por determinados processos, conjunturas e estruturas históricas constroem significados sobre a experiência de viver e conviver com novas alteridades que surgem quando se migra. Ao agregar a ideia de experiência ao conceito semiótico de cultura de Geertz, pretendi evitar o risco de abrir mão da historicidade, ao que, por vezes, a interpretação semiótica mais estrita pode nos conduzir.

A experiência a que tento me aproximar foi inspirada nos trabalhos de E. P. Thompson, quer dizer, são advindas de processos históricos que permitem que homens e mulheres, em sua finitude temporal, sejam sujeitos da história, que mantêm seu fluxo contínuo e indeterminado.

Não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida *‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras* e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (Thompson, 1981: 182, grifo meu).

Trata-se, então, do espaço de representação e ação dos sujeitos que é influenciado pelas correlações de força em que se encontram e que se constrói no processo histórico vivenciado por cada um/a. Apresenta uma lógica passível de ser culturalmente identificável, mas é ao mesmo tempo imprevisível, não se podendo extrair leis de um conjunto de experiências interpretáveis. As perguntas que formulei se direcionam mais para as “complexas maneiras” como tratam esses sujeitos de pesquisa a experiência da migração em termos culturais.

⁵¹ Gosto muito da ideia de Terry Eagleton de evitar falar em conceito de cultura e de seu argumento de que existem várias ideias de cultura que convivem de forma não cronológica no tempo. Eagleton consegue fugir de noções dicotômicas e repetitivas que permeiam o debate sobre o conceito de cultura (Eagleton, 2005).

Contudo, ainda que trabalhe com a ideia de experiência tal como pensada por Thompson, levo também em consideração a crítica feita a esta ideia por Scott (1998), para quem Thompson, ao sobrepor a experiência de classe a outras experiências possíveis, acaba por essencializar a classe trabalhadora inglesa, em vez de historicizá-la. Não concordo que a crítica de Scott sirva para a obra de Thompson, mas seu alerta me serve de cuidado para tentar não incorrer na essencialização de qualquer ideia ao ter em mente também que:

Precisamos nos referir aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam suas experiências. Não são indivíduos que têm experiências, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência. Experiência nesta definição torna-se, então, não a origem de nossa explanação, não a evidência legitimadora (...), mas sim o que procuramos explicar (...). Pensar sobre a experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz. (Scott, 1998, 304).

As experiências de migração que constituem meus colaboradores e colaboradoras em sujeitos são construções narrativas⁵², se formam e se deixam interpretar ao serem narradas. Fundam-se sobre o passado, mas acontecem no presente, no momento em que são narradas e são capazes de nos ajudar a entender esse relevante processo histórico do presente, que são os processos migratórios, no que diz respeito ao seu impacto subjetivo em homens e mulheres de carne e osso.⁵³ O acesso a esse mundo pode ser feito pelas narrativas desses sujeitos históricos, pela tessitura dessas experiências que, seguindo Bruner (1998), é antes de ordem narrativa do que conceitual.

Em uma ideia complementar à ideia de cultura de Geertz acima mencionada, Carlo Ginzburg (1993: xx) descreve cultura como um horizonte de possibilidades latentes. Apoiado também em Ginzburg, argumento que um caminho para elaborar uma “descrição densa” das experiências de imigrantes brasileiros/as na Alemanha e em Portugal pode ser tentar descobrir os horizontes de possibilidades do conjunto de meus/minhas colaboradores/as, tentando identificar a formação discursiva que molda e é moldada por essas experiências. Com essas duas ideias de cultura associadas à ideia de experiência como a defini, condense em uma as perguntas geradoras apontadas páginas antes: como se explicam os horizontes de possibilidades, as fronteiras imaginadas por esses/as migrantes nesse caso específico de

⁵² Não se trata aqui de uma contradição epistemológica ao tomar um desvio construtivista; os processos históricos da migração são vividos de fato pelos sujeitos históricos – eles existem! Mas as experiências desses processos não são objetos colecionáveis, são processos subjetivos que se mostram e se formam discursivamente, no meu caso, por meio das narrativas coletadas.

⁵³ Cabe aqui lembrar com Motta (2013) que um dos argumentos centrais de Paul Ricoeur contra os historiadores antinarrativistas é que “toda história se refere de maneira indireta a indivíduos e a suas ações” e que “as mudanças sociais não nos interessariam se não afetassem as pessoas (...) o método histórico tende a nomear seus episódios e eventos porque eles afetam indivíduos singulares”.

encontro intercultural com alteridades surgidas no processo de imigração e como elas agem na (re)construção de identidades? Com a interpretação das narrativas proponho como resposta que, mesmo se tanto em Portugal quanto na Alemanha elementos da memória cultural acionados são semelhantes e se vinculam a uma identidade nacional brasileira discursivamente fundada na mestiçagem e na cordialidade, as narrativas construídas pela memória cultural sofrem também o impacto do presente, e há diferenças sensíveis nas estratégias narradas e nas formas como a memória cultural fundada no discurso é manejada narrativamente pela memória comunicativa. A narrativa é então influenciada pelo discurso, assim como a memória comunicativa pela memória cultural, mas ambas aquelas, narrativa e memória comunicativa, operam uma quase imperceptível mudança no discurso e na memória cultural. Na Alemanha a diferença entre “nós” e “eles” é mais clara, e as estratégias de aproximação são narradas como estratégias individuais entre “eu” e “eles”. Em Portugal as ambivalências entre alteridade e identidade são mais profundas, e aproximações e afastamentos são majoritariamente movimentos coletivos entre “nós” e “eles”.

Teun van Dijk (1995: 19) acredita que entrevistas possibilitam o acesso aos dados mais interessantes e ricos sobre processo subjetivos que atuam sobre a representação de informações. De Fina propõe que:

A qualitative perspective, particularly one based on discourse and narrative is much more insightful than quantitative methodologies because it helps bring to the surface and understand aspects of the representation of the self that are not apparent through statistics, questionnaires or sample interviews (De Fina, 2003: 3)⁵⁴

Inicialmente motivado por ideias como as de van Dijk e De Fina, decidi trabalhar principalmente com entrevistas para buscar as fronteiras de um campo discursivo, e então interpretá-lo para desvendar processos subjetivos de organização simbólica dos sujeitos em foco.

O trabalho com entrevistas individuais me pareceu adequado, pois com ele poderia evitar o enquadramento de indivíduos isolados em grupos pré-determinados antes do início da construção das fontes. O trabalho com grupos poderia limitar o alcance dos horizontes que pretendia descobrir, pois o grupo poderia se comportar *a forciori* como grupo. As entrevistas individuais poderiam ou não permitir que um grupo se revelasse lentamente por meio de minhas

⁵⁴ Uma perspectiva qualitativa, em particular uma que se baseie no discurso e na narrativa, é muito mais perspicaz do que metodologias qualitativas, uma vez que ela auxilia a trazer à superfície e a entender aspectos da representação do ser que não estão aparentes por meio de estatísticas, questionários ou entrevistas de levantamentos (De Fina, 2003: 3).

interpretações. Campo discursivo e grupo poderiam ou não surgir na mesma medida em que as entrevistas fossem realizadas.

Notem que nunca trabalhei com a ideia de que existiria estruturalmente um grupo a ser estudado independente de minha observação, mas acreditava que a abordagem poderia criar o grupo. Parti do trabalho com sujeitos históricos tomados individualmente, a princípio em recorte sincrônico. Mas na diacronia, por meio dos processos históricos e ações vivenciadas por esses sujeitos – base da ideia de experiência com a qual trabalho –, queria tentar desvendar uma lógica que os unisse em um *ensemble* que chamo de grupo humano, transformando-os em algo distinto de “uma multidão de indivíduos com um amontoado de experiências” (Thompson, 1987: 11). Queria, ainda com Thompson, ter encontrado algo além das experiências de indivíduos, a consolidação de uma consciência comum que os moldasse em grupo. Custou-me perceber que, apesar da filiação às ideias do historiador britânico, uma diferença essencial não impedia o uso de instrumento teórico thompsonian, mas exigia de mim o esforço em adaptá-lo. Thompson trabalha com o processo de formação de uma classe, eu trabalho com imigrantes com as mais distintas trajetórias de vida e vinculações de pertencimento de classe, gênero, raça etc. Em grande parte, foi a crítica de Joan Scott a Thompson (Scott, 1998), mesmo que eu discorde quanto à crítica poder ser aplicada a Thompson, que me chamou atenção para minha “vontade” de moldar o que observava e para a tentativa de evitar esse erro tão comum.

A assunção de recortes, sobretudo os recortes de classe e gênero, aparecem em muitas entrevistas e são especialmente marcantes nas entrevistas realizadas em Portugal, como ocorre, por exemplo, na narrativa de **Fabício**, marcada pelas reflexões sobre o que une e o que diferencia os brasileiros de Lisboa. Se em um momento **Fabício** argumenta que:

Eu nunca fui tão brasileiro quanto agora! Interessante isso: eu conheci mais o Brasil vivendo aqui, do que quando eu tava lá. Porque aqui, aqui não tem o brasileiro, o carioca, o candango, o nordestino. Não tem, cara! Aqui tem o brasileiro, percebe? Perante um português ou outro europeu qualquer, não adianta você falar pro cara: “eu sou paulista”, “ah, eu sou de Curitiba”, “ah, eu sou de Pernambuco”. Não, meu! Pro cara você é brasileiro. Brazuca, né? Como dizem os tugas (...). E aqui a gente se descobre nesse sentido, cara, que tem algo mais que nos une, que é essa brasilidade.

Minutos antes ele ponderara que:

O bar nosso lá era um ponto de encontro mesmo, uma coisa legal, aquele, aquele lugar que você podia chegar sozinho que sabia que você ia chegar lá e ia encontrar seus amigos. Era um ponto de encontro da brasilidade, mas dessa brasilidade...

vamos dizer, diferenciada. Percebe, cê sabe do que eu tô dizendo (...) Em Brasília, você sabe que em Brasília tem aquele barzinho da Asa Norte ali, que vai aquele pessoal que vai ouvir uma música diferente, que, que vai pagar um preço diferente também pelas bebidas, mas, em suma, é um, é um círculo sociocultural diferente, do que aquele cara que tá num bar num pagode ali na Ceilândia, sabe? Então basicamente acontece o mesmo aqui, cara. E esse bar onde a gente trabalhou era o lugar onde se reunia o brasileiro que não curte o que ele não curtia no Brasil: o sertanejo, o pagode, o samba, o fó..., sabe?

Longe de serem contraditórias, as reflexões de **Fabrcio** são complementares e nos ajudarão a refletir sobre o processo de construção de nossa “brasilidade”, e seus mecanismos de “inclusão excludente”.

Por mais que narrativas de pertencimento e reconhecimento de uma identidade em algum grau fundada na nacionalidade comum pudessem vir a ser um fio condutor para o vislumbre do horizonte de possibilidades do conjunto de sujeitos da pesquisa, tais vínculos jamais teriam a força dos vínculos experimentados no fazer-se da classe operária inglesa, tão brilhantemente estudado por Thompson. Contudo, as mesmas influências thompsianas me salvaram da tentação de moldar a realidade à teoria: não há o grupo de imigrantes brasileiros/as na Alemanha ou em Portugal. Mesmo que em Portugal as reflexões sobre a comunidade brasileira, imaginada mais por processos de alteridade que propriamente de identidade, sejam bastante frequentes⁵⁵, o que há tanto em Portugal quanto na Alemanha são imigrantes que se unem em associações, muitas vezes de latino-americanos/as e não apenas de brasileiros/as, mas que possuem visões de mundo, interesses e narrativas muitas vezes marcadas mais por pertencimentos de classe e gênero, que por vínculos emocionais com o país de origem.

Ainda assim, como veremos, essas distinções e divisões entre imigrantes brasileiros/as nos revelam muito também sobre os processos de construção da nação em nosso país, marcado por todas as suas contradições e “inclusões excludentes”. Reunir esses sujeitos em um conjunto forjado como estratégia de interpretação dos horizontes de possibilidades latentes não elide essas divisões; pelo contrário, permite ressaltá-las, antes da incursão em interpretações mais detalhadas de casos dos horizontes vislumbrados. Parafraseando Rezende, para quem grupos podem ser vistos como processos simbólicos que emergem e desaparecem em certos contextos

⁵⁵ Os imaginários locais sobre a imigração brasileira em Portugal e na Alemanha são bastantes diferentes. Enquanto em Portugal tanto uma breve busca na mídia, quanto a produção acadêmica e as entrevistas coletadas apontam para a imaginação de uma comunidade brasileira reunida sobre o título de “os brasileiros”, na Alemanha, a imigração brasileira não é vista como uma comunidade ou como uma diáspora, certamente devido a insignificância percentual dentro do quadro de nacionalidades migrantes na Alemanha.

de ação (Rezende, 2009: 21), os grupos aqui emergem e desaparecem em um contexto de interpretação.

Experiências históricas que têm em comum a migração e alguns elementos de memória cultural me levaram ao equívoco de imaginar previamente grupos humanos em uma situação de encontro intercultural e, em um devaneio marxista maior, quiçá, com um discurso contra-hegemônico afinado frente aos desafios que o processo de migração muitas vezes nos impõe. Buscava, talvez inconscientemente, a *formação da classe imigrante brasileira*, mas esse grupo, desta forma, não existe! Os grupos que menciono em dois capítulos a seguir são um artifício de interpretação que me possibilitaram algumas interpretações, não são mais do que isso; e muito dificilmente tomariam concretude em um processo histórico de tomada de consciência e de enfrentamento coletivo às lutas que marcam muitas trajetórias de migração. Mesmo que exista quem, como eu, entenda que imigrantes, no contexto atual de cidadanias limitadas pelo passaporte, encontram-se, de forma geral e em alguma medida, em situação de subalternidade de direitos frente a nacionais, os diversos, e muitas vezes profundos, recortes de pertencimento perpassam também os “grupos”. Dividem as “comunidades” de imigrantes brasileiros/as, tanto na Alemanha, onde a “comunidade brasileira” nem chega a ser imaginada, quanto em Portugal, onde a “comunidade brasileira” (os brazucas) é imaginada, ao que parece, sobretudo por portugueses e portuguesas.

Meu trabalho se constrói sobre narrativas de sujeitos históricos com pertencimentos de grupo muitas vezes antagônicos. Contudo, por meio de representações individuais, creio conseguir perceber traços fundantes do contraditório processo de formação da nação em nosso país, pois concordo tanto com Anna De Fina que “*by analyzing narratives we analyze not only individual stories and experiences, but also collective social representations and ideologies*” (De Fina, 2003: 7)⁵⁶, quanto com Jeremy Tambling que “*to investigate narratives means investigating the everyday life beliefs that operate through a culture*” (Tambling, 1991: 3).⁵⁷

Segundo Ginzburg (1993: xix), em um indivíduo ordinário podemos perscrutar todas as características de um grupo social; o autor alerta, contudo, que *c’è il rischio de cadere nell’aneddoto*.⁵⁸ Ao trabalharmos com indivíduos, é grande também o risco de nos limitarmos a ilustrações do já sabido de antemão. Mas é o mesmo Ginzburg quem constata que *non si tratta*

⁵⁶ Ao analisarmos narrativas, analisamos não apenas histórias e experiência individuais, mas também representações e ideologias sociais coletivas (De Fina, 2003: 7).

⁵⁷ Investigar narrativas significa investigar as crenças cotidianas que operam por meio de uma cultura” (Tambling, 1991: 3).

⁵⁸ Há o risco de cair no anedótico.

peró di un rischio inevitabile.⁵⁹ Para minimizar os riscos, faz-se extremamente necessário um uso cuidadoso das ferramentas de estudo em dois momentos decisivos: na concepção e realização das entrevistas e na sua interpretação.

Para o primeiro momento, quer dizer, para a concepção e realização das entrevistas, a história oral se mostra um método adequado. O uso da história oral permite aos entrevistados falarem livremente, sendo sua a escolha dos elementos que irão sacar do reservatório de memória cultural. Além disso, segundo Verena Alberti:

A ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo, na experiência concreta, faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo. Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo; mesmo as desviantes mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo – elas permitem identificar as possibilidades latentes da cultura e deduzir “em negativo” o que seria mais freqüente (...) em um trabalho de história oral, a biografia, a trajetória individual, não é coisa dada, mas construída à medida mesmo em que é feita a entrevista. (2000: 3-5)

O segundo momento de risco é, como já dito, a interpretação das entrevistas. No caminho que tomei para evitar os riscos da concepção e realização das entrevistas, encontrei também elementos para contornar os riscos da interpretação, e foi também Verena Alberti quem me apontou os desvios. A historiadora argumenta que:

um acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isso significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista. Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. Esse trabalho da linguagem em cristalizar imagens que remetem a, e que significam novamente, a experiência é comum a todas as narrativas (...). Mas talvez não tenhamos dado ainda a devida atenção para esse trabalho da linguagem nas chamadas “fontes orais”. (2003: 1)

Assim, optei por, durante a interpretação de minhas fontes, seguir o conselho de Alberti e dedicar uma atenção especial ao trabalho com a linguagem. Para isso, dispus inicialmente das ferramentas metodológicas que oferece a ACD. Aqui, creio que vale a pena frisar que, se em um primeiro momento havia me proposto a trabalhar exclusivamente com o que chamei de escola austríaca de análise crítica do discurso, sobretudo com as ferramentas do chamado *discourse historical approach* (DHA) (Wodak; Meyer, 2009), uma aproximação maior com

⁵⁹ Mas não se trata de um risco inevitável.

outras abordagens revelou ser possível e enriquecedora a utilização simultânea de mais de uma escola de ACD. Incluí, então, entre minhas ferramentas teóricas de ACD, as abordagens de Fairclough (2003) e de van Leeuwen (2008, 2009), não negligenciando o trabalho de van Dijk (2009), mas sem o utilizar centralmente como ferramenta de interpretação dos textos gerados pelas entrevistas.

Terminei o projeto inicial apresentado quando da seleção para ingresso como doutorando no PPGHIS-UnB citando Stuart Hall (1992: 282) para dizer que “o momento gera o movimento”. Com isso, alertava para o fato de que todas as ideias e autores ali nomeados haviam me ajudado a pensar o projeto de doutorado. Sobretudo, haviam me ajudado a conduzir e interpretar as entrevistas que realizei para o estudo piloto. Contudo, não poderia garantir que todas aquelas ferramentas e artesãos sobreviveriam às novas entrevistas que teria de realizar e às novas ideias e autores que encontraria pelo caminho. Agora estou seguro no acerto do alerta feito há cinco anos.

Como creio que meu trabalho se insere nos horizontes de pesquisa dos estudos culturais, com os pés fincados no campo da História, argumentei com Grossberg, Nelson e Treichler (1992) que os estudos de cultura não oferecem nenhuma garantia sobre que perguntas em que contextos deverão ser feitas. Por isso não definia irrevogavelmente uma só metodologia a ser seguida, ou não nomeava algumas delas a que me manteria fiel, tampouco poderia excluir *a priori* as que de modo algum usaria. Reafirmo agora a escolha feita e a opção por Feyerabend (2005): o pluralismo metodológico é o que oferece mais possibilidades. Tentei não ter pudores em usar todas e quaisquer abordagens que me ajudassem a pensar meu problema, desde que não houvesse contradições entre elas. Também tentei abrir mão de todo e qualquer conceito definido *a priori*. Não sei se consegui ir tão longe, mas reafirmo a ideia.

No caminho de lá para cá muitos autores e autoras antes desconhecidos surgiram. Uma nova abordagem deu fôlego novo à pesquisa e me levou por caminhos nunca antes pensados. Após pensá-los, pude dizer que os “novos caminhos”, mais que não pensados haviam sido negligenciados, devido a uma ignorância que tornou demasiadamente superficial a proposta de trabalhar com “narrativas” orais, já presente no projeto inicial.

Apesar da indicação no projeto inicial, não havia no levantamento bibliográfico da época nenhum título que tratasse das questões de teoria da narrativa, de suas mudanças e debates desde que a interpretação de narrativas se livrou das amarras do estruturalismo e passou a dialogar com diversas áreas do conhecimento. Depois do chamado *narrative turn* dos anos 1990 (Bamberg, 2009), a narratologia, incluído o estudo das “narrativas orais”, tornou-se um dos

campos mais propícios para o diálogo entre diferentes áreas que se propõem a romper fronteiras dentro de um campo maior que são os estudos culturais. Para Vera e Ansgar Nünning, a abrangência dos estudos de narrativa hoje é uma de suas características mais notáveis.

Viele der neuen Ansätze reimportieren in das einstmal so klar definierte Feld der Narratologie genau jene Kategorien, die dieses um Exaktheit so bemühte Paradigma präziser Wissenschaftlichkeit zuvor bewußt ausgeblendet hatte: die Dimensionen der Geschichte und der historischen Variabilität von Erzählformen, der Ästhetik, der Ethik, der Ideologie, der Interpretation und schließlich die soziokulturelle Dimension, die solche Kategorien wie race, class und gender umfaßt (Nünning; Nünning, 2002:20)⁶⁰

Para Motta (2013), a perspectiva da nova narratologia enfatiza sobretudo a determinação cultural das narrativas, sendo-lhe, portanto, a produção cultural de sentidos um fator prévio. Essa nova narratologia “procura entender como os sujeitos sociais constroem intersubjetivamente seus significados pela apreensão, representação e expressão narrativa da realidade” (Motta, 2013: 79). Assim vejo a construção de minha tese doutoral, ela mesma uma narrativa, enraizada na História, mas se apoiando também em outros troncos – em parte na antropologia, na psicologia e na sociologia, mas sobretudo na linguística, por meio da ACD e na nova narratologia, fortalecida após o *narrative turn* –, buscando a sustentação mais segura possível.

Os “pés fincados na história” são garantidos por um fenômeno que torna siamesa a relação entre história e narrativa: *o tempo tornado humano*, na acepção fundamental de Paul Ricoeur (1994). É a realização do tempo humano, do passado e do futuro que se faz fundamentalmente no presente e essencialmente por meio da narrativa, que torna o olhar histórico, meu olhar por formação e por paixão, adequado ao estudo de narrativas de identidades. Narrativas, embora sobre o passado, se fazem dentro de relações do presente, por isso nos revelam tanto ou mais sobre o tempo em que são construídas, do que sobre o tempo a que se remetem.

Concordo com Amorim quando propõe que “o objeto histórico é o devir ou o vir a ser” (Amorim, 2009: 42) e que “o historiador se conscientizou que trabalha no presente, sendo ele a chave de suas interpretações sobre o passado” (Amorim, 2009: 42). Trocando “imaginários”

⁶⁰ Muitas das novas abordagens trazem de volta para o antes claramente definido campo da narratologia exatamente as categorias que o paradigma de uma cientificidade precisa anteriormente e conscientemente apagou em nome da exatidão: as dimensões da história, da variabilidade histórica das formas narrativas, da estética, da ética, da ideologia, das interpretações e, finalmente, a dimensão sociocultural, que abrange categorias como raça, classe, gênero (Nünning; Nünning, 2002:20).

por “narrativas”, poderia plagiar as palavras da autora quando, em estudo semelhante ao meu, sobre os imaginários da imigração entre Brasil e França, coloca seu objetivo como sendo “*em um primeiro momento, desvelar esses imaginários, que supomos históricos (...). E, em seguida, vislumbrar os seus processos de construção, ao longo da história*” (Amorim, 2009: 26).

As narrativas orais que colhi estão entre as diversas maneiras como a vida é temporalmente organizada, dentro de uma lógica de causalidade. Constituem-se em eventos que representam práticas sociais que nos permitem perceber medos, perspectivas, crenças e valores que perpassam as invenções identitárias. As representações aí cunhadas nos permitem compreender o sentido da experiência vivida pelo indivíduo no seu contexto histórico-social. Thompson (1987: 9-10) afirma que todas as relações humanas devem ser percebidas num processo permanente que resulta tanto da ação humana como dos condicionamentos herdados, ou seja, *as significações da experiência só podem ser “tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistema de valores, idéias e formas institucionais”*.

As interpretações do mundo se manifestam em palavras, imagens e práticas (Pesavento, 2003), assim sendo, entrevistas podem ser tomadas como fontes privilegiadas dessas interpretações e podem permitir ao pesquisador por sua vez interpretar e entender práticas e representações vivenciadas por homens e mulheres comuns a partir de suas experiências cotidianas.

Segundo Castoriadis (1997: 176), a história é impossível e inconcebível fora da imaginação criadora, haja vista ser esta o *locus* onde reside o fazer histórico e a construção de um universo de significações. O ser humano atribui significados a sua vida individual e coletiva a partir de elementos fornecidos pelo “imaginário afetivo”. É por meio desse imaginário que vai sendo construída sua identidade, pois a rede simbólica aí expressa apresenta possibilidades infinitas de constante resignificação das experiências do indivíduo. É dentro de uma ideia de cultura, como significados construídos pelos homens e mulheres para explicar o mundo e lhe atribuir sentidos, que pretendo buscar elementos capazes de auxiliar a compreensão dos modos de (re)invenção cotidiana de identidades por brasileiros e brasileiras vivendo na Alemanha e em Portugal.

O estudo piloto realizado em 2006 serviu não somente para mostrar a viabilidade da execução das ideias que tinha para o doutorado e para colocar o tema em discussão com outros pesquisadores, como também para confirmar as suspeitas de que não precisaria de um número inatingível de entrevistas para dispor de um rico manancial para interpretação. Apoiado nessa experiência preliminar, bem como na literatura já citada, propus no projeto de doutorado a

realização de não mais que 30 entrevistas, devidamente preparadas e conduzidas, para a composição de minhas fontes orais.

O acesso aos/às colaboradores/as para entrevistas na Alemanha se tornou bastante fácil devido ao fato de eu mesmo já ter sido imigrante no país por mais de quatro anos. Bastou então, chegado ao país e pronto para as entrevistas, acionar a rede de amigos e contatos já estabelecida. Assim o fiz, com a indispensável ajuda de minha companheira de caminhadas e pesquisas, quem estabeleceu parte dos contatos e realizou parte das entrevistas, da forma como juntos trabalhamos há mais de uma década.

Como havia me proposto a fazer 30 entrevistas no total, tivemos de nos conter para não ultrapassarmos muito a metade, 15 entrevistas, na Alemanha. A vivência anterior de mais de quatro anos no país, o tempo de cinco meses de que pude dispor e a realização compartilhada das entrevistas deixaram-me em uma situação bastante confortável no que se tratou de conseguir colaboradores/as. Foram realizadas, então, treze entrevistas, que, somadas às cinco entrevistas realizadas em 2006 e que puderam ser aproveitadas, totalizaram mais de 25 horas de gravação (26h20'18", das quais 7h24'24" de entrevistas realizadas em 2006 e 18h55'54" de entrevistas realizadas em 2011). Uma colaboradora foi entrevistada tanto em 2006 quanto em 2011, por isso falo em 18 entrevistas, mas em 17 colaboradores/as. Não houve intenção de "repetir" uma entrevista, houve apenas a coincidência do reencontro e a oferta da colaboradora; não resultou em nada a audição atenta das duas entrevistas, apenas na decisão de trabalhar com apenas uma das duas.

Duas decisões iniciais tiveram de ser arbitrariamente tomadas: estabelecer um critério temporal para a seleção dos/as colaboradores/as e decidir sobre a inclusão ou não de estudantes entre eles/elas. Decidi, em comum acordo com minha orientadora brasileira, que apenas entrevistaria brasileiros e brasileiras que residissem há mais de dois anos na Alemanha. O critério foi estabelecido unicamente baseado em minha própria experiência como imigrante. Creio que dois anos é um tempo suficiente para levar a reflexões mais maduras, mais trabalhadas, sobre a experiência de viver como imigrante. Apostei que, após esse tempo, o não surgimento de processos reflexivos sobre a experiência de viver como imigrante só poderia ser alterado por algum acontecimento de ruptura que independe do correr do tempo. Claro que não tinha, nem tenho, garantia nenhuma sobre isso, mas esse era um critério que deveria ser definido.

Como já havia definido o critério de dois anos de residência, decidi que poderia incluir estudantes, pois o primeiro critério já excluía estudantes intercambistas ou de curso de alemão,

que poderiam ter um perfil mais aproximado a turistas, embora já haja quem levante questionamentos sobre esse tipo de “imigração temporária”. Além disso, é bastante comum que estudantes que cursam graduação ou pós-graduação completa no exterior tendam a permanecer no país se criarem vínculos profissionais mais sólidos do que aqueles porventura já existentes no país de origem, os quais tendem a se enfraquecer. Mesmo entre intercambistas esse é um processo que preocupa alguns pesquisadores.⁶¹

Definidos os dois critérios, voltei às entrevistas de 2006 para pensar o que poderia aprender com elas e como deveria fazer as novas entrevistas. Além de ter sido útil esse exercício no planejamento das novas entrevistas, acabei por me decidir a incorporar ao *corpus* as entrevistas já feitas que atendessem ao critério estabelecido “mínimo de dois anos no país acolhedor”.

Foram incorporadas inicialmente cinco entrevistas de 2006: duas de imigrantes mulheres, estudantes de doutorado pleno na Alemanha, uma de imigrante homem estudante de graduação e três de imigrantes mulheres não estudantes. Das treze entrevistas realizadas em 2011, dez foram com imigrantes não estudantes (quatro homens e seis mulheres), uma com um imigrante estudante de graduação e duas com imigrantes esposas de imigrantes brasileiros estudantes de doutorado pleno. Estas últimas foram incorporadas devido às latentes e não antes pensadas questões de gênero que surgiram no decorrer das entrevistas, de forma que não pude ignorá-las.

A primeira entrevista foi realizada no dia 15 de setembro, após um mês e meio de preparação que me fez sentir seguro para o início das entrevistas. Mesmo assim, após a primeira entrevista, alguns ajustes foram feitos, o que resultou no roteiro de entrevistas exposto no apêndice desta tese.

As entrevistas eram livres. Explicávamos⁶² previamente aos/às colaboradores/as sobre o que tratava a pesquisa e, no início da gravação, solicitávamos que contassem suas trajetórias de vida, pensando-as em quatro etapas: passado, imigração, presente e futuro. Essa era basicamente a única orientação dada. Durante a narração observávamos se os aspectos listados no roteiro de entrevista elaborado eram abordados, quase sempre o eram, mas, se não entravam espontaneamente nas narrativas, poderiam ser objeto de perguntas feitas durante as entrevistas. Essa foi uma decisão também difícil de ser tomada, mas da qual agora estou muito seguro: as

⁶¹ Ver, por exemplo, Contel; Lima, 2011.

⁶² Não se trata aqui do “nós majestático” ainda usado em teses em tom de impessoalidade e neutralidade. O tom pessoal e engajado de meu texto não me permite pagar esse tributo à ciência. Uso o nós, pois, como disse, as entrevistas foram realizadas por mim e por minha companheira, também acostumada ao trabalho com entrevistas.

perguntas eram feitas de acordo com as histórias contadas, observando-se o roteiro prévio que havia sido elaborado. Essa postura foi fundamental para permitir que as narrativas se desenvolvessem de forma fluída. Claro que mais fluídas em alguns casos que em outros. Como argumenta Verena Alberti:

em um trabalho de história oral, a biografia, a trajetória do indivíduo, não é coisa dada, mas construída à medida mesmo em que é feita a entrevista. Se a pessoa tem o costume de refletir sobre sua vida, provavelmente já tem uma espécie de sentido cristalizado para alguns acontecimentos e percursos e pode preferir relatar esses, em vez de outros. Isso não quer dizer que aquele sentido seja falso (...). É preciso ter claro, contudo, que ele não é a única possibilidade (Alberti, 2000: 05).

Nem todos/as os/as entrevistados/as desenvolveram suas narrativas com a mesma facilidade e desenvoltura, mas, em quase todos os casos, a postura de ouvinte, muito mais do que de inquiridor/a, tornou as entrevistas mais fluídas durante seu desenrolar.

Outra postura que auxiliou bastante o clima de confiança alcançado em quase todas as entrevistas foi derivada diretamente da leitura de um texto de história oral, um relato sobre trabalho de campo que veio parar em minhas mãos. “Acaso” que também me incentivava a fazer eu mesmo o relato mais detalhado de minha própria experiência. Strandén (2009) descreve como conseguiu criar um clima de confiança durante a realização das entrevistas de seu trabalho de doutorado. Entre os pontos destacados afirma que:

I also showed clearly that I really wanted to find things out, things of which I did not know that much and that I did not just want to verify facts that were previously known to me (Strandén, 2009: 10)⁶³

Essa postura deriva da recusa em trabalhar com hipóteses, já apontada. Além disso, é fundamental a clareza de que o uso da história oral como metodologia de produção do conhecimento histórico e a interpretação de narrativas como base da compreensão de fenômenos culturais não se propõem, ou não deveriam se propor, a testar a veracidade dos fatos; mais que os fatos, é a própria narrativa o que importa, ou, conforme Bruner:

Narrative is a conventional form, transmitted culturally and constrained by each individual's level of mastery and by his conglomerate of prosthetic devices, colleagues, and mentors. Unlike the constructions generated by logical and scientific procedures that can be weeded out by falsification, narrative constructions can only

⁶³ Também mostrei com clareza que eu realmente queria descobrir as coisas a respeito das quais eu não conhecia muito, e que não queria apenas verificar fatos que já me eram previamente conhecidos” (Strandén, 2009: 10).

achieve "verisimilitude." Narratives, then, are a version of reality whose acceptability is governed by convention and "narrative necessity" rather than by empirical verification and logical requiredness, although ironically we have no compunction about calling stories true or false (Bruner, 1991: 4-5)⁶⁴

É a narrativa o que importa em um trabalho no campo dos Estudos Culturais. Quais as marcas culturais presentes, o interdiscurso, a memória cultural que levam à escolha dos elementos narrados; é isso, e nunca a veracidade dos fatos, o que permite uma relação de diálogo horizontal, de olhos nos olhos, entre entrevistador/a e seus/suas colaboradores/as. No meu estudo, não me interessa a narrativa como obra literária fechada, mas o que ela permite revelar da cultura. É por isso que, mesmo lançando mão de métodos de análise linguística e de narrativas, que me são muito úteis, o objetivo da interpretação torna esse estudo um estudo de cultura, de história cultural, e não de linguística *stricto sensu*.

Após a primeira entrevista, as outras se seguiram por cadeia de indicações e por contatos previamente estabelecidos. Creio ser muito relevante ressaltar como pode ser importante a cadeia de indicações na busca de colaboradores/as. Em uma das entrevistas na Alemanha, por exemplo, foram indicados contatos e referências de brasileiros/as em Portugal, algo que poderia ter sido usado nas entrevistas nesse país. Creio também ser relevante apontar para certo aspecto de homogeneidade entre as entrevistas conseguidas na Alemanha, o que não se repetiu em Portugal. Na Alemanha, em vários aspectos, como gênero, procedência no Brasil, idade, razões da migração etc., consegui uma amostra bastante heterogênea, mas em um aspecto o grupo foi bastante homogêneo: escolaridade. Todas/os as/os colaboradoras/es chegaram a frequentar um curso superior, seja no Brasil ou na Alemanha, ainda que nem todas/os tenham concluído seus estudos. Na falta de qualquer estudo de fôlego, seja qualitativo ou quantitativo, sobre a imigração brasileira para a Alemanha, restou-me especular sobre esse dado observado (Talvez o idioma afaste imigrantes com menor escolaridade? Talvez o imaginário sobre o sistema de ensino alemão atraia imigrante com maior escolaridade?), já que no breve trabalho com as estatísticas oficiais do governo alemão sobre a imigração brasileira na Alemanha, bem como com as estimativas realizadas pelo governo brasileiro, não pude ver nada nos números que permitisse arriscar alguma interpretação para esse caráter de homogeneidade, para além das

⁶⁴ A narrativa é uma forma convencional, culturalmente transmitida e constrangida pelo nível de domínio de cada indivíduo e pelo seu aglomerado de dispositivos protéticos, colegas e mentores. Diferentemente das construções geradas a partir de procedimentos lógicos e científicos que podem ser extirpados por falseamento, as construções narrativas apenas podem alcançar a "verossimilhança". As narrativas, assim, são versões da realidade, cuja aceitabilidade é regida por convenções e por uma "necessidade narrativa", e não por uma verificação empírica e uma exigência lógica. Apesar disso, ironicamente, não hesitamos em afirmar que as histórias são verdadeiras ou falsas (Bruner, 1991: 4-5).

especulações baseadas em minha limitada experiência. Embora não tenha podido me dedicar a isso nesta tese, este é um trabalho que gostaria de ver um dia ser feito.

Após a quarta entrevista, outro aspecto não imaginado se mostrou presente de forma incontornável: só havia conseguido entrevistas com brasileiras e três delas eram casadas com alemães e por isso residiam na Alemanha. Foi o primeiro momento em que pensei nos dados estatísticos. Fui atrás deles; até então os havia evitado, pois a pesquisa é inteiramente qualitativa. Contudo, senti nesse momento necessidade de informações quantitativas que talvez pudessem ajudar a entender um pouco a razão de eu só encontrar brasileiras a serem entrevistadas. Dedico parte de dois capítulos a reflexões sobre os números e estimativas encontradas, mas cabe neste parágrafo dizer que cerca de 75% dos/as brasileiros/as registrados/as como imigrantes na Alemanha são mulheres, e dessas 41,34% são casadas com alemães. Segundo dados do *Statistisches Bundesamt*⁶⁵ válidos para o ano de 2010, proporções tão desequilibradas entre homens e mulheres registrados como imigrantes na Alemanha (taxa de imigração feminina acima de 70%) são encontradas apenas entre brasileiras, finlandesas, tailandesas e filipinas (Destatis, 2011).

O acontecimento inesperado me levou a duas atitudes, uma prático-metodológica e outra teórica. Tive de deixar a cidade de Jena e vizinhanças, onde até então haviam sido feitas as entrevistas e outras haviam sido marcadas, para ir a Berlim, onde procurei e encontrei brasileiros que concordaram em colaborar com a pesquisa. Até então, em Jena havia conseguido contato com apenas um brasileiro, e ele estava reticente em colaborar, o que acabou fazendo mais tarde.

A outra atitude foi optar por incluir em minhas reflexões questões de gênero. Embora isso não tenha sido previsto em meu projeto de doutorado, as entrevistas novamente impuseram uma abordagem não planejada.

Como argumenta Amesberger:

Thus, we (researchers and interviewers) contribute to the process of doing gender. We cannot avoid it. Not including gender as a societal relevant category would mean to neglect existing power relations and inequalities (...). Avoid gender sensitive questions will not save the problem (Amesberger, 2009: 74).⁶⁶

⁶⁵ Órgão oficial de estatística da Alemanha.

⁶⁶ Assim, nós (pesquisadores/as e entrevistadores/as) contribuimos para o processo de construção de gênero. Não podemos evitá-lo. Não incluir o gênero como uma categoria social relevante significaria negligenciar as relações de poder e desigualdades existentes (...). Evitar questões sensíveis de gênero não salvará o problema (Amesberger, 2009: 74).

Resolvi então não evitar as questões sensíveis de gênero que se impuseram, o que demandou novo trabalho de pesquisa bibliográfica e o adentramento em um espaço de discussão que até então via com simpatia e apreciava como justo e relevante, disso não há dúvidas, mas sem nenhum comprometimento pessoal, devo confessar.

Passados mais de dois meses na Alemanha, decidi rever a ideia inicial de fazer uma viagem de 15 dias a Portugal para realizar as entrevistas com imigrantes brasileiros/as aí instalados. Preocupou-me o fato da grande disparidade que poderia existir entre as entrevistas feitas na Alemanha em um período confortável de tempo, partindo de uma rede de contatos previamente estabelecida, e as entrevistas realizadas em Portugal a toque de caixa. Resolvi deixar as entrevistas em Portugal para serem realizadas em um momento posterior, deixando mais tempo não só para a condução das entrevistas, mas para sua preparação.

Um ano após essa decisão, em dezembro de 2012, estava em Portugal para uma produtiva temporada de dois meses, que foi marcada por nove instigantes entrevistas, além de contatos acadêmicos enriquecedores, sobretudo com Carlos Gouveia, professor da Universidade de Lisboa, com quem pude partilhar e resolver dúvidas relativas à ACD como opção metodológica. Agendei entrevistas antes mesmo de estar em Portugal, mas as entrevistas agendadas previamente acabaram não sendo realizadas. Chegamos de fato aos/às entrevistados/as por outros caminhos, diria eu, mais poéticos: palavras em “brasileiro” ouvidas no transporte público, na vizinhança ou em um café nos levaram a entrevistas excepcionais e, a partir delas, a novas entrevistas. Pela primeira vez usei também as redes sociais da internet para contatar pessoas e consegui agendar uma longa entrevista utilizando dessa possibilidade.

Em Lisboa, sete das nove entrevistas realizadas foram conseguidas em locais públicos por meio da abordagem de pessoas que ouvíamos falando brasileiro. Na realidade, como em Lisboa o costume dos ouvidos faz com que ouçamos ao início tanto ou mais brasileiro do que português, foram inúmeras as abordagens realizadas, algumas delas terminaram em recusa a um encontro posterior para uma entrevista; outras poucas em entrevistas marcadas, mas não realizadas; e muitas em entrevistas adiadas, vários telefonemas trocados e, ao fim, na não realização da entrevista.

Todas as nove entrevistas realizadas foram agendadas pessoalmente e realizadas em datas posteriores ao agendamento em situações julgadas mais adequadas. Seis foram realizadas com brasileiros/as empregados/as no comércio e abordados em seus locais de trabalho (cafés, lanchonetes, loja de decoração e restaurante); uma foi realizada com brasileira abordada no transporte público (foram feitas várias abordagens em transporte público e em espaços de lazer,

mas apenas essa se consolidou em uma entrevista); uma foi feita pessoalmente após contato por rede social na internet; e uma foi feita com estudante contatado diretamente na universidade. Foram ao todo mais de 8 horas de gravação, com seis entrevistadas e três entrevistados.

Outras questões correlatas que tive de resolver foram a de trabalhar com um número disperso de entrevistas individuais com um enfoque de interpretação social e não psicológica, complicado pelo fato de trabalhar com um volume relativamente grande de fontes a partir de metodologia de interpretação no detalhe. Mesmo antes de haver gerado 30 horas de entrevista de trajetórias de vida na Alemanha e em Portugal, as horas de gravação geradas só na Alemanha já superavam o limite da capacidade de aqui interpretá-las com as metodologias escolhidas, o que implicava a necessidade de selecionar as entrevistas, a necessidade de um segundo recorte para além da primeira seleção de critérios de escolha dos/as colaboradores/as de pesquisa.

Esta questão me acompanhou durante quase todo o percurso do doutorado, fortaleceu-se após a qualificação, quando contava com cerca de 20 horas de gravação e só foi em parte solucionada após eu ser obrigado pelos fatos a aceitar que eu não trabalhava *a priori* com grupos, mas com subjetividades idiossincráticas e particulares, que, mesmo assim, continuavam me interessando na medida em que, ao deixarem perceber marcas de pertencimento, como os de classe e de gênero, por exemplo, permitiam revelar traços coletivos de uma memória cultural em parte compartilhada. Por abordar essas idiossincrasias a partir de um ponto de vista que lida com o social e com o coletivo, e não apenas o individual, as fontes orais geradas individualmente permitem identificar imaginários compartilhados, ainda que de perspectivas diferentes ou antagônicas, e experiências comuns.

Sobre a segunda seleção das entrevistas a serem interpretadas entre as entrevistas realizadas, fiz todas as contas que pude imaginar para tentar chegar a um recorte objetivo das entrevistas geradas na Alemanha, tentei fazer isso antes de partir para Portugal, pois havia decidido que, alcançado um recorte objetivo com as entrevistas da Alemanha, seguiria o mesmo padrão na realização das entrevistas em Portugal, que não teriam sido então entrevistas com qualquer imigrante do Brasil, mas sim com imigrantes com perfis semelhantes aos definidos pelo recorte com as entrevistas da Alemanha.

Pensei a princípio em abrir mão de todas as entrevistas realizadas em 2006, ficando então com as treze entrevistas de 2011. Voltei então às entrevistas e decidi que não poderia fazer isso, não poderia empobrecer as fontes em nome de um critério arbitrário de objetividade. Há entrevistas de 2006 que são extremamente reveladoras! Algumas me renderiam interpretações que não conseguiria com as entrevistas de 2011.

A segunda tentativa foi construir com minhas entrevistas um microcosmo representativo do todo. A ideia era selecioná-las percentualmente cruzando dados dos números oficiais alemães sobre os/as imigrantes brasileiros/as. Não fui muito longe no intento, pois ele se mostrou logo ao início inviável. Como construí um *corpus* de entrevistas aleatoriamente, só por uma coincidência muito grande conseguiria torná-lo representativo estatisticamente após ter sido construído e, mesmo se o conseguisse, estaria inevitavelmente entrando em contradição com os princípios teóricos metodológicos que haviam guiado a pesquisa até então. Como dizem os que não sabem rimar: teria sido pior a emenda que o soneto.

Para não correr o risco de ter que dizer o oposto de tudo o que havia dito antes, abandonei a ideia da construção de um recorte estatístico, considerando os números externos ao problema e parti para a tentativa de um recorte estatístico interno. A ideia era reduzir estatisticamente a quantidade de fontes usando ao menos quatro distintas categorias: gênero, escolaridade, região de origem no Brasil e justificativa da residência na Alemanha. O *corpus* reduzido arbitrariamente a nove ou 10 entrevistas deveria manter proporções aproximadas ao *corpus* original de 18 entrevistas. Dois problemas surgiram: 1) o matemático que procurei para fazer isso me afirmou ser a tarefa matematicamente impossível de ser feita; 2) se conseguisse fazer a redução estatística, teria números, mas quais entrevistas ficariam e quais seriam cortadas, mesmo que de acordo com os critérios estabelecidos, continuaria sendo uma decisão subjetiva. Nesse momento creio que acordei do pesadelo positivista que me atormentava e desisti de buscar um caminho da objetividade para esta etapa da pesquisa.

Após a terceira tentativa – todas elas me tomaram tempo e sono e, felizmente, fracassaram –, voltei ao início, aos fundamentos, quer dizer, às bases teórico-metodológicas e à assunção essencial da subjetividade em meu trabalho. Na verdade, talvez tenha sido sempre um fator subjetivo, mais do que um impedimento técnico, que impossibilitou as três tentativas de redução do *corpus* de entrevistas. Na primeira tentativa isso é bastante claro: não poderia abrir mão de entrevistas que subjetivamente considero muito boas, essenciais, pois, ao meu trabalho de interpretação. Nas segunda e terceira tentativas, o critério aleatório inicial impedia a exata redução por meio de um recorte estatístico e, pior, esse recorte também ameaçava algumas entrevistas essenciais, pois algumas das entrevistas conseguidas não foram dadas por indivíduos medianos e representativos/as de um extrato social determinado e talvez por isso sejam muito ricas, exatamente por sua singularidade.

Não creio que nesse ponto as fontes orais se diferenciem muito de outras fontes mais tradicionais, pois o uso das fontes se vincula e está determinado pelo aparato teórico-

metodológico manejado para interpretá-las. Se não estou trabalhando com séries, pode vir a ser menos importante o ordinário que o excepcional, mesmo que aquele em certa medida também me importe. Se estou trabalhando com experiências e trajetórias de vida narradas, não posso excluir uma narrativa preñe de significados e representações por não ser ela pertencente a nenhum dos grandes recortes de pertencimento “objetivamente” delimitados; isso teria sido uma grande incoerência.

Tendo as tentativas falhas me levado a essas reflexões, fui salvo pela terceira vez durante o percurso dessa pesquisa pela historiadora Verena Alberti. Para decidir quais entrevistas manteria e quais não utilizaria, trabalhei exclusivamente com a ideia de “passagens citáveis” de Alberti.⁶⁷ Assim, nos capítulos nos quais proponho vislumbrar o horizonte de possibilidades latentes desenhados pelas narrativas dos/as entrevistados/as, utilizo todas as entrevistas que tenham aos meus ouvidos ao menos uma passagem citável para pensar respostas para as perguntas geradoras dessa pesquisa. Nos capítulos em que trabalho com uma entrevista desses horizontes, escolhi aquela que apresentou quantidade maior de passagens citáveis, com as quais talvez fosse possível escrever outra tese com o mesmo tema.

Após delimitar as entrevistas usando o critério das “passagens citáveis”, trabalhei então com a interpretação de 10 entrevistas feitas na Alemanha, tendo sido cinco delas realizadas em 2011 e cinco em 2006, e com as nove entrevistas realizadas em Portugal (ver Tabelas 0.1 a 0.4 na Introdução). Sobre as duas entrevistas realizadas com a mesma pessoa em dois momentos diferentes, 2006 e 2011, como não havia diferenças significativas entre as duas narrativas, resolvi simplesmente manter a entrevista original. Durante a audição das entrevistas e suas interpretações, resolvi ainda agregar uma das entrevistas feitas na Alemanha à interpretação conjunta das entrevistas feitas em Portugal. Isso porque esse colaborador tem uma experiência dupla de imigração em Portugal e na Alemanha, e sua narrativa muito evidentemente se refere mais às experiências de imigração em Portugal do que às experiências de imigração na Alemanha: suas experiências na Alemanha são quase sempre utilizadas como comparação às experiências em Portugal, que esse colaborador escolheu como centrais em sua narrativa.

Claro que o julgamento sobre quais passagens são citáveis ou não é subjetivo, o que se adéqua sem contradições à empreitada aqui realizada. Claro também que estou ciente de que as entrevistas não utilizadas por não terem para meus ouvidos “passagens citáveis” que me ajudassem a pensar sobre as perguntas propostas podem, para outros ouvidos e outras perguntas, ser uma grande e instigante “passagem citável”, mas esse é um dos ônus da assunção da

⁶⁷ Ver definição de “passagens citáveis” na Nota de Rodapé 18.

subjetividade: é a mim que cabem as interpretações, e todas elas são feitas na medida de minhas possibilidades e de minhas limitações. Sobre a validade da decisão tomada, valho-me outra vez de Lister e Wells (2001), para argumentar que seus êxitos devem ser julgados em termos de sua coerência e seu rigor metodológico, em termos da responsabilidade do uso que se faz dessas fontes, de acordo com a proposta teórico-metodológica defendida.

Como consequência do critério de escolha das entrevistas utilizadas, abandonei a ideia de buscar em Portugal entrevistados/as com o perfil semelhante aos dos/as colaboradores/as da Alemanha e segui o mesmo critério de entrevistas aleatórias usado na Alemanha, mantendo-se o critério mínimo de dois anos de migração. Busquei apenas uma equivalência de gênero e uma proximidade no número total de entrevista. Havia selecionado 10 das entrevistas da Alemanha para serem utilizadas e consegui nove em Portugal. Uma única diferença no processo de entrevistas de Portugal foi o controle simultâneo do critério de “passagens citáveis”. Logo após cada entrevista, esta era julgada sob esse critério e logo era tomada a decisão sobre se seria ou não utilizada. Das entrevistas realizadas em Portugal, não houve nenhuma não utilizada.

Creio que devo ainda explicar o porquê da decisão de entrevistar brasileiros e brasileiras em Portugal e na Alemanha e não nos Estados Unidos ou na China, ou em qualquer outro lugar do mundo.

Só fui confrontado com a razão por trás de todo esse empreendimento, com os motivos que me levavam a trabalhar com esse tema, quando procurava por um Programa de Pós-Graduação no qual minha ideia de pesquisa se encaixasse. Em uma dessas buscas, ouvi que, com algumas adaptações, poderia levar meu projeto a um determinado programa. A principal adaptação seria justificar a relevância do projeto com dados concretos, pois não poderia defender o tema “apenas” por ter morado na Alemanha e ter uma relação pessoal inegável com a imigração de brasileiros para o país. Ouvi que, embora fosse essa uma boa razão, isso não poderia servir de justificativa, deveria buscar números que justificassem o trabalho. Quem sabe se a migração brasileira para a Alemanha pudesse ser considerada percentualmente relevante? Isso seria uma boa justificativa. A pergunta que me faço hoje é: quem sabe não foi essa conversa que me levou a evitar toda e qualquer abordagem quantitativa, mesmo que por curiosidade, até o dia em que uma visão dos números, mesmo que geral, se mostrou pertinente?

Na sua crítica à produção do conhecimento pela ciência moderna, aqui já tantas vezes citada⁶⁸, Boaventura Santos aponta para o quantitativismo como outra das características

⁶⁸ Ainda que as ideias seminais de *Um discurso sobre as ciências* tenham sido posteriormente aprofundadas (Santos, 1989), desdobradas (Santos, 2010b) – pelo próprio Boaventura, como também por pares e colaboradores/as (Santos, 2006) – e revistas (Santos, 2011), sobretudo no que diz respeito às apostas iniciais sobre

marcantes desta forma de conhecer, que, no juízo de Boaventura, encontra-se em uma crise com claros sinais de transição.

Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. (Santos, 2010: 27)

Que não restem dúvidas: esse projeto só surgiu, e só foi desenvolvido, devido a minha experiência pessoal como imigrante na Alemanha, aliada a minha formação acadêmica, que me levou a refletir sobre essa experiência e a pensá-la em termos de construção cultural de sentidos, que pode ser compartilhada por pessoas oriundas de lugares, experiências e culturas de forma alguma idênticas, mas que podem ou não se tornar próximas frente a novos lugares, experiências e culturas bastante novas. As razões são completamente subjetivas e isso não impede que o projeto seja relevante e que possa contribuir para revelar aspectos das possibilidades culturais vivenciadas por brasileiros e brasileiras residentes na Alemanha e em Portugal, independentemente de quantos forem.

Da Alemanha para Portugal fui conduzido pelo que chamei de “minha formação acadêmica”. Quando fui à Alemanha, havia acabado de entregar minha dissertação de mestrado na Universidade de Huelva, Espanha, e deveria esperar até seis meses para a defesa. O tempo na Alemanha foi então, a princípio, de espera e de acompanhamento de minha companheira, que aí realizava seu mestrado. Após a defesa da dissertação na Espanha e com o domínio mínimo do idioma alemão, foi-me oferecida a possibilidade de trabalhar na Universidade de Jena. Decidimos então ficar na Alemanha. Após a decisão de ficar por tempo indeterminado, não demorou muito para que fosse buscar em leituras e discussões pistas para interpretar as novas experiências que vivia. Pude ministrar três cursos na Universidade de Jena que tinham como tema central ou secundário a consolidação do Brasil como nação durante as primeiras décadas do período republicano. Voltei a leituras mais profundas e amadurecidas de autores clássicos do pensamento social brasileiro, como Oliveira Vianna (1923), Nina Rodrigues (1945), Manoel Bonfim (2005) e Gilberto Freyre (2006a, 2006b), este último já então reerguido ao Olimpo. Nessas releituras, voltei obviamente a *Raízes do Brasil* e isso teve grande impacto no desdobrar de minhas reflexões. Foi de *Raízes do Brasil* que surgiu a ideia de levar a pesquisa

o paradigma emergente, é este pequeno grande livro que tem me inspirado desde sua leitura em meados da década de 1990. Por isso e também pelo fato de as ideias que trago para minha tese não terem sido revistas nos trabalhos posteriores, faço uso delas sem a preocupação de me remeter aos trabalhos mais recentes de Boaventura de Sousa Santos.

para Portugal, para entender as construções identitárias de brasileiros frente aos europeus ibéricos, em contraste com as construções frente aos europeus do norte.

Devido a isso, mas também ao importante papel que têm os portugueses na invenção da nacionalidade brasileira – como argumento no decorrer da tese, sobretudo ao abordar as obras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda –, decidi realizar entrevistas com brasileiros/as vivendo em Portugal, na “Europa ibérica”, que teria ajudado a construir por equiparação o “caráter nacional brasileiro”. Em sentido complementar à “Europa do norte”, que serviria de contraste ao ser-brasileiro. A escolha não é aleatória, é apenas o desenrolar do meu ponto de partida, que eu mesmo redescobri ao experienciar a situação de imigrante na “Europa do norte”, qual seja, a interpretação da formação da nacionalidade brasileira que faz Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* e o contraste feito entre ibéricos e europeus do norte. Fui parar em Lisboa pelas mãos de Sérgio Buarque, que um dia também esteve na Alemanha, o que tem influência decisiva em seu trabalho e, quiçá, em sua interpretação do Brasil.

Capítulo 2 O cenário: a era das migrações

*Pa' una ciudad del norte
Yo me fui a trabajar
Mi vida la dejé
Entre Ceuta y Gibraltar
(Manu Chao)*

2.1 No mundo

“*The age of migration*”, esse é o título de impacto de uma das obras de referência nos estudos sobre as migrações contemporâneas publicada pela primeira vez em 1993 (Castles e Miller, 1993) e pela quinta vez em 2014 (Castles, Miller e de Haas). Cinco edições em 10 anos, um autor, cinco capítulos e cerca de 100 páginas a mais, além de um site que, a partir da quarta edição, traz dados, mapas, referências de pesquisa e outras informações adicionais (www.age-of-migration.com), servem como exemplo da intensidade que ganhou na última década os estudos sobre os processos migratórios contemporâneos. Servem também como indicador da relevância cada vez maior que vem sendo dada a esses processos na última década, algo que estava intencionalmente claro no título escolhido para a publicação de 1993, quando, segundo os autores, as reflexões sistemáticas em alto nível sobre as migrações internacionais apenas há pouco haviam começado a se desenvolver:

It was only in the late 1980s that international migrations began to be accorded high-level and systematic attention (...). Against the backdrop of the enormous changes associated with the end of the Cold War period, and the groping efforts to inaugurate a ‘New World Order’, the significance of international migration as a major determinant of global politics was finally coming in focus (Castles, Milles, 1993: 9-11).⁶⁹

Já nesta primeira edição, Castles e Miller argumentam que embora migrações internacionais não sejam uma invenção do final do século XX, pois migrações fazem parte da história da humanidade desde sempre, há algo de especial nas migrações internacionais a partir da segunda metade do século XX:

⁶⁹ Foi apenas no final da década de 1980 que as migrações internacionais começaram a receber uma atenção de alto nível e sistemática (...). Contra o pano de fundo das enormes mudanças associadas ao fim do período da Guerra Fria, e dos esforços incipientes para inaugurar uma “Nova Ordem Mundial”, a importância das migrações internacionais como um determinante central da política global estava, enfim, recebendo um enfoque (Castles, Milles, 1993: 9-11).

International migration has grown in volume and significance since 1945 and most particular since the mid-1980s. The perspective for the 1990s and the early part of the next century is that migration will continue to grow, and that it is likely to be one of the most important factor in global change. (Castles, Miller, 1993: 4)⁷⁰

A perspectiva da “era da migração” é acompanhada por vários outros estudos que se multiplicaram desde então. No Brasil, a demógrafa e pioneira nos estudos dos processos migratórios internacionais contemporâneos, Neide Patarra, fala na “explosão” da questão migratória internacional (Patarra, 2006: 8), e cita a mesma passagem de Castles e Miller ao descrever os eventos que levaram à explosão. Para sustentar o argumento da “explosão”, Patarra cita também o sociólogo alemão Robert Kurz para quem:

Die heutige Situation der Welt ist sehr stark von zwei Erscheinungen bestimmt: Zum einen von den Weltordnungskriegen und globalen Polizeiaktionen des Westens unter Führung der USA, zum anderen von zahlreichen und weltweiten Migrationsbewegungen, wie es sie in dieser Größenordnung wahrscheinlich nie zuvor gegeben hat⁷¹. (Kurz, 2005: s/p)

Ainda que Kurz desenvolva uma crítica às abordagens “culturalistas” e “ontológicas” dos estudos migratórios em favor de uma abordagem sociológica concreta – crítica que, se levada ao extremo, pode ser aplicada também a esta tese –, a reverência dada pelo sociólogo marxista à migração internacional contemporânea nos serve também como indicador da relevância desses processos, pois a “reverência” às migrações internacionais não parte apenas dos estudiosos e estudiosas dedicadas ao tema. Sendo entre estes últimos uma unanimidade, as dimensões do processo já chamam a atenção de outros observadores das relações sociais contemporâneas. Certamente Kurz tem razão ao afirmar que a migração não é um processo que pode ser explicado por si mesmo, nem é um processo de mudança puramente cultural. Obviamente que a escala alcançada pelas migrações internacionais nas últimas décadas está diretamente relacionada ao contexto de reestruturação produtiva e à globalização da economia, mas todos estes processos têm também impactos e influências de aspectos culturais que merecem ser entendidos. A compreensão do papel da cultura nas migrações internacionais,

⁷⁰ As migrações internacionais aumentaram em volume e importância desde 1945, e, mais especificamente, desde meados dos anos 80. A perspectiva para os anos 90 e o início do próximo século é de que as migrações continuarão a crescer, e de que provavelmente se tornem um dos mais importantes fatores de mudança global (Castles, Miller, 1993: 4).

⁷¹ A situação atual do mundo é fortemente determinada a partir de dois fenômenos. De um lado, pelas guerras de ordenamento mundial e ações policiais globais do Ocidente sob a liderança dos EUA; por outro lado, pelos movimentos migratórios volumosos e globais de uma ordem e de um tamanho, provavelmente, nunca vistos antes. (Traduzido em Patarra, 2006)

pode, por exemplo, levar a interpretações bastante distintas das esboçadas por Kurz sobre o papel de migrantes internacionais numa possível transformação da ordem mundial.⁷²

Sobre os processos políticos que impulsionaram o incrível aumento do volume das migrações internacionais nas últimas três décadas, eles são vários, mas se remetem de uma forma ou de outra ao fim da Guerra Fria e à queda do leste europeu. A reordenação geopolítica das décadas de 1980 e 1990 incluem a dissolução da União Soviética; a Guerra de George Bush no Golfo Pérsico; o fim do Apartheid na África do Sul; inúmeras guerras no continente africano; o fenômeno dos Tigres Asiáticos; a “redemocratização” da América Latina e do leste europeu; a ascensão dos Talibãs e a Guerra do Afeganistão, entre outros. Para Castles e Miller, todos esses eventos se relacionam de diversas formas aos movimentos populacionais contemporâneos.

Sobre os processos econômicos, a desregulamentação e reestruturação produtiva acionada a partir dos anos 1980 e seus impactos e alterações no mundo do trabalho e nos modos de produção do capitalismo contemporâneo; a consolidação de blocos econômicos, sobretudo da União Europeia; o espetacular avanço tecnológico nas áreas de transporte e comunicação, todos eles eventos de um mesmo processo histórico, devem também ser entendidos como detonadores da “explosão” dos processos migratórios apontada por Patarra (2006).

Castles e Miller abrem a primeira edição de *The age of migration* com descrições de eventos históricos que ainda povoavam nossas mentes na década de 1990: os violentos distúrbios de maio de 1992 em Los Angeles após o espancamento de um motorista negro por policiais; os atentados neonazistas a albergues de refugiados na Alemanha; os campos de concentração da Sérvia; o movimento de refugiados africanos ou no sudoeste da Ásia; a intensificação das travessias irregulares e dos naufrágios no Mediterrâneo etc. Para os autores, “*all of these happenings were linked to mass international population movements and to the problem of living together in one society for ethnic groups with diverse cultural and social conditions*” (Castles e Milles, 1993: 2).⁷³

⁷² Não tenho como deixar de mencionar, nem que seja em nota de rodapé, as curiosas reflexões a que chega Kurz no final deste seu artigo, em que demonstra esperança no papel revolucionário de uma possível “classe migrante” (expressão minha), que não cometa os mesmos erros da classe operária em seu percurso revolucionário. Há que se levar em conta que o texto de Kurz foi apresentado no Fórum Social Mundial de Porto Alegre e que as migrações internacionais contemporâneas não fazem parte de seus temas de estudos, mas não deixa de ser interessante notar como as migrações internacionais vêm acionando imaginários diversos na contemporaneidade, mais uma demonstração de sua relevância.

⁷³ Todos esses eventos estiveram ligados aos movimentos internacionais de populações em massa e ao problema da coexistência de grupos étnicos com condições culturais e sociais diversificadas em uma mesma sociedade (Castles e Milles, 1993: 2).

Na quinta edição do livro, os eventos elencados na abertura são outros: a eleição de Barak Obama nos Estados Unidos da América; o massacre na Ilha de Utoya com 69 mortos em um acampamento juvenil do Partido Trabalhista na até então imaginada pacata Noruega; os contínuos e cada vez mais dramáticos naufrágios no Mediterrâneo; a eleição de Sarkozy seguida da volta do Partido Socialista ao poder na França em 2012 etc. são exemplos trabalhados por Castles, Miller e de Haas como *stark reminders of the continuing political salience of immigration and ethnic diversity – but also of the political risks of playing the ‘race card’* (Castles, Miller, de Haas, 2014: 2).⁷⁴

Em ambas as edições, os autores são bastante convincentes em expor toda a complexidade, tamanho e importância das migrações internacionais contemporâneas, que justificam a hipérbole da “era das migrações” e a adesão dos estudos sobre migração e sobre migrantes a essa perspectiva. As migrações internacionais desempenham então um papel central nas relações sociais contemporâneas em nível global, têm suas causas vinculadas aos fenômenos mais estruturais do sistema capitalista em sua atual fase de desenvolvimento e crise, têm como efeitos alterações demográficas desafiadoras, redefinição do mundo do trabalho e das relações entre classes, questionamento a critérios clássicos de pertencimento e identidade e, sobretudo, uma constante ameaça ao Estado-Nação que sustentou e sustenta os sistema capitalista até o presente momento e embasou a compreensão do sistema mundo, ao menos para nós ocidentais, no último século. Ainda com Castles e Miller, concordo que:

Most serious is the challenge to national identity presented by growing diversity. The nation-state, as it has developed since the eighteenth century, is premised on the idea of cultural as well as political unity (...) this unity has often been fictions, but it has provided powerful national myths. Immigration und ethnic diversity threaten such ideas of the nations, because they create a people without common ethnic. (Castles e Milles, 1993: 14)⁷⁵

Mais do que criar um povo sem unidade étnica, o aumento da diversidade acarretado pelas migrações força ao reconhecimento da reinvenção dessas identidades e da necessidade de uma nova ficção que precisa ser negociada. Se os grandes fluxos migratórios dos séculos XIX e XX puderam ser absorvidos na invenção das nações que recebiam os imigrantes de outrora

⁷⁴ Fortes lembretes da contínua saliência política da imigração e da diversidade étnica – mas também dos riscos políticos de se valer da ‘cartada racial’ (Castles, Miller, de Haas, 2014: 2).

⁷⁵ O desafio que o crescimento da diversidade apresenta para a identidade nacional é extremamente sério. O Estado-Nação, assim como se desenvolveu desde o século XVIII, tem como premissa a ideia de unidade cultural, bem como política. (...) Essa unidade tem sido com frequência uma ficção, mas ela foi capaz de gerar fortes mitos nacionais. As imigrações e a diversidade étnica ameaçam essas ideias das nações, uma vez que elas geram um povo sem uma base étnica comum (Castles e Milles, 1993: 14).

como um de seus principais mitos fundadores – caso típico, por exemplo, do Brasil –, em outros países, que reinventaram suas nações a partir da ficção de uma origem comum materializada na língua e na cultura (um bom exemplo é a Alemanha) e que recebem grande parte do fluxo migratório contemporâneo, a reinvenção da nação em novas bases se torna um dos grandes desafios de suas políticas atuais e uma imenso campo de reflexões intelectuais e artísticas que se encontram em marcha.

Douglas Massey, um dos autores de outra obra de referência escrita a doze mãos no final dos anos 1990 sob encomenda da União Internacional para Estudo Científico da População (IUSSP, em inglês), renomada e tradicional associação mundial de demógrafos, também constrói seu argumentos sobre a crescente importância dos fenômenos migratórios citando *The age of migration: “like Castles and Miller (1993), we believe that international migration will be the emblematic social, political, and economic issue of the twenty-first century”* (Massey et al. 1998, 1).⁷⁶ Brettel e Hollifield, que criticam a tentativa de Massey et al. de construir uma única teoria para explicar os processos migratórios internacionais contemporâneos, concordam, contudo, com os autores criticados, que obviamente vivemos *the age of migration* (Brettel, Hollifield, 2008). Na Alemanha, para citar um último exemplo significativo, Jochen Oltmer, que vem conduzindo relevantes pesquisas e organizado obras de referência sobre o tema (Oltmer, 2010) não duvida: *migration ist ein globales Zukunftsthema* (Oltmer, 2012: 7).⁷⁷

Todos esses movimentos político-acadêmicos em torno dos novos movimentos migratórios globais se basearam também, obviamente, em debates e novas propostas sobre teorias da migração ou sobre outras teorias sociais que pudessem ser acionadas para compreensão dos contemporâneos processos de migração internacional. Tanto Massey et al. (1998) quanto Castles, Miller e de Haas (2014), estes inspirados por aqueles, distinguem as teorias acionadas para compreensão das migrações contemporâneas entre teorias sobre as causas da migração e teorias sobre os impactos da migração. Esses autores apontam como a primeira tentativa de sistematização teórica do fenômeno migratório a obra *The laws of migration*, publicada em 1885 por Ralf Ravenstein, que propõem uma espécie de “equilíbrio hidráulico” (Massey et al.) entre as populações, uma tendência de movimento populacional de áreas mais povoadas para áreas menos povoadas. Embora tal ideia possa hoje nos parecer absurda, ela fundamentou algumas teorias migratórias importantes do século XX, sobretudo as teorias neoclássicas.

⁷⁶ Assim como Castles e Miller (1993), acreditamos que as migrações internacionais se tornarão a questão social, política e econômica emblemática do século XXI.

⁷⁷ Migração é um tema global do futuro.

De forma bastante resumida e incluindo algumas pequenas diferenças de classificação, ambos os conjuntos de autores elencam como teorias sobre as causas da imigração as teorias neoclássicas, divididas por Massey et al. entre macroteorias e microteorias; as *new economics theories*; a teoria da segmentação do mercado de trabalho; as teorias dos sistemas migratórios e das redes de migração. Castles, Miller e de Haas agrupam as três últimas sob a classificação de teorias históricas e as demais como teorias funcionalistas. Massey et al. dão ainda especial atenção ao que chamam de teorias histórico-estruturais, que exemplificam com a Teoria da Dependência.

Sobre as teorias do impacto da migração, Massey et al. não se dedicam a descrevê-las. Castles, Miller e de Haas (1998) as agrupam como teorias étnicas, teorias raciais, teorias de gênero, teorias identitárias, teorias sobre a nação e sobre a cidadania, com suas múltiplas possibilidades de interseção.

De uma forma ou de outra, essas teorias se desenvolveram em um diálogo crítico com a ideia base que se costuma chamar *push-pull model*, buscando aperfeiçoar o modelo, caso das teorias neoclássica, ou substituí-lo, caso das teorias históricas e também das teorias sobre os impactos da imigração, nas quais o *push-pull model* perde completamente seu sentido.

Se o *push-pull* baseado no desequilíbrio demográfico de Ravenstein perde sua capacidade explicativa frente à empiria dos processos migratórios (as migrações não ocorrem sempre de áreas muito povoadas para áreas pouco povoadas e não parece haver relação entre densidade populacional e fluxos migratórios), a incorporação ao modelo da ideia do indivíduo racional econômico, típica das teorias neoclássicas, teve grande impacto nos estudos sobre movimentos populacionais. A premissa básica aí é de que cálculos econômicos racionais de custo-benefício feitos pelo indivíduo que migra determinam que os fluxos populacionais se deem das regiões com menores possibilidades de ganhos econômicos líquidos para regiões com maiores possibilidades de ganhos econômicos líquidos, sendo o salário o principal fator da conta. Para os neoclássicos, os fluxos migratórios tenderiam a levar ao equilíbrio salarial e de bem-estar material em todo o mundo, com conseqüente arrefecimento dos fluxos migratórios.

Obviamente que as críticas gerais às teorias neoclássicas repercutiram também em críticas à sua aplicação nos estudos migratórios. De dentro da própria economia, a publicação do trabalho de Michael Piore em 1979, a partir do qual se desenvolve a teoria da segmentação do mercado de trabalho (Piore, 2008), teve e continua tendo grande influência nos estudos sobre migração das últimas quatro décadas. Basicamente, o que propõe Piore, com abundantes evidências empíricas, é que há uma segmentação do mercado de trabalho nas economias

capitalistas centrais que reserva aos imigrantes nichos de atuação que são preteridos pelos nacionais. Em âmbito acadêmico, Piore colocou em cheque a difundida ideia de migração laboral devido a um déficit demográfico nos países do norte. Conforme comentário em Massey et al., condicionamentos demográficos são muito menos importantes para as migrações laborais do que comumente se admite, Piore demonstrou que a demanda por mão-de-obra imigrante se deve muito mais à estrutura segmentada do mercado de trabalho nos países do norte do que a um propagado déficit populacional.

Entre as teorias históricas (Castles, Miller e de Haas), merecem destaque as teorias dos sistemas migratórios e das redes de migração, que são interligadas. Parcialmente inspiradas pela ideia de sistema mundo de Immanuel Wallerstein (Han 2006), a teoria dos sistemas de migração vem exercendo grande influência nos estudos de movimentação populacional desde a realização do *Seminar on International Migration Systems, Processes, and Policies* em 1988 e a subsequente publicação das atas do seminário organizadas por Mary Kritz, Lin Lean Lim e Hania Zlotnik (Kritz; Zlotnik; Lim, 1992), sendo o artigo de Kritz e Zlotnik (Kritz; Zlotnik 1992), presente na coletânea, tomado como ponto de partida para a reflexão sobre sistemas migratórios nos estudos das últimas duas décadas. As teorias dos sistemas migratórios procuram entender as migrações dentro do sistema mundial de relações internacionais, buscando uma visão sistêmica tanto das causas, quanto dos impactos da migração (Marques & Góis, 2011). Teoricamente não faz muito sentido aqui a distinção proposta por Massey et al. entre teorias sobre as causas e teorias sobre os impactos da imigração. Contudo, segundo crítica de Fazito, na prática os estudos empíricos baseados na teoria dos sistemas migratórios ainda não conseguiram unir os múltiplos polos da migração de forma satisfatória:

Procurou mostrar que, de fato, não existe, ainda, um método sistemático e replicável capaz de estudar o fenômeno dos deslocamentos segundo a ideia de sistemas de migração. Em outras palavras, pensa-se o sistema de migração teoricamente, mas, na prática, a análise se enrijece e perde-se o conteúdo relacional dos sistemas empíricos e a abstração de sua forma (Fazito, 2003: 17)

Em âmbito nacional, Fazito é um dos autores de destaque que vêm tentando realizar a intenção sistêmica da teoria dos sistemas de migração por meio da construção de modelo migratório no qual o papel das redes sociais de migração em todos os polos de um sistema migratório ganha preponderância. Para Fazito:

Ao se questionar ou relativizar o papel das escolhas individuais na migração, as ações políticas dos Estados na origem e no destino, e os constrangimentos estruturais sofridos pelos migrantes, percebe-se que não se pode abordar o fenômeno migratório

desconsiderando os mecanismos conectivos entre as diversas posições estruturais.
(Fazito, 2003: 54)

As redes migratórias, estruturas sociais e culturais de apoio que mantêm em grande parte as dinâmicas dos fluxos migratórios contemporâneos, possibilitando diásporas e ensejando as ideias de cidadanias transnacionais, estão entre os principais “mecanismos conectivos entre as diversas posições estruturais” mencionados por Fazito.

Ainda que se possa dar razão a Fazito sobre a ausência de estudos que realmente alcancem a visão sistêmica proposta pela teoria dos sistemas migratórios, é inegável que sua difusão trouxe contribuições enormes aos estudos migratórios nas últimas décadas, ao possibilitar as mais diversas abordagens sobre o fenômeno, sobretudo por contribuir para a abertura da retaguarda dos estudos econômicos e sociológicos já consolidados para os aspectos culturais de suma relevância nos processos migratórios (Brettell, 2000).

O percurso histórico dos estudos e reflexões sobre as migrações internacionais contemporâneas não se desdobra nem apenas quantitativamente na avalanche de dados produzidos e trabalhos publicados nas últimas décadas, nem somente qualitativamente na profundidade e aprimoramento dos debates e teorias que tentam compreender o fenômeno. Também a multiplicação da diversidade das abordagens marca os estudos sobre a migração e entra em sintonia com o desenvolvimento da produção de conhecimento dentro dos chamados “*turns*” das últimas décadas. Já no final da década de deslanche dos estudos sobre as migrações contemporâneas, Massey et al. identificam que:

Think has moved away from reified, mechanical models towards more dynamic formulations that allow micro-level decisions to affect macro-level processes and vice versa. In these efforts, the field has moved away from a reliance on official statistics and aggregate data towards a more extensive use of household surveys, life histories, and in-depth community studies. Emphasis has shifted to the migrants themselves (...). [But] In this emphasis on migrants as active agents, macro-level factors have not been abandoned. (Massey et al.: 1998, 15)⁷⁸

Os livros de Massey et al. e de Castles, Miller e de Haas, que embasam essas primeiras páginas de contextualização de meu próprio trabalho, tornaram-se “livros didáticos” de leitura

⁷⁸ O pensar se distanciou do modelo reificado e mecânico, rumo a formulações mais dinâmicas que permitem que decisões no nível micro afetem processos macro, e vice-versa. Nesses esforços, o campo se distanciou de uma confiança nas estatísticas oficiais e dados agregados, rumo a uma utilização mais ampla de levantamentos domiciliares, histórias de vida e estudos mais aprofundados da vida comunitária. A ênfase tem se deslocado aos próprios migrantes (...). [Porém] Nessa ênfase nos migrantes como agentes ativos, os fatores de nível macro não foram abandonados (Massey et al.: 1998: 15).

e referência obrigatória para o desenho de um quadro geral dos processos migratórios contemporâneos, e suas classificações das teorias migratórias são normalmente adotadas com introdução à questão. Há, contudo, várias outras classificações possíveis, sobretudo se partem de outras áreas do conhecimento que também estudam os processos migratórios. Apenas para não ficarmos sem exemplo, Petrus Han, que desenvolveu durante toda sua carreira acadêmica estudos em sociologia da migração (Han, 2010), em um esforço interdisciplinar (Han, 2006), identifica ao menos seis grupos distintos de teorias sobre a migração, que incluem desde os importantes estudos sobre a migração de Michael Piore (2008 [1979]) e Saskia Sassen (2001 [1991]) até as incontestáveis influências do sistema mundo de Immanuel Wallerstein sobre os estudos migratórios.

Outro percurso bastante revelador da importância das migrações internacionais no contexto político global foi o desenvolvimento da Organização Internacional para as Migrações (IOM em inglês) a partir da segunda metade do século XX.

Ao se recontar retrospectivamente a história da IOM, é possível dizer que ela foi criada em 1951 como consequência imediata dos deslocamentos populacionais em massa causados pelo fim da segunda guerra mundial, isso em um esforço narrativo de emprestar sequencialidade e causalidade aos eventos históricos. Em 1951, foi criado o Comitê Intergovernamental Provisório para os Movimentos de Migrantes na Europa (PICMME, em inglês).

Não tendo sido pensado para ser uma instituição perene, com indica o próprio nome, o PICMME, perdeu logo no segundo ano de existência o adjetivo provisório de sua nomenclatura, passando a ser, em 1952, o Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias. Quase três décadas depois, em 1980, cai mais um adjetivo do comitê, que passa a ser simplesmente o Comitê Internacional para as Migrações, com o objetivo de acompanhar os movimentos populacionais em massa em todo o planeta e não mais apenas os deslocamentos com origem ou destino no continente europeu. É apenas em 1989 que é criada de fato a IOM, que guarda muito pouca, ou quase nenhuma, semelhança com o PICMME criado em 1951.

Para quem se aproxima pela primeira vez das reflexões sobre as migrações contemporâneas pode ser surpreendente o fato de que a IOM tenha sido criada com este nome e com os propósito e dimensões que tem hoje apenas há 25 anos, pois assim como os processos migratórios, a solidez da IOM⁷⁹ deixa a impressão de que “ela sempre existiu”. A surpresa serve como mais um indício da “era das migrações”, da dimensão tomada pelas migrações

⁷⁹ Segundo informação do site, a IOM conta com um orçamento de 1,3 milhões de dólares e um quadro com 8400 pessoas em mais de 150 países no mundo (<https://www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/about-iom-1/history.html>, acesso em 26 de maio de 2014).

internacionais nas últimas quatro décadas e da relevância para a governança mundial que tomou este processo.

As publicações da IOM se tornaram de consulta obrigatória para os estudos migratórios. Sendo regularmente publicado desde o ano 2000⁸⁰, quando a IOM estimava em 150 milhões o número de imigrantes no mundo (IOM, 2000)⁸¹, o *World Migration Report (WMR)* se tornou, juntamente com o *International Migration Outlook* da *Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD)*, uma das fontes de dados e análises mais importantes para pesquisadores da área. Em 2003, o WMR estimava a população mundial de migrantes em 175 milhões de pessoas e projetava uma população de 250 milhões de migrantes internacionais para o ano de 2050 (IOM 2003). Em 2010, segundo a IOM, a população de migrantes internacionais ultrapassou o número de 210 milhões de pessoas; neste mesmo ano, o WMR menciona *en passant* a possibilidade de a população migrante mundial atingir o número de 405 milhões de pessoas em 2050 (IOM 2010: 3) e não mais 250 milhões, como havia previsto o WMR 2003.

O WMR de 2000 anunciava também a nova era das migrações internacionais e foi assim subintitulado na tentativa de chamar a atenção para a questão e desenhar algumas tendências já observáveis. Nas últimas edições, a IOM optou por, além de fornecer dados gerais para o estudo das migrações internacionais, abordar questões específicas sobre o fenômeno migratório. Foi assim que em 2011 o WMR (IOM 2011) tratou do papel e dos efeitos da opinião pública sobre as migrações contemporâneas, o que revela a importância dos estudos sobre mídia e migração dentro do quadro geral dos estudos migratórios. O WMR 2013 foi dedicado ao estudo do bem-estar das pessoas migrantes em seus países de destino, revelando uma das grandes tendências dos estudos migratórios atuais que envolve as questões de direitos humanos, cidadania e migração, além de fortalecer o uso de metodologias de pesquisa que dão ouvidos aos próprios migrantes. Conforme o prefácio do WRM 2013:

El presente Informe sobre las Migraciones en el Mundo 2013 se centra, por el contrario, en los resultados para los migrantes propiamente dichos y en los efectos positivos o negativos de la migración en sus vidas. Ese enfoque es coherente con una de las principales recomendaciones del Informe sobre las Migraciones en el Mundo 2013 – a saber, que en lugar de ser los sujetos pasivos de la investigación, los migrantes deben tener la oportunidad de contar sus historias. Cabe esperar que este énfasis en la dimensión de la experiencia, en contraposición con el interés usual en

⁸⁰ Contando com a primeira edição em 2000, a IOM publicou sete WMR. Além do WMR 2000, foram publicados os WMRs 2003, 2005, 2008, 2010, 2011 e 2013.

⁸¹ Dez anos antes, menos de um ano após sua criação, a estimativa da IOM era de 95 milhões de migrantes no mundo (Castles; Miller, 1998: 4)

una dinámica socioeconómica incorporada, abra las puertas a una formulación de políticas más acorde con las necesidades humanas. (IOM 2013:24)

Para além da “ênfase na dimensão da experiência”, o WMR 2013 também adere às novas tendências dos estudos migratórios ao construir suas análises e apresentar seus dados de forma a dar constituição a sistemas migratórios mundiais, organizado em “quatro direções da migração internacional” (IOM 2013). A perspectiva sistêmica, que, segundo Fazito é uma tendência que vem se consolidando desde os anos 1970 (Fazito 2005), pode ser observada também em outros relatórios da IOM, mas é deliberadamente estruturante no WMR 2013, para dar conta da complexificação do fenômeno migratório que já não pode ser mais entendido simplesmente pelo estudo dos fluxos migratórios dos países do sul para os países do norte.

Outro tema constante nos relatórios da IOM, e certamente um dos temas centrais em qualquer lista bibliográfica não muito específica sobre migrações contemporâneas, é a chamada feminização da migração. Já no primeiro WMR de 2000, a IOM chamou atenção para o fato e, muito importante, para as novas formas da migração feminina: “*One of the most significant trends has been the feminization of migration streams that heretofore were primarily male. Significantly, many of the new female migrants relocate as principal wage earners rather than as accompanying family members*” (IOM 2010: 7).⁸² Em 2003, o primeiro quadro analítico do relatório é dedicado à feminização da migração (IOM 2003: 7-8). Nos últimos três WMRs, o tema se mantém presente junto ao crescimento na ênfase sobre direitos humanos e superação das situações de irregularidade (IOM 2010, 2011, 2013).

Não só a IOM, como também a própria ONU diretamente, por meio da Divisão de Populações do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais (DAES/ONU), tem dado grande relevância a feminização da migração internacional na última década. Por sete anos, de 2005 a 2012, esteve à frente da Divisão de Populações do DAES/ONU a demógrafa Hania Zlotnik, que não apenas se tornou uma referência na aplicação e desenvolvimento de sistemas de migração, como também nos estudos quantitativos sobre a feminização da migração (Zlotnik, 2003).

É nessa era das migrações contemporâneas que se inserem os novos fluxos da emigração brasileira que levaram nossos colaboradores e colaboradoras de pesquisa para além-mar e além-Reno. Embora os estudos frequentemente mencionem que a inserção do Brasil nos novos fluxos migratórios se deu de forma tardia, se lembrarmos com Castles e Miller (1998) que a era das

⁸² Uma das tendências mais significativas tem sido a feminização dos fluxos migratórios, que, até então, eram primariamente masculinos. De modo significativo, muitas das novas migrantes realocam-se na condição de principal fonte de renda, ao invés de um membro acompanhante da família (IOM 2010: 7).

migrações contemporâneas vem sendo alocada a partir da segunda metade do século XX, sobretudo a partir do final dos anos 1980, quando a reorganização da geopolítica mundial contribuiu decisivamente para o aumento dos deslocamentos populacionais em massa, os atuais processos migratórios brasileiros, ainda que tenham esperado cerca de uma década para chamarem atenção internacional por seu volume⁸³, começam a se definir coetaneamente aos fluxos migratórios contemporâneos em todo o planeta. Os primeiros movimentos do que hoje já é chamado sistema migratório brasileiro (Fazito 2003, 2008) podem não ter sido imediatamente percebidos como mais do que indivíduos em busca de melhores sítios, mas não tardou para que demógrafas/os mais atentas/os, acompanhadas/os de antropólogas/os e historiadoras/es, percebessem que muito dificilmente imigração internacional é apenas uma ação individual de alguém em busca de uma vida melhor; geralmente se trata de uma ação coletiva (Castles, Miller, 1998: 18).

2.2 No Brasil

Acostumado a ser imaginado como país de imigração, elemento que é parte fundamental da invenção da nação brasileira, o Brasil viu por um longo período de tempo seus estudos sobre migração se direcionarem exclusivamente para as imigrações que narrativamente nos formaram enquanto nação. Primeiro a migração de colonos portugueses, depois a imigração forçada de africanos que introduziu no Brasil cerca de 5 milhões de escravos⁸⁴ e, a partir das primeiras experiências das colônias europeias no sul do país e também em outros estados ainda na primeira metade do século XIX, a nova imigração europeia que se intensificou a partir da década de 1870⁸⁵ e foi seguida da imigração japonesa no início do século XX.

⁸³ Alguns dados são reveladores do crescimento da relevância do Brasil dentro dos estudos sobre os fluxos migratórios contemporâneos: 1) enquanto a primeira edição de *The Age of Migration* não faz nenhuma menção ao Brasil em seu índice remissivo, embora eu mesmo tenha encontrado uma única referência ao país na página 7 (Castles; Miller, 1998), a quinta edição do livro faz 21 menções ao Brasil e 4 menções ao gentílico “brasileiros” (Castles; Miller, 2014); b) em 2009 a IOM publicou um perfil migratório do Brasil (IOM, 2009), apontando o país como de grande importância nas tendências do processo migratório atuais; c) o WMR 2013 cita o Brasil (ou brasileiros) 25 vezes, excluindo-se as vezes em que o país é citado nas referências bibliográficas. É dedicado um quadro analítico aos fluxos migratórios brasileiros e o país serve de exemplo para três das quatro direções da migração analisadas (sul-sul, norte-sul, sul-norte)

⁸⁴ Há várias estatísticas sobre a imigração forçada de africanos para o Brasil durante os três séculos de escravidão, aqui são consideradas as mais recentes e que gozam de maior credibilidade no momento, elaborados por David Eltis e David Richardson (Eltis; Richardson, 2010) por meio de um minucioso mapeamento do tráfico negreiro entre 1501 e 1867. Dados disponíveis em: <http://www.slavevoyages.org>.

⁸⁵ Economicamente sabemos que com o iminente fim da escravidão anunciado pela lei do ventre livre de 1871 foi necessário a migração de força de trabalho europeia para segurar a economia brasileira para expandir a lavoura cafeeira que se expandia. Ideologicamente sabemos também o quanto esse projeto foi influenciado pela estratégia de branqueamento da população nacional.

Maria Stella Levy contabilizou esses fluxos de imigrantes em estudo da década de 1970 que continua sendo utilizado como referência quatro décadas depois (Levy, 1974). Reunidos os dados disponíveis, Levy contou 5.350.889 entradas de imigrantes no Brasil entre 1872 e 1972⁸⁶, divididos em 1.662.180 portugueses e portuguesas; 1.622.491 italianos e italianas; 716.052 espanhóis e espanholas; 223.517 alemães e alemãs; 248.007 japoneses e japonesas e 878.642 imigrantes de outras nacionalidades⁸⁷.

O levantamento de Levy cobre todo o período de maior fluxo da imigração para o Brasil, que vai da década de 1870 à década de 1930, se estendendo até aos anos imediatamente anteriores à publicação do estudo. Grosso modo, poderíamos desenhar uma periodização da imigração para o Brasil em dois grandes períodos: o da imigração forçada de africanos que vai da década de 1530 à década de 1860, aproximadamente, e o período subsequente. Refinando um pouco o quadro, teríamos ainda que destacar as primeiras tentativas de imigração europeia entre as décadas de 1820 e 1870⁸⁸ e o período considerado como de baixa migração internacional no Brasil entre 1930 e 1980.

Recentemente, essa periodização dos fluxos migratórios brasileiros teve que ser alterada com a formação de um novo sistema migratório brasileiro, parte integrante da nova era das migrações contemporâneas. Patarra e Fernandes (2011) falam nos períodos da imigração ligada à colonização, depois no período da escravidão, no período da imigração europeia dos séculos XIX e XX, seguidas do que consideram “fechamento” do Brasil à migração entre 1930 e 1980. É sobre o período pós 1980, introduzido na periodização dos fluxos migratórios brasileiros por Patarra e Fernandes, que se refere a pergunta título do artigo: “Brasil: país de imigração?” (Patarra e Fernandes, 2001).

Para Patarra e Fernandes, trata-se de um mito a construção do imaginário “Brasil, país de imigração”, mito que faz parte da invenção da nação brasileira e se encaixa em outros mitos, como o da cordialidade e o da democracia racial. Para essa autora e esse autor, o mito do país

⁸⁶ Vale a ressalva de que estes números são de entradas de imigrantes. Embora Levy tenha também estimado índices de retorno de imigrantes por nacionalidade para o período do levantamento, até o momento parece praticamente impossível contabilizar as saídas de forma mais precisa. Sendo assim, não há um balanço líquido dos números da “imigração histórica” para o Brasil. Contudo, os números das entradas não foram revistos desde o trabalho de Levy e continuam valendo; são, por exemplo, praticamente os mesmos disponibilizados pelo IBGE em seu site. Na planilha disponível em <http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-total-periodos-aneais> (acesso em 28/05/2014), são contabilizadas 5.344.387 entrada de imigrantes no Brasil entre 1872 e 1972.

⁸⁷ Lembrando Seyferth (2005), cabe notar que entre os imigrantes de outras nacionalidades, muitos que portavam passaportes austríacos, suíços, russos e poloneses se reuniram no Brasil baixo a identificação de teuto-brasileiros, ou de germânicos.

⁸⁸ Segundo dados do IBGE, entre 1820 e 1871 entraram no Brasil 250.398 imigrantes (<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-total-periodos-aneais>, acesso em 28/05/2014).

de imigração se vê ameaçado a partir de década de 1990, quando os movimentos emigratórios passam a ser noticiados com destaque pela mídia, indo parar em novela do “horário nobre” de nosso canal televisivo de maior audiência. Contudo, eles identificam que após 2005 há um arrefecimento da emigração e, segundo o texto, “o momento atual é de reforço e sedimentação da imagem de país de imigração” (Patarra e Fernandes, 2011: 88)⁸⁹.

Acompanhando a análise de Patarra e Fernandes e tomando as teorias sistêmicas como apoio, é possível dizer que os fluxos migratórios contemporâneos no Brasil podem ser entendidos como um sistema migratório composto por diversas redes sociais de emigrantes e imigrantes e que no momento não seria adequada a caracterização do país nem como país de imigração, nem como país de emigração, pois ambos os movimentos estão presentes no sistema migratório brasileiro contemporâneo.

Bassanezi (1996) também apresenta periodização semelhante, um pouco mais detalhada que a de Patarra e Fernandes para a época da imigração, e apenas mencionada no que diz respeito ao crescimento da emigração pós 1980. O texto de Bassanezi (1996) se insere na coletânea *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo* (Patarra, 1996), que foi resultado do seminário organizado em 1994 no âmbito do *Programa interinstitucional de avaliação e acompanhamento das migrações internacionais no Brasil*, financiado pelo Fundo de Populações da Nações Unidas (FNUAP) e capitaneado pelo Núcleo de Economia Social, Urbana e Regional e pelo Núcleo de Estudos de População, ambos da Unicamp. O seminário e a publicação de suas atas se constituíram em um marco nos novos estudos sobre os processos migratórios contemporâneos no Brasil, mais por ter mostrado o quanto se tinha a fazer do que pelos resultados que há época puderam ser apresentados.

Entre os trabalhos publicados na coletânea, além do de Bassanezi, que retoma sucintamente a história da imigração até ali, apontando as lacunas que ainda existem nos estudos da imigração histórica, mas também sugerindo a necessidade da história do presente, os trabalhos de Bógus (1996) e de Bilac (1996) devem ser mencionados por introduzirem no debate temas que são centrais nesta tese. Ainda que de forma bastante introdutória e com ênfase em dados quantitativos, Bilac traz para o seminário que é aqui tomado como marco dos estudos

⁸⁹ Se levarmos em conta apenas a construção do arrefecimento da emigração neste texto, é preciso algum cuidado. Patarra e Fernandes chegam à conclusão do arrefecimento utilizando dados de retenção de imigrantes na fronteira dos EUA com o México, se em 2005 foram detidos cerca de 30 mil brasileiros tentando atravessar ilegalmente a fronteira, em 2008 esse número não chega a 1000 (Patarra e Fernandes, 2011: 70). Contudo, é sabido que grande parte do fluxo migratório brasileiro dirigido para os EUA se redireciona para a Europa a partir dos anos 1990 e, sobretudo, após os atentados de 2001. Se há um arrefecimento do fluxo emigratório brasileiro, ele pode não ser tão drástico como a análise deixa entender e talvez se mostre de forma mais clara apenas no final da década de 2010.

contemporâneos sobre migração no Brasil a questão do gênero nas migrações internacionais, tema que viria a se tornar central nos estudos sobre a imigração brasileira tanto nos EUA quanto na Europa (Assis, 2007, 2011; Fleischer, 2002; Piscitelli, 2006, 2008, 2009, 2010; Pontes, 2005, 2006; Padilla, 2007, 2010, 2010a, entre outras).

Também introdutório é o trabalho de Bógus (1996) inserido na coletânea, que tem sua relevância no fato de chamar a atenção para a necessidade de ampliar os estudos sobre a imigração brasileira na Europa, cujos fluxos começavam a ganhar amplitude justamente na segunda metade da década de 1990, devido em grande parte às medidas restritivas à imigração adotadas pelo governo dos EUA já na década de 1990 e drasticamente intensificadas após os atentados de 2001.⁹⁰

No mesmo contexto da organização do seminário, estudos sobre os novos fluxos migratórios brasileiros já vinham sendo realizados, sobretudo acerca das emigrações brasileiras para os EUA. Nesse contexto teve grande destaque os estudos promovidos pelo NEPO/Unicamp e também pelo Centro de Estudos de Migrações Internacionais da mesma universidade (CEMI/Unicamp), como mostram os trabalhos de Teresa Sales (1999), Bela Feldman-Bianco (2001), Neide Lopes Patarra (1996), Rosana Baeninger (2001), entre outras.

Após o seminário de 1995, mesmo tendo os EUA seguido como principal destino da emigração brasileira, ao menos até os atentados de 2001 e o endurecimento do controle da imigração no país, houve uma grande diversificação dos estudos sobre as migrações contemporâneas brasileiras.

Sobre os brasileiros nos EUA, continuaram sendo produzidos estudos inspiradores como os de Fleischer (2002) e também os da brasilianista Margolis (1994, 2013) e o do historiador-romancista Mehy (2004).

Uma especial atenção teve que ser dada a um novo fluxo migratório que surgia das políticas de imigração postas em marcha pelo governo japonês (Hirano, 2008; Ferreira, 2001; Sasaki, 2001, 2008, Oliveira, 1997; Rossini, 1996; Kawamura, 1999; Mckenzie e Salcedo, 2009).

Entre os movimentos migratórios internos à América do Sul, o mais conhecido e estudado entre nós são os deslocamentos populacionais entre Brasil e Paraguai (Albuquerque, 2005). A situação dos imigrantes bolivianos no Brasil, sobretudo em São Paulo, tem também preocupado pesquisadores e militantes pelos Direitos Humanos (Baeninger, 2010; Galetti,

⁹⁰ Conforme Patarra e Fernandes, segundo dados do *Department of Security Home*, no ano de 2000, 54 mil brasileiros foram detidos tentando entrar ilegalmente nos EUA, (Patarra e Fernandes, 2011: 70)

1995). Há ainda uma atenção especial dada às migrações no contexto do Mercosul (Sales, 1996; Baeninger & Patarra, 2004) e uma intenção ainda não consolidada de entender tanto os fluxos migratórios da fronteira norte, entre Brasil, Guianas e Suriname (Pereira, 2006; Theije, 2007), quanto a significativa imigração angolana no Brasil (Ribeiro, 1995). No espaço um pouco mais amplo da América-Latina, o caso urgente da imigração haitiana vem sendo objeto de algumas análises (Fernandes, Milesi & Faria, 2011; Fernandes, Milesi & Pimenta, 2013; Fernandes, 2014). No contexto latino-americano, o papel desempenhado pelo projeto *Investigación de la Migración Internacional en Latinoamérica* do Centro Latinoamericano de Demografia (IMILA/CELADE) merece grande destaque devido à base de dados acumulada (Baeninger, 2001).⁹¹

Nesse espraiamento dos fenômenos migratórios, há espaço tanto para os estudos dos fluxos emigratórios brasileiros, quanto para os estudos sobre as novas imigrações para o Brasil, que, como aponta o WMR 2013, se dá de maneira quantitativamente significativa tanto na direção sul-sul, quanto da direção norte-sul. Todos esses novos fluxos e redes que conformam o sistema migratório brasileiro contemporâneo levam ao questionamento título do artigo de Patarra e Fernandes (2011): “Brasil, país de imigração?”. Demógrafas, antropólogas, historiadoras, sociólogas e outros estão já há pelo menos uma década mostrando que não.

Um diálogo com uma sistematização resumida das interpretações sobre as migrações brasileiras contemporâneas proposta por Patarra (2009) permite uma discussão sucinta de alguns importantes aspectos abordados na bibliografia mencionada neste capítulo. Patarra (2009, 299-301) enumera alguns pontos como contribuições imprescindíveis que se teriam acumulado até o ano de 2009 sobre a migração internacional brasileira contemporânea. Três itens enumerados como contribuições consolidadas nos estudos sobre a migração brasileira tratam das interpretações sobre as causas e consequências das dinâmicas migratórias no Brasil a partir dos anos 1980. Patarra propõe que:

Os movimentos migratórios internacionais de e para o Brasil foram percebidos como inseridos na reestruturação produtiva em nível internacional, onde a crise financeira, o estancamento do processo de desenvolvimento, o excedente de mão-de-obra crescente, a pobreza, a ausência de perspectiva de mobilidade social, entre outras causas, estariam na raiz da nova questão social.

[...]

⁹¹ Ver: <http://www.eclac.cl/celade/proyectos/migracion/IMILA00e.html>, acessado em 29/05/2014

Ao contrário de algumas análises conjunturais que associavam a saída de brasileiros à década perdida (anos 80) ou à conjuntura do Governo Collor, foi-se configurando uma nova questão social como inerente à nova etapa da globalização, e que, portanto, a emigração de brasileiros tinha “vindo para ficar”.

[...]

Além disso, percebe-se, hoje, que a emigração internacional contemporânea, principalmente no caso brasileiro, tem tendido a um movimento circular que envolve grande parte dos deslocamentos populacionais nos quais, entre outras dimensões, as redes que se criam propiciam e reforçam a continuidade dos fluxos que vão se estabelecendo. (Patarra, 2009: 189 - 190)

Essa interpretação aplicada ao caso brasileiro é cara às teorias sistêmicas dos fluxos migratórios contemporâneos, que os enquadram dentro da nova ordem mundial marcada pela reestruturação produtiva em marcha a partir dos anos 1970 e acelerada a partir das transformações políticas da década seguinte. Assim como a reestruturação produtiva e as transformações políticas se inserem em um mesmo quadro de mudança estrutural e se influenciam mutuamente, as migrações contemporâneas só podem ser compreendidas dentro dessas alterações sistêmico-estruturais, sendo conjunturas específicas insuficientes para a compreensão de um fenômeno que se mostra mundializado.

Algumas interpretações pioneiras sobre a emigração brasileira crescente desde a década de 1980 buscaram na chamada “década perdida” a explicação para as saídas de brasileiros rumo ao exterior. O cinema, com o longa-metragem *Terra Estrangeira*, de Walter Salles, ajudou a fixar essa imagem em nosso sistema de representações. Para toda uma geração de cinéfilos e outros jovens de classe média, alguns dos quais engrossariam os números da emigração brasileira nas próximas décadas, foram muito marcante as cenas sufocantes do protagonista de *Terra Estrangeira* às vésperas de sua decisão de voar para Portugal, cenas que culminam com o protagonista assistindo em sua televisão, em um apartamento pequeno, quase claustrofóbico, cujas janelas se abrem para um viaduto e para dezenas de outros edifícios cinzentos, o anúncio das medidas econômicas de Collor de Mello dias após sua posse como presidente da república. Eram as esperanças perdidas que jogavam brasileiros e brasileiras para o além-mar. Diante de uma conjuntura adversa, emigrava-se provisoriamente, iniciando-se a contradição descrita por Sayad. A imigração, diz o escritor argelino, “*on ne sait plus s’il s’agit d’un état provisoire mais qu’on se plaît à prolonger indéfiniment ou s’il s’agit d’un état plus durable mais qu’on se plaît à vivre avec un intense sentiment du provisoire*” (Sayad, 1979: 3). Em *Terra Estrangeira*, essa contradição parece se realizar plenamente.

Com as teorias sistêmicas, a interpretação conjuntural não deixou de existir, mas perdeu muito de sua capacidade explicativa. No caso brasileiro, a “década perdida” teve seu fim, mas brasileiros e brasileiras continuaram a ir e não retornaram, ou melhor: retornaram, e retornaram, e levaram parentes, e fizeram amigos, e se casaram, e tiveram filhos além-mar. Foram criadas redes sociais de imigração, que passaram a ser entendidas com o auxílio das teorias sistêmicas, que se preocupam mais com a compreensão das dinâmicas dos fluxos migratórios, de seu *moto continuo*, do que com a descoberta da causa inicial, das origens, sempre difíceis de comprovar.

Contudo, o consenso proposto por Patarra em torno da questão talvez não seja assim tão definitivo, visto que as explicações conjunturais são ainda a base das representações imaginárias sobre os fluxos migratórios brasileiros. Não é à toa que se espera e se especula em torno de uma migração de retorno em massa de imigrantes brasileiros devido à nova conjuntura econômica atual, algo que ainda não se comprovou. Mesmo entre pesquisadoras que conduziram os avanços na compreensão das migrações brasileiras contemporâneas, a “década perdida” ainda é, vez por outra, retomada como causa da emigração brasileira. Sales, por exemplo, na mesma coletânea em que escreve Patarra, faz uma elucidante descrição da “década perdida” e de seus vínculos com a emigração brasileira; mas em suas conclusões, defende serem precipitadas as inferências de que o atual crescimento econômico brasileiro frente à crise econômica nos países do norte causará o retorno de imigrantes, afinal, “após mais de 20 anos do início das correntes migratórias que levaram pioneiros valadarenses ao solo americano, a permanência do Brasil fora do Brasil é fato irreversível” (Sales, 1999: 397). Sales conclui dentro dos parâmetros das teorias sistêmicas que enfatizam a importância das redes nos processos migratórios, mas as imagens de *Terra Estrangeira* nos vêm à mente quando da sua descrição dos anos 1980.

Como outro ponto das contribuições acumuladas até aqui, Patarra propõe que:

Tornou-se claro que a saída de brasileiros para o exterior não constitui uma inversão de tendência – de país de imigração passando a país de emigração, ou, em outras palavras, que o País teria passado de receptor a expulsor de população.

[...]

Por outro lado, embora de diminuta expressão numérica, a entrada e saída de pessoas do território nacional nunca cessou. (...). Nas últimas décadas, tornaram-se expressivas as entradas de migrantes latino-americanos – principalmente bolivianos – e também de países africanos – principalmente Angola. (Patarra, 2009: 189 - 190)

Aqui novamente a análise sistêmica promoveu uma alteração nas interpretações mais precipitadas que enxergaram nas emigrações uma inversão em um dos mitos da nação brasileira – de país de imigração, hospitaleiro, miscigenado e cordial, estaríamos passando a uma nação incapaz de manter seus membros sobre seu solo. A percepção de que os Brasil está inserido em vários sistemas de imigração que se entrecruzam minimizou o peso dessa “inversão migratória” e deu visibilidade também às imigrações para o Brasil, que nunca deixaram de existir e que também se acentuaram a partir dos anos 1980, em novos fluxos do sistema migratório sul-americano, como também do chamado sistema migratório lusófono, com a significativa imigração de Angolanos.

Patarra propõe ainda que:

Por outro lado, com exceção do caso dos brasiguaios, foi-se percebendo não serem os mais pobres aqueles que migram; os movimentos, em sua maioria, vão atingindo jovens adultos de camadas médias urbanas. (Patarra, 2009: 189)

Esse é outra representação do imaginário sobre as migrações que foi sendo empiricamente desconstruída, mais nos meios acadêmicos do que no senso comum. As pioneiras pesquisa com imigrantes nos EUA e as seguintes pesquisas com imigrantes na Europa demonstraram que a emigração brasileira não foge também nesse item a características gerais dos fluxos migratórios internacionais contemporâneos. Como narra, **Fabício**, um de meus colaboradores de pesquisa, imigrante brasileiro em Portugal:

Eu não sou... Pronto, eu não sou rico, eu seria o que - se é que no Brasil existe - a famosa classe média, né? Meu; sabe, eu não tenho uma história de vida triste: eu ganhei bicicleta nova no Natal e aquela coisa toda, cara; eu não vim aqui porque tava passando fome ou nada disso; é importante, sabe... Eu notei nos anos... sempre que você se apresenta a um estrangeiro e tal e tá falando, aí, "ah, de onde você é?", "eu sou do Brasil", "ah! Você é do Brasil!", é fatal: 99,9% das vezes vão te perguntar "por que você veio pra cá?", mas eles perguntam isso, muitas vezes, já imaginando que vão ouvir uma história triste, né, que eu fugi de um tiroteio na favela ou que eu passava fome... Nada disso, cara!

A imigração é um projeto caro, e é muitas vezes um projeto familiar, que depende de uma rede social mais ou menos estruturada; essas características quase sempre excluem os mais pobres dos fluxos migratórios internacionais, não que os mais pobres não migrem nunca, mas as pesquisas vêm mostrando que eles não são a maioria. No caso brasileiro, Patarra argumenta que “o perfil dos emigrantes que se dirigem à Europa assemelha-se dos que se dirigem para os Estados Unidos” (Patarra, 2009: 302). O perfil do imigrante brasileiro no EUA foi detalhado

pelas pesquisas pioneiras de Sales, de Martes e de outras. Embora tenha sofrido alteração nessas mais de três décadas, sobretudo no que se refere ao gênero, a imigração brasileira tem sido, majoritariamente, uma imigração de classe média escolarizada (a partir da segunda metade de década de 1990, de classe média baixa).

Como última contribuição consolidada pelos estudos migratórios brasileiros, Patarra argumenta que:

Finalmente, o panorama atual, com expressiva saída de brasileiros, e, em menor escala, entrada de novos imigrantes, imprime especificidades ao caso brasileiro, o qual, além de não se constituir como um País de emigrantes, também não configura uma diáspora, se por diáspora entendemos situações econômicas, culturais, políticas ou religiosas tão graves que acabam por expulsar, em condições extremas, contingentes expressivos de sua população nativa. (Patarra, 2009: 191)

Este me parece ser o único ponto controverso da consolidação proposta por Patarra, se todos os outros pontos estão consoantes com os estudos mais importantes sobre a imigração brasileira realizado nas últimas três décadas, como também se encaixam nas teorias desenvolvidas e aplicadas aos estudos das migrações internacionais contemporâneas nesse mesmo intervalo de tempo, a questão da diáspora brasileira parece ser ainda um terreno para discussões. Embora eu tenda a concordar com Patarra em nome de uma utilização mais cuidadosa da ideia de diáspora, que pode se perder enquanto ideia explicativa se aplicada indiscriminadamente a todo e qualquer caso, há ainda um debate em torno da ideia que permitem que alguns autores a usem para interpretar o caso da imigração brasileira.

Para Rios-Neto e Amaral, que também escrevem na mesma coletânea que Patarra, “uma diáspora relaciona-se com a organização social das comunidades de origem nos países de destino, sem ruptura de laços com os países de naturalidade, ou seja, mantendo uma certa identidade nacional” (2009: 451). Para eles, ainda, “um ponto central na migração diaspórica é sua oposição à completa assimilação cultural, no sentido proposto pelas teorias sociológicas funcionalistas” (2009: 451). Diante dessas características, os autores concluem que “a migração internacional brasileira apresenta sinais diaspóricos, pelo menos no caso dos brasileiros nos EUA, dos dekasseguis, dos brasileiros em Portugal, na Espanha e, até mesmo, com bastante intensidade, dos brasiguaios no Paraguai” (2009: 451).

Também Padilla, certamente uma das principais pesquisadoras sobre a imigração brasileira em Portugal, não hesita em intitular um de seus artigos de “*Engagement Policies and Practices: Expanding the Citizenship of the Brazilian Diaspora*” (Padilla, 2011). Baseada em

uma ideia de diáspora que se forma a partir de práticas políticas transnacionais, sobretudo a partir do engajamento em prol políticas públicas específicas para os emigrantes (se o referencial é o país de origem), que são ao mesmo tempo imigrantes (se o referencial é o país de destino), Padilla toma a imigração brasileira em Portugal como diaspórica, devido ao seu papel tanto na promoção de políticas públicas do Estado brasileiro voltadas a seus emigrantes no exterior, quanto à mobilização em prol de políticas públicas voltadas para os imigrantes em Portugal.

Percebe-se claramente que a possibilidade de interpretação da migração brasileira como diaspórica depende da ideia de diáspora adotada. Padilla trata de algumas dessas ideias no artigo citado no parágrafo anterior (Padilla, 2011). Preocupada com as diásporas pós-coloniais, Pereira argumenta que:

Os novos fluxos migratórios influenciam de forma sistemática o sentido tradicional de diáspora, na sua forma e intensidade. Do ponto de vista do imaginário moderno, o conceito de diáspora é intrínseco ao êxodo judaico, uma dispersão coletiva inscrita numa relação contínua e linear entre passado e futuro que unem algum grupo e/ou nação em torno de uma identidade, independente do seu contexto histórico, geográfico e sociocultural. Entretanto essa visão clássica entre identidade e diáspora baseada nos mitos fundadores, numa leitura europeia e anglo-saxônica, não contempla o universo complexo e mutável das diásporas africanas, caribenhas, afro-latinas e afro-asiáticas. (Pereira, 2013)

Na linha de argumentação de Pereira (2013), Ní Éigeartaigh, Howard e Getty (2007), e diversos outros autores e autoras⁹², são bastante convincentes sobre a necessidade de se repensar a ideia clássica de diáspora diante das migrações internacionais contemporâneas.

Por um lado, embora compartilhe dos receios de Patarra sobre o uso indiscriminado de uma ideia tão fértil como tem se demonstrado a ideia de diáspora, fico com a impressão que a autora parece ignorar esses debates ao se prender a uma ideia clássica de diáspora atrelada à “expulsão em condições extremas”, que já não parece servir às migrações contemporâneas em sua enorme diversidade. É necessário coragem para avançar e cuidado para não tropeçar, afinal

⁹² Os estudos sobre diásporas e os debates sobre a reformulação da ideia tem sido muito frequentes nos meios acadêmicos anglo-saxões e nas antigas colônias britânicas, estando muito atrelado aos debates pós-coloniais, dos quais a produção acadêmica brasileira participa quase que somente como espectadora. Entre os programas dedicados ao tema, destaca-se o *Oxford Diasporas Programm*, da Universidade de Oxford, que, em julho de 2013, organizou a *Conference on Rethinking Diaspora*, que contou com uma comunicação de Adriana Capuano de Oliveira sobre a imigração brasileira no Japão (“Being Japanese in Brazil and being Brazilian in Japan: The perspective of the self between two worlds”). Para um levantamento dessa discussão em autores consagrados como Hall, Bhabha e Appadurai, entre outros, ver Roy, 2008. Para uma visão sobre os debates em torno da ideia na última década ver Tölölyan, 2001.

a ideia de diáspora se tornou tão rica nos últimos anos devido à sua extensão a outros processos migratórios distintos das diásporas clássicas, como a diáspora armênia ou a diáspora judaica. Contudo, isso não torna imediato o seu uso para todo e qualquer processo migratório, daí a necessidade de continuar o debate, para não desgastar, nem aprisionar a ideia. No caso brasileiro, parece-me ser ainda mais adequada a postura adotada no Perfil da Migratório Brasileiro da IOM. Segundo o estudo:

Se por um lado, não se pode afirmar a existências de comunidades brasileiras transnacionais efetivamente consolidadas, tampouco se pode ignorar, por outro lado, a intensificação do ‘trânsito’ de recursos informacionais, financeiros e simbólicos entre as comunidades de brasileiros na origem e no destino. (IOM, 2009: 44)

No que pese essa intensificação do ‘trânsito’ e a descrição da organização de mais de 350 associações de imigrantes brasileiros e brasileiras em 45 países (Firmeza, 2007), com ressalvas sobre as dificuldades de organização encontradas nos EUA e na Europa, o estudo da IOM conclui sobre a diáspora brasileira que:

Talvez ainda seja cedo para afirmar a consolidação de diáspora e a formação concreta de comunidades transnacionais já que em muitas regiões de brasileiros no mundo ainda não evidenciam organizações transnacionais efetivas. (IOM, 2009: 64)

Com a precaução proposta no relatório da IOM, parecem-me promissoras as tentativas de interpretar e conhecer uma possível diáspora brasileira, essa é, contudo, uma imagem ainda em construção.

Por fim, creio ser ainda necessária a apresentação de alguns números para concluir essa sucinta caracterização do desenvolvimento dos estudos sobre as migrações internacionais brasileiras contemporâneas. Podemos começar a ver alguns números do sistema migratório brasileiro com o auxílio do perfil migratório brasileiro construído pela IOM no final da primeira década do século XXI (IOM, 2009).

Em coro com dez em cada dez pesquisadores e pesquisadoras sobre fluxos migratórios, a IOM admite que “atualmente é difícil precisar o tamanho e perfil dos emigrantes brasileiros no mundo” (IOM, 2009: 15), mas não abre mão da tentativa de fazê-lo por meio da compilação de dados de três fontes distintas: registros administrativos do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE); dados sobre a detenção de brasileiros em situação irregular e dados censitários dos países de destino da emigração brasileira. Cruzando dados tão distintos o IOM chega a uma margem não muito precisa de um a três milhões de brasileiros vivendo no exterior.

O lamento sobre as enormes dificuldades de contagem de imigrantes é comum entre pesquisadores e pesquisadoras do assunto e já há quem se lamente de tanto lamento. De qualquer forma, creio ser ainda importante ao menos mencionar algumas das maiores dificuldades, para se ter uma dimensão aproximada do quão imprecisos são números. A migração irregular parece ser de longe o maior problema na quantificação.⁹³ É de se esperar que migrantes vivendo em situação irregular frente à legislação de imigração dos países onde estão não apareçam nem nos censos destes países, nem, felizmente, na estatística de detenção. Pode-se esperar que muitos deles tampouco apareçam nos registros consulares de seus países de origem. No caso da emigração brasileira para a Europa um outro problema na contagem dos imigrantes não é frequentemente mencionado: a dupla cidadania ou a obtenção de um passaporte europeu antes ou após a entrada na Europa. Joana Bahia, que trabalha com a imigração brasileira na Alemanha, é uma das poucas pesquisadoras que chama a atenção para esse problema, incluindo aí o caso das crianças binacionais, que são registradas como alemãs (Bahia, 2012: 224). Mesmo não sendo amostral, creio que posso tomar minhas próprias colaboradoras e colaboradores de pesquisa na Alemanha como ao menos um indício desse fato: dos dez brasileiros e brasileiras vivendo na Alemanha cujas entrevistas são fontes dessa tese, três (30%) não aparecem em nenhum registro usado para as estimativas de imigração, pois vivem neste país sob nacionalidades europeias.

Mesmo que defendamos que os estudos sobre migração não podem se resumir aos números e mesmo que tenhamos que ter ciência das inexatidões das estimativas relativas à imigração, não há como desdenhar dos números. Um fenômeno de massa de tamanha dimensão e de tamanho impacto político e social precisa ser também quantificado para ser não necessariamente melhor entendido, mas certamente melhor enfrentado. Algumas tentativas sistemáticas de dar maior precisão aos números da migração brasileira vêm sendo feitas desde a virada do século. Em 2001, por exemplo, Carvalho et al., trabalhando com dados censitários e técnicas demográficas, estimaram em 1.800.000 o número de brasileiros emigrados entre 1980 e 1990, já para a década seguintes, Carvalho e Campos estimaram, em 2006, que cerca de 550 mil brasileiros emigraram entre 1990 e 2000. Em um balanço de suas próprias estimativas realizadas a partir de 1996, Oliveira (2009), relembra que, tanto em 1996, quanto em 2001 (Oliveira, 2001), chegou a números dentro dos intervalos calculados por Carvalho.

⁹³ Diante do volume de páginas escritas sobre migração contemporânea, parece percentualmente pequeno o número de trabalhos voltados para o enfrentamento dessa questão, referências nos debates sobre imigração irregular podem ser encontradas em Koser 2010. O projeto “Clandestino” conta talvez com a maior base de estimativa de dados sobre imigração irregular na Europa, a base de dados pode ser acessada a partir de: <http://irregular-migration.net/>

O MRE vem, desde 2008⁹⁴, publicando estimativas cuidadosas, geradas a partir de diversas fontes, indo desde a movimentação consular a pesquisas acadêmicas, passando por publicações na mídia e por dados oficiais dos países de origem (MRE, 2008). Alguns números da imigração brasileira na Europa divulgados anualmente pelo MRE são reproduzidos abaixo.

Tabela 2.1 Brasileiros/as no mundo – Dados do MRE

	2008	2009	2010	2011	2012
Europa	503.589 a 1.010.303	816.257	252.892	911.889	752.089
Alemanha	21.211 a 59.338	89.000	16.637	91.087	95.160
Portugal	69.518 a 160.000	137.000	65.969	136.220	140.426
Bélgica	3.625 a 43.638	42.000	55.63	60.000	43.000
Espanha	74.085 a 150.000	125.000	46.330	158.761	128.238
França	19.061 a 30.000	60.000	17.743	80.010	44.622
Itália	110.000 a 132.000	70.000	34.652	85.000	67.000
Reino Unido	150.00 a 300.000	180.000	32.270	180.000	118.000
Suíça	22.861 a 60.000	57.500	12.120	57.500	44.089
EUA	843.505 a 1.490.000	1.280.000	117.104	1.388.000	1.006.559
Japão	310.000 a 310.751	280.000	36.202	230.552	210.032

Fontes: MRE 2008, 2009, 2011, 2012; IBGE 2011

No documento do MRE de 2009, há um alerta para uma alteração da metodologia empregada que impossibilita a comparação entre os dados de 2009 e 2008. Em 2010 o MRE abriu mão de suas próprias estimativas e divulgou os números conseguidos pelo Censo 2010 (IBGE, 2011). A diferença nos números salta aos olhos: em 2008 o MRE optou por divulgar apenas a maior e a menor estimativa encontrada entre as fontes consultadas, sem um esforço maior de construir uma estimativa própria. Em 2010, no caso do Censo Demográfico, foi incluído no questionário do censo a pergunta se alguma pessoa que residira anteriormente com algum morador do domicílio estaria vivendo no exterior. Para o próprio IBGE:

Algumas limitações que surgem de imediato é o da possibilidade de todas as pessoas que residiam em determinado domicílio terem emigrado ou que aquelas que ficaram em território brasileiro tenham vindo a falecer. Além disso, pessoas que fizeram o

⁹⁴ Para estimativas anteriores do MRE, baseadas nos registros consulares, ver Marinucci (2008).

movimento rumo ao exterior há muito tempo podem ser desconsideradas. A ocorrência desses fatores implica necessariamente na omissão de emigrantes internacionais. (IBGE, 2011: s/p)

Levando em conta então apenas os anos de 2009, 2011 e 2102. O primeiro dado que chama a atenção é a diminuição no número de imigrantes brasileiros tanto na Europa, quanto nos EUA e no Japão, tendência apontada pela IOM para os fluxos migratórios brasileiros. Segundo o relatório da IOM, “já são claros os indícios de migração de retorno, que se supõe acentuada na atual crise financeira internacional” (IOM, 2009: 12). A precaução da escolha das palavras revela que há ainda mais uma expectativa do que uma constatação sobre a nova tendência de refluxo. Os impactos da atual crise do sistema capitalista mundial se deixam notar nos fluxos migratórios brasileiros, sobretudo pela forma como vêm sendo administrados pelos países do norte no que se refere a implementação de política imigratórias mais restritivas⁹⁵, mas parece ser ainda cedo para afirmações sobre consequências duradouras sobre os fluxos migratórios, ainda é preciso cautela e ainda parece que podemos falar apenas em “indícios” e “suposições”. Além disso, uma análise de fluxos migratórios exigem um esforço que vai muito além da proposta desse tese, estou aqui trabalhando com dados de estoques populacionais, que, isoladamente, não permitem avaliação de fluxos, deixam apenas “indícios”.

Mais propriamente sobre fluxos, analisando os números da imigração brasileira nos EUA, Teresa Sales chama a atenção para uma precipitação em análises que apontam para uma migração de retorno no caso brasileiro: *“quanto ao retorno dos emigrantes, [a análise] é precipitada e baseada em pressupostos equivocados: a inferência de que a crise econômica dos Estados Unidos possa propiciar de imediato um movimento de retorno dos imigrantes brasileiros daquele país”* (Sales, 2009: 396). Sales conclui ainda que:

É possível que o novo Brasil que se anuncia nos índices de desenvolvimento sustentável (...) em comparação com a crise vivida, a partir de 2007, pelos Estados Unidos, sejam fatores impulsionadores de fluxos migratórios de retorno. As leis de imigração daquele país, que têm mobilizado a comunidade brasileira, juntamente com outras comunidades imigrantes dos Estados Unidos, não são menos importantes para o destino desses fluxos. Porém, após mais de 20 anos do início das correntes

⁹⁵ Mais do que a crise do sistema capitalista, o que parece ter impacto direto na diminuição do fluxo de alguns sistemas migratórios contemporâneos, sobretudo os de direção sul-norte, são as políticas de restrição à imigração adotada nos EUA e na Europa. Para Massey et al. *“the most important forces operating to influence the volume and composition of international migration today are these that States deploy to regulate or impede the inflow: admission policies de jure or de facto”*. (Massey et al. 1998: 14)

migratórias que levaram os pioneiros valadarenses ao solo americano, a permanência do Brasil fora do Brasil é fato irreversível. (Sales, 2009: 397)

Voltando à tabela, chama a atenção também o fato de que a diminuição do número de imigrantes na Europa não se dá por igual, alguns países contribuem decisivamente para a diminuição do número total de brasileiros/as no continente europeu. Reino Unido e França são os que tiveram os maiores decréscimos no número brasileiros e brasileiras, seguidos de Itália, Bélgica, Espanha e Suíça. Por outro lado, há alguns países europeus em que esse número ainda apresenta curva de crescimento, como nos casos a Alemanha e de Portugal. A interpretação da variação nestes estoques não é intenção neste trabalho, mas um possível indício da redução de estoques em alguns países talvez seja o fato de que Reino Unido, França, Itália e Espanha venham estampando as manchetes de jornais nos últimos anos devido às suas políticas restritivas de imigração, muitas vezes questionáveis do ponto de vista dos direitos humanos.

O que seria um indício a ser explorado para esses países europeus, é, no caso dos EUA um fato a ser afirmado. As restrições à imigração acentuadas após os atentados de 2001, sobretudo o combate à imigração irregular (situação estimada para grande percentual da imigração brasileira no EUA), contribuíram indubitavelmente para o redirecionamento do fluxo migratório Brasil-EUA, mas talvez em dois sentidos: retorno ao Brasil ou nova tentativa de imigração para a Europa. Trabalhando com anos imediatamente anteriores aos apresentados na tabela acima, Wilson Fusco chama atenção para esse possível redirecionamento dos fluxos emigratórios brasileiros, segundo ele:

Em 2001 as comunidades de brasileiros estavam ainda mais concentradas nos três principais países (77%) – Estados Unidos, Paraguai e Japão – do que em 2007 (67%). Um dos pontos a se destacar nessa questão é que a perda de participação desses destinos mais importantes ocorreu em correspondência ao aumento da participação de países da Europa como novos destinos. Ainda que nenhum país europeu, isoladamente, tenha superado em volume a quantidade de brasileiros que encontramos no Japão, por exemplo, a Europa em conjunto passou a contabilizar 25% de nossos migrantes. (Fusco, 2009)

O caso da migração brasileira para o Japão é bastante específico, por se tratar de uma imigração dirigida pelo governo japonês e direcionada exclusivamente para os descendentes dos imigrantes japoneses que emigraram no início do século XX, seu fluxo é imediata e profundamente afetado por qualquer alteração política colocada em marcha pelo governo japonês. Segundo a IOM, estima-se que 20% dos imigrantes brasileiros no Japão, cerca de 50

mil pessoas, já retornaram ou estavam prontos para retornar ao Brasil em 2009 (IOM, 2009). Os números do MRE confirmam com exatidão a estimativa da IOM⁹⁶.

Para além dos números, alguns movimentos e ações empreendidas por imigrantes e estudiosos dão indícios do crescimento da relevância e do interesse tanto nos fluxos imigratórios quanto nos imigrantes brasileiros e brasileiras, sobretudo nos países europeus. Em 1997, a Casa do Brasil de Lisboa (CBL), uma das primeiras e mais ativas associações de brasileiras e brasileiros na Europa, organizou o I Simpósio Internacional sobre Imigração Brasileira em Lisboa, que contou com a participação de ativistas, estudiosos e políticos brasileiros. Em 2002, como continuidade dessas ações, realizou-se o I Encontro Ibérico da Comunidade de Brasileiros no Exterior, também com ativa participação da CBL. Neste encontro foi redigida a Carta de Lisboa, com exigências das associações de imigrantes ao governo brasileiro⁹⁷. Em 2005, em Boston, documento semelhante é redigido durante o *I Brazilian Summit*. Em 2007 é organizado em Bruxelas, o Segundo Encontro de Brasileiras e Brasileiros no Exterior (aqui, como se vê, o gênero já havia entrado nas discussões). Neste segundo encontro articula-se a Rede de Organizações Brasileiras na Europa (www.rede-brasileira.eu) e é redigido o Documento de Bruxelas, que incorpora e amplia as reivindicações do Documento de Lisboa. Desde 2007, a Rede Brasileira organizou mais dois encontros de imigrantes brasileiros e brasileiras na Europa: 2009 em Barcelona e 2011 em Londres.

O governo federal brasileiro esteve atento a toda essa organização, participando dos debates, recebendo os documentos elaborados e introduzindo parte das reivindicações na reestruturação das políticas e dos serviços consulares brasileiros desde 2002. Com resultado imediato dos encontros de brasileiros, o MRE vem organizando as chamadas Conferências de Brasileiros no Mundo, a primeira, segunda e a terceira conferências ocorreram no Rio de Janeiro em 2008, 2009 e 2010, respectivamente. As atas das duas primeiras conferências foram publicadas, ambas em dois volumes: um com as apresentações acadêmicas e outro com contribuições das associações de imigrantes (MRE 2008, 2009). A quarta conferência ocorreu no final de 2013 na Praia do Forte, na Bahia⁹⁸.

⁹⁶ Uma das várias especificidades da imigração brasileira no Japão é a precisão dos números, é praticamente inexpressiva a imigração brasileira irregular no Japão, com muita segurança, os dados oficiais podem ser tomados como dados muito precisos, algo muito raro nos contextos migratórios contemporâneos.

⁹⁷ A CBL desempenhou um papel político de extrema relevância na nova política consular brasileira implementada após 2002. A CBL foi fundada por militantes históricos da esquerda brasileira, incluindo alguns fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT), e mobilizou a comunidade brasileira no exterior durante as eleições presidenciais que levaram o PT ao governo federal. Em 2002 a presidente da CBL era Virgínia de Freitas, esposa do militante histórico Alípio de Freitas, que havia participado tanto da fundação do PT, quanto da fundação da CBL em 1992.

⁹⁸ Os estudos sobre a imigração brasileira já contam também com trabalhos de análise das políticas do governo federal direcionadas para a imigração de brasileiros, como, por exemplo, Radhay (2006). Outro grupo expressivo

Pesquisadores e pesquisadoras europeus e brasileiras também se movimentaram bastante na última década no sentido de criar espaços de discussão e trocas sobre a produção acadêmica crescente em torno da imigração brasileira. Em 2010, 2012 e 2014, respectivamente em Lisboa, Barcelona e Londres, foram realizados três Seminários de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, reunindo tanto os principais pesquisadores e pesquisadoras sobre o tema, quanto novos e novas pesquisadoras que se encontram envolvidos com a imigração brasileira em suas pesquisas de mestrado e doutorado. As atas dos dois primeiros seminários já foram publicadas e deixam ver tanto a variedade dos temas abordados, quanto a centralidade de alguns países e temas, sobretudo de Portugal e das questões de gênero, nas reflexões acadêmicas atuais sobre a imigração brasileira (Carvalho et. al., 2010; Padilla et. al., 2012)

Além dos estudos sobre Portugal, a imigração brasileira em outros países europeus já conta com alguns trabalhos relevantes. Na Espanha, Leonardo Cavalcanti (Cavalcanti, 2012, 2007, 2005) vem há alguns anos conduzindo suas investigações na Universidade Autônoma de Barcelona⁹⁹. Na Itália a Associação Internacional AREIA, sediada no Departamento de História Moderna e Contemporânea da Universidade de Gênova, vem consolidando um arquivo de fontes orais sobre as relações entre Itália e América Latina, incluindo as migrações contemporâneas (Vangelista, 2011). Tanto sobre a imigração brasileira para a Espanha, quanto para a Itália, merecem ainda destaque os estudos de Adriana Piscitelli, devido à relevância de suas reflexões para a inserção da categoria gênero nos estudos migratórios (Piscitelli, 2005, 2006, 2008, 2009, 2010, 2013). No Reino Unido, em 2008 foi fundado o Grupo de Estudos sobre Brasileiros (GEB) com o objetivo de reunir pesquisadores de diversas áreas que tenham como foco de seus estudos imigrantes brasileiros e brasileiras no Reino Unido. O GEB vem protagonizando alguns debates acadêmicos e produzindo estudos relevantes sobre a imigração brasileira, tanto quantitativos, como o levantamento *Imigrantes Brasileiras no Mundo* (GEB, 2013), quanto qualitativos, como a organização de um dossiê temático da Revista Travessia sobre a imigração brasileira em Londres (GEB, 2010), além de outros textos publicados em revistas internacionais (Evans, 2011).

Sobre França, Bélgica e Holanda há uma produção em marcha (Almeida, 2011, 2013; 2013a, 2013b; Amorim, 2009; Assunção, 2012; Pedroso, 2011). Bastante incipiente ainda é a

de pesquisadores tem se preocupado e dedicado bastante atenção às mudanças necessária na legislação de imigração no Brasil. Desde 2009 tramita no congresso projeto de nova lei de imigração que substituirá a lei em vigor datada de 1980 e ainda baseada nos princípios da segurança nacional. Recentemente a Associação Brasileira de Antropologia publicou parecer crítico sobre o que parece ser a versão final do processo a ser votado pelo congresso (ABA, 2014).

⁹⁹ Em 2013, Leonardo Cavalcanti ingressou na Universidade de Brasília, onde inaugurou o Laboratório de Estudos sobre Migrações Internacionais (LAEMI) no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC).

produção acadêmica sobre a imigração brasileira na Alemanha (Bahia, 2013, 2013a; Lidola, 2007, 2011, 2012, 2013; Maciel 2010; Duscha 2010; Regis 2007). Nestes últimos casos seria talvez mais apropriado falar em uma lacuna na produção acadêmica, que esta tese, em parte, pode contribuir para minimizar.

No caso da Alemanha, a inexpressividade percentual da imigração brasileira explica em parte, mas não justifica, a lacuna. Mesmo se pensarmos apenas em números, se em termos quantitativos é inexpressiva para o sistema migratório alemão contemporâneo a imigração brasileira, o mesmo não pode ser dito para o sistema migratório brasileiro, pois o número de brasileiros/as vivendo na Alemanha ronda a casa da primeira centena de milhar e não está tão distante assim em valores absolutos do número de imigrantes brasileiras e brasileiros em Portugal. Compreendo e reforço o lamento de Joana Bahia de que *“os pesquisadores ainda não chegaram à cidade de Berlim e ao quarto país de emigrantes brasileiros na Europa”* (Bahia, 2012).

Embora tenha fincado o pé ao afirmar nas primeiras páginas não se tratar esta tese de um estudo sobre migração, creio agora já poder recuar e admitir que, levando-se em conta que este é um estudo com migrantes e considerando-se a relevância das migrações internacionais no contexto histórico atual, bem como a interdisciplinaridade e a diversidade de tendências dos estudos migratórios, incluindo muitas abordagens fundadas em bases histórico-culturais, este é também um estudo inserido no quadro atual de reflexões sobre as migrações internacionais. Mesmo que os problemas tratados não sejam imediata ou univocamente ligados às migrações internacionais, eles são por elas afetados e não podem delas se esquivar.

Ainda que concorde com o argumento estratégico de Padilla (2007) de que a figura do imigrante não existe solta no nada, pois o que existe são sujeitos de diferentes classes, gêneros, raças e etnias que migram, meus colaboradores e colaboradoras de pesquisa são imigrantes e a experiência da migração os tem constituídos como sujeitos dentro de um contexto histórico marcado de forma essencial pelo fenômeno das migrações internacionais. É a partir desse ponto que podemos partir para ver suas diferenças e tentar entender as múltiplas identidades construídas dentro de um processo histórico compartilhado, mas ao mesmo tempo cortado por pertencimentos que lhes são anteriores e que com ele dialogam.

Capítulo 3 Leituras em torno de *Comunidades Imaginadas*

A nation's existence is, if you will pardon the metaphor, a daily plebiscite, just as an individual's existence is a perpetual affirmation of life. (Ernest Renan)

3.1 Apresentação

Sendo afirmado ou negado na maioria das entrevistas realizadas com os/as colaboradores/as desta pesquisa, o pertencimento nacional é evocado como uma forma de compreender as experiências vividas na migração, sendo que aparecem nas entrevistas tanto a filiação quanto a recusa a essa forma de compreensão das experiências vividas. Sendo assim, o pertencimento nacional se firma como um aspecto da fronteira entre grupo humanos mencionada por Barth e, portanto, como uma ideia fundamental de minha pesquisa, que exige uma aproximação teórica de maior fôlego.

Ainda que o nacionalismo, não sem motivos, tenha sido condenado por intelectuais de diferentes matizes, faz-se necessário admitir que toda a crueldade já feita em nome da nação, principalmente desde que a ela se associou o Estado, não foi capaz de impedir a (re)construção cotidiana de identidades nacionais. Após o papel positivo desempenhado pelas identidades nacionais nos processos de descolonização asiáticos e africanos e do ressurgimento de múltiplas identidades nacionais nos países do leste europeu, sobretudo depois do esfacelamento da Iugoslávia, foi possível perceber mais claramente que, ainda que se possa entender nacionalidade como mito, isso não significa que ela não pertença ao real e que seus efeitos possam ser ignorados. A insistência da nação, mesmo após Auschwitz, parece ter levado à ideia de que debater e entender identidades nacionais pode ser um caminho mais adequado do que simplesmente acusá-las e negá-las¹⁰⁰.

Exemplos positivos vindos de processos de descolonização do sul abriram uma brecha à imaginação: pode ser que nações não tenham que ser sempre o mesmo. Se nações são processos imaginados, requerem criatividade, capacidade que, para Castoriadis (1992), nos diferencia dos outros animais. Se nações são comunidades imaginadas, como o quer Benedict

¹⁰⁰ Alguns autores, sobretudo Smith (1991), propõem a distinção entre “identidade nacional” e “nacionalismo” como forma de preservar o primeiro conceito, baseado no sentimento de pertença a uma nação, das conotações negativas vinculadas ao segundo. Considero a distinção pertinente até certo ponto, mas opto por não adotá-la de forma rígida, pois confesso que não estou seguro quanto a ser mesmo possível ou adequado separar as duas coisas. Como Nairn (1997), não consigo deixar de ver as duas faces do nacionalismo como pertencentes a um mesmo deus Janus.

Anderson, talvez nos seja possível sermos criativos o bastante para imaginá-las sob condições que favoreçam nossa humanidade. Imaginar é importante, mas não é, contudo, um processo individual e voluntário, pois se dá em meio a relações de força concretas inseridas em cada processo histórico específico, que influenciam as formas de representação coletiva que se tornam hegemônicas.

Partindo de Anderson (2008), propus, no projeto desta tese, dedicar um capítulo à apresentação de alguns discursos e algumas ideias mais influentes sobre o nacionalismo desde os textos fundamentais de Herder (2002)¹⁰¹, escritos no final do século XVIII; de Fichte – especificamente de suas preleções proferidas na primeira década do século XIX na sequência da considerada humilhante derrota da Prússia contra o exército de Napoleão na Batalha de Jena em 1806 (Fichte, 2008)¹⁰² –; e de Ernest Renan (2000)¹⁰³, passando pelos autores mais

¹⁰¹ Se não foi o último, Johann Gottfried Herder foi provavelmente o mais romântico dos românticos alemães. Seu posicionamento reticente em relação ao iluminismo francês, sua busca de compreensão da cultura popular, sobretudo sua busca da compreensão de uma ideia de cultura (Williams, 1961, 1983; Eagleton, 2005), e sua ideia de nação tantas vezes simplificada com a frase *“Denn jedes Volk ist Volk: es hat seine Nationalbildung wie seine Sprache”* (Cada povo é um povo, tem sua educação nacional e sua língua) (Herder, 2002: 231) têm inspirado uma centena de estudos sobre cultura popular nas últimas três ou quatro décadas e influenciaram fortemente um dos modelos mais comuns de interpretação da nação, que se baseia na crença em uma comunhão cultural, marcada sobretudo por história e língua compartilhadas, característica do que costuma ser visto como modelo alemão de nacionalidade, fundamento do *jus sanguinis*.

¹⁰² No semestre acadêmico de inverno de 1807/1808, diante da ocupação francesa de territórios germânicos, Johann Gottlieb Fichte dedica suas preleções na Universidade de Berlim a discursar aos alemães, publicando-as imediatamente ao final do semestre letivo, em abril de 1808, sob o título *“Reden an die Deutsche Nation”*. (Discursos à nação alemã). Ao se dirigir aos alemães e à nação alemã, Fichte teve que primeiro explicar quem eram seus interlocutores para depois defender sua proposta de uma nova “educação nacional”, que partia do princípio de que *“die höhere Vaterlandsliebe für das gemeinsame Volk der deutschen Nation musste und sollte ja ohnedies die oberste Leitung in jedem besondern deutschen Staate führen”* (o mais elevado amor pátrio por todo o povo da nação alemã deveria guiar a mais alta gestão em cada estado alemão específico) (Fichte 1978, 143). Fichte, um dos filósofos mais importantes de seu tempo, foi peça fundamental na imaginação da nação alemã que ainda levaria um século para se afirmar como tal. Alguns títulos de suas quatorze preleções são bastante eloquentes e permitem ter uma ideia de sua empreitada: *„Darstellung der deutschen Grundzüge in der Geschichte”* (Apresentação dos princípios alemães na história); *„Noch tiefere Erfassung der Ursprünglichkeit, und Deutschheit eines Volkes”* (Concepção mais aprofundada da origem e alemanidade de um povo); *„Hauptverschiedenheit zwischen den Deutschen und den übrigen Völkern germanischer Abkunft”* (Principais diferenças entre os alemães e os outros povos de origem germânica) (Fichte, 1978). Kedourie dedica especial atenção ao papel dos filósofos pós-kantianos no desenvolvimento do nacionalismo, considerando Fichte o mais influente desses filósofos e os “Discursos à nação alemã” como um marco na formação do nacionalismo (Kedourie, 1993).

¹⁰³ Ernest Renan figura ao lado de Herder e Fichte como um dos intelectuais que ajudaram a instituir a nação como elemento central de compreensão da modernidade. Mais importante do que suas respostas à pergunta “O que é uma nação?”, seus argumentos sobre o que não é uma nação, em contraposição direta ao “modelo alemão”, dão base a vários elementos centrais às interpretações contemporâneas sobre a nação. Para Renan, nação é algo novo na história da humanidade e confundi-la com raça ou língua é um grave erro, *“this is a very great error, which, if it were to become dominant, would destroy European civilization. The primordial right of races is as narrow and as perilous for genuine progress as the national principle is just and legitimate (...). What we have just said of race applies to language too* (Esse é um erro bastante grande, e, se ele se tornasse dominante, destruiria a civilização europeia. O direito primordial das raças é tão estreito e tão pernicioso para o progresso genuíno quanto o princípio nacional é justo e legítimo (...). O que dizemos a respeito das raças aplica-se também às línguas.) (Renan, 2000: 13-16). Segundo Renan, a nação é um “plebiscito diário” (Renan, 2000: 19). Seus argumentos contrários ao “modelo alemão” e sua resposta à pergunta “o que é uma nação?” estão na base da segunda ideia ocidental de nação mais comum no século XX, que poderíamos chamar de “modelo francês”, fundado na cidadania

relevantes da segunda metade do século XX, como Kedourie, Gellner, Nairn, Smith e Hobsbawm, até chegar aos debates mais recentes que se debruçam de forma crítica sobre as formulações de Anderson, como Balakrishnan e Chatterjee.

Essa proposta, um tanto quanto megalomaniaca, acompanhou-me durante quase toda a pesquisa e me levou a leituras instigantes que alimentaram em grande parte o ímpeto de prosseguir com os estudos. Vista por este lado, foi então de grande relevância para a pesquisa. Contudo, perto do desfecho, nos últimos meses dedicados exclusivamente à redação, o capítulo teórico tão vasto sobre o nacionalismo se mostrou um esforço desmedido para um resultado de pouquíssima relevância na urdidura da tese; tal capítulo figuraria quase com um apêndice de sustentação a alguns poucos argumentos apresentados. Tendo se mostrado exagerada, alterei a estratégia de redação do capítulo, tomando um caminho mais simples e curto: partindo de Anderson, cruzei *Comunidades Imaginadas* e dei voltas em seu entorno, buscando dialogar com textos posteriores dos autores com quem Anderson inicialmente também tenta dialogar, pausando sobre argumentos de *Comunidades Imaginadas* que me parecem úteis e outros que me parecem superados pela crítica, a qual ganha também espaço em meu breve percurso.

3.2 *O enredo: a teia da nação que une processos migratórios singulares*

2003, quase quinze anos depois do muro destruído, Bianca, arquiteta e descendente de imigrantes portugueses no Brasil, chega à Alemanha Oriental, que segue sendo assim reconhecida, ainda que não haja mais muros de concreto. Bianca chegou para trabalhar; ela não buscava a Alemanha, seja do leste ou do oeste, buscava condições ideais para seu trabalho como pesquisadora e as encontrou nessa parte do mundo.

Bianca e Flávia, que havia chegado à Alemanha poucos dias após a queda do muro, não se conhecem, nem sabem uma da existência da outra, ainda que morem bem próximas e que tenham pelo menos três coisas em comum: as duas são brasileiras; as duas vivem em cidades universitárias do leste da Alemanha e as duas estão entre as personagens que por meio de suas histórias me ajudam a contar essa outra história que continuo aqui.

Como já disse algumas vezes, e cabe mais uma vez lembrar, por meio de discursos materializados em narrativas de trajetória de vida de brasileiros/as vivendo na Alemanha e em Portugal, e amparado por um conceito semiótico de cultura (Geertz 1992), associado à ideia de cultura como um horizonte de possibilidades latentes (Ginzburg 1993), e à ideia de experiência

e materializado no *jus solis*. Sua maior influência nas teorias contemporâneas sobre a nação é a premissa de que este é um processo político característico da época moderna.

como processos históricos que tornam homens e mulheres sujeitos de sua história (Thompson 1987), busco interpretar e compreender como esses/as imigrantes (re)constroem suas identidades diante da experiência da migração.

Devo repetir ainda que, embora tenha por fontes trajetórias de vida de sujeitos históricos tomados individualmente, por meio dos processos históricos e ações vivenciadas por esses sujeitos (suas experiências), em minha interpretação os tomo como algo distinto de “uma multidão de indivíduos com um amontoado de experiências” (Thompson, 1987: 11). Desse ponto, busco obter uma descrição densa de um grupo cultural não homogêneo e marcado por recortes de gênero e classe, descobrindo seus horizontes possíveis por meio de suas experiências históricas, tratadas em suas consciências e sua cultura das mais complexas maneiras (Thompson, 1981: 182). Conforme Brah, considero que:

a experiência não reflete de maneira transparente uma realidade pré-determinada, mas é uma construção cultural (...). Onde a necessidade de re-enfatizar uma noção de experiência não como diretriz imediata para a “verdade” mas como uma prática de atribuir sentido, tanto simbólica como narrativamente: como uma luta sobre condições materiais e significado. Contra a idéia de um “sujeito da experiência” já plenamente constituído a quem as “experiências acontecem”, a experiência é o lugar da formação do sujeito (Brah, 2006: 360)

Tomada como um discurso, como uma prática social de atribuição de sentidos, de construção de representações que tomam a forma de narrativas, as experiências dos sujeitos dessa pesquisa são interpretações que precisam ser interpretadas (Scott, 1998). É por meio dessa interpretação que grupos podem ser vislumbrados em processos de identificação. Processos inseridos em relações sociais acionadas pela experiência da migração e culturalmente construídas. Processos dialógicos entre uma memória cultural parcialmente compartilhada e memórias comunicativas acionadas na narração das experiências.

Na definição dos grupos, escolhi o caminho de construí-los a partir de questões de pertencimento nacional. Pode parecer um caminho muito fácil definir grupos a partir dos discursos sobre nacionalidade que articulam. Algumas vezes, é um caminho mesmo negado por meus/minhas colaboradores/as de pesquisa, que chegam a se incomodar com essa “adscrição forçada”. Como bem o mostra o trecho da narrativa de **Bruno**:

Eu nunca me vi tão identificado com esse, com essa sensação de grupo, né? Eu nunca, em poucos momentos eu fui... eu deixei... eu fui... eu era o Bruno. Eu sempre fui “os brasileiros”, né? Os brasileiros, os brasileiros, os pretos de merda. Essas categorias assim. Você é o tempo todo colocado pra essas categorias, né?

Não evito o caminho que incomoda **Bruno**, mas o faço mais longo ao utilizar complementarmente a ideia de identidade étnica de Fredrick Barth (1998), tentando assim evitar as armadilhas que o atalho da categorização prévia possui, atento ao alerta de meu colaborador. Contudo, mesmo o alerta de **Bruno**, implicitamente presente em outras entrevistas, fornece-me argumentos para propor os grupos por meio dos elementos discursivos referentes a identidades nacionais e comuns a muitas das narrativas colhidas, que apontam para a diferença frente ao outro, que surge nas narrativas sobre a imigração. Outra vez com Brah, concordo que:

A diferença como relação social pode ser entendida como as trajetórias históricas e contemporâneas das circunstâncias materiais e práticas culturais que produzem as condições para a construção das identidades de grupo. O conceito se refere ao entretido de narrativas coletivas compartilhadas dentro de sentimentos de comunidade, seja ou não essa “comunidade” constituída em encontros face a face ou imaginada, no sentido sugerido por Benedict Anderson (Brah, 2006: 363)

Apoiado nessa ideia da diferença como relação social, volto a Barth (1998), para quem identidades étnicas são transacionais, são categorias relacionais, mutáveis e múltiplas, já que se definem sempre em oposição a outro grupo, em movimentos internos de classificação e em movimentos externos de categorização (Jenkins, 2008).¹⁰⁴ Em 1969, Fredrik Barth propôs que o ponto central da pesquisa sobre grupos étnicos é a fronteira que define o grupo e não a matéria cultural que ela abrange (Barth, 1997). Quase vinte anos depois, a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha afirmou que, “após Barth, não há trabalho de antropólogo sobre questões étnicas que deixe de assumir esta definição como ponto e partida” (Cunha, 1986: 117). Para Jenkins, “*the post-Barth ‘basic anthropological model of ethnicity’ remains arguably the best approach to the topic*” (Jenkins 2008: 24).¹⁰⁵ Ainda que matizada pelo crescimento vertiginoso e pelo maior escopo dos estudos sobre identidades, parece que ainda hoje as ideias firmadas por Barth em 1969 ajudam a formar a base de sustentação das discussões sobre identidades.¹⁰⁶

¹⁰⁴ Jenkins (2008) distingue entre auto-atribuições de características feitas por membros de um grupo, que chama de “classificação”, e atribuição feitas por elementos não pertencentes ao grupo, as quais denomina “categorizações”.

¹⁰⁵ O ‘modelo antropológico básico de etnia’ pós-Barth segue sendo possivelmente a melhor abordagem para o tópico (Jenkins 2008: 24).

¹⁰⁶ Na sua proposta de repensar a etnicidade, que na verdade é antes uma proposta de voltar à etnicidade nos termos fecundos propostos por Barth em 1969, Jenkins se esforça para dar os devidos créditos do desenvolvimento das interpretações de identidades étnicas acionados por Barth: “*The value and potential of this social constructionist model, which is probably most often identified with the work of Fredrik Barth, have not Always been acknowledged as widely as they deserve to be. Many of the discussions of ethnicity under the various sings of postmodernism, post-structuralism and post-colonialism, for example, appear to draw on core themes of this anthropological model, not least its insights that ethnic identifications are negotiable and the boundaries of ethnic groups imprecise, with little or no acknowledgement, por perhaps even knowledge, of their intellectual genealogy*” (O valor e o potencial desse modelo social construcionista, que é mais provavelmente identificado com o trabalho de Fredrik Barth, nem sempre foram tão amplamente reconhecidos como deveriam ser. Muitas das discussões a respeito de etnia sob as

É verdade que a ideia da indissociabilidade entre opostos, da importância das fronteiras, no caso específico, entre identidade e diferença, ou entre “eu” e o “outro”, não foi inventada por Barth, basta lembrar as ideias tão em voga de Vygostsky de que é por meio do outro que nos tornamos eu, proposição que claramente dialoga com o dialogismo coetâneo de Bakhtin (1994). Também parece ser plausível, conforme argumenta Jenkins (2008), a dívida não declarada de Barth para com Weber. Parece, contudo, ser mesmo inegável a repercussão imediata que teve o curto ensaio do antropólogo norueguês nos estudos sobre a identidade, ao menos no ocidente.

Um grupo de pensadores/as também já delineava seus temas e métodos antidisciplinares de produção do conhecimento quando veio a público o ensaio de Barth. Trata-se do Grupo de Birmingham, que deu corpo ao que hoje chamamos de estudos culturais – ou Estudos de Cultura, em mais uma das querelas de tradução que corporificam algumas disputas pelo poder acadêmico. Sem dúvida, uma das categorias teóricas fulcrais dos estudos culturais é a *identidade*, e um de seus pensadores mais importantes é Stuart Hall. Se, ao tratarmos de identidades, é relevante não nos esquecermos de Barth, é imprescindível nos lembrarmos de Hall, pois é ele quem vai avançar de forma aparentemente irreversível na percepção da identidade com um processo relacional, mutável, fluído e multifacetado.

Entre outras propostas fundamentais para o estudo da questão identitária, Hall (2007: 109) argumenta que processos identitários têm mais a ver com as perguntas “o que vamos nos tornar?” e “como somos representados?” que com a pergunta “quem nós somos?”; têm mais a ver com “definição de rotas” que com “retorno a raízes”. A percepção da relevância do presente e da invenção do futuro nas construções de identidades é fundamental para o/a analista crítico/a de discurso que procura interpretar os significados do elemento discursivo dessa prática social.

Assim como Barth marcou os estudos de identidade com seu ensaio sobre a centralidade das fronteiras na delimitação de identidades culturais, Benedict Anderson marcou o debate sobre o conceito de nacionalidade com sua proposição de “comunidades imaginadas” (Anderson, 2008). Em alusão a citação anterior de Manuela Carneiro da Cunha, poderíamos dizer que, desde que Anderson assim definiu a ideia de nacionalidade, não há estudo sobre identidades nacionais que possa se desprender de enfrentar essa imagem fixada por Anderson.

várias perspectivas do pós-modernismo, pós-estruturalismo e pós-colonialismo, por exemplo, parecem beber em temas centrais desse modelo antropológico, para não citar os seus *insights* de que as identificações étnicas são negociáveis e as fronteiras dos grupos étnicos, imprecisas, com pouco ou nenhum reconhecimento, ou talvez nem mesmo conhecimento, da sua genealogia intelectual) (Jenkins 2008: 3)

Embora aprofunde e se preocupe mais em entender ambivalências do que as coerências das identidades nacionais, Hall parece concordar com a proposta de Anderson, ao menos como ponto de partida, quando argumenta que:

Nationale Kulturen werden nicht nur aus kulturellen Institutionen, sondern auch aus Symbolen und Repräsentationen gebildet. Eine nationale Kultur ist ein Diskurs (...). Nationale Kulturen konstruieren Identitäten, indem sie Bedeutungen der 'Nation' herstellen, mit denen wir uns identifizieren können (...). Wie Benedict Anderson definiert hat, sind nationale Identitäten 'vorgestellte Gemeinschaft' (Hall, 2008: 201).¹⁰⁷

No âmbito da ACD, aqui utilizada como metodologia de interpretação, Ruth Wodak (Wodak et al., 1998) concorda que Barth – ao propor que para entendermos a autoconstrução discursiva de um grupo precisamos primeiro descobrir como esse grupo se define em relação a outro – oferece possibilidades muito interessantes para a pesquisa sobre a fabricação discursiva de identidades nacionais. No que diz respeito às discussões trazidas por Anderson, Wodak et al. (1998) alertam para o perigo de tomar a ideia de nacionalidade, devido a sua imprecisão, como um mito, associando-a a alguma forma de falsificação do real. Anderson faz o mesmo alerta, ao esclarecer que por invenção de identidades não se deve entender falsificação, mas sim imaginação e criatividade.

Richard Jenkins argumenta que é surpreendente como a notável congruência entre teorias sobre etnicidade e teorias sobre o nacionalismo não tenha sido percebida pela maioria dos estudiosos das duas questões e sugere uma aproximação entre esses instrumentais teóricos (Jenkins, 2008: 148-152). Ele não defende que haja uma coincidência entre as duas questões, que obviamente mantêm suas especificidades, mas mostra que alguns autores, como Anthony Smith (Smith, 1999a), vêm construindo argumentos convincentes sobre o potencial heurístico da aproximação e complementaridade, não da substituição, entre as interpretações sobre etnia e sobre nacionalidade. Jenkins argumenta ainda que a posição de Smith não significa o abandono das teorias modernistas sobre a nacionalidade, mais consolidadas e aceitas. No sentido contrário, não há também entre os modernistas um posicionamento generalizado contra essa aproximação, sobretudo não o há em Benedict Anderson, sendo um posicionamento

¹⁰⁷ Culturas nacionais não são formadas apenas por instituições nacionais, mas também por símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso (...). Culturas nacionais constroem identidades à medida que fabricam significados de nação com os quais nós podemos nos identificar (...). Como definiu Benedict Anderson, identidades nacionais são 'comunidades imaginadas' (Hall: 2008: 201).

contrário – encontrado sobretudo nas reflexões de Hobsbawm – antes uma exceção do que uma regra (Jenkins 2008: 149).

Na esteira de Jenkins, creio também que as influências decisivas de Weber, presentes em sentidos muito próximos tanto no trabalho de Anderson quanto no de Barth, alargam ainda mais as possibilidades de aproximação e complementaridade entre esses dois autores e, logo, entre teorias sobre etnicidade e sobre o nacionalismo. Em *Economia e Sociedade*, Weber argumenta que:

A comunidade étnica (no sentido que damos) não constitui, em si mesma, uma comunidade, mas apenas um elemento que facilita relações comunitárias. Fomenta relações comunitárias de natureza mais diversas, mas sobretudo, conforme ensina a experiência, as políticas. Por outro lado, é a comunidade política que costuma despertar, em primeiro lugar, por toda parte, mesmo quando apresenta estruturas muito artificiais, a crença na comunhão étnica. (Weber, 2000: 270)

[...]

Essa circunstância de que a “consciência tribal”, em regra, está primariamente condicionada por destinos políticos comuns e não pela “procedência” deve ser, segundo o que já foi dito, uma fonte muito frequente da crença na pertinência ao mesmo grupo étnico. (Weber, 2000: 274)

A passagem me parece deixar clara a influência weberiana no desenvolvimento, décadas depois, da ideia de que grupos étnicos não são primordiais, mas são sim imaginados por comunidades políticas que lhes são anteriores. E essas comunidades políticas são, elas mesmas construções e não dados.

Claro que as semelhanças entre etnia e nacionalidade não as tornam sinônimos, mas são expressivas e frutíferas o suficiente para permitir alguns empréstimos entre as teorias que se propõem compreendê-las. Wodak et al. (1998: 27-28) argumentam que Barth oferece alternativas muito interessantes para a investigação sobre a invenção discursiva de identidades nacionais, pois, para ele, o caminho para entender a construção e a organização simbólica de um determinado grupo humano é entender como ele mesmo se define ou é definido em relação a outro grupo humano. Assim, importa conhecer a fronteira entre dois grupos humanos distintos, os traços diacríticos escolhidos pelos grupos humanos estudados. Nas palavras de Barth,

os traços culturais que demarcam a fronteira podem mudar e as características culturais de seus membros podem igualmente se transformar, apesar de tudo, o fato

da contínua dicotomização entre membros e não membros permite-nos especificar a natureza dessa continuidade e investigar a forma e o conteúdo da transformação cultural (...) Desta perspectiva, o ponto central da pesquisa torna-se a fronteira que define o grupo e não a matéria cultural que ela abrange (Barth, 1998: 195)

Cabe então examinar os traços diacríticos escolhidos ou atribuídos ao grupo focado. O próprio critério utilizado de seleção das entrevistas, além das perguntas de pesquisa, já direciona para o fato de que um traço diacrítico assumido ou atribuído aos imigrantes entrevistados seja a nacionalidade. Se as perguntas geradoras da pesquisa giraram em torno de questões de identidades nacionais e essas questões foram cruciais na seleção das entrevistas pelo critério de “passagens citáveis”, dificilmente a (re)construção de identidades nacionais não aparecia nas respostas, isso é a parte óbvia, mas o que não é óbvio é *como* essas identidades são reconstruídas nas narrativas interpretadas. Mas antes disso nos resta a pergunta: o que entendemos por nacionalidade?

Nacionalidades aqui são tomadas como *comunidades imaginadas*. Desde que Anderson as definiu como produtos culturais específicos (2008: 30), é essa uma das definições mais acatadas do que representa o abstrato conceito de nacionalidade: a invenção simbólica de uma comunidade que existe na imaginação de seus membros. Mas essa abstração não é uma falsificação da realidade; Anderson (2008: 32) argumenta que a invenção das nacionalidades, processo histórico cuja fundação ele localiza em fins do século XVIII, não deve ser associada a falsificação, mas sim a *imaginação e criatividade*, que se fundam em processos históricos concretos, devidamente interpretados por Anderson. Complementarmente, assumo com Verdery (2000) que a nação é um símbolo, portanto, uma representação, mas ressalto que representações não são menos reais que fatos, juntos eles constroem o que costumamos chamar de realidade.

Conforme muito bem resume Lilia Schwarcz na apresentação da edição brasileira de *Comunidades Imaginadas*:

[Anderson] se opõe a argumentos consagrados, como os do sociólogo e filósofo liberal Ernest Gellner – que vinculou o nacionalismo ao industrialismo europeu ocidental – ou do historiador conservador Elie Kedourie, o qual ligou o nacionalismo à Ilustração, à Revolução Francesa e ao nascimento do Estado francês. Anderson também discordou da análise marxista de Eric Hobsbawm, e apostou suas fichas em algumas idéias centrais: a importância do papel da imprensa e do fenômeno que ele denomina de “capitalismo editorial”, e a novidade da “vernaculização” por oposição à antiga hegemonia do latim (Schwarcz 2008: 10)

Em direção contrária aos argumentos tanto de Gellner – para quem o nacionalismo é fenômeno político que deriva da evolução industrial e da expansão do capitalismo – quanto de Kedourie – que entende o nacionalismo como uma ideologia oriunda da Revolução Francesa e da filosofia alemã pós-kantiana – as duas grandes contribuições de Anderson foram a feliz descrição das nações como comunidades imaginadas – o que traz para o estudo da nação abordagens das mais diversas áreas do conhecimento – e a busca do afastamento de uma visão eurocêntrica, o que o levou a encontrar o primeiro modelo do nacionalismo moderno nos movimentos de independência da América, principalmente da América Espanhola. O nacionalismo encontrado por Anderson é várias vezes ilustrado pela proposta de San Martín de transformar índios e nativos em “peruanos”, em um dos primeiros esforços de imaginação de uma comunidade em termos nacionais.

Contra Hobsbawm, Anderson se opõe à rejeição do nacionalismo pelo marxismo, como se fossem duas ideologias incompatíveis. Apoiado parcialmente em Régis Debray e decisivamente em Tom Nairn, historiador marxista e nacionalista escocês, Anderson rejeita a incompatibilidade entre marxismo e nacionalismo em dois níveis: primeiro, para Anderson, marxismo e nacionalismo não são produtos da mesma espécie. O nacionalismo é um produto cultural específico que deve ser abordado antes como se aborda o parentesco e a religião do que como se abordam as teorias e ideologias políticas como o liberalismo ou o fascismo e, eu corro o risco de acrescentar, o marxismo. Em segundo plano, assim como Nairn, Anderson defende a necessidade de o marxismo se dedicar a compreender o nacionalismo, em vez de simplesmente negá-lo.

Em 1983, quando foi publicado *Comunidades Imaginadas*, apenas Kedourie já havia publicado, em 1960, seu livro mais relevante sobre o nacionalismo. Mesmo que a quarta edição póstuma de *Nationalism* de Kedourie (Kedourie, 1993) contenha alguns acréscimos, não foi estabelecido aí um debate com Anderson¹⁰⁸. Todos os outros autores importantes para a argumentação de *Comunidades Imaginadas* ainda não haviam publicado suas obras mais citadas sobre a questão nacional. Os dois livros mais referidos de Gellner, *Nations and nationalism* e *Nationalism* foram publicados respectivamente em 1983 (Gellner, 1983), junto portanto com *Comunidades Imaginadas*, e postumamente em 1997 (Gellner, 1997). Hobsbawm publicou seu *Nations and nationalism since 1780* pela primeira vez em 1990 (Hobsbawm,

¹⁰⁸ No *Afterword* de *Nationalism*, escrito em 1983, Kedourie prioriza o debate com John Armstrong, em mais um exemplo do debate entre “primordialistas” e “modernistas”, e sobretudo com Gellner, que havia criticado de forma mais contundente os argumentos de Kedourie. Na nova introdução do livro escrita em 1992, Kedourie se demonstra mais preocupado em ressaltar os acertos de sua obra de 1960 diante dos novos movimentos nacionalistas que preocupavam o mundo.

1992); *Faces of nationalism*, que reúne textos de Nairn escritos após *The break-up of Britain* (Nairn, 1977), foi publicado em 1997 (Nairn, 1997). Anthony Smith, que dedicou toda sua vida acadêmica ao estudo do nacionalismo, publicou *The ethnic origins of nations* em 1986 (Smith, 1999) e *The cultural foundations of nations* apenas em 2008 (Smith, 2008). Mesmo que nesse caso seja difícil eleger a principal obra deste autor, todos os seus livros relevantes sobre o tema foram publicados após 1983 (Smith, 1993, 1995, 1999a, 1999b, 2001, 2008).

Smith tem se reportado com frequência a Anderson, como também a Gellner, Hobsbawm e Nairn, enquadrando-os como modernistas, dentro de um debate aberto por Connor (1990), talvez involuntariamente (Connor, 2004), sobre a pertinência de se fazer a pergunta “*When is the nation?*” paralelamente à consagrada pergunta seminal de Renan “*What is the nation?*” Dentre os modernistas parece ser quase sempre evidente a simpatia de Smith pelas contribuições de Anderson, que além de ser muito citado, teve dois excertos de seu *Comunidades Imaginadas* incluídos no livro organizado por Smith e Hutchinson (1994), para ser um guia com excertos dos principais textos já produzidos sobre o nacionalismo. Para Smith:

In the work of Eric Hobsbawm, Benedict Anderson and Anthony Giddens, to name some of the most original scholars in the field, nations owe their existence and borders to the growth of modern, centralized states, their reflexive bureaucratic penetration and their ethnographic controls (Smith, 1999b: 149)¹⁰⁹

Sendo que:

Anderson’s ‘imagined community’ is generically related to Hobsbawm’s ‘invented tradition’, so important in the latter’s eyes for the creations of nations. But Anderson reveals a more profound and positive appreciation of the persisting role of nations and nationalism, and a greater sensitivity to the underlying cultural changes that made national imaginings possible (Smith, 1999b: 23)¹¹⁰

A primeira das citações acima, marca um dos pontos maiores do debate, e não apenas dos elogios, que se pode estabelecer entre a obra de Smith e a dos “modernistas”, incluindo aí Anderson. Esse debate é colocado com toda clareza na primeira página de *The ethnic origins of nations*, livro que é considerado por alguns como o mais importante de Smith:

¹⁰⁹ Nas obras de Eric Hobsbawm, Benedict Anderson e Anthony Giddens, para citar alguns dos estudiosos mais originais no campo, as nações devem sua existência e suas fronteiras ao crescimento de Estados modernos e centralizados, à sua penetração burocrática reflexiva e aos seus controles etnográficos (Smith, 1999b: 149).

¹¹⁰ A “comunidade imaginada” de Anderson está genericamente relacionada à “tradição inventada” de Hobsbawm, tão importante, aos olhos deste autor, para a criação das nações. Porém, Anderson revela uma apreciação mais profunda e positiva do contínuo papel das nações e do nacionalismo, e uma maior sensibilidade para as mudanças culturais subjacentes que tornaram os imaginários nacionais possíveis (Smith, 1999b: 23).

This book arose out two concerns (...). The second concern arose from the recent discussion of the formation of nations in the West in the early modern period in the work of historians like Seton-Watson, Tilly and Breuilly, and sociologists like Nairn, Benedict Anderson and Gellner. In contrast to an earlier generation of scholars and laymen, for whom the ‘nation’ (but not the ideology of nationalism) could be found even in antiquity (Smith, 1999a: 1)¹¹¹

The ethnic origins of nations deixa claro o argumento de Smith de que se é verdade que a nação moderna só pode ter surgido, ter sido inventada e imaginada, nos últimos séculos, ela não pode ter surgido do nada, e talvez a base para sua invenção e os elementos para imaginá-la sejam encontrados em períodos bem anteriores da história, o que nos permitiria imaginar também nações pré-modernas. Esse e outros debates são aprofundados e mais bem explicitados no livro *Nations and Modernism* (Smith, 1998), no qual Smith enquadra as teorias sobre o nacionalismo em modernistas, primordialista, perenialista e étnico-simbolista. Em um desenvolvimento mais detalhado de ideia apresentada anteriormente em *The ethnic origins of nations* (Smith, 1999a), Smith propõe não um rompimento, mas um aperfeiçoamento das teorias modernistas, que vê como mais acertadas que a perspectiva primordialista, e direciona suas críticas ao pós-modernismo.

Smith concorda que as teorias modernistas estão entre as mais consolidadas e frutíferas narrativas sobre a nação, o que não significa, contudo, que não haja narrativas alternativas às teorias modernistas sobre a nação. De seu lado, Smith argumenta a favor das teorias modernistas e contra as alternativas perenialistas e primordialista¹¹², defendendo que a única alternativa

¹¹¹ Este livro surgiu a partir de duas preocupações (...). A segunda preocupação vem da recente discussão sobre a formação das nações no ocidente no início da era moderna no trabalho de historiadores como Ston-Watson, Tilly e Breuilly, e sociólogos como Nairn, Benedict Anderson e Gellner. Em contraste com uma geração anterior de estudiosos e leigos, para quem ‘nação’ (mas não a ideologia do nacionalismo) pode ser encontrada até mesmo na antiguidade (Smith, 1999a: 1).

¹¹² Segundo Smith, foi contra o paradigma nacionalista, mas especificamente contra a ideia de “nações orgânicas”, tanto biológica, quanto culturalmente, que se voltaram as teorias modernistas. Os primordialistas teriam herdado do paradigma nacionalista o peso da biologia e de uma cultura determinista. Smith procura, contudo, diferenciar os primordialistas do “nacionalismo orgânico”, pois aqueles teriam desenvolvido os argumentos rudimentares destes em um paradigma mais consistente. Haveria também diferenças marcantes entre os primordialistas, que permitem, por exemplo, diferenciá-los entre aqueles que reforçam as características hereditárias, portanto biológicas, da nação por meio da importância dada, por exemplo, ao parentesco; e aqueles que reforçam os aspectos culturais, por meio, por exemplo, da ênfase nos laços de etnicidade ou de religião que continuam interagindo com o pertencimento a uma nação (Smith, 1998: 146-158). Algumas diferenças seriam marcantes a ponto de exigir a diferenciações de outras teorias a fim de evitar o dualismo simplificante entre primordialistas e modernistas. Smith tenta evitar o dualismo destacando as teorias perenialistas, segundo ele “*the perennialist readily accepts the modernity of nationalism as a political movement and ideology, but regards nations either as updated versions of immemorial ethnic communities, or as collective cultural identities that have existed in all epochs of human history*” (Smith, 1998: 159). Cabe destacar que os perenialistas não enxergam a nação como constituída por relações de parentesco (argumentos biológicos) ou de história e culturas comuns, mas não desprezam os fortes aspectos psicológicos que o uso desses argumentos exerce sobre a consolidação de nações. Segundo Smith, alguns perenialistas, como, por exemplo, Walker Connor, argumentam que os vínculos que sustentam uma nação são, sobretudo, psicológicos.

aceitável ao modernismo deve partir de uma crítica interna e de uma expansão do modernismo que reveja algumas de suas “falhas e exageros” (Smith, 1998: 145). Dentro desse movimento de revisão das teorias modernas, Smith enquadra as abordagens etno-simbólicas, onde aloca os seus próprios argumentos.¹¹³

Com relação especificamente a Anderson, Smith, apesar do reiterado tom elogioso, dirige suas críticas sobretudo à ideia mais bem-sucedida de Anderson de interpretar nações como comunidades politicamente imaginadas e ao conseqüente elo criado entre nações e representação. A crítica de Smith se dá em três direções: uma primeira chamada de “semântica”, na qual Smith aponta para a ambigüidade de sentidos do léxico “imaginação”, que pode ser tomado por “ilusório”, mesmo que contra a vontade de Anderson; uma segunda que aponta para um “intelectualismo” na proposta de Anderson, na medida em que um destaque à cognição individual desviaria a atenção dos sentimentos coletivos que envolvem o nacionalismo; e, por fim, a terceira crítica aponta para o voluntarismo intrínseco à proposta de Anderson de ver na “comunidade imaginada” uma comunidade aberta aos que acederem a sua língua, mesmo que esse acesso seja difícil.

Algumas considerações podem ser feitas às objeções de Smith, sendo central a essas considerações o ponto de partida ontológico para a construção epistemológica pretendida. Se incomoda a Smith a proposta de interpretação da nacionalidade como um texto, como um discurso e como um sistema de representação, é de se estranhar não suas críticas a Anderson, mas os seus numerosos e exaltados elogios. Pontualmente, poderia dizer que a crítica semântica me parece superficial, pois, como reforça o próprio Smith, Anderson se preocupa em deixar claro que por imaginação não está propondo ilusão, se “imaginação” pode, de fato, solta, ser entendida como ilusão, tal entendimento baseado em Anderson é, claramente, um entendimento equivocado, e o equívoco é de quem assim interpreta, e não de Anderson. Sobre o intelectualismo, cabe dizer brevemente que representações sociais e discursos, que Smith corretamente vincula à imaginação de comunidades, nunca são processos individuais e puramente cognitivos; pelo contrário, são sempre processos sociais e coletivos. Sobre a terceira objeção, limito-me a dizer que estou de acordo com Smith, mas discordo que o argumento seja central ao trabalho de Anderson.

¹¹³ Sendo um dos principais autores da perspectiva etno-simbolista, Smith resume que este modelo “*aims to uncover the symbolic legacy of ethnic identities for particular nations, and to show how modern nationalism and nations rediscover and reinterpret the symbols, myths, memories, values and traditions of their ethno-histories, as they face the problems of modernity*” (Smith, 1998: 224)

A contradição que vejo entre os elogios constantes de Smith a Anderson e a crítica às suas ideias centrais, sobretudo à ideia de representação, parece-me, pode ser decifrada por um olhar mais acurado sobre o desfecho da crítica e sobre o que se segue a este desfecho.

None of this is to gainsay the achievement of Anderson's twofold synthesis of cultural analysis with a basically Marxist socioeconomic framework, and his postmodernist reading of the concept of nation with a modernist account of its genesis and diffusion. Yet for all its originality, Anderson's synthesis is only partly successful. The postmodernist reading, and its accompanying cultural analysis, can always be detached from its modernist moorings. *In the hands of his followers*, this is what has tended to happen. [...] ¹¹⁴

In a longer perspective, Anderson's role in the modernist theory of nationalism has proved to be a double-edged. On the one hand, it has strengthened the modernist paradigm by redirecting the focus of its materialist versions onto the plane of psychology and culture. On the other hand, it has provided, *doubtless unintentionally*, the means to negate its basic premises by undermining the ontological status of the nation as a real community grounded in the historical and social life of cultural collectivities (Smith, 1998: 142, grifos meus) ¹¹⁵

Parece-me então que a crítica dirigida à Anderson serve a Smith, na verdade, de base para a crítica aos seus verdadeiros desafetos, os pós-modernistas, que buscariam elementos em *Comunidades Imaginadas* para suas interpretações fragmentárias e parciais do nacionalismo, as quais serão mais duramente atacadas por Smith no último capítulo do livro (Smith, 1998: 199-220). Desta crítica mais dura, Smith retira Anderson, pois na crítica direta a Anderson, Smith é cuidadoso ao argumentar que *"it is a mistake to divorce these concepts [Anderson's concepts] from the larger modernist framework, in order to produce a postmodernist Reading of Anderson's position"* (Smith, 1998: 136). ¹¹⁶ Ao que parece, a crítica de Smith se dirige mais

¹¹⁴ Nada disso contradiz o mérito da dupla síntese da análise cultural de Anderson com um arcabouço socioeconômico basicamente marxista, e sua leitura pós-moderna do conceito de nação com um relato modernista de sua gênese e disseminação. Ainda assim, apesar de toda a sua originalidade, a síntese de Anderson é apenas parcialmente bem-sucedida. A leitura pós-modernista e a análise cultural que a acompanham podem ser sempre separadas dos seus ancoradouros modernistas. Nas mãos dos seus seguidores, isso é o que tem tendido a acontecer

¹¹⁵ Em uma perspectiva mais longa, o papel de Anderson na teoria modernista do nacionalismo mostrou-se uma faca de dois gumes. Por um lado, fortaleceu o paradigma modernista, ao redirecionar o foco de suas versões materialistas ao plano da psicologia e da cultura. Por outro, proporcionou, sem dúvida, de forma não intencional, os meios para a negação de suas premissas básicas, minando o status ontológico da nação como uma comunidade real fundada na vida histórica e social das coletividades culturais (Smith, 1998: 142).

¹¹⁶ É um equívoco divorciar esses conceitos [os conceitos de Anderson] do arcabouço modernista mais amplo, com vistas a buscar uma leitura pós-modernista do posicionamento de Anderson (Smith, 1998: 136)

aos “abusos” e às apropriações pós-modernas da obra, aos *followers*, do que ao pensamento, de todo modernista, de Benedict Anderson.¹¹⁷

Nem todos os autores que eram referência antes de *Comunidades Imaginadas*, e continuaram a sê-lo depois, dedicam tanto tempo ao debate com Anderson como o faz Smith¹¹⁸. Para uma geração de autores que começou a produzir após 1983, a referência a Anderson é marcante e delinea os argumentos de muitos deles, sobretudo de autores indianos vinculados aos chamados estudos subalternos, como Partha Chatterjee, e jovens intelectuais que estudaram com Anderson, como Gopal Balakrishnan.

Em 1996, Balakrishnan editou, com a participação de Anderson, a coletânea de textos clássicos e contemporâneos sobre o nacionalismo intitulada *Mapping the Nation*¹¹⁹, que inclui um artigo do próprio Balakrishnan, publicado originalmente no ano anterior na *New Left Review*, e uma apresentação de Anderson, além de artigos de Chatterjee, Hobsbawm, Nairn, Gellner, John Breuilly e Miroslav Horch.

Com uma leitura que considero bastante positiva de *Comunidades Imaginadas*, Balakrishnan, em seu artigo (Balakrishnan, 2000), classifica as “melancólicas” reflexões de Anderson como “estranhamente clarividentes” e acredita que, em 1983, o autor esteve perto de prever o colapso do bloco soviético que ocorreria menos de uma década depois. Contudo, Balakrishnan destaca no artigo sobretudo suas discordâncias com a obra-prima de Anderson. Em suas palavras:

Anderson sugere que o nacionalismo não deve ser visto como uma ideologia, tal como o “liberalismo”, mas como o equivalente moderno do parentesco, com suas próprias

¹¹⁷ Podemos especular se Anderson compartilha ao menos parcialmente das preocupações de Smith quando em posfácio à obra propõe a utilização da forma abreviada CI para *Comunidades Imaginadas* para, entre outras coisas, dar “um certo repouso a duas palavras que agora estão exânimes, depois que os vampiros da banalidade lhes sugaram todo o sangue” (Anderson 2008: 281). Seriam os vampiros os pós-modernos?

¹¹⁸ Gellner, autor fundamental como contraponto para a construção de *Comunidades Imaginadas*, não cita Anderson em seu livro publicado posteriormente à *Comunidades Imaginadas*, nem mesmo no capítulo escrito para o livro organizado por Balakrishnan e Anderson (Balakrishnan, 1990), o que se mostrou para mim bastante intrigante. Em *Nações e nacionalismo desde 1780*, Hobsbawm não estabelece nenhum diálogo com Anderson, mas se apoia textualmente em sua “*useful phrase ‘imagined community’*” (Hobsbawm, 2002: 46) e na ideia essencial da importância da língua escrita para a formação das nações. Em Nairn, cujo livro de 1977 Anderson considera um marco nos estudos sobre o nacionalismo, que teve grande influência sobre seu próprio trabalho, não é fácil encontrar referência a Benedict Anderson, mas com alguns cliques é possível descobrir que o algumas vezes citado Ben Anderson, é o mesmo Benedict. A intimidade entre os dois autores não se dá apenas no nível pessoal, mas também no nível intelectual. Na segunda edição de *Comunidades Imaginadas*, Anderson afirma que “uma importante intenção de CI era dar apoio (“crítico”, naturalmente) à posição de Nairn” (Anderson, 2008: 283). No decorrer de suas produções Anderson e Nairn continuam se apoiando mutuamente, de forma crítica, naturalmente. Bem menos conhecido entre nós que Anderson e Hobsbawm, Nairn é um autor profícuo e, como um marxista-nacionalista, bem interessante. Vários textos curtos de Nairn podem ser consultados em www.opendemocracy.net/author/tom-nairn.

¹¹⁹ Utilizo aqui a edição brasileira de 2000 (Balakrishna, 2000).

“formas elementares” simbolicamente características. Mas Anderson não se prende sistematicamente a essa associação (...), ele retrata a disposição das nações modernas de absorver e “naturalizar” os forasteiros como sendo análoga ao universalismo das grandes religiões mundiais (...). Na maior parte do livro, Anderson acentua esse aspecto universal da nação, em detrimento de sua associação original entre ela e as linhas de parentesco imaginadas. Embora isso certamente faça o nacionalismo parecer uma coisa mais positiva, argumentarei que o faz à custa de negligenciar sua mística particularista (Balakrishnan 2000: 215)

Fundamentalmente, Balakrishnan concorda com a tese central de Anderson sobre a imaginação das nacionalidades e sobre o papel desempenhado pelo “capitalismo editorial” na constituição dessa imaginação. O que incomoda Balakrishnan é que Anderson tenha construído sua interpretação desde “produto cultural específico”, por meio de analogias às comunidades religiosas e não a comunidades de parentesco, outra possibilidade apontada, mas não desenvolvida por Anderson. Para Balakrishnan:

A imaginação nacional joga com trunfos altos; mas a imortalidade que ela oferece parece bem pálida se comparada à religião (...). Mas, se nos afastarmos da analogia com a religião e considerarmos, em vez dela, a estrutura afetiva dos laços de parentesco, a argumentação de Anderson logo parecerá mais plausível. Infelizmente, esta última analogia é desenvolvida apenas em caráter intermitente. Se há um desejo antropológicamente invariável de superar a morte, através de sacrifícios que evoquem a continuidade social, certamente é a família, e não a religião, que desempenha mais universalmente esse papel (Balakrishnan 2000: 217)

A coletânea inclui também um texto de Pathra Chatterjee, “Comunidade imaginada por quem?”, retirado de seu livro *The nation and its fragments*, publicado em 1993 (Chatterjee, 1993). O título do texto de Chatterjee faz uma claríssima alusão a Anderson, com quem Chatterjee mantém um intenso diálogo. O autor indiano concorda essencialmente com o argumento de Anderson de que nações não são “produtos determinados de certas condições sociológicas, como a língua, a raça ou a religião; na Europa e em todas as partes do mundo, elas tinham sido trazidas à vida pela imaginação” (Chatterjee, 2000: 229). O que leva Chatterjee ao debate com Anderson é o argumento desenvolvido em *Comunidades Imaginadas* de que haveria três modelos prontos pra imaginar o nacionalismo (o modelo americano, o europeu e o russo) que teriam sido aplicados no resto do mundo, sobretudo nos países africanos e asiáticos durante seus processos de descolonização. Opondo-se com razão a Anderson neste ponto importante e específico, Chatterjee argumenta que cada nova nação pós-colonial deve ser vista como sujeito desse seu processo histórico sempre cheio de singularidades, e talvez os sujeitos pós-coloniais

tenham sido capazes de imaginar por si mesmos outras comunidades para além dos modelos de imaginação propostos por Anderson. Para sustentar seu argumento, analisa o caso do nacionalismo bengali. Essencialmente a mesma crítica elaborada por Chatterjee é também desenvolvida por Satisch Aikant em seu texto sobre variedades de nacionalismo, no qual trata das especificidades do nacionalismo indiano nos romances indianos em língua inglesa (Aikant, 2000).

Nem só novas autoras e novos autores dos estudos pós-coloniais e nem só intelectuais vinculados aos estudos pós-coloniais têm dialogado com *Comunidades Imaginadas*. Autoras e autores já consagrados têm também refletido sobre o imaginar a nação. Na coletânea organizada por Vijayarre et al. (2007), Gayatri Spivak, por exemplo, tenta responder a questão sobre como o amor pela língua materna e por um pequeno canto de chão pode se coagular em nacionalismo, voltando-se para os elos entre nação e imaginação, claros no título de seu artigo (Spivak, 2007). Na mesma coletânea, o veterano conservador Tim Cribb e também Helen Tifin constroem argumentos de debate com Anderson. Cribb direciona inicialmente suas críticas para todos os autores ingleses de maior influência nos estudos sobre o nacionalismo; todos exceto Anthony Smith, por uma razão simples: o que mais parece incomodar Cribb é a datação mais ou menos comum a esses autores, que identificam o nacionalismo como um fenômeno recente, datado de finais do século XVIII ou ainda na primeira metade do século XIX (Cribb, 2007) e, como vimos, Smith é uma exceção parcial neste caso. Após uma crítica generalizada e nominal a Kedourie, Gellner e Hobsbawm, entre outros, Cribb se volta exclusivamente para Anderson e para *Comunidades Imaginadas* para aprofundar a crítica ao esquecimento das nações antigas e, sobretudo, a crítica ao que Cribb considera uma tendência tanto de historiadores marxistas, quanto de historiadores liberais, de relegar à religião um status de mera ilusão ou de pano de fundo das relações sociais. Também incomoda ao conservadorismo de Cribb ver o surgimento do nacionalismo ser transplantado da Europa para a América. Contudo, mesmo construindo a crítica mais ferrenha entre as aqui observadas, Cribb não se dirige contra a ideia da imaginação das nações.

Ao contrário de Cribb, Tifin, no texto incluído na coletânea, não se prende a Anderson, mas parte também de *Comunidades Imaginadas* para argumentar em prol da defesa dos pós-colonialistas quanto à necessidade de se re-imaginar comunidades em outros termos distantes da razão antropocêntrica e imperialista que ela identifica na imaginação de comunidades nacionais.

Craig Calhoun é outro autor que tem se dedicado parcialmente aos estudos sobre o nacionalismo buscando o diálogo com Anderson. O seu livro *Nationalism* (Calhoun, 1997), oferece um excelente panorama dos principais debates e ideias sobre nações e nacionalismo que se intensificaram nas últimas décadas do século, além da contribuição própria de propor a abordagem do nacionalismo como uma formação discursiva no sentido foucaultiano, o que o leva a uma aproximação com Anderson.¹²⁰ Contudo, Calhoun considera equivocada a proposta de Anderson de identificar “nacionalismos modulares” que teriam sido aplicados ao resto do mundo. Para Calhoun:

The metaphor of ‘modularity’ is thus potentially misleading. It suggest that elements of an international discourse can be transplanted without basic alteration to new cultural settings. This neglects the more complex interplay between each local culture and the international discourse (...). It neglects the fact that developments of anti-colonial nationalism were shaped not just by discourse, ideology, and tradition, but by power relations and social structure. Specific nationalist ideologies were (and are) developed in the context of struggles and practical activity, not altogether in the abstract. It would be a mistake to imagine that every nationalist movement invented nationalism anew, entirely out of its local cultural and political resources (Calhoun, 1997: 107-108)¹²¹

Assim como Chatterjee, Tifin e Calhoun, incomoda-me pensar que as formas de imaginar a nação estão dadas e que outras não foram e não serão possíveis, como também me incomoda o argumento de que a imaginação não se vincule a contextos culturais e políticos específicos; mas diferentemente de Chatterjee e de Tifin, não creio que Anderson discordaria

¹²⁰ Vale a pena aproveitar a menção à proposta de Calhoun de interpretar o nacionalismo como uma formação discursiva, para destacar que a ideia do nacionalismo como discurso e da nação como comunidade imaginada e como narrativa (Bhabha, 2000) dão o tripé de sustentação da ideia de nação sobre a qual interpreto as narrativas de imigrantes colhidas. A complementaridade sobre a qual me apoio é expressa tanto por Calhoun, quanto por Bhabha, para quem: *Benedict Anderson, whose Imagined Communities significantly paved the way for this books, express nation’s ambivalent emergence whit great clarity (...). The emergence of the political rationality of the nation as a form of narrative (...) has its own history. It is suggested in Benedict Anderson’s view of the space and time of the modern nation as embodied in the narrative culture of the realist novel, and explored in Tom Nairn’s reading of Enoch Powell’s post-imperial racism* (Benedict Anderson, cujas Comunidades Imaginadas prepararam significativamente o caminho para os seus livros, expressa o surgimento ambivalente das nações com grande clareza (...). O surgimento da racionalidade política da nação como uma forma de narrativa (...) tem sua própria história. Ela é sugerida, na visão de Benedict Anderson do espaço e do tempo da nação moderna, como incorporada à cultura narrativa da ficção realista, e é explorada na leitura de Tom Nairn a respeito do racismo pós-imperial de Enoch Powell) (Bhabha, 2000: 1-2)

¹²¹ A metáfora da “modularidade” é, assim, potencialmente enganadora. Ela sugere que os elementos de um discurso internacional podem ser transplantados sem uma atenção básica a novos ambientes culturais. Isso negligencia as interações mais complexas entre cada cultura local e o discurso internacional (...). Isso negligencia o fato de que os desenvolvimentos do nacionalismo anticolonial foram moldados não apenas pelo discurso, pela ideologia e pela tradição, mas por relações de poder e pela estrutura social. Ideologias nacionalistas específicas foram (e são) desenvolvidas no contexto de lutas e atividades práticas, e não como um todo em um domínio abstrato. Seria um equívoco imaginar que cada movimento nacionalista inventou o nacionalismo de novo, inteiramente a partir dos seus recursos culturais e políticos locais (Calhoun, 1997: 107-108).

dessas outras possibilidades de imaginação. Também como Balakrishnan, julgo que a analogia com o parentesco poderia ter sido mais frutífera do que a analogia com as grandes religiões, mas isso por si só não invalida a analogia de Anderson – basta lembrar que a analogia com o parentesco é outra possibilidade sugerida pelo próprio Anderson.

Por meu lado, acrescentaria ainda que considero também problemática a visão essencialmente positiva da nação, repetidamente reforçada por Anderson com afirmações como “a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal” (p. 34), que elide todos os recortes existentes em uma nação; ou algumas generalizações como “não existem símbolos mais impressionantes da cultura moderna do nacionalismo do que os cenotáfios e túmulos dos soldados desconhecidos” (p. 35), que desconsidera a pluralidade de formas com que a nação pode ser imaginada. Incomoda-me também a distinção pouco aprofundada entre um nacionalismo popular, ao qual se atribui uma espontaneidade demasiado romântica, e um nacionalismo oficial, ao qual se atribui um conservadorismo maquiavélico. Sobretudo, e esse é meu grande desacordo com *Comunidades Imaginadas*, desagrada-me muito a absolvição do nacionalismo de suas relações com o racismo. Para Anderson:

Numa época em que é tão comum que intelectuais cosmopolitas e progressistas insistam (sobretudo na Europa?) no caráter quase patológico do nacionalismo, nas suas raízes encravadas no medo e no ódio ao Outro e nas suas afinidades com o racismo, cabe lembrar que as nações inspiram amor, e amiúde um amor de profundo auto-sacrifício. Os frutos culturais do nacionalismo – a poesia, a prosa, a música, as artes plásticas – mostram esse amor com muita clareza, e em milhares de formas e estilos diversos. Por outro lado, como é difícil encontrar frutos nacionalistas semelhantes expressando medo e aversão! (Anderson, 2008: 200)¹²²

Neste ponto, creio que a posição do marxista nacionalista Tom Nairn é mais acertada (Nairn, 1997). Como Janus, o nacionalismo tem duas faces; se uma se volta para a comunhão, outra – e negar isso me parece perigoso – volta-se para a exclusão e, não raramente, para a segregação marcada pela raça. Não se trata de pensar em bons e maus nacionalismos, mas sim

¹²² Em 1983 as ferramentas de busca na internet não puderam ajudar Anderson, mas certamente havia outras formas de chegar às manifestações nacionalistas de ódio, medo e aversão como esta abaixo, encontrada com dois cliques no mouse: *I stand and watch my country today / It's so easy to see that it's being taken away / All the immigrants and all the left wing lies / Why does no one ever ask the reason why / We were the country that had everything / We were the country, Rule Britannia we would sing / We were the country, and we could never lose, / Once a nation, and now we're run by Jews / We want our country back now! / It's time our people stood together side by side / It's time we stood and fought against the media's lies / The capitalists and the communists, well they co-exist / If you love your country, you'll be on their list / The sands of time are running out for this land / It's time the people stood and raised their hands / It's time we drove out the traitors that we can see / Now is the time this nation should be free, free my land.* Exemplos como esse estão disponíveis aos milhões. Por princípios inegociáveis, permito-me não traduzir nem citar a fonte.

em uma questão essencial ao nacionalismo que inclui necessariamente critérios de exclusão. Conforme argumentam Philip Spencer e Howard Wollman, “*the nation is always framed with the presumption of the existence of the outsider, the other, against which the nation is itself defined and constructed. The problem of the other is common to all forms of nationalism*” (Spencer & Wollman, 2002: 96).¹²³ Não há poesia, por mais bela que seja, que possa apagar essa marca da exclusão inscrita em vários atos feitos em nome da nação.

Por fim, cabe ainda ressaltar que, embora discorde das críticas de Smith, concordo com seu argumento, apoiado também por Jenkins (2008), de que pode ser frutífero trabalhar complementarmente com analogias entre identidades nacionais e étnicas, o que não significa de forma alguma propor uma equiparação entre elas ou negar a modernidade da nação em nome de um suposto primordialismo étnico.

A grande novidade trazida por Anderson se manteve intacta às necessárias revisões e acertadas críticas feitas ao longo dos 30 anos que nos separam da primeira edição de *Comunidades Imaginadas*. Em 2007, Chaganti Vijayasree foi precisa ao identificar o ponto crucial que transformou o pequeno livro em obra prima:

The discovery of the essential link between ‘nation’ and ‘imagination’ marked a decisive moment in the emergence of the studies of nation. It erased the disciplinary boundaries between the political and the esthetic and brought the concept of nation into the discursive domain (Vijayasree, 2007: ix)¹²⁴

É esse o ponto, o elo essencial entre os argumentos de Anderson e a proposta e desenvolvimento desta pesquisa. É essa a ideia de nacionalidade como pertencente também ao domínio discursivo, ao domínio das representações, que permeia o desenvolvimento desta minha narrativa.

¹²³ A nação é sempre enquadrada pressupondo a existência do elemento exterior, do outro, contra o qual a própria nação é definida e construída. O problema do outro é comum a todas as formas de nacionalismo.

¹²⁴ A descoberta do elo essencial entre ‘nação’ e ‘imaginação’ marca um momento decisivo na emergência dos estudos da nação. Borra as fronteiras disciplinares entre o político e o estético e traz o conceito de nação para o domínio discursivo (Vijayasree, 2007: ix).

Capítulo 4 Ferramentas para o percurso: categorias de interpretação

Only the social and cultural historian can explain the moral status of these expressions, by tracing them back to the moral discourses that underlie them, thus undoing the 'genesis amnesia' that allows us to treat such 'moral evaluations' as common sense values that need not to be made explicit. (Theo van Leeuwen)

4.1 Apresentação

Não deixa de ser interessante como surgem os capítulos de uma tese. Durante uma lenta formação acadêmica que já leva mais de 20 anos, já havia escutado histórias de como eles são paridos lentamente, mas ninguém nunca havia me contado como eles nascem às vezes de surpresa, sem que, em meio aos cuidados com os capítulos já nascidos, sua gestação tenha sido percebida. Foi assim com este capítulo quarto.

Pensando sobretudo nos leitores e leitoras imaginadas, nem todas acostumadas aos diversos caminhos aqui perpassados, mas também nas minhas leitoras asseguradas, que são, neste caso, também minhas narratárias, já experientes nos movimentos da retórica acadêmica, reuni aqui pedaços arrancados de outros capítulos da tese como forma de tornar a leitura desses capítulos mais fluída e diminuir repetições cansativas que não havia conseguido evitar antes da redação deste capítulo.

Sobretudo nos capítulos primeiro, sexto e oitavo, estavam distribuídas as definições das categorias interpretativas da ACN e da ACD aí mencionadas ou empregadas. O paralelismo existente na tese entre os capítulos sexto e oitavo (como também entre os capítulos quinto e sétimo, o que não vem aqui ao caso) colocou-me diante da questão de decidir em qual capítulo seriam explicadas em detalhe tanto as categorias interpretativas utilizadas, quanto o uso que delas fiz. Resolvi a princípio que explicaria todas as categorias no capítulo sexto e, no capítulo oitavo, remeteria o/a leitor/a a este capítulo sempre que necessário. Sobre a utilização das categorias, havia resolvido que elas poderiam ser feitas nos seus devidos capítulos, quando fossem de fato usadas. Escrevendo agora sobre isso, essa ainda parece ser uma boa opção, mas a sua execução acarretou algumas dificuldades para a leitura do texto.

Em primeiro lugar, e de forma irresolúvel, a inclusão da explicação das categorias no capítulo sexto apenas provocou uma assimetria entre capítulos pensados para serem paralelos, o que causa estranheza frente ao resto da estruturação da tese, intencionalmente simétrica. A

assimetria certamente influenciaria a recepção do leitor, provavelmente diminuindo a fluidez da leitura. Em segundo lugar, tentei compensar a assimetria retomando a explicação de algumas categorias mais utilizadas de forma resumida no capítulo oitavo; essa tentativa levou a um grande número de repetições não estilísticas que também teriam contribuído para diminuir a fluidez e o prazer da leitura. Por fim, as remissões feitas no capítulo oito ao capítulo seis e, por vezes, ao capítulo um, se tornaram por demais numerosas e algo confusas, ao levarem o/a leitor/a para pontos diversos do resto do texto, sendo necessárias remissões a diferentes páginas da tese, num cansativo e um pouco desestimulante ir e vir. O impasse que se me apresentou foi escolher entre o excesso de repetições enfadonhas ou o de remissões cansativas. Com a opção inicialmente tomada não evitaria nem o enfado, nem o cansaço.

Foi então que resolvi reunir em um único capítulo todas as explicações sobre as categorias interpretativas antes dispersas pela tese. Consegui assim evitar as repetições involuntárias e, minimizar um pouco o cansaço devido a remissões, que continuam numerosas, mas remetendo agora sempre a um mesmo ponto. De gorjeta, vi ainda aumentada a simetria do todo, tendo a primeira parte da tese se igualado em número de capítulos à segunda parte.

Fica então o aviso aos meus/minhas leitores/as imaginados/as. A leitura deste quarto capítulo é indispensável à compreensão dos capítulos que a ele se seguem. Nele estão definidas e discutidas as categorias interpretativas utilizadas, tanto da ACN, quanto da ACD. Não é exatamente um glossário, pois não foi assim estruturado e foi escrito com algumas ponderações que não caberiam nesse gênero, mas não deixa de ter a função de um capítulo de consulta, que será indicado sempre que necessário daqui pra frente. Devido à função de consulta deste capítulo, optei por sempre grafar as categorias interpretativas que aqui aparecem em **negrito** e *italico* como formar a facilitar a sua identificação pelo/a leitor/a. Além disso, sempre que for uma categoria usada abreviadamente nas interpretações, as abreviaturas já são aqui apresentadas entre parênteses após a nomeação de sua respectiva categoria; assim, creio, o/a leitor/a pode com elas se familiarizar. Como a decisão por esse capítulo e pela sua estrutura foi também estética, espero que ela tenha de fato contribuído para tornar mais agradável o restante da leitura.

4.2 Ferramentas para a interpretação da narrativa

Para a interpretação das narrativas, feita nos capítulos 6 e 8, dando sequência à divisão da interpretação em dois momentos, o “plano da história” e o “plano do texto”, cortados pelo “plano da metanarrativa”, começo pela interpretação do “plano da história”, ou seja, pela

interpretação da narrativa em si, seguindo os movimentos de interpretação propostos por Motta (2013). Cabe ressaltar que, como explicita o próprio autor, a divisão da análise em movimentos é um recurso quase didático. Não se deve entender que os movimentos são sequenciais, pois esses movimentos se entrecruzam e são antes simultâneos. A bem da verdade e da precisão, devo dizer que sigo de fato os cinco primeiros dos sete movimentos propostos por Motta (2013), mas considero incluídos nas interpretações os sexto e sétimo movimentos. Faço isso, pois não vi razão, nem mesmo didáticas, para separação dos dois últimos movimentos dos demais.

Motta denomina seu primeiro movimento interpretativo da narrativa como “compreender a intriga como síntese do heterogêneo” (Motta, 2013: 140).¹²⁵ Esta é na verdade a fase de reestruturação e de preparação do texto narrativo para a interpretação; é, como etapa de fundamento, o movimento mais importante, pois o seu resultado será o objeto da interpretação da narrativa colhida. Nesse primeiro movimento, é preciso “empapar-se da história” (Motta, 2013: 140) para identificar seus episódios e encadeamentos básicos. O principal passo nesse movimento é identificar o início, o meio e o fim da história, reconstruindo retrospectivamente a sua totalidade. Nas palavras de Motta, no movimento inicial:

O analista precisa decompor e recompor a história com rigor e identificar suas partes componentes, as sequências básicas, os pontos de virada ou inflexões essenciais, os limites dos episódios parciais, as conexões entre eles, os conflitos principais e secundários, o protagonista e o antagonista. (Motta, 2013: 141)

Esse processo de decomposição e recomposição da história precisa ser aqui descrito, já que ele não aparece de forma completamente transparente ao leitor, uma vez que a interpretação empreendida parte de seu resultado, da narrativa recomposta em uma reconfiguração sintética do que antes parecia desconectado (Motta, 2013: 143), emprestando continuidade, coesão e coerência à narrativa oral, a qual, muitas vezes, não possui essas características da forma como é narrada.

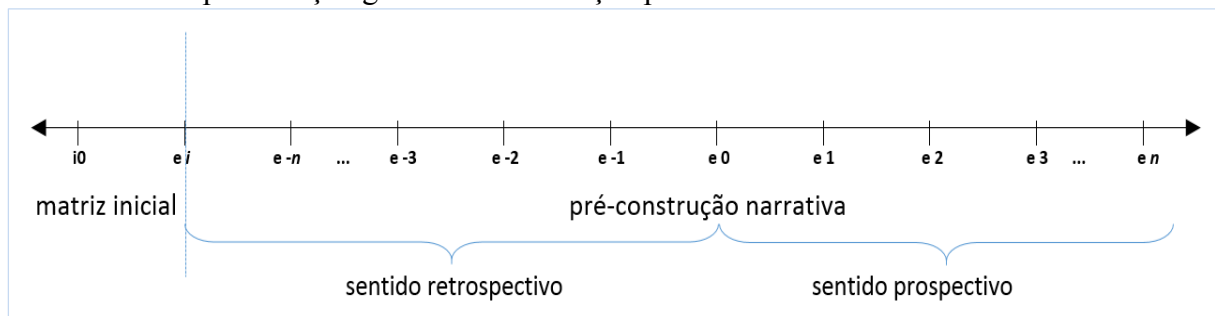
Para Motta, esse novo enredo, “*embora metodologicamente resumido em uma sinopse, é mais complexo porque confere ao objeto outras significações*” (Motta, 2013: 143). Embora os passos que levam a essas novas significações não sejam no texto da tese imediatamente transparentes a/o leitor/a, é possível, contudo, comparar as narrativas na íntegra, disponibilizadas nos anexos desta tese, com as reconfigurações sintéticas feitas e, informado/a

¹²⁵ Cabe aqui esclarecer que, embora opte aqui por citar textualmente essa passagem de Motta (2013), não uso em minhas interpretações a ideia de intriga, pois não a considero apropriada para as narrativas conversacionais abertas que interpreto. São mais úteis para mim as ideias de projeto e, sobretudo, de conflito dramático.

dos passos dados no primeiro movimento, o/a leitor/a pode visualizar a preparação para a interpretação que não lhe aparece de forma imediata.

Nesse movimento de “compreensão da intriga como síntese do heterogêneo”, para decompor e recompor a narrativa, trabalho sobretudo com as propostas metodológicas de William Labov (Labov, 1997, 2003, 2004, 2006, 2010a, 2010b) descritas em alguns de seus trabalhos sobre análise de narrativas orais iniciados em 1967 em parceria com Waletzky (Labov & Waletzky, 2003). As categorias labovianas que utilizo mais importantes para a reelaboração das narrativas são o *evento mais reportável*, o *evento inicial* e a *matriz inicial* (Labov, 2010b). Trabalho também com a ideia de pré-construção narrativa como necessária à reconstrução narrativa (Labov, 2006) e, posteriormente, com as categorias *orientação-complicação-avaliação-resolução* desenvolvidas por Labov e Waletzky (2003). Devo aqui valer-me de Labov para explicar então cada uma dessas categorias.

Gráfico 4.1: Representação gráfica da construção pré-narrativa



Elaborado a partir de Labov 2006.

Labov define o *evento mais reportável* (e_0) como “*the event that is the least common and has the greatest consequences for the life chances of the actors involved*” (Labov, 2010b: 7). A identificação deste evento mais extraordinário ou mais inesperado de uma narrativa é o primeiro passo para a sua reconstrução, pois é a partir dele que se chegará ao evento inicial que responde a pergunta “Por onde começar?”. O caminho para o *evento inicial* (e_i) segue uma cadeia retrospectiva de causalidade que parte do *evento mais reportável* (e_0) e chega ao *evento inicial* (e_i) passando pelos eventos, e_{-1} , e_{-2} , e_{-3} , ..., e_{-n} , aos quais se chega por meio de uma relação de causalidade evidenciada pela introdução da conjunção causal “porque” (*because*) entre os eventos da cadeia. Quanto mais extraordinário o evento, maior será o seu grau de *reportabilidade* e menor o seu grau de *credibilidade*, o que Labov chama de “paradoxo da reportabilidade” (Labov, 2010b). Quanto menor a *credibilidade* de um evento maior a necessidade de introdução de eventos na cadeia retrospectiva com explicações (causas) que tornem o evento crível. Contudo, quanto maior o esforço para aumentar a *credibilidade* de um evento, menor se torna a sua *reportabilidade*, menor o seu caráter surpreendente quando ele

surge na narrativa. Em uma narrativa conversacional de trajetória de vida, relativamente curta se comparada, por exemplo, com uma narrativa de história de vida pormenorizada, pode ser bastante significativo o caráter de surpresa do *evento mais reportável*. De qualquer forma, identificar esse elemento, independentemente do grau de sua *reportabilidade* é o primeiro passo para responder a pergunta “Por onde começar?” e para conseguir a reconstrução resumida da narrativa, que será o objeto da interpretação com as ferramentas da ACN, uma vez que no uso das ferramentas da ACD são tomadas como unidades de interpretação recortes do texto tomado na íntegra.

Seguindo-se a cadeia retrospectiva de causalidade, chega-se ao *evento inicial* (*ei*), que Labov define como “*an event e-n with no immediate or obvious cause. This may be termed the initiating event, because it initiates the chain that leads to the most reportable event*” (Labov, 2010b: 8).¹²⁶ Ainda com Labov:

An answer to the question, “How did (e-n) happen?” would be “I don’t know. We were only...” followed by a description of ordinary behavior. We will call this behavior the initial matrix *i0*, for which the question “Why did you do that?” would be heard as foolish or inappropriate. (Labov, 2010b: 8)¹²⁷

Os comportamentos ordinários que antecedem o *evento inicial* são chamados por Labov de *matriz inicial* (*i0*). Chegar a esses comportamentos ordinários que servem de resposta à pergunta sobre as causas do *evento inicial* (*ei*) e, portanto, como marca de termos chegado ao *evento inicial* (*ei*), cumpre o objetivo primeiro do modelo de Motta (2013) de definir o início, o meio e o fim da história. Identifica-se e parte-se de “*e0*” para chegar a “*ei*” e a “*i0*”. Identificando essa “mancha narrativa”, esses marcos do “perímetro” que cerca a área coberta pela narrativa, é possível partir para a *pré-construção narrativa*, um artifício de interpretação que vai permitir a reconstrução da narrativa no passo seguinte. A *pré-construção* é a própria cadeia de eventos iniciada a partir do *evento mais reportável* (*e0*), movendo-se no sentido retrospectivo até a *matriz inicial* (*i0*) e, no sentido prospectivo até o final da narrativa, que pode ser um *desenlace* ou não, como costuma ser o caso das *narrativas de composição aberta* aqui interpretadas.¹²⁸ Nas palavras de Labov:

¹²⁶ Um evento e-n sem causa óbvia ou imediata. Isso pode ser denominado de evento inicial, porque ele inicia o cadeia que leva ao evento mais reportável (Labov, 2010b: 8)

¹²⁷ Uma resposta para a pergunta “Como foi que (e-n) aconteceu?” seria: “Não sei. Nós só estávamos...”, seguida de uma descrição do comportamento usual. Chamaremos esse comportamento de matriz inicial *i0*, para a qual a pergunta “Por que você fez aquilo?” seria ouvida como tola ou desapropriada (Labov, 2010b: 8).

¹²⁸ Seguindo Reis e Lopes, “entende-se por desenlace um evento ou conjunto concentrado de eventos que, no termo de uma ação narrativa, resolve tensões acumuladas ao longo dessa ação e institui uma situação de relativa estabilidade que em princípio encerra a história” (Reis & Lopes, 2007: 97). A expectativa do desenlace mantém o

Pre-construction begins with this most reportable event and proceeds backwards in time to locate events that are relinked causally each to the following one, a recursive process that ends with the location of the unreportable event--one that is not reportable in itself and needs no explanation (Labov, 2006: 16).¹²⁹

O envolvimento de Labov com a narratologia foi construído com uma grande pausa, intercalada e misturada com seu papel de ponta desempenhado na sociolinguística. Em 1967, Labov lançou as bases para a interpretação de narrativas orais ao publicar com Waletzky (Labov & Waletzky, 2003) artigo em que as narrativas orais eram seminalmente introduzidas no campo de estudos de narrativas. Daí em diante, Labov dedicou-se quase que exclusivamente à sociolinguística e, como sabemos, a narratologia estruturalista predominou no campo de estudos de narrativa, com pouca ênfase sobre as narrativas orais.

O trabalho seminal de Labov e Waletzky não foi, contudo, esquecido. Prova disso foi a comemoração em 1997 dos trinta anos de publicação do artigo escrito com Waletzky, por meio da publicação de um número especial revista *Narrative Inquiry*, em 1997 ainda intitulada *The Journal of Narrative and Life History*. O número especial, intitulado *Oral versions of personal experience. Three decades of narrative analysis*, foi coordenado por Michael Bamberg (1997) e reuniu mais de meia centena de autores e autoras, como Jerome Bruner, Gerald Prince e Emanuel Schegloff, que se debruçaram sobre o trabalho de Labov e Waletzky com textos como “Labov and Waletzky, Thirty Years on” (Bruner, 1997); “Narratology and Narratological Analysis” (Prince, 1997) e “‘Narrative Analysis’ Thirty Years Later” (Schegloff, 1997).

Desde 1997, Labov voltou suas atenções para a interpretação de narrativas orais e vem publicando regularmente artigos que, em maior ou menor grau, dialogam com e aprofundam categorias interpretativas já presentes ou anunciadas em 1967. Assim o faz com as categorias **orientação**, **complicação**, **avaliação** e **resolução**, já presentes no trabalho com Waletzky e retomadas em vários outros textos após 1997. Creio ser bastante para a utilização que faço do trabalho de Labov (fundamental para a estruturação da interpretação, mas não para a interpretação em si) recorrer a citações de seus trabalhos na definição dessas últimas categorias de “estruturação geral da narrativa” (Labov, 2003: 94). Nos termos de Labov, “*a narrative*

interesse na narrativa e é mantida por estratégias como o uso do suspense, por exemplo, mas o desenlace não ocorre necessariamente e as tensões do conflito narrativo podem não ser resolvidas ao final, uma das características que marca as narrativas de composição aberta, nas quais os episódios são conexiados de forma variada (Reis & Lopes 2007, 72) e desenvolvimentos posteriores são permitidos, como é o caso de narrativas de trajetórias de vida, quando essa vida ainda não findou.

¹²⁹ A pré-construção inicia-se com esse evento mais portátil e faz uma volta no tempo para localizar eventos que estejam causalmente religados uns com os outros, em um processo recursivo que termina com a localização do evento não-reportável – um evento que não seja reportável por si mesmo e não necessite de explicações (Labov, 2006: 16).

normally begins with an **orientation**, introducing and identifying the participants in the action: the time, the place, and the initial behavior” (Labov, 2010a: 547).¹³⁰ A orientação está então normalmente ligada à **matriz inicial**, encontra-se quase sempre antes do **evento inicial**, antes da primeira **sentença narrativa** e é constituída por **sentenças independentes**¹³¹. Blocos de **orientação** podem, contudo, aparecer também em outros momentos da narrativa já iniciada.

Como **complicação**, Labov define que “a clause of complicating action is a sequential clause that reports a next event in response to a potential question, “And what happened [then]?” (Labov, 1997: 402).¹³² A **avaliação** de um evento da narrativa surge quando há uma “information on the consequences of the event for human needs and desires (Labov, 1997: 403).¹³³ Por fim, sobre a resolução, Labov propõe que “the **resolution** of a personal narrative is the set of complicating actions that follow the most reportable event” (Labov, 1997: 412).¹³⁴

Após um número relativamente expressivo de citações de Labov, sinto-me obrigado a reforçar a estratégia interpretativa já mencionada em outros lugares dessa tese. Labov foi fundamental para a reconstrução das narrativas a serem interpretadas, mas não tem nenhum peso na interpretação que se faz dessas reconstruções. O uso que faço de suas ferramentas é metodológico, mas não necessariamente interpretativo, a não ser pelo fato de ser fundamental na construção do texto a ser interpretado seguindo-se a proposta de Motta (2013) e os *insights* da nova narratologia. Nas interpretações ficará claro, espero, que as categorias de Labov são indicadas apenas para marcar as reconstruções narrativas, pois o trabalho interpretativo em nada se aproxima da proposta quase matemática iniciada por Labov e Waletzky em 1967.

Anterior e complementarmente ao trabalho com as ferramentas elaboradas por Labov, a reelaboração das narrativas aqui interpretadas parte do “empapar-se da história” (Motta, 2013). Após a leitura e audição repetida das entrevistas, os **episódios** (E) das narrativas foram identificados e tomados como unidades de interpretação, conforme proposição de van Dijk (1981). Adapto a sugestão de van Dijk de adotar os **episódios** como unidade de interpretação do discurso, tomando-os como unidades de interpretação narrativa a partir da definição de **episódio** de Reis & Lopes:

¹³⁰ Uma narrativa normalmente começa com uma **orientação** que introduz e identifica os participantes na ação: a hora, o local e o comportamento inicial.

¹³¹ Essencial na proposta laboviana, a distinção entre **sentenças narrativas** e **sentenças independentes** não é utilizada aqui, pois isso extrapolaria o uso que se faz de Labov para a reconstrução da narrativa a ser interpretada.

¹³² Uma cláusula de ação complicadora é uma cláusula sequencial que reporta um evento subsequente em resposta a uma possível pergunta, “E o que aconteceu [então]?” (Labov, 1997: 402).

¹³³ Informações sobre as consequências do evento para as necessidades e os desejos humanos (Labov, 1997: 403).

¹³⁴ A **resolução** de uma narrativa pessoal é o conjunto de ações complicadoras que se segue ao evento mais reportável (Labov, 1997: 412).

Unidade narrativa não necessariamente demarcada exteriormente, de extensão variável, na qual se narra uma ação autônoma em relação à totalidade da sintagmática narrativa, ação essa que se conexiona com o todo em que se insere por meio de qualquer factor de redundância (a personagem que protagoniza os diferentes episódios de uma narrativa, o espaço em que eles se desenrolam, as dominantes temáticas que regem a narrativa etc.). (Reis & Lopes, 2007: 127)

Embora a definição de *episódio* de Reis & Lopes (2007) se aproxime da definição de *episódio* de van Dijk¹³⁵ e embora a assunção dos *episódios* (E) como unidades de interpretação decorra diretamente da leitura de van Dijk, na interpretação que faço dos *episódios* (E) identificados pela definição de Reis & Lopes não sigo exatamente o mesmo caminho de van Dijk.¹³⁶ Em vez de trabalhar os *episódios* (E) a partir da perspectiva de uma análise discursiva, abordando-os desde suas proposições, sentenças ou macroposições; trabalho na reconstrução de cada *episódio* (E) desde a perspectiva de uma interpretação de narrativa, abordando-os a partir de sua ordenação sequencial e da identificação dos marcos e procedimentos de reconstrução narrativa propostos por Labov e Waletzky (2003) e de sua inserção em *sequências* narrativas básicas, compostas por “situação inicial, perturbação e solução”. No uso das *sequências*, por não ser fácil diferenciá-las conceitualmente dos episódios, cabe dizer que trabalho com a ideia de *sequências triádicas simples*, cuja principal diferença dos episódios é a ausência do elemento de redundância. Assim as *sequências* se identificam com um conjunto de *episódios* (ou, algumas vezes coincidem com um *episódio*) que encerram situação inicial, perturbação e solução, não necessariamente unidos por fatores de redundância.

Mesmo que prefira a definição de *episódio* (E) de Reis & Lopes (2007), tomo emprestado de van Dijk não apenas a ideia de trabalhar os *episódios* (E) como unidades mínimas de análise, mas observo também suas orientações para identificação linguística das

¹³⁵ Van Dijk argumenta que o episódio é uma “unidade semântica” e “in this sense an episode is first of all conceived of as a part of a whole, having a beginning and an end, and hence defined in temporal terms. Next, both the part and the whole mostly involve sequences of events or actions. And finally, the episode should somehow be 'unified' and have some relative independence: we can identify it and distinguish it from other episodes.” (Nesse sentido, um episódio é em primeiro lugar concebido como parte de um todo, tendo um início e um final, e, sendo assim, definido em termos temporais. Em seguida, tanto a parte quanto o todo envolvem, na maioria das vezes, sequências de eventos ou ações. E, por fim, o episódio deve ser de algum modo “unificado” e ter alguma independência relativa: podemos identificá-lo e distingui-lo de outros episódios) (van Dijk, 1981: 178)

¹³⁶ Segundo van Dijk, “since episodes are taken to be semantic units of discourse, one must be able to define them in semantic terms, for example, in terms of propositions. I will indeed so do, and characterize an episode of a discourse as a specific 'sequence of propositions' (...). Besides this so-called local coherence, the sequence should be globally coherent, that is, be subsumed under some more global macroproposition (Uma vez que os episódios são vistos como unidades semânticas do discurso, deve-se estar em condições de defini-los em termos semânticos, por exemplo, em termos de proposições. Terei e caracterizarei, de fato, um episódio de um discurso como uma “sequência de proposições” específica (...). Além dessa assim-chamada coerência local, a sequência deve ser coerente em termos globais, isto é, deve ser incluída sob algumas macroproposições mais globais) (van Dijk 1981: 180).

mudanças de *episódio* (E), sejam elas semânticas ou gramaticais. Van Dijk enumera algumas marcas textuais que ajudam a identificar as quebras de episódios; resumidamente são elas: a) pausas e hesitações nos textos orais; b) indicadores de mudança tempo; c) indicadores de mudança de lugar; d) indicadores de mudança de “elenco”; e) palavras de introdução ou mudança de predicação; f) introdução de novos predicados que não se enquadram no predicado anterior; g) mudança de perspectiva da narração (van Dijk, 1981: 181).

Por fim, ainda no primeiro movimento, os *encaixes* e *encadeamentos* dos *episódios* (E) são identificados como forma de se descobrir inicialmente a complexidade da narrativa, o que ajuda na compreensão das estratégias utilizadas em sua estruturação. Na distinção de *encaixe* (encx) e *encadeamento* (encd), trabalho também com as definições de Reis & Lopes, para quem nos *encadeamentos* (encd) “as sequências se concatenam linearmente, sendo o final de cada uma o ponto de partida da seguinte” (Reis & Lopes, 2007: 121), enquanto que nos *encaixes* (encx) “uma ou mais sequências surgem engastadas no interior de outra que as engloba” (Reis e Lopes, 2007: 121). Os *encaixes* (encx) podem, entre outras coisas, servir de explicação causal, explicitando as ações que guiaram o comportamento do narrador (Reis & Lopes, 2007: 121).

Os *encadeamentos* (encd) ou *encaixes* (encx) são apenas uma das estratégias de *construção do narrador* (CN), as quais destaco também no primeiro movimento para serem interpretadas depois. Tratando-se de uma narrativa autobiográfica, os limites entre *narrador* e *autor* são extremamente tênues e chega a ser duvidosa a pertinência em procurá-los. Não há nas interpretações feitas nesta tese uma insistência no tema, mas apenas uma argumentação de que, mesmo nesse caso, autoras e narradoras não são exatamente as mesmas, pois se considerarmos que as identidades narradas são (re)construídas no momento da narração, podemos considerar que durante a narração a (re)construção identitária é feita por meio da *construção do narrador* (CN). A diferença sutil reforça então o processo fluido de identificação que se quer ressaltar. Em termos da narratologia clássica, temos nas narrativas interpretadas *narradoras autodieéticas*, protagonistas de suas histórias, que são narradas em primeira pessoa, em que o *tempo da narração* oscila entre a simultaneidade e a posteridade aos eventos narrados, e o *foco da narrativa* é predominantemente interno, podendo apresentar às vezes características de onisciência. Contudo, mais do que descrever o *tipo de narrador/a*, importa verificar como eles/elas são construídos/as, o que tento fazer durante a interpretação.

Com todas essas categorias metodológicas nas mãos, a desmontagem e remontagem da narrativa é feita de acordo com os seguintes passos: audição e leituras repetidas da entrevista; identificação dos *episódios* (E) da narrativa (Reis & Lopes, 2007; Van Dijk, 1981); assunção

dos *episódios* como unidade de interpretação (van Dijk, 1981); desconstrução, reconstrução e concatenação dos *episódios* (E) a partir das categorias e procedimentos de Labov e das categorias propostas por Motta, como marcos da narrativa a serem identificados neste primeiro movimento pré-interpretativo (início-meio-fim, episódios e sequências básicas). Feito isso, temos a reelaboração resumida da narrativa e é possível partir para os próximos movimentos de interpretação propostos por Motta, que, a rigor, já são acionados, todos eles, no primeiro movimento de “compreensão da intriga como síntese do heterogêneo”.

Os segundo e terceiro movimentos propostos por Motta consistem em “compreender a lógica do paradigma narrativo” e “deixar surgir novos episódios” (Motta, 2013: 147). Nesses momentos são descortinadas as relações causais entre as partes da narrativa, tanto entre as sequências menores de cada episódio (segundo movimento), como entre os episódios (terceiro movimento). Aqui é descoberto o “tempo da narrativa”, que, segundo Motta, “é mais lógico que cronológico”, sendo que “a lógica da narrativa está na conexão de uma ação ou sequência por causa da outra e não uma depois da outra” (Motta, 2013: 148).

Sempre atrás de desvendar a lógica da narrativa por meio das estratégias e movimentos utilizados pelas narradoras, cada *episódio* das narrativas foi dividido em movimentos menores, alguns materializados em uma única sentença gramatical, que são ordenados dentro de cada *episódio* e interpretados, sempre que sua sequenciação na ordem cronológica ou causal revelar uma possível estratégia narrativa. Esses *movimentos internos a cada episódio* (mv) não devem ser confundidos com os cinco movimentos de Motta utilizados para construir a interpretação. Mesmo que sejam acionados pelo intérprete, os *movimentos internos aos episódios* (mv) são movimentos da própria narração e não da interpretação. Hesitei em nomeá-los assim, mas as duas outras alternativas que me ocorreram, “sequências ou ações”, teriam um potencial maior de causar confusões terminológicas por serem categorias amplamente utilizadas na narratologia com sentido distinto ao que empresto em minha interpretação aos movimentos da narração dentro de cada episódio.

Reconstruída a narrativa em uma síntese coerente, a interpretação recai em grande parte sobre as estratégias narrativas empregadas na organização do “projeto dramático”, que é assim definido por Motta:

Em resumo, ele começa com uma situação estável interrompida por uma perturbação que leva à transformação da situação. Ações da personagem principal enfrentam as forças da perturbação a fim de solucionar o problema e recuperar a estabilidade. Outras personagens podem ajudar a solucionar ou a complicar o problema e

antagonizar a personagem principal. Isso gera jogos de ações cada vez mais intensas até que a perturbação é solucionada. (Motta, 2013: 126)

A interpretação dos episódios e a elucidação do “projeto dramático” passam obrigatoriamente pelos *personagens*, *espaços*, *conflitos* e *tensões* narrados e, fundamentalmente, ainda que de forma breve, pela *construção do narrador* (CN), já discutida há pouco. A construção das personagens é observada fundamentalmente no quinto movimento, no qual opto por trabalhar com a proposta de van Leeuwen de “representação de atores sociais”, trazendo assim, para a interpretação da narrativa, a interpretação discursiva. Logo voltaremos ao quinto movimento.

A ubicação das ações e a construção dos *espaços* é observada como estratégia narrativa, e a interpretação e compreensão dos *conflitos* e *tensões* da história está na base de todo o esforço interpretativo, pois processos de (re)construção identitárias, por serem relacionais e negociáveis, são necessariamente envolvidos por conflitos, tomados aqui como as relações identitárias estabelecidas que podem ser mais os menos acirradas.

Grande parte do segundo e terceiro movimentos propostos no modelo de Motta está embutida no primeiro movimento, sobretudo no procedimento de *pré-construção narrativa* laboviano, por meio do qual a narrativa é reconstruída de trás pra frente (pré-construção narrativa), atribuindo-se relação de causalidade entre as sequências narradas. Estritamente ao segundo e terceiro movimentos restam: parte da interpretação metanarrativa alcançada com a atenção voltada para as estratégias de concatenação utilizadas e para suas possíveis explicações histórico-culturais; assim como a identificação dos elementos narrativos que compõem o *conflito dramático* a ser revelado no quarto movimento.

O quarto movimento é descrito por Motta como o movimento de “permitir ao conflito dramático se revelar”; na verdade não é dado aqui nenhum outro passo além dos já descritos nos movimentos anteriores. Esse quarto movimento aparece mais como um resultado das ações realizadas nos primeiros três movimentos do que como um movimento autônomo. Ao se identificarem os elementos que compõem o *conflito dramático* por meio da reelaboração e interpretação da narrativa a partir de suas *sequências* e *episódios*, já estamos permitindo ao *conflito dramático* se revelar, pois lembramos com Motta que “o conflito dramático é o frame cognitivo (enquadramento, perspectiva, ponto de vista) através do qual o narrador organiza a difusa e confusa realidade que pretende relatar” (Motta, 2013: 167). Nesse ponto da interpretação, superado os três primeiros movimentos, o “frame cognitivo” do narrador já deve ter sido revelado e, com ele, o *conflito dramático* que marca a narrativa.

O quinto movimento me parece sim um movimento que exige ação dedicada do intérprete. Trata-se, nos termos de Motta, da personagem, “metamorfose da pessoa em persona” (Motta, 2013: 172). Nos termos que adoto, trata-se da interpretação da representação de atores sociais. Nesse ponto, as categorias de van Leeuwen (2008) me ajudam a complementar a interpretação feita com instrumentos metodológicos da ACN e, como já argumentei, a fazer o elo entre os dois métodos utilizados na interpretação.

Em vez de seguir única e fielmente com as ferramentas da ACN inicialmente utilizadas, ao escolher trabalhar com atores em vez de personagens, integro transdisciplinarmente a ACD à interpretação proposta, partindo da interpretação da representação de atores sociais proposta por van Leeuwen (1996, 2008), e chegando à interpretação das categorias dos significados acionais, representacionais e identificacionais proposta por Fairclough (2003). Nesse espaço de transição entre a análise da narrativa e a análise discursiva, entre o “plano da história” e o “plano do texto”, lanço mão ainda de algumas propostas da narratologia usadas na caracterização de personagens, sobretudo trabalho com a ideia de Reis e Lopes (2007) de caracterização de personagens a partir de pares de ações opostas, o que é fundamental para a identificação de *protagonismos* e *antagonismos*.

Como indiquei antes, não me pareceu muito produtivo distinguir em minha interpretação o sexto e sétimo movimentos propostos por Motta. Nem como estratégia didática, pareceu-me de alguma valia separar os movimentos “estratégias narrativas” e “permitir as metanarrativas aflorar” dos outros cinco movimentos. Talvez por incapacidade de abstração, realmente não consigo esquadrihar a interpretação até esses dois níveis, pois eles me parecem o próprio movimento interpretativo como um todo e não uma parte dele. Da forma como eu utilizo os outros movimentos, a interpretação é ela própria o “afloramento da metanarrativa” que se deixa brotar também por meio de “estratégias narrativas” acionadas e visualizadas nos outros movimentos de interpretação descritos.

4.3 Ferramentas para a interpretação do discurso

Conforme Bruner “*It was perhaps a decade ago that psychologists became alive to the possibility of narrative as a form not only of representing but of constituting reality*” (Bruner, 1991: 5).¹³⁷ Esta é uma ideia de **representação** bastante marcante, e é com essa ideia que trabalho e que me parece trabalhar van Leeuwen em sua **representação de atores sociais**.

¹³⁷ Foi talvez há uma década que os psicólogos despertaram para a possibilidade de ter a narrativa como uma forma não apenas de representar, mas também de constituir a realidade (Bruner, 1991: 5)

Com uma *representação* que, no que representa, reconstrói, dentro de um entendimento dialógico em que a adversativa “ou” é constantemente substituída pela aditiva “e”. Assim, em vez de pensarmos se *representação* “representa ou constrói”, insistindo no pensamento dicotômico da ciência moderna, podemos aceitar que *representação* “representa e constrói”, tomando os rumos de novas formas de produção de conhecimento nas quais se encaixa a ACD. Conforme Hall, em seu didático texto sobre o trabalho da representação:

Representation is an essential part of the process by which meaning is produced and exchanged between members of a culture. It does involve the use of language, of signs and images which stand for or represent things. But this is far from simple or straightforward process, as you will soon discover. (Hall, 2013a: 1) ¹³⁸

A complexidade do processo resulta não do entendimento de que *representação* constrói significados por meio da linguagem, mas da compreensão de como esses significados são construídos, quais os elementos que operam nessa construção. Das três abordagens teóricas da *representação* discutidas por Hall – a reflexiva, na qual a representação reflete o real; a intencional, na qual a representação é um processo cognitivo interno a quem a constrói; e a construtivista, na qual as representações são construídas nas relações entre coisas, conceitos e signos, a abordagem da ACD de van Leeuwen é a mesma adotada pelos Estudos Culturais, qual seja a aproximação construtivista em sua vertente discursiva derivada de Foucault.

Cabe ressaltar que nessa vertente discursiva da abordagem construtivista não há uma dualidade entre representação e realidade, muito menos uma negação desta em favor daquela. A vertente discursiva da ACD não se presta às críticas dirigidas ao chavão “tudo é discurso”. Segundo Hall:

Constructivists do not deny the existence of the material world. However, it is not the material world which conveys meaning: it is the language system or whatever system we are using to represent our concepts. It is social actors who use the conceptual systems of their culture and the linguistic and other representational systems to construct meaning, to make the world meaningful and to communicate about that world meaningfully to others. (Hall, 2013a: 11) ¹³⁹

¹³⁸ A representação é uma parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura. Ela envolve, de fato, o uso da língua, os sinais e as imagens que se colocam como coisas ou as representam. Mas esse é um processo que está longe de ser simples ou direto, como você descobrirá em breve (Hall, 2013a: 1).

¹³⁹ Os construtivistas não negam a existência do mundo material. Contudo, não é o mundo material que transmite significado; e, sim, o sistema da língua ou qualquer sistema que estejamos usando para representar nossos conceitos. Os atores sociais usam os sistemas conceituais de sua cultura e os sistemas linguísticos, ou outros

A abordagem construtivista da representação em sua vertente discursiva, ao apoiar-se na ideia de discurso, distancia-se da vertente semiótica do construtivismo mais preocupada com as produções de significados por meio das relações entre signos e linguagem, e se aproxima da interpretação social e cultural ao preocupar-se antes em entender como as práticas discursivas constroem conhecimento e poder em meio às representações construídas. A ideia de discurso não se coloca a questão se as coisas existem ou não, mas sim com as coisas adquirem sentido e são transformadas em meio às relações sociais onde são construídas as *representações*.

Uma das contribuições mais importantes de van Leeuwen para a ACD – fora suas contribuições para a análise multimodal, por meio de metodologia desenvolvida com Kress (Kress & van Leeuwen, 2006) – deriva de suas considerações sobre *a representação de atores sociais*, as quais são incorporadas as minhas interpretações. Van Leeuwen propõem que a pergunta sobre como atores sociais podem ser representados é essencialmente uma questão gramatical, mas apenas se entendermos gramática como um “potencial de sentidos” (“what *can* be said”) e não como um conjunto de regras (what *must* be said). Por isso, continua van Leeuwen:

I will not start out from linguistic operations, such as nominalization and passive agent deletion, or from linguistic categories, such as the categories of transitivity, but instead will draw up a sociosemantic inventory of the ways in which social actors can be represented and establish the sociological and critical relevance of my categories before I turn to the question of how they are realized linguistically. (Van Leeuwen, 2008: 23)¹⁴⁰

Foi, então, a escolha dos atores sociais, de como eles são simbólica e semanticamente representados, antes que uma mera análise da estrutura linguística dos textos tomados como *corpus*, que guiou este momento de interpretação das narrativas selecionadas, lançando mão para isso das categorias definidas por van Leeuwen (2008: 52) passíveis de serem aplicadas a minhas narrativas.

Para introduzir essas categorias de van Leeuwen, tentando ser sucinto, sem deixar de ser claro, reproduzo abaixo, com adaptações, quadro explicativo elaborado por Ramalho e

sistemas representacionais, para construir significado, para tornar o mundo significativo e para se comunicar a respeito desse mundo com os outros de modo significativo (Hall, 2013a: 11).

¹⁴⁰ Não iniciarei partindo de nossas operações linguísticas, tais como a nomenclatura e a exclusão do agente passivo, ou com categorias linguísticas, tais como as categorias de transitividade. Ao invés disso, elaborarei um inventário sociosemântico das maneiras como os atores sociais podem ser representados e estabelecerei a relevância sociológica e crítica de minhas categorias antes de me voltar à pergunta de como elas são percebidas em termos linguísticos (Van Leeuwen, 2008: 23).

Resende (2011: 150), no qual as autoras apresentam uma seleção das categorias propostas por van Leeuwen (2008) em seu trabalho sobre a representação de atores sociais.

Quadro 4.1: Quadro resumido com algumas possibilidades de representação de atores sociais

Exclusão	Supressão			
	Colocação em segundo plano			
Inclusão	Ativação	Participação: papéis gramaticais participantes		
	Passivação	Participação como submetido a uma ação		
		Participação como beneficiário de uma ação		
	Personalização	Determinação	Categorização	Funcionalização
				Identificação
			Nomeação	
		Indeterminação		
		Generalização		
		Especificação	Individualização	
	Assimilação			
	Impersonalização	Abstração		
Objetivação: instrumentalização, autonomização de enunciados, somatização, espacialização.				

Adaptado de Ramalho e Resende (2011: 150)

O quadro acima é uma redução do quadro já simplificado construído por Ramalho e Resende a partir da categorização completa de van Leeuwen (Ramalho & Resende, 2011:150), mas ainda demasiado detalhado para os propósitos desta tese. Enquanto o quadro de Ramalho e Resende nos permite uma visualização geral, permito-me a redução para apresentar apenas as categorias de fato utilizadas nas interpretações da representação de atores sociais nos capítulos seguintes desta tese, ampliando a quadro apenas para abarcar categorias correlatas, que, embora não utilizadas, são pertinentes para o entendimento das categorias aplicadas. Permito-me também abrir mão dos exemplos neste capítulo. Ainda que eles possam ser esclarecedores, sobretudo para quem não está acostumado ao uso de categorias linguísticas, optei por encurtar esse capítulo, já que os “exemplos” aparecerão quando as categorias forem aplicadas.

Em primeiro lugar, atores sociais, na proposta de van Leeuwen, podem ser representados por *inclusão* ou por *exclusão*. Neste último caso, pode ocorrer a *supressão*, quando os agentes de determinada ação narrada no texto não podem ser encontrados no próprio texto, ou a *colocação em segundo plano*, quando os agentes não são vinculados à ação narrada, mas podem ser encontrados no próprio texto, por vezes dedutivamente, com maior ou menor grau de certeza

sobre a autoria da ação. Cabe notar que a exclusão radical, que não deixa rastros nem do agente nem da ação, não pode, seguindo-se van Leeuwen, ser interpretada em um único texto. Para ele:

Some exclusions leave no traces in the representation, excluding both the social actors and their activities. Such radical exclusion can play a role in a critical comparison of different representations of the same practice, but not in an analysis of a single text, for the simple reason that it leaves no trace behind. (van Leeuwen, 2008: 29)¹⁴¹

Apesar do alerta de van Leeuwen, creio que é válido tecer consideração sobre as exclusões radicais, como o faz, por exemplo, Resende ao interpretar a completa ausência do “ator social” Estado e de suas ações/obrigações em textos da mídia envolvendo representações sociais da população em situação de rua no Distrito Federal (Resende, 2012; Ramalho e Resende, 2011: 111-156). Apenas a identificação da exclusão radical não se faz nos termos das categorias de van Leeuwen, mas nos termos das habilidades da intérprete no manejo de outras categorias sociais não linguisticamente acionadas.

As formas de representar atores sociais por inclusão são bastante mais variadas e serão apresentadas de forma sucinta. Em primeiro lugar, atores podem ser incluídos por *ativação*, aqueles que são representados como realizando a ação, ou por *passivação*, aqueles que são representados como submetidos à ação ou como beneficiários de seus efeitos, que podem ser tanto positivos como negativos. Em um detalhamento maior, atores podem ser passivamente representados como submetidos a uma ação na qual são representados como meta em um processo material; como fenômeno em um processo mental; ou como portador em um processo atributivo. Todas essas *passivações* são representadas por *participação* do ator representado *como submetido à ação* narrada. É possível também a *passivação* pela *participação* do ator representado *como beneficiário* de uma ação de efeito tanto negativo quanto positivo, o que pode ser feito colocando-se o ator como cliente em um processo material ou como dizente em um processo verbal.

As formas de *passivação* da representação de atores sociais pelo papel que desempenham em processos se tornam mais claras frente às estratégias de *ativação* de atores sociais que lhes são correlatas. Em relação aos processos, a *ativação* se realiza pela

¹⁴¹ Algumas exclusões não deixam traços na representação, excluindo tanto os atores sociais quanto as suas atividades. Tal exclusão radical pode desempenhar um papel na comparação crítica de diferentes representações da mesma prática, mas não em uma análise de um único texto, pelo simples motivo de que ela não deixa vestígios (van Leeuwen, 2008: 29).

representação dos atores sociais sempre por *papéis gramaticais participantes* em estruturas transitivas em qualquer ação.¹⁴²

A distinção proposta entre *personalização* e *impersonalização* na representação de atores sociais incluídos no texto tem também relevância nas interpretações feitas nesta tese. A *personalização* (é importante não confundir com a figura de linguagem personificação) ocorre pela representação de atores sociais com traços semânticos humanos, enquanto que a *impersonalização* implica ausência de traços semântico humanos na representação dos atores da ação. Sempre seguindo van Leeuwen, esta última pode ser feita pela *abstração*, na qual atores são representados por qualidade atribuída pela e na própria representação, ou pela *objetivação*, na qual atores são representados por um local (*espacialização*), atividade (*instrumentalização*), parte do corpo (*somatização*) ou enunciados (*autonomização de enunciados*) a eles relacionados.

As estratégias de *personalização* são bem mais variadas dos que as de *impersonalização*. Atores podem ser representados de forma específica (*especificação*) – tanto como indivíduos identificáveis (*individualização*), quanto como coletivos assimilados (*assimilação*) –, ou de forma generalizada (*generalização*). Podem ainda ser apresentados de forma indeterminada (*indeterminação*), geralmente com o uso de pronomes adjetivos indeterminados, ou de forma determinada (*determinação*), sendo aqui vários os desdobramentos. Para explicar algumas das várias das formas de determinação usadas na representação de atores sociais, recorro a citações de uma das autoras que elaboram o quadro analítico que serve de base para o Quadro 4.1. Segundo Resende:

Atores sociais representados especificamente podem ser representados por seus nomes próprios (*nomeação*) ou pela função que desempenham na prática ou no evento social (*categorização*). Funcionalização e identificação são dois tipos fundamentais de categorização. Na *funcionalização*, os atores sociais são representados em termos de uma atividade, uma ocupação ou uma função. Na *identificação*, os atores são definidos não em termos do que fazem, mas em termos do que são. (Resende, 2012: 446)

Essas categorias aqui explicitadas de forma um tanto quanto fatigante se tornam mais dinâmicas e instigantes no momento da interpretação e ajudam a revelar estratégias narrativas e processos de identificação presentes nas entrevistas. Além disso, o trabalho com as categorias de van Leeuwen para a interpretação de atores sociais serve, na estrutura das interpretações,

¹⁴² “As an actor in material processes, behavior in behavioral processes, sayer in mental processes, sayer in verbal processes, or assigner in relational processes” (van Leeuwen, 2008: 33).

como elo entre a interpretação narrativa e a interpretação discursiva, acionada com o uso que faço de van Leeuwen e continuada com o uso que faço de Fairclough.

Fairclough (2003) apresenta um rol de ferramentas metodológicas, as quais agrupa em três categorias teóricas, ou melhor, em três grandes significados que compõem o elemento discursivo das práticas sociais: o *significado acional*, o *significado representacional* e o *significado identificacional*. O *significado acional* é representado nos gêneros discursivos, vistos como diferentes formas de agir e interagir textualmente. O *significado representacional* se identifica com os discursos em seu sentido mais concreto: os modos como atores, eventos e práticas são representados em textos. Por fim, o *significado identificacional* age na construção de identidades nos textos, na manifestação discursiva das formas de ser, e está, portanto, mais relacionado ao estilo.

Segundo Resende e Ramalho:

Fairclough (2003) postula uma correspondência entre ação e gênero, representação e discurso, identificação e estilo – gêneros, discursos e estilos são modos relativamente estáveis de agir, de representar e de identificar, respectivamente. A análise discursiva é um nível intermediário entre o texto e seu contexto social – eventos, práticas, estruturas. Então, a análise de discurso deve ser simultaneamente a análise de como os três tipos de significado são realizados em traços linguísticos dos textos e da conexão entre o evento social e práticas sociais, verificando-se quais gêneros, discursos e estilos são utilizados e como são articulados no texto. (Resende & Ramalho, 2009: 61)

Creio que ao ressaltar o paralelismo dos termos de Fairclough importados da Linguística Sistêmico Funcional com as ideias de evento, prática e estrutura, bastante comuns na interpretação histórica e social, Resende e Ramalho tornam clara aos/às leitores/as pouco acostumado/as com o jargão da análise linguística as possibilidades do uso da ACD na interpretação social e, como é o caso desta tese, também na interpretação cultural. Arrisco-me a ampliar o paralelismo traçado pelas autoras entre a análise linguística e a análise social, defendendo seu uso para uma interpretação histórico-cultural, numa analogia tanto entre o lugar que ocupa a ACD entre texto e contexto, quanto entre o lugar que ocupa a interpretação histórico-cultural entre práticas e representações.

Ainda sobre os três significados propostos pela vertente de ACD aqui abordada, cabe lembrar com Fairclough (2003) que a divisão do elemento discursivo das práticas sociais em três significados é um recurso metodológico que não pode elidir o fato de que esses três significados coexistem e são um do outro indissociáveis. Os três significados englobam as

categorias de interpretação que são de fato utilizadas para o trabalho com o texto e a aproximação ao discurso. Antes, contudo, de definir as categorias utilizadas nesta tese, cabem algumas reflexões sobre o que é aqui chamado de *texto* e o que é chamado de *discurso*, visto serem estes conceitos polissêmicos, não significando o mesmo, por exemplo, na ACN e na ADC, ou em outras diferentes propostas de interpretação textual.

Devido à polissemia dos termos, devo então esclarecer que trabalho com as definições de *discurso* e *texto* da ACD, reconhecendo uma diferença nítida entre esses dois conceitos. Diferença que se esfumaça mesmo em outras práticas de análises textuais – podendo ser mesmo desprezada em algumas propostas, como o faz Eugenio Coseriu em sua *Linguística Textual* (Coseriu, 2007) –, mas que é muito fecunda em ACD, pois ajuda a definir algumas categorias de interpretação importantes, como, por exemplo, *interdiscursividade* e *intertextualidade*.

Em ACD a ideia de *discurso* é apropriada do pensamento de Michael Foucault em duas de suas dimensões: em um sentido mais abstrato, como o conjunto das enunciações já realizadas ou potenciais que envolvem questões de poder; ou em um sentido dotado de uma maior concretude, que permite falarmos em discursos sobre relações particulares de poder, como, por exemplo, o discurso científico, o discurso religioso, o discurso econômico etc. Apoiada na apropriação das ideias de *discurso* de Foucault, uma das definições mais precisas e sucintas de discurso para a ACD talvez seja a de Norman Fairclough (2003), que define *discurso* como um dos elementos componentes da prática social, que implica em um modo de agir sobre o mundo e sobre os outros e/ou um modo de representação do mundo. Diferentes discursos seriam, pois, diferentes formas de representar e de agir sobre o mundo. Discursos são maneiras específicas de representar aspectos do mundo, posicionadas histórica, social e culturalmente.

Assim como ocorre com a ideia de *discurso*, há uma infinidade de definições de *texto*, que se enquadram ou não em determinada prática de interpretação textual. Por levar em consideração não só aspectos linguísticos, mas também aspectos cognitivos e, principalmente, aspectos sociais e culturais, uma definição linguisticamente orientada bastante abrangente e parcialmente adequada à ACD é de Koch e Vilela, que propõem ser o texto:

Uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos intencionalmente selecionados e ordenados em seqüência durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação ou atuação de acordo com práticas sócio-culturais. (Koch & Vilela, 2001: 454)

Para adequarmos a definição de Koch e Vilela à ACD, devemos lembrar que, para a ACD, *textos* não se restringem a manifestações verbais, nem a elementos linguísticos; os exemplos mais claros dessa maior abrangência do *texto* em ACD são as análises de textos imagéticos ou de textos multimodais. *Textos* são encontrados em quaisquer instâncias de linguagem em uso, ultrapassando o verbal, oral ou escrito, e incluindo outros sistemas semióticos, como textos visuais ou multimodais.

Unidade mínima de análise em ADC por serem considerados a concretização de discursos específicos, e serem a parte observável dos potenciais discursivos, *textos* resultam de eventos concretos realizados e empíricos, cuja observação pode levar o intérprete a inferir aspectos de potenciais discursivos de determinada estrutura social, pois resultam da estruturação social da linguagem, sendo ao mesmo tempo possíveis transformadores dessa estruturação, acarretando mudança social. Para a ACD é importante ressaltar que *textos* são produtos sociais historicamente localizados, são elementos estruturados e estruturantes das relações sociais, por terem efeitos causais, isto é, serem passíveis de provocar a mudança social ou de reforçar as estruturas vigentes.

Sobretudo cabe destacar a diferença entre *texto* e *discurso*, seja este último em sua definição mais abstrata ou mais concreta. *Textos* não se confundem com discursos, pois são manifestações de discursos, qualquer *discurso* é sempre maior que qualquer uma de suas manifestações e não se restringe à soma de todas elas, pois sempre existirão aspectos do *discurso* ainda não manifestados em *textos*. Além disso, *textos* são geralmente compostos de mais de um *discurso*, o que muitas vezes impede que um *texto* seja enquadrado em determinado *discurso*. A rigor, os objetos de interpretação da ACD são textos e não discursos, é o *texto* que permite ao intérprete chegar a alguns aspectos de alguns discursos. Para Resende e Ramalho, “textos representam materializações discursivas eventuais que devem ser analisadas” (Resende & Ramalho, 2009: 92). *Discursos* se concretizam por meio de textos, mas são mais abrangentes que eles. Duas das categorias de interpretação da ACD faircloughiana decorrem imediatamente da distinção esboçada entre texto e discurso, quais sejam, *intertextualidade* e *interdiscursividade*, abordadas a seguir de forma relacional.

A *intertextualidade* poderia ser brevemente definida com a maneira pela qual textos se baseiam, incorporam, recontextualizam e dialogam com outros textos, trazem outras vozes além da voz do autor ao texto. É muitas vezes marcada pela presença de elementos textuais externos ao texto interpretado na forma de citações. Essas citações podem ocorrer de maneiras diversas:

*relato direto, relato indireto, relato indireto livre, relato narrativo de ato de fala*¹⁴³ ou *pressuposições*, essas últimas consideradas formas de relacionar textos a uma série indefinida de outros textos que tenham sido ditos, escritos ou mesmo pensados anteriormente, considerados pelo/a narrador/a de conhecimento compartilhado entre ele e seus/suas narratários/as.

A análise textual com relação ao critério *intertextualidade* pode ajudar a desvelar o interdiscurso em que se situa determinado texto, que discursos estão possivelmente inculcados nas representações dos autores dos textos interpretado. Se, como veremos, nem toda *intertextualidade* é *interdiscursividade*, a recíproca não é verdadeira. Por serem materializados em textos, discursos que se encontram e dialogam em um único texto, denotam sempre além da *interdiscursividade* um caso de *intertextualidade*, ainda que somente por pressuposição.

A concepção de *intertextualidade* deriva das ideias seminais de Bakhtin (1994) de dialogicidade e polifonia dos textos: todo e qualquer texto, mesmo que aparentemente monológico, é dialógico, pois responde a outros textos já formulados ou não. Há, sobretudo na Linguística Textual, uma preocupação em diferenciar polifonia de *intertextualidade*, propondo que aquela seja mais abrangente que esta, que seria, por sua vez, a manifestação mais frequente da polifonia. Devido à compreensão mais larga de texto em ACD, é ainda mais trabalhoso, e talvez menos frutífero, tentar estabelecer fronteiras entre as duas categorias, sendo mais comum ao intérprete crítico de discurso trabalhar com uma noção ampliada de *intertextualidade*, derivada da ideia bakhtiniana de polifonia dos textos. Dentro dessa noção ampliada é mister destacar, como o fazem Resende e Ramalho (2009: 100-101), que “*intertextualidade é uma questão de recontextualização, ou seja, um movimento de um contexto a outro que acarreta transformações particulares dependendo de como o material é movimentado*”. Na preocupação de crítica social primordial à ACD, arrisco-me a dizer que pode ser mais relevante perceber e interpretar os movimentos de recontextualização de vozes ou textos que propriamente tentar classificá-los como tais.

Como foi dito na distinção entre *texto* e *discurso* proposta antes, em um mesmo *texto* podemos encontrar *discursos* distintos. Reconhecer diferentes *discursos* dentro de um *texto* é bastante importante para a interpretação crítica de discursos, pois é a partir daí que processos históricos, como lutas hegemônicas discursivamente e historicamente constituídas, ou como

¹⁴³ No *relato direto*, o narrador traz outra voz diretamente para o seu texto, é a própria autora que fala. No *relato indireto*, o narrador traz o conteúdo da voz introduzida em seu texto em sua própria fala, mas sem reproduzir a forma exata. No *relato indireto livre*, há uma mescla entre relato direto e indireto, a fala introduzida no texto é reproduzida na fala do narrador, sem a indicação precisa da passagem de uma voz à outra. No *relato narrativo de ato de fala* é feita uma remissão a um ato de fala e não ao enunciado em si.

reconstruções identitárias de sujeitos históricos, podem se tornar inteligíveis por meio do texto. É, contudo, crucial perceber que assim como o discurso é mais abrangente que o texto, *interdiscursividade* não se restringe à *intertextualidade*, pois o interdiscurso não é composto apenas pelo encontro de textos, por discursos materializados, mas também pelos discursos ainda não materializados, pelo não-dito ou dito e já olvidado.

Voltando um pouco ao início desse tópico para podermos avançar sem perder o fio da meada, lembramos que *interdiscursividade* está relacionada ao significado representacional, ao discurso; enquanto que *intertextualidade* está relacionada ao significado acional, ao gênero, às maneiras de agir. Sustentando a interpretação no tripé de significados proposto por Fairclough (2003), além da *interdiscursividade*, da *intertextualidade* e de suas manifestações textuais por meio das diversas formas de citação elencadas, foram acionadas nas interpretações categorias do significado identificacional, ligado ao *estilo*, que se mostraram pertinentes e com algum potencial heurístico.

O *estilo* é um aspecto discursivo das formas de ser, relacionado à ‘identidade’ ou, mais especificamente, à ‘identificação’, à forma como as pessoas se identificam ou são identificadas por outrem (Resende & Ramalho, 2009). Na ADC o *estilo* serve para detectar as identificações mais proeminentes no texto, traçando os seus processos textuais de identificação. Além disso, pode ser observado como as identificações traçadas se relacionam entre si, com que grau de reciprocidade e simetria, como a diferença entre elas é tratada e que lugar ou espaço é conferido à dialogicidade. Duas categorias textuais intimamente relacionadas ao estilo são a *modalidade* e a *avaliação*, sendo a primeira relacionada ao comprometimento com o dito, com sua verdade ou urgência, e a segunda relacionada a seu posicionamento com relação ao dito ser algo desejável ou não, bom ou ruim. Essas duas categorias foram amplamente utilizadas nas interpretações discursivas desta tese doutoral.

A categoria *modalidade* em ACD permite interpretar a relação estabelecida entre o autor e as representações de mundo expressas no texto. O uso de *modalizadores* é importante, sobretudo, na interpretação do significado identificacional, ou seja, na construção discursiva de identidades e identificações presentes no texto (Fairclough, 2003). É por meio de *modalizadores* que o autor se compromete ou se afasta mais ou menos das representações enunciadas e não apenas das representações de identidade, embora estas sejam especialmente relevantes nesse aspecto. Apoiando-se na Linguística Sistemico-Funcional de Michael Halliday, Fairclough (2003: 164-171) propõe que a modalidade varia gradativamente entre um polo positivo a um polo negativo, incluindo-se aí os polos, ao contrário de Halliday, que os

exclui. Fairclough (2003) chama de *modalidade categórica* a que é expressa como um dos polos positivo ou negativo, que para Halliday seriam não modalizados. Na proposta de Fairclough (2003: 168-169), além da *modalização categórica*, que pode ser afirmativa ou negativa, encontramos as seguintes modalidades: *modalização epistêmica*, que denota o comprometimento do/a autor/a com o grau de verdade do enunciado; e *modalização deôntica*, que marca o comprometimento com o grau de obrigatoriedade expresso em um enunciado. Além disso, segundo o nível de comprometimento, as modalizações epistêmicas e deônticas podem ainda ser subcategorizadas em *modalização epistêmica/deôntica com alto nível de comprometimento; modalização epistêmica/deôntica com nível médio de comprometimento e modalização epistêmica/deôntica com baixo nível de comprometimento* (Fairclough, 2003: 170).

Os marcadores de *modalidade* são variados e podem ser léxico-gramaticais ou não. Entre aqueles, os mais comuns são os verbos, advérbios e adjetivos modais (como, por exemplo, querer, poder, certamente, provavelmente, provável, possível etc.), além de verbos que indicam processos mentais (como, por exemplo, “eu penso”, “eu acho”, “eu creio” etc.). Entre os outros, a prosódia é um dos mais interessantes para o caso das narrativas orais, as hesitações expressas na pausa e na diminuição da entonação ou as concordâncias e ênfases feitas com o aumento da entonação podem, por exemplo, ser interpretadas como marcadores de *modalidade*.

A *avaliação* é outra categoria que assume grande relevância na interpretação do significado identificacional do texto, ou seja, em outros termos, nos processos de (re)construção discursiva de identidades e identificações presentes nas narrativas interpretadas. Ainda na esteira de Fairclough, as *avaliações* interpretadas não se limitam às claras *afirmações avaliativas* encontradas no texto, “*but also other more or less explicit or implicit ways in which authors commit themselves to values*” (Fairclough, 2003: 171). Esses caminhos mais ou menos explícitos com os quais autores/as se comprometem com valores se cruzam muitas vezes com o uso de *modalizadores*, o que leva Fairclough a subcategorizar as *avaliações* em: *afirmações avaliativas; afirmações com modalidades deônticas; afirmações com processos mentais afetivos, e valores presumidos*.¹⁴⁴ Na definição de Fairclough, *afirmações avaliativas* trazem enunciados sobre o que é desejável ou não desejável, sobre o que é bom é o que é ruim. Muitas vezes, são realizadas em processos relacionais por meio do uso de adjetivos, mas podem também ser marcadas por outros processos em que verbos, advérbios, ou mesmo exclamações podem ser os marcadores da avaliação (Fairclough, 2003: 172).

¹⁴⁴ Optei aqui por adotar a tradução para o português das categorias feita por Ramalho e Resende, 2011:116.

Afirmações com modalidades deônticas seguem, obviamente, o uso de modalizadores que denotam também avaliação. As *afirmações com processos mentais afetivos* podem surgir com modalizadores marcados por verbos que indicam processos mentais, mas também podem surgir diretamente por meio de atributos que indicam afetividade (por exemplo, “isso me emociona”). Por fim, Fairclough destina a subcategoria de *avaliação com valores presumidos* para a identificação de casos de avaliação que ocorrem sem marcadores seja de afirmação avaliativa, seja de modalização deôntica, ou de processo mental afetivo. Seguindo Fairclough, os valores presumidos estão frequentemente muito mais profundamente embutidos no texto, que dependem de “*an assumption of shared familiarity with (not necessarily acceptance of) implicit value systems between author and interpreter*” (Fairclough, 2003: 173).¹⁴⁵

Entre as categorias da ACD potencialmente férteis para trabalhar com os textos gerados em minha pesquisa sobre (re)construção discursiva de identidades nacionais por imigrantes brasileiros em Portugal e na Alemanha, acionei as categorias definidas por razões diferentes. Sobre as duas primeiras, *discurso* e *texto*, foi antes de tudo um desafio preliminar. Como investigador neófito na área de ACD, coloquei-me o desafio de tentar entender relacionalmente essas duas idéias que me parecem basilares para o manejo de outras categorias heurísticas da ACD.

A *interdiscursividade* é uma idéia que, além de preencher de significado nos textos interpretados, foi fecunda e necessária para a própria concepção desta tese, construída sobre uma aproximação interdiscursiva entre os métodos de história oral, ACN e ACD (Feijó, 2007). Antes mesmo dos textos, devo confessar, talvez pela formação de historiador, a *interdiscursividade* foi a categoria que primeiro me atraiu, devido à marca da história e da cultura que o *interdiscurso* pode trazer para o texto. Trabalhar melhor essa categoria é uma exigência que se me impôs desde o início.

A preocupação em me aproximar mais da categoria de *intertextualidade* veio já dos textos, repletos dessas marcas, mas também dos questionamentos sobre quais seriam as diferenças entre *interdiscursividade* e *intertextualidade*, e em que cada uma delas poderia potencialmente contribuir para minhas interpretações.

Modalidade foi a categoria que “descobri” ao ler Fairclough (2003) e que imediatamente liguei a lembranças do *corpus* gerado para o estudo piloto que deu origem a meu projeto de pesquisa. Como será percebido nas interpretações, é uma categoria central, com alto

¹⁴⁵ Um pressuposto de familiaridade compartilhada com (não necessariamente a aceitação de) sistemas de valor entre autor e intérprete” (Fairclough, 2003: 173).

grau de ocorrência e bastante sutil, exigindo muitas vezes um olhar bastante atento e detalhista. O mesmo que foi dito para a *modalidade* serve para a *avaliação*, as diferentes e sutis maneiras como essas marcas linguísticas aparecem no texto representam, ao mesmo tempo, um desafio para o intérprete e alguns dois momentos mais reveladores e instigantes das interpretações.

Parte II Como caminhar? As narrativas

Capítulo 5 Gênero e experiências de brasileiros e brasileiras em Portugal

Um país, ou um continente que quer ser um país, que decide prescindir de imigrantes é um país empobrecido e descolorido (...) Os imigrantes trazem consigo o cheiro da viagem e dos novos costumes e tradições, a sua integração é um enriquecimento cultural. (Clara Ferreira Alves)

5.1 Apresentação

Os imigrantes brasileiros estão a ir embora. Empregados de mesa e de balcão, esteticistas, manicuras, motoristas, mecânicos, pedreiros, porteiros, amas, grumetes, garagistas, e praticantes desses mil ofícios humildes ocupados por portugueses e estrangeiros. Sendo naturalmente afáveis pelo recorte da língua, os brasileiros deram uma nota de cortesia em lugares onde a rispidez portuguesa era o uso (...). Talvez não se note a lenta partida, mas vai-se notar (...) Muitos desses brasileiros são hoje brasileiros e portugueses e a ausência será sentida. Porque eles revitalizaram a nossa demografia, pagaram os nossos impostos, descontaram para a nossa Segurança Social. Ao cabo de tantos anos e de tantos engulhos, ver partir estes brasileiros é um sinal de nossa decadência. (...) Por cá, muitos patrões abusaram, exploraram, aproveitaram-se sem escrúpulos da fragilidade e da precariedade. Nos subúrbios, nasceu um racismo à portuguesa, traduzido em desconfiança e negação do nome. O brasileiro era o brasileiro, a brasileira era a brasileira, não tinha nome. O lugar-comum da prostituta brasileira gerava generalizações, anedotas e episódios de apartheid. Apesar de muitos brasileiros gostarem de Portugal, muitos deles não gostam dos portugueses. A necessidade obrigou-os a ficar e agora que o Brasil prospera sentem que está na hora de regressar. (Alves, 2011)

Com seu sensível e engajado artigo-homenagem *O Brasil a ir embora*, numa quase declaração de amor, a jornalista Clara Ferreira Alves, em sua coluna no jornal *Expresso*, na edição de 13 de agosto de 2011, reverbera tanto parte das atuais interpretações sobre as características e fluxos da imigração brasileira para Portugal, como também deixa pistas sobre as experiências e sentimentos narrados pelas/os imigrantes que colaboraram com essa pesquisa, bem como sobre as representação identitárias presentes nas narrativas. Além disso, Alves parece anunciar o desfecho, ou ao menos um momento de relevante inflexão na história recente da presença de brasileiros e brasileiras em Portugal.

Não é apenas Alves que percebe o momento como relevante nesse processo migratório. Também as brasileiras e brasileiros entrevistados em Portugal chamam a atenção, quase todas

elas, para o que seria um movimento de retorno de brasileiros e brasileiras à terra natal ou de deslocamento para outros países europeus, nos quais a atual crise do modo de produção capitalista não teria se manifestado ainda de forma tão contundente como em Portugal. Nos últimos anos, vem aumentando também o número de artigos e interpretações acadêmicas, lá e cá, que tentam dar conta dos processos migratórios contemporâneos envolvendo Brasil e Portugal (Padilla 2006, 2007, 2010, 2011, 2012; Machado 2003, 2006, 2007, 2010; Malheiros 2006, 2007; Peixoto, Santos 2006; 2007, Feldman-Bianco 2001, 2010; Góis 2009; França 2010, 2012; Pontes 2005; 2006, Gomes 2011; Costa, 2006; Oliveira 2006; Lisboa, 2008, 2010; Marques e Góis, 2011; Rodrigues, 2010; Santos, 2012) dentro do contexto de estudos acerca a imigração brasileira sobre o globo.

Neste capítulo, a partir do levantamento dos temas dos trabalhos apresentados nos três últimos Seminários Internacionais sobre a Imigração Brasileira na Europa, pretendo apresentar um pouco dessas interpretações sobre os imigrantes brasileiros/as em Portugal, para depois tentar contribuir com as minhas próprias interpretações das narrativas de trajetória de vida de meus colaboradores e colaboradoras, com o auxílio do relativamente grande volume de estudos e reflexões já amadurecidas sobre esse processo migratório e sobre esses sujeitos migrantes nas narrativas acadêmicas a que tive acesso.

5.2 Brasileiros e brasileiras mundo afora, muitos e muitas também em Portugal

Embora uma quantificação bibliográfica não tenha sido objeto de preocupação durante a construção desta tese doutoral, não creio ser leviano afirmar que, no contexto dos estudos sobre as imigrações brasileiras contemporâneas, após os EUA, é a emigração para Portugal que conta com a maior solidez quantitativa e qualitativa de estudos publicados e em marcha. Talvez em algum momento o caso japonês tenha ocupado o segundo lugar nesse “ranking”, mas na última década a produção acadêmica sobre a emigração para Portugal e sobre os imigrantes brasileiros e brasileiras em Portugal tem se destacado, sobressaindo-se, ao menos quantitativamente, talvez até mesmo em relação aos estudos publicados sobre os imigrantes brasileiros/as nos EUA. E uma razão também numérica é suficiente para justificar esse fato: Portugal é país europeu no qual a imigração brasileira teve os maiores impactos tanto numéricos quanto imensuráveis, visto que mais de um quarto da população imigrante em Portugal é atualmente constituída de brasileiros e brasileiras.¹⁴⁶

¹⁴⁶ Segundo dados do Anuário Estatístico de Portugal 2012 (INE 2013), 61.495 brasileiras e 44.127 brasileiros residiam em situação regular em 2012 em Portugal, esse número representava 25,475% da imigração regular em Portugal neste ano.

Em uma tentativa de diagnóstico parcial dos temas dos atuais estudos sobre a imigração brasileira, Gomes (2011) contabilizou os trabalhos apresentados no 1.º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, realizado em novembro de 2010, em Barcelona, dividindo-os por temas e por países. Das quatro contribuições do Comitê Científico, uma foi sobre Portugal, e das trinta e sete comunicações apresentadas treze foram sobre Portugal. Dos 41 trabalhos publicados nas atas do seminário (Carvalho, 2010), 14 (34%) são sobre a imigração brasileira em Portugal.

O seminário foi dividido em painéis intitulados *gênero e sexualidade; gênero e família; gênero e sociedade I; gênero e sociedade II; identidade, integração e religião; fluxos migratórios, mercado de trabalho e economia; fluxos migratórios, trabalho e educação; integração e cultura*. “Gênero” foi a temática central em quatro das oito subdivisões temáticas do seminário e, levando-se em conta a interseccionalidade das questões de gênero, provavelmente o tema esteve presente também em outras seções.

Para Gomes:

Pode-se apreender do seminário que a investigação sobre a imigração brasileira para Portugal tem um grande destaque no quadro da investigação sobre a imigração brasileira para a Europa. Isto deve-se tanto pelo grande número de imigrantes brasileiros neste país, como pela visibilidade social destes imigrantes em Portugal, o que desperta interesses de pesquisa, bem como fontes de financiamento e incentivos. (Gomes, 2011: 6)

Além disso, vislumbra-se que “a questão de gênero tem sido central nas investigações sobre imigração brasileira nos diversos países europeus” (Gomes, 2011:6).

Fazendo cálculo semelhante para os dois Seminários de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa realizados posteriormente em Lisboa, em 2012, e em Londres, em 2014, vemos que em Lisboa a imigração brasileira em Portugal foi tema de uma das duas mesas-redondas e de 15 dos 26 trabalhos publicados nas atas do encontro (Padilla, 2012). Sobre as seções temáticas do seminário, desta vez apenas um dos nove painéis foi nomeadamente dedicado às questões de gênero. Contudo, se considerarmos a totalidade dos trabalhos publicados, vemos que nove dos vinte e seis se relacionam diretamente a questões de gênero, que, desta forma, se apresenta como o tema mais frequente também no seminário de Lisboa.

Pode-se argumentar que o alto número de trabalhos relacionados a Portugal sofreu forte influência do fato de o seminário ter sido realizado em Lisboa, o que de fato não deve ser desconsiderado. Contudo, se observados os números do seminário de Barcelona, levantados por

Gomes (2011), e os números do seminário de Londres, percebe-se claramente que a influência do local de realização dos seminários não é decisiva e a preponderância dos estudos com foco em Portugal e na questão de gênero tem se mantido.

As atas do seminário de Londres ainda não foram publicadas, mas a programação do evento permite contabilizar 41 comunicações, das quais 12 se relacionam à migração brasileira em Portugal. A migração para Reino Unido, sobretudo para Londres, sede do seminário, é mencionada no título de nove comunicações. Sobre os temas abordados, as questões de gênero aparecem claramente tematizadas nos títulos de nove das 41 comunicações.

Como dito, a imigração brasileira em Portugal assumiu um destaque inegável na produção acadêmica sobre a imigração brasileira na última década, e os levantamentos dos temas abordados nos seminários de estudos sobre imigração brasileira na Europa é apenas um indicador desse fato. A preponderância pode ser em parte explicada pelo aumento significativo do número de imigrantes observado nesta década, como também pelo percentual que esses números representam dentro do chamado “sistema migratório lusófono” (Baganha, 2009).

5.2.1 Números

Segundo as estimativas “Brasileiros no Mundo”, anualmente publicadas pelo MRE (ver tabela 2.1), em 2012 havia mais de 140 mil brasileiros/as vivendo em Portugal. Como as estimativas do MRE não se limitam aos dados oficiais, esse número ultrapassa o número de brasileiros e brasileiras vivendo em situação regular em Portugal, segundo dados do Instituto Nacional de Estatísticas (INE) de Portugal para o mesmo ano. Segundo o INE, 105.622 brasileiras e brasileiros viviam regularmente em Portugal no ano de 2012 (INE, 2013).

Tabela 5.1: Brasileiras e brasileiros em Portugal 2008-2012

	2008	2009	2010	2011	2012
Brasileiras	57.494	64.159	66.885	63.927	61.495
Brasileiros	49.467	52.061	52.478	47.518	44.127
Total	106.961	116.220	119.363	111.445	105.622
Total Portugal	436.020	451.742	443.055	434.708	414.610

Fonte: INE 2009, 2010, 2011, 2012, 2013

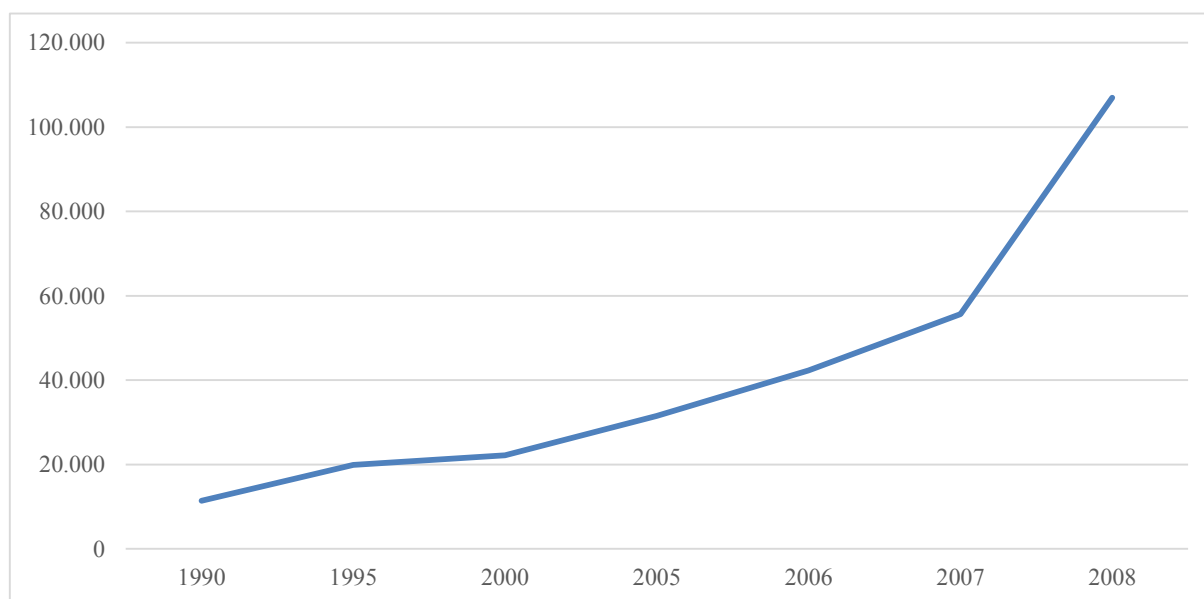
À primeira vista, os números oficiais de Portugal sobre a presença de brasileiros/as no país justificam a melancólica despedida de Clara Ferreira com que abriu esse capítulo. Se em 2010 eles indicavam 119.363 brasileiros e brasileiras vivendo no país, em 2011 esse número cai para 111.445, caindo ainda mais para 105.622 em 2012, dando razão à percepção do lento retorno lamentado por Ferreira e por alguns/as colaboradores/as desta tese. Sabemos, contudo,

que os números podem ser bastante ilusórios e a mera visualização de estoques de imigrantes não permite dizer quase nada sobre fluxos de imigração. A análise de fluxo de imigração inclui necessariamente um conjunto de variáveis que devem ser observadas ao mesmo tempo, como, por exemplo, registros de nascimento e óbito, entradas e saídas, naturalizações etc. As naturalizações, por exemplo, devido a maturidade da imigração brasileira em Portugal, podem ser um dos fatores no decréscimo do número de brasileiros/as registrados nesses dados.

São múltiplas as causas que influenciam a queda nos estoques de estrangeiros em um país, crises econômicas não são o único fator e não são necessariamente sempre preponderantes. Como argumenta Sales para o caso da imigração brasileira nos EUA, também para Portugal pode ser que as expectativas sobre as migrações de retorno de brasileiros causadas pela atual crise econômica do capitalismo possam estar sendo exageradas. Não que não haja migrações de retorno nos dois casos, é indubitável que estas existem e também há indícios fortes de que elas se intensificaram nos últimos anos. O que ainda não parece ser possível dizer é que os retornos serão suficientes para extinguir um estoque de imigrantes consolidado nas últimas décadas e que a migração de retorno seja a característica central da descrição desses fluxos migratórios nos anos recentes. Por enquanto, parafraseando outra vez Sales (2009), a menos que as estatísticas e estudos dos próximos anos desmintam, até agora talvez seja mais seguro afirmar que após mais de 20 anos do início das correntes migratórias que levaram brasileiros e brasileiras ao solo português, a permanência do Brasil em Portugal parece ser fato irreversível.

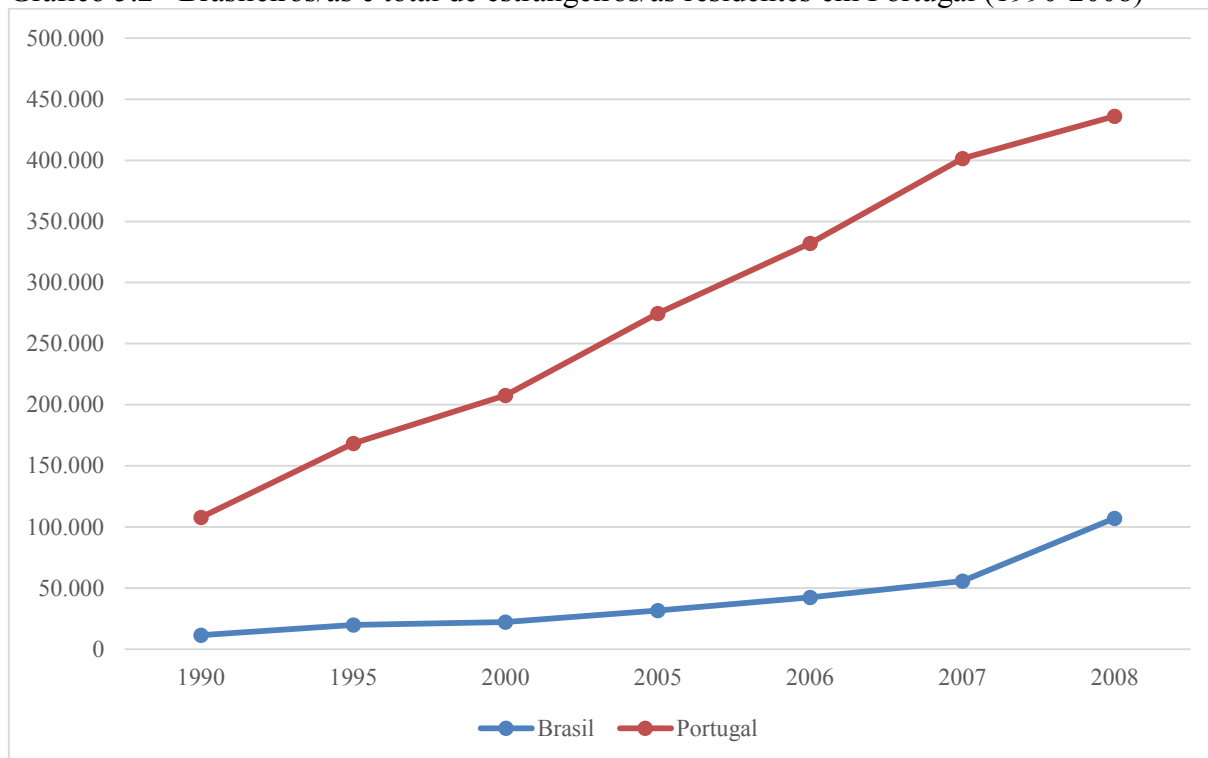
A apresentação do número de imigrantes nos anos anteriores à crise nos permite uma descrição um pouco mais segura sobre a presença de brasileiros/as em Portugal.

Gráfico 5.1 – Curva de brasileiros/as residentes em Portugal (1990-2008)



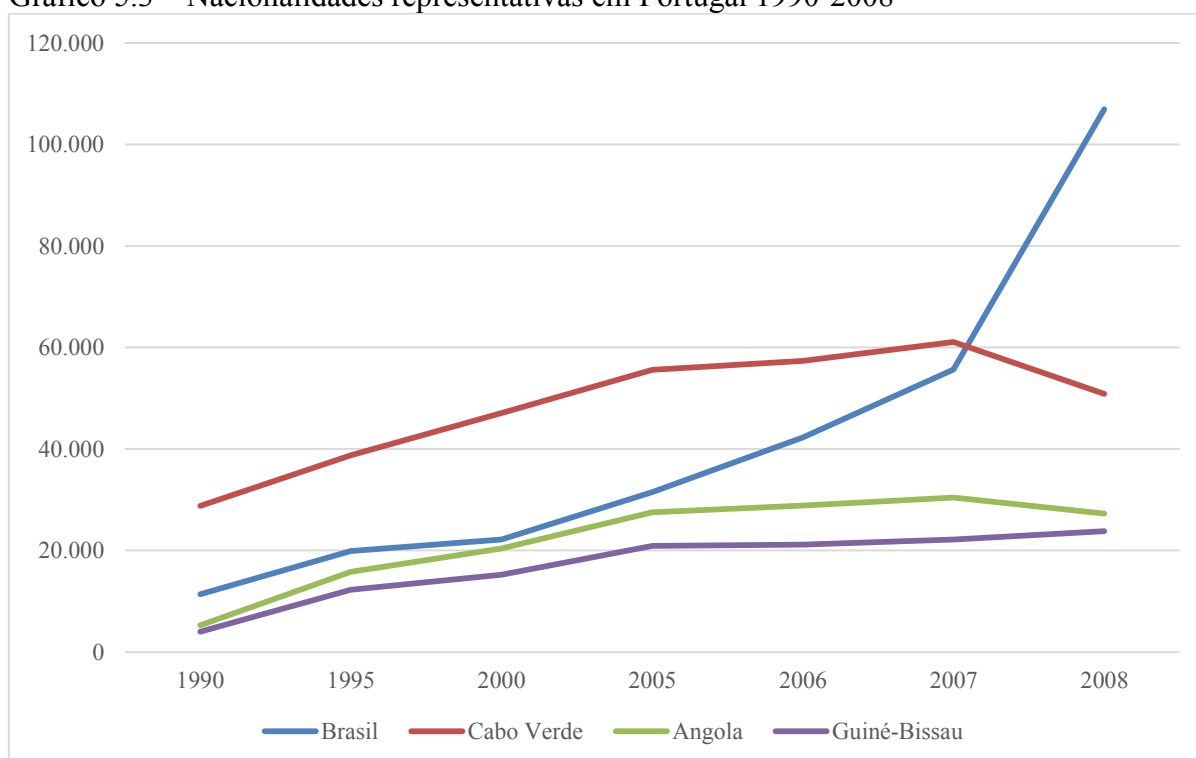
Fonte: INE 2008

Gráfico 5.2 –Brasileiros/as e total de estrangeiros/as residentes em Portugal (1990-2008)



Fonte: INE 2008

Gráfico 5.3 – Nacionalidades representativas em Portugal 1990-2008



Fonte: INE 2008

Vemos de 1990 a 2007 um claro e constante crescimento no número de imigrantes brasileiros/as em Portugal, que “explode” em 2007 (ver gráfico 5.1 acima). Se comparada com a curva de crescimento da imigração em Portugal, vemos que o número oficial de imigrantes

brasileiros/as em Portugal acompanha, com inclinação ligeiramente menos acentuada, a evolução da curva total de imigrantes em Portugal até o ano de 2007, quando passa a ter uma inclinação maior que esta (Gráfico 5.2). Se compararmos as nacionalidades de imigrantes mais representativas¹⁴⁷, vemos que o Brasil apresenta desenvolvimento semelhante aos demais países até meados da década de 2000, quando passa a ter uma curva bem mais acentuada.

Em 2007, como foi dito, a curva brasileira “explode”, tanto se comparada com outras nacionalidades (Gráfico 5.3), quanto se comparada com o número total de imigrantes em Portugal (Gráfico 5.2). De uma breve análise comparativa dos três gráficos, é possível argumentar que a imigração brasileira é a maior responsável pela dinâmica quantitativa da população imigrante em Portugal, ao menos a partir de metade da década de 2000 e, sobretudo, a partir do ano de 2007.

Além das nacionalidades do gráfico 5.3, alguns países do leste europeu, sobretudo Ucrânia e Romênia (tabela 5.2 e gráfico 5.4 abaixo), desempenharam também um papel relevante na dinâmica da imigração português a partir da segunda metade da década de 2000.

Tabela 5.2: Brasileiros/as, ucranianos/as e romenos/as em Portugal 2008-2012

	2008	2009	2010	2011	2012
Brasileiros/as	106.961	116.220	119.363	111.445	105.622
Ucranianos/as	52.472	52.253	49.487	48.010	44.050
Romenos/as	26.425	32.457	36.830	39.312	35.216
Total Portugal	436.020	451.742	443.055	434.708	414.610

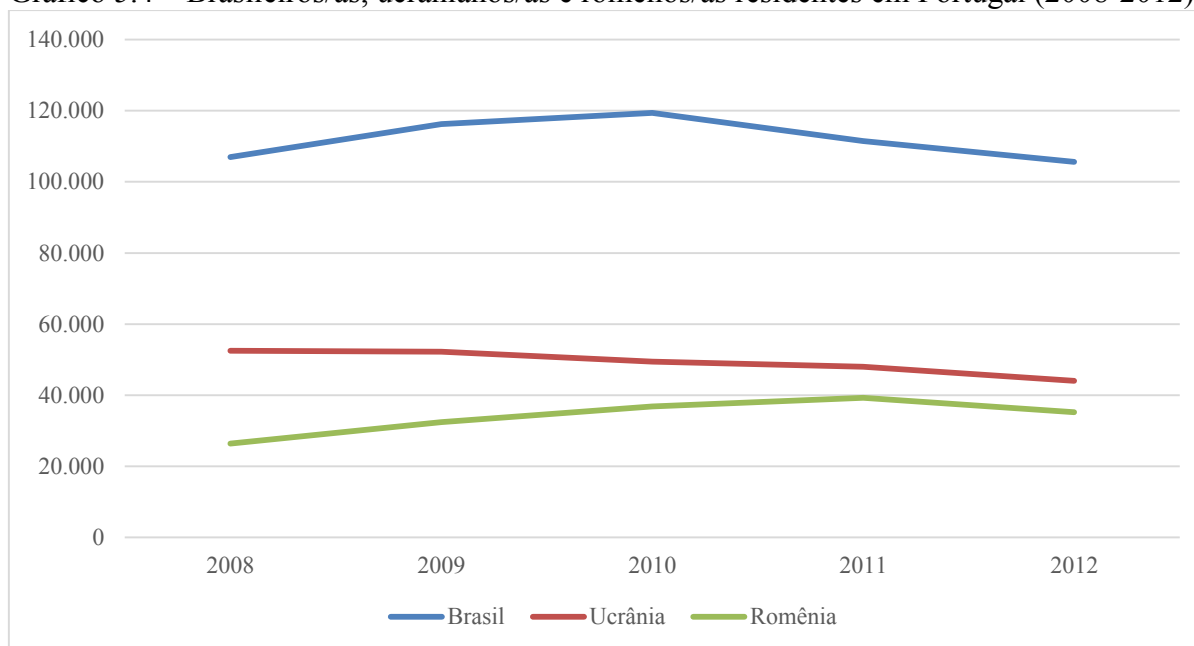
Fonte: INE 2009, 2010, 2011, 2012, 2013

A Romênia não apresentava números significativos de imigração para Portugal antes de sua entrada na EU em 2007, e a Ucrânia, embora ainda não tenha aderido à EU, beneficiou-se do mesmo movimento migratório que levou a Portugal nacionais de “países do leste” inseridos na UE. Esses dois países entraram, a partir de 2008, para o grupo dos países com números mais representativos de imigrantes em Portugal, mas desde 2011 são os dois grupos de imigrantes por nacionalidade que percentualmente mais contribuíram para a queda no total de imigrantes em Portugal (tabela 5.1). Sendo esses fluxos migratórios recentes e acionados por conjunturas

¹⁴⁷ Conscientemente deixei um pouco de lado os números da imigração dos chamados “países do leste”, sobretudo da Ucrânia e Romênia, que passaram a ter grande relevância no contexto migratório português a partir da ampliações da União Europeia de 2003 e 2007. As migrações dos “países do leste” para Portugal se dão em um contexto bastante distinto das migrações do chamado “sistema lusófono” e inclui-las exigiria um esforço analítico que não acrescentaria muito à intenção de apresentar os fluxos migratórios brasileiros para Portugal.

específicas, como a inclusão da Romênia na EU, eles são provavelmente bem mais sensíveis aos impactos de uma conjuntura econômica desfavorável.

Gráfico 5.4 – Brasileiros/as, ucranianos/as e romenos/as residentes em Portugal (2008-2012)



Fonte: INE 2009, 2010, 2011, 2012, 2013

Na interpretação conjunta das tabelas e gráficos acima, vemos que o ano de 2007 pode ser considerado um marco para os números oficiais da imigração em Portugal. No caso das imigrações recentes dos países do leste, o fato é de explicação imediata: a ampliação da UE em 2007 contribuiu decisivamente para a criação de novos fluxos migratórios internos ao continente europeu. No caso dos países inseridos no chamado sistema de migração lusófono (Baganha, 2009; Martin, 2009; Marques e Góis, 2011) são necessários mais detalhes para uma possível explicação da guinada tão acentuada da curva migratória, sobretudo no caso da imigração brasileira.

Dando razão ao argumento de Massey et al. (1998) de que as teorias neoclássicas são falhas também por excluírem de suas variáveis alguns dos elementos determinantes nas migrações contemporâneas, sobretudo uma das variáveis mais relevantes, que são as políticas de Estado dirigidas às migrações, o súbito “aparecimento” de imigrantes em alguns anos específico em Portugal, como por exemplo 2007, está justamente relacionado a intervenções diretas do Estado português nas políticas migratória do país.

No ano de 2001, entrou em vigor em Portugal regulamentação que permitia a concessão de visto de trabalho a estrangeiros já em solo Português. As autorizações de permanência regulamentadas pelo artigo 55 do Decreto-Lei nº 04 de 2001 (Portugal, 2001) permitiram a regularização de mais de uma centena de milhar de imigrantes que atenderam às exigências

previstas no decreto-lei (Costa, 2006). Amparados pela nova regulamentação, em 2001, 126.901 imigrantes em situação irregular receberam suas autorizações de permanências, desses 23.713 eram brasileiros. Considerando-se que houve também solicitações negadas e que muito provavelmente um número significativo de imigrantes não solicitaram autorização de permanência por não cumprirem os requisitos mínimos, como, por exemplo, comprovação de proposta de trabalho, o número de autorizações concedidas em 2001, equivalente a 61,17% da população imigrante residente em situação regular no ano anterior (207.587 pessoas), é bastante eloquente sobre o número de imigrantes em situação irregular que quase sempre se esconde por trás dos números oficiais. Em 2002, outros/as 47.657 imigrantes conseguiram concessão de autorização de permanência.¹⁴⁸

Essas autorizações não aparecem nas tabelas e gráficos apresentados exatamente no ano em que foram concedidas, uma vez que os números ali apresentados são das fontes estatísticas oficiais portuguesas e só contabilizam os imigrantes com autorização de residência, e não os imigrantes com autorizações de permanência emitidas em 2001 e 2002.¹⁴⁹ Foi apenas a partir da nova lei de estrangeiros, de 2007 (Portugal, 2007), que em suas disposições transitórias transformou todas as autorizações de permanência em autorizações de residência, que as concessões de 2001 e 2002 “explodiram” nos gráficos.¹⁵⁰ Como os imigrantes ucranianos e ucranianas, brasileiros e brasileiras foram os que quantitativamente mais se beneficiaram com a concessão de autorizações de permanência em 2001 e 2002¹⁵¹, em 2007 são estas as nacionalidades que mais são afetadas pela conversão das permanências em residência.¹⁵²

¹⁴⁸ Fonte para esses dados são os relatórios estatísticos SEF 2001 e SEF 2002. Os ucranianos e ucranianas foram os imigrantes que receberam mais concessões de autorização de permanência, 62.149 no total, o que também revela a alto índice de irregularidade que atingia a imigração ucraniana em Portugal e quiçá em outros países da UE. Ressalte-se que a Ucrânia ainda não conseguiu sua adesão ao bloco europeu, tendo ficado fora das duas grandes ampliações par ao leste em 2004 e em 2007. Cabe notar ainda que os imigrantes dos países africanos de língua portuguesa não aparecem entre as principais nacionalidades a receber concessões de autorização de permanência, exceto Cabo Verde com 7.940 concessões no total. Da mesma forma esses dados permitem especular sobre os números da imigração irregular de nacionais desses países, que podem não ser proporcionalmente tão grandes como os do Brasil e da Ucrânia.

¹⁴⁹ A solicitação de autorização de permanência só foi possível em 2001, em novembro do mesmo ano a possibilidade de solicitar a autorização estando em território português foi cancelada e as concessões de 2002 foram relativas a solicitações de 2001. Em 2003 e 2004 ainda foram concedidas algumas poucas autorizações que haviam sido solicitadas em 2001 (Padilla, 2007a).

¹⁵⁰ Embora o grande aumento nos números tenha aparecido com a Lei 04/07, outras regulamentações entre 2001 e 2007 tiveram também impacto nas estatísticas de imigração em Portugal. Para um apanhado bem detalhado sobre a legislação de imigração em Portugal ver Costa 2006. Para o caso brasileiro teve grande repercussão e algum impacto o chamado “Acordo Lula” de 2003 (Portugal, 2003), esse e outros acordos são analisados por Padilla (2007a).

¹⁵¹ Juntos, brasileiros/as e ucranianos/as receberam 97.421, ou 55,81% das 174.558 autorizações e permanência concedidas a imigrantes em situação irregular em 2001 e 2002.

¹⁵² Embora não tenha inserido imigrantes ucranianos nos dados anteriores a 2008, cabe aqui informar que em 2007 39.480 ucranianos e ucranianas residiam regularmente em Portugal (SEF, 2007). Em 2008 esse número saltou para

Se não nos oferece elementos para afirmar a existência certa e segura de um alardeado abandono de Portugal por brasileiros, a tabela 5.1 nos mostra de forma clara dois outros movimentos que têm grande influência na consolidação e direcionamento dos estudos sobre a imigração brasileira em Portugal. O primeiro deles é a feminização da imigração brasileira, cujo percentual se aproxima de 60%. Por envolver diretamente questões de gênero, a feminização da imigração brasileira será tratada mais adiante.

Em segundo lugar, salta aos olhos na tabela 5.1 a relevância quantitativa da imigração brasileira em Portugal em relação a outras nacionalidades. Observando os anos anteriores no gráfico 5.3, vemos que essa preponderância quantitativa deve ter sido construída em poucos anos em meados da década de 2000, quando o número de brasileiros/as em Portugal ultrapassou o número de angolanos e passou a se aproximar do número de cabo-verdianos. Se levarmos ainda em conta que a população imigrante brasileira se concentra, a partir da chama “segunda vaga” da imigração brasileira (CBL, 2004), sobretudo, na região de Lisboa, e que, como veremos, os/as imigrantes brasileiros são preferidas/as, em relação aos imigrantes africanos/as, em empregos com atendimento ao público (Machado, 2003, Malheiros, 2007, Padilla, 2006), e, principalmente, se já tomamos um café ou comemos em algum restaurante de Lisboa, entenderemos melhor como a imigração brasileira mudou a paisagem cultural de Portugal.

5.2.2 Pessoas: classe, gênero, raça e processos identitários

Em 2007, Jorge Malheiros, em seu texto que abria o primeiro estudo da *Coleção Comunidades* do Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), se propôs apresentar “um resumo do que sabemos” sobre a imigração brasileira em Portugal. Uma tentativa relativamente longa de fichamento dos principais temas resumidos por Malheiros nos é útil para um panorama dos estudos sobre a imigração brasileira em Portugal:

Os perfis dos imigrantes brasileiros que chegaram neste último período são de alguma forma distintos dos perfis dos que se instalaram na segunda metade dos anos 80 e nos anos 90 (...). O fortalecimento da imigração laboral brasileira para Portugal e, em particular, para a região de Lisboa, é bem visível na análise das informações recolhidas nos questionários aplicados a imigrantes brasileiros envolvidos na 2.^a vaga migratória (...). Se as qualificações dos imigrantes brasileiros não apresentam decréscimos muito notórios da 1.^a para a 2.^a vaga imigratória, já as formas de inserção profissional registam alterações mais significativas, revelando tendência para uma maior inserção em segmentos do mercado de trabalho menos qualificados. (...). Esta

52.472 (INE, 2008), um acréscimo de 33% em um ano. No caso da imigração brasileira os números saltaram de 66.354 (SEF, 2007) para 106.961 (INE, 2008), um acréscimo de 62% em um ano.

situação leva a que alguns autores assumam que a imigração contemporânea brasileira para Portugal incorpore não apenas pessoas de classe média (dominante na primeira vaga), mas também uma crescente proporção de indivíduos vindos da classe média-baixa da sociedade brasileira (...) alguns autores (...) mencionam o “carácter dual” da imigração brasileira, que está presente tanto nos segmentos qualificados do mercado de trabalho primário (...) como nas posições indiferenciadas do mercado de trabalho secundário. [Há ainda uma] progressiva feminização da imigração brasileira para Portugal, que regista a mais elevada proporção de mulheres de todos os grandes grupos de imigrantes com residência legal em Portugal (...). Não obstante o domínio da inserção em actividades formais, a feminização da imigração brasileira expressa também a crescente presença destas imigrantes na indústria do lazer e do sexo em Portugal (...) actividade muito complexa que aponta para sintomas explícitos ou implícitos de exploração e ilegalidade que facilitam a incorporação de mulheres estrangeiras, particularmente em situação irregular. Além disso, os media parecem dar uma atenção redobrada aos casos de prostituição que envolvem Brasileiras, (...). Finalmente, o crescente número de casamentos mistos, envolvendo Portugueses, particularmente homens, e Brasileiras, bem como alguns movimentos sociais informais que tendem a responsabilizar as mulheres brasileiras pelas mudanças sociais que estão a ocorrer nas famílias portuguesas (...) contribuem para reforçar e generalizar a imagem das mulheres brasileiras que “apenas querem encontrar parceiros portugueses” ou, pior, a imagem das mulheres brasileiras como prostitutas. (Malheiro 2007: 16-30)

Padilla (2007), por seu turno, em um de seus muitos textos essenciais sobre a questão de gênero nos fluxos migratórios brasileiros contemporâneos, conta que:

No caso das Brasileiras em Portugal, evidencia-se uma tendência crescente de mulheres que emigram sozinhas ou que fazem parte duma estratégia de migração familiar, nem sempre liderada pelo marido ou o pai. Embora muitas das entrevistadas tenham migrado com o marido ou para se reunirem ao marido, trazendo os filhos, é verdade que algumas delas vieram com o marido, mas sendo elas as “responsáveis” pela decisão de emigrar (...). A pertença a uma determinada classe social é uma característica relevante para as imigrantes, e as Brasileiras não são uma exceção (...). As Brasileiras (e Brasileiros) chegadas até ao início da década de 90 inseriram-se numa vaga de imigração anterior caracterizada como mais qualificada e bem inserida no mercado de trabalho português (...). No caso da vaga mais recente de imigração brasileira, o perfil do Brasileiro mudou e o fluxo proletarizou-se. (Padilla, 2007: 115-117)

Durante toda a primeira década do século XIX, Machado (2003, 2006, 2006a, 2006b, 2007, 2010) tem se dedicado ao estudo e interpretação de processos identitários de brasileiros

e brasileiras vivendo em Portugal, trabalhando em alguns estudos com as interseções de gênero e classe. Em 2007, na mesma coletânea em que se inserem os textos de Malheiros e Padilla citados antes, Machado propõem que:

os Brasileiros acabam por submeter-se a uma representação estereotipada do Brasil e da identidade brasileira para conseguir empregos. Mas este ato de submissão não é puramente um ato de “força representacional” da sociedade receptora da migração, no caso, Portugal (...). Quero demonstrar um mecanismo complexo de submissão aos estereótipos, no qual os sujeitos tiram proveito dessa sujeição às imagens essencializadas (...). Essa “encarnação” do estereótipo tem o efeito singular de reproduzir a desigualdade inicial da condição imigrante desses Brasileiros, reforçando o seu lugar subalterno. Mas, ao mesmo tempo, a encarnação resulta numa nova distribuição de poder entre os Brasileiros, articulando o nexos central da vida de uma “comunidade” imigrante na cidade do Porto. A subordinação, portanto, resulta na (re)estruturação de um modo de vida. (Machado, 2007: 171)

Malheiros, Padilla e Machado estão entre os autores e autoras que mais têm produzido reflexões e dados sobre a imigração brasileira nestas primeiras duas décadas do século. A menção direta aos seus trabalhos reunidos em coletânea com outros autores sobre os auspícios do Observatório da Imigração do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (OI/ACIDI) serve aqui para a sensibilização sobre o discurso acadêmico que vem sendo construído sobre a imigração brasileira em Portugal, sobre o que vem sendo problematizado. Mais do que uma síntese sobre o que sabemos, poderíamos dizer que trata-se de uma síntese sobre o que quisemos saber e de como o sabemos, sobre a construção de um discurso no qual se insere também o meu texto. Essa significativa amostra traz à tona três grandes temas em torno do qual, e com variações consideráveis, tem girado os estudos qualitativos sobre a imigração brasileira em Portugal, temas que eu nomeio aqui como “Classe e Trabalho”; “Gênero e Prostituição” e “Processos Identitários” e que muito comumente se interseccionam nas interpretações publicadas (Piscitelli, 2008).

Em 2004, a Casa do Brasil de Lisboa (CBL) divulgou os resultados de um *survey* aplicado a uma amostra de 400 imigrantes de um universo de 24.260 brasileiros e brasileiras maiores de 15 anos e residentes nos distritos de Setúbal e Lisboa, que haviam imigrado após os anos de 1998/1999 (CBL, 2004). Para além dos dados coletados, que foram de extrema relevância para o desenvolvimento das pesquisas acadêmicas sobre a imigração brasileira em Portugal, o estudo da CBL introduziu um demarcador que, mesmo que quase sempre nomeado “entre aspas”, viria a ter grande influência na percepção dos fluxos migratórios brasileiros, tanto por parte de pesquisadores e pesquisadoras (Malheiros 2007, Peixoto e Figueiredo 2006, Padilla

2005, 2005a), quanto por parte de imigrantes, influenciando significativamente os discursos identitários sobre e da população brasileira em Portugal.

Os questionários da CBL foram aplicados a imigrantes que chegaram após 1998/1999, que foram agrupados pela associação sob a denominação de *segunda vaga de imigração brasileira*, caracterizada no estudo como uma imigração composta em sua maioria de jovens do sexo masculino, solteiros, com nível de escolarização médio, vindos da região sudeste e dos estados de Goiás e Paraná, que em Portugal experimentam um mobilidade profissional descendente ao se empregarem sobretudo no setor de restauração (gastronomia) e construção civil, além de apresentarem um alto índice de irregularidade na situação de migração (mais de 35%). Entre as razões e condições da migração, o estudo aponta para “a motivação essencialmente económica desta vaga migratória, sendo essa a natureza das motivações referidas por 79,5% dos respondentes”, e para um processo migratório amparado por redes sociais compostas por “parentes e amigos que já cá estavam”, e que se estrutura sob relações laborais e condições de vida precárias (CBL, 2004).

Os números e interpretações do estudo da CBL consolidam algumas percepções adiantadas antes por estudos académicos, como os de Feldman-Bianco (2001), para quem a imigração brasileira em Portugal foi percebida como problema apenas após o início do processo de “proletarização” da imigração brasileira no início da década de 1990. É, contudo, após a divulgação do *survey* da CBL que a percepção da segunda vaga de imigração composta por uma classe média baixa, que contrastaria com a imigração anterior de uma classe média alta e profissionalmente qualificada, que os recortes de classe passam a fazer parte do cotidiano das análises sobre a imigração brasileira em Portugal.¹⁵³

Apesar das inegáveis contribuições, é preciso alertar para o fato de que, se por um lado, o estudo da CBL chamou a atenção para um fato que aparentemente já vinha deixando seus indícios, por outro lado a problematização desses dados têm se limitado ao “aspeamento” da ideia-imagem de “2ª vaga de imigração”, que vem sendo tomada como ponto de partida das análises. Embora as aspas possam ser interpretadas como uma necessidade de colocar o ponto de partida um pouco antes da assunção da existência clara de uma fronteira entra a primeira

¹⁵³ Como sempre, a mídia desempenhou também papel relevante nessa nova imagem dicotomizada da imigração brasileira. Entre outras notícias envolvendo brasileiros e brasileiras que dominaram as manchetes e os holofotes midiáticos nos últimos anos esteve o caso da imigração regular de 60 famílias de trabalhadores brasileiros/as de Maringá-PR para o município de Vila de Rei em 2006, que passava por um projeto de repovoamento. Parece ter havido algumas reclamações sobre possíveis privilégios que estariam sendo concedidos às famílias brasileiras em detrimento de trabalhadores portugueses. As reclamações ganharam eco estrondoso na mídia, com análises apoiadas nas características da segunda vaga de imigração (ver, por exemplo: Diário de Notícias. *Brasileiros já repovoam Vila de Rei*, 05 de maio de 2006).

vaga e a segunda vaga de imigração, ou ainda, como uma indagação se a imagem criada e difundida ajuda de fato na compreensão das interseccionalidades e conflitos inerentes à imigração brasileira em Portugal, essas reflexões não têm sido feitas com frequência.¹⁵⁴ Peixoto e Figueiredo chamam a atenção para outros possíveis fatores que deveriam ser levados em conta na caracterização das diferenças da imigração brasileira recente em Portugal:

Pode-se admitir (...) que a imigração brasileira oscila entre a primeira fase dominada por classes média-altas e a segunda, em que predominam as média-baixas (embora alguma continuidade dos fluxos, ao longo do tempo, seja certa). É possível argumentar que a maior parte da variação pode ter, contudo, a ver com a evolução do mercado de trabalho em Portugal. Na primeira fase parecem existir mais necessidades no mercado primário (...), enquanto que na segunda predominam as necessidades de mão-de-obra não qualificada, em larga escala, por causa de expansão da economia informal. (Peixoto; Figueiredo, 2006: 53)

Peixoto e Figueiredo deixam uma pista sobre algumas variáveis internas às relações sociais em Portugal que precisariam ser inseridas na interpretação das “vagas” de imigração brasileira. Do lado brasileiro, outras variáveis também precisariam ser observadas na definição desse perfil dos emigrantes¹⁵⁵ da “segunda vaga”; a ampliação do acesso ao ensino superior é uma delas, que chega a ser mencionada por Padilla (2006). Contudo, nem Padilla (2007), nem Peixoto e Figueiredo (2006) seguem as pistas deixadas. Esses últimos, aliás, mesmo não partindo do estudo da CBL, chegam a resultados bem semelhantes ao trabalharem com os números oficiais da imigração brasileira recente. Parece que os números levam mesmo à interpretação sobre duas vagas migratórias, mas, como sempre, os números não dizem tudo nem sobre vagas, nem sobre sujeitos, por isso as aspas continuam à espera de interpretações qualitativas que as retirem, ou, ao menos, expliquem o que elas fazem ali.

Outros dados das estatísticas oficiais podem ter influenciado o desenvolvimento de um dos temas mais profícuos dos estudos sobre a imigração recente de brasileiras em Portugal. Trata-se da feminização¹⁵⁶ da migração internacional contemporânea, tendência dos fluxos migratórios contemporâneos como um todo (Zlotnik, 2009), que se mostra bastante acentuada

¹⁵⁴ Na “onda das vagas” já há tentativas de caracterização de uma “terceira vaga de imigração brasileira” após o ano de 2003, o que vem sendo negado por pesquisadores/as mais renomados (Góis; Marques; Padilla; Peixoto 2009).

¹⁵⁵ Essa relação fundamental acentuada por Sayad (2009) é uma das mais simples e mais fascinantes do processo migratório: por trás de um imigrante, sempre há um emigrante, e só se pode conhecê-lo olhando para essas duas faces.

¹⁵⁶ Remetendo-me outra vez as tabelas do início deste capítulo, um movimento que a tabela 5.1 deixa perceber de forma inequívoca é a feminização da imigração brasileira em Portugal.

no caso do sistema migratório brasileiro, excetuando-se apenas os fluxos da migração Brasil-Paraguai.

A feminização da migração contemporânea trouxe as questões de gênero para o centro dos estudos interpretativos sobre os fluxos migratórios recentes (Hondagneu-Sotelo, 1999). Sua complicada relação com o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual deu tônus a outros tantos estudos e reflexões (Piscitelli 2013; Santos, Gomes & Duarte 2009), como também a alguns debates importantes (Kempadoo, 2005). No caso da imigração brasileira, a feminização se constituiu em um dos grandes focos dos estudos desde os pioneiros trabalhos sobre a imigração brasileira nos EUA (Margolis, 1999; Assis, 2003; Fleischer 2002; Martes 2000) e conta com interpretações que se consolidaram como modelos no caso de estudos da imigração feminina em alguns países europeus (Piscitelli, 2005, 2006, 2008b, 2008b, 2009; Bógus e Bassanezi, 1999). Também aqui, as relações entre imigração, gênero, mercado do sexo e, sobretudo, processos identitários estereotipados que associam a imigrante brasileira à prostituição e atribui à brasileira características essencialmente erotizadas são as principais questões abordadas. Sobre isso, Padilla argumenta que se trata de questões indissociáveis, pois “entre esta imagem da brasileira calorosa e exuberante e a da prostituta vai só um passo, sendo esta analogia reforçada pelas notícias permanentes que os media transmitem” (Padilla, 2007: 125).¹⁵⁷ Para Padilla, “na actualidade, o tema da imagem da mulher brasileira em Portugal, em directa relação com o estereótipo da prostituta, não pode ser ignorado quando se fala da brasileira imigrante em Portugal” (Padilla, 2007: 125).

Gomes traz, em revisão crítica da literatura produzida sobre a questão de gênero na imigração brasileira em Portugal, uma questão que nos ajuda a delinear aqui esse quadro de estudos. Partindo da afirmação de Padilla de que muitas autoras salientem a “marca da prostituição” que persegue as imigrantes brasileiras no mundo (Padilla, 2010), Gomes constata que essa marca também tem sido objeto das pesquisas realizadas em Portugal, contudo, ela constata também que:

¹⁵⁷ Também aqui cabe ressaltar o papel desempenhado pela mídia na consolidação desse imaginário erotizado sobre a imigração feminina brasileira. Dois exemplos são notórios e já serviram de inspiração a alguns estudos e comentários. O primeiro é o caso das Mães de Bragança, incidente transformado em motivo de tensão diplomática pela cobertura dada pelos meios. Capa da revista *Time* de 14 de outubro de 2003, o evento envolvendo um grupo de mulheres intitulado Mães de Bragança, que se proclamaram defensoras da família portuguesa contra a ameaça das sedutoras prostitutas brasileiras, um evento de dimensões paroquiais foi alçado à condição de um conflito de dimensões consideráveis com a ajuda de questionáveis interpretações da mídia sobre a imigração estrangeira na Europa e sobre o papel da mulher nessa imigração. O segundo foi a capa do número 565 de 2010 da revista *Focus*, que trazia a manchete “Os segredos da mulher brasileira. Os 10 mandamentos que usam para seduzir os homens”, complementada com a informação “2216 casamentos com portugueses só em 2009” e com a foto erotizada do corpo de uma mulher jovem de costas, trajando biquíni minúsculo e com o traseiro arrebitado. Luciana Pontes (Pontes, 2005) tem se dedicado a estudar as relações da mídia com a imigração feminina em Portugal.

Em Nova York, na Itália e mais fortemente em Portugal, “por algum motivo” os brasileiros (sic) têm uma “fama ou marca da prostituição”. No entanto, como será analisado ao decorrer deste working paper, a revisão da literatura sugere que poucos são os estudos para compreender esse “algum motivo”. (Gomes, 2011: 09)

A autora aponta as contribuições resultantes do reconhecimento da relevância de questões de gênero no contexto da imigração brasileira em Portugal, mas propõe a necessidade do aprofundamento dessas questões por meio de um diálogo mais intenso com as teorias de gênero, algo que, para Gomes, ainda está ausente nesses estudos. Somente esse diálogo poderia lançar luz sobre os “motivos” da “marca da prostituição”. Gomes (2011) tampouco aprofunda esse diálogo com as teorias de gênero, o que não caberia em um balanço crítico da bibliografia já produzida sobre o tema, mas deixa algumas pistas interessantes:

Ao analisar as mulheres brasileiras em Portugal, essa dimensão [das narrativas coloniais de gênero] é fundamental e está praticamente ausente da literatura (...). No Brasil, a mulher negra foi construída como o símbolo desta erotização responsável pela mestiçagem sexual e racial, em demarcações de gênero, sexualidade e raça (...). Em Portugal o símbolo dessa erotização parece ser a mulher brasileira, em demarcações de gênero, sexualidade, nacionalidade, língua e raça (construída como essencialização não necessariamente fenotípica com relação à cor). (Gomes, 2011: 24)

Para trilhar o caminho sugerido por Gomes, seria necessário fortalecer vínculos de reflexão entre as contribuições dos estudos sobre gênero na imigração brasileira em Portugal com estudos teóricos de gênero e com estudos histórico-culturais de gênero que abordam as construções dos discursos identitários de gênero durante as relações coloniais e pós-coloniais tanto no Brasil quanto em Portugal.

Deixando de lado o ceticismo sobre textos canonizados como clássicos, creio que neste, como em muitos outros casos, a pertinência dos clássicos pode ser defendida. Em um desses textos que poderíamos rotular precocemente como “clássico”, sobretudo dentro da produção historiográfica, Joan Scott defende o “gênero” como categoria analítica nos estudos de história devido ao seu potencial de contribuir para a compreensão de relações e construções sociais:

“Gênero”, como substituto de “mulheres”, é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro (...). Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens

têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. (Scott, 1995: 75)

É esse uso do gênero como elemento constituinte e constituído nas relações sociais que o torna potencialmente fecundo para a compreensão dos processos migratórios de brasileiros e brasileiras em uma perspectiva histórico-cultural que parte de uma abordagem sobre as representações discursivas presentes nesses processos. Sobretudo podem ser profícuos dois dos quatro elementos de gênero presentes na proposta de Scott: os “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias) como símbolo da mulher” (Scott, 1995: 86) e as identidades subjetivas, isto é, “como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais” (Scott, 1995: 87).

Tomando outro clássico complementarmente a Scott, embora ciente de que seria também possível estabelecer pontos de debate entre as duas obras, podemos acrescentar, na esteira de Butler (2003), que a ideia de gênero também é profícua, não apenas por permitir, mas também por promover a interseccionalidade, e isso deriva de suas características relacionais. Conforme Butler:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (Butler, 2003: 20)

Dentro dessa perspectiva de gênero como constituído e constituinte de relações sociais multifacetadas e perceptíveis por representações culturalmente construídas e simbolicamente acionadas, alguns trabalhos sobre as construções de gênero relacionadas às relações coloniais (Stolke, 2006, 2009) e pós-coloniais, tanto nos processos identitários brasileiros (Rago, 2001), quanto portugueses (Almeida, 2000; Almeida, Bastos, Feldman-Bianco, 2007; Castelo, 1998), podem servir de inspiração para a interpretação dos processos identitários permeados por questões de gênero, que, observado o volume proporcional do tema na literatura específica, se

mostram fundamentais na interpretação da imigração brasileira em Portugal e na sua vinculação com estereótipos de sensualidade e erotização.¹⁵⁸

Verena Stolke (2006), em trabalho sobre as interseções entre classe, raça e sexualidade na construção das representações de gênero nas colônias espanholas na América, estende suas interpretações também ao Brasil, apoiada, sobretudo, nas interpretações correntes da obra de Gilberto Freyre no que tange à permissividade das relações sexuais no Brasil durante o período colonial, que teriam contribuído para a formação de uma identidade nacional marcada pela suposta ausência de preconceitos de raça.

Para Stolke, a conquista do Novo Mundo oferece um exemplo bastante claro sobre as interseções teorizadas no presente entre classe, gênero e raça, e suas imbricações com processos identitários, classificatórios e discriminatórios. Para ela, a proclamada mestiçagem brasileira, tal como ocorreu, antes de estar baseada ou contribuir para a amenização de preconceitos, foi construída sobre bases hierárquico-autoritárias e “transformou toda uma raça em prostitutas” (Stolke, 2006: 20), em um processo discriminatório, construído sobre as interseções de gênero e raça, que exerce grande influência sobre processos identitários ainda no presente. Stolke abre aqui uma senda para o vislumbre de “alguns motivos” do “estigma da prostituição” identificado por pesquisadoras na imigração internacional brasileira no presente.

Com sua formação ligada aos estupros e violações de toda sorte durante o período colonial, como também construída pelos olhos voyeurísticos dos colonizadores desde o primeiro contato com a nudez das indígenas¹⁵⁹, esse “estatuto simbólico” (Corrêa, 1996) deixado à mulher, sobretudo à mulata, pela miscigenação foi reconstruído e consolidado no processo de invenção da nação brasileira, quando, segundo Corrêa:

¹⁵⁸ O vínculo estabelecido no discurso acadêmico se mostra tão forte que França (2012) chega a se interrogar até que ponto o próprio discurso acadêmico não contribui ele mesmo para o reforço desses estereótipos que se propõe a denunciar e compreender. França é uma das poucas autoras que em um processo de expurgo tenta se afastar das interpretações que vinculam gênero e erotização na imigração brasileira, mas, ao que parece, acaba invariavelmente tendo que abordar a discussão, confirmando a afirmação de Padilla de que a relação não pode ser atualmente ignorada (Padilla, 2007: 125). Um exemplo da tentativa de França é o seu artigo com o significativo título “Excluindo sexo, raça e etnia: mulheres brasileiras trabalhadoras em Portugal” (França, 2010), no qual, apesar do título, não deixa de se remeter à questão da erotização.

¹⁵⁹ Basta lembrar Caminha, “Ali andavam, entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos, pelas espáduas; e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que de as nós muito bem olharmos não tínhamos nenhuma vergonha” (Carta de Pero Vaz de Caminha, citada em Cunha, 2002). Como bem aponta Cunha, as razões do excesso de nudez na carta de Caminha já são óbvias e por demais exploradas: “É possível reconhecer, no texto de Caminha, estruturas de percepção e de constituição de imagens do Brasil que maquinalmente ainda estão se repetindo em nossos dias, nos modos como concebemos o país: a compulsão do olhar exteriorizado, plano e generalizante; a incapacidade de interlocução com a diversidade; a vontade de tudo integrar numa harmonia redutora. A diferença entre Caminha e o nosso tempo está em que já não é possível o alibi, legítimo naquelas suas circunstâncias, de um Outro desconhecido e surpreendente” (Cunha, 2002: s/p). Ver também Cunha (2010) e Cunha (2006).

Firmou-se no mesmo campo semântico do qual faziam parte uma série de outros discursos (...) e nos quais as palavras-chave, utilizadas para qualificá-la como indesejada, têm estreita afinidade com os atributos que serviram para identificar positivamente a mulata no imaginário brasileiro. Palavras que a vinculavam diretamente, sem mediações de ervas ou especiarias, ao universo da pura sensação corporal: lubricidade, volubilidade, amoralidade. No discurso de alguns críticos literários (José Veríssimo, Silvio Romero), no de alguns historiadores (Capistrano de Abreu), no discurso médico (Raimundo Nina Rodrigues e muitos outros) e no literário (repito, de Gregório de Matos a Guimarães Rosa) que serviu de lastro para a construção dessa figura mítica, a mulata é puro corpo, ou sexo, não "engendrado" socialmente. (Corrêa, 1996: 40)

Na esteira dessas reflexões, Rago (2001) busca nas interpretações que tentaram “inventar o Brasil” durante os anos 1920 e 1930, as marcas da sexualidade na construção de uma identidade nacional brasileira por uma geração de intelectuais ainda não convencida da multiplicidade de identidades e da fluidez de processos identitários que se escondem por trás de toda narrativa de nacionalidade. Rago (2001) enfatiza como a exacerbação da sexualidade, entrecruzada com a raça, foi um dos “pontos fixos” encontrados por essa geração de autores na sua busca por uma “essência” da formação do “caráter nacional brasileiro” (Leite, 2002).

Em 1928, *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, descreve uma paisagem repleta de erotismo e de luxúria, substantivo escolhido para nominar o primeiro capítulo do livro (Prado, 1998). Luxúria na qual “aventureiros e conquistadores (...) vinham esgotar a exuberância de mocidade e satisfazer os apetites de homens a quem já incomodava e repelia a organização da sociedade europeia” (Prado 1998: 66). Da satisfação dos apetites europeus tornou-se a concubinação “uma regra geral, trazendo como resultado a implantação da mestiçagem na constituição dos tipos autóctones que povoaram desde logo esta parte do Novo Mundo” (Prado, 1998: 72). Para Prado:

A história do Brasil é o desenvolvimento desordenado dessas obsessões subjugando o espírito e o corpo de suas vítimas. Para o erotismo exagerado contribuíram como cúmplices - já dissemos - três fatores: o clima, a terra, a mulher indígena ou a escrava africana. Na terra virgem tudo incitava ao culto do vício sexual (...). Desses excessos de vida sensual ficaram traços indelévels no caráter brasileiro. Os fenômenos de esgotamento não se limitam às funções sensoriais e vegetativas; estendem-se até o domínio da inteligência e dos sentimentos. Produzem no organismo perturbações somáticas e psíquicas, acompanhadas de profunda fadiga, que facilmente toma aspectos patológicos, indo do nojo até o ódio. (Prado, 1998: 139)

Saudado por José Lins do Rego e por Gilberto Freyre como “grande escritor” (Rego & Freyre, 1998) pelo valor da reconstituição dos aspectos coloniais da nossa paisagem e da fisionomia moral dos primeiros patriarcas do Brasil, Paulo Prado é citado mais de uma vez por Freyre na obra que o alçaria a condição de intérprete do Brasil (Freyre, 2006). Os elogios e citações deixam transparentes as influências de *Retrato do Brasil em Casa Grande e Senzala*.

Retrato do Brasil já apontava para a miscigenação como solução para o embate entre as teorias do racismo científico de viés pessimista, cujo representante mor foi Nina Rodrigues, e os racistas propositivos da teoria do branqueamento, como João Baptista de Lacerda, mas ainda trazia muito fortemente as marcas do pessimismo presente no título e na frase de impacto com que o livro era aberto: “Numa terra radiosa vive um povo triste” (Prado, 2003: 53). Se, por um lado, Prado conclui ao final de *Retrato do Brasil* que:

A hiperestesia sexual que vimos no correr deste ensaio ser traço peculiar ao desenvolvimento étnico da nossa terra, evitou a segregação do elemento africano, como se deu nos Estados Unidos, dominados pelos preconceitos das antipatias raciais. Aqui a luxúria e o desleixo social aproximaram e reuniram as raças. (Prado 1998:189-190)

Por outro lado vê nessa mesma hiperestesia sexual a razão de nossa tristeza e melancolia: “No Brasil a tristeza sucedeu à intensa vida sexual do colono, desviada para as perversões eróticas, e de um fundo acentuadamente atávico” (Prado: 1998: 141).

Como sabemos, é Gilberto Freyre, o admirador de Paulo Prado, que nos legará a configuração mais acabada da solução dos embates em torno da miscigenação, celebrando o mulato e, sobretudo, a mulata, como a “essência” da brasilidade – essa “*raza cósmica*”, como nomeou Vasconcelos (1925) os mestiços latinos –, transformando, como argumenta Stolke antes citada, “toda uma raça em prostitutas”.¹⁶⁰ O imaginário ocidental hodierno de um Brasil feminino e sexualizado (Pontes, 2005), amplamente incorporado à nossa mitologia nacional, vincula-se então a um imaginário europeu da colonização que enxergou na nudez indígena devassidão e no corpo negro objeto de realização de desejos. É sobre esse imaginário representado em relatos de viajantes europeus e sobre outros documentos da colonização que

¹⁶⁰ Embora a citação de Stolke incomode pela essencialização que carrega sobre a ideia de prostituta, o que é bastante problemático, ela é útil para ajudar a compreender a formação de um discurso que se atua no presente e que embasa parte das representações hodiernas sobre a imigração brasileira na Europa. Urge, contudo, deixar claro que a essencialização negativa vinculada à prostituição, longe de ser reproduzida, deve ser problematizada e combatida.

os “intérpretes do Brasil” inventaram um país, que se reinventa hoje também fora do território nacional entre imigrantes além-mar.

São pistas que nos deixam a interpretação histórico cultural sobre o vago “algum motivo” da “marca da prostituição” apontado por Gomes (2011) na discussão sobre a bibliografia produzida acerca das questões de gênero na imigração brasileira em Portugal. Cabe, contudo, o cuidado de desviar-nos do determinismo histórico e das soluções fáceis. Se a interpretação das construções coloniais sobre as relações de raça e gênero, reinventadas nas primeiras décadas do século XX, nos fornecem pistas e podem mesmo ser essenciais, elas não são panaceias para a compreensão de relações concretas que se dão em diferentes contextos migratórios nos quais brasileiras e brasileiros se inserem nos dias de hoje. Como alerta Piscitelli:

La idea de que las convenciones de erotismo producidas históricamente en el Brasil fueron exportadas y asimiladas linealmente en el exterior presenta, sin embargo, algunos problemas. Uno de ellos es pensar que las marcas de identidad vinculadas a la brasileñidad que se difunden a través de las fronteras necesariamente reiteran aquellas producidas en el Brasil. (Piscitelli, 2008c: 11)

A própria Piscitelli, apoiada em Pontes (2004), introduz um outro elemento significativo na interpretação, que é a formação de etnicidades que permeiam os processos migratórios. Segundo Seyferth, “o fenômeno migratório também produz etnicidade (...) que delimita o pertencimento a um grupo ou comunidade” (Seyferth, 2011: 47). No caso da imigração brasileira em Portugal, Pontes argumenta que:

Embora a criação de uma etnicidade relacionada à nacionalidade brasileira no processo migratório esteja associada a uma ideologia da mestiçagem exotizada e sensualizada, as agentes não precisam ser exatamente mestiças: sua brasilidade já lhes confere esta “filiação”. (Pontes, 2004: 234)

Numa tentativa de desenvolver o argumento de Pontes, Carvalho & Rodrigues se baseiam em interpretação própria do clássico texto de Shohat (2004) sobre as questões raciais e de gênero que envolvem as representações de Cleópatra ao longo do tempo, para sugerirem que é possível examinar como a mulata foi construída como representação da mulher brasileira dotada de uma sexualidade exacerbada, o que seria então, para as autoras, a criação uma “geografia cultural” em que:

A categoria raça como marcador biológico se confunde com etnia e nacionalidade, como sintomas de filiação geográfica, social e cultural, que, dessa forma, se relaciona

com representações sociais de corpo, gênero e sexualidade. (Carvalho e Rodrigues, 2007: s/p).

Parece-me, contudo, que a cunha posta por Piscitelli a partir da ideia de Pontes é extrapolada no desenvolvimento de Carvalho e Rodrigues, o que aponta para a necessidade de outros cuidados na proposta de interseção da categoria etnicidade na interpretação das questões de gênero, para que a interseção não se transforme em sobreposição. Shohat, no texto citado por Carvalho e Rodrigues, chama a atenção para o fato de que, nas disputas sobre o pertencimento racial de Cleópatra:

O que é notável no debate – tanto no discurso eurocêntrico quanto no afrocêntrico – é a maneira como a categoria raça como marcador biológico se confunde com as de etnia e nacionalidade como sintomas de filiação geográfica, social e cultural. De muitas maneiras, portanto, as afirmações opostas – de que Cleópatra era egípcia, e portanto negra, e de que era grega, e portanto branca – são igualmente problemáticas. Tanto a equação simplista entre, de um lado, ser egípcia e negra, quanto, de outro, ser grega e branca, essencializam geografias culturais. (Shohat, 2004: 20)

Creio que a citação de Shohat deixa claro que a autora se afasta das interpretações que *essencializam geografias culturais*, por serem *simplistas*. Propor a superposição da categoria feminino-brasileira em relação às interseções com raça e classe, que constituem as relações de gênero, pode também conduzir a essencializações afastadas da complexidade das relações sociais em que as questões de gênero estão inseridas. Voltando à citação de Butler:

O gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (Butler, 2003: 20)

Parece-me que Piscitelli se apropria da ideia de Pontes de forma mais feliz. A leitura de Pontes (2004) possibilita uma interpretação essencializada da ideia de mestiçagem, uma vez que Pontes propõe que as brasileiras não precisam ser “exatamente mestiças” para serem consideradas mestiças, pois a nacionalidade já lhes conferiria essa “filiação” (Pontes, 2004: 234). Piscitelli não dá margens à possibilidade de uma interpretação essencializada da mestiçagem em seu cruzamento com a etnicidade ao esclarecer que:

A experiência de migrantes (e viajantes) brasileiras é afetada por aspectos que não podem ser compreendidos considerando uma ou duas categorias de diferenciação, tais como gênero e nacionalidade, por exemplo (...). Essas migrantes são afetadas pela imbricação entre noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade.

Refiro-me às noções sexualizadas e racializadas de feminilidade pelo fato de serem brasileiras. Independentemente de serem consideradas no Brasil, brancas ou morenas, nos fluxos migratórios para certos países do Norte as brasileiras são racializadas como mestiças. (Piscitelli, 2008: 269)

Não se trata então de saber se as brasileiras sexualizadas na Europa são “exatamente mestiças”, mas sim de entender se a nacionalidade é, em um só movimento, etnicizada, racializada e sexualizada, o que revelaria as interseções de gênero, raça e etnicidade, e não a sobreposição da nacionalidade etnicizada sobre a raça e aspectos de gênero. Sendo assim, a sexualização das brasileiras no exterior pode vir a ser interpretada a partir de uma representação dicotômica do negro em relação ao branco que vem sendo construída desde o século XVII, sendo as negras apreendidas como sensuais em contraposição as brancas racionais. Há toda uma literatura, dos viajantes aos regionalistas, passando pelos romancistas e realistas, plena dessa representação cujos vestígios são mantidos e reconstruídos até hoje.

O caminho das interseções aparece nos dias de hoje como bastante profícuo para a compreensão das questões de gênero nas relações sociais, mas é necessário cuidado para não se perder na trama dessas interseções em um caminho mais curto. No caso das imigrantes brasileiras em Portugal, que, ao que parece, se sentem todas em maior ou menor grau atingidas pela “marca da prostituição”, que teria se desvinculado das questões de raça e classe para se remeter exclusivamente à etnicidade, resta-me a dúvida se a “marca” é tão profunda em uma jovem senhora brasileira de tez branca cursando seu pós-doutorado sobre as obras de Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco na Universidade de Lisboa, quanto em uma jovem negra brasileira que paga o aluguel de seu quarto – que divide com uma colega brasileira na Costa da Caparica enquanto aguarda seu processo de regularização no SEF – com o dinheiro que ganha servindo mesas em um frequentado bar do Bairro Alto, que à altura em que escrevo pode estar cheio de figuras de sedutoras mulatas estampadas em suas paredes como um atrativo a mais para o público ávido para assistir os jogos da Copa do Mundo. Como disse, resta-me a dúvida, porque não tenho resposta; contudo, trago cá comigo uma suspeita de que a resposta deve ser negativa, e se de fato o for, as razões podem ter que ser ainda buscadas nas interseções de gênero com raça e classe na história do Brasil, pois essa marca é também vestígio do passado, de uma história anterior que não se dilui por completo no presente e que deixa permanências.

Assim como as pistas deixadas pelas narrativas coloniais, tanto o alerta para as especificidades de cada processo migratório como o argumento válido sobre a necessidade da introdução da categoria etnicidade na discussão sobre esses processos parecem ser ainda sendas abertas, mais do que percursos trilhados. E, com os devidos cuidados, abrem de fato

promissoras perspectivas para a compreensão das questões de gênero nos fluxos migratórios brasileiros da contemporaneidade.

A construção de um imaginário hodierno que erotiza a imigrante brasileira é feita também discursivamente, em vários gêneros textuais e de diferentes formas, e se relaciona com outras representações discursivas, notadamente as de raça e de classe. Se, por um lado, bebem todas de uma fonte comum, por outro se realizam em contextos sociais distintos e em contato com outros imaginários diversos que também lhe conformam. Mesmo que essa teia de significados e representações em que as questões de gênero dos processos migratórios brasileiros se imbricam pareça um labirinto, é dentro desta complexidade, sem Ariadne ou novelo de lã, que temos de nos mover.

Vinculado às representações de gênero, o tema dos processos identitários é seguramente um dos mais vasculhados, mas nem por isso mais bem compreendido, dentro do contexto da imigração brasileira em Portugal. É possível arriscar com alguma segurança que os processos identitários ocupam também um lugar de destaque nas reflexões sobre as migrações internacionais contemporâneas como um todo.¹⁶¹ Concordo com Xavier, quando argumenta que:

A experiência da imigração é particularmente fértil no encontro com o outro e no exercício simbólico do jogo de espelhos. No decorrer de contextos interativos distintos redesenham-se imagens do outro e de si próprio, num processo de redescoberta e reclassificação. A imigração é uma oportunidade de reconstrução identitária. (Xavier, 2007: 89)

Sobre a imigração brasileira em Portugal, Igor Machado (Machado, 2002, 2003, 2006, 2006b, 2007, 2010) vem se dedicando ao tema dos processos identitários há cerca de uma década. Em 2003, em sua tese de doutorado (Machado, 2003), lançou as bases para sua ideia de “encarceramento simbólico” (Machado, 2006) com que vem interpretando processos identitários de brasileiros em Portugal. Machado defende que “os estereótipos sobre brasileiros em Portugal atuam como limitadores da ação e que, constantemente submetidos às representações comuns em Portugal, os imigrantes brasileiros acabam por desempenhar papéis preestabelecidos” (Machado, 2006: 229).

¹⁶¹ Em 1998, Massey et al. escrevendo sobre as tendências dos estudos sobre migração, propõem que estes se afastaram da ênfase estatísticas e agregaram instrumentos qualitativos como histórias de vida e etnografia, que levaram a ênfase a recair no sujeito migrante. Dentro desse deslocamento da ênfase é que ganharam relevância os estudos sobre os processos identitários nas migrações contemporâneas.

Contudo, o mesmo Machado, recorrendo a suas interpretações de leituras de Edward Said e de Stuart Hall, reconhece que a visão do cárcere se dá de uma determinada perspectiva:

Uma perspectiva saidiana (Said, 1990) acabaria vindo, na prática desses brasileiros, uma apropriação de tropos impostos a partir de um contexto de força, de uma idéia de identidade que não existe, mas que foi inventada na relação de poder de uma periferia enfraquecida com o “centro”. Hall (1996), em outra perspectiva, poderia ver a “força” das culturas híbridas se reinventando na diáspora. Essas posturas diferenciadas, desde um ponto de vista da vitimização até o de uma vitalidade cultural resistente, demonstram que várias visões podem ser articuladas. (Machado, 2006: 232)

Embora tenha que discordar das leituras simplificadas que fazem com que Machado empreste a Said um ponto de vista de vitimização e a Hall um posicionamento de “vitalidade cultural resistente”, o argumento que me interessa é que, saudavelmente, Machado nos informa que as interpretações que levam à ideia de “encarceramento simbólico” precisam ser complementadas com a interpretação das relações de força que entram em jogo nesses processos de (re)construções identitárias. Ainda que a vontade de desvendar mitos e descobrir “a verdade”, algo que ainda marca parte do pensamento sociológico, esteja presente também nas interpretações de Machado, é verdade que ele também percebe em várias outras passagens e textos que “uma ideia de identidade que não existe” e que é forjada em meio a relações de força não é algo exclusivo dos processos identitários de brasileiros e brasileiras em Portugal, mas – se estamos com Hall – uma característica de qualquer processo identitário. Recorrendo ao mesmo texto de Hall citado por Machado (Hall, 1996), vemos que:

A identidade não é tão transparente ou tão sem problemas como nós pensamos. Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Esta visão problematiza a própria autoridade e a autenticidade que a expressão “identidade cultural” reivindica como sua. (Hall, 1996: 68)

No sentido de Hall, no qual também se apoia Machado, toda identidade é sempre processual, nunca é uma “identidade que existe” se isso significa reificação ou essencialização, pelo contrário, estão sempre sujeitas ao “contínuo jogo da história da cultura e do poder” e é dentro desse jogo de poder que o “encarceramento simbólico” deve ser entendido, algo que Machado alcança em outras análises:

Veremos que os Brasileiros acabam por submeter-se a uma representação estereotipada do Brasil e da identidade brasileira para conseguir empregos. Mas este ato de submissão não é puramente um ato de “força representacional” da sociedade receptora da migração, no caso, Portugal. Não é um caso de mera imposição de estereótipos, um tipo de orientalismo (Said, 1995) com implicações trabalhistas. Quero demonstrar um mecanismo complexo de submissão aos estereótipos, no qual os sujeitos tiram proveito dessa sujeição às imagens essencializadas. (Machado, 2007: 171)

Lisboa (2008, 2010), em suas interpretações das (re)construções de identidades migrantes em Portugal, se baseia no trabalho de Machado para afirmar, sobre as representações de imigrantes brasileiros em Portugal, que:

Essas figurações imaginárias reportam a tempos longínquos e são adensadas por profundas raízes históricas, sendo também validadas, no movimento cíclico do cotidiano, pelos discursos midiáticos portugueses e pelas indústrias culturais brasileiras que atuam em Portugal. (Lisboa, 2010:5)

Talvez esteja nas relações entre os processos hodiernos, cotidianos, contínuos e infinitos de construção de identidades e as marcas da herança colonial o nó górdio ainda por ser desfeito nas interpretações sobre as identidades brasileiras migrantes em Portugal, e não apenas em Portugal, como também em outros países europeus. Parece-me que há duas pistas a seguir e nenhuma delas nos leva a um lugar exatamente confortável ou livre de perigos.

É possível ver no legado colonial a imposição de uma identidade subalterna que é reforçada por mecanismos hodiernos de dominação (mídia, indústria cultural, mercado da alegria, discurso da lusofonia etc.) internalizados e acionados pelos próprios oprimidos, que, ao acioná-los, reforçam o opressor. Essa seria a perspectiva da vitimização mencionada por Machado; o desconforto desse lugar se dá pela claustrofobia, pelo sufocamento das estruturas históricas de longa duração. Um dos perigos aqui é presunção da sapiência negada a outros sujeitos históricos.

É possível também tentar entender como o legado colonial é acionado no presente por diferentes sujeitos históricos. Assim é possível, por exemplo, ver como a lusofonia é acionada ao mesmo tempo pelo Estado e pelos imigrantes e descobrir o que resulta dessa relação de forças. É possível ver como a mestiçagem é usada nas relações trabalhistas de diferentes formas, como a alegria constitui um mercado de exploração e também de sobrevivência (Machado 2010), como a prostituição vitimiza e/ou permite que sujeitos se emancipem etc. O desconforto aqui é a fluidez e a insegurança, visto que não há respostas únicas nem definitivas. Um dos

perigos aqui é a radicalidade do relativismo que, ao defender a historicidade de todos os processos e valores, acaba por negar a própria história como construção humana que, se não determina, influencia o presente, pelo menos como pano de fundo discursivo de construção do futuro.

Cunha, ao escrever sobre o Brasil no imaginário português por meio de uma leitura da carta de Caminha, nos dá algumas pistas sobre como minimizar o desconforto e os perigos do segundo caminho indicado no parágrafo anterior:

Importa principalmente para esta leitura de algumas visões do Brasil, produzidas em circunstâncias históricas bastante diferenciadas, compreender o imaginário não como um indeterminado, mas como um determinante, um motor na produção de sentidos, valores e significações, um conjunto de traços - incisões ou inscrições indeléveis em uma superfície - que têm longa duração (...). Traços que tenderão a se repetir diferidos, formas cujo valor, qualidade ou sentido poderão ser alterados, rasurados, invertidos, sem que isso impeça que possamos reconhecê-los em seu retorno. (Cunha, 2002: s/p)

Se formos na esteira de Cunha (2002, 2006, 2010), seguimos a segunda pista sem evitarmos o desconforto, mas muito bem atentos aos perigos. Se é certo que “as identidades culturais provêm de alguma parte, têm história”, como afirma Stuart Hall, é certo também que “como tudo que é histórico, sofrem transformação” (Hall, 1996: 69). Trata-se mais uma vez do velho embate entre estruturas e história, já enfrentado de forma tão magistral por Sahlins (1990): estruturas existem e é preciso considerá-las, mas também as estruturas são históricas, também as estruturas sofrem transformações. Para interpretar os processos históricos em sua fluidez, não é necessário negar as evocações do passado, pelo contrário, elas são úteis nas narrativas interpretativas; mesmo não sendo suficientes, elas são fundamentais para a compreensão da complexidade das relações de força que atuam contemporaneamente aos processos interpretados e o próprio fato histórico é (re)construído dentro dessas relações de forças.

Dentro de uma perspectiva de análise de relações de força no presente histórico, Aline Lima Santos (2006) e também Gustavo Santos (2010) se aproximam do papel desempenhado por associações de imigrantes nas narrativas e representações construídas por e sobre imigrantes brasileiros em Portugal, enfatizando exemplarmente o papel político de uma destas associações, a CBL, e a inserção desse perfil associativista dentro das redes de transnacionalidades – potencializadas por territórios intensamente tecnificados e da convergência de diferentes tempos (Santos, 2006), que afetam os discursos identitários de migrantes na contemporaneidade. Os usos do discurso da lusofonia como estratégia de conquista de direitos

por essas associações de imigrantes (Santos 2006, 2010) é também um elemento relevante desse processo discursivo de identidades, em torno da disputa de uma ideia (lusofonia) essencializada em algumas interpretações como patrimônio do discurso colonialista português. A compreensão de diferentes usos da lusofonia como uma guerra de posições ajuda a entender como a contextualização de ideias tende a ser epistemologicamente mais produtiva que a essencialização de conceitos.

Além desses novos autores e autoras, Feldmann-Bianco (2001) desempenhou importante papel nos estudos sobre a imigração brasileira em Portugal, e as questões identitárias não deixaram de ter peso em suas interpretações. Considerando-se a interseccionalidade de gênero, já vimos que Padilla (2005, 2007, 2010a, 2011), Pontes (2005, 2006) e França (2010, 2012) são autoras que têm os processos identitários de imigrantes brasileiras e brasileiros em Portugal como centrais em seus trabalhos, sendo que Pontes (2005) dedica especial atenção ao papel das mídias nesse processo.

Na realidade, a interseção entre gênero e processos identitários é bastante impositiva no caso da imigração brasileira em Portugal. Se lembrarmos com Scott (1995) que a ideia gênero não se refere ao sexo feminino (à mulher), mas sim a relações sociais e, com Butler (2003), que essas relações são efeitos de instituições, de práticas e de discursos, vemos que as narrativas identitárias sobre e de brasileiras e brasileiros em Portugal são trespassadas por processos de feminização do Brasil (Pontes 2006) e erotização de uma identidade miscigenada (Pontes 2005) com origens múltiplas e difusas. Dessa forma, a mesma observação feita por Gomes sobre a necessidade de um maior aprofundamento do diálogo teórico-metodológico dos estudos sobre a imigração brasileira em Portugal com as teorias de gênero pode ser feita para o caso dos estudos sobre processos identitários. Nos dois casos, cabe acrescentar que há aqui possibilidades a serem exploradas com a inclusão de metodologias de interpretação de narrativas e de discurso, bem como de aportes teóricos dos estudos culturais.¹⁶² Diferentemente de Gomes, prefiro não pensar em lacunas, mas em possibilidades ainda não exploradas; desta forma acredito deixar claro que há um material muito rico já produzido, assim como há ainda muito por fazer. As primeiras duas décadas de estudos sobre a imigração brasileira em Portugal não deixaram “lacunas”, visto que eles ainda estão em plena marcha; pelo contrário, eles

¹⁶² Em outros contextos migratórios e em outras oportunidades de diálogos teórico-metodológicos, essas inclusões já se mostraram muito produtivas: ver Baynham e De Fina 2005; Brockmeier e Carbaugh 2001; Brockmeier e Harré 2001; Caldas-Coulthard 2008; De Fina 2003; De Fina 2006; De Fina, Schiffirin e Bamberg 2006; Delanty, Wodak e Jones, 2008; Feldman 2001; Georgakopoulou, 2006; Krzyzanowski 2008; Lemke 2008; Mishler 2006; Weedon, 2004.

oferecem uma base bastante sólida para a continuidade da produção de conhecimento sobre o tema.

5.3 Alguns e algumas dos muitos e muitas brasileiros e brasileiras em Portugal

Diferente da população brasileira vivendo na Alemanha, o impacto do número de brasileiros e brasileiras vivendo em Portugal, que representam mais de um quarto da população estrangeira do país, traz os holofotes das mídias, da academia e os olhos dos/as nativos/as para essas pessoas, entendidas muitas vezes como um grupo, uma comunidade, uma “vaga” ou uma invasão. Se, por um lado, mídia e olhares nativos cotidianos podem tender a representações homogeneizadoras da população brasileira, por outro lado, algumas reflexões acadêmicas tentam mostrar a diversidade da imigração brasileira em Portugal, mesmo que em alguns casos a tentem enquadrar em outras gavetas, como no caso das “primeira” e “segunda” vagas.

Tais representações coletivas não são construídas só pelos olhares nativos e não tem origens só em Portugal, elas se reproduzem e se reelaboram também entre brasileiros/as, com elementos discursivos vinculados a uma memória cultural que vai junto na bagagem. Essas representações também não servem só para agrupar e generalizar; se sob os olhares nativos a generalização ganha relevo nas representações sobre brasileiros/as, entre a população brasileira residente em Portugal, elas servem também para dividir.

Essas divisões são feitas não no nível do detalhe, do esquadramento individual, mas ainda em um nível coletivo. Tanto as generalizações quanto as divisões são exemplificadas em sua forma mais pura pelo embaixador português no Brasil em 1993 ao se manifestar sobre a rusga diplomática entre Brasil e Portugal por ocasião do tratamento dispensado a onze brasileiros e brasileiras detidos no Aeroporto de Lisboa e impedidos de entrar em Portugal. Para o embaixador, tratava-se de “vagabundos e mulatinhas de saia curta” (*apud* Feldmann-Bianco, 2007). Entre a imagem dos “vagabundos” e das “mulatinhas” que perturbavam o embaixador e a dos brasileiros/as pobres em busca de trabalho da “segunda vaga” (CBL, 2004) e da “marca da prostituição” (Gomes, 2011) não há propriamente uma separação, mas apenas uma completa ausência de diplomacia na escolha das palavras.

Se, de um ponto de vista, a representação do embaixador e suas correspondentes imagens cristalizadas nos discursos sobre a imigração brasileira podem ser generalizadoras, entre as brasileiras e brasileiros vivendo em Portugal elas são, muitas vezes, incorporadas para dividir com bastante clareza a pretensa “comunidade” em grupos marcados pelo gênero e pela classe social, sendo ambivalente o papel que a raça desempenha nessas divisões. Esses recortes

acionados nas narrativas de trajetória de vida colhidas servem, muitas vezes, de base para suas (re)construções identitárias, seja em um sentido engajado, de denúncia contra esses estereótipos, ou em um sentido mais individualizado de reafirmação das divisões e auto-reconhecimento de pertença ao grupo de maior prestígio.

Diferenças e conflitos entre brasileiros/as e brasileiros/, para além da esperada comparação entre brasileiros/as e portugueses/as, são traços presentes em muitas entrevistas coletadas e determinantes em algumas delas. A pluralidade de antagonismos e alianças, mesmo que imaginadas, tornam extremamente complexa – por um lado desafiadora e instigante, por outro frustrante – a tentativa de traçar um mapa com campos de possibilidades das (re)construções identitárias dos/as colaboradores desta pesquisa. Algumas marcas mais evidentes e constantes podem ser destacadas, mas perceber todas as relações identitárias, ou mesmo destrinchar todas as representações identitárias percebidas nas narrativas colhidas é uma tarefa em todo caso hercúlea e, em meu caso particular, impensável.

Dos processos identitários desenvolvidos no contraste, em ambivalentes movimentos de aproximação e afastamento de um outro que muda a cada instante, cabe destacar dois componentes principais: o primeiro entre brasileiros/as e portugueses/as, nos quais se manifestam além das questões de pertencimento nacional, as questões de raça e de gênero de forma imediatamente relacionada à nacionalidade; e o segundo entre brasileiros/as e brasileiros/as, nos quais, por um lado, a classe social desempenha um papel essencial nas estratégias de posicionamento na nova sociedade, promovendo uma “escala de imigração” na qual alguns brasileiros/as são “mais imigrantes” que outros/as, e, por outro lado, a identidade nacional promove a percepção das semelhanças acima das classes em contraste com os/as portugueses/as. Esse segundo movimento é ainda complicado quando a própria nacionalidade serve de aproximação a uma identidade portuguesa vista como matriz de uma identidade brasileira.

Duas narrativas de imigrantes do sexo masculino, com formação universitária em história e pertencentes à classe média brasileira são clara e conscientemente construídas tanto sobre as diferenças e semelhanças internas à população brasileira em Portugal, quanto sobre as diferenças e semelhanças entre essa população e a população nativa. É a partir dessas interpretações que **Elton** e **Fabício** reconstroem suas identidades ao narrarem suas experiências na imigração, ambos iniciam a narrativa com uma reflexão sobre o próprio ato da entrevista, considerado por ambos como “curioso”. Para **Fabício**, tratava-se de uma oportunidade para fazer um balanço dos dez anos que levava em Portugal, enquanto para **Elton**

era curioso o fato de que narrar as experiências da imigração torna-se uma atividade rotineira, pois todos que chegam querem saber e essa narrativa passa a fazer parte da vida do imigrante.

Elton não se vê, contudo, como um imigrante. Para ele:

É engraçado, porque eu nunca me senti como um imigrante aqui. Eu vim... Eu tenho cidadania portuguesa, tenho bolsa portuguesa, mas ao mesmo tempo eu... No início eu tentei me aproximar do que é considerado um imigrante, eu acho que o imigrante é aquele que se desloca economicamente, pois na minha cabeça acabou ficando isso, e a aproximação como o grupo migrante, quer dizer, com o pessoal que não veio pra estudar, mas veio pra trabalhar, é mais difícil. Ela se dá até no espaço público, às vezes, ou uma amizade ou outra acaba traçando no comércio ou na noite, num local que toca música brasileira, mas na vida íntima é muito difícil essa aproximação.

É a partir dessa posição e dessa representação de “imigrante” que **Elton** (re)constrói sua identidade vinculada ao pertencimento a um determinado grupo de brasileiros/as em Portugal delineado a partir do pertencimento de classe. Mesmo que em uma leitura apressada a “cidadania portuguesa” possa parecer o traço diacrítico que embasa a narrativa de **Elton**, ela se torna um detalhe na (re)construção identitária. Embora oficialmente **Elton** não seja um “estrangeiro”, não é isso que o torna simbolicamente um não-imigrante, mas sim o seu pertencimento de classe, o que vai ser ressaltado em toda a entrevista, como também será ressaltado o seu lugar de pertencimento junto a outros/as brasileiros/as com perfil social semelhante ao seu, e não junto a outros/as portugueses/as seus/suas concidadãos/ãs. Isso é bastante claro para **Elton**, tanto em relação aos recortes dentro da população brasileira, quanto em relação aos afastamentos entre brasileiros, independentemente do recorte interno ao grupo, e portugueses:

O que eu percebo aqui em Portugal, pelo menos na comunidade brasileira, é que há uma cisão entre pessoas que vêm pra estudar e as pessoas que vêm pra trabalhar. Claro entre os estudantes tem gente que trabalha (...), mas eles também... eu vejo que eles não se misturam muito com os que só trabalham, que têm uma escolaridade menor. Então tem uma divisão escolar, isso chama bastante a atenção.

(...)

Há uma busca, pelo menos no início, eu vejo a maioria dos brasileiros em uma busca de aproximação e de, de, de uma forma mais íntima e, e grande parte dos portugueses bota uma barreira em cima disso, ou porque há um estranhamento mesmo, né?, acho que a gente tem uma forma de se portar diferente deles, ou porque tem uma questão, uma visão deles de rejeição a um passado, que é, que é

difícil levar, um passado colonialista, um passado... pobreza, né? E agora, eu vejo que eles estão na União Europeia, principalmente as gerações mais novas não reconhecem esse passado. E os imigrantes, principalmente os de fala portuguesa, principalmente não, eles, os de fala portuguesa trazem esse passado.

Brasileiros/as “estrangeiros/as”, com ou sem cidadania portuguesas, imigrantes ou “não-imigrantes” não conseguem, para **Elton**, inserção entre portugueses/as, o que pode ser frustrante, como tem sido para **Elton** – *“isso foi uma decepção, eu queria ter entrado um pouco mais na sociedade portuguesa”* – e como será também para **Fabício**, que chega a se considerar já meio português, ainda que não conte entre suas inúmeras namoradas com nenhuma portuguesa e que nunca tenha jantado à mesa com uma família portuguesa.

As estratégias de pertencimento desses brasileiros que não são tão bem acolhidos na sociedade portuguesa como imaginavam – **Elton** talvez por ter antecedentes portugueses bem próximos e **Fabício** por se sentir quase completamente integrado em Lisboa, não fosse essa lacuna – passam então pela aproximação com brasileiros/as às/aos quais se sentem próximos notadamente por marcadores de classe, o que reproduz divisões trazidas do Brasil e simbolicamente reforçadas em Portugal ao serem objeto de reflexão constante da memória comunicativa usada na (re)elaboração de identidades migrantes. Isso ainda é vivido por **Elton** após três anos de imigração:

No começo eu tive muito poucas amizades portuguesas, aliás nenhuma (...) Só de um ano pra cá eu tenho conseguido essas amizades, eu tenho furado esse bloqueio (...) Mas mesmo assim eu tenho uma relação, uma relação muito mais dentro da comunidade brasileira de estudantes que fazem mestrado e doutorado do que os outros. E... aí os portugueses que eu tenho relação acabam se acoplando a essas comunidades, eu não consigo me acoplar às relações deles em si.

Mesmo quando **Elton** consegue “furar o bloqueio”, isso se dá de forma incompleta, por meio de portugueses/as de alguma forma também deslocados da representação de pertencimento a um círculo “realmente” português de relações sociais: *“E é interessante que os portugueses que eu tenho relação são aqueles que de alguma forma tiveram uma relação anterior com estrangeiro já, com estrangeiro lusófono”*.

Os pontos de apoio da memória cultural acionados por **Elton** na memória comunicativa que nos narra são muito semelhantes aos usados por **Fabício**, aqui em dimensões significativamente maiores, tanto nos sentidos das diferenças entre brasileiros/as e entre brasileiros/as e portugueses/as, quanto no sentido das semelhanças, estas quase ausentes na narrativa de **Elton**. A narrativa de **Fabício** se constrói sobre esses afastamentos e

aproximações internos e externos que guiam a interpretação aqui pretendida. Preenhe de passagens citáveis, seu texto será examinado no detalhe com a interpretação de narrativa, de representação de atores sociais e de interpretação discursiva empreendidas no próximo capítulo, mas seus excertos mais significativos são reproduzidos também aqui, pois são fundamentais na constituição desse quadro que se quer desenhar com a interpretação estrutural (Jäger, 2012; Jäger & Maier 2014) aqui esboçada. Para **Fabício**:

Há vários Brasis aqui em Lisboa, sabe, somos todos brasileiros, mas... é uma continuação de lá, meu, quem era, vamos dizer, do povo lá, é do povo aqui e, se você lá se sentia separado do que é do povo, isso também vai se manter aqui; isso se reflete até na, na, na... nos lugares que você frequenta, nas pessoas que você vai conhecer, no seu círculo de amizades, numa série de coisas (...). Você vê isso aqui bem... a elite brasileira ou esse, esse, esse pessoal que tem um nível sociocultural diferenciado, que já fala um inglês, um espanhol, eles conseguem estabelecer outras relações

A representação identitária construída por **Fabício** se baseia fundamentalmente no recorte de classe claramente formulado entre a população brasileira em Lisboa, recorte que, para **Fabício**, é um transposição do que já ocorria no Brasil. Há, contudo, rearranjos no contexto imigratório, e a experiência de **Fabício** é também exemplar para revelar isso. Se, no caso de **Elton** a reprodução da relações de classe em ambos os contextos (Brasil e Portugal) é narrativamente de fato reproduzida, no caso de **Fabício**, dois movimentos ambivalentes de ascensão e descenso social são percebidos nas ambiguidades de sua narrativa.

Fabício sai do Brasil com nível superior incompleto, trabalhando muito e ganhando mal, com pertencimento declarado “ao que se poderia chamar classe média”, inicialmente para ganhar dinheiro em Portugal e voltar a sua cidade natal, enquadrando-se então no perfil da “segunda vaga de imigração”. É um “imigrante”, nos termos colocados por **Elton**, passando inclusive por um período de três anos de situação irregular de migração, tendo alcançado a regularização no processo extraordinário promovido após o acordo bilateral de 2003 (Portugal, 2003). Em Portugal, **Fabício** consegue concluir seu curso superior e, usando das ferramentas que a vida de filho de classe média lhe proporcionara no Brasil, passa narrativamente a fazer parte da “elite brasileira” em Lisboa, do que ele mesmo chama de “brasilidade diferenciada”, simbolicamente representada pelo *habitus* e pelo gosto de classe (Bourdieu 1989, 2007) e materialmente representada nas relações sociais conquistadas e em melhores postos de trabalho em Portugal:

o bar nosso lá era um ponto de encontro mesmo (...) era um ponto de encontro dessa brasilidade, mas dessa brasilidade, vamos dizer, diferenciada... você sabe o que eu tô dizendo (...). Esse bar que a gente trabalhou era onde se reunia esse brasileiro que não curte o que eu não curtia no Brasil: o sertanejo, o pagode, o samba, o fo..., o... sabe, era uma...

(...)

então, são diferenciadores, cara; tem muita coisa que, que determina como é a sua vida aqui, quem você é, o círculo que você se inseriu, é o teu nível sociocultural... isso é muito determinante mesmo.

Contudo, embora a representação narrativa de uma “brasilidade diferenciada” em Lisboa permita a **Fabício** uma “ascensão social” em sua (re)construção identitária, ou ao menos uma negação do estereótipo de “pobre imigrante pobre”, sua adscrição é feita a uma “elite imigrante”, uma “elite para si”, composta também por membros da classe média no Brasil e não suficiente para garantir a ascensão de seus membros a uma “elite em si” capaz de romper as barreiras de integração na sociedade nativa. Assim é que, sobre sua inserção na sociedade nativa, ele nos conta que:

Eu me fechei, eu tive que construir um muro, digamos que eu passei a esperar o pior dos portugueses, e isso influencia o que eu sou hoje, cara... eu tô aqui há dez anos, mas... eu vivo aqui, mas eu não tô entrosado aqui; todos os amigos que eu tenho aqui são brasileiros ou são estrangeiros que vivem em Lisboa - que são muitos: aqui tem gente de todo o mundo -, mas eu não posso te dizer que tenho amigos portugueses

Como veremos, a não inserção de **Fabício** no seio da sociedade nativa não é narrada como uma característica do processo migratório, mas como uma eventualidade, como um azar nos primeiros contatos com portugueses, marcados por violências e desentendimentos. Mesmo não pertencendo, o narrador é capaz de se sentir já um pouco português e tem como projeto identitário a aproximação com membros da sociedade de acolhimento em um movimento que, em sua narrativa, depende exclusivamente de sua mudança de atitude, mudança que já começa a ocorrer, pois **Fabício** vai ficando em Portugal, essa é sua “opção de vida”, enquanto os que vieram pra ganhar dinheiro, esses já estariam indo embora.

Outro imigrante, **Gustavo**, colaborador desta pesquisa e que poderia ser tomado como ideal-típico do perfil do imigrante brasileiro construído a partir da imagem da “segunda vaga de imigração brasileira (CBL, 2004), pode ser colocado como contraponto a algumas interpretações de **Fabício** sobre o comportamento na imigração vinculado ao pertencimento de classe no Brasil. Assim como **Fabício**, **Gustavo** veio para Portugal há dez anos, quando

contava 21 anos de idade, com o objetivo de construir uma casa no Brasil, de onde saiu com ensino médio incompleto e onde trabalhava na indústria têxtil paranaense. Em Portugal é garçom em um restaurante de comida típica portuguesa desde que conseguiu a regularização após dois anos em situação irregular. **Gustavo** nos conta, com forte sotaque português, que:

Principalmente a cultura deles aqui, que eu acostumei de uma maneira que parece que nasci cá. E olha, gosto daqui, gosto de viver.

(...)

Eu ouvia que eles são muito grossos, muito estúpidos, mas eu conhecendo, isso aí não. É a maneira deles, né? Não é igual brasileiro, brasileiro parece que é adoçado (risos). Brasileiro fala adoçado, não sei como é que eles dizem. Foi totalmente diferente do que eu imaginava. Totalmente diferente. E pronto, eu peguei o costume também deles, desde o sotaque.

(...)

Hoje em dia parece que eu sou de cá mesmo, muitos já me diz que eu sou português, de aparência e tudo.

O sotaque marca de forma muito acentuada a (re)construção identitária de **Gustavo**, assim como marca o seu pertencimento de classe. Embora não possa com dez entrevistas afirmar que a divisão de classes entre a população brasileira em Lisboa tem na aquisição do sotaque português uma espécie de “marcador corporal” ou de marca de *habitus*, algo afirmado por **Elton** em sua entrevista, essa marca chama de fato a atenção nessa “micro-amostra”, com a única exceção de **Helen**, imigrante da chamada primeira vaga de imigração, altamente qualificada, que praticamente rompeu laços simbólico-afetivos com o Brasil após quase 25 anos de vida em Lisboa, algo revelado também pelo seu sotaque, com que nos conta que:

Quando chegava no Brasil até o sotaque me incomodava (...) Eu nem sabia o que tava se passando no Brasil, e continuo sem saber e nem quero saber. Assim, pareço mau, né? (risos). Mas eu não quero saber, não me diz respeito.

Mesmo tendo sido atingida direta e fortemente pela crise econômica em curso, que fez da arquiteta de interiores uma desempregada, voltar ao Brasil é uma opção que **Helen** descarta em sua narrativa. Para ela, o Brasil é quase um país estrangeiro, é Portugal o seu lar:

Às vezes as pessoas falam: “Ah, vai voltar pro Brasil”. Não, não vou (...). Porque tem o lado do coração, porque eu gosto muito daqui. Sinto-me em casa. Todas as vezes que eu vou ao Brasil, ao fim de uma semana eu já tô doida pra vir embora (...). Eu gosto daqui, mesmo com todos os problemas, não é? (...) Eu não ia conseguir mais viver no Brasil (...) são vinte e tal anos. Falo mal? Falo sim senhora, pronto. Mas os portugueses também falam mal, né? (...) E tem outra coisa, fico

muito magoada, muito chateada, quando vejo um turista, quando vejo uma pessoa que está aqui há um ano ou dois falar mal. Não aceito e não admito.

Voltando a **Gustavo**, para além do sotaque, seu pertencimento à sociedade portuguesa é construído narrativamente com ambiguidades, e sua decisão de permanecer é constantemente reafirmada. Ao contrário do que pressupõe **Fabício** sobre o papel desempenhado pelo pertencimento de classe na decisão de ficar ou de partir do “Portugal em crise”, a adscrição declarada de **Gustavo** à classe trabalhadora e a análise que faz das condições de classe lá e cá é o que o leva a ficar:

A classe trabalhadora igual nós no Brasil (...), aqui a gente tem uma vida que no Brasil eu não vou conseguir ter.

(...)

É uma vida aqui fabulosa, no Brasil muita coisa eu não conseguiria (...) A qualidade de vida aqui é melhor, não vou negar

As ambiguidades da narrativa de **Gustavo** se deixam mostrar pela descrição dos seus círculos de relacionamento social para além das portas do restaurante português onde trabalha. Pelo que nos conta, sua relação com portugueses/as, ainda que amistosa, resume-se ao trabalho em um restaurante típico português, o que provavelmente tem um peso na sua representação de pertencimento, algo que pode ser distinto para um imigrante que trabalha em um restaurante ou bar brasileiro frequentado majoritariamente por outros/as brasileiros/as, como no caso de **Fabício**. Contudo, fora do trabalho, semelhante ao que ocorre com **Fabício**, ao que parece, **Gustavo** quase não tem contatos com portugueses/as e usa os poucos dias de folga e as poucas horas livres que tem para passear com a namorada brasileira, jogar sinuca e, às vezes, um futebolzinho, sempre com os brasileiros da vizinhança. É nesse jogo entre, de um lado, os pertencimentos sociais trazidos do Brasil e as representações identitárias sobre eles construídas e discursivamente fincadas em uma memória cultural compartilhada, e, de outro lado, os reposicionamentos e ressignificações desses pertencimentos e representações narrativamente acionados pela memória comunicativa da imigração, que **Fabício** e **Gustavo**, e também **Helen**, (re)constróem suas identidades em Lisboa, imaginando seus grupos de pertencimento que passam também pela nacionalidade, mas, sobretudo, pelo pertencimento simbólico de classe.

Embora não declare seu pertencimento de classe como o fazem **Fabício**, da “elite brasileira em Lisboa”, e **Gustavo**, da “classe trabalhadora”, **Irene**, mulher, negra, pobre e evangélica também é outra que não pretende voltar: *“Eu penso muito, duas vezes antes de voltar pra o Brasil (...) Eu não me vejo morando no Brasil novamente”*.

Diferente tanto de **Fabrcio** – que, em um dos dois antagonismos fundamentais de sua narrativa, constrói uma identidade a partir de marcadores de classe, de seu pertencimento a uma “brasilidade diferenciada” a uma “elite brasileira” que se (re)constrói em Portugal –, quanto de **Gustavo** – cuja (re)construção identitária é fortemente marcada pelo projeto de transformação no outro –, **Irene** desenvolve uma narrativa identitária extremamente tensa, tanto no que diz respeito ao contato com portugueses/as, quanto na posição frente às disputas hierárquicas entre brasileiros/as. No primeiro caso, as tensões se mostram a esse intérprete a partir de seu pertencimento racial e de gênero, no segundo caso a partir de seu pertencimento de classe, embora em nenhum momento essas categorias sejam explicitamente mencionadas.

Sobre a relação como os/as portugueses/as, **Irene** nos conta que:

Às vezes a gente se revolta um pouco aqui, com as pessoas, com o modo como a gente... Porque assim, eu cheguei aqui numa fase onde brasileiro era muito discriminado, ainda tem essa discriminação ainda hoje em dia, mas hoje em dia é menos. As pessoas já aceitam mais. Mas cheguei numa fase, olha, eu sofri muito preconceito aqui. Então assim, eu tive que batalhar, pra trabalhar e pra adquirir o respeito pelas pessoas.

(...)

Às vezes a gente passa muita raiva, por causa muito de preconceito. Então assim, a gente discute muito, porque (...) Quando eu cheguei aqui a brasileira era muito mal falada, é até hoje, mas hoje não tem tanto esse preconceito.

A visão que **Irene** tem de seus compatriotas deixa também perceber as divisões internas à população brasileira em Portugal:

Você vê pessoas que... eu conheço pessoas que não tiveram nada no Brasil que eram pobres lá e aqui têm alguma coisa e ainda não perdeu aquela humildade. Porque as vezes as pessoas aqui pensam: “Ah, tô ganhando dinheiro!” Pisam umas nas outras. “Ah, ela é de Minas, ela é da roça”, ou “Ela é lá do sertão”, Ah, depois, ah, são coisas assim, mesquinhas.

Contudo, mesmo diante de tantas tensões, **Irene**, contrariando a interpretação de **Fabrcio** sobre a distinção de comportamentos marcada pelo pertencimento de classe, não pensa em voltar:

Aqui a vida da gente aqui é só trabalhar. Ou você vem pr’aqui pra você viver a sua vida, ou você vem pra cá pra você ter uma vida de imigrante, que é trabalhar, juntar o dinheiro e mandar pro Brasil (...). A minha opção foi viver a minha vida aqui.

Assim como **Fabrcio** e independentemente de sua classe, **Irene** escolheu viver em Lisboa, mesmo que as razões para a escolha não sejam racionalmente apresentadas em sua narrativa, elas revelam que em um projeto identitrio de migraão construído sob posies de subalternidade de classe, gnero e raça, que se interseccionam no caso de **Irene**, o sonho não é necessariamente marcado pelo consumo, pela aquisio de bens e pelo enriquecimento, o estilo de vida, a poesia e o encantamento com a cidade não são exclusivos da “brasilidade diferenciada”.

Uma pista deixada no texto de **Irene** sobre as razões de sua deciso de ficar, presente também na narrativa de **Fabrcio** e de **Elton**, e recorrente na maioria das narrativas colhidas em Portugal, é a construo de uma identidade ideal-típica do imigrante: imigrante é aquele que se dispõe a deixar de viver para trabalhar e juntar dinheiro com o objetivo de conseguir uma vida materialmente mais confortável geralmente em seu país de origem, para onde sempre pensa em regressar. **Irene** recusa esse papel de imigrante – como também o recusam **Fabrcio** e **Elton**, mas não **Gustavo**, que o incorpora, mas o ressignifica ao associá-lo ao projeto de transformao no outro e à deciso de permanecer – e conta que sua deciso foi viver em Portugal, sobretudo viver em Lisboa, cidade da qual aprendeu a gostar e que não associa às suas dificuldades de relacionamento com a populao nativa.

Neste ponto, introduzo na interpretao da narrativa de **Irene** o tema do encantamento com a cidade como uma forma de digressão para chamar a ateno para este e para outro tema, ambos recorrentes nas narrativas colhidas, mas que fogem um pouco da trilha de interpretao aqui tomada. Além da declarao de amor à cidade de Lisboa, presente em todas as nove entrevistas colhidas em Portugal, a ideia de congelamento do tempo, repetida em quatro das nove entrevistas, é uma metáfora que não pode passar despercebida aos olhos de um intérprete que se quer historiador, o que me força a um breve desvio para mencioná-la.

Além de **Irene**, para quem: *“Lá pra mim parou e quando eu chegar lá vai tá do mesmo jeito que eu deixei, e já não é assim”*. **Karen**, **Luciana** e **Joana** recorrem à metáfora do congelamento do tempo para descrever suas vidas em Portugal. Em sua narrativa, **Luciana** nos conta que essa percepo é intrínseca ao imigrante; mesmo que ela esteja consciente de ser uma falsa ideia, ela nos revela que *“quando você é um imigrante e quando você vem pr’um país, você pensa que a vida das pessoas lá param. E que quando você voltar vai tá tudo do mesmo jeito”*.

Também na narrativa de **Karen**, marcada pelo forte protagonismo na afirmao de sua vida de imigrante trabalhadora (como veremos ao interpretar as (re)construes identitrias

feitas no contraste com a invenção de uma identidade portuguesa), em um momento de nostalgia, no qual a narradora reflete sobre sua própria decisão já tomada de permanecer em Lisboa, a metáfora do congelamento do tempo destoa de uma (re)construção identitária marcada pelo auto-empoderamento:

Eu penso: “pô, vai todo mundo morrer, ninguém vai ver eu tô aqui, eu tô morta, tô aqui no meu... a minha tia chama aqui de frigorífico: “tá congelada no seu frigorífico, resolvendo a sua vida pra depois você ir...”

A imagem é a mesma construída por **Joana**, que diferentemente de **Karen**, (re)constrói uma identidade marcada por decepções e fracassos e aposta em uma nova vida no retorno ao Brasil, já programado para daqui a alguns meses e ansiosamente aguardado pela narradora:

Você não consegue perceber o tempo passar, você só vê os objetivos alcançando, isso pode demorar um ano, dois anos, mas o tempo, você já perde a noção. Então, eu já tô aqui há seis anos, pra quem ia ficar dois anos, e, é, seis anos, pra mim o tempo parou. Eu sai com 25 anos de lá da minha cidade e parece que eu ainda tenho 25 anos. Na minha cabeça eu ainda tenho 25 anos, parece que o tempo parou aqui.

Não seria preciso recorrer às narrativas colhidas para esta tese para ressaltar essa imagem já cristalizada do/a imigrante que retorna e já não pode reconhecer; esse trabalho de rememoração pode mesmo, talvez, como ressalta **Luciana**, ser parte da condição migrante, apesar de todo o avanço das redes de comunicação e possibilidades de acompanhamento do tempo não só por relatos, mas também por imagens. As imagens e sentimentos guardados em algum lugar da memória parecem ser ainda fortes o suficiente para levar à construção dessas metáforas do tempo congelado, sobretudo nos momentos em que essas narradoras nos falam da saudade e do conflito entre ficar ou voltar. No mesmo contexto dessas reflexões, **Joana** desaba em lágrimas ao falar da saudade em mais um desses momentos que dão vida ao fazer acadêmico de quem escolheu trabalhar com depoimentos orais de sujeitos da história.

Continuando com a narrativa de **Joana**, e voltando para a trilha interpretativa que segue as marcas dos recortes internos à população brasileira pelo pertencimento de classe, mas também de gênero – que dialogam, ambos, com as construções identitárias vinculadas à nacionalidade –, creio que os dois recortes podem ser usados como chaves interpretativas também para a (re)construção identitária de **Joana** em Lisboa, assim como deixam marcas na (re)construção identitária de **Maria**, como veremos.

Joana, que hoje trabalha como atendente em um restaurante em um centro comercial de Lisboa, começa a narrar sua história de forma muito semelhante a **Elton**, doutorando na Universidade de Lisboa, chamando atenção para uma característica que a diferencia da maioria dos/as brasileiros/as em Portugal, mesmo que ela hoje, por ter visto fracassados seus planos iniciais, tenha se juntado ao grupo que caracteriza como “imigrante”: ***Muito diferente de outros brasileiros que vêm pra cá com outros propósitos, nós viemos pra fazer o mestrado e já demos entrada de visto já na nossa cidade.***

A imigração qualificada, sobretudo a imigração com propósitos de formação científico-acadêmica é recorrentemente descrita como uma não-imigração. Pode-se, claro, argumentar que a característica que permite aos sujeitos que a experienciam assim descrevê-la é a temporalidade que, a princípio a caracterizaria. Contra-argumento, contudo, que, se essa fosse a característica determinante para as construções narrativas que diferenciam entre “imigrantes” e “não-imigrantes”, essas construções não deveriam marcar a narrativa de brasileiros/as como **Elton**, doutorando em Lisboa, mas com a intenção manifesta de permanecer em Portugal após o doutorado, por tempo indeterminado. De outra perspectiva, se o projeto pessoal de permanecer por dois ou três anos e retornar exercesse o papel central na construção narrativa de diferença entre “imigrantes” e “não-imigrantes” entre os/as brasileiros/as, em muitas outras narrativas deveria aparecer o fato de ter-se tornado imigrante apenas após perceber que os planos de retorno deveriam ser constantemente adiados. Ainda complementarmente, se o tempo de permanência fosse critério para a diferenciação, **Fabrcício** talvez não se descrevesse com características de um “não-imigrante”. O que marca de forma mais forte e determinante a distinção não é o tempo que se pretende ficar, nem o tempo que de fato se fica, mas sim a atribuição de pertencimento de classe que se vincula ao exercício do trabalho não qualificado e ao projeto de ganhar dinheiro.

Em outras palavras, o discurso que marca a distinção narrativa é o discurso de pertencimento de classe, o que fica mais claro em outros trechos da narrativa de **Joana**:

Depois mandar dinheiro pro Brasil, e aí eu já tô me incluindo na grande..., não na gran... na maioria que eu sei que é errado falar isso. Mas muitos brasileiros aqui tinham isso de mandar dinheiro pro Brasil, veio pra cá pra trabalhar, pra ganhar em euro e mandar pro real, pra tri... triplicado, não é? E aí eu já entrei nesse grupo, já sai do meu grupo de visto daí voltar e agora eu tô mesmo “a imigrante”, trabalhando em restauração, que é uma característica (...), pegar uma autorização de residência, começar a mandar dinheiro pro Brasil, pra voltar.

(...)

Parece preconceito, mas os brasileiros que eu conheci e que não têm um nível intelectual, pronto, não tem uma licenciatura, não chegaram a terminar os estudos, entendeu? Vieram pra cá para ganhar dinheiro, foram os brasileiros que eu tive muitas decepções. Porque eles se tornaram pessoas que, para ganhar dinheiro, passa por cima de tudo e de todos. Então eu tive, tive contato com esse tipo de brasileiro, e os brasileiros que vieram aqui estu..., que aí a gente vai conhecendo mais, não é, que vieram pra isso, ou que são pessoas que vieram pra cá, mas que já tinha um nível intelectual um pouco maior, são as pessoas que hoje fazem parte do meu grupo de amizades daqui.

Em uma população imigrante que pode ser homogeneizada pelo olhar externo segundo estereótipos vinculados à nacionalidade brasileira, reforçados no contexto migratório em Portugal pelo lusotropicalismo como elemento de uma memória cultural parcialmente compartilhada (Castelo, 1998; Almeida, 2000, 2007), os recortes de classe expressos em capital cultural por meio de *habitus*, gosto ou formação intelectual (Bourdieu 1989, 2007) podem ser um caminho de negação tanto dos estereótipos negativos associados à representação discursiva do imigrante, quanto, no caso de brasileiros/as, aos estereótipos que vinculam estes nacionais ao comportamento afetivo às vezes exagerado, em detrimento de competências racionais e do desenvolvimento intelectual. Cabe lembrar com Cunha que:

Sensualidade, alegria, espontaneidade e ausência de interdição são repostos nos discursos de modo a conformar o velho binômio entre cultura e natureza, ou uma sua versão mais erudita, que dicotomiza a racionalidade (ocidental, europeia) e a irracionalidade, instintiva (advinda das culturas e dos espaços não europeus). (Cunha, 2002: s/p)

Os recortes de classe a dividir brasileiros/as em Portugal são expressos narrativamente antes por marcadores simbólicos-culturais do que por bens materiais. Contudo, os marcadores simbólicos se sustentam claramente nas relações materiais de trabalho, pois, como vimos, imigrante é quem vai para Portugal em busca de trabalho e de melhores condições de vida; é, portanto, o/a trabalhador/a. Não-imigrante é o que vai para Portugal cultivar o espírito, seja academicamente, ou por meio de seu novo “estilo de vida”, por sua competência social para “gozar a Europa”. Por meio destes recortes, brasileiros/as da classe média brasileira que não mais encontram bons empregos como ocorria no início do fluxo migratório contemporâneo do Brasil para Portugal tentam, narrativamente, se afastar dos estereótipos de pobreza vinculados à imigração em larga escala e de alguns estereótipos da nacionalidade brasileira, embora aqui operem também com a ambivalência dos estereótipos, acionados ou incorporados quando se apresentam como vantajosos.

Na interseccionalidade com classe e raça – esta última quase nunca explicitamente manifesta nas narrativas, mas sempre presente no imaginário lusotropicalista, cujo elemento discursivo central é a miscigenação –, o gênero desempenha um papel extremamente relevante nas narrativas de identidade das colaboradoras mulheres, que se deparam com a “marca da prostituição” associada à imigração brasileira em Portugal, reforçada pela mídia e vinculada à nacionalidade brasileira por meio de elementos discursivos que compõe o lusotropicalismo ainda bastante vivo nas construções identitárias portuguesas, fortemente vinculadas a uma imagem do “Brasil construído por Portugal” (Castelo, 1998; Almeida, 2000, 2007).

Pontes (2006) argumenta que essa “etnização” da nacionalidade brasileira vinculada a representações de gênero que exacerbam a sensualidade da brasileira e a vinculam à prostituição não é um processo estático e pacífico, é antes um processo de identificação que envolve, entre outros elementos, a relação pós-colonial que Portugal estabelece não só com o Brasil, mas também com outros países africanos de língua oficial portuguesa, em uma triangulação de poder na qual o Brasil assume posição intermediária. No pós-colonialismo português, elaborado por meio da reformulação de um discurso lusotropicalista de sorte a dar continuidade simbólica ao Império Português, com a invenção de uma comunidade lusófona, a representação do Brasil é constantemente (re)construída pela memória comunicativa com símbolos advindos de uma memória cultural compartilhada e fundada na colonização, sobretudo no século XIX, no qual elementos raciais e a miscigenação como traço brasileiro herdado da plasticidade portuguesa começaram a ser discursivamente consolidados. Por outro lado, a identidade portuguesa do novo lusotropicalismo, que se associa à plasticidade e à miscigenação, associa-se também à Europa, o que empresta a Portugal uma “superioridade” não-declarada nas relações pós-coloniais. No discurso identitário lusotropicalista elaborado em Portugal, cabe a Portugal a agência e a dádiva da construção de um novo mundo, sem que se percam os vínculos com a racionalidade e a “racialidade” europeia. Conforme nos alerta Almeida (2000), raramente as características associadas à miscigenação são atribuídas à identidade portuguesa. É como se o português se misturasse e criasse outros mundos, mas o português não deixa de existir, seus filhos são miscigenados, ele segue europeu, “superiormente” europeu. Conforme Almeida:

O campo discursivo do luso-tropicalismo constitui-se como um jogo de espelhos entre a história portuguesa, a formação do Brasil e o colonialismo português, jogo necessariamente eivado de anacronismos, comparações desniveladas e ideologia (Almeida, 2000: 166).

É dentro desse campo discursivo, no qual atuam também imaginários e estereótipos de raça e de classe trazidos na bagagem, que brasileiras se movem ao terem de se resolver com os

assédios e representações fortemente marcadas pelo corpo e por um suposto comportamento aberto que as caracterizaria tanto culturalmente quanto racialmente. Conforme Padilla, Fernandes & Gomes (2010), “lidar com os estereótipos, muitas vezes afastando-se deles, outras vezes aproximando-se ou utilizando-se deles, faz parte da experiência migratória dessas mulheres” (2010: 113) e, eu acrescento, faz parte de seus processos de (re)construção de identidades. Como se trata de processos de identificação, essas mesmas mulheres não apenas sofrem com os estereótipos, mas agem com eles, ou contra eles, reforçando-os ou subvertendo-os em suas estratégias de (re)construção de identidades.

Joana, por exemplo, que se afasta no primeiro movimento de sua narrativa do perfil da maioria dos/as imigrantes brasileiros/as que vão a Lisboa em busca de trabalho, também tem de resolver em sua narrativa as representações de gênero que lhe são discursivamente associadas, delas se afastando com um longo episódio de sua narrativa, que reproduzo parcialmente a seguir:

Aqui tem muito preconceito com brasileira, com brasileira, o sexo feminino. Porque, quando eu cheguei aqui, e foi até um situação curiosa (...), eu estava na fila pra fazer o passe do comboio e teve um senhor que veio falar com, não me viu de lado nenhum, veio conversar comigo e eu percebi que o jeito dele falar era como se ele tivesse tirando ousadia. E eu respondi o que ele tinha perguntado, já não me lembro o quê. E ele veio começar a me alisar e eu dei um escândalo na fila. Aí ele ficou acuado e saiu. Eu na hora fiquei chocada, como é que uma pessoa que nem me viu, não me conhece? Eu não estava..., eu cheguei no inverno, eu não estava, como é que se diz?, com roupas muito, não é? Muito pelo contrário, casaco, luva, gorro, tudo o que eu podia, pra não sentir frio, mas ele, é, é... me ouviu conversar com a minha amiga, nós falando, pronto, brasileiro, que percebe-se, ainda mais há, há seis anos atrás, e ele teve esse comportamento. Na hora eu não entendi, mas depois, quando nós chegamos em casa, o senhor, é..., um amigo do pai da minha amiga, ele é brasileiro, mas já vive aqui em Portugal há um bom tempo e ele explicou que o início, o iní... ah..., vamos dizer assim, as brasileiras, o início da migração mesmo assim, é, essas brasileiras que vinham eram pessoas que iam trabalhar como... garotas de programa. Dizia que eram massagistas, mas era como garotas de programa. Então muitos portugueses, é... usufruíam dos serviços delas e já ficava difícil distinguir quem era garota de programa ou não. Se uma boa massa veio pra isso, não é? Não veio pra isso, mas chegava aqui e começava a trabalhar isso, porque era o dinheiro mais fácil de se ganhar.

A história narrada por **Joana** ilustra uma das estratégias de afastamento do estereótipo da sensualidade e da prostituição que, segundo Gomes (2011) é muitas vezes utilizadas por brasileiras em Portugal. Segundo a autora:

Essa violência, muitas vezes, é percebida pelas brasileiras como causada por outras brasileiras, as que se prostituem em Portugal, como uma constituição de si em oposição e por diferenciação. No entanto, as próprias prostitutas brasileiras em Portugal, muitas vezes, não querem ser apenas prostitutas, nem sempre prostitutas, mas sim, terem a profissão de prostituta, o que demonstra que a violência do estereótipo pode incidir também sobre elas. Ao mesmo tempo em que esses estereótipos são uma violência, são outras vezes um marco de autoafirmação e valorização. Ou seja, os modos de subjetivação são complexos, as dobras nos discursos hegemônicos são feitas de formas diferentes nas constituições de si (Gomes, 2011: 14).

Ao culpar mulheres pela violência por que passou, **Joana** apaga o papel de agressor do homem português que a atacou, desculpabiliza o opressor e reforça narrativamente os estereótipos que em seu próprio benefício deveria, teoricamente, contribuir para enfraquecer. Da mesma forma, conforme crítica que faz Gomes (2011) a Machado (2003), **Joana**, ao reproduzir sem problematizar as explicações que lhe foram dadas por um homem brasileiro, reforça os estereótipos de gênero que geram violências contra brasileiras em Portugal, pois:

Ao explicar a existência de estereótipos sobre a mulher brasileira ligada a prostituição através da real existência de muitas brasileiras no mercado sexual em Portugal (...) ignora todo o mecanismo complexo de relações saber-poder que constroem estereótipos e imaginários sociais (Gomes, 2011:11).

Contudo, como nos alertam várias pesquisadoras que se dedicam a interpretar e compreender as (re)construções de gênero no contexto da imigração brasileira para Portugal (França, 2010; Gomes, 2011; Padilla, 2010; Pontes, 2006), as representações construídas pela imigrantes brasileiras passam por estratégias diversas que, ainda que não revertam os estereótipos, podem percebê-los de maneira distinta, algumas vezes subvertendo seus usos de forma favorável a sua inserção na sociedade acolhedora, revelando o que Bhabha (1998) chama de ambivalência do estereótipo, “evidenciando a diversidade de formas como as brasileiras ora reproduzem a imagem como um reflexo de autoafirmação, ora percebem essa imagem como violência e preconceito” (Padilla, Fernandes & Gomes, 2010: 118).

Da mesma forma que **Joana, Maria** também atribui responsabilidade às representações construídas sobre a imigrante brasileira e as relações sociais violentas advindas dessas representações ao comportamento de algumas brasileiras, nesse caso não necessariamente de brasileiras empregadas no ramo da prostituição:

Se você não representa uma ameaça, eu nunca fui uma ameaça pra uma portuguesa, porque como eu sou tímida, então elas têm cuidado comigo (...). Quando você não representa perigo, ameaça, elas são boas pra gente, nos ajudam, são solidárias. É verdade, às vezes é triste, parece que tem pena, mas quando você representa uma ameaça é muito complicado.

Mesmo considerando lamentável a reação de parte da sociedade local frente às brasileiras, em sua (re)construção narrativa de identidade, **Maria** escolhe atribuir a responsabilidade pela situação ao comportamento de brasileiras. **Maria** não chega a lamentar textualmente o comportamento das brasileiras, mas justifica o comportamento das portuguesas e, ainda que o lamente, não as responsabiliza. Ao atribuir culpa indiretamente às brasileiras é possível a **Maria** se afastar da imagem da brasileira ameaçadora, por sedutora e irresistível. Contraditoriamente, **Maria** não percebe que em sua própria narrativa há, contudo, elementos que a aproximam da brasileira sedutora, pois embora ela aja para desconstruir essa imagem, a representação da brasileira é uma construção que se dá em vários sentidos e em grande parte por um discurso identitário português, que não é facilmente alterado pela timidez de **Maria**, assim é que ela nos conta que:

Antes, quando eu cheguei aqui, andava na rua, eu nunca me senti tão bonita. Os homens paravam a gente na rua pra convidar pra tomar café, seguiam, entrava na frente. Percebiam que éramos brasileiras, era muito abordada, hoje não, hoje você anda tranquila na rua, ninguém nem te vê, porque tá cheio de brasileiras, né? Antes não, quando eu cheguei aqui não, quando eu cheguei aqui parecia que nós éramos muito especiais mesmo.

A forma como **Maria** percebe então as representações de gênero sobre a imigrante brasileira são distintas da forma como **Joana** as percebe. Se ambas atribuem culpa às brasileiras pelas experiências vividas, **Joana** as caracteriza como violência de forma forte e direta, e sua reação à violência é também forte e direta, sem dúvida contundente, embora não emancipadora. **Maria**, por seu turno, tem uma percepção mais marcada por um sentimento de autoafirmação que provavelmente se explica por outras experiências vividas a que não temos acesso. Como não se sente atingida pela representações de gênero sobre a imigrante brasileira, parece ser possível dizer que **Maria** não associa, ao menos não diretamente, as abordagens de que era alvo a essas representações, nem considera tais abordagens como sendo violentas. Provavelmente **Maria** não deve também associar o seu casamento com um português com um imaginário construído em torno da mulher brasileira, que, conforme Piscitelli (2008c), por estar baseada em representações de abertura, alegria e simpatia, ao mesmo tempo que vincula a mulher

brasileira à sensualidade e ao erotismo, vincula-a também à domesticidade, ao cuidado e à maternidade, moedas muito valiosas no mercado matrimonial e que são usadas por brasileiras no manejo da ambivalência dos estereótipos a que estão atadas (Piscitelli, 2008c). Conforme Scott (1995), as representações de gênero na imigração brasileira em Portugal se constroem sobre símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas frequentemente contraditórias, e sobre conceitos que legitimam e constroem as relações sociais. Reforço, contudo, que, se os usos dessas representações contraditórias ou da ambivalência dos estereótipos acionados por brasileiras em suas (re)construções identitárias em Lisboa podem ser, por um lado, emancipadores para quem os aciona em proveito próprio, por outro não parecem contribuir para a superação dos estereótipos. Ainda que sejam as estratégias possíveis, a movimentação entre contradições e ambivalências parece ter seus limites. Se por ela talvez seja possível chegar a uma “emancipação parcial”, resta a dúvida se por esse caminho é possível subverter a tal ponto a lógica operacional do estereótipo e levar as contradições a um extremo que contribua para uma emancipação completa.

Ademais das afirmações de identidades feitas a partir de recortes operados dentro do próprio grupo “população brasileira em Portugal”, as (re)construções identitárias dos sujeitos desse grupo, além de ambivalentes, são multifacetadas e se dão também a partir das relações de identidade e diferença com a população nativa, com portugueses e portuguesas. Marcadas também por afastamentos e aproximações, as identidades brasileiras (re)construídas no “jogo de espelhos” com identidades portuguesas, também narrativamente construídas, se fundam em seus dois movimentos, afastamento e aproximação, em elementos de uma memória cultural compartilhada devido ao passado colonial e reinventada no contexto das migrações internacionais contemporâneas, no qual a população brasileira representa um quarto da significativa população estrangeira em Portugal, e também no contexto da reformulação discursiva do lusotropicalismo após o fim do império Português e da inserção de Portugal como parceiro menor no bloco europeu.

Em sentidos e intensidades diversas e contraditórias, a menção a diferenças ou identidades entre brasileiros/as e portugueses/as está presente em todas as narrativas colhidas em Portugal. As avaliações sobre os portugueses presentes nas representações podem ser sobretudo positivas, como no caso de **Helen**:

Eu já tô habituada, mas você. Você quando lhe dão uma resposta pode achar que é grosseria deles. Porque são pesados e brutos pra falar, mas eles estão a ser educados dentro da cultura deles. Eles não tão a falar de maldade.

Ou de **Gustavo**:

Eu ouvia que eles são muito grossos, muito estúpidos, mas eu conhecendo, isso aí não. É a maneira deles, né? Não é igual brasileiro, brasileiro parece que é adoçado (risos). Brasileiro fala adoçado, não sei como é que eles dizem. Foi totalmente diferente do que eu imaginava. Totalmente diferente. E pronto, eu peguei o costume também deles, desde o sotaque (...). Hoje em dia parece que eu sou de cá mesmo, muitos já me dizem que eu sou português, de aparência e tudo.

Essas representações passam por uma (re)invenção identitária pautada por um projeto de transformação no outro, revelado também pelo forte sotaque português em ambos os casos, pela perda de sentimentos de pertencimento ao Brasil, como no caso de **Helen**, ou simplesmente pela crença na assimilação do “jeito de ser português”, sem que uma identidade brasileira chegue a ser negada, como no caso de **Gustavo**.

Em outras narrativas, como na de **Maria**, há uma construção que avalia positivamente características atribuídas aos/às portugueses/as em comparação a características atribuídas aos/às brasileiros/as, ainda que se aponte também para aspectos negativos da “personalidade” portuguesa.

É lógico, há preconceitos, eu já mandei currículo para lugares que gostaram até do meu currículo, mas não gostam da minha nacionalidade, do meu sotaque, mas... é como tudo, há a parte boa e a parte ruim.

(...)

A maioria das pessoas com que eu convivi foram portuguesas, porque, apesar de parecer que eles são duros, são ásperos, porque é a primeira ideia que nós temos, e são mesmo, mas são mais justos. Se você perder esse cachecol aqui e um português achar, provavelmente ele vai deixar aqui pra quando você voltar, encontrar. Mas se for um brasileiro, como eu já vi. Brasileiro é capaz se a sua roupa cair do varal, ele cata e vai embora. Eu não estou a falar que todos são assim, mas eu já vi (...). Eu tenho uma boa impressão dos portugueses, acho que são mais justos, mais honestos. É claro que há como tudo, né? Gente má e gente ruim no mundo todo.

Nessas narrativas, os movimentos de aproximação com a alteridade que se constrói é predominante, e as tensões, quando surgem, são mais vinculadas ao pertencimento ao grupo “brasileiros” do que ao grupo “portugueses”. Há uma vontade manifesta de assimilação, que pode implicar tanto na ruptura com o “nós” que se torna “outro”, quanto na assunção de uma nova identidade sem a ruptura com a outra que lhe serve de parâmetro, caso de **Gustavo**. Essas aproximações também podem ser narradas de forma bem resolvida, como no caso de **Helen**,

que narrativamente rompe com o pertencimento ao grupo “brasileiros”, como podem ser narradas de forma tensionada, como no caso de **Maria**, que embora não apresente um texto de clara ruptura com a representação de identidade brasileira narrada, constrói essa identidade de forma tão tensa e antagônica ao ponto de gerar um afastamento de fato do grupo a que continua pertencendo por assunção de nacionalidade.

Em outras narrativas, predominam os movimentos de afastamentos da identidade portuguesa construída também por diferença, o que tem impactos significativos nas (re)construções identitárias acionadas, como no caso de **Irene**, que decidida a ficar em Portugal, vê no relacionamento com a população nativa seus maiores entraves

Uma coisa que eu não me acostumo muito é a convivência, às vezes, com portugueses, porque são pessoas assim... muito frias, não tem aquele calor humano, aquela, às vezes, aquela simpatia, aquela necessidade de você bater na porta do vizinho e falar: “oi, como vai, tudo bem?” (...) Isso aí é uma coisa que a gente sente falta, muita falta aqui.

Elaboradas de forma diferente, são as mesmas características de fechamento, falta de simpatia e de calor humano que marcam as representações tanto de **Elton** quanto de **Joana** sobre os portugueses, que servem de base complementar para suas (re)invenções identitárias, nas quais o recorte de classe, no caso de **Elton**, e de classe e gênero, no caso de **Joana**, têm papel preponderante. Para **Elton**:

Há uma busca, pelo menos no início, eu vejo a maioria dos brasileiros em uma busca de aproximação e de, de, de uma forma mais íntima e, e grande parte dos portugueses bota uma barreira em cima disso, ou porque há um estranhamento mesmo, né?, acho que a gente tem uma forma de se portar diferente deles, ou porque tem uma questão, uma visão deles de rejeição a um passado, que é, que é difícil levar, um passado colonialista, um passado... pobreza, né? E agora, eu vejo que eles estão na União Europeia, principalmente as gerações mais novas não reconhecem esse passado. E os imigrantes, principalmente os de fala portuguesa, principalmente não, eles, os de fala portuguesa trazem esse passado.

Enquanto para **Joana**:

Eles em si, eles tem noção disso, eles reconhecem isso, eles são pessoas muito frias, são pessoas muito frios, o, o, o, calor humano não existe aqui (...) Eu não entendo bem porque eles, aliás, é, eu não entendo bem porque eles são tão, é... Se você pergunta: “ah, tudo bem, como é que você está?” “Ah, tô mal disposto”. Sempre eles reclamem de alguma coisa. Se você pergunta: “Ah, tá tudo bem?” “Não, não

tá nada bem”. E eu não entendo por que. Porque no Brasil, (...) tem muitas dificuldades sociais no Brasil e a gente não vê as pessoas reclamando da vida (...). A forma do povo brasileiro se comportar frente aos obstáculos do dia-a-dia, nós encaramos com mais otimismo, nós somos mais positivos, nós somos mais, como é que se diz?, mais ativos na resolução dos problemas cotidianos e aqui não é. Aqui as pessoas, pelo menos com todos que eu tive o convívio, né? Eu não percebo isso, nosso jogo de cintura, eles não têm aqui.

Na direção tomada nesses momentos por **Elton** e por **Joana**, como também em outras narrativas, são acionados os elementos da memória cultural congêneres aos que fundamentam, por exemplo, a construção estereotipada de sensualidade da mulher brasileira, do que Szilva Simai chama “*the post colonial female body fantasy*” (Simai, 2012). É do mesmo reservatório de memória coletiva, de onde se extrai a alegria e a abertura nos contatos sociais, das quais derivam no caso feminino na imaginada “acessibilidade” da mulher brasileira, que são extraídos a simpatia e a frieza, presentes nas representações de **Irene**, o otimismo presente na representação de **Fernanda** e o fechamento dos portugueses presente na representação de **Elton**. Ocorre que os pares de opostos calor-frieza, abertura-fechamento, emoção-razão etc., repetidos em outros contextos da imigração brasileira, incluindo na Alemanha, é acrescido, no contexto da imigração brasileira em Portugal, de um complicador: no discurso hegemônico sobre uma identidade nacional brasileira marcada pela miscigenação e cordialidade, o português desempenha um papel de protagonismo. Nesse discurso, foi a plasticidade que caracterizaria o português que engendrou o brasileiro/a. Na memória cultural compartilhada, sem a plasticidade do português, não haveria a alegria do brasileiro. Essa contradição em si aparece de forma muito clara se compararmos narrativas, mas aparece também no interior de cada narrativa, nas quais, muitas vezes, o “outro” português é, além de “outro”, a origem do “nós” brasileiros/as. Esse vai ser um movimento determinante na narrativa de **Fabício**, interpretada no próximo capítulo; é um movimento também presente na narrativa de **Bruno**, mesmo que a representação do português ali construída seja de antagonismo extremo e construída sob relações de colonialidade extremamente violentas. É na narrativa de **Bruno**, colhida na Alemanha, onde residia há dois anos após cinco anos de residência irregular em Portugal, que as tensões do “jogo de espelhos” que há entre identidades portuguesas e brasileiras no contexto migratório se mostram de forma mais forte e conscientemente elaboradas. **Bruno** nos conta que:

Foi muita dura a vida em Portugal, nesse aspecto, porque eu tive que, digamos assim, eu saí de meu status de assessor pra virar atendente de mesa em restaurante, trabalhando catorze, quinze horas por dia, recebendo grito, aquela relação conflituosa e dúbia que tem dos portugueses com os imigrantes das ex-colônias.

Bruno segue a tendência de descenso social atribuída pelas pesquisas aos brasileiros imigrados após a virada do milênio. De trabalhador altamente qualificado no Brasil, com uma inserção política e laboral que destaca no início da sua longa narrativa, **Bruno** vai para Portugal com o objetivo de cursar o mestrado, o que consegue apenas paralelamente às atividades laborais não qualificadas que passa a desenvolver. Posicionado agora em uma relação de subalternidade que não experienciara antes e com uma formação política e intelectual vinculada a reflexões sobre relações sociais e subjetivas, **Bruno** nos revela em sua narrativa, da forma mais transparente, os conflitos e as violências que marcam os processos de (re)construção de identidades e de atribuição de novos posicionamentos em um contexto migratório marcado também, mesmo que com suas especificidades, por relações que podem ser parcialmente entendidas como pós-coloniais, o que fica bastante claro nos casos concretos de violência narrados abaixo:

Eu fui proibido de usar algumas expressões da língua portuguesa, né, que tínhamos no Brasil, que são expressões brasileiras, que são consideradas da língua portuguesa. Fui proibido de usar isso aqui. Como por exemplo: no Brasil nós chamamos o bloco de notas de comanda, porque aquilo serve como uma comanda para movimentar as ações da cozinha. É uma ordem, é uma lógica militar, mas tem esse termo. Fui proibido de usar isso dentro do restaurante. Eu não poderia me referir àquele objeto por este nome.

(...)

Nós brasileiros, digamos assim, ainda somos os bons filhos, somos os filhos que deram certo, mas somos sempre os filhos, os africanos são os pretos de merda. Essa palavra, essa expressão não é uma expressão, digamos assim, que eu subentendia, não, ela era dita: - “Os pretos de merda!”, o tempo todo. Eu escutava isso todo dia, né: - “Os pretos de merda!”.

As histórias narradas por **Bruno** em seus encontros cotidianos e indesejados com o outro revelam uma interpretação das relações pós-coloniais portuguesas construídas em uma escala hierárquica de três níveis e fundadas sobre a ideia do lusotropicalismo adaptada pelo chamado “projeto da lusofonia”, que tenta construir discursivamente uma fraternidade entre os países de língua oficial portuguesa como estratégia de resolução dos problemas identitários de Portugal frente à escolha entre seguir sua “vocalização atlântica” ou virar-se para o continente e assumir-se como país essencialmente europeu (Ribeiro, 2000). A hierarquia em três níveis posiciona Portugal no topo, como país europeu e berço do lusotropicalismo; em um lugar intermediário é posicionado o Brasil, como o exemplo mais bem sucedido do “mundo que o português criou” (Castelo, 2000); no último lugar dessa comunidade, que se diz fraterna e se constrói sobre um

discurso de igualdade fundado no idioma comum e em similaridades culturais que tentam disfarçar as diferenças de capital simbólico e material, encontram-se os países africanos de língua portuguesa. Na aguçada percepção de **Bruno**, a lusofonia, essa “*relação conflituosa e dúbia que tem dos portugueses com os imigrantes das ex-colônias*”, constrói-se ainda sobre parâmetros coloniais. Faz-se a partir da violência do colonizador, incluindo a violência simbólica de imposição de sua variação da língua; faz-se pela relativa minimização dessa violência quando exercida sobre brasileiros, cuja relação colonial é antes um dado histórico e um sentimento português, que uma realidade aceita e sentida por brasileiros; e faz-se pela tentativa de reprodução simbólica do Império Português no trato racista dispensado aos imigrantes das ex-colônias africanas.

Não é só na narrativa de **Bruno** que o projeto lusófono é apresentado como violento e eivado de relações de poder hierárquicas e preconceituosas. Pesquisadores/as de lá e de cá e de acolá vêm insistindo nos equívocos e na reprodução de violências que se escondem por trás dos projetos portugueses fundados na lusofonia e, ainda que não declaradamente, em uma atualização do lusotropicalismo freyreano. Do lado português, Castelo (1998) e, sobretudo, Almeida (2000, 2007) têm se esforçado para mostrar as contradições desse projeto. Para Almeida:

Hoje o tropo culturalista da língua e a vaga noção de um passado comum parecem infiltrar-se como tentativas de reconstruir uma entidade pós-colonial capaz de contrabalançar o efeito de erosão da globalização e a marginalidade portuguesa no seio da EU. Estas tentativas são, evidentemente, contraditórias com uma análise fria dos processos de poder do colonialismo e das realidades estruturantes do neo-colonialismo (Almeida, 2007: 39).

Do lado brasileiro, Cunha (2002, 2010) tem dedicado parte de suas reflexões acadêmicas à interpretação e compreensão das ressignificações das relações coloniais entre Brasil e Portugal na contemporaneidade e vem mostrando como elas são fundadas no imaginário colonial que tenta reproduzir em bases simbólicas as hierarquias que outrora tiveram base também material. Para Cunha:

Flagrar este jogo entre familiaridade e estranhamento, atração e recusa, pode ser um caminho promissor para que se avaliem as ambigüidades sempre presentes nas aproximações políticas e culturais entre Brasil e Portugal que estão, por exemplo, na base da formulação de um "Bloco Lusófono", na geopolítica contemporânea (Cunha, 2002: s/p).

Ainda no Brasil, Feldman-Bianco (2007) argumenta que:

[A] sequência de conflitos, de negociações e de acomodações indica que, mais uma vez, as relações entre Brasil e Portugal reconfiguram-se pela recriação das “raízes históricas” comuns (...) pela constante produção de similaridades culturais que reescrevem, na atual conjuntura do capitalismo global, as relações históricas entre Brasil e Portugal em traços de laços horizontais de parentesco, de cultura e língua comuns (...). Essa produção de semelhanças culturais entre os dois países, marcada inclusive por tentativas (em geral fracassadas) de formulação de uma unidade luso-brasileira, trouxe à tona a perseverança e a força do espectro imperial português (Feldman-Bianco, 2007: 435-436).

Para alargar um pouco mais esse quadro interpretativo, temos entre os países africanos o forte posicionamento de Macamo (2007), dirigido não apenas à continuidade do imperialismo português, mas também ao que ele considera um novo imperialismo brasileiro no jogo das relações pós-coloniais:

Não vejo de que maneira a língua, a História ou mesmo os interesses comuns podem constituir razões para o sentido de unidade que queremos forjar. O que nos une não pode ser a Língua Portuguesa; não podem ser os interesses comuns; também não pode ser a História. Quando muito, e se estou correcto na minha leitura, uma leitura que confesso ser parcial, irada e pouco constructiva, estas coisas desunem-nos. Estas coisas são razões para não procurarmos a companhia um do outro. Estas coisas são a razão porque não devia existir uma Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa. Estas coisas são a vergonha do nosso passado. (...) O que nos une é a forte convicção de que algo nos une. Só isso. Como sociólogo que sou posso vos garantir que quando os homens acreditam que uma coisa é real, ela é real nos seus efeitos. O único que nos une é a ideia fortemente enraizada em muitos de nós de que algo nos une (...). A crença é um bom ponto de partida para começarmos a interpelar o nosso percurso comum. A convicção de que algo nos une proporciona-nos a oportunidade de reflectirmos sobre as condições de possibilidade dessa unidade (...). Penso que é isso que devemos fazer. Só um diálogo sem pré-condições – por exemplo, sob a forma de língua comum, história comum, interesses comuns – é que pode permitir pensar uma comunidade feita no entendimento. Só quando alguém me convencer da possibilidade da veracidade desse entendimento é que estarei disposto a ver a preservação da Língua Portuguesa como um problema meu. Na verdade, foi por também estar possuído por esta ideia de que algo nos une que me senti obrigado a vir aqui partilhar as minhas preocupações convosco (Macamo, 2007: 21-22).

Em sua narrativa cortada por reflexões sobre as relações dos sujeitos pós-coloniais em um contexto migratório contemporâneo em Portugal, **Bruno**, embora não se apegue à crítica ao projeto da lusofonia e do lusotropicalismo, parece ecoar as contradições e violências apontadas pela produção acadêmica mais recente. Sobretudo revela a imposição de uma identidade

portuguesa protagonista frente a identidades pós-coloniais estigmatizadas, impessoalizadas e generalizadas por vocativos não muito generosos:

Outra coisa também que pra mim era muito confusa é uma perda de identidade, não é? Em poucos momentos, eu fui, eu deixei, eu fui, eu era Bruno, eu sempre fui os, “os brasileiros”, né, “os brasileiros”, “os brasileiros” “os pretos de merda”, essas categorias, assim. Você é o tempo todo colocado para essas categorias. Dos poucos momentos e das poucas relações que eu consegui sair dessa categoria, foi a partir das relações de amizade. Você criava, digamos assim, uma, uma, uma... (...) uma exceção. Então as pessoas (...) mesmo os meus amigos me colocavam nesse lugar de exceção, porque gostavam de mim, porque se vincularam afetivamente a mim e construíram uma relação de respeito, mas na condição de exceção. Então, essa ideia de exceção também era muito dolorosa, pra mim sempre foi muito dolorosa.

Presente em outras narrativas de brasileiros/as residentes em Portugal, o vocativo “brasileiro” ou “brasileira” parece ser interpretado como uma ofensa, uma generalização que não só impessoaliza, como também desumaniza as relações nestes termos estabelecidas entre brasileiros/as e portugueses/as. Sendo que a hierarquização, impessoalização e desumanização atingem de forma ainda mais forte angolanos/as, cabo-verdianos/as e outros nacionais dos países africanos ex-colônias de Portugal, reunidos sob o vocativo “africanos”, “os pretos” ou, de forma altamente degradante, como “os pretos de merda”, conforme narrativa de **Bruno**. A tensão nas formas de tratamento, que aparecem nessa e em outras narrativas sobretudo no campo laboral, revelam a persistência de representações advindas de um imaginário colonial fundado em relações de senhorio. Mais afastadas no tempo e, até certo ponto, minimizadas pelo papel preponderante do Brasil nos dias atuais na consolidação de uma “comunidade lusófona”, a memória colonial reserva aos brasileiros/as um nível intermediário nessas representações.

A violência das representações coloniais é experimentada por **Bruno** de forma tão intensa e clara que, mesmo nas relações amistosas estabelecidas com portugueses/as ele a percebe com a formulação da ideia de “exceção”, que se encaixaria muito bem em um quadro conceitual pós-colonialista, construindo uma imagem-força bastante eloquente sobre processos subjetivos de (re)construção identitária carregados pelas marcas de uma memória cultural fundada na violência da colonização.

Cabe lembrar que a ideia formulada por **Bruno** está presente também na narrativa de **Elton**, quando ele diz ser curioso que seus relacionamentos com portugueses/as se limitam a um grupo de portugueses/as que se inserem nos grupos imigrantes, não são os/as imigrantes

que se inserem na sociedade portuguesa, mas apenas grupos específicos da sociedade portuguesa que buscam a inserção no “mundo” dos imigrantes, a imagem-força da exceção está claramente presente também nessa representação.

Construída sobre a crítica ao caráter português, essencializado por meio de suas relações pós-coloniais, e marcada seja pela violência, pelo apagamento do outro ou mesmo pela ideia de exceção, que, embora construída em um contexto de aproximação, não deixa de ser violenta, a (re)construção identitária de **Bruno** é marcada pela reafirmação de suas características atribuídas tanto a aquisições individuais, como sua alta qualificação profissional, como por características de uma identidade coletiva da qual em nenhum momento se desvincula:

A integração é sempre do pressuposto que você tem que, de certa forma, se substituir. E eu sempre achei o contrário, eu sou uma mais-valia, o que eu sou é uma mais-valia, de todo o meu ponto de vista do meu conhecimento técnico, que é bom (...). Culturalmente, do ponto de vista da integração, óbvio que a sociedade brasileira tem contrastes muito grande do ponto de vista do que é integração. Mais eu acho que ela serve como modelo (...). Sim, do ponto de vista do entendimento de integração. A sociedade brasileira serve como modelo pra Europa, apesar dos seus contrastes, e da violência resultante nesses contrastes. Mais a ideia, o esboço do que tá posto... Eu acho que tem essa que é a lógica do brasileiro, ele assimila, ele tem capacidade assimilativa, né? Pro bom e pro mau (...). Não é preciso muito pra ser brasileiro. E quantas gerações é que são necessárias pra ser europeu? Ou mesmo alemão? Ou até português?

As (re)afirmações identitárias de **Bruno** são estratégicas em meio a um processo de identificação marcado pelo confronto violento com o outro e pela afirmação da não assimilação e da resistência. É o confronto explícito e a interpretação histórica que faz dele que leva **Bruno** a afirmar ainda que:

Eu amo, o Brasil pra mim... sou eu, assim, o Brasil tá em mim, eu sou brasileiro. Existe uma coisa aqui num processo de integração, tanto em Portugal, mas que também é vivido aqui [na Alemanha] é que é necessário que o sujeito se destitua do que é, eles se lascam porque eu não vou me destituir do que eu sou. Eu não tenho saudade do Brasil porque eu estou sempre em mim, eu sou do Brasil.

As (re)afirmações de identidade presentes no processo de identificação experimentado por **Bruno** em seu enfrentamento com o português no contexto claramente interpretado como pós-colonial, além de reforçar sua estratégia de confronto aberto às hierarquias construídas no cenário hodierno entre metrópole e ex-colônias, reforçam também o argumento que vem sendo repetido aqui da variedade e complexidade de processos de identificação multifacetados, dos

elementos complicados de um processo já em si complexo de (re)construção identitária em um contexto migratório, quando esse contexto envolve relações com um outro ambíguo por estar presente na construção discursiva do “nós”. Diferente de relações coloniais tardias, ou mesmo de relações coloniais modernas em que a representação do “nós” foi construída frente ao posicionamento do colonizador como o “outro”, a identidade brasileira não foi construída frente a construção do português como alteridade, pelo contrário o português foi discursivamente incorporado ao “nós” nas narrativas mestras da nação brasileira. Conforme nos lembra Rowland:

Há que se ter em conta o carácter artificial e construído das distinção entre “portugueses” e “brasileiros” no início do século XIX. Muito embora tenha havido uma (bastante limitada) consciência nativista entre alguns sectores do Brasil colonial, as circunstâncias que levaram à independência, em particular o facto insólito de a Corte se ter transferido para o Rio de Janeiro, fizeram com que as fronteiras entre os dois grupos fossem na década de 1820 fluidas e mal definidas (...). Há que se ter em conta as exigências, ao nível da produção de discursos de legitimação, do processo de construção da nova nação (...) Trata-se de um problema de fundo que foi obtendo repostas diferentes e contraditórias ao longo do século XIX e durante a primeira metade do século XX (Rowland, 207: 401).

Sabemos que as respostas obtidas na primeira metade do século XX e que constituiriam as narrativas mestras da “brasilidade” incorporaram o elemento português como fundante da identidade nacional. Esse “nó identitário” prenhe de ambivalências pode ser encontrado inclusive em um projeto de identificação tão sólido teoricamente e politicamente refletido como o de **Bruno**, que constrói a representação negativa de uma identidade portuguesa fundada na violência colonial, e a representação positiva de uma identidade brasileira marcada pela miscigenação sem levantar considerações sobre se tratarem ambas as representações de dois lados de uma mesma moeda, de serem construídas sobre processos históricos violentos que, na construção discursiva de uma identidade brasileira mestiça, foram tornados ambivalentes, emprestando positividade à relação de estupro e violações de toda sorte. Os mesmos elementos que **Bruno** aciona para representar a violência portuguesa e a maleabilidade brasileira são acionados em outros contextos para representar a plasticidade portuguesa e a constituição essencialmente portuguesa de uma identidade brasileira.

A relação colonial é também usada por **Karen** em sua (re)construção identitária. Ainda que encontre uma solução diferente do enfrentamento, **Karen** não deixa de passar por ele quando nos conta que:

Eu era tratada como ‘a brasileira’: “ô brasileira, vem aqui; ô brasileira, vem aqui...”, isso me causava uma certa irritância (...). Me chamavam de “brasileira”: “ô brasileira!”; “a brasileira”... e eu ficava, tipo... “ah! a minha brasileira”, tipo, como se eu fosse... “a minha escrava”.

(...)

Uma vez um cara discutiu comigo e falou comigo: “ah! porque vocês vêm aqui e fazem isso e fazem aquilo...”, eu falei: “ó só, (...) a gente vem fazer o trabalho precário que vocês não fazem e outra coisa, a gente vem pegar o que é nosso, porque vocês entraram no nosso país, roubaram, estupraram, mataram e a gente não reclamou, agora, vocês vêm reclamar que a gente vem aqui ganhar € 500? Sendo que vocês destruíram o nosso país? E outra coisa, nós brasileiros somos frutos dos estupro de vocês, nós somos isso, nós somos os bastardos de vocês, agora, se vocês querem assumir isso ou não, a realidade é essa; porque os nossos índios tavam quietinhos lá - eu sou indígena -, nossos índios estavam quietinhos lá, vocês foram, nos fizeram, porque a raça brasileira é o fruto da orgia de vocês, que largavam as esposas aqui e iam lá fazer merda com as índias - vocês, os espanhóis, os raios-o-que-o-partam, os alemães - e nós somos isso; nos somos os abortos que vocês fazem hoje; então, eu acho que não tem motivo de vocês não gostarem da gente, vocês podem não querer assumir a paternidade, mas tratar mal, também acho que não tem necessidade, entendeu? e quando... e, pra mim, minha cabeça é essa, entendeu, pra mim... então, pra mim, quando uma pessoa me trata mal, eu falo: “pobre coitado, não conhece a história do país dele; não sabe de aonde a gente veio, entendeu, não sabe o que eles fizeram pra gente; ô coitadinho, deixe ele pra lá”, então, pra mim, isso já não me afeta.

As representações fundadas em uma memória cultural compartilhada são claras também nesses excertos da narrativa de **Karen**. Se ela ainda necessita ser revelada pela interpretação no primeiro excerto, pois se manifesta apenas pela palavra “escrava”, que pode não remeter um ouvinte desatento para as relações coloniais, estas são escancaradas no segundo excerto. Não cabe então na interpretação limitar-se a “re-dizer” o já dito por **Karen**; se é óbvio que o imaginário colonial desempenha um papel relevante em suas construções identitárias no contexto migratório em Portugal, não é claro o quão ambivalentes essas relações podem ser, como tampouco são claras as estratégias acionadas por **Karen** no manejo dessas tensões identitárias.

Amparado por toda uma literatura que direciona o olhar da interpretação, uma leitura um pouco mais dedicada do texto que se origina da narração de **Karen** mostra mais uma vez e de forma contundente as ambiguidade dos processos identitários de sujeitos que têm como “outro” identidades coletiva que anteriormente faziam parte do “nós” de suas construções

identitárias. Exceto em casos bastante específicos, a representação de uma matriz identitária portuguesa para uma certa identidade brasileira em torno da qual circulam as (re)construções identitárias no exterior – seja por negação ou reafirmação – não se torna o centro das tensões de processos identitários quando estes processos não têm que se fazer frente a essa identidade matriz. É apenas no contexto migratório em Portugal que a contradição entre “nós” e o “outro parte de nós” se torna central nos processos de reconstrução identitária e aí as reformulações de identidade que trazem à tona a violência das relações coloniais parece atingir a todos e não apenas a determinados setores da população que, no Brasil, tentam reinventar suas identidades coletivas rompendo com a lógica da miscigenação que nos uniria como nação.

No excerto de **Karen**, essas contradições se mostram no forte posicionamento, ao ser atacada por um português, no qual, em um primeiro momento, reafirma seu direito de estar ali, se impõe, retira do agressor a sua agência e, em um segundo momento, constrói seus direitos no fato de serem os brasileiros os/as filhos/as bastardos/as dos portugueses, que ainda se recusam a assumir essa “paternidade”. A representação criada é quase claustrofóbica, aparentemente insolucionável. A resolução encontrada em seu processo de (re)construção identitária em Portugal se assemelha com a da filha madura que supera o pai depravado ao conseguir ignorá-lo e tratá-lo como digno de pena. É por esse caminho, que não pude explorar com as ferramentas teórico-metodológicas que consegui acumular em minha jornada, que **Karen** vai se aproximar dos/as portugueses/as, (re)construir sua vida em Portugal em uma narrativa poética e emancipatória, que se constrói por meio de uma identidade que faz o contraste entre o que ela deixou de ser ao se afastar do Brasil e o que ela se tornou ao se humanizar em Portugal. Na (re)construção de sua identidade, **Karen** se apresenta como menos brasileira, mas não como mais portuguesa e sim como mais humana, como alguém que descobriu como pode ser prazerosa uma “carreira” de empregada doméstica, para alguém que gosta das atividades relacionadas a esse trabalho e consegue se desligar de símbolos de status e de futilidade ao sentir-se bem com coisas antes inimagináveis. **Karen** nos revela que:

Tem duas coisas que me deixam feliz: eu fico muito feliz no outono, quando eu vejo as folhas cair, eu acho lindo aquilo (...) e ficar perto das casinhas de churros; eu fico tão feliz de ter uma conversa perto daquelas casinhas de churros, aquilo brilhando, parece Las Vegas.

Embora haja um quadro de possibilidades múltiplas de (re)construções identitárias a partir tanto do cruzamento de estratégias narrativas de aproximação e afastamento de alteridades que se constroem internamente à população brasileira por critérios de classe e gênero, sutilmente cortados pelo critério de raça, quanto pela construção de continuidades e

diferenças entre portugueses/as e brasileiros/as, das quais também pode haver aproximação ou afastamento, os excertos das narrativas usados no esboço do campo de possibilidades da interpretação estrutural que se pretende neste capítulo podem deixar uma impressão de que cada narrativa é mais ou menos coerente em si mesma ao conjugar um número de estratégias de (re)construções identitárias compatíveis entre si. Faz-se então urgente e necessário deixar claro que a aparente coerência interna a cada narrativa se deve apenas ao esforço de organizá-las em um campo de possibilidades discursivas dado pela memória cultural, o que não deve, contudo, mascarar o fato de que tensões, ambivalências e contradições estão presentes em maior ou menor grau em cada uma dessas narrativas, algo que pode exemplarmente ser motrado na interpretação detalhada que faço de uma dessas narrativas no próximo capítulo, na qual quase todos os movimentos de aproximação e afastamento internos e externos se encontram em um processo de (re)construção identitária tenso, ambivalente e contraditório, como solem ser os processos de identificação.

Capítulo 6 (Re)inventando identidades em Portugal

Bien es verdad que el segundo autor de esta obra no quiso creer que tan curiosa historia estuviese entregada a las leyes del olvido, ni que hubiesen sido tan poco curiosos los ingenios de la Mancha que no tuviesen en sus archivos o en sus escritorios algunos papeles que de este famoso caballero tratasen, y así, con esta imaginación, no se desesperó de hallar el fin de esta apacible historia, el cual, siéndole el cielo favorable, le hallo del modo que se contara en el siguiente capítulo (Miguel de Cervantes, El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha)

6.1 Apresentação

Neste capítulo procuro interpretar densamente uma das entrevistas realizadas em Portugal que foi selecionada para a interpretação pelo critério de frequência e intensidade das “passagens citáveis”.¹⁶³ Tanto na identificação das “passagens citáveis”, quanto na interpretação da narrativa selecionada, levei em consideração principalmente a abordagem das representações identitárias tecida no capítulo anterior, sobretudo a partir dos recortes de gênero e de classe recorrentes nesses processos identitários. Levando em consideração as “passagens citáveis” e esses dois recortes, selecionei com certa facilidade duas entrevistas, uma marcada por recortes de gênero e outras por recortes de classe. Como nesta segunda entrevista havia muito mais interseções com as questões de pertencimento nacional, que estão no centro de minhas perguntas de investigação, optei por utilizar neste capítulo essa entrevista, não sem pesar de ter de deixar o aprofundamento da outra entrevista para ser feito em outra oportunidade.

Diferentemente do que ocorreu com a entrevista selecionada para a interpretação feita no Capítulo 8, não pesou na entrevista aqui selecionada a construção estética da narrativa. Entre as duas entrevistas primeiramente selecionadas, uma pelo recorte de gênero e outra pelo recorte de classe, aquela foi construída com uma tessitura muito mais densa do que esta, que é mais linear e menos imbricada; contudo, como já dito, nesta as interseções com o pertencimento nacional aparecem com muito mais frequência, o que pesou na sua escolha final para a interpretação segundo os planos de Motta, a partir da montagem da narrativa resumida com o uso das ferramentas de Labov.

¹⁶³ Ver definição de “passagens citáveis” na Nota de Rodapé 18.

No item “plano da história”, tento, em um primeiro movimento, reconstruir a narrativa selecionada com categorias de interpretação tomadas de Labov (2006; 2010) (ver Capítulo 4). Parto do evento mais reportável da narrativa para identificação de suas outras partes e reelaboração do texto a ser interpretado.

Influenciado pelos insights de Bruner (1991), Bal (1999) e Nünning (2002), entre outros, e, sobretudo, por meio da proposta analítica de Motta (2013), tomo a reconstrução feita com base em Labov como ponto de partida da interpretação cultural que segue os movimentos interpretativos de Motta (2013), com a inclusão fundamental de interpretação da representação de atores sociais conforme van Leeuwen (2008) (ver Capítulo 4), retirando os elementos da interpretação do quadro histórico-cultural construído no capítulo anterior.

No plano do texto, que se une ao plano da história pela ponte que construo com a representação de atores sociais de van Leeuwen, baseio-me em Fairclough (2003) para vislumbrar os aspectos discursivos que se mostram pela interpretação linguística de excertos do texto original da narrativa. Na interpretação discursiva dessa narrativa, trabalho com as categorias avaliação, interdiscursividade, intertextualidade e modalização, definidas no Capítulo 4 desta tese. Lembro com Resende e Ramalho (2011) que a definição das categorias de interpretação em ACD devem surgir do texto interpretado e não devem ser definidas previamente. Lembro também, ainda com as autoras, que toda interpretação crítica de discurso é parcial, incompleta e passível de ser revista, o que também vale para a interpretação crítica de narrativa.

6.2 Plano da história e metanarrativa

Na interpretação do enredo da narrativa buscada nesse plano, sigo nominalmente os cinco primeiros dos sete movimentos de análise crítica de narrativa propostos por Motta (2013: 140-211), sendo que considero incluídos nesses cinco movimentos que sigo os dois últimos movimentos propostos pelo autor. O resultado mais imediato do primeiro movimento pode ser visto na pré-construção narrativa, à qual se segue, em primeiro lugar, uma breve descrição da reconstrução da narrativa a partir da identificação, nomeação e ordenamento de seus episódios. Após a breve descrição, segue a interpretação dos episódios sinteticamente reconstruídos, o que engloba os segundo, terceiro e quarto movimentos propostos por Motta. O quinto e último movimento, que trata da interpretação das “personagens”, é feito já no plano do texto, por meio da interpretação da representação de atores sociais, conforme proposta de van Leeuwen (2008).

Aqui os excertos trabalhados são retirados do texto original da narrativa. Embora separadas em subitens, não há, assim, interrupção entre a interpretação narrativa e a interpretação textual.

Para chegar à narrativa interpretada, parto do evento mais reportável (e0) da narrativa, passo pela sua pré-construção (e-n ... e-3, e-2, e-1), e chego a uma síntese da narrativa que é, então, o objeto da interpretação empreendida com as ferramentas da ACN, seguidas ininterruptamente da interpretação com as ferramentas da ACD, neste caso sobre excertos do texto integral.¹⁶⁴

Após a identificação do evento mais reportável da narrativa (e0), pôde ser elaborada a pré-construção que serve de base para a remontagem resumida da narrativa a ser interpretada. Apesar de ter “e0” como ponto de partida de sua elaboração, após elaborada a pré-construção é apresentada a partir de seu ponto mais extremo no sentido prospectivo (en), passando pelo evento mais reportável (e0) – ponto de partida da pré-construção – e pelo evento inicial (ei), até a matriz inicial (i0):

Pré-construção narrativa a partir da identificação do evento mais reportável (e0)

e1 O narrador tece considerações sobre as semelhanças entre Brasil e Portugal, sobre as diferenças entre Portugal e a Europa do norte, sobre as diferenças entre os brasileiros que vivem em Lisboa e sobre o peso da experiência da migração.

porque

e0 Ele tem pensado muito sobre a necessidade de desconstruir um bloqueio inicial e fazer amigos portugueses, frequentar os lugares que eles frequentam, visitá-los em casa, jantar com eles à mesa .

porque

e-1 Após dez anos, ainda guarda um ressentimento em relação aos portugueses que o impede de uma aproximação e de realmente “viver” ali em Lisboa, algo que considera estranho.

porque

e-2 Ele não poder reclamar da vida em Lisboa, teve bons empregos, conheceu muitas pessoas.

porque

¹⁶⁴ Uma descrição mais detalhada das categorias de interpretação aqui apenas mencionadas é feita no Capítulo 4 desta tese. Remeto o/a leitor/a então à leitura do Capítulo 4, sem o qual se tornam de difícil compreensão as interpretações realizadas neste Capítulo 6.

e-3 Ele não veio em busca do Eldorado, não vive para ganhar dinheiro e adquirir bens no Brasil. Vive ali por opção, porque gosta.

porque

e-4 Ele faz parte de um grupo de brasileiros diferenciados, que se reúne em Lisboa devido ao estilo de vida e que não se enquadra na migração econômica.

porque

e-5 Embora haja algo que una todos os brasileiros, os que vieram para ganhar dinheiro têm um *habitus* de classe diferente e já estão voltando. E os brasileiros diferenciados vão ficar.

porque

e-6 Eles têm uma inserção diferente em Lisboa, que se dá pelos locais e hábitos da comunidade de brasileiros diferenciados que vivem ali.

porque

e-7 A integração em uma determinada “comunidade brasileira” em Lisboa não é definida só pela experiência da imigração, mas sim pelos pertencimentos já existentes no Brasil.

porque

e-8 A integração que se define pela experiência da imigração não é a integração na comunidade brasileira, mas sim a integração na sociedade portuguesa.

porque

e-9 A recepção, o primeiro contato com a sociedade de acolhimento determina muita coisa

porque

ei O primeiro contato do narrador com a sociedade portuguesa ao trabalhar em um local onde os empregados eram muito mal tratados foi traumático.

i0 descrição dos eventos que levaram à decisão de migrar e das condições da migração

O evento mais reportável (e0) da narrativa de **Fabrizio** não é de fácil detecção, pois não se trata propriamente de algo excepcional ou inacreditável ou surpreendente, como será o caso na narrativa alemã a ser interpretada no capítulo oitavo. Segundo o “paradoxo da reportabilidade” formulado por Labov (2010b), quanto mais crível é um evento menos reportável ele se torna; além disso, quanto mais longa é a cadeia de causalidade retrospectiva de um evento “n” até a chegada ao evento inicial, mais explicado ele é e mais compreensível e,

portanto, menos reportável ele se torna, o que afeta também a narrativa em tela. Contudo, ao buscarmos o evento mais reportável em uma narrativa, estamos buscando um evento em relação a outros e, mesmo que o grau de reportabilidade de um evento seja baixo, ele pode ser em relação a todos os outros eventos, o mais reportável. A intensidade da reportabilidade não é o fator mais relevante, por isso mesmo Labov abandona a proposta inicial de trabalhar com a ideia absoluta de “reportabilidade” e se prende à ideia relacional de “evento mais reportável”.

No caso da narrativa de **Fabrizio**, o evento mais reportável o é não por seu grau de reportabilidade em si, pois não é nada surpreendente ou inacreditável que um imigrante não consiga se relacionar intimamente com nativos da sociedade de acolhimento e que tenha como objetivo quebrar essa barreira como forma de se sentir inteiramente integrado à nova vida. O que torna esse fato o mais reportável na narrativa é a forma como o narrador o constrói após tantas reflexões sobre as relações estabelecidas no contexto migratório. A lacuna na integração é interpretada como uma falha pessoal a ser vencida, algo que depende apenas de uma auto-superação do próprio narrador. A questão da integração de imigrantes que vêm sendo foco de debates acadêmicos e de decisões políticas em praticamente todos os países da EU, notoriamente um problema social que poderia descrever como total, pois afeta e é afetada com igual intensidade por todas as esferas das relações sociais – políticas, econômica, culturais etc. – é entendida como uma questão de atitude pessoal, que pode, sem muita dificuldade, ser individualmente superada. A maior grau de reportabilidade desse evento é, então, duplamente relacional: ele é maior em relação aos outros eventos narrados e é reportável em relação ao contexto sócio-político-cultural, ao contexto histórico ampliado em que é narrado.

Reconstrução narrativa a partir da identificação e descrição dos episódios (E):¹⁶⁵

E1 – A decisão de partir

Fabrizio se apresenta e fala sobre o contexto que o levou a tomar a decisão de partir para Lisboa, algo que poderia ter feito antes por ter uma irmã já instalada na cidade, mas ainda não tinha havido interesse. Foi em meio a dificuldades pessoais, muito trabalho e pouco salário e uma filha recém-nascida, que ele tomou a decisão de partir. Após dez anos vivendo em Lisboa, **Fabrizio** acredita que mudou muito, uma das coisas que aprendeu é se referir ao país de origem como “o meu Brasil”, pois aprendeu que existe vários Brasis e não é possível generalizar.

¹⁶⁵ Para não confundir o leitor, relembro que “E” indica episódio, enquanto que “e” indica evento.

E2 – O determinismo da chegada

A chegada de **Fabrício** a Lisboa não foi traumática, a presença da irmã na cidade lhe proporcionou uma cama, um quarto, comida quente, “toda uma estrutura”. Três dias após chegar, **Fabrício** já estava trabalhando em um restaurante, local onde foi muito maltratado pela patroa, ficou aí oito meses e trocou de trabalho, onde também foi maltratado pelo patrão. Para **Fabrício**, essas experiências iniciais deixaram suas marcas expressas pela dificuldade que ele encontra em se relacionar com portugueses/as até hoje.

E3 – O que nos une

Um bar brasileiro em Lisboa é descrito por **Fabrício** como exemplo de como a chegada de um brasileiro em Lisboa pode ser acolhedora e não traumática como foi a sua, dependendo de por onde se chega. O bar é local de reunião de uma “brasilidade diferenciada”, “de um círculo sociocultural diferente”, do “brasileiro que não curte o sertanejo, o pagode, o samba”. Para **Fabrício**, em Lisboa ele se sente mais brasileiro, ali ele descobriu esse “sentimento de pertencer a alguma coisa”, a “algo mais que nos une”, a brasilidade, ou ainda acima da brasilidade, a latinidade. Em Lisboa não é difícil estar perto do Brasil, porque ali está a matriz de muito do que nós vemos no Brasil.

E4 – O que nos separa

Além do que nos une, há o que nos separa e que vem do Brasil. *“Isso vai do nível sociocultural de cada um”*, pois, para **Fabrício**, há vários Brasis em Lisboa. Somos todos brasileiros, mas há uma continuidade na imigração: quem era “do povo” no Brasil, vai continuar sendo “do povo” em Lisboa, quem se sentia separado “do povo” no Brasil, vai continuar se sentido separado “do povo” em Lisboa, e isso se reflete nos lugares que se frequenta, nas pessoas que se conhece etc. Mas há algo que está acima da divisão de classes e que beneficia a todos: o brasileiro é aberto, ele fala com as pessoas, ele desperta o fascínio dos europeus.

E5 – Digressões: reconstruindo as razões da partida e da permanência

Reverendo sua história de vida a partir da imigração, **Fabrício** introduz um elemento novo nas motivações para migrar: quando veio teria dito à família no Brasil que iria juntar dinheiro em um ano e voltar para o Brasil, mas ao chegar percebeu que isso não era fácil, não era fácil juntar dinheiro e não era fácil voltar, pois você começa a gostar do lugar, constrói uma vida e o tempo passa. **Fabrício** acha que não pode se queixar, teve bons empregos, inclusive uma boa patroa em um local turístico que lhe proporcionou muitos contatos e o estabelecimento de muitas relações sociais.

E6 – Digressões: reconstruindo diferenças e identidades

Mas, mesmo que não possa reclamar, **Fabrício** guarda o ressentimento dos primeiros contatos com portugueses/as, quando era muito maltratado por uma patroa e depois por um patrão. Mas isso é, para **Fabrício**, uma questão pessoal, se deve a sua experiência é não é a realidade de muitos brasileiros/as, que estabeleceriam fortes vínculos com portugueses/as. **Fabrício** se socializou e se sente pertencendo em Lisboa a uma comunidade fechada de brasileiros que se sentem bem entre si, ainda que a maioria dos outros brasileiros dessa comunidade não tenha os mesmos problemas com os portugueses. **Fabrício** acredita que ele precisa mudar, ele precisa se abrir e tem pensado muito sobre isso.

E7 – Reflexões: Portugal é muito Brasil e pouco Europa

Em meio a suas reflexões sobre sua relação com os Portugueses, **Fabrício** reflete também sobre as relações entre Portugal e Brasil, entre Portugal e Europa, e sobre como é relativamente mais fácil emigrar para Portugal do que para outro país. Para **Fabrício**, Portugal é muito Brasil, é um Brasil em menores proporções ou é hoje o que o Brasil talvez será daqui a trinta anos. Portugal não é como Londres ou como a Alemanha; ali vive-se ilegalmente com tranquilidade: como no Brasil, a lei não é para ser aplicada tão a sério. Até em Lisboa a vida é lenta. No imaginário europeu, Portugal é tão fascinante e exótico quanto o Brasil. É um país latino, é o paraíso em casa para os europeus do norte. Para um brasileiro, emigrar para Portugal implica fazer apenas uma leve adaptação, pois as coisas são muito semelhantes.

E8 – Brasileiros e brasileiros, brasileiros e portugueses: um resumo da história

Ao final, **Fabrício** retoma que toda adaptação em Portugal depende do perfil da pessoa, e agora, no momento da crise, vai ficar quem optou por viver ali, o/a imigrante que está em busca do Eldorado vai embora. A crise é vista por **Fabrício** como uma peneira. Muitos vão embora, mas o impacto da “invasão” de brasileiros, semelhante a “um ataque de vândalos”, vai deixar suas marcas em Portugal, a “nossa cultura” vai ficar. E **Fabrício** também.

Adotando-se uma proposta de sequência narrativa básica triádica, composta por uma situação inicial que sofre uma perturbação, que tende a ser solucionada, podemos dividir a narrativa resumida em quatro sequências narrativas: Sequência *A* (*SA*), que engloba os episódios 1 e 2; Sequência *B* (*SB*), que engloba os episódios 3 e 4; Sequência *C* (*SC*), que coincide com os episódios 5 e 6; e Sequência *D* (*SD*), que engloba os episódios 7 e 8. O que marca cada uma dessas sequências é uma tematização que coincidentemente se concentra em dois capítulos cada uma – é aberta, refletida e resolvida em dois capítulos – exceto na última

sequência, na qual questões centrais dos episódios e sequências anteriores são retomadas em uma espécie de conclusão de toda a narrativa, na qual os elementos centrais são retomados, alguns revistos e outros reafirmados.

Tomemos então, para a interpretação, os episódios narrados, inseridos em suas sequências narrativas, que, juntas, conformam a narrativa reconstruída para interpretação a partir da entrevista original disponível no Anexo A.¹⁶⁶

*A decisão de partir*¹⁶⁷

SA	E1	mv1	OR	<i>Meu nome é Fabrício, eu sou de XXXXXX e tenho 39 anos. Daqui a um mês eu completo dez anos que eu tô aqui, daqui a um mês faz dez anos, e pronto.</i>
		mv7	CN	<i>Uma coisa que eu sempre tenho noção é que eu mudei muito; isso é um fato; todo mundo muda, né, mas esses dez anos vivendo fora do Brasil, realmente, eu noto uma mudança; eu já não sou mais aquele homem que saiu de lá há dez anos atrás.</i>
		mv2	OR	<i>Eu era professor de história também, o quê, dava aula em três escolas, ganhava R\$ 600.</i>
		mv3	OR PE1	<i>Eu já tinha uma irmã que vivia aqui em Lisboa e que sempre insistia pra eu vir pra cá, mas eu, por várias razões, nunca tive interesse; eu sempre tive vontade sim de sair do Brasil, mas nunca tinha tido essa vontade, esse interesse, e pronto.</i>
		mv4	OR CA	<i>Ela foi ao Brasil de férias, em 2003, e insistiu, insistiu, insistiu, e eu: “tá, tá bom, eu vou! tudo bem”, não tava bem lá mesmo, profissionalmente falando, eu trabalhava muito e ganhava muito pouco, então, foi um incentivo, eu vim; e não só por isso, meu, eu sempre tive aquela vontade de sair do meu Brasil, né...</i>
		mv6	CN AV	<i>Uma coisa que eu aprendi também a falar aqui, descobri aqui que não tem um Brasil, tem vários Brasis; eu aprendi a dizer: “ah! lá no Brasil é assim”, não é assim, “lá no meu Brasil é assim” porque eu não sei a realidade do cara que é lá de Porto Alegre, do cara que é lá de Belém do Pará, aquilo é um continente, né, porque muitas vezes você diz: “ah! no Brasil é assim...”, de uma maneira taxativa, né, como se aquilo fosse válido pra todos, mas não é, meu, você tem várias realidades socioeconômicas, culturais, geográficas diferentes, mas...</i>
		mv5	OR CA	<i>No meu Brasil, nesse caso, a minha realidade naquela altura juntou duas coisas: a vontade que eu tinha de viajar, de sair, de conhecer lugares novos e o momento</i>

¹⁶⁶ A montagem dos episódios é feita com excertos do texto original considerados suficientes e necessários para reproduzir o teor dos episódios identificados e nomeados a partir da pré-construção narrativa. Os excertos selecionados são ordenados na mesma sequência em que aparecem na íntegra do texto.

¹⁶⁷ Para não interromper o texto, prefiro lembrar em nota de rodapé a descrição das abreviaturas usadas: AN – antagonista; AV – avaliação; CA – complicação; CN – construção do narrador; E – episódio; encd – encadeamento; encx – encaixe; IN – inflexão; mv – movimento; OR – orientação; PE – personagem; PR – protagonista; RE – resolução; S – sequência. Todas essas categorias são indicadas por suas abreviaturas, que antecedem as passagens citadas da narrativa, mas só são compreensíveis a partir do texto interpretativo que segue cada episódio. A descrição detalhada de cada categoria, bem como dos passos seguidos na pré-construção narrativa e na identificação dos episódios, foi feita no capítulo 4 desta tese.

que eu tava; eu não via o dinheiro, dificuldades, a minha filha tinha acabado de nascer naquela altura... tinha um ano quando eu vim pra cá e esse foi o incentivo que eu precisava, então eu vim pronto.

Assim como acontece na narrativa de **Gabriela**, interpretada para o contexto da Alemanha (Capítulo 8), **Fabrizio** começa a narrativa pela construção do caráter no narrador, estratégia narrativa esperada em uma (re)construção biográfica. Mesmo assim, o caminho escolhido para a construção do narrador não deixa de ser interessante. Deixando de lado o primeiro movimento (mv1), que é quase automático devido ao comando da entrevista, **Fabrizio** escolhe começar a (re)construir sua identidade nessa narrativa dando ênfase à mudança, o que em uma ordem causal ordenei como movimento 7(mv7). Essa escolha não é óbvia, mas sim uma escolha entre várias outras possíveis. Veremos que na narrativa alemã, a narradora escolhe começar sua construção identitária por uma narrativa de “retorno às raízes”, **Fabrizio**, ao contrário, escolhe começar pelo fim, pelo que é hoje e não pelo que sempre foi. Esses movimentos iniciais têm grande peso na (re)construção identitária empreendida.

Para **Fabrizio**, a mudança é um dado de onde se parte, é uma questão resolvida e, embora seja importante para o entendimento do projeto dramático, não será primordial nos conflitos que aparecem no desenrolar da história; os conflitos serão de outra ordem. Na narrativa interpretada para o contexto alemão, as mudanças são afirmadas apenas na trama da narrativa, e o seu manejo está diretamente relacionado tanto aos conflitos quanto ao projeto dramático. **Fabrizio** começa assumindo que “mudou muito”, mas para que a mudança apareça faz-se necessário, contudo, descrever um pouco do que era antes, e isso é feito pelos movimentos de orientação concentrados nesse episódio e com uma breve continuidade no próximo episódio. De qualquer forma, os movimentos de orientação são poucos (mv2 a mv5) e não deixam mesmo perceber quão grandes foram as mudanças afirmadas por **Fabrizio**. A **Fabrizio** interessa mais falar do que ele “é” hoje do que de antes. Na narrativa ficará claro que seu projeto dramático passa por uma afirmação bastante positiva de uma identidade em (re)construção no contexto migratório, que, se não é feita em detrimento de uma identidade da qual o narrador se diz afastado (pois “mudou muito”), uma vez que essa identidade anterior quase não aparece, é feito sobre o apagamento desta, justamente porque ela não aparece.

Mudar para Portugal parece nesse primeiro episódio ser suficiente para esclarecer a mudança sofrida pelo narrador. Embora anuncie uma mudança identitária, é a mudança geográfica ocasionada pela imigração que é tematizada no episódio E1, e os movimentos de orientação servem para mostrar o deslocamento geográfico, incluindo a primeira personagem que aparece na narrativa, a irmã (mv3), responsável imediatamente pela decisão de mudar, por

constituir um ponto de uma rede de migração já estabelecida em Portugal. Em Portugal, conforme ressalta a literatura sobre migração, as redes migratórias desempenham papel extremamente relevante na manutenção do fluxo migratório brasileiro para este país, o que se reflete em grande parte dos relatos das experiências de imigração ouvidos em Portugal, incluindo o de **Fabício**.

A única mudança interna apresentada no episódio é feita por meio de uma avaliação sobre algo aprendido em Portugal (mv6), aprendizagem possibilitada pelo olhar de longe, por uma posição privilegiada e relacionada a uma interpretação sobre o Brasil que é possível a quem o vê de fora. Esse será o tom das mudanças quando voltarem a aparecer nos próximos episódios, e o lugar privilegiado de onde se fala será parte fundamental na encenação de uma das duas vertentes do conflito dramático que se anuncia, a relação com os brasileiros/as. A segunda vertente do conflito dramático, a relação com os/as portugueses/as, aparecerá no próximo episódio. No último movimento de orientação em E1 (mv5), aparece uma complicação que poderia ser interpretada como relevante para a decisão de mudar, mas **Fabício** não volta a ela durante a narrativa e uma breve descrição que deixa a expectativa de desenvolvimento fica no ar. Como dito, uma identidade anterior é “apagada” na estratégia de (re)construção identitária feita a partir da posituação das mudanças trazidas pela migração.

Esse primeiro episódio E1 abre a Sequência A com uma situação inicial na qual já se faz presente uma complicação; nesse caso, a migração não aparece inicialmente como uma complicação da ação que precisa ser resolvida, mas sim como a resolução de uma situação inicial já complicada. Todos os movimentos de orientação (mv2-mv5) são de complicação crescente, ainda que a complicação aparentemente decisiva seja narrada apenas em mv5, que, na ordem da narrativa, encerra o episódio e dá continuidade à sequência no episódio E2, que será marcado por novas e mais intensamente narradas complicações que surgem já no contexto migratório. A passagem de um episódio a outro é justamente marcada por encadeamento (encl) pela mudança de cenário (van Dijk, 1981: 181), de Brasil para Portugal. E5, o episódio mais curto da narrativa, e E1 são os únicos episódios nos quais a remontagem da ordem causal dos movimentos não segue a ordem da narrativa. Em E1, por partir das mudanças para o que ele seria hoje, na ordem causal o narrador precisa partir do “fim” (mv7) e retornar ao início (mv2, desconsiderando-se mv1 como reação ao comando da entrevista feito pelo narrador) para nos orientar sobre as mudanças que teria sofrido. Em meio à orientação, é ainda necessária uma exemplificação (mv6) com uma mudança concreta, o que é posicionado na remontagem causal antes do movimento mv7, no qual o narrador conclui que mudou muito. Em todos os outros

episódios, exceto em E5, a ordem causal segue a ordem da narração, e por isso não será objeto de interpretação.

O “determinismo” da chegada

SA	E2	encl mv1	AV PE1 OR	<p><i>Não posso reclamar, não foi nada traumático, nada... como é que eu vou dizer, assim... não posso te dizer que eu sofri, que eu... eu cheguei aqui pra já eu tinha uma estrutura; já tinha uma irmã que vivia aqui... duas irmãs na verdade. Então, eu cheguei, eu tinha uma cama me esperando, um quarto... e pronto, meu, cheguei em casa, já tinha lá minha cama, tinha comida quentinha, tinha cobertores, tudo... então, tinha toda um estrutura.</i></p>
		mv2	CA AV	<p><i>Três dias depois que eu tava aqui, eu comecei a trabalhar... Agora, esse ponto é que eu, refletindo depois, eu fui ver o determinismo, né, como o lugar que as pessoas que você conhece ou o lugar que você vai se estabelecer, em resumo, pra onde a vida te leva, né, como aquilo vai determinar várias coisas posteriores.</i></p>
		mv3	CA OR	<p><i>Então, eu fui trabalhar num restaurante que, por acaso, eu não era bem tratado - vamos dizer assim, a grosso modo -, aliás, ninguém ali era; então, eu fiquei lá por oito meses; foi o tempo de eu pagar a minha passagem, que eu vim pra cá com a passagem parcelada e eu lembro que o dia que paguei a última parcela eu saí daquele emprego porque... pronto, não havia respeito, cara.</i></p>
		mv4	AV PE2 AN	<p><i>Aquilo me deixou uma imagem muito negativa dos portugueses esse meu primeiro emprego e, pra já, a velhota lá nem portuguesa era... aquelas angolanas nasc... aquelas portuguesas nascidas em Angola, que veio pra cá depois da descolonização da África, mas, enfim, penso que ela não tinha uma relação de respeito, de patrão-empregado, ela via as pessoas como... depois, me falaram que ela cresceu em Angola e a avó, os pais ainda tinham escravos, aquela coisa, então, ela transferia essa maneira, essas relações assim, essa maneira de ser dela pras relações profissionais; basicamente, ela tratava todo mundo mal; aquilo não era uma empresa, era uma senzala, vamos dizer assim; você comia mal, não tinha hora pra sair; era um subtrabalho mesmo, um subemprego, explorado; e eu, pronto, vi que aquilo não é pra mim...</i></p>
		mv5	PE3 PR PE4	<p><i>E eu descobri também que lá trabalhavam africanas e brasileiras, e as africanas falavam: “vocês brasileiros são fodidos, cara...”, isso quer dizer o quê? “vocês não se curvam”, isso é uma coisa também que é bem característica do brasileiro, o cara é humilde, pode ter largado o cabo da enxada e vindo pra cá trabalhar, quer dizer, ele mantém uma certa dignidade, sabe, ele... eu conheço muitas histórias: o mau-patrão, o cara maltrata... o brasileiro não aceita isso, cara, mesmo na pobreza, ele tem certo orgulho... mesmo na necessidade, sabe, ele não deixa ninguém gritar com ele... salvo algumas exceções, mas, no geral, é isso, brasileiro não aceita esse tipo de coisa.</i></p>

- mv6 PE2 *Foi o que aconteceu lá: a mulher era má-patroa mesmo e isso influenciou muito*
 AV
 PE4 *o meu percurso aqui nesses dez anos, cara; depois dela, eu tive um outro patrão*
 AN *também que era muito mau... pra você ter uma ideia, eu tava detrás do balcão, o*
velho queria passar, ele, te empurrava assim e dizia: “sai!”; então, era por aí;
também não fiquei lá; essa coisa...
- mv7 CN *Agora, eu me fechei, eu tive que construir um muro, digamos que eu passei a*
 AN *esperar o pior dos portugueses e isso influencia o que eu sou hoje, cara... Eu tô*
 PE5 *aqui há dez anos, mas... eu vivo aqui, mas eu não tô entrosado aqui; todos os*
amigos que eu tenho aqui são brasileiros ou são estrangeiros que vivem em
Lisboa, mas eu não posso te dizer que tenho amigos portugueses ou que eu
tenha... nunca tive uma namorada portuguesa... dez anos aqui... e isso... agora,
são barreiras que eu construí, eu me fechei, passei a associar assim: “não,
português é mau e chato e não serve pra mim”.
Agora, lentamente, esses muros... eu passei a destruir esses muros, já tenho
- mv8 CN *conhecidos, eu falo com eles na boa, mas eu te confesso que foi traumatizante*
 CA *esse primeiro contato; é diferente, por exemplo, de amigos brasileiros que eu*
conheci depois, pessoas que chegaram aqui e já caíram..., por exemplo... foram
trabalhar lá no bar que a gente tinha.

O episódio E2 é iniciado por encadeamento no ponto da narrativa onde se encerrou o episódio E1, na mudança para Portugal. Aliás, como visto, é exatamente esta mudança que marca esta passagem de episódio, segundo os marcadores aqui adotados (van Dijk, 1981: 181). Em E2 a sequência SA iniciada em E1 será desenvolvida pela revelação explícita de um dos dois conflitos dramáticos que emolduram a narrativa – o que é marcado pelos vários movimentos de complicação da ação (CA), antagonismo (AN) e protagonismo (PR) narrados em E2 – e será encerrada pela resolução parcial que passa pela auto-avaliação do narrador, que serve como estratégia de construção do narrador (CN), de que ele precisa mudar para resolver esses os conflitos, algo que já estaria em curso.

O primeiro movimento de E2 (mv1) é ainda parcialmente um movimento de orientação que faz a ligação por encadeamento com o episódio E1, esse sim essencialmente de orientação. Mas já em mv1 de E2, aparece uma primeira avaliação da situação de migração, que marca também a (re)construção identitária do narrador. Semelhante ao que foi visto brevemente em outras narrativas no capítulo anterior, a (re)construção identitária de **Fabrcício** será marcada também pela tentativa de desvinculação de uma identidade de imigrante, tal qual ela é representada em grande parte das narrativas de Portugal, vinculadas a um discurso que representa os sujeitos da imigração propriamente dita ligados a uma experiência histórica marcada por dificuldades, à busca de melhores oportunidades materiais e a um lugar de

subalternidade nas relações sociais, tanto no país de origem, quanto no país de destino. **Fabrcio** não percebe assim sua posição no contexto migratório, ao menos não inicialmente e também não essencialmente. Se ele se encontra em posições subalternas em alguns momentos, isso é narrado como uma eventualidade logo superada. Nem mesmo a situação de imigrante irregular, que perdurará por três anos será vista como problemática, tanto que a regularização teria significado para ele apenas a “possibilidade de viajar” (ver Anexo A). Em mv1, a irmã volta a aparecer completando os movimentos de orientação e reforçando o papel preponderante das redes já estabelecidas, conforme mencionado em E1.

É a partir do segundo movimento de E2 que um dos dois conflitos dramáticos começa a se revelar e é sobre ele que será construída a estratégia de (re)construção identitária a que chamo “jogo de espelhos”, em alusão à metáfora usada em boas interpretações sobre os processos identitários de brasileiros/as em Portugal já citada algumas vezes nesta tese (Almeida, 2000, 2007; Feldman-Bianco, 2007; Machado, 2010; Xavier, 2007). Uma das imagens desse “jogo de espelhos” é refletida nos movimentos mv2 a mv3 deste episódio E2. Em mv2, o narrador constrói uma avaliação fundamental, à qual vai retornar em vários outros momentos da narrativa, quando o conflito definido em E2 volta a se manifestar. É esta avaliação do “determinismo” das primeiras experiências que tomo para nomear este episódio. Embora a chegada física a Portugal tenha sido descrita como tranquila em mv1, o narrador encontra-se ainda afetivamente no Brasil, na casa da irmã que o recebe com toda uma estrutura que ameniza um possível sofrimento na chegada. Contudo, afetivamente **Fabrcio** só chegará a Portugal três dias após, ao deixar a casa da irmã para entrar no mundo do trabalho, em seu primeiro emprego como imigrante irregular no setor de restauração (gastronomia) em Lisboa, dentro de um perfil bem próximo ao do “imigrante brasileiro”, perfil do qual **Fabrcio** depois tentará se diferenciar em outra das imagens refletidas pelo espelho em que se olha em seu processo de identificação.

Mas em E2 é ainda com a primeira imagem que se depara o narrador. Em mv3 o conflito é descrito, trata-se de uma relação laboral de subordinação que extrapola os limites da relação classista existente entre patrão e empregado; não se trata de uma simples relação hierárquica capitalista de compra e venda de força de trabalho. Além e aquém de uma relação contratual, é uma relação fundada em representações coloniais que são acionadas com clareza no movimento mv4, que instaura a primeira relação de antagonismo da trama. A dona do restaurante não é representada como uma empregadora capitalista, é uma senhora de escravos, e a empresa, uma senzala. A representação da experiência como uma situação de escravidão colonial é mais do que “simplesmente” metafórica, ela é reforçada por meio de uma materialidade narrativa que vincula de fato a senhora à escravidão de forma direta: seus pais ainda teriam sido senhores de

escravos em Angola, e a empresa é também materialmente caracterizada como uma senzala, onde se comia mal e se trabalhava muito. Ainda que da senhora seja dito que “*nem era portuguesa...*”, ou que era “*aquelas portuguesas nascidas na Angola, que veio pra cá depois da descolonização*”, essa caracterização serve mais pra reforçar a imagem da relação colonial do que para “desidentificar” a senhora como portuguesa, pois, na narrativa de **Fabício**, essa personagem representada dentro de um imaginário claramente colonial será a primeira manifestação, a primeira imagem de antagonismo refletida no “jogo de espelhos” por meio do qual o narrador se re-identifica em Portugal.

Representada a antagonista, para que se estabeleça o conflito faz-se necessária ainda a representação do protagonista, e isso é feito no movimento mv5, ainda dentro do sistema de representações coloniais contemporâneo que age sobre as (re)construções identitárias de brasileiros/as em Portugal. É uma voz terceira que introduz o protagonista (PR) e não o próprio narrador, e não é qualquer voz terceira, mas justamente uma voz terceira que completa as representações coloniais incrustadas no sistema migratório lusófono. É uma africana que completa esse quadro de representações, é ela, colocada no terceiro degrau das relações coloniais reinventadas no contexto migratório em Portugal, que atribui ao brasileiro uma representação identitária superior nessa hierarquia. Se a portuguesa é a senhora de escravos, o brasileiro é o que se rebela, o que não se deixa escravizar, diferente dos africanos, que aceitariam esse lugar de subalternidade, o que, para além do fato de sofrerem maiores discriminações em Portugal se comparados com brasileiros/as, também os coloca em posição inferior nas relações hierárquicas representadas na narrativa de **Fabício**. O narrador atribui voz à personagem “uma africana” e retoma a voz em seguida para reforçar a representação do protagonismo brasileiro anunciado por ela. O caráter do protagonista o torna, ao menos moralmente, superior mesmo ao português descrito nesse episódio, invertendo simbolicamente a relação de hierarquia colonial que coloca portugueses/as acima de brasileiros/as e estes/as acima de africanos/as. O próprio fato de nos referirmos em nossas representações discursivas às populações de países tão distintos como Cabo Verde e Moçambique como “os africanos” revela bastante do posicionamento atribuído a estes nacionais nas representações hierárquicas da migração contemporânea em Portugal.

Para reforçar que o comportamento inaceitável para o protagonista não seria uma idiossincrasia da senhora acostumada a ter escravos em Angola, o narrador menciona uma segunda ocorrência em mv6, em outro local e com outro português com um comportamento semelhante ao da senhora. Foram essas experiências que teriam feito o narrador tomar a decisão de não se relacionar com portugueses/as; ele se fechou, não se trata de um resultado vinculado

à imigração, mas de uma situação individual, que ele mesmo poderia resolver. Ele nunca teve uma namorada portuguesa, não pelo fato de ser imigrante e poder de alguma forma ser discriminado pelas raparigas em Lisboa, mas sim por um comportamento individual seu, justificado por experiências ruins, mas não por uma situação estrutural difícil de ser rompida. Tanto que uma experiência inicial diferente poderia levar a um resultado diferente, como o narrador pretende nos contar no episódio E3. Mas antes de E3, vale lembrar que a relação de antagonismo revelada em E2 é apenas uma das múltiplas imagens refletidas pelo “jogo de espelhos” que torna extremamente complexos os processos de identificação narrativamente construído por **Fabrcício**. Outras imagens ambivalentes surgirão no decorrer na história.

O que nos une

SB	E3	encd mv1 encx	PR AV	<p><i>O bar nosso lá era um ponto de encontro mesmo, era um ponto de encontro dessa brasilidade, mas dessa brasilidade, vamos dizer, diferenciada... você sabe o que eu tô dizendo... Você sabe que em Brasília tem aquele barzinho na Asa Norte, ali, que vai aquele pessoal, que vai ouvir uma música diferente, que vai pagar um preço diferente também pelas bebidas, mas, em suma, é um círculo sociocultural diferente do que aquele cara que tá num bar, no pagode, ali, na Ceilândia, sabe... Então, basicamente acontece o mesmo aqui, cara; e esse bar que a gente trabalhou era onde se reunia esse brasileiro que não curte o que eu não curtia no Brasil: o sertanejo, o pagode, o samba, o fo..., o... sabe?</i></p> <p><i>Esses que queriam juntar dinheiro pra comprar alguma coisa no Brasil já foram embora; o brasileiro que mora aqui hoje mora aqui porque quer; que vive aqui; é o meu caso: eu não tô aqui pra juntar dinheiro, pra comprar casa, um carro no Brasil, ou terreno, nada disso, tô aqui porque é uma opção de vida, eu gosto daqui, eu vivo aqui, embora eu também me sinta...</i></p> <p><i>Aliás, eu nunca fui tão brasileiro quanto agora; que é interessante isso; eu conheci mais o Brasil vivendo aqui do que quando eu tava lá... porque aqui, aqui não tem o brasiliense, o carioca, o candang... o nordestino, o... não tem, cara, aqui tem o brasileiro, certo, perante um português ou um outro europeu qualquer, não adianta você falar pro cara: “eu sou paulista... eu sou de Curitiba... ah! eu sou de Pernambuco”, não, meu, pro cara você é brasileiro: “brasuca”, né, como dizem os tugas. Aqui a gente se descobre nesse sentido, cara, que tem algo mais que nos une, que é essa brasilidade, né, esse sentimento de pertencer a alguma coisa é importante, essa brasilidade, pra dizer assim...</i></p> <p><i>Eu acho que isso é natural, meu... vivendo fora do seu país, você vai procurar seus pares, né, é uma maneira de se manter perto de casa, em Portugal não é muito difícil, eu acho que a maneira mais fácil de tá perto do Brasil, na Europa, é viver em Lisboa, cara, pra já, a língua, o clima é ameno, e aquela relação, assim, como é que eu vou dizer, entre pai e filho, ou melhor, entre dois irmãos,</i></p>
		mv2	AN CN AV	
		mv3	CN AV PR PE6	
		mv4	AV PR AN IN	

que se gostam, mas que se odeiam... porque, querendo ou não, cara, eu reconheço muito do que eu vejo lá, no Brasil, eu vejo aqui.

- mv5 PR
AN
AV *Aquí eu tô vendo a matriz, de onde veio a coisa, sabe... o brasileiro gosta muito de se lamentar, né isso? “eh, que o Brasil é isso...”, pra gente, lá, enquanto você vive no Brasil, aquilo é o pior país do mundo, aquela baixa estima que, por acaso, eu penso que tem alguma coisa de herança portuguesa: se você vive aqui, você vê isso também, o tuga ele é um eterno infeliz, tá sempre reclamando, nunca tá bom, sabe, então, a gente herdou isso e mais, eu vi que coisas que a gente coloca como sendo brasileira, coisas como se... vicissitudes, assim, coisas ruins, ou até que a gente tem mania de colocar como se fosse... bem brasileira, não é, meu. Eu diria até que tem alguma coisa acima da brasilidade: ainda existe a latinidade, cara, essa tendência pra, por exemplo, falar alto, ser alegre, expansivo, um pouco desorganizado: isso é latino, meu, isso não é brasileiro; você vê isso na Itália, eu vejo isso aqui em Portugal, tem isso na Espanha.*
- mv6 AV
RE *É uma experiência isso de viver fora do país e... então, minha... sentimento de identidade foi reforçado justamente nisso, nessa contraposição; primeiro que eu vi de onde a gente veio, Portugal, então, realmente nós somos filhos dele: Portugal é o pai ou a mãe do Brasil, não sei... então, é fácil um brasileiro se adaptar aqui; uma espécie de uma volta a casa, cara.*

Se em E2 o narrador revela um dos conflitos dramáticos que emoldura a sua narrativa, em E3 e E4, adiante, o outro conflito dramático completará o *frame* da história. Trata-se das diferenciações e relações de pertencimento estabelecidas entre brasileiros/as em Portugal. Também nesses episódios, esses dois conflitos revelarão cada um deles seus múltiplos sentidos, seja nas ambivalentes representações de alteridades e identidades entre brasileiros/as e portugueses/as, seja nas contraditórias relações de identidade e diferença entre brasileiros/as eles/as mesmos/as, revelando o que nos une e o que nos separa dos/as portugueses/as e de nós mesmos/as. Do ponto de vista da estrutura da narrativa, se E3 segue a conexão por encadeamento com E2, marcada a passagem de episódio pelo novo cenário “o bar”, E4 se conecta a E3 por encaixe. Trata-se do primeiro encaixe de episódios da narrativa, o que une E3 e E4 em uma sequência (SB), quase em um só episódio, com dos momentos distintos marcados por mudança de predicação (van Dijk, 1981: 181), no qual toda a complexidade do conflito dramático é revelada.

Voltando à metáfora do “jogo de espelhos” nas identidades cruzadas entre Brasil e Portugal, gostaria de tentar, a partir de agora, interpretar o que venho chamando de dois conflitos dramáticos que emolduram a narrativa em um único conflito dramático marcado por distintas direções, ambas com mais de um sentido, que aparecem ora como complementares,

ora como antagônicas, reproduzindo parcialmente um quadro de possibilidades de (re)construção de identidades de muito difícil apreensão.

No primeiro movimento de E3, a diferenciação e divisão entre brasileiros/as é construída pelo narrador de forma clara, mas não direta. Para não categorizar, não nomear o que quer dizer, o narrador recorre diretamente ao narratário, descrevendo uma situação que crê familiar a este e que lhe permitiria entender as representações que não são inicialmente construídas com palavras precisas pelo narrador, e o efeito desejado é conseguido. Falando a um narratário familiarizado com os espaços simbólicos da capital brasileira, o narrador constrói as representações sobre os/as diferentes brasileiros/as em Lisboa sem mencioná-las diretamente. E, para o narratário, como também para grande parte dos/as leitores/as, essas representações são claras e de fácil nomeação: são relações de classe, como serão indiretamente nomeadas também pelo narrador mais adiante. Há em Lisboa, então, ao menos dois tipos de brasileiros/as: o/a brasileiro/a que em Brasília iria a um barzinho da Asa Norte para ouvir uma música diferente e pagar um preço diferente por pertencer a um círculo sociocultural diferente, e o/a brasileira/a que em Brasília estaria em um bar, em um pagode na Ceilândia. De um lado, o/a brasileiro/a que veio para ganhar dinheiro e comprar uma casa, numa retomada da representação discursiva do imigrante, de outro, o/a brasileiro/a que veio à Europa como estilo de vida, numa alusão a um imaginário comum entre as classes médias intelectualizadas brasileiras desde ao menos a virada século XIX para o XX, momento em que a *belle époque* parisiense era mimeticamente reproduzidas na reconstrução de cidades brasileiras. São transparentes, estou seguro, as representações de classe acionadas por **Fabício** na divisão de brasileiros em Portugal, como é transparente também sua representação a partir de elementos de capital simbólico e cultural, como o gosto e o *habitus*, mesmo que esses elementos se sustentem em última instância em relações de trabalho e exploração.

Contudo, por outro lado, não dei a este episódio o título de “o que nos une” baseado nos seus dois primeiros movimentos, que denotam a diferenciação de classes acionada pelo narrador em sua narrativa de (re)construção identitária. Chamei o episódio de “o que nos une” devido às representações de identidades tanto entre brasileiros/as entre si, quanto entre brasileiros/as e portugueses/as, que serão construídas a partir do movimento mv3 até o final do episódio. Se as relações de classe são reproduzidas em Lisboa, há na migração a possibilidade discursiva de reforço de identidades que nos unem, apesar de nossas diferenças, e essas possibilidades discursivas são acionadas pelo narrador em ambivalente confronto com as diferenças que acabara de realçar. Se se sente antes ligado a uma brasilidade diferenciada pelo pertencimento de classe, o narrador também nos conta que em Lisboa “*a gente se descobre nesse sentido,*

cara, que tem algo mais que nos une, que é essa brasilidade, né, esse sentimento de pertencer a alguma coisa é importante, essa brasilidade". É essa "brasilidade" acima das classes, aqui anunciada mas não descrita, o que nos une nas imagens de **Fabício**. O que caracteriza essa brasilidade será revelado posteriormente; aqui o narrador, ao abordar o tema das identificações a partir da relação entre brasileiros/as, prefere fazer um desvio e caracterizar as identificações entre brasileiros/as e portugueses/as, até agora apresentados/as apenas por suas diferenças.

Novamente os elementos acionados pela memória comunicativa na representação das relações contemporâneas entre portugueses e brasileiros se funda à memória cultural discursivamente construída sobre o passado colonial comum. Se as representações coloniais servem para a construção de diferenças, elas servem também para a construção de identidades. Se, como acreditamos, identidade e diferença são complementares nos processos de identificação, no caso de identificações construídas por brasileiros/as em Portugal, essa relação por si só ambivalente é reforçada pelo fato da dualidade do "outro" que se constrói, ora sendo esse "outro" um recorte do "nós", ora sendo ele parte da formação discursiva desse mesmo "nós". Conforme feliz expressão de Feldman-Bianco (2007), trata-se nessas representações de um grande drama familiar, expresso pelo narrador de forma dúbia no último movimento de E3: *"eu vi de onde a gente veio, Portugal, então, realmente nós somos filhos dele: Portugal é o pai ou a mãe do Brasil, não sei..."*.

O que nos separa

- | | | | |
|----|-----|----------------------|--|
| E4 | mv1 | AV
CA
AN | <i>Agora, como o brasileiro vive isso aqui é que é complicado, aí, depende muito da história de vida da pessoa e do núcleo sociocultural dessa pessoa, meu... Quer ver um exemplo banal, mas que vai mostrar muito isso? Só brasileiro que vai fazer isso, vai andar com o som do carro no último volume; isso é bem brasileiro; na Europa não tem isso, então, quando me passa um cara aqui com o som agora no último volume eu sei que aquele cara é brasileiro, sabe?</i> |
| | mv2 | AV
CA
CN
AN | <i>É aquela coisa de trazer o teu estilo de vida pra cá, e isso não é mau, acho que todo o estrangeiro faz isso: você quer manter a tua... falar a tua língua, fazer o prato tradicional do teu país, mas essa cena de ter aquela consciência de que você vive no estrangeiro, respeitar o espaço do próximo, isso é uma coisa que não é todo mundo que faz isso, sabe? O cara traz hábitos do Brasil pra cá, só que ele se esquece que ele não tá no Brasil, agora, como eu te disse, isso vai do nível sociocultural da pessoa. Então, há vários Brasis aqui em Lisboa, sabe, somos todos brasileiros, mas... é uma continuação de lá, meu, quem era, vamos dizer, do povo lá, é do povo aqui e, se você lá se sentia separado do que é do povo, isso também vai se manter aqui; isso se reflete nos lugares que você frequenta, nas</i> |

- peças que você vai conhecer, no seu círculo de amizades, numa série de coisas...*
- mv3 IN PR CN *Agora, numa coisa todos se beneficiam, cara: é o fascínio que os europeus têm pelo Brasil e pelo brasileiro, enquanto aquela... é exótico, meu! Pra quem nunca saiu da Europa, então, por mais que prevaleça... que seja pelo estereótipo, né, futebol, samba e carnaval e praia e capoeira, aquelas coisas, mas Brasil é um país que todo mundo conhece, todo mundo já ouviu falar e quem não foi tem vontade de ir; mas que... desperta um certo fascínio, cara, nas pessoas, e isso é um facilitador das relações pessoais, o brasileiro... aí, vem aquela coisa que tá acima da divisão de classes que o Brasil tem: o brasileiro ele é aberto, ele fala com as pessoas.*
- mv4 AV AN PR CN *E é engraçado que viver num lugar cosmopolita, como uma capital europeia como Lisboa... é engraçado cê vê isso, quando se trata de se comunicar com o outro, o fato do povo brasileiro não falar inglês... línguas estrangeiras, então, você vê isso aqui bem... a elite brasileira ou esse pessoal que tem um nível sociocultural diferenciado, que já fala um inglês, um espanhol, eles conseguem estabelecer outras relações, seja na noite, na balada, na pegação... aquela gringa tá te dando mole, mas como é que faz? o cara não fala inglês, mas ele é brasileiro, ele é quente, ele é safado, ele quer pegar aquela menina, mas, então, é a hora que a barreira da língua... e é a hora que o outro cara que chega e domina o inglês vai lá e desenrola e pronto, acontece, então, são diferenciadores, cara; tem muita coisa que determina como é a sua vida aqui, quem você é, o círculo que você se inseriu, o teu nível sociocultural... isso é muito determinante mesmo.*
- mv5 AV PE8 CN PR *Então, é isso, cara, eu vejo que os brasileiros que... tem muitos brasileiros aqui que se destacam, meu; você tem brasileiros aqui, e são muitos, que são num padrão de vida muito maior do que a maioria dos portugueses. Você tem muitos empresários brasileiros, você tem pessoas que abriram o próprio negócio. Então, é aquela ideia feita, aquele estereótipo do imigrante “coitadinho do cara”, isso não cola muito; nós tivemos milhares desses aqui, mas a maioria foi embora porque imigração vai pra onde tá o dinheiro; Portugal agora não tem dinheiro. Eu tô aqui há dez anos, meu, conheço muita gente que tá aqui há oito, dez, doze... são esses os que vão ficar; já não tem mais lugar pra aquele cara que sai buscando o Eldorado.*

O entrecruzamento de representações de identidade e diferença feito pelo narrador nesses dois episódios, E3 e E4, chama a atenção deste intérprete. Se em E3 o narrador aparentemente parece falar das diferenças e termina dando ênfase às identidades, mencionando uma identidade entre brasileiros/as que não é caracterizada, e caracterizando uma identidade entre brasileiros/as e portugueses/as até então não mencionada, em E4 o narrador descreve em um movimento (mv3) a identidade apenas mencionada em E2, mas acaba dando ênfase em

todos os outros movimentos às diferenças que não foram desenvolvidas no episódio anterior. Se a “brasilidade” desperta o fascínio do europeu “acima da divisão de classes”, para um *insider* essa divisão não passa despercebida, ela é fundamental e reforçada na (re)construção de sua própria identidade. Para Fabrício “*quem era, vamos dizer, do povo lá, é do povo aqui e, se você lá se sentia separado do que é do povo, isso também vai se manter aqui*”. Aqui Fabrício (re)constrói sua identidade com pertencimento à “*elite brasileira ou esse pessoal que tem um nível sociocultural diferenciado*”. Aqui não há metáforas e as classe sociais são nomeadas como normalmente o são no Brasil, não como trabalhadores e burgueses, mas como povo e elite, pois é característico da elite brasileira não se querer incluída no povo.

Encaixado em E3, o episódio E4 retoma e complementa as representações de alteridades fundadas em critérios de classe que haviam sido iniciadas nos dois primeiros movimentos do episódio E3 e interrompidas pelas representações de identidades destacadas pelo narrador. Essa interrupção aparece ao intérprete como estratégica, como uma forma de amenizar o impacto negativo sobre a construção do narrador, que poderia ter a acentuação de divisões internas a uma “comunidade” que deveria antes se unir e fraternizar frente ao antagonista comum “o português”.

Ressaltar primeiro as semelhanças, mesmo que haja diferenças, pode diminuir o impacto negativo da assunção dessas diferenças, o que é adiado no episódio E3, sendo feito claramente por nomeação apenas neste episódio E4, no qual o conflito pode ser desenvolvido e uma sequência narrativa encerrada. Também o realce das identidades entre brasileiros/as e portugueses/as, que aparece pela primeira vez em E3, serve para amenizar a assunção clara das diferenças entre brasileiros/as feitas em E4. Se há elementos culturais que nos unem entre nós, igualmente haveria elementos profundos da memória cultural que nos uniriam aos portugueses. No “jogo de espelhos”, cada imagem duplamente refletida revela identidades e alteridades acionadas nas estratégias narrativas de Fabrício em sua (re)construção identitária em Lisboa.

Tem também esse efeito amenizador das diferenças a digressão que o narrador realiza na próxima sequência narrativa, SC, composta pelos episódios E5 e E6. Se E5 se conecta a E4 por encadeamento, marcado pela mudança de tempo – um retorno ao passado, ao início da migração –, e E6, por sua vez, também se conecta a E5 por encadeamento, que é marcado pela mudança de perspectiva na narração. Creio poder argumentar que toda a sequência SC, por ser construída em uma espécie de digressão, é encaixada entre os episódios E4 e E7.

Digressões: reconstruindo as razões da partida e da permanência

- SC E5 mv2 CN *Agora, é engraçado como que é a natureza humana, né, cara... cê conta... você faz planos... Quando eu saí de XXXXXX, eu disse pra toda minha família que eu ficar aqui um ano, cara; inocentemente, eu achei que a coisa era assim tão simples: “eu vou lá, ganho uma grana”... porque cê não tem muita noção do que te espera, você sempre vem naquela que “eu vou juntar uma grana, eu vou voltar”, mas... nem sempre a gente controla o destino, porque você constrói uma vida aqui.*
- mv1 PE8 *Eu tive um grande amigo aqui que o cara trabalhou comigo... ele era aquele cara que comia frango todo dia, meu... ou pão com mortadela... o cara tava centrado, focado, o cara morou em Portugal, mas não conhece nada, não visitou nada... hoje ele tem um sítiozinho lá no Paraná, comprou um pedaço de terra, tem oito vacas e o cara é feliz, mas era isso que ele queria, é um cara centrado, eu admiro, isso requer uma força de vontade muito grande.*
- mv3 CN *Você chega aqui, você faz amigos, você conhece pessoas, você cria uma vida, você... cria uma vida, meu, é básico. Eu costumo dizer assim: “um dia a mais aqui é um dia a mais que você se desenraíza do Brasil”, porque você começa a gostar daqui, você constrói uma vida, você conhece lugares, conhece pessoas, se apaixona - muitos já têm filhos -, então, essa certeza que se tem quando você deixa o Brasil de que você vai juntar uma grana e vai voltar, isso você diz até você chegar aqui e conhecer o mundo, né, cara; o tempo passa, as coisas mudam, é dialético, né?*
- mv4 AV CN *Eu não posso me queixar, cara, eu tive bons empregos; eu tive um emprego aqui sensacional; eu tinha uma patroa que, apesar de eu... eu trabalhava muito... mas a mulher, a patroa, se tornou minha amiga, me respeitava enquanto pessoa, percebe, era um lugar fascinante; eu trabalhava num ponto turístico em que, praticamente, todas as pessoas que visitam Lisboa obrigatoriamente vão lá; então, ali, eu conheci namorada minha, pessoas, amigos, sabe, e pronto.*

E5 é o segundo de dois episódios da narrativa nos quais a ordem nos movimentos narrados não coincide com a ordem de causalidade das ações, isso ocorre aqui pela estratégia de rememoração utilizada pelo narrador. Ele começa pela rememoração de uma identidade perdida no passado (mv2), no início do processo de imigração, que é, na ordem causal, acionada pela representação de um amigo que teve e que construiu um identidade migrante diferente da que viria a construir o narrador (mv1). Mas o surpreendente no episódio 5 é que aqui a narrativa sai aparentemente do controle do narrador, que deixa perceber que o projeto identitário que constrói desde do episódio E1 não esteve definido desde sempre. Se o narrador se constrói hoje como um brasileiro diferenciado, no episódio 5 ele nos revela que seus planos não eram tão diferentes assim dos planos de um “brasileiro do povo”, como poderíamos caracterizar o amigo

que surge nesse episódio. Assim como o relacionamento conflituoso com portugueses/as é representado pelo narrador como uma questão individual, descolada do posicionamento do narrador como imigrante – posicionamento ele próprio aliás deslocado para um posicionamento de “não-imigrante” ou, no máximo, de “imigrante diferenciado” –, descobrimos em E5 que também o posicionamento de classe do narrador frente aos outros imigrantes é uma auto-representação, parte de sua (re)construção narrativa de identidade, uma vez que, ao imigrar, o narrador tinha os mesmos sonhos e objetivos que a maioria dos brasileiros “não diferenciados” de Portugal. É em Portugal, ao ter que (re)construir sua identidade, que o narrador faz o *passing* do imigrante que quer comprar uma casa no Brasil, para o *bon vivant* com background sociocultural que o permite viver e gozar o velho continente. Essa revelação é retomada e matizada em mv4 com afirmações impessoalizadas: *essa certeza que se tem quando você deixa o Brasil de que você vai juntar uma grana e vai voltar, isso você diz até você chegar aqui e conhecer o mundo, né, cara; o tempo passa, as coisas mudam.*

Por fim, em E5 o narrador tenta ainda esboçar uma explicação racional para a mudança do projeto identitário aparentemente vinculada às boas experiências que teve. Aqui desaparecem, outra vez, momentaneamente, os antagonismos com a população nativa que marcaram o início da narrativa. Contudo, aparentemente, o apagamento dos conflitos e a contradição que as novas ações harmoniosas carregam, se comparadas com as ações iniciais, chamam também a atenção do narrador e o trazem de volta para os conflitos, em mais um episódio, E6, no qual predomina uma estratégia narrativa de digressão iniciada em E5.

Digressões: reconstruindo diferenças e identidades

E6	mv1	CA CN	<i>Só que eu, particularmente, guardei aquele ressentimento; não digo que isso é bom, tanto que eu tô desconstruindo isso, mas eu me fechei, cara, percebe?</i>
	mv2	CN PR AN	<i>Cê vai ver que eu sou um caso atípico, cara, a maioria dos brasileiros aqui tem relações muito amplas, profundas até com portugueses, mas eu falhei nesse ponto... esse primeiro impacto, essa... eu me fechei muito em relação aos portugueses.</i>
	mv3	CA CN AV	<i>Aí eu passei a ser o “brasileiro que vive em Lisboa”, que tem amigos na Europa inteira... em qualquer país que eu vá, eu conheço alguém, mas eu não conheço ninguém aqui, então, isso é um bocado estranho, porque eu me fechei, isso foi pessoal, sabe? Gente boa e gente má tem em qualquer país do mundo, em qualquer lugar, só que a minha experiência inicial não foi boa com o português.</i>
	mv4	PR AN CA AV	<i>Então, eu, tipo, criei aquela ideia que brasileiros e portugueses são tipo ‘água e óleo’, não se misturam, embora, por mais paradoxal que seja, eu vejo que nós somos, nós temos muito em comum, mas muito mesmo e, então, partindo desse</i>

princípio, eu vivi bem aqui, cara, só que isso: meu círculo de amizades era sempre brasileiros.

mv5 PR CN *Então, é isso, eu vivi assim e continuo, a gente criou uma comunidade brasileira, assim, muito... e, de certa forma, a gente, a nossa pequena comunidade é fechada, por incrível que pareça, são pessoas, assim, que... embora a maioria delas não seja como eu, não tenha esse ressentimento, não tenha se fechado em relação aos portugueses, mas a maioria delas também, por alguma razão - cada um tem a sua -, mas a maioria delas se sente confortável em tá ali naquele círculo ali só de brasileiros.*

mv6 CA AV RE *Eu tenho de dar um jeito de mudar, eu me fechei, é pessoal isso, eu não posso viver aqui e não viver, percebe, eu preciso ter amigos portugueses, frequentar os lugares que eles frequentam, ir na casa de um português, jantar com eles na mesa.*

No episódio 6, **Fabrizio** retoma também por rememoração do passado os conflitos que o teriam levado ao afastamento da sociedade de acolhimento e, por consequência, à integração e identificação com um determinado grupo de brasileiros/as em Lisboa. Impedido de integrar-se ao grupo de maior prestígio na relação de imigração, o narrador integra-se a outro grupo que ajuda a construir com suas representações fundadas no pertencimento de classe. Ressalte-se, contudo, que o narrador não se posiciona no lugar de impedimento, o que o aproximaria da identidade imigrante da qual se esforça para afastar. A representação da não integração à sociedade portuguesa como resultado de um problema individual e não estrutural, que é mencionada em outros episódios, é a ação central desenvolvida em todos os movimentos deste episódio E6. A situação é caracterizada como “atípica”, e brasileiros/as bem integrados na sociedade portuguesa são evocados de forma generalizada para comprovar esta atipicidade. Contudo, ao percorrermos toda a narrativa, a maioria dos brasileiros/as pessoalmente identificados/as não desenvolve suas ações em meio a um relacionamento entre iguais com portugueses/as; pelo contrário: ou o relacionamento é conflituoso ou ele se dá entre brasileiros/as, o que talvez revele que a dificuldade de integração na sociedade de acolhimento é antes um fenômeno estrutural da migração para Portugal – e se levarmos em conta outros estudos, um problema da imigração para a Europa – do que um problema pessoal de **Fabrizio**.

Mesmo quando **Fabrizio** anuncia que vai falar de exemplos diferentes do seu (mv8-E2), no qual não há um conflito inicial que impede a integração, a promessa não se realiza, e **Fabrizio** inicia um novo episódio (E3), no qual, em vez de falar de exemplos de integração de brasileiros/as em meio a portugueses/as, nos conta sobre brasileiros bem integrados entre no seu próprio grupo de “brasileiros diferenciados”. A integração de brasileiros/as entre portugueses/as não aparece na narrativa de **Fabrizio**, mas assumir a vinculação de seus

problemas à imigração poderia levá-lo a se identificar como imigrante, um caminho evitado quase sempre pelo narrador em sua (re)construção identitária. Apenas no último movimento do episódio, a relativa impotência de **Fabrizio** frente a não-integração à sociedade de acolhimento transparece indiretamente em seus desejos: *“eu não posso viver aqui e não viver, percebe, eu preciso ter amigos portugueses, frequentar os lugares que eles frequentam, ir na casa de um português, jantar com eles na mesa”*.

Embora os conflitos aparentes sejam fundados sobre as diferenças entre “nós” e “eles”, e ainda que esses conflitos sirvam de justificativa para o não pertencimento ao grupo hierarquicamente de maior prestígio, as tensões identitárias que afligem o narrador são reforçadas mais pelas identidades do que pelas diferenças, principalmente pela assunção de que somos muito parecidos/as, brasileiros/as e portugueses/as, *“por mais paradoxal que seja”*. É dessa paradoxal identificação que o narrador vai tratar no episódio E7, que abre a última sequência da narrativa, sequência SD, e se conecta ao episódio E6 por encadeamento com a introdução de novos predicados (van Dijk, 1981: 181), que retomam a narração “interrompida” em E4 pelo encaixe da sequência SC, composta por E5 e E6.

Reflexões: Portugal é muito Brasil e pouco Europa

- | | | | | |
|----|----|-----|----------------|--|
| SD | E7 | mv1 | AV
PR
AN | <p><i>Portugal é muito Brasil, cara, isso aqui, você, como disse o Sérgio Buarque de Holanda, você só entende o Brasil quando você entende Portugal, quer dizer, isso aqui é um Brasil em menores proporções e, talvez, seja hoje o que o Brasil vai ser daqui a trinta anos, quer dizer, eles têm acesso a bens materiais, é uma sociedade mais estabilizada, né, é uma sociedade capitalista mais evoluída no sentido até positivista da palavra, vamos dizer assim.</i></p> |
| | | mv2 | AV
PR
AN | <p><i>Mas eles também têm aquelas vicissitudes, velho, é um país também que você vive dando um jeitinho, empurrando com a barriga; uma coisa é você ser um brasileiro ilegal em Londres, você não fica ilegal em Londres, cara, a polícia te prende e você vive numa eterna, numa constante tensão, você pode ser abordado pela polícia o tempo todo e ser deportado, a polícia pode bater na sua porta e te deportar, e dizem até que pessoas ganham recompensas, recompensa financeira mesmo pra denunciar imigrantes ilegais. Portugal não tem nada disso, meu, se você entrou aqui, ninguém vai te deportar, a polícia não vai te prender, se você não tiver fazendo nada de errado, não tiver fazendo merda... É um pouco Brasil isso aqui, sabe, a lei não é aquela coisa pra ser aplicada a sério mesmo, então, basta você não fazer nada de errado, não se envolver com nenhum tipo de crime e nem se envolver em brigas de rua...</i></p> |
| | | mv3 | AV
PR
AN | <p><i>Imigrar pra Portugal é relativamente diferente de imigrar pra outro país que seja porque você só tem que fazer uma leve adaptação, cara, mas basicamente você</i></p> |

tá em casa, meu; a comida é deliciosa, não é muito diferente do que a gente tem; a língua é a mesma, você tem que adaptar teu ouvido; confesso que quando eu cheguei aqui eu não entendia nada que eles falavam, mas, pronto...

mv4 AV *É um país fascinante; eu aprendi a gostar disso aqui; ano que vem, inclusive, eu*
RE *tenho direito à cidadania portuguesa, pra pegar uma dupla cidadania, e quero, gosto daqui, cara; eu já me considero meio português também, vamos dizer assim.*

Mais próximo a um subgênero que poderíamos chamar “narrativa acadêmica” do que propriamente a uma narrativa de trajetória de vida, as reflexões levantadas pelo narrador já próximo ao fim de sua história se vinculam obviamente ao perfil do autor, à sua formação superior em história, que o pôs em contato com leituras como *Raízes do Brasil*, que embasam também grande parte das interpretações desta tese. Mas este trecho da narrativa não nos revela apenas o que já sabemos sobre o autor, ele continua a nos ajudar a entender a construção do narrador e, logo, a (re)construção identitária e suas tensões operadas na narrativa. Aqui, mais uma vez, elementos discursivos da memória cultural que embasam uma percepção hegemônica de uma identidade brasileira são acionados, desta vez de forma clara e direta, mencionando narrativas consagradas que operaram nessa construção discursiva, como é o caso da obra de Sérgio Buarque de Holanda. Outras representações discursivas que povoam nosso imaginário comum são acionadas, como o “país do futuro” ou o “país do jeitinho”. Mas o que nos ajuda a entender o processo de identificação de um imigrante brasileiro em Portugal é que todas essas representações o remetem ao que temos “nós” do “eles”; todas essas representação são usadas pelo narrador para concluir que, ao fim e ao cabo, somos “nós” meio portugueses/as e, talvez, mais portugueses/as seríamos ainda os/as brasileiros/as diferenciados/as, que lemos Sérgio Buarque de Holanda e, talvez, também Stefan Zweig e Roberto Damatta.

A continuidade entre Brasil e Portugal é construída em todos os sentidos, na história, nos costumes, no passado e no futuro. Seguimos a trilha de Portugal como persegue o narrador sua integração na sociedade portuguesa, algo que, apesar de não realizado, parece-lhe tão perto, tão fácil como *“uma leve adaptação dos ouvidos”*. São as identidades que marcam então, de forma latente, a (re)construção identitária de Fabrício; é a interpretação de que somos tão iguais, quase os mesmos, que torna tensas as imagens refletidas no jogo de espelhos que contradizem essa identidade, e a maior contradição é, talvez, a não integração, que só pode ser interpretada e compreendida como uma questão individual, pois estruturalmente não seria possível que identidades tão próximas não conseguissem se entender – até a língua promoveria o entendimento. E é pela língua, que desempenha papel central nas interpretações desta tese, que tento buscar uma metáfora-chave para compreender as tensões identitárias de **Fabrício**.

Conforme chama a atenção Feldman-Bianco (2007), a língua comum desempenha um papel extremamente ambivalente no contexto da imigração brasileira em Portugal; se acreditamos que ela é um dos elementos que nos une, talvez o principal deles, ela é também muito provavelmente o elemento que mais nos diferencia, sobretudo no caso dos/as brasileiros/as. A língua é também o canal pelo qual Portugal tenta resolver suas questões político-identitárias com a (re)construção do lusotropicalismo fundada na lusofonia. A língua que nos une é mesma que nos separa e que é acionada na tentativa de reprodução das hierarquias do império colonial português, inserindo-se nessas relações o Brasil e os/as brasileiros/as em uma posição intermediária. O discurso de uma identidade compartilhada, que faz com que imigrar para Portugal seja *“relativamente diferente de imigrar para outro país”*, não revela suas ambivalências e apaga seu efeito reverso, que age nas tensões de processos de identificação de brasileiros/as em Portugal, tornando-os relativamente mais complexos que processos de (re)construção de identidades alhures. As imagens refletidas em um jogo de espelhos são múltiplas, confusas, contraditórias e ambivalentes; formam um emaranhado de representações com o qual esses brasileiros/as imigrantes, diferenciados/as ou não, têm de trabalhar para ressignificar suas vidas além-mar.

Brasileiros/as e brasileiros/as, brasileiros/as e portugueses/as: um resumo da história

- E8 mv1 AV *Então, mais uma vez é aquela, é aquilo que eu te disse, cara, fica aqui quem gosta daqui; esse país tem o dom também, Portugal: ou você ama ou você odeia; mas uma coisa é verdade, muito dinheiro aqui você não vai ganhar; aqui tá longe de ser o país mais rico da Europa, tem problemas, tá em crise... então, se você tem aquele sonho de Eldorado, não é pra Portugal que você deveria vir. Mas muita gente veio pra Portugal naquela esperança que... porta de entrada, né, “de Portugal vou pra outro lugar”, mas não vai, meu, aí o cara fica e, nisso dele ficar, ele conhece gente, começa a namorar, aluga uma casa e constrói uma vida e vai ficando; mas pronto.*
- mv2 AV *Eu vejo essa crise como uma peneira, velho, vai peneirar mesmo, vai ficar aqui*
 AN *s... o fluxo, o impacto que foi, tipo... parece um ataque dos vândalos, né, cara:*
 PR *aquela coisa rápida, fulminante, que deixa impacto; então, o impacto que essa*
 invasão de brasileiros teve aqui em Lisboa não vai ser apagado assim, cara; você
 vê isso na cultura portuguesa, cara; qualquer bar que tu vai hoje, tu pode pedir
 uma caipirinha, uma coxinha, sabe... eu acho isso fascinante, mesmo que a
 gente vá embora, mas a nossa cultura ficou, cara; a gente deixou a nossa marca
 aqui.
- mv3 AV *Agora, não acho que todos vão embora, isso não vai acontecer, tem muita gente*
 PR *que vai ficar porque escolheu ficar... Então, é isso, cara, quem gosta daqui vai*
 AN
 CN

ficar, quem construiu uma vida, quem criou raízes aqui, vai ficar e quem veio só pelo dinheiro já foi embora ou vai; basicamente é isso ou não; e, também, vamos ser justos, vai ter aqueles que queriam ficar, mas vão ser forçados a ir porque não tem como mais, né? Eu vou ficando; daqui, se eu for embora, não vai ser pro Brasil, vai ser, talvez, pra Noruega, pra um outro país da Europa; o Brasil fica pra depois.

Mantendo a tessitura de uma “narrativa acadêmica”, o narrador usa os últimos movimentos da narrativa para retomar as representações centrais usadas em seu processo de identificação: a diferenciação de classe, o amor por Portugal. Uma representação nova de alteridade surge nessa retomada, os “vândalos” que atacam Portugal e transformam a paisagem cultural. Mas interpretar essa nova representação já nos leva para o nível do texto, para o segundo momento de interpretação que se inicia imediatamente ao voltarmos agora a atenção para as personagens dessa narrativa, ou nos termos aqui adotados, para a representação de atores sociais atuantes na história, desde a senhora portuguesa crescida em Angola até os “vândalos” que atacaram Lisboa.

6.3 Plano do texto e metanarrativa

Ao buscar as categorias de representação de atores sociais de van Leeuwen, descritas no Capítulo 4 desta tese, conforme **Quadro 4.1**, repetido abaixo para facilitar a leitura deste capítulo, encontrei nos excertos interpretados da narrativa original de **Fabício** apenas inclusões, não enxergando nenhuma representação de ator social por exclusão. São variadas as formas de inclusão que ocorrem por *ativação por papéis gramaticais participantes em estruturas transitivas* e por *personalização*, incluindo aí *determinação por nomeação*, *categorização por funcionalização*, *categorização por identificação*, *especificação por assimilação*, *especificação por individualização*, *generalizações* e *indeterminações*. Há ainda alguns poucos casos de *passivação* e outros, ainda mais raros, mas sempre interessantes, de *impersonalização*.¹⁶⁸

Quadro 4.1: Quadro resumido com algumas possibilidades de representação de atores sociais

Exclusão	Supressão	
	Colocação em segundo plano	
Inclusão	Ativação	Participação: papéis gramaticais participantes
	Passivação	Participação como submetido a uma ação

¹⁶⁸ A compreensão do manejo de todas essas categorias pode ser bastante facilitada pela leitura do Capítulo 4, onde também se encontra originalmente o Quadro 4.1 e as explicações que lhe dizem respeito.

		Participação como beneficiário de uma ação		
Personalização	Determinação	Categorização	Funcionalização	
			Identificação	
		Nomeação		
	Indeterminação			
	Generalização			
	Especificação	Individualização		
Assimilação				
Impersonalização	Abstração			
	Objetivação: instrumentalização, autonomização de enunciados, somatização, espacialização.			

Adaptado de Ramalho e Resende (2011: 150)

As três formas mais frequentes de representação de atores sociais que marcam a narrativa de **Fabício** são, em ordem decrescente de frequência: *personalização por categorização e identificação*; *personalização por especificação e assimilação* e *ativação por papéis gramaticais participantes*. Além dessas categorias muito mais frequentes do que todas as outras encontradas, vale a pena também olharmos os casos de *indeterminação* e de *generalização*, ambos com frequência relativamente média de ocorrência, além das ocorrências pouco frequentes, mas significativas, de *nomeação*, e, sobretudo, de *impersonalização*. Como dito, encontrei ainda poucos casos de *categorização por funcionalização* – para mim surpreendentemente raros em uma narrativa inserida em um contexto laboral e marcada por recortes de classe –; *passivação* e *especificação por individualização*, que não julguei realmente relevantes para a interpretação dos processos identitários empreendida.

Creio não haver muito o que dizer sobre a alta frequência de ocorrências de representações de atores sociais por *ativação por papéis gramaticais participantes*, pois, tratando-se de uma narrativa autobiográfica, centrada na descrição de ações em primeira pessoa, seria surpreendente o contrário. Mesmo assim, salta aos olhos a frequência com que o narrador utiliza o pronome “eu” na construção de sua narrativa. Nos primeiros dois episódios, nos quais a trama gira em torno da construção do narrador, sendo esse o movimento quase exclusivo em E1 e ainda importante em E2, o autor utiliza o pronome pessoal de primeira pessoa singular mais de sessenta vezes, muitas delas de forma sequenciada, como em:

Agora, eu me fechei, eu tive que construir um muro, digamos que eu passei a esperar o pior dos portugueses e isso influencia o que eu sou hoje, cara... Eu tô aqui há dez anos, mas... eu vivo aqui, mas eu não tô entrosado aqui; todos os amigos que

eu tenho aqui são brasileiros ou são estrangeiros que vivem em Lisboa, mas eu não posso te dizer que tenho amigos portugueses ou que eu tenha... nunca tive uma namorada portuguesa... dez anos aqui... e isso... agora, são barreiras que eu construí, eu me fechei, passei a associar assim: “não, português é mau e chato e não serve pra mim”.

Em um devaneio linguístico, poderia seguir a pista apontada por vários/as autores/as (Duarte, 1993; Ribeiro, 1995, 2001) de que há em curso uma clara tendência de preenchimento do sujeito nulo no português brasileiro, tendência que, e este seria o devaneio, poderia se ressaltar no confronto com o português de Portugal, em um processo de (re)construção de identidades fundado no conflito. Claro que não tenho como seguir essa pista com o aparato teórico-metodológico que carrego para a construção desta tese, tampouco o trabalho com um único utente do português brasileiro me permitiria mais do que um devaneio. Contudo, o indício deixado por repetição tão frequente do “eu” chama atenção justamente por ser ainda o português brasileiro uma língua considerada de sujeito nulo, mas o narrador escolhe claramente o preenchimento do sujeito. Ainda que não seja por confronto com a variante portuguesa do português, a escolha pode estar mesmo associada a estratégias de reforço na construção do narrador e, portanto, de (re)construção identitária. O efeito de reforço (Pardo, 2011) é conseguido pela prosódia textual que se alcança com a repetição sequenciada. Conforme Martin & White:

This type of realisation involves amplification; the volume is turned up so that the prosody makes a bigger splash which reverberates through the surrounding discourse. Intensification involves repetitions of various kinds, and is similar to the use of loudness and pitch movement for highlighting in phonology (Martin & White, 2005: 20)¹⁶⁹

A repetição do pronome “eu” pode ter então essa função de amplificação, no nosso caso, de amplificação das identificações, pertencimentos, não-pertencimentos e conflitos que o narrador tenta construir, sobretudo nos dois primeiros episódios de sua narrativa e também no episódio E7, que, conforme visto, centra-se em um retorno do narrador às estratégias iniciais de identificação, tendo eu, por isso, intitulado o episódio E7 de “Digressões: reconstruindo diferenças e identidades”.

¹⁶⁹ Esse tipo de realização envolve a amplificação; o volume é aumentado, de modo que a prosódia alcança um efeito que reverbera por meio do discurso ao seu redor. A intensificação envolve repetições de diversos tipos e é semelhante ao uso dos níveis de intensidade e tom (“*loudness*” e “*pitch*”) para destacar algo na fonologia (Martin & White, 2005: 20).

Assim como não surpreende a alta frequência de ativação por papéis gramaticais participantes em uma narrativa autobiográfica, também não causa estranheza a frequência relativamente alta de representação de atores sociais por *especificação por assimilação* em uma narrativa de (re)construção identitária, na qual identidades e alteridades solem ser, frequentemente, representadas pela associação (assimilação) do “eu” a um determinado grupo e do “outro” a outro determinado grupo. Por exemplo, quando Fabrício nos conta, no momento de maior reafirmação de pertencimento a um grupo por critério de nacionalidade, pertencimento não exatamente central na (re)construção identitária do narrador, que:

Aliás, eu nunca fui tão brasileiro quanto agora; que é interessante isso; eu conheci mais o Brasil vivendo aqui do que quando eu tava lá... porque aqui, aqui não tem o brasileiro, o carioca, o candang... o nordestino, o... não tem, cara, aqui tem o brasileiro, certo, perante um português ou um outro europeu qualquer, não adianta você falar pro cara: “eu sou paulista... eu sou de Curitiba... ah! eu sou de Pernambuco”, não, meu, pro cara você é brasileiro: “brasuca”, né, como dizem os tugas. Aqui a gente se descobre nesse sentido, cara, que tem algo mais que nos une, que é essa brasilidade, né, esse sentimento de pertencer a alguma coisa é importante, essa brasilidade, pra dizer assim...

Essas representações aparecem em toda a narrativa e não estão concentradas em capítulo específicos, como ocorre com a ativação por papéis gramaticais participantes. Em toda a narrativa, os movimentos de afastamento entre brasileiros/as e portugueses/as – e com eles a (re)construção identitária fundada na identificação e transgressão de fronteiras entre esses dois grupos construídos narrativamente – são acionados dentro do “jogo de espelhos” no qual **Fabrício** constrói seu processo de identificação.

Com a representação de atores sociais por assimilação, os elementos da memória cultural ganham força e se tornam mais explícitos. Embora apoiada também na experiência vivida no presente, a assimilação de atores sociais a grupos cuja representação discursiva lhe é prévia se dá de acordo com elementos discursivos incrustados na memória cultural. Na narrativa de um imigrante brasileiro em Portugal, esses elementos são acionados tanto na construção de diferenças quanto de identidades entre brasileiros/as e portugueses/as.

Não basta a **Fabrício** a menção ao “nós” por meio da brasilidade, o processo de identificação tem que ser reforçado também pela menção ao outro e, às vezes, em sua forma mais fortemente marcada, os “tugas” em uma clara reação ao epíteto “brasuca” com que os/as portugueses/as se refeririam aos/as brasileiros/as.

Essa brasilidade compartilhada por todos/as os/as brasileiros/as, independente da classe, elemento central na (re)construção identitária da **Fabício**, é definida pelo narrador em alguns momentos da narrativa de maneira aberta, como quando nos diz que:

Agora, numa coisa todos se beneficiam, cara: é o fascínio que os europeus têm pelo Brasil e pelo brasileiro, enquanto aquela... é exótico, meu! Pra quem nunca saiu da Europa, então, por mais que prevaleça... que seja pelo estereótipo, né, futebol, samba e carnaval e praia e capoeira, aquelas coisas, mas Brasil é um país que todo mundo conhece, todo mundo já ouviu falar e quem não foi tem vontade de ir; mas que... desperta um certo fascínio, cara, nas pessoas, e isso é um facilitador das relações pessoais, o brasileiro... aí, vem aquela coisa que tá acima da divisão de classes que o Brasil tem: o brasileiro ele é aberto, ele fala com as pessoas.

Contudo, essa brasilidade que nos diferencia não só dos/as portugueses/as, mas também dos outros europeus, teria uma origem bastante precisa e a origem seria justamente esse “outro” com que **Fabício** se depara no seu processo de identificação, que se dá então no complexo jogo de espelho entre um “nós” que se divide e um “outro” que se integra ao “nós” em sua origem. Se, por um lado, “*o brasileiro é aberto, ele fala com as pessoas*”, se “*ele é quente, ele é safado*” – o que lhe dá características de distinção no contexto migratório e no imaginário europeu –, por outro lado ele “*gosta muito de se lamentar*”, o que, para Fabício, seria uma herança comportamental devida aos/às portugueses/as. Contudo, não só as características negativas são heranças coloniais, mesmo as avaliadas como positivas e diferenciais são, no mesmo movimento, associadas à herança colonial e, mais além, a algo que nos une não só a portugueses/as, mas também a espanhóis, espanholas e italianos/as:

Aqui eu tô vendo a matriz, de onde veio a coisa, sabe... o brasileiro gosta muito de se lamentar, né isso? “eh, que o Brasil é isso...”, pra gente, lá, enquanto você vive no Brasil, aquilo é o pior país do mundo, aquela baixa estima que, por acaso, eu penso que tem alguma coisa de herança portuguesa: se você vive aqui, você vê isso também, o tuga ele é um eterno infeliz, tá sempre reclamando, nunca tá bom, sabe, então, a gente herdou isso e mais, eu vi que coisas que a gente coloca como sendo brasileira, coisas como se... vicissitudes, assim, coisas ruins, ou até que a gente tem mania de colocar como se fosse... bem brasileira, não é, meu. Eu diria até que tem alguma coisa acima da brasilidade: ainda existe a latinidade, cara, essa tendência pra, por exemplo, falar alto, ser alegre, expansivo, um pouco desorganizado: isso é latino, meu, isso não é brasileiro; você vê isso na Itália, eu vejo isso aqui em Portugal, tem isso na Espanha.

Em todas essas assimilações de atores sociais em grupos discriminados por suas nacionalidades – ou por uma identidade supranacional (a latinidade) – que lhes são prévias e discursivamente construídas, são de fácil localização os tropos discursivos de nossa identidade nacional hegemonicamente representada: alegria, desorganização, exotismo, fascínio, abertura, simpatia e sexualidade. Por afastamento ou por aproximação, a representação de atores sociais por assimilação se funda nos elementos discursivos da memória cultural sobre o que é ser brasileiro/a e grande parte dessa memória, seu elemento fundamental, consiste nas heranças identitárias coloniais, complexamente acionadas em um novo encontro em um contexto migratório pós-colonial.¹⁷⁰

Em uma estratégia muito próxima à representação de atores sociais por *personalização por especificação e assimilação*, a categoria de maior frequência utilizada por **Fabrcício** em sua narrativa é a *personalização por determinação e identificação*. Sendo que, de forma geral, se aquela é utilizada para incluir (assimilar) atores sociais em grupos com características discursivamente representadas na memória cultural, esta é usada para identificar atores sociais atribuindo-lhes características vinculadas a pertencimentos a grupos que são caracterizados no momento da narrativa pela memória comunicativa. No caso da narrativa de **Fabrcício**, predominam os pertencimentos de classe. Assim, por exemplo, Fabrcício representa atores sociais por *assimilação* quando afirma que “*eu nunca fui tão brasileiro quanto agora*”, pois o que é ser brasileiro, embora ele explique depois, está inscrito discursivamente na memória cultural; ao passo que os representa por *identificação* quando afirma que “*o brasileiro, ele é aberto, ele fala com as pessoas*”, momento no qual atribui características ao grupo “brasileiro”, neste caso específico, reproduzindo na memória comunicativa elementos da memória cultural. Contudo, como não há uma separação nítida e rígida entre memória cultural e memória comunicativa, que são antes dialógicas que estanques, torna-se, na realidade e em muitos momentos, bastante difícil a tarefa de distinguir entre *assimilação e identificação*. *Assimilação e identificação* são muitas vezes dois movimentos consecutivos e indissociáveis, nos quais discursos da memória cultural são acionados para serem em seguida reforçados ou modificados pela memória comunicativa. Se foi útil a pista que segui em associar assimilação e identificação à memória cultural e à memória comunicativa, respectivamente, confesso que ela não foi

¹⁷⁰ Ainda que eu particularmente tenha muitas reticências com a utilização das ideias do pós-colonialismo para o contexto do Brasil e mesmo da América Latina, utilizo o termo aqui algumas vezes, pois considero que o contexto migratório em Portugal pode ser entendido como pós-colonial pela presença também expressiva de imigrantes das ex-colônias africanas e pelas relações hierárquicas aí construídas e fundadas ainda em um imaginário colonial português e na estratégia de manutenção simbólica do império extinto.

redentora, e uma clara distinção entre a representação de atores sociais por assimilação ou identificação não me foi sempre possível.

Contudo, para além e mais importante que as classificações precisas, o que importa destacar é que por meio das representações de atores sociais por identificação toda a multiplicidade de “nós” e “outros” presentes no “jogo de espelhos”, no qual **Fabício** (re)constrói sua identidade, revela-se. É com a categorização de atores sociais por identificação que **Fabício** revela sua adscrição à “*brasilidade diferenciada*” que vive em Lisboa e se afasta do brasileiro imigrante, “*daqueles que queriam juntar dinheiro para comprar alguma coisa no Brasil*”. Assim, a brasilidade sob a qual **Fabício** nos une por assimilação também é acionada para nos separar por identificação baseada no pertencimento de classe. Se “*somos todos brasileiros*”, também há “*uma continuação de lá, meu, quem era, vamos dizer, do povo lá, é do povo aqui, se você lá se sentia separado do que é do povo, isso também vai se manter aqui*”. Não há aqui uma única brasilidade fundada em uma representação discursiva comum; há classes, e a distinção de classe fundada no *habitus* e no gosto tem que ser narrativamente acionada, inclusive para que não restem dúvidas sobre a identificação construída, remetendo o narratário a um cenário que o narrador lhe sabe familiar:

Você sabe que em Brasília tem aquele barzinho na Asa Norte, ali, que vai aquele pessoal, que vai ouvir uma música diferente, que vai pagar um preço diferente também pelas bebidas, mas, em suma, é um círculo sociocultural diferente do que aquele cara que tá num bar, no pagode, ali, na Ceilândia, sabe... Então, basicamente acontece o mesmo aqui, cara; e esse bar que a gente trabalhou era onde se reunia esse brasileiro que não curte o que eu não curtia no Brasil: o sertanejo, o pagode, o samba, o fo..., o... sabe?

Por um lado as representações de atores sociais por categorização por meio de identificação servem para dividir o “nós” inicial que supera os recortes de classe em um novo “nós” e um “outro”, os/as “brasileiro/as não diferenciado/as”, que surgem ambos por representações de marcadores de pertencimento de classe. Contudo, por outro lado, as representações por identificação servem também para unir o “outro” inicial marcado pelo pertencimento nacional (o/a português/a) ao “nós” inicial (os/as brasileiros/as) em um processo no qual características comuns ao “nós” inicial, não dividido por recorte de classe, são atribuídas a uma herança deixada pelo “outro” desse “nós” inicial, que, assim, passa também a preencher esse “nós”, ao menos como matriz: “*eu vejo que nós somos, nós temos muito em comum, mas muito mesmo*”.

Como veremos, a interpretação da narrativa colhida na Alemanha nos leva a visualizar um campo de contrastes no qual há de um lado os/as brasileiros/as e do outro os/as alemães/ãs e no entre-lugar entre esses polos está a narradora, que se posiciona aí individualmente e não como pertencente a um novo grupo que categoriza ao se identificar; por isso predominam aí mais claramente antes as *assimilações* do que as *identificações*. No caso da narrativa de **Fabrício**, o cenário do conflito dramático é bastante mais complexo, não há brasileiros/as de um lado, portugueses/as de outro e o narrador posicionado individualmente no entre-lugar. Há brasileiros/as, brasileiros/as diferenciados, brasileiros/as do povo, portugueses/as, tugas, Portugal e Brasil, imigrantes, europeus, vários grupos e todos eles precisam ser categorizados, o que o narrador faz quase sempre por identificação e, ao se posicionar, localiza-se sempre em um grupo.

Na narrativa de **Fabrício**, quando as identidades (re)construídas se aproximam ou se afastam, são identidades de grupos que se aproximam ou se afastam. No caso da narrativa colhida na Alemanha, os afastamentos e aproximações são feitos, por um lado, também entre grupos, quando a narradora se assimila aos/às brasileiros/as e se afasta dos/as alemães/ãs. Contudo, por outro lado, nos sentidos opostos, quando a narradora se afasta dos/as brasileiros/as e se aproxima dos/as alemães/ãs, ela se posiciona individualmente, (re)construindo sua identidade por meio de processos entendidos e narrados como processos idiossincráticos que a colocam na posição do entre-lugar, pois nesses momentos, se ela não se vê mais no grupo de origem, tampouco consegue integrar-se plenamente ao grupo “acolhedor”. **Fabrício** pertence sempre a um grupo; seu conflito dramático poderia ser resumido como a constituição desses grupos de pertencimento. A narradora alemã em muitos momentos não pertence mais completamente a nenhum grupo, e seu conflito dramático se vincula a esse posicionamento no entre-lugar, que será interpretado com o auxílio da ideia de “equilíbrio de antagonismos”. Se o conflito dramático da narradora no contexto alemão pode ser lido como mais complexo, por ser mais tenso e mais denso, o conflito dramático de **Fabrício** pode também ser lido como mais complexo por ser mais multifacetado e mais difícil de desemaranhar.

Frente às três formas de representação de atores sociais mais frequentes, as outras formas identificadas têm um peso secundário nos processos de (re)construção de identidades presentes na narrativa de **Fabrício** e, via de regra, reforçam o projeto dramático fundado na complexidade multifacetada do jogo de espelhos. Assim se dá, por exemplo, no caso das formas de representação de atores sociais que ocorrem com frequência intermediária na narrativa, qual sejam, *indeterminação* e *generalização*. Mesmo sendo formas de representação muito próximas e passíveis de serem confundidas, na construção narrativa de **Fabrício** elas se

diferenciam de forma bastante clara ao serem acionadas uma para dividir e outra para unir. No primeiro caso, a *indeterminação* aparece muitas vezes ligadas a grupos específicos e, se não nos permite identificar o sujeito da ação representado, permite-nos ter alguma certeza sobre o pertencimento de grupo do sujeito representado por indeterminação, como ocorre em: “*você tem várias realidades*”, que de alguma forma anuncia a divisão entre brasileiros/as central à narrativa de Fabrício; ou em “*tem muito brasileiros que se destacam*”, em um momento posterior no qual a divisão baseada no pertencimento de classe já foi claramente construída.

As *generalizações* não são sempre usadas pelo narrador de forma a abranger toda a humanidade, e por isso elas são mais amplas que as indeterminações e são acionadas, sobretudo, para justificar comportamentos adotados pelo narrador e avaliados como válidos para todo ator social na situação descrita. As *generalizações* se referem sobretudo a ações e alterações sofridas pelo ator social imigrante e nos falam algumas vezes de qualquer imigrante, ou, na maioria dos casos, do/a imigrante brasileiro/a. Ao narrar, por exemplo, que alguns/mas brasileiros/as querem manter seus hábitos inalterados em Portugal, antes de prosseguir na crítica iniciada com uma representação de ator social por indeterminação, o narrador modaliza a crítica com uma generalização: “*isso não é mau, acho que todo estrangeiro faz isso*”. Mas o comportamento narrado deveria ter um limite marcado pelo respeito ao espaço do próximo e esse respeito não é generalizado, esse respeito não é observado no sujeito imigrante brasileiro representado em seguida por indeterminação: “*o cara traz hábitos do Brasil pra cá, só que ele se esquece que ele não tá no Brasil*”. As generalizações aparecem também em referência a brasileiros e brasileiras quando o narrador se refere aos traços que nos uniriam, dos quais “*todos se beneficiam*”, nesse caso se referindo a generalização marcada pelo pronome indefinido “*todos*” associado apenas aos/às brasileiros/as. Acionadas muitas vezes em par, indeterminação e generalização servem aos movimentos de divisão e união em grupos de pertencimento acionados pelo narrador e os tornam mais claros ao operarem, algumas vezes, por contraste.

Pouco frequentes na narrativa e sem revelar a este intérprete outras facetas dos processos identitários acionados pelo narrador, as demais formas de representação de atores sociais podem ser aqui brevemente comentadas.

Personalização por nomeação e impersonalização são bastante raras na narrativa e merecem menção a primeira antes por curiosidade e a segunda pelo relevo que dá a um elemento discursivo central na (re)construção identitária empreendida. O caso de representação de ator social por nomeação que chama a atenção na narrativa de Fabrício é a menção do autor de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda. A referência é possível e explicável pela

formação acadêmica do narrador, mas a realização desse potencial pode ser interpretada, creio eu, como mais um marcador de classe, como mais um “diferencial” acionado pelo narrador em seu processo de (re)construção de identidade estreitamente vinculado à reafirmação de pertencimento de classe.

A *impersonalização* que se faz mister destacar aparece mais de uma vez na narrativa e se refere à representação dos dois países, Brasil e Portugal, não só como atores sociais que comungam das características atribuídas a brasileiros/as e portugueses/as, mas também e sobretudo, como atores sociais com um grau de parentesco bastante próximo, como pai e filho. *“Portugal é o pai ou a mãe do Brasil, não sei...”*. É óbvio, ainda que de bom tom dizer, que essa impersonalização e o parentesco são usados principalmente para construir as identidades entre brasileiros/as e portugueses/as, e são diretamente vinculadas à memória cultural advinda do contexto colonial. O que não é tão óbvio, e por isso imprescindível de ser dito, é que essa impersonalização e o parentesco são também usados sutilmente para justificar diferenças e conflitos, operando-se narrativamente com a memória comunicativa em um contexto pós-colonial. Se Portugal e Brasil são representados como pai (ou mãe) e filho, também são representados como *“dois irmãos, que se gostam, mas que se odeiam...”*.

Todas essas categorias juntas operam na construção do complexo jogo de espelhos que pode marcar as (re)construções identitárias de brasileiros/as em Portugal em um contexto cultural pós-colonial que surge para brasileiros/as apenas nesse contexto geográfico pós-colonial, trazendo à tona elementos discursivos da memória cultural fundada no período colonial que pouco peso exercem na memória comunicativa de processos identitários de brasileiros/as em outros contextos geográficos. A clara revelação do peso da inserção de brasileiros/as em um contexto pós-colonial em seus processos identitários se tornou possível graças ao contraste realizado na pesquisa com o contexto migratório de brasileiros na Alemanha. Se há elementos discursivos comuns nas (re)construções identitárias operadas nos dois contextos, as formas como esses elementos são acionados, combinados e (re)inventados dão origem a estratégias identitárias e construções narrativas bastante distintas.

A interpretação da construção de personagens com o uso de ferramentas da ACD permite, além da interpretação cultural, a vinculação entre ACN e ACD, que é completada a seguir com a continuidade da interpretação textual para além das personagens. Nessa transição, passo à interpretação discursiva da narrativa selecionada, trabalhando com excertos da íntegra da transcrição, disponível no anexo A desta tese, e dando mais ênfase a elementos textuais do

que a elementos narrativos, para isso, apoio-me em categorias de interpretação crítica de discurso elaboradas por Fairclough (2003).

O trabalho proposto de interpretação da narrativa usando a ACD se dividiu em dois momentos. Em um primeiro momento, foram identificadas várias categorias de análise discursiva presentes no texto. Trabalhei com algumas reproduções do texto, usando cada uma delas para as marcações das categorias enquadradas por Fairclough em cada um dos três significados já citados.

Durante o primeiro momento de interpretação, ao identificar as categorias faircloughianas, um trabalho preliminar de interpretação já ia ocorrendo simultaneamente às marcações, por meio de uma gradação inicial da relevância de cada categoria para as perguntas que buscava responder com esta interpretação.

Feito isso, foi tentador reduzir as categorias aplicadas à interpretação às do significado identificacional, definido por Fairclough, imediatamente ligado à atribuição discursiva de identidades. Contudo, seguindo a ideia da indissociabilidade entre os três significados, em uma revisão da gradação das categorias, feita por meio de releituras do texto, optei por trabalhar com categorias relevantes de cada um dos três significados propostos por Fairclough. Entre as categorias do significado identificacional, selecionei as de *modalidade* e *avaliação*. Entre as do significado representacional, trabalhei com *interdiscursividade*. Das categorias do significado acional, achei mais pertinente lançar mão da *intertextualidade* (ver definições no Capítulo 4).

Cabe ressaltar que os recortes feitos no *corpus* e categorizados abaixo, como ocorrências de *interdiscursividade*, *intertextualidade*, *modalidade* e *avaliação*, não podem, e não devem, de forma alguma, ser compreendidos como manifestações puras e exclusivas de cada uma das categorias a que são aqui atados. O que é tomado como exemplo de interdiscursividade poderia ser explorado também como intertextualidade. Em trechos de modalidade, há coisas de avaliação e assim por diante. Em ACD, como em qualquer tentativa de interpretação que pretenda ostentar o adjetivo “crítica”, categorias são ferramentas de aproximação que possibilitam uma organização possível do recorte trabalhado, entre várias outras. Categorias não são vistas aqui como gavetas, que trancafiam o que se organizou, mas como lentes, que direcionam ideias. Trocados os olhos, polidas as lentes, ou mesmo redirecionado o olhar, coisas distintas podem ser vistas.

Sobressaem-se na narrativa de **Fabrcio** as duas categorias do significado identificacional, algo esperado em uma narrativa de (re)construção identitária. Sobretudo, destaca-se a categoria *avaliação* utilizada com uma frequência que impressiona, mesmo em

uma narrativa autobiográfica centrada em processos identitários. A ocorrência de avaliação é tão frequente que creio poder afirmar ser ela determinante na estruturação da narrativa de **Fabício**. Com avaliações, o narrador reforça a (re)construção dos múltiplos grupos e pertencimentos em sua estratégia que chamei de “jogo de espelhos” e, com isso, (re)constrói sua própria identidade, ao se mover e se reposicionar entres esses grupos.

As avaliações feitas pelo narrador se dividem, grosso modo, de acordo com seus dois eixos principais de movimentação já identificados: ele avalia ao distinguir brasileiros/as de portugueses/as, apontando tanto para as semelhanças quanto para as diferenças entre esses dois grupos marcados pelo pertencimento nacional; e avalia ainda com mais frequência ao distinguir entre “brasileiros/as diferenciados/as” e os demais brasileiros/as, destacando as diferenças entre esses dois grupos com marcadores de pertencimento de classe. Nesse segundo eixo de avaliações, por meio das quais o narrador se (re)posiciona por critério de classe no grupo da “brasilidade diferenciada”, inserem-se também as autoavaliações do narrador sobre sua responsabilidade individual na não-integração na sociedade portuguesa. Com as autoavaliações, o narrador reforça que a não-integração não se deve ao fato de ser ele um imigrante, o que possivelmente o (re)posicionaria em um grupo com menor prestígio na hierarquia social, mas sim por ser ele “*marrento*” e por azar (“*por acaso*”) nos contatos iniciais com portugueses/as. É desta forma que ele se aproxima do fim da narrativa:

Uma coisa eu notei, cara: o primeiro contato aqui determina muita coisa, sabe, quisera eu ter caído num lugar assim que eu fosse tratado com mais respeito, de repente, minha história teria sido outra; eu me fechei muito mesmo, isso é mau, tô corrigindo isso, mas... eu me fechei em relação aos portugueses... é besteira! besteira mesmo; é isso.

Sobre os primeiros contatos, **Fabício** avalia que:

Não havia respeito, cara. Na boa, aquilo me deixou uma imagem muito negativa dos portugueses esse meu primeiro emprego e, pra já, a velhota lá nem portuguesa era... aquelas angolanas nasc... aquelas portuguesas nascidas em Angola, que veio pra cá depois da descolonização da África, mas, enfim, penso que ela não tinha uma relação de respeito, de patrão-empregado, ela via as pessoas como... depois, me falaram que ela cresceu em Angola e a avó, os pais ainda tinham escravos, aquela coisa, então, ela transferia essa maneira, essas relações assim, essa maneira de ser dela pras relações profissionais; basicamente, ela tratava todo mundo mal; aquilo não era uma empresa, era uma senzala, vamos dizer assim; você comia mal, não tinha hora pra sair; era um subtrabalho mesmo, um subemprego, explorado; e eu, pronto, vi que aquilo não é pra mim...

As afirmações avaliativas essencialmente negativas sobre o primeiro contato descrito com uma portuguesa, o que marcará toda a narrativa de Fabrício, são muito sutilmente modalizadas por meio do uso de um processo mental expresso em *“penso que ela não tinha uma relação de respeito”*. Essa sutil moderação desaparece tanto frente as fortes avaliações por valores presumidos, como *“não havia respeito cara”* e *“não era uma empresa, era uma senzala”*, quanto frente a nomeações que também avaliam de forma claramente pejorativa, *“a velhota lá nem portuguesa era”*.

O contexto no qual essas avaliações são inseridas logo no início da narrativa é, seguindo o fio de interpretação aqui tomado, de importância fundamental para a construção de uma narrativa fundada no jogo de espelhos identitários em um contexto colonial. Em um parágrafo forte e nada despretensioso, o narrador nos dá a dimensão da força da pós-colonialidade e da hierarquia multinivelada em que se insere o processo de (re)construção identitária de um imigrante brasileiro em Lisboa. Para além dos três níveis da hierarquia pós-colonial já abordados pela interpretação aqui empreendida – que envolve os/s imigrantes das ex-colônias africanas, os/as brasileiros/as e os/as portugueses –, nesse excerto da narrativa aparece ainda a figura negativamente avaliada de *“aquelas portuguesas nascidas em Angola, que veio pra cá depois da descolonização da África”*. Embora não aparecendo em outros lugares da narrativa, esse outro sujeito pós-colonial, o/a português/a retornado das ex-colônias, é revelado nas avaliações feitas por Fabrício e reforça a complexidade do jogo de espelhos identitários. Os outros dois sujeitos da hierarquia primordial do cenário pós-colonial lisboeta são também acionados nesse mesmo contexto avaliativo, um deles, o/a imigrante africano/a, será objeto de interpretação a seguir, ao me voltar para a categoria “intertextualidade”; o outro, o/a brasileiro/a, aparece logo em seguida em sua posição intermediária na escala hierárquica.

O brasileiro não aceita isso, cara, mesmo na pobreza, ele tem certo orgulho... mesmo na necessidade, sabe, ele não deixa ninguém gritar com ele... salvo algumas exceções, mas, no geral, é isso, brasileiro não aceita esse tipo de coisa. Foi o que aconteceu lá: a mulher era má-patroa mesmo e isso influenciou muito o meu percurso aqui nesses dez anos, cara; depois dela, eu tive um outro patrão também que era muito mau...

Como veremos, a avaliação por valores presumidos feita no excerto acima, de que o/a brasileiro/a não se submete ao tratamento grosseiro dispensado pela patroa portuguesa, é construída após a introdução por intertextualidade da voz de uma imigrante africana que é quem constata serem os/as brasileiros/as diferentes. Reforça-se com essas avaliações, acionadas junto com um relato direto de fala, tanto as hierarquias pós-coloniais, quanto os papéis atribuídos aos

sujeitos posicionados na escala hierárquica: o/a português/a senhor/a e acostumado/a aos desmandos coloniais; o/a brasileiro/a que não se submete a esses desmandos e consegue um lugar intermediário na hierarquia; e o/a africano/a passivo/a a quem é atribuído o lugar mais baixo da hierarquia (pós)colonial.

Contudo, a posição intermediária do/a imigrante brasileiro/a e seus alicerces de reconstrução identitária em Portugal não são dados apenas pelo enfrentamento ao/à português/a, mas também pelas heranças que nós deles/as herdamos, o que tornaria mais fácil a vida no contexto migratório pós-colonial em Lisboa:

Vivendo fora do seu país, você vai procurar seus pares, né, é uma maneira de se manter perto de casa (???)... Em Portugal não é muito difícil, eu acho que a maneira mais fácil de tá perto do Brasil, na Europa, é viver em Lisboa, cara, pra já, a língua, o clima - é ameno, não tem o clima da Alemanha, que você bem conhece, né, aquele inverno que você vai ver lá do teu lugar -, é diferente, cara, e aquela relação, assim, como é que eu vou dizer, entre pai e filho, ou melhor, entre dois irmãos, que se gostam, mas que se odeiam...

Ao avaliar a situação da imigração brasileira em Portugal como “não muito difícil”, contrastando-a com a imigração na Alemanha, o narrador reforça ainda mais as semelhanças entre o “nós inicial” e o “outro português/a”, um dos movimentos centrais no jogo de espelhos identitários que se liga também ao contexto hierárquico pós-colonial e ao papel intermediário imposto a e assumido por brasileiros/as nesse contexto. **Fabrício** avança nessa interpretação e recorre ao discurso da latinidade compartilhada, algo a que voltarei quando olhar para as ocorrências de interdiscursividade na narrativa de **Fabrício**:

Eu diria até que tem alguma coisa acima da brasilidade: ainda existe a latinidade, cara, essa tendência pra, por exemplo, falar alto, ser alegre, expansivo, um pouco desorganizado: isso é latino, meu, isso não é brasileiro; você vê isso na Itália, eu vejo isso aqui em Portugal, tem isso na Espanha, então, há coisas assim que superam essa coisa.

Aqui as avaliações ocorrem por valores presumidos e carregam o discurso incrustado na memória cultural sobre um certo “caráter nacional brasileiro”, atribuído por **Fabrício** à nossa latinidade compartilhada com outras nações. Se, por um lado, somos alegres, um valor que podemos presumir positivo, por outro, somos desorganizados, o que é muitas vezes assumido como parte dos problemas “sem solução” que enfrentamos como grupo, como sociedade.

Se **Fabício** recorre à latinidade para compreender parte de seu processo de (re)construção de identidades experimentado em Lisboa, ele parece reservar o compartilhamento de atributos positivamente valorados, como a alegria, com espanhóis e italianos, deixando aos/às portugueses o compartilhamento de características com valores presumidamente negativos:

Isso aqui é um Brasil em menores proporções e, talvez, seja hoje o que o Brasil vai ser daqui a trinta anos, quer dizer, eles têm acesso a bens materiais, é uma sociedade mais estabilizada, né, é uma sociedade capitalista mais evoluída no sentido até positivista da palavra, vamos dizer assim, mas eles também têm aquelas vicissitudes, velho, é um país também que você vive dando um jeitinho, empurrando com a barriga (...). Uma coisa é você ser um brasileiro ilegal em Londres, você não fica ilegal em Londres, cara, a polícia te prende (...). Nenhum país da Europa você vai viver na boa ilegalmente igual você vive em Portugal; é um pouco Brasil isso aqui, sabe, a lei não é aquela coisa pra ser aplicada a sério mesmo (...) então não tem essa tensão que você poderia ter em brasileiros que vivem em outros países tipo na Alemanha.

Mais uma vez o narrador recorre à comparação com a Alemanha para reforçar os laços identitários entre Brasil e Portugal que estão discursivamente inseridos em nossa memória cultural e são, conforme a interpretação aqui seguida, reforçados narrativamente pela memória comunicativa no presente contexto imigratório pós-colonial lisboeta: “**É um pouco Brasil isso aqui, sabe, a lei não é aquela coisa pra ser aplicada a sério mesmo**”. Com essa avaliação por afirmação avaliativa, modalizada pelo advérbio “pouco” e dubiamente negativizada por valores presumidos, o narrador revela aspectos importantes da (re)construção identitária no contexto migratório. Imigrantes brasileiros/as em Portugal podem se representar, em suas narrativas, como uma espécie de “meio-imigrantes” de tão próximos de casa a ponto de se sentirem à vontade, “meio-acolhidos”, e construir seu posicionamento no meio da escala hierárquica pós-colonial, e não no entre-lugar, como ocorrerá com a narrativa interpretada para o contexto alemão (lembrando que o entre-lugar não é o meio).

Em um segundo movimento de grande relevância nesse processo de reconstrução de identidades, o narrador se (re)posiciona dentro do grupo de brasileiros/as vivendo em Lisboa. Aqui o “outro” tem que ser criado por critérios diferentes do pertencimento nacional e novas hierarquias são narrativamente construídas com base em critérios de classe. Nessa outra escala hierárquica, Fabício se une ao grupo que localiza no topo da hierarquia e “ascende”, deixando de lado a posição intermediária assumida como brasileiro no contexto migratório pós-colonial.

Também na construção desse novo “nós”, desse outro “outro”, dessa nova escala hierárquica e desse (re)posicionamento, desempenham as avaliações um papel de peso.

O bar nosso lá era um ponto de encontro mesmo, era uma coisa legal, aquele lugar que você podia ir sozinho porque sabia que você ia chegar lá, você ia encontrar seus amigos, tava todo mundo lá e era um ponto de encontro dessa brasilidade, mas dessa brasilidade, vamos dizer, diferenciada... você sabe o que eu tô dizendo (...). Esse bar que a gente trabalhou era onde se reunia esse brasileiro que não curte o que eu não curtia no Brasil: o sertanejo, o pagode, o samba, o fo..., o... sabe, era uma... então, esse Heitor ele chegou lá e conheceu a gente e de ele conhecer a gente a gente... pá

Esse novo contexto precisa de um novo cenário, de um novo *locus* para a “brasilidade diferenciada”, e esse lugar de uma quase “origem” ou “formação” quase mitológica desse grupo privilegiado é o “bar”, o “nosso bar”. Se a avaliação do cenário geral da imigração é dúbia, a avaliação desse novo cenário e de seus frequentadores, feitas por valores presumidos, é claramente positivada. Aos que não o frequentam, porque talvez ainda curtam o sertanejo, o pagode e o samba e não tenham realizado o *passing* de classe por mudança de *habitus* no processo migratório, restam as avaliações negativas por valores presumidos:

Só brasileiro que vai fazer isso, vai andar com o som do carro no último volume; isso é bem brasileiro; pode ser que agora o pessoal daqui tá se identificando com isso, mas... cê sabe que isso no Brasil é comum, né: o cara ter um carro de cinco mil, mas tem dez mil em som, em aparelhagem... e ele precisa mostrar a música pro mundo inteiro ouvir o que ele tá ouvindo; na Europa não tem isso, então, enquanto me passa um cara aqui com o som agora no último volume eu sei que aquele cara é brasileiro, sabe, é aquela coisa de trazer o teu estilo de vida pra cá, e isso não é mau, acho que todo o estrangeiro faz isso: você quer manter a tua... falar a tua língua, fazer o prato tradicional do teu país, mas essa cena de ter aquela consciência de que você vive no estrangeiro, respeitar o espaço do próximo, isso é uma coisa que não é todo mundo que faz isso

Preservar costumes do país de origem não é diretamente avaliado pelo narrador como um valor negativo, pelo contrário, isso é literalmente avaliado como positivo, mas apenas como concessão. O que é avaliado negativamente são alguns costumes que se preserva e esses costumes negativamente avaliados são marcados pelo gosto de classe, pelo *goût des autres*. O brasileiro que anda com o carro com o som no último volume não é todo e qualquer brasileiro, é, na hierarquia de classes (re)construída por **Fabício**, o mesmo brasileiro que curte sertanejo e pagode, é o “imigrante que vem para ganhar dinheiro”, conforme fica claro na passagem imediatamente posterior ao extrato acima reproduzido:

Como eu te disse, isso vai do nível sociocultural da pessoa, então, há vários Brasileiros aqui em Lisboa, sabe, somos todos brasileiros, mas... é uma continuação de lá, meu, quem era, vamos dizer, do povo lá, é do povo aqui e, se você lá se sentia separado do que é do povo, isso também vai se manter aqui (...).

A princípio, é o “*nível sociocultural*”, ou mais exatamente falando, o pertencimento de classe que o imigrante carrega consigo que define seu pertencimento ou não à brasilidade diferenciada em Portugal. Literalmente o narrador nos conta que a hierarquia social entre brasileiros em Lisboa é uma reprodução da hierarquia que já havia no Brasil, e o narrador faz parte do grupo dos diferenciados positivamente avaliados por valores presumidos em comparação com o grupo de brasileiros/as não diferenciados, negativamente avaliados também por valores presumidos:

Esses que queriam juntar dinheiro pra comprar alguma coisa no Brasil já foram embora; brasileiro que mora aqui hoje mora aqui porque quer; que vive aqui; é o meu caso: eu não tô aqui pra juntar dinheiro, pra comprar casa, um carro no Brasil, ou terreno, nada disso, tô aqui porque é uma opção de vida, eu gosto daqui.

A adscrição ao grupo da “brasilidade diferenciada” e ao topo de uma hierarquia interna da imigração narrativamente (re)construída é reforçada pelo narrador ao descrever parte de sua rotina em **Lisboa**:

Meu trabalho é mais vocacionado, orientar, estabelecer as normas que são pra serem seguidas, percebe; agora, nesse momento, por exemplo, antes de eu vir te encontrar, eu tava definindo o novo cardápio de vinhos, eu tô mesmo visitando garrafeiras, escolhendo vinho - uma coisa também que eu aprendi, em XXXXX não tinha vinhos, tá vendo como é bom isso! Em XXXXX eu não tinha contato com isso; não que XXXXX não tinha vinhos, eu que não tinha contato com esse universo.

Contudo, e para muito além da interpretação da categoria discursiva “avaliação”, se aqui **Fabício** reforça indubitavelmente seu pertencimento de classe, o olhar atento sobre uma leve variação temática na narrativa, o que ocorre nesse excerto e é ligeiramente desenvolvido no excerto posterior, pode ajudar a revelar algo que em nenhum momento da narrativa nos é literalmente narrado por **Fabício**, a saber, o seu (re)posicionamento de classe, que ele narrativamente articula em seu processo de reconstrução identitária. Pouco após a narração de parte de sua rotina, **Fabício** revela que:

Então, é isso, meu, eu era uma pessoa igual qualquer outra lá no Brasil, eu tinha meu emprego, eu trabalhava, tinha namorada, saía pra balada, bebia cerveja, tinha uma vida... nada assim de muita... Nada excepcional, assim, sabe, não era de uma

família rica, mas também não era de uma família miserável, sabe, então, tinha meu carro no Brasil antes de vir pra cá; então, tem muito a ver com escolha de vida; hoje eu tenho plena consciência que com o que eu aprendi aqui hoje, com as coisas que eu aprendi nesse dez anos de Portugal, profissionalmente, eu me daria muito bem no Brasil; bastava eu me focar, definir a cidade que eu quero viver e me focar naquilo e trabalhar por isso, eu conseguiria ter uma boa vida no Brasil.

O que **Fabrizio** literalmente nos conta é que a hierarquia de classes entre brasileiros/as em Lisboa não é nada mais do que uma reprodução das relações de classe trazidas do Brasil. Essa é, sem dúvida, uma parte importante da história. Contudo, o que ele não nos conta literalmente é que o processo imigratório com as (re)construções identitárias que ele coloca em marcha é um momento que proporciona o (re)posicionamento narrativo em termos de classe. Não que isso seja possível para todos, podemos suspeitar que para alguns/as isso não seja possível. Mas em determinados processos de (re)construção de identidades de brasileiros/as imigrantes em Portugal, se superar as barreiras hierárquicas da condição de imigrante em um contexto pós-colonial pode ser algo inatingível e mesmo incompreensível como uma barreira estrutural (vimos que no caso de Fabrizio essa situação é constantemente reforçada como um problema individual), outras barreiras podem ser simbolicamente ultrapassadas, mesmo que, para ressaltar o *passing*, as fronteiras entre os grupos hierarquicamente representados tenham que ser destacadas. **Fabrizio** não enriqueceu materialmente na imigração e nem era esse seu objetivo, pois o objetivo de enriquecimento material é uma característica atribuída ao grupo “imigrantes”, do qual **Fabrizio** se exclui por meio do pertencimento à “brasilidade diferenciada”. Contudo, o narrador adquiriu gostos e desenvolveu competências que supostamente permitem seu (re)posicionamento ascendente em uma hierarquia de classe narrativamente (re)construída por critérios antes simbólicos do que materiais.

Um pouco mais difíceis de mapear, pois incrustadas em todo o texto e nem sempre de forma explícita, as modalizações mais significativas para a interpretação dos processos identitários aparecem sobretudo vinculada às avaliações, intensificando ou minimizando juízos de valor expressos implícita ou explicitamente pelo narrador. Em alguns momentos, avaliações inteiras servem como modalizadoras de outras avaliações nas quais se inserem. Nos processos identitários acionados por **Fabrizio** modalizadores são usados então, principalmente, para reforçar ou mitigar avaliações (Pardo, 2011), ainda que haja também modalizações epistêmicas que ocorrem fora de processos avaliativos. Isso ocorre em vários excertos avaliativos, como, por exemplo, no excerto a seguir, nos quais os modalizadores estão sublinhados:

Uma coisa que eu aprendi também a falar aqui, descobri aqui que não tem um Brasil, tem vários Brasis; eu aprendi a dizer: “ah! lá no Brasil é assim”, não é assim, “lá no meu Brasil é assim” porque eu não sei a realidade do cara que é lá de Porto Alegre, do cara que é lá de Belém do Pará (...) de uma maneira taxativa, né, como se aquilo fosse válido pra todos, mas não é, meu, você tem várias realidades socioeconômicas, culturais, geográficas diferentes... dizer assim - seja o que for -, ah... em termos culturais, econômicos, sociais, ah... tipo... - pronto, eu já tô desviando, né, mas... no meu Brasil...

[...]

Então, eu fui trabalhar num restaurante que, por acaso, eu não era bem tratado - vamos dizer assim, a grosso modo -, aliás, ninguém ali era.

[...]

Agora, como o brasileiro vive isso aqui é que é complicado, aí, depende muito da história de vida da pessoa e do núcleo sociocultural dessa pessoa (...). Sabe, é aquela coisa de trazer o teu estilo de vida pra cá, e isso não é mau, acho que todo o estrangeiro faz isso.

Nos três excertos escolhidos, as modalizações são de grande importância no complicado e frágil jogo de espelhos identitários no qual se move o narrador. O primeiro excerto faz parte da construção do alicerce sobre o qual o narrador irá mais tarde centrar parte de seu processo de (re)construção identitária ao dividir hierarquicamente os/as imigrantes brasileiros em Portugal por critérios de pertencimento de classe. Aqui um pronome possessivo é usado como modalizador, uso não exatamente comum, que chama a atenção do intérprete. Ao modalizar suas afirmações sobre o Brasil, destacando que fala do “**meu Brasil**”, **Fabrício** aponta desde o início para os movimentos de união e divisão entre brasileiros/as, para “o que nos une” e para “o que nos separa”. Se no início ele destaca a divisão do Brasil por critérios meramente geográficos, no desenvolvimento da narrativa, o lugar de origem dos/as imigrantes brasileiros/as não será mais retomado como fundamental na divisão e na reconstrução do “meu Brasil” em Lisboa. Apenas listadas nesse primeiro momento, são as “**várias realidades socioeconômicas**” e culturais que permitirão o (re)posicionamento de classe de **Fabrício**, que deixa a pequena classe média a que pertencia no Brasil e passa em Lisboa a pertencer narrativamente à “elite brasileira”.

As modalizações repetidas no segundo excerto marcam a dubiedade do segundo movimento central de (re)construção de identidades de **Fabrício**. Ao descrever a violência simbólica das relações pós-coloniais claramente presentes em seu relato sobre o primeiro

contato com uma portuguesa, sua patroa, o narrador não economiza em modalizadores de mitigação que transformam uma relação que poderia ser vista como estrutural e definitiva em um “*acaso*”.

O terceiro excerto é retirado de um trecho da narrativa em que o comportamento atribuído a um brasileiro, vinculado pelos traços de classe “gosto” e “habitus” ao grupo dos “brasileiros não diferenciados”, é negativamente avaliado por valores presumidos. A interpretação desse pequeno excerto contendo modalização não acrescenta muito à interpretação até aqui já alcançada; sua importância é antes metodológica que interpretativa. Se entendido em seu contexto maior de avaliação negativa por valores presumidos, nesse excerto destaca-se a urdidura tecida pelo narrador entre o uso de avaliação e modalização. Em meio a uma passagem de avaliação negativa do comportamento de imigrantes brasileiros/as não pertencentes à “brasilidade diferenciada”, o narrador introduz outras avaliações mais gerais que servem de modalizadores que mitigam o teor negativo da avaliação central feita na narrativa. Assim, uma avaliação inteira, feita por meio de afirmação avaliativa modalizada por meio de processo mental, é usada também como modalização de uma avaliação mais específica, sobre o comportamento de um “brasileiro não diferenciado”, que engloba essa avaliação modalizadora.

Usada com parcimônia, a intertextualidade aparece tanto em relatos diretos, quanto em relatos indiretos, indiretos livres ou em relato narrativo de ato fala. Do ponto de vista dos processos identitários, um relato direto já interpretado neste capítulo merece ser retomado devido ao papel que desempenha no jogo de espelhos acionado no contexto migratório pós-colonial que domina a paisagem lisboeta:

E as africanas falavam: “vocês brasileiros são fodidos, cara...”, isso quer dizer o quê? “vocês não se curvam”.

Reforçando a interpretação já desenvolvida tanto com a representação de atores sociais quanto com o uso de avaliações pelo narrador, o contexto em que Fabrício insere a voz das “africanas” na narrativa é o ponto de partida para a construção do cenário imigratório pós-colonial no qual se desenrola grande parte da narrativa e de suas relações hierárquicas que têm influência central nos processos de (re)construção de identidades narrativamente acionadas. Ao usar da intertextualidade por meio de relato direto de fala, o narrador atribui a configuração desse cenário e dessas hierarquias justamente ao grupo menos privilegiado das relações sociais aí desenvolvidas. O diagnóstico, embora reforçado pelo narrador, de sua posição hierárquica

intermediária não é feito por ele, mas sim por alguém que de uma posição inferior o situa nesta posição intermediária.

Outra ocorrência de intertextualidade já mencionada durante a representação de atores sociais deve ser aqui mais uma vez destacada, pois revela literalmente o presença dos discursos detectados pelos olhos deste intérprete.

Porque, na boa, se você... Portugal é muito Brasil, cara, isso aqui, você, como disse o Sérgio Buarque de Holanda - né, você deve ter lido o 'Raízes do Brasil' -, você só entende o Brasil quando você entende Portugal.

Como já dito, a menção a Sérgio Buarque de Holanda pode ser interpretada como mais um marcador de classe, como mais um “diferencial” acionado pelo narrador em seu processo de (re)construção de identidade estreitamente vinculado à reafirmação de pertencimento de classe. Creio ser válida aqui a repetição tanto para reforçar um argumento relevante sobre os processos identitários interpretados, quanto para, metodologicamente, reforçar o argumento de que as categorias de análise crítica de discurso aqui manejadas são maleáveis e podem, muitas vezes, ser tomadas umas pelas outras.

Por fim, a interdiscursividade aparece com um peso que pode ser também considerado semanticamente estrutural na construção narrativa, ao menos aos olhos de um historiador da cultura. Se a narrativa de **Fabício** se constrói parcialmente por meio de avaliações que o ajudam a (re)construir grupos de pertencimento, (re)inventar identidades e se (re)posicionar nesses grupos e entre essas identidades, ela se constrói sobre elementos discursivos vinculados à memória cultural que se mostram textualmente sobretudo pelos excertos de intertextualidades presentes na narrativa:

Agora, numa coisa todos se beneficiam, cara: é o fascínio que os europeus têm pelo Brasil e pelo brasileiro, enquanto aquela... é exótico, meu! pra quem nunca saiu da Europa, então, por mais que prevaleça... que seja pelo estereótipo, né, futebol, samba e carnaval e praia e capoeira, aquelas coisas, mas 'Brasil' é um país que todo mundo conhece, todo mundo já ouviu falar e quem não foi tem vontade de ir; mas que... desperta um certo fascínio, cara, nas pessoas, e isso é um facilitador das relações pessoais, o brasileiro... aí, vem aquela coisa que tá acima da divisão de classes que o Brasil tem: o brasileiro ele é aberto, ele fala com as pessoas.

Durante seus movimentos de pertencimento a uma brasilidade que nos une a todos, independentemente de outros recortes de pertencimento possíveis, é ao imaginário reproduzido pelo discurso de um Brasil exótico e estereotipado, do paraíso que desperta o fascínio europeu

que no narrador recorre. Mas se os benefícios dessa “brasilidade primordial” são compartilhados por todos, nem todos conseguem ir além dela. Alguns ficam limitados à essa “primordialidade”:

O cara não fala inglês, mas ele é brasileiro, ele é quente, ele é safado, ele quer pegar aquela menina (...). Eu namorei... tive namorada da Polônia, tive uma namorada francesa, tive namorada da República Tcheca, então, é essa coisa de você... compreende? eu conseguia... o fascínio tem, cara! mas como com uma menina linda, da Lituânia vai falar com um brasileiro que ela tá interessada se o cara não fala nada de inglês?

Aqui o narrador já se move no limite entre os dois eixos centrais que cortam seu processo de (re)construção de identidades. Se ele é primordialmente brasileiro, e colhe os frutos dessa identidade primordial, ele é também e por competências adquiridas um “brasileiro diferenciado”. Há no fundo dessa divisão de classes narrativamente construída a repetição de uma dicotomia que marca discursos de invenção de identidades nacionais desde ao menos o século XIX. A “brasilidade” compartilhada por todos é apresentada como um dado, algo que se tem ao nascer, apresenta assim uma forte ligação com o que poderíamos chamar de características naturais do brasileiro, de todos os brasileiros, incluindo os brasileiros do povo. De outro lado, as características adquiridas pela “brasilidade diferenciada” o são por meio da cultura (aqui entendida tanto em seu sentido neutro de modos de vida, como em seu sentido valorado de cultura da classe burguesa), algo que seria privilégio da elite. Reforça com isso o narrador a representação de classes que marca a sua narrativa.

Além do discurso de dicotomização entre cultura e natureza e de hierarquização de classe e do discurso de uma “brasilidade” fascinante aos olhos europeus, dois outros discursos complementares, engravados em nossa memória cultural também compõem o quadro de interdiscursividade no texto de **Fabrizio**. Um deles é o da fixação das raízes de uma certa herança negativa dessa brasilidade que fascina entre os europeus ibéricos. O outro é a oposição que se faz entre os ibéricos e os europeus do norte, que servem de alteridade maior à brasilidade que fascina. Estes discursos, de certa forma ponto de partida das interpretações desenvolvidas nesta tese, são reproduzidos pelo narrador em passagens como:

Mas eles também têm aquelas vicissitudes, velho, é um país também que você vive dando um jeitinho, empurrando com a barriga (...) Nenhum país da Europa você vai viver na boa, ilegalmente igual você vive em Portugal; é um pouco Brasil isso aqui, sabe, a lei não é aquela coisa pra ser aplicada a sério mesmo (...). Então não tem essa tensão que você poderia ter em brasileiros que vivem em outros países tipo

na Alemanha. Na Alemanha o cara não vive ilegal, não vive, meu, eu te falo que não vive! Ele fica por um tempo; assim que acabar o dinheiro dele ele vai embora porque ninguém vai contratar ele, ele não vai ter emprego, ele não...

Não importa que os poucos dados que existem estimem a presença de cerca de 400 mil imigrantes irregulares na Alemanha, quase o mesmo número da totalidade de imigrantes regulares em Portugal, o que informa essa representação discursiva de **Fabício** não são dados ou a observação, mas sim os elementos discursivos de nossa memória cultural.

Conforme dito, as categorias aqui utilizadas para aprofundar a interpretação discursiva dos processos identitários presentes na narrativa de Fabício não devem ser entendidas como categorias estanques e definitivas. Os entrecruzamentos entre avaliações e modalizações são suficientes para reforçar a afirmação de que as categorias de ADC são relacionais e maleáveis. Dependem, de um lado, do gênero discursivo do texto que se está interpretando e, de outro lado, do aparato teórico sob o qual se alicerça a interpretação.

Se, no caso de uma narrativa de trajetória de vida, categorias do significado identificacional, como “avaliação” e “modalização”, tendem a ser semântica e textualmente estruturantes, enquanto categorias do significado acional, como “intertextualidade” podem ser mais raras e desempenhar um papel secundário na estruturação da narrativa, quando essa mesma narrativa é interpretada com ferramentas da história cultural, que colocam em relevo ideias como memória cultural, memória comunicativa e representação, categorias do significado representacional, como “interdiscursividade”, podem adquirir uma relevância estrutural advinda do peso que têm na interpretação possível de ser alcançada com o uso desse aparato teórico.

É assim que, se uma narrativa de (re)construção identitária de um brasileiro vivendo em Lisboa pode ser discursivamente interpretada a partir das categorias do significado identificacional acionadas na narração, do ponto de vista da interpretação cultural, esses processos identitários necessitam também da abordagem das representações que os embasam e essas são melhor visualizadas a partir das categorias do significado representacional presentes na narrativa. **Fabício** (re)constrói sua identidade em Lisboa a partir de reafirmações de pertencimento e diferenças fundadas na nacionalidade e de (re)posicionamentos fundados em critérios de classe. Esses pertencimentos, diferenças e reposicionamentos são em grande parte textualmente estruturados por meio de avaliações e modalizações. Contudo, essa estrutura textual se funda em uma estrutura semântica que lhe é anterior, que é informada pela memória

cultural e reproduzida no texto sobretudo pela interdiscursividade que integra o significado representacional.

Capítulo 7 Nacionalidade e experiências de brasileiras/os na Alemanha

La vida no es la que uno vivió, sino la que uno recuerda y cómo la recuerda para contarla (Gabriel García Márquez)

7.1 Apresentação

Assim como no Capítulo 5, divido este capítulo em duas partes que se complementam. Na primeira parte proponho uma aproximação com alguns estudos já produzidos sobre brasileiros/as na Alemanha, bem como apresento alguns números relativos a isso. A grande diferença aqui está no fato de que, ao contrário do caso dos brasileiros/as em Portugal, os estudos sobre os brasileiros/as na Alemanha são muito poucos, tanto os qualitativos, que se resumem a uma meia dúzia de bons estudos, quanto os quantitativos, que ou inexistem, ou são muito pouco divulgados e difíceis de serem encontrados.

Se a ausência de reflexões anteriores sobre brasileiros/as na Alemanha parece em um primeiro momento tornar mais simples a tarefa aqui empreendida, na verdade ela torna mais difícil o trabalho, pois há poucos pontos de apoio anteriormente já fixados para tentar ir além na escalada. Começo então vendo brevemente os números de brasileiros e brasileiras na Alemanha nos últimos anos, presente da história que dá a moldura às trajetórias, memórias e experiências aqui interpretadas. Recorro aos números oficiais gerados pelos órgãos responsáveis na Alemanha. Na sequência da apresentação de alguns números, os colaboradores e as colaboradoras entrevistadas para a construção do *corpus* dessa pesquisa são introduzidos por meio de algumas de suas “passagens citáveis”.

Como já disse, por meio de discursos materializados em narrativas de trajetória de vida de imigrantes brasileiros/as e amparado por um conceito semiótico de cultura (Geertz 1992), associado à ideia de cultura como um horizonte de possibilidades latentes (Ginzburg 1993), e à ideia de experiência como processos históricos que tornam homens e mulheres sujeitos de sua história (Thompson 1987), busco interpretar e compreender como esses/as imigrantes reconstróem suas identidades diante da experiência da migração.

7.2 Brasileiros e brasileiras mundo afora, alguns e muitas também na Alemanha

Embora o número de brasileiras e brasileiros na Alemanha seja ainda quase insignificante se comparado com as nacionalidades de maior representação, o crescimento deste

número foi suficiente para chamar a atenção de um dos principais semanários alemães já em meados da primeira década do século. Em setembro de 2005, a versão internacional online da revista alemã *Der Spiegel* publicou reportagem intitulada *Swapping caipirinhas for currywurst: Immigration from Brazil to Germany is on the Rise*¹⁷¹, na qual anunciava que os brasileiros, sobretudo as brasileiras, estavam entre as nacionalidades que registravam os maiores índices de crescimento entre os estrangeiros/as na Alemanha. No ano da reportagem, as estatísticas oficiais alemãs registravam 7.358 brasileiros e 21.544 brasileiras vivendo na Alemanha. Um total de 28.902 estrangeiros/as em um universo de 6.755.811 à época. Brasileiros e brasileiras representavam em 2005 pouco menos de 0,43% da população estrangeira na Alemanha. Em 2013 este índice foi de 0,48%, 33.600 brasileiras e brasileiros em um universo de 7.633.628 estrangeiros/as. Apenas como comparação, em 2005, as estatísticas registraram 1.764.041 turcos e turcas vivendo na Alemanha, enquanto em 2013 este número foi de 1.549.808 turcas e turcos. Apesar da reportagem da *Der Spiegel*, os números de brasileiros/as vivendo na Alemanha não impressionam e o Brasil tem sido notícia por outras razões que acabam levando, às vezes, a notícias sobre os/as brasileiros/as¹⁷².

7.2.1 Pessoas: gênero, nacionalidade e processos identitários

1989, poucos dias depois da queda do muro de Berlim, a advogada **Flávia** chegava pela terceira vez à Alemanha Oriental, que, junto com a Alemanha Ocidental, ainda que esse fato seja quase sempre esquecido, iniciava um novo processo de consolidação de uma só Alemanha: a *Reunificação*, para uns, ou a *Transição*, como preferem dizer outros. **Flávia** também realizava uma transição importante. Dois anos antes ela chegara à República Democrática Alemã em uma viagem financiada por partidos políticos de seu país de origem com o objetivo de conhecer um pouco melhor os chamados países do leste. Conhecer um pouco melhor um mundo que em breve se acabaria. Além de visitar um país socialista, **Flávia** conheceu um jovem *DDR-Bürger*¹⁷³ em um clube de estudantes; a terceira viagem não a fez mais pelo socialismo, mas sim por ele. Eles já haviam se decidido mesmo antes da queda do muro, mas ela admite que o fato histórico ajudou os jovens apaixonados:

¹⁷¹ Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/swapping-caipirinhas-for-currywurst-immigration-from-brazil-to-germany-is-on-the-rise-a-373859.html>. Data de acesso: 20/06/2014

¹⁷² Todos os dados apresentados nesse parágrafo foram obtidos na plataforma online do *Statistisches Bundesamt: Genesis Online-Datenbank*, consulta feita em 20 de julho de 2014.

¹⁷³ Cidadão da República Democrática Alemã: como se autodenominavam os alemães orientais

Para morar num país socialista por questões privadas era muito difícil [...] Nós éramos considerados [...] um país capitalista e não éramos muito bem vistos [...] foi uma decisão que teria sido difícil se a Alemanha continuasse socialista.

Flávia é uma das dezenas de milhares de imigrantes brasileiras que, sobretudo, a partir do final da década de 1990 partiram para a aventura da migração internacional indo para diversos destinos mundo afora e pelas mais diversas razões, mas que podem ser alocados, destinos e razões, dentro de um contexto histórico maior, definitivamente marcado pelo fenômeno das novas migrações internacionais.

Os percentuais da imigração não impressionam, nem impulsionam a produção acadêmica sobre a população brasileira na Alemanha. O texto de maior fôlego sobre o assunto, parece, continua sendo a coletânea de crônicas de João Ubaldo Riberio *Um brasileiro em Berlim*, publicada pela primeira vez em 1995. Contudo, ainda que incipiente, desde a reportagem publicada dez anos após o livro de João Ubaldo, já há alguma produção acadêmica sobre os brasileiros/as em Berlim (e também alhures), mas ainda não há nenhum trabalho de fôlego ou sistemático, que possa ser tomado como referência, como já existe em relação a outros países europeus, sobretudo Portugal, mas também Espanha e Itália.

As publicações de Bahia (2013, 2010) sobre suas pesquisas acerca da expansão do candomblé em Berlim são representativas da lacuna nos estudos sobre a população brasileira na Alemanha e não apenas pela constatação do fato feita pela autora. Preocupada com questões identitárias e inserida em uma tradição de pesquisa interpretativa e qualitativa, Bahia esboça em poucas páginas alguns números da imigração brasileira que não vão muito além da constatação de que há uma defasagem entre os números oficiais e os números reais. Na construção de suas próprias interpretações, a autora recorre quase sempre a estudo similares ou mais gerais sobre a imigração brasileira em Portugal, o que resulta em argumentos em alguns casos felizes, em outros nem tanto.

Na esteira de argumentação de Machado (2003) no caso da população brasileira em Portugal, Bahia propõe, por exemplo, que

não obstante os brasileiros não terem uma proximidade linguística ou mesmo uma “perenidade ou continuidade de um pensamento colonial” (o que ocorre em relação a Portugal), pois o Brasil não foi colônia da Alemanha, esses não deixam de ser “exotizados” pelos alemães (...). A objetividade da cultura está no corpo, na musicalidade e na religiosidade. São estes os espaços ocupados pelos brasileiros. Os brasileiros encarnam o que culturalmente seus corpos representam para os alemães. Espera-se (sic) deles que se ocupem artisticamente do corpo e dos sentidos, objeto

(sic) de exotização dos brasileiros. O Brasil é o lugar do sonho. Do tropical, da floresta, do desconhecido. Dos corpos em movimento. (Bahia, 2012: 226)

Duas páginas depois, a autora amplia bastante o espectro do mercado laboral brasileiro na Alemanha, para bem além do “mercado da alegria” de Machado:

Muitos brasileiros em Berlim trabalham com expressões da própria arte e cultura brasileiras. Músicos, dançarinos, professores de dança, capoeira e fotografia são profissões presentes entre aquelas exercidas pelos brasileiros de camadas médias da população. Mas muitos possuem outros empregos na área de serviços, especialmente em empresas de limpeza, escritórios, bares e restaurantes e call centers para dar continuidade financeira aos trabalhos e projetos na área cultural até que montem uma empresa e consigam ganhar autonomia. A exemplo temos tanto escolas de dança com ritmos brasileiros (fórró, samba), música e de capoeira quanto profissionais autônomos espalhados pelo território alemão. (Bahia, 2012: 228)

Na falta da indicação de fontes, fica contudo a impressão de que as observações se baseiam na própria vivência da autora como pesquisadora em Berlim, certamente, como toda vivência, limitada para tecer generalizações.

Trilhando um caminho diferente e com uma grande densidade teórica, o trabalho que Maria Lidola vem desenvolvendo sistematicamente desde meados da primeira década deste século com brasileiras em Berlim (Lidola 2007, 2009, 2011, 2012, 2013, 2014) talvez constitua o alicerce mais sólido, mesmo que ainda de área bastante resumida, sobre brasileiras na Alemanha, mais especificamente em Berlim. Apoiada em uma bibliografia essencialmente vinculada aos estudos culturais em sentido amplo – incluindo aí Hall, Bhabha e Canclini, mas também Butler e Fanon – Lidola trabalha com brasileiras em Berlim centrada na proposta de interseção de gênero, raça e nacionalidade. Em suas palavras:

Die Frage nach der Bedeutung von Körper und Körperlichkeit bei Integrationsprozessen und Positionierung in unterschiedlichen sozialen Ordnung und Kontexten wird hier aufgrund der Erfahrungen einiger Frauen brasilianischer Staatsangehörigkeit gestellt (...). Die Fragestellung orientiert sich vordergründig an den Intersektionen von Geschlecht, Hautfarbe und Nationalität. (Lidola, 2009: 145)¹⁷⁴

As interpretações que Lidola vem construindo sobre os processos identitários de mulheres brasileiras em Berlim tentam desatar nós dos contraditórios processos que envolvem

¹⁷⁴ A pergunta sobre o significado do corpo e da corporeidade no processo de integração e posicionamento em diferentes ordens e contextos sociais será feita aqui devido à experiência de algumas mulheres de nacionalidade brasileira (...). A construção das perguntas se orienta sobretudo para as interseções de gênero, cor da pele e nacionalidade. (Lidola, 2009: 145)

desde a mímica (*quase o mesmo, mas não exatamente*) dos padrões da sociedade acolhedora à adesão aos estereótipos sobre o “ser-brasileira”, passando pela negação dessas duas estratégias. Sobretudo, Lidola busca destacar tanto a agência dessas mulheres nos processos de integração exigidos pela sociedade alemã, como a (re)construção de mecanismos de discriminação já existentes no Brasil entre as próprias imigrantes, surgidos nas intersecções de classe e raça. Sobre as demarcações no interior da “comunidade” brasileira, Lidola constata que:

Trotz ihrer unterschiedlichen Positionierungen innerhalb der Comunidade beschrieben alle Informantinnen ein ähnliches Bild dieser: Sie splittete sich in verschiedene Gruppen (...) Diese gaben auch an, dass sich die Diskriminierung aufgrund der Hautfarbe unter BrasilianerInnen in der Migration weiter fortführe (...) die geographische Herkunft einer Person in Brasilien innerhalb der Comunidade weiterhin einer Stereotypisierung unterliegt. Sie wird zudem auch affirmativ genutzt, um sich von anderen BrasilianerInnen abzugrenzen, oder aber es wird dem/der Anderen beim affirmativen Nutzen dieser Herkunft eine 'trainierte Arroganz' unterstellt. (Lidola, 2007: 91-94)¹⁷⁵

Para além das divisões de raça e classe que marcam a população brasileira não só na Alemanha, mas também alhures, como foi visto para Portugal, Lidola tem focado suas reflexões sobretudo na agência das imigrantes brasileiras no seu processo de integração na sociedade dominante, por vezes fundadas em estratégias de inversão de estereótipos e ressignificação do imaginário alemão sobre o Brasil:

By focusing on the gendered dimension of independent work and its distinctive contribution to ‘integration’ in Germany. I will discuss the significance of work, entrepreneurship and its cultural inscription into German consumer spaces, while drawing on the ethnographic case of Brazilian migrants’ engagement as small-scale entrepreneurs in Berlin. (Lidola, 2014: 229)¹⁷⁶

Em uma linha de interpretação semelhante à de Lidola, que tem como colaboradoras de pesquisa brasileiras que trabalham com depilação em Berlim, Regis (2007), em seu trabalho sobre os *Cursos de Integração* tornados obrigatórios pela Lei de Imigração (BRD, 2004) para novos imigrantes e também imigrantes já residentes, mas com conhecimento limitado do idioma

¹⁷⁵ Apesar de seus diferentes posicionamentos dentro da Comunidade, todas as informantes descrevem um quadro parecido: elas se estilhaçam em diferentes grupos (...). Elas também contam que a discriminação devido à cor da pele continua existindo entre brasileiros/as na migração. (...) a origem geográfica no Brasil de uma pessoa continua sendo estereotipada no interior da comunidade. Ela também é usada para separar brasileiros/as uns/umas dos/as outros/as, ou para a outro/a uma “arrogância treinada” no uso positivo dessa origem. (Lidola, 2007: 91-94)

¹⁷⁶ Ao focar a dimensão de gênero do trabalho autônomo e sua contribuição particular à “integração” na Alemanha. Discutirei a importância do trabalho, do empreendedorismo e de sua inscrição cultural nos espaços de consumo alemães, valendo-me também do caso etnográfico do engajamento de migrantes brasileiros como pequenos empreendedores em Berlim (Lidola, 2014: 229).

alemão (Castles, Hansen, Schierup, 2006), trabalha com entrevistas semi-estruturadas com imigrantes brasileiras na Alemanha que atuam em cursos e shows de samba. Diferentemente de Lidola, uma alemã, Regis, brasileira, teve de se defrontar com suas próprias narrativas de identidade nacional ao perceber em suas colaboradoras estratégias de emancipação vinculadas ao imaginário estereotipizado da mulher brasileira:

Weil sie “süß” und “exotisch” sei, wäre es ihr schnell möglich gewesen, eine Arbeit außerhalb ihres Haushalts zu finden. Zwar nicht als ausgebildete Informatikerin, die sie ist, aber immerhin eine Arbeit. In Deutschland hätte sie einfach festgestellt, dass sie Sambalehrerin sein kann. Dabei war es ihr sogar möglich, eine andere Landsfrau mit einzustellen (...). Nach diesem Bericht war ich ziemlich gerührt. Vielleicht weil ich „in Deutschland Samba zu tanzen“ – vor allem als Mulattin auf Sambashows – wie Mário de Andrade immer als die bloße passive Akzeptanz einer Rolle empfinde. – Einer Rolle, von der viele Europäer erwarten, dass wir brasilianische Frauen sie spielen. Plötzlich erfahre ich das Ganze, unter einem neuen Prisma, als eine befreiende, unabhängigkeitsfördernde, sozialintegrierende Tätigkeit. (Regis, 2007: 44-45)¹⁷⁷

Tanto Lidola, quanto Regis, repetem, no ainda exíguo campo de estudos sobre a população brasileira na Alemanha, o recorte predominante de gênero que tem marcado os estudos sobre a imigração brasileira alhures. Ainda que incipiente, a ideia da interseccionalidade se mostra muito forte nos dois trabalhos; classe e raça são duas categorias explicativas indispensáveis nas interpretações dessas autoras. Lidola deu continuidade aos seus estudos, cuja primeira publicação data de 2007. Regis, que publicou seu trabalho também em 2007, parece ter se afastado dos estudos sobre imigrantes brasileiras na Alemanha, deixando Lidola aparentemente sozinha em seu esforço de construção de uma base para os estudos sobre a população brasileira feminina na Alemanha.

Assim como o trabalho isolado de Regis, poderíamos citar ainda mais duas ou três dissertações de mestrado construídas com brasileiras em solo alemão, como o trabalho de conclusão de mestrado de Isabel Figueiredo-Iken *Integrationsprobleme brasilianischer Frauen in Deutschland*, apresentado no ano de 2000 na Universidade de Colônia (Figueiredo Iken,

¹⁷⁷ Porque ela era “doce” ou “exótica”, teria sido possível para ela encontrar rapidamente um trabalho fora de casa. Não na área de informática, de acordo com sua formação, mas ainda sim um trabalho. Na Alemanha ela simplesmente constatou que ela poderia ser professora de samba. E ainda lhe foi possível empregar outra conterrânea (...). Depois desse depoimento eu fiquei bastante comovida. Talvez porque eu, como Mário de Andrade, sempre percebi “dançar samba na Alemanha” – sobretudo como mulata em um show de samba – como simples aceitação passiva de um papel imposto. Um papel que muitos europeus esperam que nós representemos. Repentinamente eu percebo tudo isso sob um novo prisma, como uma atividade libertadora, promotora de independência e de integração social. (Regis, 2007: 44-45)

2000). Também merecem menção, pelo pioneirismo, as reflexões de Kahrsch (1996) e o livro da jornalista Adriana Nunes *Nur die Edelsteine kommen aus Brasilien – Brasilianer in Deutschland*, publicado em 2001. Contudo, independentemente da qualidade desses trabalhos, de sua continuidade ou interrupção, nenhum deles sozinho nem todos eles juntos constituem ainda uma referência sólida nos estudos sobre a população brasileira na Alemanha. E certamente isso não é tarefa a ser realizada em um trabalho de mestrado ou mesmo em um solitário trabalho de doutorado. Esforços conjuntos de pesquisas quantitativas que destrinchem os números oficiais e aprimorem as estimativas não oficiais, aliados a pesquisas sociológicas, etnográficas e culturais, ainda precisam ser construídos para uma interpretação satisfatória sobre a população brasileira além-Reno. Além-mar isso foi possível devido ao impacto da imigração brasileira ali; na Alemanha, esse impacto dificilmente será tão grande, ao menos em curto e médio prazo. Há que se promover, então, outros ensejos para o avanço da produção acadêmica na área e talvez ela tenha que vir do lado de cá.

Sob uma perspectiva alemã, a presença brasileira parece não causar o incômodo necessário para que se transforme em um recorrente tema de estudos. Se nos prendermos aos dados oficiais do governo alemão, brasileiras e brasileiros na Alemanha ainda não atingiram meio ponto percentual do total de estrangeiros regulares no país, mesmo após do alardeado crescimento da imigração brasileira na Europa, que teve reflexos também na Alemanha. Por outro lado, a população brasileira aí instalada tem características que poderiam chamar a atenção de pesquisadores e pesquisadoras – a principal delas talvez seja a taxa de feminilização em torno de 75%, uma das maiores entre todas as dezenas de nacionalidades estrangeiras em solo alemão. Na esteira da participação no Carnaval da Cultura de Berlim; da proliferação de cursos de capoeira e de salões de depilação; dos astros do futebol e da presença de novos cultos religiosos, a inserção de brasileiros/as em determinados setores da economia também poderia ter chamado a atenção de mais pesquisadoras, mas isso não ocorreu até agora. O critério quantitativo parece ser determinante neste caso, com menos de meio ponto percentual no total de estrangeiros, brasileiros e brasileiras talvez ainda não se mostrem como uma questão na Alemanha.

7.2.2 *Números*

Do lado de cá é mais admirável a ausência de enfrentamento da questão, sobretudo se sabemos tão fortalecidos os estudos sobre a população brasileira em outros países europeus, como Portugal, Espanha e Itália, como também sabemos fortes os estudos sobre a imigração alemã para o Brasil em séculos passados. Do lado de cá também os números não explicam

ausência de estudos, pois se tomamos as estimativas “Brasileiros no exterior”, do MRE, vemos que a Alemanha se desponta como o quarto país europeu em número de brasileiros e brasileiras e o país com a maior tendência de crescimento desses números nos últimos anos.

TABELA 7.1 Brasileiros/as na Europa 2009, 2011, 2012

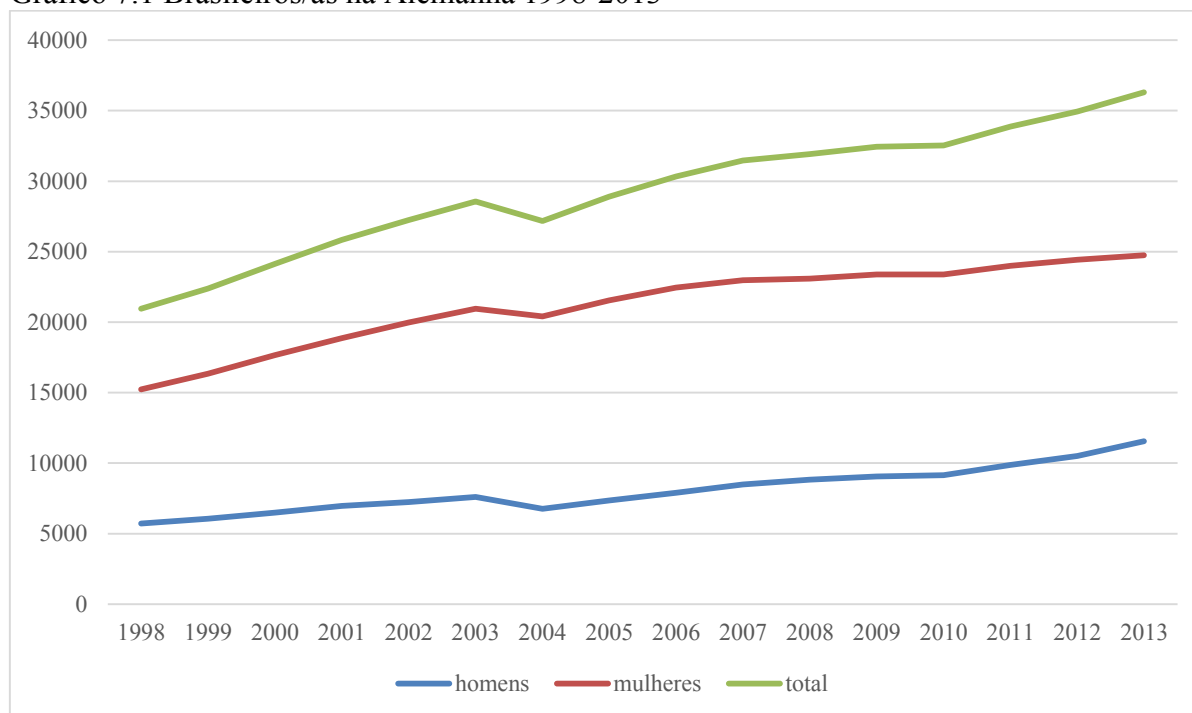
	2009	2011	2012
Europa	816.257	911.889	752.089
Alemanha	89.000	91.087	95.160
Bélgica	42.000	60.000	43.000
Espanha	125.000	158.761	128.238
França	60.000	80.010	44.622
Itália	70.000	85.000	67.000
Portugal	137.000	136.220	140.426
Reino Unido	180.000	180.000	118.000
Suíça	57.500	57.500	44.089

Fonte: MRE 2009, 2011, 2012

Diante das dificuldades dos números oficiais, que os tornam seguramente inferiores aos números reais, os números do MRE se apresentam como muito mais críveis e tornam a população brasileira na Alemanha uma das mais significantes em termos quantitativos dentro do sistema migratório brasileiro, o que por si só já justificaria maior atenção ao tema.

Mesmo sendo muito provável a maior proximidade das estimativas do MRE aos números reais da população brasileira na Alemanha, elas não nos permitem ir muito além do que se apresenta na tabela acima, os dados são aqueles e não há nenhum outro recorte possível de ser feito. Sendo assim, uma breve tentativa de fornecer alguns números de contextualização da população brasileira na Alemanha tem que, forçosamente, basear-se nos dados oficiais, que permitem outras apresentações para além do número total de imigrantes.

Gráfico 7.1 Brasileiros/as na Alemanha 1998-2013



Fonte: DESTATIS, 2014.

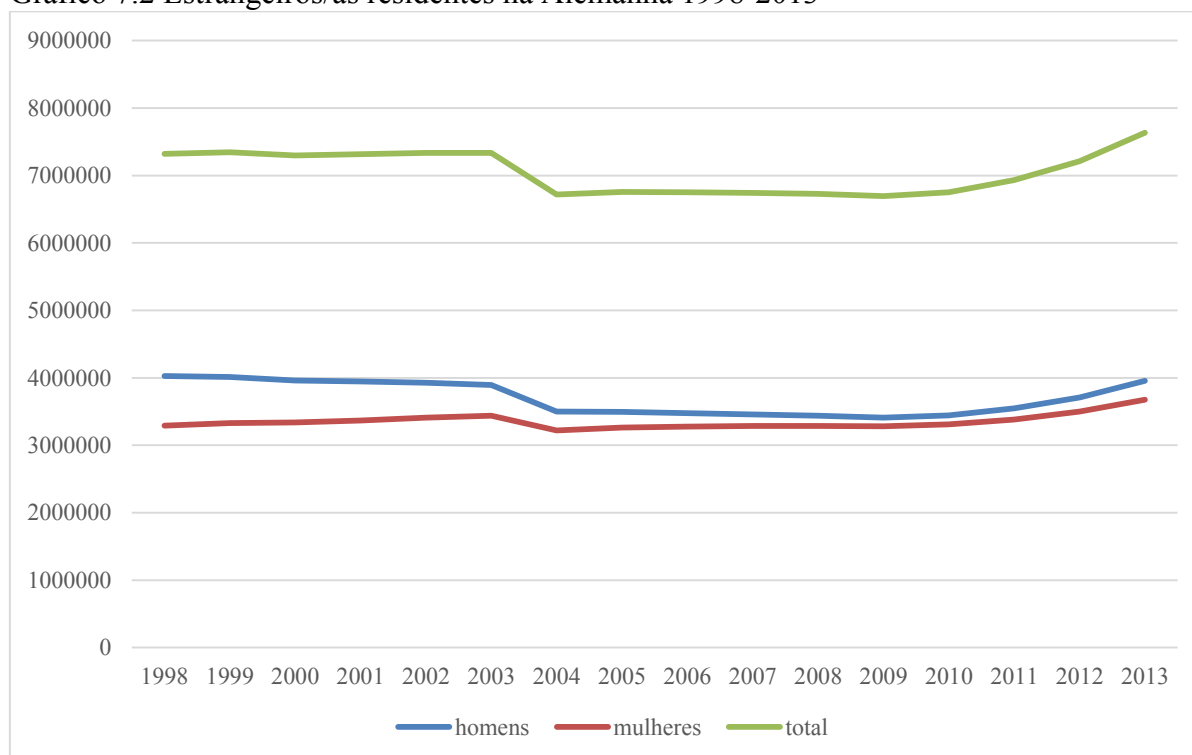
Este primeiro gráfico elaborado a partir dos dados do Statistisches Bundesamt (DESTATIS, 2014) permite a visualização do constante crescimento do número de brasileiros/as na Alemanha desde o ano de 1998 até 2013.

Podemos dizer que as mulheres chegaram na frente à Alemanha e mantiveram uma curva de crescimento mais acentuada do que os homens até o ano de 2003, quando há uma surpreendente inversão na curva do estoque de brasileiros/as na Alemanha, que volta a ter inclinação positiva no já ano seguinte. Em 1998, no início do período indicado no gráfico, as mulheres eram mais de 15 mil em um universo de pouco mais de 20 mil brasileiros e brasileiras na Alemanha. A feminilização da imigração, tendência global observada na totalidade dos processos migratórios internacionais contemporâneos (Zlotnik, 1998), apresenta-se como uma das características mais marcantes do sistema migratório brasileiro e se mostra bastante acentuada no caso da Alemanha.

Até o ano de 2003, é evidente no gráfico o maior crescimento da população brasileira feminina em relação à população brasileira masculina na Alemanha. Após a queda nos números entre 2003 e a retomada do crescimento em 2004, as curvas de crescimento das populações feminina e masculina tendem a atingir a mesma inclinação, sendo que a partir de 2010, a curva de crescimento da população masculina se torna mais acentuada que a curva da população feminina, tendência que se fortalece entre 2012 e 2013.

Se compararmos com os números totais de estrangeiros na Alemanha (Gráfico 7.2 abaixo), podemos constatar semelhanças e diferenças entre a flutuação geral e o movimento da população brasileira. A queda no número de brasileiros/as entre 2003 e 2004 acompanha uma queda geral no número de estrangeiros na Alemanha, o que sugere que as razões para um movimento tão destoante tenham origem em algum processo interno à Alemanha e tenha pouco a ver com a dinâmica população brasileira no país, que, da análise comparada dos dois gráficos, parece ter mantido um movimento constante de crescimento total.

Gráfico 7.2 Estrangeiros/as residentes na Alemanha 1998-2013



Fonte: DESTATIS, 2014.

A flutuação entre 2003 e 2004, provavelmente devido a questões internas à Alemanha, é um dos dois pontos de semelhança entre as curvas da população brasileira o movimento geral da população estrangeira no período analisado. Contudo, apesar das semelhanças, as diferenças se mostram maiores. Se a curva brasileira se mostra em franco crescimento tanto antes quanto depois do período dissonante, os dados gerais mostram uma tendência à estabilidade tanto antes, quanto depois do breve período de declínio. Apenas a partir de 2010, a curva geral apresenta uma tendência ao crescimento nítida, porém ainda bem menos acentuada do que a inclinação da curva da população brasileira.

Outra diferença marcante observada nos dois gráficos diz respeito à feminilização dos estoques de estrangeiros. Se a tendência pode ser observada nos dois gráficos, ela é muito mais evidente no gráfico referente à população brasileira do que no gráfico que representa os

números gerais da população estrangeira na Alemanha. O índice de feminilização no caso brasileiro é também nitidamente superior ao da média geral na Alemanha, que tende a se aproximar de 50% até o ano de 2010, quando a população estrangeira masculina volta a se distanciar da população feminina. Este último ponto é a segunda semelhança visível nos dois gráficos, em ambos os casos há uma tendência de reversão do crescimento da taxa de feminização observado nos 13 anos anteriores. Contudo, a tendência é ainda relativamente lenta e recente para ser apontada como estrutural, ainda não há segurança para se falar em uma reversão da tendência de feminilização que se tornou clara nas últimas duas décadas.

A feminilização marcante do sistema migratório brasileiro salta aos olhos no caso da Alemanha e pode ser identificada de várias formas complementares. A Tabela 7.2 a seguir permite acompanhar os números de uma das principais razões da permanência de brasileiros/as na Alemanha, o casamento, que afeta de forma mais as mulheres do que os homens.

Tabela 7.2 Estado civil de brasileiros/as na Alemanha, 1998-2013¹⁷⁸

Ano	Homens		Mulheres		Total	
	solteiros	casados	solteiras	casadas	solteiros/as	casados/as
1998	3555	1677	4656	9076	8211	10753
1999	3740	1737	4828	9712	8568	11449
2000	4024	1836	5152	10435	9176	12271
2001	4288	1923	5413	11119	9701	13042
2002	4409	2043	5591	11820	10000	13863
2003	4558	2166	5718	12435	10276	14601
2004	3940	1996	5054	12499	8994	14495
2005	4301	2180	5352	13042	9653	15222
2006	4525	2331	5558	13478	10083	15809
2007	4733	2576	5611	13770	10344	16346
2008	4840	2736	5595	13819	10435	16555
2009	5072	2840	5703	13967	10775	16807
2010	5130	2930	5702	13916	10832	16846
2011	5516	3175	6057	14048	11573	17223
2012	5978	3307	6392	14056	12370	17363
2013	6780	3515	6767	13980	13547	17495

Fonte: DESTATIS, 2014.

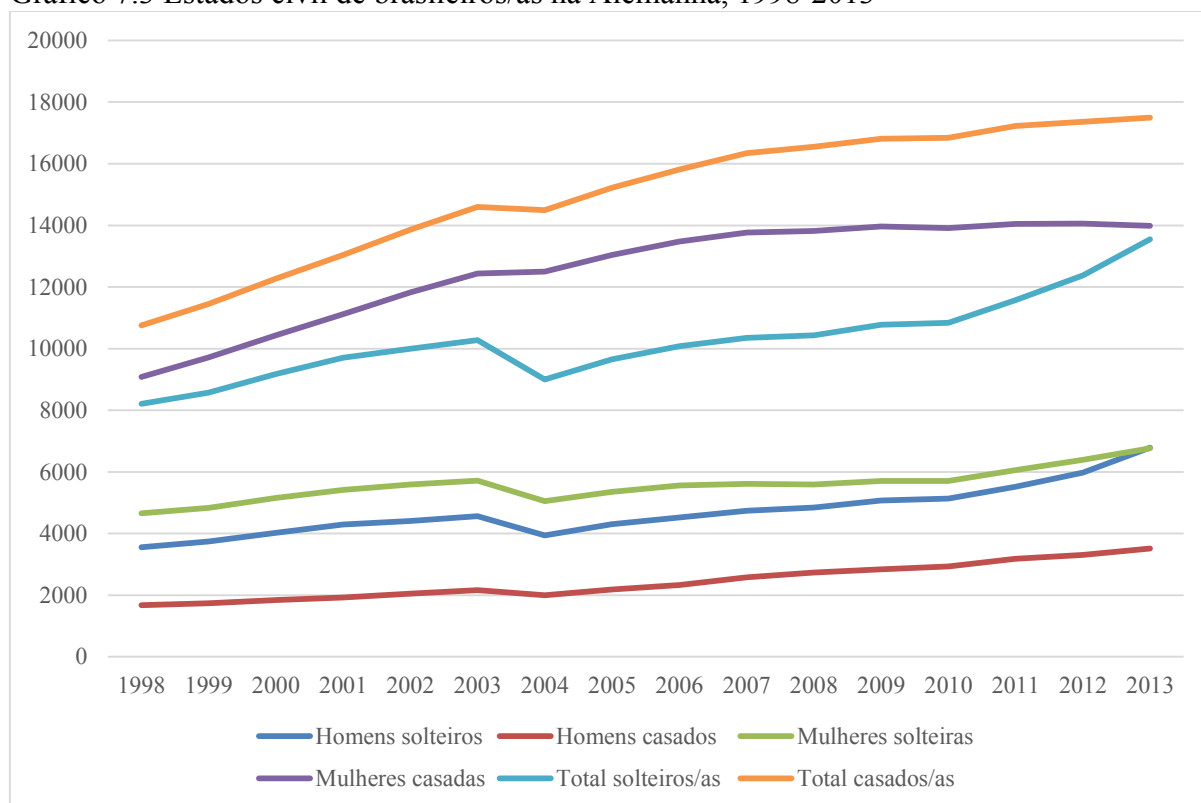
Sabendo que o número oficial de brasileiros e brasileiras na Alemanha em 2013 era de 36.300 pessoas, das quais 24.748 mulheres e 11.552 homens, vemos que 17.495, ou 48,2%

¹⁷⁸ Por praticidade, os números de viúvos/as e divorciados/as não foram incluídos na tabela

desse total são casados/as. A taxa de brasileiros/as solteiros/as é de 37,32%, sendo o restantes composto por viúvas/os e divorciados/as.

Entre as mulheres, as taxas são de 56,49 % de casadas e de 27,34% de solteiras, as demais são viúvas ou divorciadas, enquanto entre os homens as taxas são de 30,74% de casados e de 58,69% de solteiros. O gráfico abaixo permite visualizar a tendência de flutuação desses números entre 1998 e 2013.

Gráfico 7.3 Estados civil de brasileiros/as na Alemanha, 1998-2013



Fonte: DESTATIS, 2014.

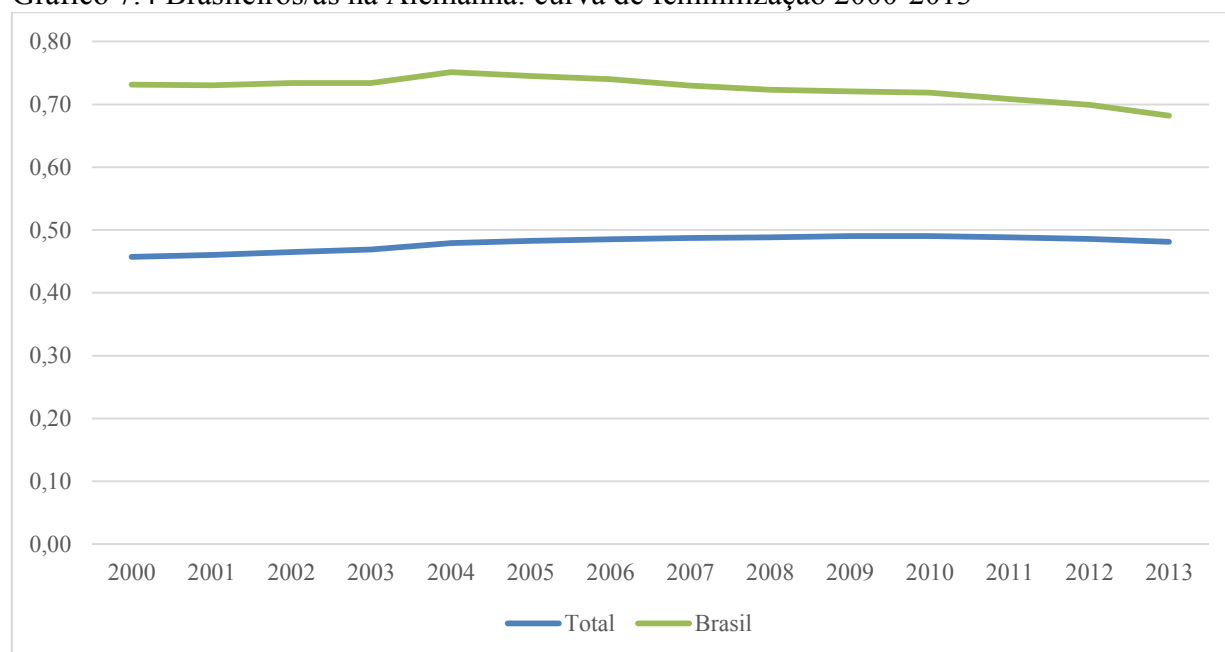
Se todas as curvas acompanham mais ou menos a curva de crescimento da população brasileira residente na Alemanha entre 1998 e 2013 (Gráfico 7.1), inclusive no período de declínio entre 2003 e 2004, há algumas especificidades que chamam a atenção. Talvez a menos perceptível seja a menor inclinação na curva de homens casados, que, embora também de crescimento crescente, é a que menos contribui para o acentuado crescimento dos números da população brasileira revelados pelo gráfico 7.1.

Dois outros movimentos que podem ser interpretados como relacionados são os que chamam mais a atenção: a estabilização na curva de mulheres casadas a partir de 2009, com aparente tendência à inclinação negativa a partir de 2012, e o abrupto crescimento do total de solteiros a partir de 2010, que, pela análise do gráfico, parece se formar a partir de um leve

aumento na inclinação positiva das curvas de homens solteiros e mulheres solteiras e a já destacada estabilização da curva de mulheres casadas.

Uma análise de tendências estatísticas de perfil populacional baseadas em um número tão limitados de variáveis, como é o caso aqui, é sem dúvida precipitada. Há, contudo, indícios de alguma alteração no perfil estatístico da população brasileira na Alemanha, o que pode vir a ser confirmando ou não nos próximos anos. Nos últimos anos cresceu o número de brasileiros homens solteiros na Alemanha, o que leva, entre outras coisas, a uma ligeira alteração na característica mais marcante dessa população, que é o alto grau de feminilização. A feminilização passa a sofrer ligeira queda desde o início do novo século, com curva negativamente mais acentuada do que a tendência geral de estabilização do índice de feminilização da população estrangeira na Alemanha, conforme mostra o Gráfico 7.4 abaixo.

Gráfico 7.4 Brasileiros/as na Alemanha: curva de feminilização 2000-2013



Fonte: DESTATIS, 2014.

Algumas outras informações compiladas na tabela 7.3 e no gráfico 7.5 podem lançar alguma luz sobre o perfil estatístico da população que se tenta aqui delinear.

Tabela 7.3 Brasileiros/as solteiros/as, casados/as e casados/as com alemães/es

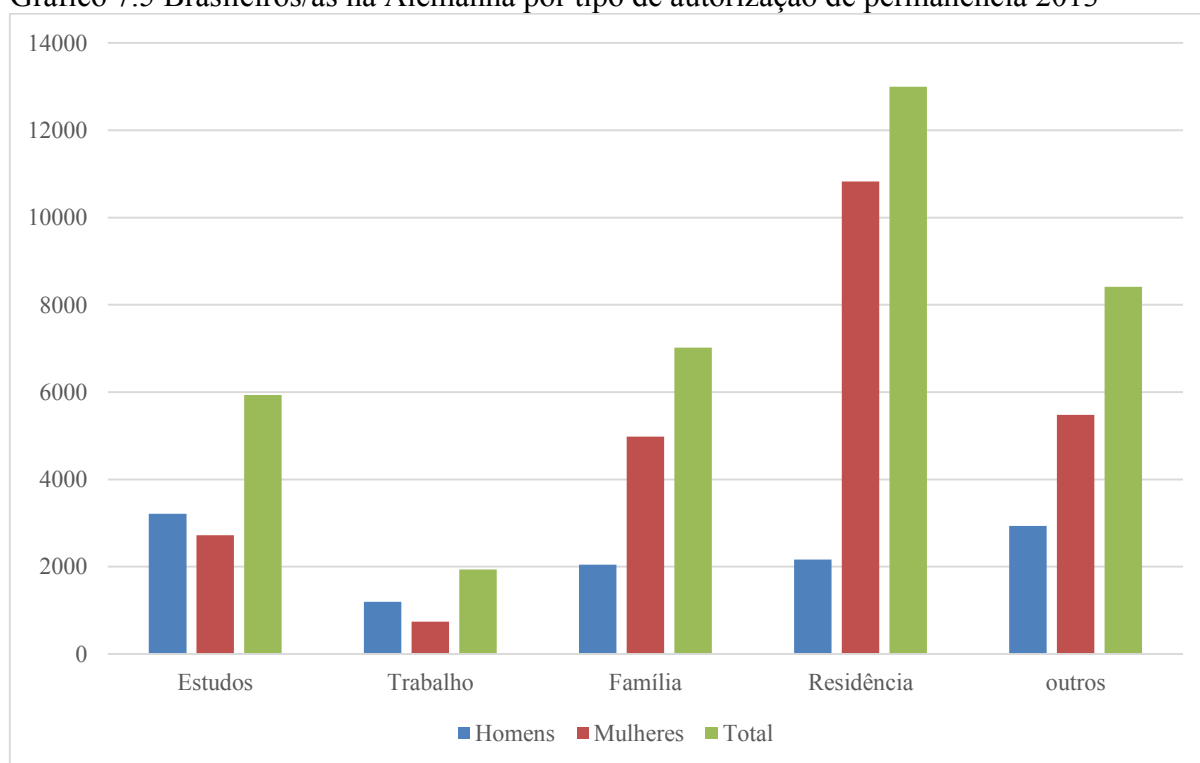
	Total			Homens			Mulheres		
	solteiros/as	casados/as	com alemã(o)	solteiros	casados	com alemã	solteiras	casadas	com alemão
Brasil	13547	17495	10567	6780	3515	1324	6767	13980	9243
% em relação ao total	-----	-----	29,11	-----	-----	11,46	-----	-----	37,35
% em relação a as/os casados/as	-----	-----	60,52	-----	-----	37,67	-----	-----	66,12

Fonte: DESTATIS, 2014.

Insistindo ainda um pouco mais nos dados sobre o estado civil dos brasileiros/as na Alemanha, temos na tabela 7.3 acima dados que nos ajudam a imaginar alguns prováveis motivos da fixação de brasileiros/as no país. Os percentuais calculados nas duas últimas linhas da tabela 7.3 nos permitem especular que 29,11% da população brasileira na Alemanha tem como um dos motivadores da permanência em solo alemão o casamento misto¹⁷⁹, índice que sobe para 37,35% do total da população feminina e cai para 11,46% na casa da população masculina. Em relação ao número de brasileiros/as casados/as, 60,52% deles são casados/as com alemães/es. Das mulheres casadas, 66,12% têm como parceiro um alemão e 37,67% dos homens casados têm como parceiras mulheres alemãs. As brasileiras na Alemanha, ao se casarem, tendem ao casamento com homens de nacionalidade alemã. Entre os brasileiros, a escolha não recai majoritariamente em mulheres alemãs.

As razões de emissão da autorização de permanência para brasileiros/as ajudam a aprofundar e a alargar o cenário apresentado até aqui. Observe-se o gráfico 7.5 abaixo.

Gráfico 7.5 Brasileiros/as na Alemanha por tipo de autorização de permanência 2013



Estudos: segundo a Lei de Residência de 2004, permissão de permanência por tempo determinado para estudos

Trabalho: segundo a LR de 2004, autorização de permanência por tempo determinado para trabalho

Família: segundo a LR de 2004, autorização de permanência por tempo determinado por motivos familiares

Residência: segundo a LR de 2004, permissão de residência por tempo indeterminado

Fonte: DESTATIS 2014

¹⁷⁹ Conforme argumenta Lidola (2011), mesmo se constatado em números, o casamento misto não pode ser imediatamente apontado como razão primeira da imigração, pois muitas vezes o casamento ocorre após a estabilização do imigrante no país de destino. Não há contudo como negar que razões familiares, quando existem, devem provavelmente sempre pesar seja na decisão inicial de migrar ou na decisão de permanecer.

Destaca-se, ao primeiro olhar, os títulos de permissão de residência por tempo indeterminado, atribuídos sobretudo a as/os imigrantes brasileiras/os há mais tempo na Alemanha ou aos brasileiros/as nascidos no país, descendentes de brasileiros/as residentes. Excluindo-se as categorias agrupadas em “outros”, que são bastante diversas¹⁸⁰, as permissões de residência por tempo indeterminado juntamente com as autorizações de permanência para estudos, por motivos familiares e com as autorizações de permanência para trabalho, superam os 75% dos títulos de permanência/residência emitidos pelo governo alemão em favor de brasileiros/as. Excluindo-se as permissões de residência, que são um caso específico¹⁸¹, estudos, trabalho e motivos familiares representam cerca de 65% dos títulos de permanência temporária. Destrinchar esses números nos dá pistas tanto sobre a alteração no perfil da população brasileira na Alemanha registrada nos gráficos 7.1 e 7.3.

Tabela 7.4 – Autorizações de permanência e de residência para brasileiros/as na Alemanha

Ano	Tipo de visto:	Estudo	Trabalho	Família	Residência
2006	Homens	1251	704	1192	731
	Mulheres	1253	555	4161	4244
	Total	2504	1259	5353	4975
2007	Homens	1562	940	1656	1072
	Mulheres	1468	697	5307	6345
	Total	3030	1637	6963	7417
2008	Homens	1833	1048	1804	1407
	Mulheres	1567	801	5474	8292
	Total	3400	1849	7278	9699
2009	Homens	1956	1007	1948	1628
	Mulheres	1772	708	5479	9686
	Total	3728	1715	7427	11314

¹⁸⁰ “Outros” inclui autorizações concedidas ainda pela Lei de Estrangeiros de 1990 e as autorizações por motivos humanitários; por motivos especiais; por liberação de exigência de título de permanência; temporária por solicitação de título de permanência; por emissão de título de permanência por outro país da EU; por tolerância antes de conclusão do processo de expulsão; por execução de processo de asilo; por solicitação de processo de asilo; por tolerância por não possuir título de permanência anterior.

¹⁸¹ As autorizações de residência por tempo indeterminado são atribuídas após o cumprimento de uma série de requisitos, entre eles ter sido portador de autorização de permanência por um determinado período de tempo, por isso as autorizações de residência são emitidas sobretudo em favor de estrangeiros de longa data ou de seus descendentes também estrangeiros. Infelizmente não é possível pelos dados disponíveis saber as razões que levaram esses brasileiros a permanecer na Alemanha o tempo suficiente para a aquisição do título de residência, por isso na análise dos dados, retrainho-me à autorizações de permanência, que apontam para a razão oficial da estada na Alemanha.

2010	Homens	2036	952	1966	1775
	Mulheres	1894	676	5439	10273
	Total	3930	1628	7405	12048
2011	Homens	2114	1128	1954	1837
	Mulheres	1985	716	5218	10431
	Total	4099	1844	7172	12268
2012	Homens	2439	1123	2013	2012
	Mulheres	2280	747	5141	10665
	Total	4719	1870	7154	12677
2013	Homens	3213	1197	2045	2165
	Mulheres	2724	738	4977	10830
	Total	5937	1935	7022	12995

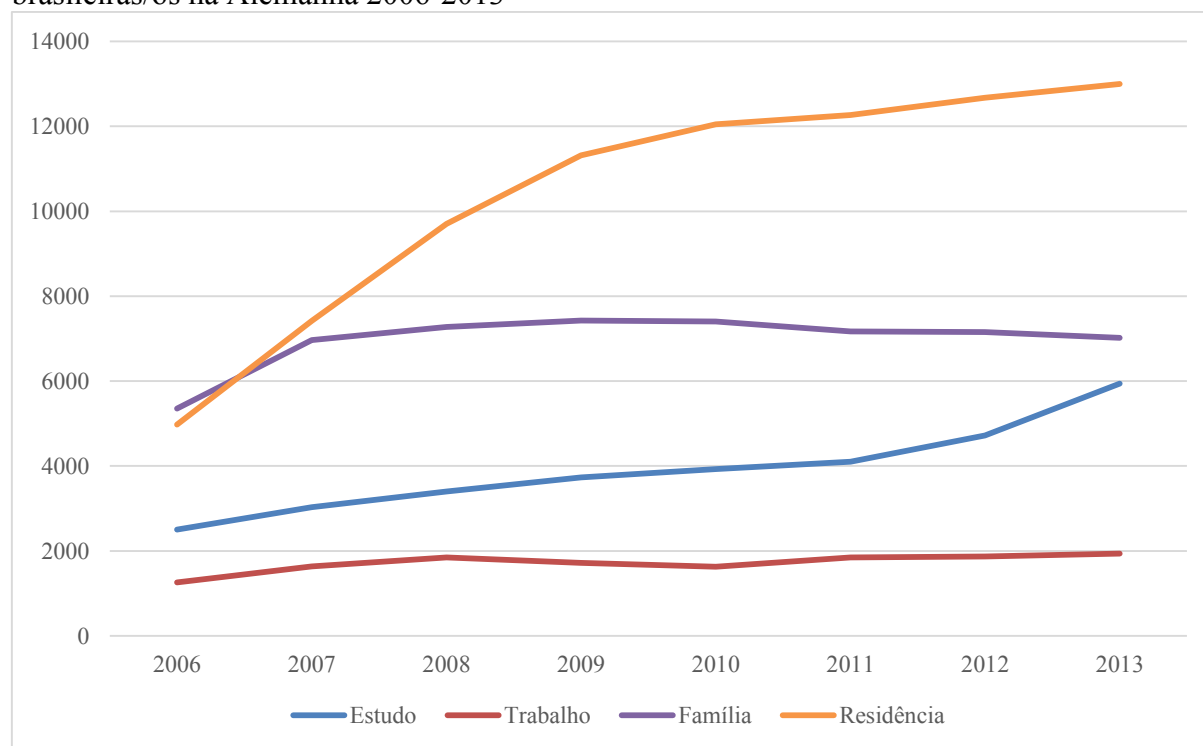
Fonte: DESTATIS, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014.

Uma primeira pista é fornecida pela tabela 7.4 acima. Se olharmos com atenção para os números de títulos emitidos a cada ano por tipo e com recorte de gênero, vemos que, apesar do (ou talvez devido ao) maciço predomínio feminino da população brasileira na Alemanha, esse predomínio não se distribui de forma equânime entre os diferentes tipos de atividades exercidas por brasileiras/os em terras alemãs. Em todo os anos do período para o qual os dados puderam ser trabalhados, as mulheres são esmagadora maioria entre quem possui autorização de permanência por motivos familiares (70,87% em 2013), o que não se limita, mas obviamente está estreitamente ligado ao número de mulheres casadas com alemães. As mulheres são também durante todo o período enorme maioria entre aqueles que conseguem permissão de residência (83,34% em 2013).

Contudo, a terceira e quarta colunas da tabela repetem uma antiga e lamentável cantiga, apesar da esmagadora maioria nos números gerais, as mulheres estão sistematicamente menos representadas entre as pessoas que recebem autorização de permanência por motivos de estudos e por motivo de trabalho, o que não revela, já que isso não é velado a ninguém, mas ilustra mais uma vez o sexismo de nossas relações sociais, neste caso, tanto no país de origem, quanto no país de destino. Não se trata aqui de “ir ao Arquivo das Índias contar licenças de embarque para a América entre os séculos XVI e XIX par dizer que muitos *se fueran hacia América*”, fato que todos conhecem. Trata-se de engrossar o coro, de tomar partido e de ilustrar uma situação que

precisa ser ilustrada incessantemente até que isso não seja mais necessário. Os gráficos abaixo nos ajudam melhor nessa ilustração necessária.

Gráfico 7.6 Emissão de autorizações de permanência por tipo e permissões de residência para brasileiras/os na Alemanha 2006-2013



Fonte: DESTATIS 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014.

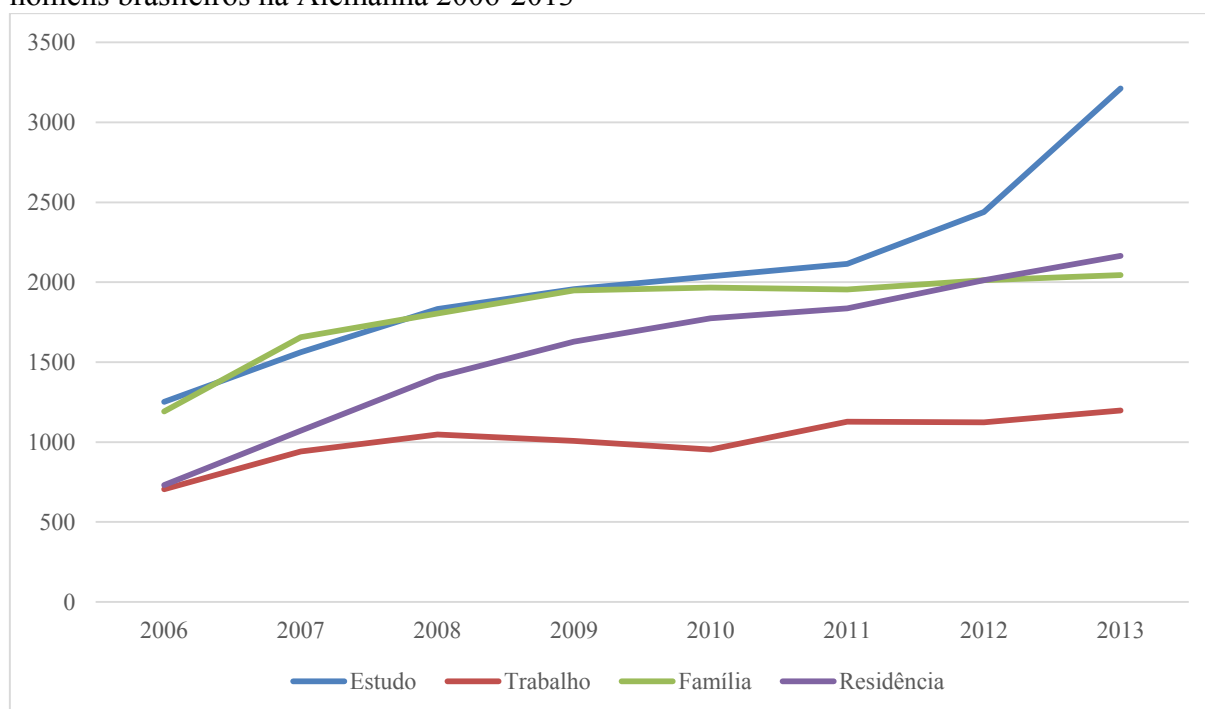
Das curvas do gráfico 7.6 destaco três movimentos da emissão de autorizações e permissões entre 2006 e 2013. Entre 2006 e 2007 há um aumento substancial na emissão de autorizações por motivos familiares expressa pela elevada inclinação inicial da curva azul escura, após esse início a emissão total de autorização por motivos familiares tende à estabilização e mesmo a um leve declínio após 2010.

O ano de 2010 é marco também para o segundo movimento que destaco, que vai de 2006 a 2010. Até este ano as permissões de residência apresentam a curva mais acentuada entre os tipos de títulos emitidos, identificando uma consolidação da presença de brasileiros e brasileiras anos vivendo no país a pelo menos mais de cinco; que contribuíram para a seguridade social alemã por no mínimo 60 meses; que podem comprovar meios suficientes e seguros de sobrevivência e que possuem um conhecimento satisfatório tanto da língua alemã, quanto do funcionamento da sociedade alemã, algumas das exigências da legislação atual na Alemanha para a emissão de títulos de residência (BRD, 2004).

A partir de 2010, o crescimento do número de permissões de residência continua significativo, confirmando certa maturidade da população brasileira na Alemanha. Contudo, a predominância percentual dos tipos de títulos emitidos passa paulatinamente para a autorização

de permanência para estudos, o que se acentua em 2011 e “explode” em 2012. Essa explosão se relaciona muito proximamente com as alterações no perfil etário que serão vistas abaixo e estão provavelmente ligadas a políticas públicas do Estado de origem ou de pertencimento nacional desta população. O papel do Estado brasileiro nestes casos será visto em conjunto com as interpretações das alterações etárias na imigração brasileira na Alemanha logo abaixo, neste ponto parece mais apropriado continuarmos com a distribuição de títulos de permanência e residência com recorte de gênero.

Gráfico 7.7 Emissão de autorizações de permanência por tipo e permissões de residência para homens brasileiros na Alemanha 2006-2013



Fonte: DESTATIS 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014.

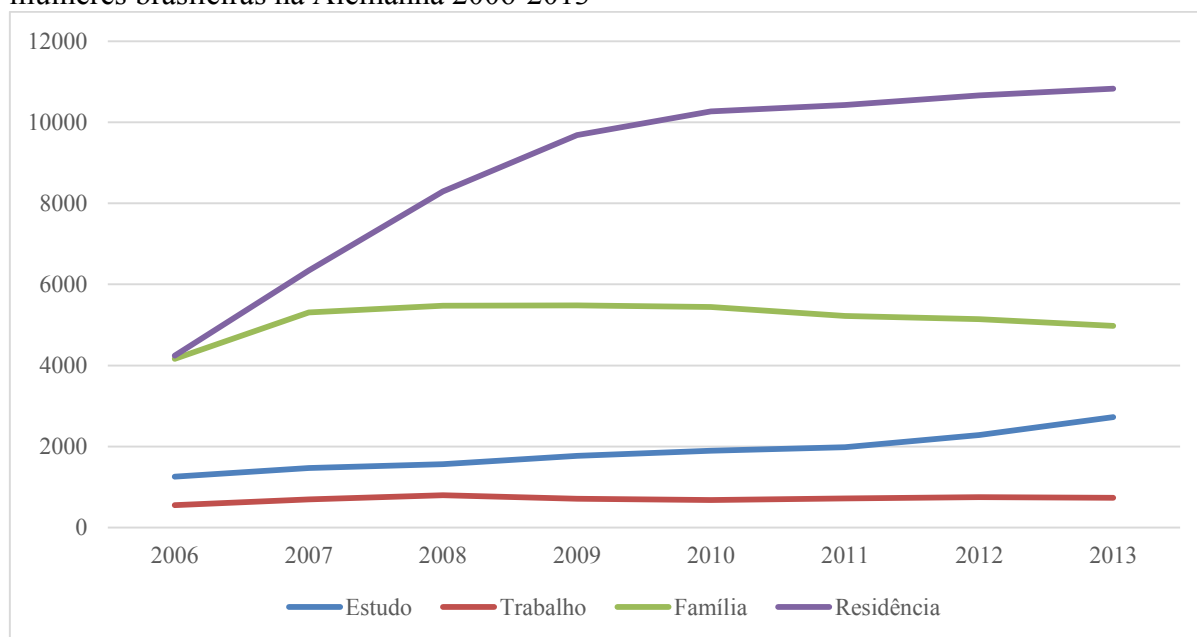
Nos gráficos 7.7, acima, e 7.8, a seguir, o gênero se mostra de forma mais transparente. Vemos no gráfico 7.7, que, em contraste com o gráfico 7.6, onde temos os dados para toda a população, os tipos de títulos de permanência e residência emitidos para brasileiros apenas, excluindo-se as brasileiras, encontra um equilíbrio muito maior entre os quatro principais tipos de títulos emitidos, não havendo, a princípio, exclusão de homens de nenhum setor das relações sociais construídas na Alemanha, nem predominância absoluta devido ao gênero em nenhum dos setores. Os homens se fazem assim presentes em várias esferas da sociedade de acolhimento e ficam menos expostos a estereótipos construídos sobre a experiência do cotidiano.

Dois movimentos que se destacam no gráfico 7.7 quando comparado ao gráfico 7.6 é a relevância que assume a curva “trabalho” no segundo gráfico, com sensível tendência ao

crescimento positivo a partir de 2010. O grande destaque cabe, sem dúvida ao desenho da curva “estudos”, grande razão da atribuição de títulos de permanência aos brasileiros na Alemanha.

Não precisamos esperar pelo gráfico 7.8 para supor que a estabilização apontada pela curva “trabalho” e o crescimento menos incisivo da curva “estudos” no gráfico 7.6 em comparação com o desempenho dessas curvas no gráfico 7.7, que contabiliza apenas homens, difere no caso das mulheres.

Gráfico 7.8 Emissão de autorizações de permanência por tipo e permissões de residência para mulheres brasileiras na Alemanha 2006-2013



Fonte: DESTATIS 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014.

O contrapeso é mostrado de fato no gráfico 7.8 que contabiliza os títulos de residência e permanência emitidos em favor de mulheres brasileiras na Alemanha entre 2006 e 2013. Aqui, a curva “trabalho” quase se confunde com os limites do rótulo inferior do gráfico e tende a uma ligeira inclinação negativa a partir de 2008. A curva “estudos”, embora tenha também ganhado relevância a partir de 2010, tem uma inclinação positiva evidentemente bastante inferior à curva correspondente do gráfico 7.7. Há indício então de que, se por um lado as mulheres brasileiras são preferidas nas relações familiares mistas quando comparada aos homens brasileiro, por outro lado elas são preteridas no mercado de trabalho. Como são preferidas nos casamentos mistos, são também por isso as grandes responsáveis pelas permissões de residências entre brasileiros/as na Alemanha.

Seguindo na mesma linha em que já tomei nas considerações sobre o estado civil e a distribuição de título de permanência e residência entre brasileiros/as na Alemanha, a observação da distribuição das faixas etárias dessa população ao longo dos últimos anos é útil

para completar essa acanhada descrição de indícios do perfil estatístico populacional que serve de contexto para os processos identitários aqui interpretados¹⁸².

Tabela 7.5 Distribuição de brasileiros/as na Alemanha por faixa etária 2013

IDADE		≤15	15-25	25-35	35-45	45-55	55-65	≥65
BRASIL	Homens	921	3 302	4 227	1 787	802	333	180
	Mulheres	921	3 025	6 699	7 171	4 616	1 656	660
	Total	1 842	6 327	10 926	8 958	5 418	1 989	840

Fonte: DESTATIS, 2014.

A distribuição de brasileiros/as por faixa etária em 2013 aponta para um perfil de uma população jovem, concentrada na faixa etária de 25 a 45 anos (54,78%) e com um percentual considerável de imigrantes com mais de 65 anos (2,3%), o que, aliado ao alto índice de títulos de residência por tempo indeterminado, pode representar indícios do início da maturidade da população brasileira na Alemanha.

Para além da descrição geral, um detalhe chama atenção na tabela e merece ser observado mais de perto. Trata-se da desproporção percentual entre homens e mulheres na faixa etária de 15-25 anos. Além da superioridade quantitativa absoluta dos homens se dar apenas nessa faixa etária, os homens aí alocados representam 28,58% do total de homens brasileiros vivendo em situação regular na Alemanha. Nesta mesma faixa, o número de mulheres representa 12,22% do total de mulheres¹⁸³.

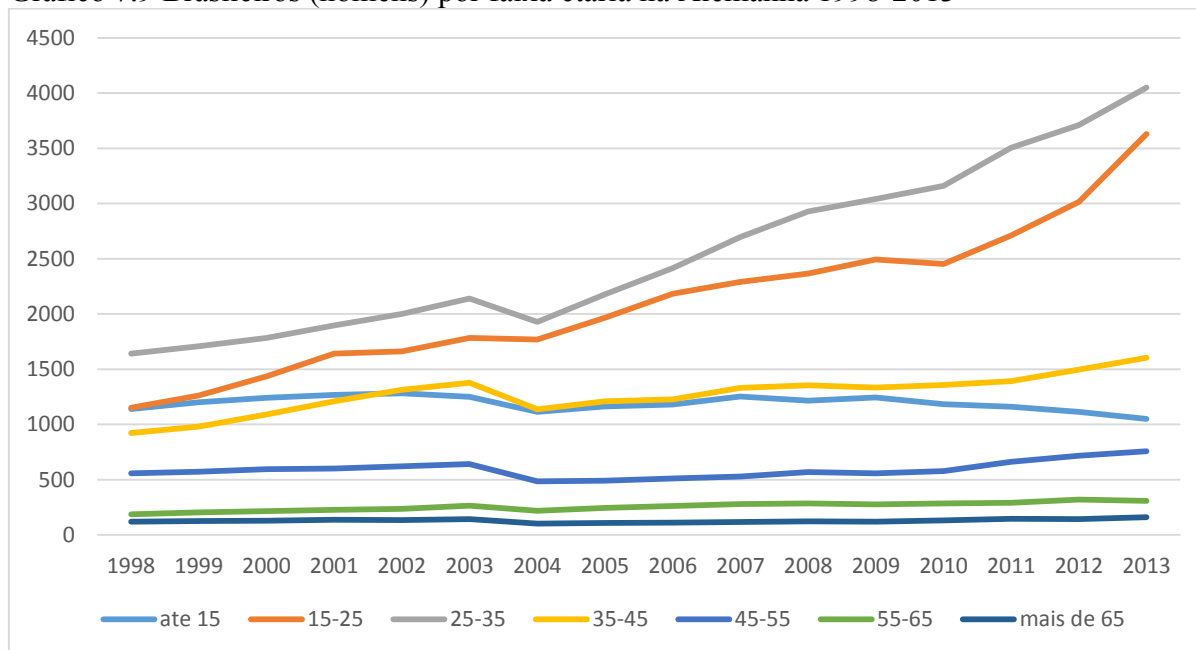
Os homens também têm presença proporcionalmente superior na faixa etária de 25 a 35 anos. Na faixa etária de 35 a 45 anos as mulheres passam a ter preponderância tanto absoluta quanto proporcional. Unindo-se estas duas faixas etárias em outra mais alargada, de 25 a 45 anos, há um equilíbrio proporcional entre homens e mulheres. É sobretudo a partir da inclusão da faixa etária de 45 a 55 anos que a proporção superior de mulheres se mostra mais forte. Se levarmos em conta que a faixa etária acima dos 45 anos não é a faixa em que a maioria das pessoas migra, podemos supor que a maior parte dessas mulheres migraram já há muitos anos e marcam também do pioneirismo feminino da imigração brasileira na Alemanha e o papel das

¹⁸² Infelizmente, apesar da procura, não encontrei dados sobre inserção no mercado de trabalho e nível de escolaridade dos imigrantes regulares na Alemanha. Juntando essas duas variáveis às outras três analisadas (estado civil, títulos de autorização e de permanência e faixa etária) teria sido possível construir um perfil estatístico da imigração brasileira em certa medida interessante, sobretudo se comparado à absoluta ausência de trabalhos deste tipo e se considerado o objetivo de apresentar apenas um panorama estatístico sobre a questão.

¹⁸³ A faixa de 0 a 15 anos também apresenta disparidade percentual semelhante, mas isso é esperado e facilmente explicado pelo fato de a enorme maioria dos imigrantes nessa faixa etária estarem acompanhando seus pais e mães, tendo nascido ou não na Alemanha, e repetem uma paridade do percentual de nascimento de meninos e meninas. Em nenhuma outra faixa há superioridade absoluta de homens como ocorre na faixa de 15 a 25 anos.

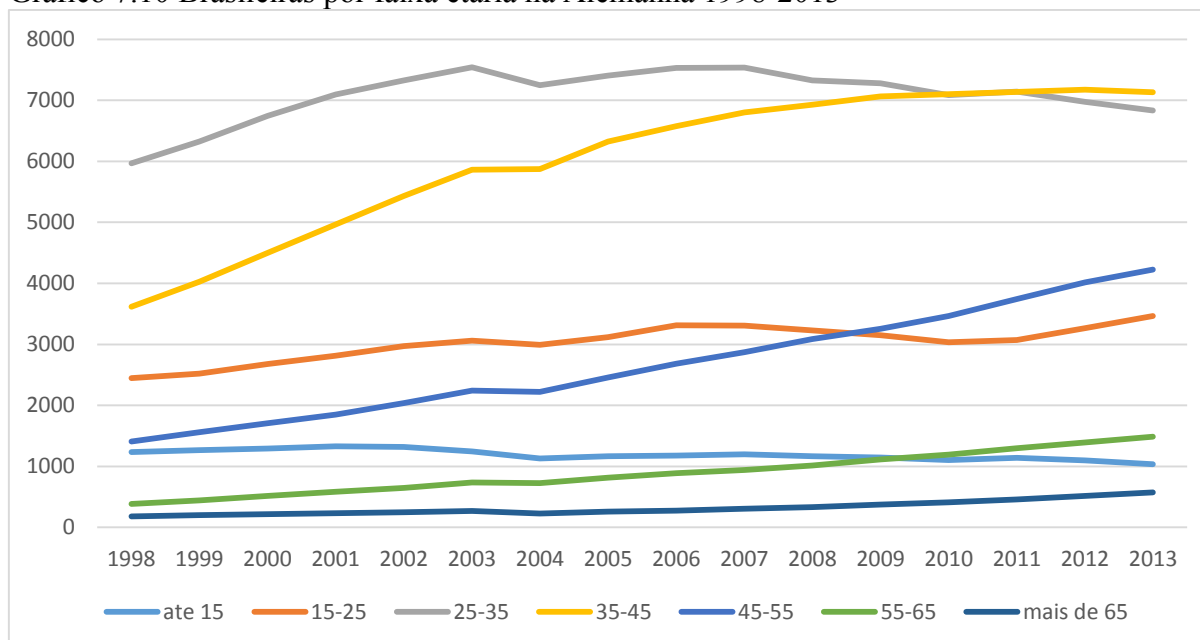
mulheres na consolidação desta população. Os gráficos 7.9 e 7.10 abaixo permitem visualizar melhor a descrição dos dados da tabela 7.5 e nos conduzem a uma aproximação maior ao recorte de gênero que se pretende dar às considerações sobre a distribuição etária desta população.

Gráfico 7.9 Brasileiros (homens) por faixa etária na Alemanha 1998-2013



Fonte: Genesis-Online-Databank (25/06/2014)

Gráfico 7.10 Brasileiras por faixa etária na Alemanha 1998-2013



Fonte: Genesis-Online-Databank (25/06/2014)

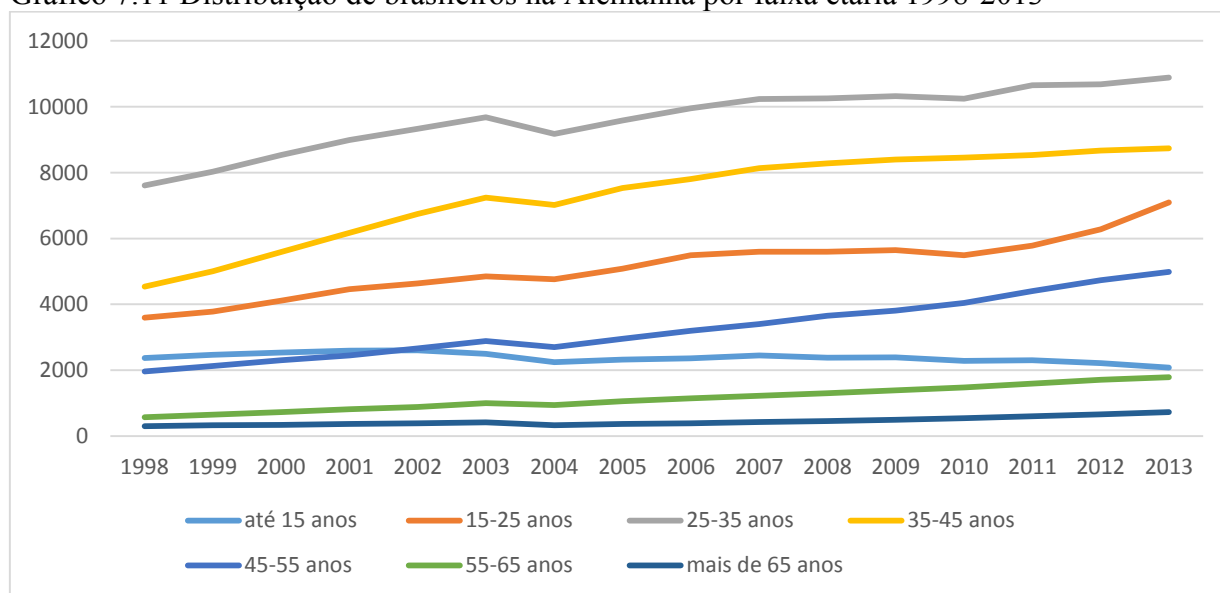
A comparação dos dois dados permitem reforçar aspectos já apontando na interpretação da tabela 7.5 com maior ênfase. Chamo a atenção nesses gráficos para os movimentos ao longo do tempo das linhas “25 a 35 anos” (linha cinza) e “15 a 25 anos” (linha alaranjada), por um lado, e das linhas “35 a 45 anos” (amarela) e “45 a 55 anos” (azul) por outro. Entra os homens

é vertiginoso o crescimento das curvas cinza e alaranjada (15 a 35 anos), enquanto que, entre as mulheres, a curva cinza (25 a 35 anos) tende, desde 2002, a um lento decréscimo, e a curva alaranjada (15 a 25 anos) tende a uma estabilidade com ligeira inclinação positiva.

Com as curvas amarelas e azuis (35 a 55 anos) ocorre movimento quase contrário. Entre os homens, essas curvas se mantêm estáveis com ligeira inclinação positiva a partir de 2010, enquanto que, entre as mulheres, a curva amarela (35 a 45 anos) cresce até 2010, quando passa a tender à estabilidade, ao passo que a curva azul (45 a 55 anos) mantém um crescimento acentuado constante e parece despontar como a curva de tendência a superar as demais em alguns poucos anos, caso os movimentos das faixas etárias desta população se mantenham.

Essa análise das transformações da população brasileira na Alemanha nos últimos 15 anos reforça os indícios de mudança no perfil dessa população no cruzamento entre idade e gênero. Um perfil fundado no pioneirismo feminino parece, em um primeiro momento, estar sendo alterado pelo crescimento percentual de uma população masculina jovem com concentração na idade de 25 anos, ao passo que parece ocorrer um envelhecimento da população feminina, responsável pelo desbravamento dos fluxos migratório para a Alemanha e agora responsáveis pelo amadurecimento da população brasileira neste país. Vejamos esse novo perfil que parece despontar ainda mais de perto.

Gráfico 7.11 Distribuição de brasileiros na Alemanha por faixa etária 1998-2013

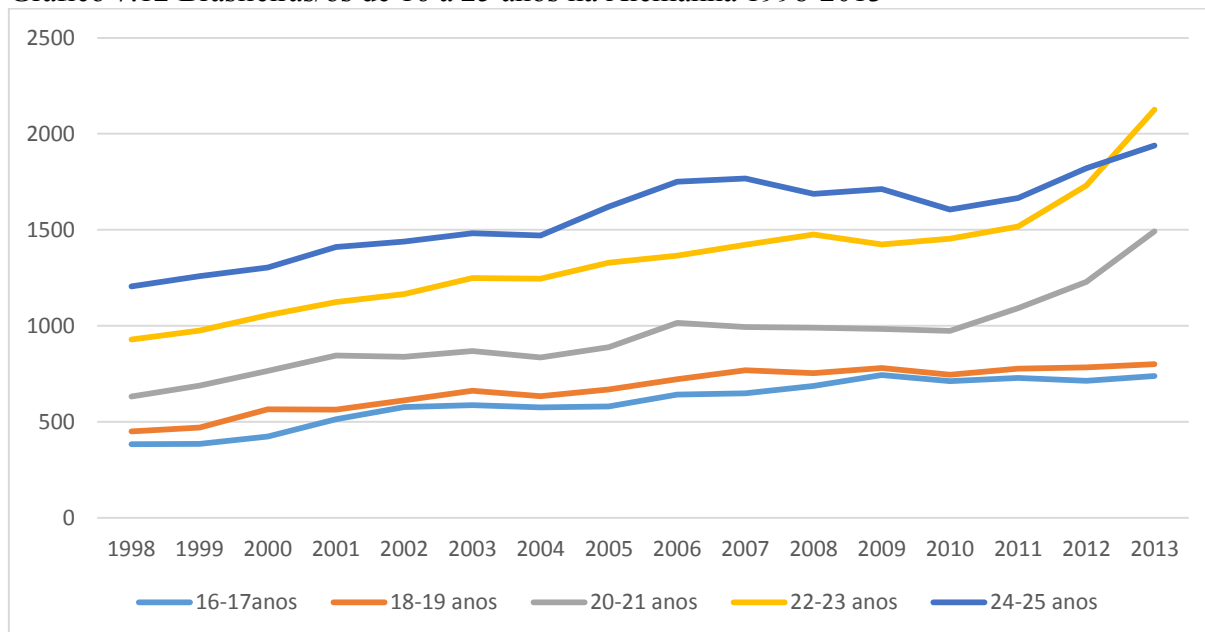


Fonte: DESTATIS, 2014.

O gráfico 7.11 serve para dar maior visibilidade ao papel preponderante na população de brasileiros/as na faixa etária dos 25 aos 35 anos (linha cinza) dentro do quadro geral da população brasileira na Alemanha. Serve também para chamar a atenção para a aceleração do crescimento desta população na faixa dos 15-25 anos (linha laranja) que tende para a superação

da preponderância mantida pela faixa dos 25 aos 35 anos, se mantido o ritmo atual de crescimento. Uma análise dentro da faixa etária que desponta a partir de 2010 nos conduz a um desfecho desse panorama estatístico.

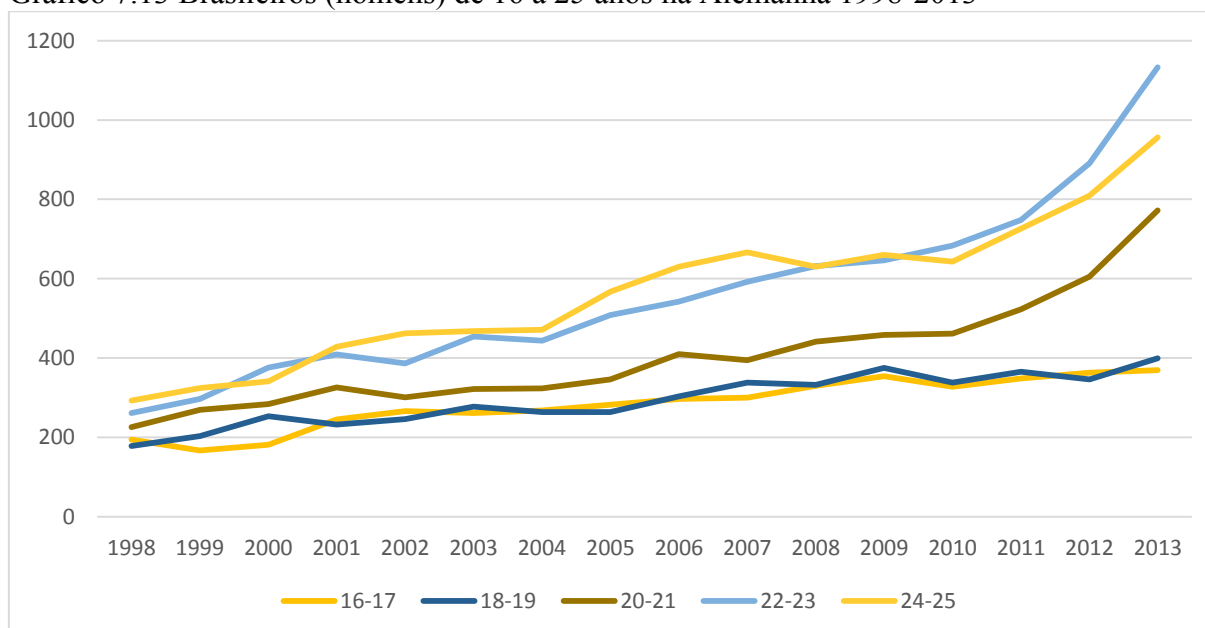
Gráfico 7.12 Brasileiras/os de 16 a 25 anos na Alemanha 1998-2013



Fonte: DESTATIS, 2014.

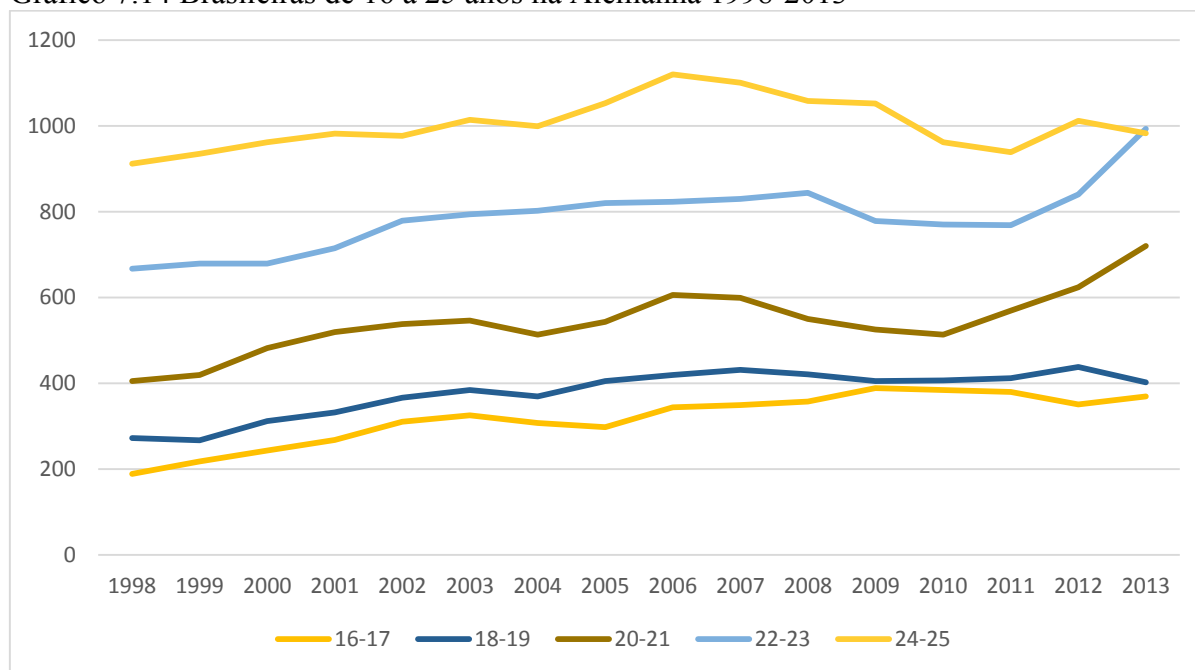
Ao observarmos mais de perto o crescimento da população na faixa etária dos 15 aos 25 anos a partir de 2010, vemos que esse crescimento se dá sobretudo entre os 20 e 23 anos, entre a população de 15 a 19 anos o crescimento é bem mais lento, e entre a de 24 e 25 anos o crescimento é um pouco menor do que entre os 20 e 23 anos. Vejamos como se dá isso nas curvas para homens e mulheres nos gráficos 7.13 e 7.14 abaixo

Gráfico 7.13 Brasileiros (homens) de 16 a 25 anos na Alemanha 1998-2013



Fonte: DESTATIS, 2014.

Gráfico 7.14 Brasileiras de 16 a 25 anos na Alemanha 1998-2013



Fonte: DESTATIS, 2014.

Olhando com lupa a população brasileira de 16 a 25 anos de idade vemos que há um salto nos números absolutos de homens entre 20 e 25 que quase quintuplica entre os anos de 1998 e 2013. Entre as mulheres há também um crescimento constante em todo o período, mas o número absoluto de mulheres entre 20 e 25 anos não chega a dobrar no período analisado. Esta mirada com lupa me leva a conjectura que há a lenta aproximação do número de homens ao número de mulheres brasileiras vivendo na Alemanha, se dá, sobretudo, na faixa etária dos 20 aos 25 anos de idade. Excluídas as possibilidades de essa aproximação ser predominantemente causada pelo nascimento de brasileiros/as na Alemanha¹⁸⁴ ou por processos de regularização¹⁸⁵, podemos seguir a suspeita mais imediata de essa tendência estar sendo causada por novos fluxos de jovens para a Alemanha. Associando-se essa tendência ao crescimento de títulos de permanência para estudos visto acima, reforça-se a suspeita de um crescimento significativo no fluxo de jovens estudantes brasileiros/as para a Alemanha estar, ao menos conjunturalmente, contribuindo de forma relevante para uma alteração no perfil estatístico da população brasileira neste país.

Retomando todos os dados destacados nas cinco tabelas e quatorze gráficos apresentados, é possível descrever que a população brasileira na Alemanha apresenta um

¹⁸⁴ Em 2013 havia 535 brasileiros/as na Alemanha nascidos neste país, dos quais 242 em idade inferior a 6 anos e apenas 68 com mais de 20 anos (Fonte: Destatis, 2013: 76).

¹⁸⁵ Não há na bibliografia nem nas séries de dados consultados nenhuma referência a algum processo de regularização em massa brasileiros/as que possa justificar o incremento populacional da faixa etária de 20 a 25 anos.

constante crescimento nas duas últimas décadas e foi constituída pioneiramente por uma imigração feminina. Ao que parece, grande parte desse contingente de brasileiras na Alemanha se casou, constituiu família e está envelhecendo na Alemanha, fazendo deste país destino consolidado no sistema migratório brasileiro, o que pode ajudar a entender o constante crescimento da população brasileira, bem superior à média no país. Apesar de ter se consolidado a partir de um fluxo migratório feminino, há uma clara segmentação de gênero nas relações sociais estabelecidas na Alemanha que se revela sobretudo pela divisão de títulos de autorização de permanência. Absoluta minoria no total da população, os homens são maioria entre os que tem autorização de residência para trabalho e para estudos.

A população brasileira na Alemanha pode ser então descrita como fundamentalmente feminina, em constante crescimento, consolidada e segmentada do ponto de vista do gênero, sendo reservada às mulheres a maior fatia do mercado matrimonial e na constituição de famílias. Consequentemente, às mulheres se concedeu o maior número de autorizações de residência por tempo indeterminado, enquanto aos homens é reservada maior fatia do mercado de trabalho e acadêmico, relações que tendem a apresentar menor índice de fixação definitiva no país de destino, pois vinculadas a contratos e atividades com prazo para terminar.

Há, contudo, uma tendência na reversão nesse perfil populacional. Desde o ano de 2010, há uma queda constante na curva de feminização da população brasileira na Alemanha, causada possivelmente pela chegada de jovens estudantes homens entre os 20 e 25 anos de idade, que chegam em números absolutos um pouco superiores ao número de jovens mulheres estudantes, mas que proporcionalmente produzem uma alteração positiva na curva de imigração masculina.

Os números nos permitem estas indicações. Cabe então, agora, uma tentativa de interpretação das tendências que as análises apontaram, pois tal como narrativas, números precisam ser interpretados para darem sentido ao processo que descrevem. As análises descritivas nos ajudam por terem sido frutos de um esforço de observação atenta e prolongada dos números, mas elas revelam o que de certa forma já estava transparente. É a interpretação desses dados quantitativos que nos permite ir além da descrição. Talvez as distâncias entre o trabalho com números e com narrativas possam não ser tão grandes quanto costumamos imaginar.

A constituição de uma população brasileira feminina na Alemanha provavelmente não difere muito do perfil das populações brasileiras em outros países europeus, nos quais o mercado matrimonial e o imaginário europeu sobre a mulher brasileira pode ter um peso significativo, claro que nunca exclusivo.

No caso alemão, o novo esforço interpretativo demandado pelos números apresentados a mim me parece ser mais a aparente tendência à diminuição da taxa de feminilização do que as razões da predominância feminina na população brasileira no país. Como disse, é ainda precipitado apontar essa tendência, não só pelo fato de ser bastante recente, como também por ela estar muito provavelmente ligada a um fenômeno conjuntural sobre o qual ainda não há elementos para a afirmação de seus impactos duradouros sobre os números da população brasileira no exterior.

Embora pareçam banais, as sensíveis alterações causadas no perfil da população de brasileiros/as na Alemanha foram muito provavelmente em grande parte causadas pela atual política educacional no Brasil, nomeadamente pelo Programa Ciências sem Fronteiras, que carrega consigo toda a instabilidade e ameaçadora efemeridade de um programa governamental no Brasil. Embora estejamos amadurecendo na necessária continuidade de políticas públicas, o abandono de programas de políticas públicas nas trocas de governo nos é ainda uma realidade muito recente para ser descartado o receio de que volte a ocorrer.

Para se ter uma dimensão do impacto dos estudantes bolsistas do programa Ciências sem Fronteiras no perfil da população brasileira na Alemanha, basta dizer que desde 2011 cerca de 1000 a 2000 desses/as bolsistas desembarcam em solo alemão e contribuem para o crescimento da curva de brasileiros homens entre 20 e 25 anos que obtêm autorização de permanência para estudos. Até o momento, mais de 4 mil bolsas foram implementadas na Alemanha e cerca de 2 mil bolsistas estão atualmente no país (CAPES, 2014). As jovens mulheres estudantes têm também chegado em grande quantidade, apenas um pouco inferior à dos homens, mas seu impacto em termos de gênero em um contexto imigratório essencialmente feminino não chama a atenção.

Não se pode saber por quanto tempo perdurará o Programa Ciências sem Fronteiras, também sabemos serem controversas as inclusões dos estudantes entre as populações estrangeiras, devido às características especiais dessa migração, o que me parece um argumento frágil, pois há inúmeras outras modalidades migratórias com características especiais. De qualquer forma, não se pode de antemão desprezar os impactos do atual fluxo de imigração estudantil temporária no perfil da população brasileira na Alemanha ou em outros países de destino. Estudos (Contel, 2007, Contel e Lima, 2011) vêm mostrando que intercâmbios acadêmicos científicos podem ter uma importância geopolítica estratégica no contexto da globalização e que seus impactos migratórios, na medida em que atraem pesquisadores do sul

que acabam se fixando em países do norte, reforçando e às vezes criando novas redes migratórias, é um fenômeno a ser mais bem observado.

Das análises e interpretação aqui elencadas poderia então dizer que o imigrante brasileiro na Alemanha hoje na verdade é uma imigrante mulher, com maior probabilidade de ser uma jovem casada, ou que deve se casar, com um alemão, tendo filhos que serão educados na Alemanha, onde sua mãe irá envelhecer, conseguir muito provavelmente uma permissão de residência após o casal ter contribuído por 60 meses com a previdência social e a jovem brasileira ter aprendido alemão satisfatoriamente e conhecer com desenvoltura as regras de convivência no país. Talvez em uma ou duas décadas não se possa mais ter tanta certeza sobre o gênero de nosso ou nossa brasileiro/a e pode ser que ele ou ela não seja mais casada/o, mas que trabalhe em um instituto de pesquisa e tenha conseguido a nacionalidade alemã sem se desfazer da brasileira, após a flexibilização no país da manutenção da dupla cidadania. Poderia dizer tudo isso, mas não direi, pois ainda concordo com Padilla que o/a “imigrante médio/a” não existe. O quadro desenhado até aqui é útil, mas não fala dos/as imigrantes de carne e osso; fala do contexto onde se movem esses/as imigrantes. Para falar dos/as imigrantes é preciso antes duas coisas: primeiro um enredo que os/as una em uma história, e segundo, é preciso nomeá-los/as e ouvir as suas histórias, de que são protagonistas. É importante conhecermos o cenário onde vão atuar, mas sem enredo não há história e sem atores não há encenação. Então, abram-se as cortinas!

7.3 Alguns e algumas dos muitos e muitas brasileiros e brasileiras na Alemanha

No sentido apresentado por Anderson e aqui adotado, é relativamente fácil associar nacionalidade e mito. São Wodak et al. (1998: 24) quem me alertaram para o fato de que, devido à imprecisão do conceito de nacionalidade, este é muitas vezes acusado de ser um mito. Nessa acusação está, contudo, implícita a compreensão de mito como falsificação, o que é o contrário do que propõe Anderson ao conceituar nacionalidade e do que eu proponho ao associar nacionalidade e mito. Mitos, como os abordo aqui, são representações e, como Alessandro Portelli argumenta:

representações e “fatos” não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem (Portelli 1998: 111).

Mitos são tratados como representações que partem de fatos e que se unem a estes por uma *comunidade de sentidos*, para usar a famosa ideia de Baczko (1979). Não é, pois, como um fato com determinada função social, nem como uma manifestação superficial (*parole*) com um significado estrutural mais profundo (*langue*) que faço uso da ideia de mito, mas sim como “histórias”¹⁸⁶, ou ainda, segundo Barthes, como uma “fala” (Barthes, 2001: 131). São histórias e falas que ajudam a interpretar o imaginário aqui remexido.

Segundo Hübner (1985: 357), alguns dos mais importantes investigadores das questões relacionadas aos mitos, como Micea Eliade e Károly Kerényi, duvidam da pureza dos mitos políticos (a nação seria um mito político) e os qualificam como pseudomitos, já que seriam criados conscientemente e para alcançar objetivos determinados. Hübner (1985: 362) discorda da classificação do mito da nação como um pseudomito, mas não a julga relevante, uma vez que o próprio Kerényi reconhece que tanto mitos quanto pseudomitos têm em comum o fato de se reportarem à realidade. O mesmo argumenta Miguel (1998: 13) sobre os mitos políticos. Para ele, *o discurso mítico está inserido em um meio social no qual já existe uma certa situação de disponibilidade, um certo estado prévio de receptividade.*

Para Miguel (1998: 13), um discurso mítico só pode se formar em um meio social no qual já existe uma receptividade para tal discurso, outra vez, uma *comunidade de sentidos*. O discurso mítico tem suas raízes no real e se liga a ele de forma dialógica, é assim criatura e criador de um interdiscurso que permite a construção social do discurso da nacionalidade. Como defendem Wodak et al (1998: 33), uma cultura nacional é um discurso que cria identidades à medida que inventa uma nação com a qual conseguimos nos identificar. Por meio do discurso, nacionalidades são criadas, reproduzidas e, sobretudo, imaginadas. O discurso da nacionalidade é um discurso mítico que retira muitos de seus elementos do interdiscurso histórico em permanente construção. É, em nosso caso, uma construção narrativa acionada pela memória comunicativa que dialoga com a memória cultural, no sentido que Assmann (2006) empresta a estes termos, constituindo-se por meio desta, ao mesmo tempo que a altera.

O Brasil experimentou um processo de invenção de nacionalidade bastante singular, que já foi e ainda é intensivamente discutido (Vianna, 1999; Leite, 2002; DaMatta, 1981, 1984, 2007, 2008; Ortiz, 1985; Munanga, 1999; Skidmore, 1989, entre outros). No século XIX, no Brasil, o império tratou de assegurar as fronteiras do país e de consolidar política e economicamente o Estado, mas não desenhou um projeto sólido de nação (Oliveira 2007;

¹⁸⁶ Para Overing, the boundaries between myth and history are not clear, and one reason for this is that the category of myth is not easily defined (As fronteiras entre mito e história não estão claras, e uma razão para isso é que a categoria de mito não é facilmente definida) (Overing, 1997: 1)

Carvalho, 2005; Lessa, 2008; Salles 2013).¹⁸⁷ Não havia um contato significativo com o outro, a grandeza territorial brasileira mantinha longe as fronteiras políticas e não exigia a criação de fronteiras simbólicas da nacionalidade. O outro no Brasil surgiu, então, internamente.

Desde os anos 1870, com o anúncio do fim da escravidão (Chalhoub, 1996), a presença do negro e da negra como seres humanos livres, como o outro que surgia diante da elite branca brasileira, impôs a essa elite a tomada de soluções ou, pelo menos, o início do debate sobre as fronteiras simbólicas do ser brasileiro. O que sugiro é que a *questão negra* é um elemento fundador dos debates sobre da nacionalidade brasileira. Debate intenso e longo, que ocupou pelo menos três gerações de intelectuais e políticos dos últimos anos do império e das primeiras décadas da república brasileira. Desde a campanha abolicionista, passando pelas abjetas teorias do racismo científico, até chegar aos anos 1930 e ao mito da *democracia racial* brasileira, foi a questão negra um dos elementos centrais na formação do *interdiscurso* que fundamenta o discurso mítico do ser brasileiro/a.

No Brasil, o outro foi desde o início o vizinho, algumas vezes um escravo bem quisto, ou depois o agregado, não raro um filho bastardo ou uma amante não assumida. A eleição brasileira foi, ao final, sobretudo com a consolidação do mito da democracia racial, não eleger. Nisso passamos a acreditar: nos distinguimos por não distinguir, somos uma nação aberta, doce e sobretudo mestiça. A mestiçagem possibilitou o discurso mitológico, que o apresentou como uma verdade empírica, bastava nos olhar! Éramos sem dúvida um povo sem preconceitos! Esse se tornou um dos elementos centrais do mito da brasilidade. Como disse **Flávia**, uma de nossas colaboradoras:

Nós brasileiros temos [...] tendemos a achar [...] não só achar, como também acreditar, que cada pessoa é uma pessoa, independente da cor, da situação social etc. e tal. A famosa democracia racial, que em muitos, em muitos grupos não é uma realidade no Brasil, mas nós gostamos de pensar que é assim!

É importante não confundir o mito com o *interdiscurso* que congrega os discursos possíveis sobre a nacionalidade brasileira. Além do mito da democracia racial, o *interdiscurso*

¹⁸⁷ A grande “ausência” na consolidação da nação até meados do século XX se refere sobretudo à ausência do povo como elemento essencial de formação de uma comunidade imaginada. Essa ausência é bastante clara, por exemplo, na argumentação de Lessa (2006), para quem “O Brasil plasmou uma economia nacional muito antes de ser uma nação. Prescindiu de um discurso nacionalista e pôde manter à sombra a idéia de povo” (Lessa, 2006: 241), ou de José Murilo de Carvalho, um dos autores fundamentais e mais profícuos que pensam o Brasil sobretudo por meio das ausências, para Carvalho “As imagens da nação brasileira variaram ao longo do tempo, de acordo com as visões da elite ou de seus setores dominantes (...) pelo menos três imagens de nação foram construídas pelas elites políticas e intelectuais (...). Em nenhuma o povo fez parte da construída imagem nacional” (Carvalho, 2005: 233)

está também composto por três séculos de escravidão, pelas abjetas teorias racistas e pelo nível socioeconômico de vida dos negros e negras brasileiros/as ser pior até hoje. São todos esses elementos juntos que permitem que **Diva** confesse: *tive vários namorados, inclusive negros, que eram minha paixão. Diva* namorou *inclusive* negros. O *inclusive* marca a distinção negativa reservada aos negros no Brasil, contudo os negros eram *sua paixão*. Aqui **Diva** retoma o bom comportamento prescrito pelo mito da democracia racial¹⁸⁸ e marca a ambiguidade discursiva que estará presente também com o outro na experiência migratória.

O mito existe realmente como valor prescritivo, mas não “mistifica” a realidade. Faz parte do discurso mitológico da nacionalidade brasileira crer na igualdade de todos os homens e mulheres, mas quase ninguém tem a ilusão de que vivemos em uma sociedade em que todos/as são tratados/as igualmente. Em uma famosa pesquisa coordenada por Lilia Schwarcz em São Paulo, 98% dos entrevistados afirmam que a sociedade brasileira é racista e dizem conhecer uma pessoa racista, mas 97% julgam não ter eles próprios preconceitos. Schwarcz (2001: 76) caracterizou tal fato de maneira muito feliz: *parece que todo brasileiro se sente uma ilha de democracia racial cercada de racismo por todos os lados*. Ou, como disse **Flávia**: *eu creio que no Brasil, uma pessoa que é racista tem vergonha de dizer que é racista*. Linhas atrás vimos que **Flávia** utilizou o sujeito *nós brasileiros*, com o qual ela se identifica, quer dizer, com os que creem que *cada pessoa é uma pessoa*. Neste segundo momento, **Flávia** se distancia e fala do *Brasil*, um Brasil racista que contradiz o mito da democracia racial, mas que não contradiz o interdiscurso que o fundamenta.

O *interdiscurso* pode ser também entendido como um conjunto de formulações feitas, mas, por vezes, esquecidas (Orlandi, 2005: 33). É significativo que tenham sido esquecidas, ou quase esquecidas, as origens dos mitos da democracia racial e do *homem cordial*¹⁸⁹, que compõem o *interdiscurso* base do discurso da brasilidade. Os dois mitos são normalmente associados às obras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, respectivamente, contudo, ainda que tenham sido trabalhados por esses pensadores, a materialidade que os delimita, ou seja, as expressões *democracia racial* e *homem cordial* lhes são ou estranhas ou anteriores.

Ao descrever as relações da sociedade escravista brasileira, Freyre (2002) ajudou a delinear o discurso da nacionalidade brasileira, com sua narrativa construída sobretudo com

¹⁸⁸ Jäger (1998) nos diz que mais que uma atitude o racismo é um conhecimento. A fala de Diva selecionada revela esse “conhecimento” entranhado na memória coletiva brasileira. Revela uma das características marcantes do que aqui chamo de interdiscurso da brasilidade: a presença estrutural de um racismo ambíguo na formação do Brasil, ainda que haja quem veja o racismo como traço periférico da nossa sociedade. Para essa visão, para mim quase inacreditável, ver Kamel (2006).

¹⁸⁹ Para uma caracterização do “homem cordial” como mito, ver Ianni (2002).

elementos de uma memória cultural com raízes nas relações do Brasil colonial. Freyre contribuiu significativamente para que a memória comunicativa que acionava se inscrevesse profundamente em nossa memória cultural, o que permite, por exemplo, que Ruben Oliven afirme que “as ideias de Gilberto Freyre sobre a democracia racial brasileira são senso comum entre amplas parcelas da população, sem que a maior parte delas tenha lido Casa-Grande e Senzala” (Oliven 2002, 16).

É certo que muitas vezes Freyre foi acusado de haver tentado mascarar a abjeta realidade da escravidão no Brasil, o que não me parece tão simples assim. Basta recordar que a descrição dos horrores da escravidão também faz parte de sua obra mais famosa, publicada pela primeira vez em 1933; mas também é verdade que as passagens mais conhecidas e citadas de sua obra são a consolidação teórica da democracia racial. Contudo, Freyre não cunhou a expressão e não se sabe ao certo quem o fez.

Algo parecido acontece com o *homem cordial* de Sérgio Buarque de Holanda. Bertolli Filho (2000) nos recorda que o conceito era anterior a Sérgio Buarque, quem o reformulou em sua obra clássica do ano de 1936 (Buarque de Holanda, 2000), emprestando-lhe um sentido mais próximo de sua etimologia, *cordial* de *cordis*, quer dizer, designa um comportamento movido pelo coração, pela emoção, mas não necessariamente por sentimentos louváveis. A cordialidade seria o contrário da civilidade, da polidez no trato social. Bertolli Filho argumenta que:

A polidez no trato social, segundo Sérgio Buarque, constituía-se numa espécie de máscara, um dispositivo individual cuja finalidade era a defesa dos pensamentos e interesses do "eu" frente às orientações coletivas. Tal fórmula de convívio grupal, se impregnava a cultura e ditava o comportamento de povos como o japonês, no Brasil perdera muito de sua força cultural, sendo superado pela cordialidade que, pensada como o avesso do ritualismo social, instigava a existência de uma ética de viver dominada pelo fundo emocional. (Bertolli Filho, 2000: 244)

Não obstante, o discurso sobre o *homem cordial* transformou o conceito em sinônimo de bondade, generosidade, tolerância, todas virtudes adotadas como traços diacríticos do mito da brasilidade. Na verdade foi Cassiano Ricardo quem operou a mudança de sentido do *homem cordial* de Sérgio Buarque e, ainda segundo Bertolli Filho, acabou por definir que *a única característica incorrigível do brasileiro é sua bondade* (Bertolli Filho, 2000: 250). Ainda que Sérgio Buarque tenha lutado pelo sentido original do uso que fez de cordialidade, foi a cordialidade de Cassiano Ricardo que melhor se adaptou ao mito do ser brasileiro. Mito que nos ajuda a entender os significados do relato de **Andreia**:

... essa é uma coisa que desde o começo que eu cheguei aqui na Alemanha que é muito forte, a cultura do Brasil é uma cultura viva, né? Essa é uma questão que eu sei, que na Europa é uma coisa meio morta, assim [...] Não sei se a gente mora num país que não tem muito isso, mas eu sei lá ... as pessoas tarem felizes, as pessoas tarem num canto, alguém tá tocando um pagodinho ... depois tá passando num outro lugar tem alguém cantando música brega, um bêbado cantando música brega ... Mas tá lá! É uma felicidade que não tem ... se for, se for avaliar, não tem ... é ... as condições que lá estão, num ... seriam todas pra que a população fosse triste, amargurada, enfim. Eu fiquei assim: gente, o que é que é que tem lá no Brasil que tem ainda essa coisa gostosa, da felicidade mesmo?

Viva, feliz, musicalidade, gostosa são alguns dos sememas que movem a construção da brasilidade em oposição a uma germanidade, que seria morta, triste, silenciosa e insípida. Após alguns anos embebido na leitura dos intérpretes do Brasil – como também na leituras dos intérpretes dos intérpretes do Brasil, que tornaram “clássicos” os ensaios das décadas de 30, desde os estudos no campo da psicologia social (Leite, 2002) até a constituição de um campo de estudos chamado “pensamento social brasileiro” (Botelho; Schwarcz, 2009) –, o trecho da narrativa de **Andreia**, uma foto, passa como um filme que conta parte da história do Brasil-nação diante de olhos tão acostumados a ouvir essa história. Aqui, como Schwarcz, acredito que:

Estamos, portanto, no pantanoso terreno que opõe estrutura e história, e é talvez nesse gancho que a "história da cultura" se separa de uma "antropologia cultural". Ou seja, em vez de exclusivamente focar o processo de construção e desconstrução de sentidos, em sua referência ao contexto em que se insere, talvez o desafio seja insistir nas "persistências", no diálogo que a cultura trava e em como atravessa explicações apenas pontuais. Fazer uma história recortada por problemas e conceitos talvez nos leve a repensar a dimensão estrutural e a estourar a noção de cultura; reconhecer a existência de valores de permanência, que sobrevivem à infra-estrutura mais imediata e dialogam, re-significados, em outros contextos (Schwarcz 1994, s/p)

E ainda com Schwarcz entendo que os valores de permanência que sobrevivem à infraestrutura mais imediata da narrativa de **Andreia** encontram suas raízes na constituição de uma identidade brasileira fundada na mestiçagem – na fábula das três raças, para usar a feliz e consagrada expressão de Damatta (1987) – e na malandragem que se tornou também traço identitário dessa identidade brasileira mestiça, plástica, adaptável e, sobretudo, capaz de exercitar o necessário equilíbrio de antagonismos em uma sociedade que, ao se repensar, escolhe ressaltar o peso das marcas estruturais das relações coloniais de escravidão e deixar para o futuro o rompimento definitivo com essas amarras.

Símbolo que parece repercutir nessa nossa "comunidade de sentidos", o mestiço/malandro, cada vez mais branqueado em sua representação, talvez seja uma boa pista para pensarmos como existiu e ainda existe um modo cultural de olhar para o nosso país e reconhecê-lo como tal. A partir dessa recorrente representação seria possível admitir a existência de valores de permanência mental, que sobrevivem à infra-estrutura imediata e dialogam, re-significados, em outros contextos. (Schwarcz, 1994: s/p)

Mesmo que não textualmente acionado na memória comunicativa de **Andreia**, o mestiço, bom malandro, inscrito em nossa memória cultural na primeira metade do século XX, aparece em suas vestimentas mais comuns, a vivacidade, a felicidade, a música, o pagode (marca explícita da mestiçagem que não podia estar ausente), apesar de todas as adversidades materiais; o pícaro brasileiro, descendente talvez dos pícaros mestiços dos romances ibéricos do século de ouro, se seguissemos a linha de nossos intérpretes do século XX e estivéssemos ainda atrás de raízes encravadas na Península Ibérica. Contudo, mais instigante do que buscar raízes, parece-me ser vislumbrar a insistência “no caráter misto de nossa sociedade; sobre o diálogo que essas narrativas estabelecem entre si e que, ao mesmo tempo, constroem e desconstroem a mestiçagem como tema e a malandragem como representação” (Schwarcz, 1994: s/p)

Tão instigante como buscar os diálogos entre a memória comunicativa expressa nas narrativas e a formulações inscritas na memória cultural é, no mesmo movimento, tentar identificar e interpretar as ambiguidades que marcam os processos identitários acionados pelos/as colaboradores/as. Ainda que cada uma das narrativas tenha uma direção principal, os movimentos laterais e contrários, as marcas da ambiguidade nos processos identitários são uma constante. Da mesma narrativa de **Andreia**, podemos extrair ainda a seguinte passagem:

Essa é uma coisa legal na Alemanha, se você consegue se expor [...] se você argumenta, se o seu argumento é lógico, mesmo se você está numa situação inferior de poder, o seu argumento é acatado.

O que faz possível essa mobilidade do discurso é que não há um campo semântico positivo associado exclusivamente aos brasileiros e um outro campo semântico negativo associado exclusivamente aos alemães. Assim, aos sentidos positivos *viva, feliz, musicalidade, gostosa* se associam por interpretação contextualizada os sentidos negativos *hierarquização irracional e autoritarismo*. Aos alemães, além dos sentidos negativos extraídos por oposição *morta, triste, silenciosa e insípida*, podem ser associados os sentidos positivos *racionalidade e abertura*, o que sem dúvida se vincula também ao processo de construção identitária acionado

no Brasil e inscrito em nossa memória cultural (basta lembrar a contraposição de Sérgio Buarque de Holanda entre europeus ibéricos e europeus do norte), mas pode ter ainda vínculos com as situações experimentadas na Alemanha, onde se vivencia também o processo de construções de identidades alemãs, especialmente ambíguo e conflituoso.

Diferente do caso brasileiro, a nacionalidade alemã é anterior ao Estado alemão e teria se formado por meio da eleição de traços diacríticos frente a um outro sempre presente. Norbert Elias (1990) tenta explicar historicamente o que ele chama do *habitus* alemão e argumenta que o processo de formação do Estado alemão é fundamental para entender a formação desse *habitus*. Para Elias, tal processo foi profundamente influenciado pelo fato de a Alemanha estar posicionada no meio de uma configuração de três povos: os latinos, os germanos e os eslavos. Quer dizer, a Alemanha se formou desde o início com a necessidade de enfrentar o outro, com a necessidade beligerante do ataque e da defesa, o que não foi distinto do processo de outros países europeus, mas na Alemanha a burguesia não conseguiu conduzir o processo, não houve uma reestruturação hierárquica como no modelo francês. Segundo Elias, é sobretudo o processo de unificação alemã que intensifica e define o *habitus* alemão. Para ele, o triunfo dos senhores alemães sobre a França foi ao mesmo tempo o triunfo dos nobres alemães sobre a burguesia alemã.

Falando sobre os processos de definição de uma identidade alemã, sobretudo frente aos fluxos migratórios presentes no país desde os anos 1950, mas também frente às várias reviravoltas da história alemã desde o processo de consolidação do Estado desencadeado no início da primeira metade do século XIX, Ulrike Froböse empresta ao processo a dinamicidade, incerteza e continuidade que acredito serem mais apropriadas que afixação de um *habitus* alemão, que pode surgir da interpretação dos argumentos de Elias. Segundo Froböse:

Die Unterscheidung von Ausländer oder Fremden und denjenigen, die scheinbar schon immer zur eigenen Gesellschaft und dem eigenen deutschen Staat dazugehörten, ist heute für gewöhnlich Teil des Alltagswissens und wird außerhalb der Wissenschaft oder bestimmter politischer Gruppierungen nur selten hinterfragt. Wie voraussetzungsvoll eine solche Unterscheidung ist, wird es deutlich, wenn sie z. B. durch Prozesse der Migration irritiert oder in Frage gestellt wird, weil der vermeintliche Ausländer in Deutschland geboren wurde, hervorragend Deutsch spricht oder gar einen deutschen Pass besitzt. Eine ähnliche Irritation entsteht, wenn man sich die deutsche Geschichte der letzten 200 Jahre ansieht, in der erst und immer

wieder in lange Kämpfen darüber entschieden werden musste, was Deutschland und wer „Deutscher“ ist (Froböse, 2007: 206).¹⁹⁰

Quanto à interpretação de Elias, confesso que guardo algumas ressalvas. Vejo-a, por vezes, um tanto quanto determinista, como se a história fosse inexorável, ainda que ele mesmo argumente não ser essa sua opinião. Talvez as ressalvas venham de seu uso do conceito de *habitus*, que, como indica Fausto (1998), se parece muito ao conceito de mentalidade, e sofre do mesmo problema da generalização. *Habitus*, como o compreendo, é uma categoria *impositiva*, revela um comportamento automatizado, e serve para determinadas manifestações culturais relacionadas ao comportamento no cotidiano. Contudo, *habitus* não me parece adequado para falar de nacionalidades, aqui consideradas como *produtos culturais de um tipo particular*¹⁹¹, de um tipo narrativo, que preconiza determinados valores e comportamentos, mas não os impõe. *Habitus* são comportamentos mais ou menos automatizados, enquanto narrativas se reconstróem a cada vez que se manifestam e são fruto de uma ação mais ou menos refletida, fundada na experiência histórica. Contudo, apesar das ressalvas, Elias nos ajuda muito a entender o imaginário historicamente construído sobre o ser alemão. Imaginário que obviamente também informa parte dos discursos articulados nos textos aqui interpretados. Conquanto a obra de Elias continue sendo uma referência obrigatória quando, mesmo que tangencialmente, se pretenda interpretar processos identitários na Alemanha (e não apenas de alemães, considerando-se a relacionalidade dos processos identitários), trouxe também as considerações de Froböse, que não deixam dúvidas sobre o caráter contínuo, sempre “em formação” e sempre ambíguo também das identidades alemães, como de qualquer outra.

As ambiguidades ressaltadas na interpretação de trechos da narrativa de **Andreia** e a assunção de que processos identitários são ambíguos por acionarem elementos contraditórios que precisam ser objeto de tentativa de organização ao serem narrados levam-me a tentar entender as ambiguidades das narrativas interpretadas sobretudo no que diz respeito ao encontro com o outro. Para descrever comportamentos presentes em encontros culturais, Barkowski (2006) utiliza as categorias de Mario Erdheim (1988) *xenofobia* (representação destrutiva do

¹⁹⁰ A distinção entre estrangeiros e aqueles que sempre pertenceram à sociedade e ao próprio Estado alemão faz parte do conhecimento cotidiano e fora da ciência ou de determinados grupos políticos raramente é colcada em questão. O quão importante é esta distinção se torna claro quando, por exemplo, ela é estorvada por processos de migração ou quando é colocada em questão frente a um “estrangeiro” nascido na Alemanha, que fala fluentemente alemão e ainda tem um passaporte alemão. Uma semelhante confusão surge quando se observa a história alemã dos últimos dois séculos, nos quais por repetidas vezes teve de ser decidido em longas batalhas o que é a Alemanha e quem é “alemão” (Livres tradução de minha autoria).

¹⁹¹ Na versão brasileira utilizada (Anderson 2008) a expressão foi traduzida por “produtos culturais específicos” (p.30), utilizo aqui a versão original em inglês que define nacionalidade e nacionalismo como *cultural artefacts of a particular kind* (Anderson 2002: 4). A versão alemã também consultada se mantém fiel ao original inglês ao definir que nacionalidade e nacionalismo *kulturelle Produkte einer besonderen Art sind* (Anderson 2005: 14).

outro); *xenofilia* (representação idealizada do outro); e *alterrepresentação madura*, na qual o encontro cultural é visto somente como um encontro a mais. Para minha interpretação, às categorias manejadas por Barkowski somo outras três criadas por oposição de sentidos: *autofobia* (representação pejorativa do próprio grupo); *autofilia* (representação de superioridade do próprio grupo); e *alterrepresentação mal resolvida*, na qual se desenvolve um processo tenso de confrontação com o outro.

Autofobia e xenofilia formam uma zona em que o discurso é fortemente marcado por preconceitos e deslumbramentos, contudo não se forma aqui um discurso político destrutivo. Essa zona se encontra no horizonte de possibilidades vislumbrado, trechos de um número significativo de entrevistas estão aí localizados, às vezes chegando somente a uma xenofilia imatura; mas, outras vezes, mostra-se o par xenofilia-autofobia como característica mais forte, como no trecho da fala de **Amaro**:

Eu me lembro que teve uma fase que eu comecei a ficar meio ... não desesperado, mas preocupado, sabe?, achava ... com a situação do país. Aí, depois de um tempo, eu comecei a ironizar, não sei, foi como ... é como se fosse uma ficção. Eu vejo, às vezes, quando eu leio jornal, quando eu vejo alguma coisa de lá, eu acho que é, é uma história. Sabe? Não tenho mais esse sentimento real com o país [...] Eu acho a Alemanha interessantíssima, não ... interessantíssima! [...] Tudo, tudo, tudo, tudo ... a forma, vai, a autocrítica, deles, do país [...] Eu acho engraçado e eu acho bom ... e eu faço junto, não mitmachen, né?

A narrativa de **Amaro**, prenhe de passagens citáveis, merece uma atenção mais prolongada, que pode já aqui ser feita com a aplicação metódica de categorias de interpretação da ACD. A narrativa se funda em dois discursos que evocam a caracterização das identidades nacionais em construção no texto: a brasileira e a alemã. Dois discursos complementares sobre as identidades nacionais brasileiras que são encontrados no texto se constroem a partir de duas avaliações fundamentais: a eficiência alemã – que remete à categoria xenofilia – e o da ineficiência brasileira – que remete à categoria autofobia. Os dois discursos compõem um único discurso que gostaria de chamar, por razões claras para alguns, de “discurso das ideias fora do lugar”.¹⁹² Para me explicar melhor, reproduzo um longo trecho da narrativa para ressaltar elementos que caracterizam os dois discursos aqui apontados:

¹⁹² Mesmo sem querer, nem julgar pertinente, retomar toda a discussão já desenvolvida sobre as representações de uma sociedade fundada na cópia malfeita de ideias e valores europeus, que estaria ou não presente no texto “as ideias fora do lugar” de Roberto Schwarcz (Schwarz 2000), o gênero textual “tese de doutorado” me obriga a inserir essa nota de referência

Deve ter alguma coisa da minha educação, ou a minha..., do, do, do... da minha cultura, vai. (Pausa) Que me, que me, impede não, que me deixa desse jeito, de fazer as coisas da mesma maneira e aí de entrar em conflito com a realidade daqui pelo ritmo ser um pouco mais anspruchsvoll, sabe? Querer, querer que o cara realmente... Agora eu já não sei mais, esse é um ponto que eu me comparo, eu fico pensando: realmente é..., realmente eu tô impregnado dessa mi..., da minha cul..., dessa minha educação e aí eu chego até a separar entre meu pai e a minha mãe. Que minha mãe tem mais uma... tende mais a aqui, vai. As coisas de responsabilidade, tem que ter as coisas, tem que ser no horário que ela quer, tem que ser pontual, sabe? Que num seria, num bateria com o estereótipo do brasileiro, né? (...) Então, pra provar que não é necessariamente uma coisa cultural, mas é lógico que tem essa tendência também, de exigir mais de mim, de falar: não, (pausa), né? Eu poss..., poss..., poderia fazer melhor, poderia fazer mais rápido, mas vai contra minha natureza, né? Por assim dizer, né? Mas, e aí? Num sei.

Sabemos que a tentativa de imaginar uma comunidade brasileira ocupou grande parte do pensamento social brasileiro do século passado, tendo se manifestado em formas que eu aqui agrupo em “positivas” e “negativas”, que dialogam entre si e são antes complementares que antagônicas. As formas negativas predominaram nas primeiras décadas do século XX e foram marcadas pelas teorias do racismo científico que viam com pessimismo uma possível consolidação de uma nação formada pela miscigenação. Nas ciências, o grande nome da corrente pessimista foi o médico Nina Rodrigues. Ainda que não tenham faltado os racistas otimistas, como João Batista de Lacerda, para quem em pouco mais de um século poderíamos nos livrar do “problema” da miscigenação, foi o pessimismo de Nina que marcou época nos debates racialistas (Schwarcz, 1993). Pouco espaço e repercussão havia então para os/as que tentavam entender a nação por outros caminhos, como foi o caso de Manoel Bomfim (2005).

Exemplos do alcance das teorias raciais da degeneração podem ser buscados, por exemplo, na literatura contemporânea, como bem o mostra Izabel Magalhães, ao citar Renato Ortiz em uma possível interpretação de personagens de *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo:

O destino que Aluísio de Azevedo reserva a um dos personagens centrais da trama literária, Jerônimo, é exemplar. Jerônimo, imigrante português, chega ao Brasil com todos os atributos conferidos à raça branca: força, persistência, previdência, gosto pelo trabalho, espírito de cálculo. Sua aspiração básica: subir na vida. Porém, ao se amasiar com uma mulata (...), ao se aclimatar ao país (troca a guitarra pelo violão baiano, o fado pelo samba), ele se abrasileira, isto é, torna-se dengoso, preguiçoso, amigo das extravagâncias, sem espírito de luta, de economia e de ordem. (*apud* Magalhães, 2010: 15)

É apenas na década de trinta que uma “virada discursiva” vai dar fôlego aos “otimistas” e isso ocorre quando o debate deixa de ser fundamentado em argumentos biológicos e entram em cena os argumentos histórico-culturais. Ao menos dois autores são fundamentais nessa virada, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Não é demais lembrar que esse é também, e não por acaso, um momento de profundas transformações político-econômicas, que deram início ao processo de industrialização prussiana do Brasil.

Em outro momento, usando a leitura que faço de Hall, propus que nos anos 1930 Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda são decisivos no processo discursivo de invenção de nossa nacionalidade.

O que faz deles decisivos é que eles saem do campo discursivo até então hegemônico, que é o racismo científico, e conseguem elevar a hegemônico outro campo discursivo, que é capaz de fazer o que o discurso racista não havia conseguido: é capaz de criar uma comunidade de sentidos, um lugar novo de onde se fala e que permite um avanço grande na invenção do brasileiro, esse lugar não é mais a biologia e esse discurso não é mais biologicista, o novo lugar é a cultura e o novo discurso é histórico (...). No discurso racista os negros eram o outro, um outro interno que impossibilitava a invenção de uma nação, que colocava em xeque a existência de um “nós” abrangente. Um discurso convincente sobre a nacionalidade era impedido, ou adiado para um ponto futuro, no qual políticas de eugenia, como o incentivo a migração do norte europeu, teriam resolvido a questão negra. Saindo dessa encruzilhada, Freyre e Sérgio Buarque fabricam historicamente um novo “outro” no passado colonial brasileiro. Com eles os europeus do norte, sobretudo os holandeses e muitas vezes os alemães, se transformam no nosso “outro”. (Feijó, 2010)

Para Sandra Pesavento, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque “realizaram, com a sua escritura, não só uma explicação do seu presente, mas uma invenção do passado e uma criação do futuro” (Pesavento, s/d: s/p). Enquanto Vangelista considera que, no caso de Sérgio Buarque podemos falar de um claro “projeto intelectual e político exprimido e concretizado no seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*: construir, através de uma história erudita do Brasil, os elementos formativos da memória coletiva brasileira” (Vangelista, s/d: s/p). Acho seguro estendermos o argumento de Vangelista, desenvolvido para toda o conjunto da obra de Sérgio Buarque de Holanda em outro artigo (Vangelista 2000), também a Gilberto Freyre, apenas com a observação de que Freyre volta-se menos para a erudição da sociologia histórico-compreensiva e mais para a erudição da história cultural.

De certa forma é a visão culturalista de Freyre e a abordagem histórica de Sérgio Buarque que fazem a união dos dois discursos que mencionei acima no terceiro discurso que

chamei de “discurso das ideias fora do lugar”. Pois são eles que inauguram o “europeu do norte” como contraponto à nossa identidade nacional. Esse *luogo terzo* da identidade brasileira, conforme formulação de Ettore Finazzi-Agró, “*del suo star sospesa fra i due, del suo flettersi tra Antico e Nuovo, del suo essere “soglia” tra Europa ed America*” (Finazzi-Agró, s/d: s/p). Digo de certa forma pois, se ambos tinham uma visão positiva dessa nova nacionalidade que ajudavam a inventar, os discursos sobre o ser brasileiro/a que se consolidariam nas próximas décadas não se renderiam nem ao otimismo entusiástico de Freyre, nem à esperança contida de Sérgio Buarque.

Nas mais diversas áreas do conhecimento, as décadas de 1940 a 1980 testemunharam a consolidação de um discurso da ausência: ausência de ideias próprias; ausência de criatividade; ausência de cidadania; ausência de consciência de classe; ausências de ideologias claras e delimitadas; há quem reclame até a ausência de uma verdadeira ditadura. Todas as ausências, a exceção da última citada, referem-se ao nosso outro europeu, um exemplo sempre perseguido e nunca alcançado por “ideias fora do lugar”.

Para Bernardo Ricupero:

“as idéias fora do lugar” mais do que expressarem um fato – a inadequação de certas referências intelectuais a um dado contexto social – indicam um processo, de formação, que se completaria na forma, até porque, como já afirmava o jovem Lukács em trabalho clássico sobre o tema, no momento que se passa a ter forma há “a conciliação do exterior e do interior” (Ricupero, 2008: 64)

Embora Ricupero desenvolva argumentos sólidos e convicentes de defesa em torno das querelas sobre “as ideias fora do lugar” (Ricupero 2007; 2008), mesmo que reconheçamos a dimensão da obra de Schwarz e a justeza dos argumentos de Ricupero, faz-se mister reconhecer que a imagem fixada no debate em torno das ideias fora do lugar, sobretudo na polarização entre Roberto Schwarz (2000, 2011) e Silvano Santiago (2000, 2004), foi inscrita em uma memória comunicativa que tende a interpretar o Brasil pela cópia e pelas ausências em relação um modelo europeu a ser alcançado.¹⁹³ Sendo certo que a interpretação pelas presenças e

¹⁹³ E não me parece que Schwarz tenha se preocupado com essa apropriação de suas ideias, haja vista tê-la reafirmado em outras oportunidades: “We Brazilians and other Latin Americans constantly experience the artificial, inauthentic and imitative nature of our cultural life. An essential element in our critical thought since independence, it has been variously interpreted from romantic, naturalist, modernist, right-wing, left-wing, cosmopolitan and nationalist points of view, so we may suppose that the problem is enduring and deeply rooted” (Nós, brasileiros, e outros latino-americanos, constantemente vivenciamos a natureza artificial, não autêntica e imitativa de nossa vida cultural. Esse é um elemento essencial em nosso pensamento crítico desde a independência, que tem sido interpretado de diversas formas pelas visões romântica, naturalista, modernista, de direita, de esquerda, cosmopolita e nacionalista. Podemos supor, desse modo, que o problema tem sido duradouro e está profundamente enraizado) (Schwarz, 2011: 391).

singularidades tenha ganhado espaço para além da academia nas últimas duas décadas (talvez motivadas pelo desenvolvimento econômico brasileiro e, quiçá, pelo próprio repensar o Brasil a partir do crescente volume de experiências migratórias internacionais), o dilema das ausências é ainda uma marca identitária bastante forte.

Em sua instigante dissertação de mestrado sobre as disputas intelectuais entre Schwarz e Santiago, referindo-se especificamente ao legado crítico de Schwarz, Fabiana Carneiro da Silva argumenta que:

A despeito do que há de legítimo na consciência que propõe uma leitura por meio deste arsenal conceitual e metodológico, salta aos olhos algo que nos parece uma “reificação da negatividade”. Isto é, um procedimento automatizado e firmemente ligado ao mercado de trocas simbólicas que a reprodução de um gesto crítico passou a dramatizar: o elogio ao já prestigioso confere prestígio ao que elogia, pois o afirma, na medida em que é reconhecedor do mérito, tão sábio quanto o elogiado. (Silva, 2012: 115)

Mesmo que Silva conclua ser um equívoco o simplismo de opor uma pretensa “negatividade niilista” representada pelo pensamento de Schwarz a um “otimismo ingênuo” representado pelas ideias de Silviano Santiago, o equilíbrio proposto por ela não encontra ainda espaço para além das reflexões acadêmicas. Permanecem então os ambíguos embates entre uma identidade ao mesmo tempo originalmente mestiça e marcada pelas ausências resultantes de uma cópia malfeita.

Essa “reificação da negatividade” marca o dilema da ausência, da incompletude e incapacidade do/a brasileiro/a frente ao europeu e à europeia. Essa representação atua na construção do discurso de identidade aqui interpretado por meio da narrativa do/a brasileiro/a que não consegue ser tão *anspruchsvoll* (exigente) quanto as/os alemãs/es (o uso do vocábulo em alemão não me parece um acidente), que luta para “provar que não é necessariamente uma coisa cultural”, que “poderia fazer melhor”, como as/os alemãs/es, mas isso vai contra sua natureza.

Contrariando a interpretação, em várias passagens, **Amaro** garante enfaticamente que não faz comparações entre a Alemanha (Europa) e o Brasil, usando algumas vezes modalizadores epistêmicos de reforço:

Mas não de sempre me desprender e de ver ou pens..., ou fazer alguma comparação, pensar como seria no Brasil. Não, não, isso eu num faço, num faço mesmo.

O fato de se propor evitar comparações entre os dois mundos a que se percebe ligado permitiria certa tranquilidade ao entrevistado. “Permitiria”, “certa”, uso aqui os modalizadores, para chamar a atenção para esse mesmo recurso do entrevistado, que por meio de uma assertiva com modalidade epistêmica alta se afasta da prática de fazer comparações que lhe acarretariam angústia, mas, com o uso de modalizadores epistêmicos em assertivas modalizadas não parece estar muito seguro da tranquilidade alcançada com a estratégia apresentada de não comparar.

Passei a ver as coisas separadas, sem fazer comparação. E talvez isso tenha mudado minha visão, de ver o Brasil, pelo menos, assim. E também (pausa), pegar como é..., uma visão mais tranquila também, né?

Recursos de modalizações epistêmicas alta e baixa são utilizados na tentativa de negação ou afastamento dos discursos de nacionalidade, sobretudo das determinações culturais acarretadas pela sua “educação brasileira”; expressam um grau de discordância, ou incômodo, com esses discursos, ainda que não de forma direta.

Em outros vários momentos, **Amaro** se mostra constrangido pelo distanciamento de uma ligação real com o Brasil que discursivamente constrói, aliada a um sentimento de pertencimento à Alemanha. Essa (re)construção identitária é marcada tanto por modalizadores, usados para relativizar a questão do pertencimento nacional, quanto por meio de avaliações, que demonstram as filiações e afetos do entrevistado.

Bom, eu acho a Alemanha interessantíssima. Não, interessantíssima, sério. Não, vou pegar mais uma cerveja (...). Não, a Alemanha pra mim é interessantíssima, interessantíssima (pausa). Tudo. Tudo, tudo, tudo. Não, eu acho interessantíssima (...). Eu acho muito interessante. (...) eu acho engraçado e eu acho bom e eu faço junto como eles dizem, né? Mitmachen... não, acompanho, acompanho. E gosto.

No excerto de três páginas aqui interpretado (ver anexo D), **Amaro** usa seis vezes a palavra interessante, ou interessantíssima, ao se referir à Alemanha. A repetição da palavra “tudo” quatro vezes seguidas enfatiza o caráter de interesse atribuído à Alemanha, “tudo” é interessante, por isso interpreto esse uso também com uma avaliação aliada à modalização de alta afinidade. “Engraçado”, “bom”, “acompanho, acompanho” (em uma tentativa de tradução do *mitmachen*, falado antes em alemão) e “gosto” são outras avaliações que aparecem na resposta do entrevistado à pergunta sobre sua relação com a Alemanha.

Se as modalizações e avaliações operam essa (re)construção identitária, que implica movimentos de distanciamento perturbadores, é por meio de outras vozes, da intertextualidade,

que o entrevistado revela mais claramente a presença dos discursos de nacionalidade no texto. As angústias vividas pelo entrevistado ao ser induzido a pensar sobre sua identidade em termos de pertencimento a uma nacionalidade se mostram em parte nas vozes exteriores que traz para seu texto e que falam o que ele muitas vezes se nega a dizer.

Sejam vozes do passado, que já teriam sido pronunciadas pelo entrevistado, mas que ele crê terem sido superadas:

Tinha sim comparação antes, mas era uma coisa sempre depreciativa em relação ao Brasil. Sempre pensando: uma porcaria, ou alguma coisa do gênero, e via aqui as coisas boas.

Ou vozes do presente, de terceiros/as:

Falou que eu sou lento, mesmo. Sou lento, que eu falo demais pra fazer alguma coisa e no final num realizo, sabe? Num faço o negócio. E ela deu exemplo de um brasileiro que, que estuda lá com ela também, né? (...) Que parece não, falou: não, é a mesma coisa dele. Ele também faz uns projetos lá de não sei o quê, e aí queria que ele fizesse uma coisa e ele fala: ah, não, vou fazer. Chegava a anotar e tudo e eles já sabiam que o cara num ia fazer nada, sabe? E ela, ela começou me comparando desse gênero (longa pausa).

Usando de outras vozes especificamente atribuídas, tanto direta quanto indiretamente relatadas, o entrevistado se afasta de um posicionamento sobre condicionantes de caráter e personalidade ocasionados pelo pertencimento nacional, colocando em outras falas esses discursos, aos quais se contrapõe enfaticamente em sua representação, por meio do uso de modalizadores, incluindo modalizadores de alta afinidade, como foi visto. Contudo, com as avaliações afetivas, termina por fazer as comparações das quais acredita estar isento, devido à maturidade adquirida com a experiência de migração, marcada pelo deslocamento do sujeito e a fragmentação da identidade característica da modernidade tardia (Hall, 2008), o que se deixa perceber por meio da interpretação. Para Hall,

Nationale Identitäten subsumieren nicht alle anderen Formen der Differenz unter sich. Sie sind keinesfalls frei vom Spiel der Macht, von inneren Spaltungen (...). Wenn wir zu der Untersuchung kommen, ob nationale Identitäten ‘zerstreut’ sind, wird zu beachten sein, wie nationale Kulturen Differenzen zu einer Identität ‘vernähen’ (Hall, 2008: 208).¹⁹⁴

¹⁹⁴ Identidades nacionais não subordinam todas as diferentes formas de identidade. Não são de forma alguma livres do jogo do poder, de suas divisões internas (...). Se vamos investigar se identidades nacionais estão ‘estilhaçadas’,

Se não há como negar que as mudanças da chamada modernidade tardia implicam mudanças das identidades nacionais características da modernidade, cabe entender essas mudanças que, como toda prática social, são em parte discursivamente acionadas e envolvem processos e negociação de alteridades – sejam de classificação ou de categorização (Jenkins 2008) – aqui interpretados com o auxílio de categorias construídas para a compreensão de processos identitários inerentes aos encontros interculturais transnacionais.

Voltando então nominalmente a essas categorias de Erdheim adaptadas por Barkowski e por mim expandidas, vejo a alterrepresentação madura como uma zona ótima em que as diferenças são vistas somente como diferenças e nada mais. Trechos dos textos aqui interpretados se movem por essa zona. Todas as entrevistas passam por aí. Umas muito pouco, mas outras quase exclusivamente. Como é o caso de **Cláudia**, quem fez o seguinte comentário ao final de sua entrevista:

Quero falar que no final de tudo, eu tô indo embora, e acho, que todos, todos os países [...] sempre têm os pontos negativos, os pontos positivos, nunca é perfeito, mas muita coisa que eu achava negativo aqui, hoje eu acho positivo e também ao contrário [...] no final, eu não me arrependo, não me arrependo de ter vindo.

A alterrepresentação mal resolvida é outra zona de nosso horizonte de possibilidades. Essa é a zona do discurso ligada ao cotidiano mais imediato, sobretudo a experiências negativas, o que tende a ativar preconceitos acionados pela memória comunicativa, ao mesmo tempo em que entra em conflito com uma vontade manifesta de eliminar preconceitos, inscrita na memória cultural. É uma zona extremamente tensa, na qual há um certo perigo de chegar à autofilia ou à xenofobia, mas também há aí uma busca da alterrepresentação madura. Em muitos casos, a alterrepresentação mal resolvida em processos identitários (re)construídos na imigração nos conduz a alguns problemas políticos de extrema relevância da contemporaneidade, sobretudo quando entendida sob o epíteto da “era das migrações”.

Em uma das várias passagens citáveis de sua narrativa, **Bianca**, uma de nossas colaboradoras que pode ter sua trajetória de imigração usada como exemplo de sucesso ao ter conseguido trabalho na sua área de formação e constituído uma família binacional, nos conta que:

No fim de 2007 eu recebi a carta dizendo que eu tinha sido naturalizada. Isso claro que mudou completamente a minha visão (...). Quando eu ganhei esse papel

temos que observar como culturas nacionais ‘costuram’ diferenças em identidade. [Livre tradução de minha autoria].

dizendo: não, agora você é portuguesa, eu me senti completamente em casa, então agora, agora tudo mudou!

(...)

Eu me sinto em casa agora, é diferente. E uma questão legal também, né? Eu tinha aquela sensação de, sendo brasileira, na Alemanha, né? Que num... Um país difícil. Ahm... Que se alguém, sei lá... Alugasse um carro, batesse o carro, pronto, isso já ia ser um problemão. Eu sei que hoje em dia também seria um problemão (risos), mas na época eu pensava: não, vão me botar na cadeia. Então eu tava sempre assim: não, num vou... Passava por uma pessoa, num vou falar português porque vão ver que eu sou estrangeira, num vou falar alemão porque vão ver que eu sou estrangeira (risos). Então, sempre assim pisando em ovos. E aí, depois que saiu a nacionalidade... Tá bom, tenho o direito de ficar, pronto! Foda-se! É isso.

Creio estar claro na narrativa de **Bianca** o vínculo direto entre a obtenção da cidadania (no caso cidadania portuguesa), o que a torna automaticamente uma cidadã europeia com direitos ampliados dentro a Alemanha, e o sentimento de ter seus direitos básicos de humanidade ampliados. É a cidadania que dá a ela coragem de “falar”, sem ter medo de ser reconhecida como estrangeira. Sentimentos parecidos são encontrados em outras narrativas dos/as colaboradores/as que possuem dupla cidadania, mas são a marca mais forte da narrativa de Bianca e nos remetem às questões de cidadania e direitos humanos imediatamente vinculadas à questão migratória, e muitas vezes determinantes nos processo identitários desenvolvidos por imigrantes.

Alguns autores diferenciam de forma bastante precisa e categórica direitos humanos de direitos de cidadania, pois aqueles seriam direitos universais e naturais, enquanto que “a idéia de cidadania é uma idéia eminentemente política que não está necessariamente ligada a valores universais” (Benevides, s/d: 4). Benevides considera, contudo, que em sociedades democráticas “os direitos do cidadão coincidem com os direitos humanos, que são mais amplos e abrangentes” (Benevides, s/d: 4). Considero que as colocações de Maria Vitória Benevides sobre a dissociação entre direitos humanos e direitos de cidadã/o, associada à crença de que em “sociedades democráticas” essa dissociação tende a desaparecer, podem ser entendidas à luz de uma interpretação já tradicional dentro da academia brasileira, que olha para a Europa (“sociedades democráticas”) como um lugar a se atingir.

O debate é antigo, poderíamos remontar as justas e iradas contestações de Manoel Bomfim aos respeitáveis representantes do racismo científico, inspirados por Spencer,

Haeckel e outros “gênios” europeus. Para não irmos tão longe, basta-nos voltar às esquemáticas repercussões do debate entre Silviano Santiago e Roberto Schwarz nos anos 80 do século passado. Com alguns apelando à necessidade de nos libertarmos da fixação europeia e outros insistindo que no Brasil as “ideias estavam fora do lugar”, pois o que aqui se produzia era um mero arremedo mal engendrado do que originalmente se havia pensado em solo europeu.

O exemplo mais recente serve para vislumbrarmos o quanto estamos inseridos nesse credo da “superioridade europeia”, por mais progressistas que queiramos ser. Hoje, é fácil duvidar dos méritos de um Silvio Romero ou de um Nina Rodrigues, embora eu não o faça, mas não creio que alguém duvidaria das boas intenções de Roberto Schwarz ou de Maria Vitória Benevides e de suas contribuições em suas respectivas áreas do conhecimento, porém ambos se mostram, de certa forma, caudatários dessa nossa “herança colonial”, que se ressentem de não termos cumprido nosso ideal, transformando-nos em um imenso Portugal.

Tomemos como exemplo o texto já citado de Benevides. A autora coloca que:

Nas sociedades democráticas do chamado mundo desenvolvido, a idéia, a prática, a defesa e a promoção dos direitos humanos, de uma certa maneira, já estão incorporados à vida política. Já se incorporaram no elenco de valores de um povo, de uma nação. (Benevides, s/d: 2)

Uma questão sincera e não retórica me toma de assalto ao ler o trecho acima: “já se incorporaram”? A desde quando se refere esse “já”? Esse “já” já vale a partir do final da 2ª. Guerra e das atrocidades que não precisam ser mencionadas, para o caso alemão? E para o caso francês, vale desde o fim do caso Dreyfus, desde a vitória dos “resistentes” contra os “colaboracionistas” ou desde o fim das torturas na Argélia? E para as ditaduras escancaradas em Portugal, Espanha e Grécia? Mesmo tomada as datas mais “longínquas” é muito pouco tempo para se proclamar que novos valores “se incorporaram no elenco de um povo, de uma nação”, pelo menos se dermos ainda um mínimo de credibilidade às lições de um grande europeu, Fernand Braudel.

Não há aqui nenhum *europafobia*, pelo contrário, a história e as contribuições europeias ao mundo são de fato relevantes, mas a crítica a essa história e à forma como se produziram essas contribuições não pode ser nunca deixada de lado se temos no horizonte uma humanização de todo o mundo, que possa algum dia ser de fato efetivada.

A retomada manifesta da xenofobia em vários países europeus e as políticas migratórias e de expulsão de não-nacionais têm dado razão, aos que, como eu, não creem que a Europa esteja assim tão distante quando o assunto é a ainda não resolvida questão dos direitos humanos. Ao contrário, estamos todos no mesmo barco e estamos todos afundando com ele, junto com os africanos de Lampedusa e com os pescadores processados por ajudar no resgate de sobreviventes em outros naufrágios na costa italiana, pois estariam ajudando na imigração ilegal (Gäsche, 2014). Outros exemplos bem recentes, como as expulsões coletivas de romas do território italiano – que violam a convenção Europeia dos Direitos do Homem, que proíbe a expulsão coletiva de estrangeiros (Costa 2006: 98) – trazem toneladas de pedra para esse barco à deriva.

Ao tomar o texto de Benevides como âncora para minha argumentação, queria chamar a atenção para duas questões que precisariam ser superadas para o avanço nos direitos humanos, mas são infelizmente questões que parecem irresolúveis. A primeira delas, a eliminação da diferenciação entre direitos humanos e direitos de cidadania ou a subordinação de fato destes últimos aos primeiros em todo e qualquer caso, pelas consequências econômicas, políticas e culturais inimagináveis que poderia acarretar, parece estar longe dos horizontes de possibilidades de nosso tempo presente até onde consigo vislumbrá-lo, mesmo sendo eu um otimista inveterado. Contudo, essa superação não deixa de estar sendo ativamente teorizada. Autores engajados nos estudos migratórios como Stephen Castles (Castles, Davison, 2000; Castles, Hansen, Schierup, 2006) e outros notórios pesquisadores com sólidos estudos realizados desde uma perspectiva progressista emancipatória, como Gerard Delanty (Delanty, 2000; Delanty, Wodak, Jones, 2008) vêm construindo, ainda que com diferenças e algum ceticismo, argumentos em torno do ideal kantiano de um cosmopolitismo cívico (Delanty 2000). Os debates evocam, sobretudo, à necessidade de superação da cidadania baseada em pertencimento nacional para a implementação efetiva de direitos humanos. Tomado apenas como exemplo para uma discussão que não pode aqui ser alongada, Delanty argumenta que:

There are good grounds for believing that human rights constitute a discourse capable of challenging national sovereignty (...). The idea of the rights of children also has major implications for undermining the distinction between the rights of citizens and human rights (...). I have argued for a notion of personhood as contextualized and decentred in place of the older polarity of an abstract human nature, on the one hand, and, on the other, the territorially bounded citizen (...) In sum, human rights are not the product of the natural certainties of a pré-social human essence, but constitute a

constructivist project; they have to be achieved rather than being discovered (Delanty 2000: 80).¹⁹⁵

A segunda questão sobre direitos humanos, cidadania e imigração que gostaria de tangenciar é fruto de ponderações filosóficas que já atravessam séculos e dizem respeito à universalidade e ao caráter natural dos direitos humanos. Essa questão deriva de uma aposta na racionalidade humana que tem seu expoente no imperativo categórico kantiano, sendo pois filha direta e diletta da ilustração, outra herança pesada que não conseguimos superar sem cairmos em dualismos maniqueísta de endeusamento ou demonização. A resposta a essa questão tem impacto direto nas possibilidades de superação da dicotomia existente entre direitos humanos e direitos de cidadania, proposta, entre outros, por Delanty.

Creio que a resposta mais simples foi dada por Norberto Bobbio ainda nos anos 1960, ao argumentar que o fundamento de direitos humanos é o apelo a valores últimos, mas “os valores últimos, por sua vez, não se justificam; o que se faz é assumi-los. O que é último, não tem nenhum fundamento” (Bobbio, 1992: 18). E segue defendendo uma agenda de efetivação dos direitos humanos, mais que de discussões filosóficas sobre sua universalidade:

O problema fundamental em relação aos direitos do homem, hoje, não é tanto o de justificá-los, mas o de protegê-los. Trata-se de um problema não filosófico, mas político (...). Com efeito, o problema que temos diante de nós não é filosófico, mas jurídico e, num sentido mais amplo, político. Não se trata de saber quais e quantos são esses direitos, qual é a sua natureza e seu fundamento, se são direitos naturais ou históricos, absolutos ou relativos, mas sim qual é o modo mais seguro para garanti-los, para impedir que, apesar das solenes declarações, eles sejam continuamente violados. (Bobbio, 1992: 24-25)

A simplicidade da solução proposta por Bobbio não foi suficiente para encerrar a eterna querela sobre a universalidade dos direitos humanos, mesmo, ou melhor, sobretudo, entre aqueles historicamente comprometidos com sua defesa. Comparato (1997), por exemplo, retoma as mesmas discussões filosóficas que Bobbio há mais de trinta anos propunha superar, por estéreis que lhes pareciam, tomando o próprio texto de Bobbio como

¹⁹⁵ Há bons motivos para crer que os direitos humanos constituem um discurso capaz de desafiar a soberania nacional (...). A ideia dos direitos das crianças também tem grandes implicações para enfraquecer a distinção entre os direitos dos cidadãos e os direitos humanos (...). Tenho argumentado em favor de uma noção contextualizada e descentralizada de personalidade, ao invés da antiga polaridade de uma natureza humana abstrata, por um lado, e, por outro, o cidadão territorialmente delimitado (...). Em suma, os direitos humanos não são o produto das certezas naturais de uma essência humana pré-social, e, sim, constituem um projeto construtivista; eles precisam ser alcançados, ao invés de ser descobertos (Delanty 2000: 80).

ponto de partida para suas abstrações jurídico-metafísicas. Algo bem distante, creio eu, do que poderia ter pretendido o grande pensador italiano. Comparato propõe que “dizer que não se pode dar um fundamento absoluto a direitos historicamente relativos é elaborar um sofisma” (Comparato, 1997: 7) e conclui a mesma seção do texto com a afirmação, ao meu ver, tão ou mais sofisticada do que a que acabara de criticar:

Por último, nenhuma surpresa pode suscitar o fato de que a categoria geral dos direitos humanos compreende direitos específicos de diversa natureza. Porventura a categoria geral dos direitos subjetivos não é reconhecidamente heterogênea? Por causa disso, haveremos de negar a existência de direitos subjetivos, ou rejeitar como logicamente imprestável esse conceito? (Comparato, 1997: 7)

Só consigo responder a essas perguntas com a formulação de outra. Afirmar a impossibilidade de defender a universalidade dos direitos humanos significa necessariamente rejeitá-los como um conceito imprestável? Para mim, pelo contrário, significa um passo necessário para agirmos em outra direção mais urgente, a garantia dos direitos humanos, como propôs Bobbio, pois é do fato de não serem universais que deriva a necessidade de que sejam garantidos e essa necessidade foi até hoje o único imperativo categórico que se confirmou quanto aos direitos humanos.

Sobre a essencialização dos direitos humanos ao propô-los direitos naturais, parece ser essa uma questão já menos controversa que o caráter de universalidade. Lafer (1988) traça com riqueza de detalhes a crítica feita à naturalização dos direitos humanos, que está, sob muitos aspectos, vinculada ao desmonte do jusnaturalismo como teoria. Não creio que seja oportuno me alongar nesse ponto. Prefiro voltar à questão que é o fio que conduz aqui minha reflexão e que se vincula a (re)construção de identidades no processo migratório, qual seja, as relações entre direitos humanos e direitos de cidadania.

Para ir além de minhas objeções pessoais à ideia de cidadania como condição para a concretização de direitos humanos, o que torna a cidadania necessariamente uma categoria excludente, busco apoio no trabalho fundamental de Lynn Hunt sobre o que ela denomina “a invenção dos direitos humanos”. Para Hunt:

Os direitos humanos só se tornam significativos quando ganham conteúdo político. Não são os direitos de humanos num estado de natureza: são os direitos de humanos em sociedade. Não são apenas direitos humanos em oposição aos direitos divinos, ou direitos humanos em oposição aos direitos dos animais: são direitos de humanos vis-à-vis uns aos outros. São, portanto, direitos garantidos em um mundo secular (...) e

são direitos que requerem uma participação ativa daqueles que os detêm. (Hunt, 2009: 19)

No ponto central de sua argumentação, Hunt parece coincidir com Lafer quando este argumenta, comentando as ideias de Hannah Arendt, que:

(...) o ser humano, privado de seu estatuto político, na medida em que é apenas um ser humano, perde as suas qualidades substanciais, ou seja, a possibilidade de ser tratado pelos Outros como um semelhante, num mundo compartilhado (Lafer 1988: 22)

A participação política que reclamam Hunt e Lafer como condição aos direitos humanos requer a cidadania em toda sua plenitude. Essa forma de ver a cidadania parece estar mais próxima aos redatores das primeiras declarações de direitos dos homens há alguns séculos do que à nossa realidade de hoje, controlada por fronteiras e passaportes. Basta lembrar que o direito de livre locomoção e de escolha do lugar de moradia foi declarado direito fundamental dos homens já na Declaração de Independência Norte-Americana.

Hunt argumenta que, embora tivessem surgido propostas de diferenciação de direito “naturais”, para os “cidadãos passivos”, e direitos políticos, para os “cidadãos ativos”, mesmo antes da elaboração da Declaração Francesa de 1789, “por definição, os direitos do ‘homem’ repudiavam qualquer idéia de que os direitos dependiam da nacionalidade” (Hunt 2009: 178). Essa diferenciação foi construída na fornalha dos debates sobre os direitos do homem e ganhou proporções desafiadoras com o passar dos séculos. Nos Estados Unidos, por exemplo, somente 22 anos após a declaração de independência, o congresso aprovou uma Lei de Estrangeiros junto com uma sedição para limitar as críticas ao governo americano (Hunt 2009: 179).

A narrativa de Bianca nos aproxima dos impactos negativos que têm a negação da cidadania, entre outras coisas, nos processos de (re)construção identitária vividos por imigrantes em um movimento de autonegação de suas existências, desencadeado pela desigualdade de direitos e manifesto, entre outras formas, por relações próximas ao ódio que podem ser desenvolvidas em uma (re)construção identitária fundada na alterrepresentação mal resolvida, conforme as categorias interpretativas aqui acionadas.

A alterrepresentação mal resolvida torna tensa e difícil também a vida de **Eloísa** na Alemanha. Mesmo que ela tenha conseguido sucesso em sua carreira acadêmica alemã, trabalhando à época da entrevista como docente em uma renomada faculdade de sua área, sua relação com o outro é também marcada pela ambiguidade. Segundo **Eloísa**:

A gente percebe que os alemães, ah... sempre acham que as coisas deles são melhores e eles têm sempre que menosprezar os outros... como, assim... uma..., não é síndrome, um complexo de inferioridade; então, isso é um pouco chato, assim, com alguns alemães, que eles têm que tá sempre fazendo algum deboche, alguma coisa, ou mesmo se a gente tem que falar o alemão eles corrigem - não muito, mas corrigem.

Mas logo depois ela relativiza:

Não sei se é o meu ambiente, assim, que é mais chato, mais fechado, não sei, mas, por enquanto, é assim, o meu ambiente eu sinto isso, que as pessoas são fechadas, chatas, assim, quadradas, faz uma piada eles não entendem.

E parece voltar atrás:

Mas aqui também em ZZZZZ, acho que por ser um lugar menor e ter muito turista, também as pessoas são um pouco mais simpáticas; eh, e, aí, até isso foi um choque cultural porque aqui as pessoas eram mais simpáticas, mais calorosas do que em Porto Alegre, que é uma cidade mais urbana, com estresse, então, as pessoas estavam sempre estressadas e respondiam de mau humor, então, isso, até foi quando eu vim pra cá, foi uma coisa positiva, eu percebi que as pessoas aqui eram mais simpáticas do que em Porto Alegre.

Na construção de sua narrativa, Eloísa minimiza as afirmações negativas sobre o comportamento dos alemães com comparações com o comportamento das pessoas em Porto Alegre, sua cidade natal, além de construir várias passagens em que tenta vincular suas vivências negativas a um lugar específico da Alemanha, algo que não poderia ser generalizado, tentando sempre voltar a uma estratégia que define no início de sua narrativa: “*sou geralmente otimista e sempre quero dar o meu melhor porque eu acredito que as coisas podem melhorar e que eu devo isso ao mundo*”.

A estratégia não é utilizada exclusivamente por **Eloísa**, aparece com frequência nas entrevistas em que a alteridade mal resolvida se mostra mais forte. É uma marca, por exemplo, da entrevista de **Carlito**, repleta de interpretações negativas com fortes efeitos emocionais, mesmo podendo ser sua trajetória na Alemanha tomada com um exemplo de sucesso e de integração.

Carlito, “*moreno*” – “*difícil classificar a cor da minha pele, todos no Brasil são assim*” –, tem nacionalidade alemã, possui todos os direitos de um alemão, cursou como bolsista e, conforme sua narrativa, com bastante sucesso, uma universidade neste país (passando inclusive dois semestres no exterior como estudante intercambista do programa Erasmus). Ele também relata ter conseguido trabalho depois, fala alemão muito bem, além de inglês e espanhol, teve três namoradas alemãs, mudou-se para a capital após os estudos, onde tem uma

vida cultural muito intensa, e uma vida social também. **Carlito**, ao falar do futuro, suspira, perdendo um pouco o tom monótono da fala, que alega ter aprendido a usar como defesa dos olhares que sempre o viram como intelectualmente inferior: “*eu sinto uma solidão sempre constante, presente. Desde que eu sai do Brasil essa solidão não consegue sair de mim. Eu não consigo me adaptar tão bem com a cultura alemã, isso me atrapalha, me faz querer voltar para o Brasil*”.

Apresento abaixo uma transcrição sequencial de excertos que resumem a trajetória de imigração de **Carlito** na ordem em que é narrada. À narrativa seguem-se algumas breves tentativas de interpretação. Além de oferecer ao leitor a possibilidade de ter frente aos seus olhos ao menos uma das histórias de vida por trás deste capítulo, a sinopse da narrativa de **Carlito** –construída com os excertos desmontados e reordenados após trabalho prévio de análise crítica narrativa, de compreensão da *intriga como síntese do heterogêneo* (Motta, 2013: 140) – oferece-nos um enredo no qual projeto e conflitos dramáticos, assim como as estratégias do narrador se mostram de forma menos velada. A interpretação destas estratégias e dos conflitos nos ajudam a fechar esse capítulo e abrir o terreno para a interpretação densa de uma narrativa completa, objeto do capítulo seguinte.

Vejam, então, a narrativa de **Carlito**, reestruturada e resumida em quatro longos episódios compostos por ações semanticamente completas e relativamente autônomas em relação à totalidade semântica da narrativa. Os quatro episódios foram nomeados como “os antecedentes” (excertos [1] a [3]), “a viagem e as descobertas” (excertos [4] a [9]), “a mudança” (excertos [10] a [15]) e “o desfecho” (excertos [16] a [20]).

OS ANTECEDENTES

[1] Minha mãe teve uma..., teve uma educação bem alemã, em muitos sentidos [...] e casou como meu pai, que é brasileiro, moreno, de WWWW¹⁹⁶, solto, completamente diferente do resto da família. Bom, eh... eu tenho passaporte alemão, meus irmãos têm o passaporte alemão e meus primos têm passaporte alemão, então é sempre uma ideia da família mandar essas pessoas para a Europa, já que pode, né? Pra estudar e tal.

[2] Com eu sou alemão, eu tenho muitos direitos, então quando eu cheguei na Alemanha eu tinha dinheiro, eu tinha casa, eu tinha curso de alemão, e tinha a ideia de recomeçar a faculdade aqui na Alemanha.

[3] Até a minha vinda, [a origem alemã] não significou muita coisa não, viu? Até a minha vinda não tinha muito significado. Eu sou moreno..., difícil classificar a cor

¹⁹⁶ Para preservar o anonimato da entrevista, optei por omitir nomes de localidades que pudessem facilitar a identificação do entrevistado.

da minha pele, mas quase todos no Brasil são assim, então entre..., eu sou um brasileiro..., um brasileiro típico, poderia dizer.

A VIAGEM E AS DESCOBERTAS

[4] O primeiro sentimento: “nossa eu vou pra Europa”. Tem aquela coisa do brasileiro que: “nossa, eu vou para a Europa”, tem um pouco disso também.

[5] Minha vida se modernizou em dois meses. [...] Eu vim pra Alemanha, encontrei meu primo no aeroporto [...] depois em YYYYY com meu irmão. No mesmo dia eu já fui em uma festa em ZZZZZ, foi muito legal, porque eu já conheci pessoas, as pessoas falando vários idiomas, eu entrei no mundo europeu na primeira noite.

[6] O que era engraçado era o frio, mas até o frio pra mim era uma coisa legal, era legal, tava de casaco sentido frio, falando coisas diferentes, outra língua e tal. Depois vem a área burocrática e eu acho que..., acho que o meu primeiro choque foi meu irmão conversando com uma mulher para eu tirar minha carteira de identidade alemã e eu fiquei assustado com a mulher falando com meu irmão e falei pra ele: vocês tão brigando, alguma coisa deu errado? E ele fa...: não, tá tudo bem, tá tudo perfeito! E bom, aquilo ali foi pra mim, eu falei: nossa, que estranho! Mas... E tinha pessoas estranhas, isso foi uma outra coisa que eu percebi também, tinham pessoas estranhas, mal vestidas. Talvez tinham bebido antes de ir praquele lugar, era um, era um... Amt – como é que fala Amt em português? – uma repartição, e só que as pessoas eram tratadas completamente normal assim. Eu não me lembro de ser assim no Brasil, pelo menos, pelo menos me causou um estranhamento. Tipo um punk falando com uma burocrata e ela tratando o cara do mesmo jeito que tratou meu irmão.

[7] Eu vim para YYYYY porque o meu irmão estava lá. Depois fui para XXXX para estudar [...] cheguei sozinho [...]. Conheci os brasileiros também, isso, os brasileiros foram um fator de socialização muito importante para mim [...]. Acho que foi uma coisa natural encontrar com brasileiros, você ouve português falando, você acaba vendo a pessoa sempre, a pessoa tá na mesma situação que você e é uma delícia falar português.

[8] Depois do estudo de base... eu fui para a Espanha, fiquei um ano lá, estudando também, e trabalhei, foi uma experiência muito boa, voltei muito mais maduro e voltei sem vontade nenhuma de voltar para XXXX, eu já não tinha mais vontade de tá entre os alemães, não tinha mais vontade do frio, eu não queria a faculdade. Então eu comecei a estudar muito, justamente pra terminar, fazer tudo o mais rápido possível.

[9] Com relação às pessoas, eu me tornei muito amigo de um português e foi com ele que eu mais tive contato. Fui muito amigo de um colombiano também, foram praticamente meus melhores amigos. E é claro, tinha muitos amigos brasileiros e, como eu fazia faculdade lá, eles acabavam indo embora, o que pra mim se tornou natural, fazer uma amizade e a amizade vai embora, fazer uma amizade e a amizade vai embora. E... Namorei uma brasileira uma época, tive 3 namoradas alemãs.

A MUDANÇA

[10] Vir pra Berlim foi mágico, foi uma das experiências mais interessantes que eu tive na minha vida [...] XXXX me sufocava, eu não aguentava mais aquela cidade. Meu espírito precisava de pessoas com quem eu pudesse conversar de verdade e eu não conseguia fazer isso em XXXX [...]. Comecei a conhecer pessoas novas, pessoas muito interessantes..., muitos brasileiros e tive um dos períodos mais interessantes

de minha vida em todos os sentidos. Comecei a namorar uma alemã, namoro, namoro já tem um ano com ela e vivo uma vida cultural intensa, eh... minha..., minhas... a minha vida social é muito intensa também [...]. Me enriqueceu muito como pessoa essa vinda a Berlim, sem dizer que essa cidade é maravilhosa.

[11] Eu acho que qualquer cidade pequena me sufocaria, no mundo inteiro, muito difícil ter uma cidade que não me sufocaria. Eu venho, eu venho de uma cidade pequena e sempre procurei coisas novas e informação... e abertura das pessoas, eu sou uma pessoa, eh... eu, eu tenho uma abertura muito grande na hora que eu encontro as pessoas, então, se elas são fechadas, eu bato de frente com isso, eu tenho que tomar muito cuidado, porque senão eu acabo atacando as pessoas de uma forma solta, isso vai me criando uma raiva por dentro, então eu tinha que segurar muito isso em XXXX. Porque, uma cidade, uma cidade pequena no Brasil ainda é uma cidade relativamente aberta pra falar com as pessoas, mas, eh... na Alemanha, na Alemanha comunista, na Alemanha... no Estado mais pobre a Alemanha, onde você tem um incidência do neonazismo muito grande, onde as pessoas não têm contato quase nenhum com estrangeiro, porque lá tem uma cota de 4% de estrangeiros. XXXX tem uma cota de 4%, mais ou menos isso. Então as pessoas veem o estrangeiro como algo estranho e não sabem se aquilo é bom ou ruim e pelo sim pelo não elas, consciente ou inconscientemente, evitam o contato com o estrangeiro. Minha vida era muito, muito, muito limitada. E... a vida acadêmica me cansou também, que também tem uma forma de pensar própria, então até entre os brasileiros eu me sentia limitado.

[12] Quando eu tava na Espanha eu entendi que muitos dos problemas que eu tinha era problema por conta de não ser aceito na sociedade onde eu tava, em XXXX. E quando eu fui para a Espanha eu entendi muita coisa sobre mim mesmo e sobre o mundo e fortifiquei minha personalidade através do estudo, através das novas pessoas que eu conheci e através dos trabalhos. Eu voltei muito forte pessoalmente pra, pra... a Alemanha e não tava disposto a aceitar nenhum tipo de... intrusão a minha personalidade.

[13] Eu entendo isso como uma, como uma dificuldade daquela região de, de realmente só tá aberto naturalmente pras pessoas, coisa que eu encontro em Berlim com muita facilidade. Esse tipo de coisa não acontece aqui em Berlim, por exemplo [...]. Berlim é uma cidade, uma cidade... normal! Uma cidade... simplesmente normal. Aqui você pode viver, falar e sentir e ser da forma que você quiser.

[14] O maior contato, é claro, com minha namorada, tenho dois bons amigos alemães. Mas eu ando muito mais com os estrangeiros que com os alemães e é uma procura tanto consciente como inconsciente, porque... mesmo os alemães sendo mais interessantes, mais abertos e tudo mais, mas eles não têm muita emoção e isso me deixa... isso sempre foi difícil pra mim, lidar, ter um contato social sem essa emoção presente nas conversas. Eh... talvez também pelo fato deles terem uma vida mais estabelecidas e tal, e os estrangeiros ter uma vida mais ou menos parecida, é gostoso tá entre a sua galera, as pessoas que tão iguais a você, é claro.

[15] Não é tão fácil conversar isso com um alemão, né? Eu procuro filtrar essas, essas, essas pequenas dificuldades minha ou até mesmo raivas, ou milhões de sentimentos que eu tenho em relação aos alemães que nem sempre são muito bons, eu acabo filtrando isso, pra não ferir as pessoas.

O DESFECHO

[16] Eu sempre fui um admirador da cultura brasileira, principalmente a cultura musical e... eu sempre gostei muito da forma solta, porque entre os brasileiros eu ainda sou mais solto [...]. Gostava muito do Brasil principalmente com relação à área cultural e à natureza. Eh... me incomodava muitíssimo a desorganização das coisas.

[17] Agora... eu vejo a sociedade brasileira bem diferente do que era antes. Por um lado eu tenho esse desejo brasileiro de tá entre os brasileiros, então eu vejo o Brasil como um lugar onde eu posso me inserir muito melhor do que aqui na Alemanha, eu tenho certeza que eu vou me sociabilizar muito melhor [...]. Um país, cujo processo de sociabilização é gostoso, a aproximação com as pessoas no Brasil é gostosa, então eu tenho essa visão de que viver no Brasil é interessante nesse sentido de sociabilizar de forma solta de forma tranquila, o que não tira a possibilidade de você se desenvolver intelectualmente também. Eh... vejo o Brasil ainda com um país muito desorganizado, claro [...]. O brasileiro não segue as regras do Estado, ou seja, o Estado tem pouca presença na população. Isso permite às pessoas essa liberdade, essa forma de existência do brasileiro, do improviso desse tipo de coisa. Mas que, claro, nos âmbitos..., nas esferas de poder atrapalha muitíssimo, eu, realmente, esse lado do Brasil vai me incomodar muito, tenho certeza disso.

[18] Outra coisa que me incomoda muito é a falta de informação da população. No Rio de Janeiro, por exemplo, se você sai da, da, da esfera zona sul e vai para a esfera, eh... interiorana do Rio ali, eh... na periferia, não tem informação, tem pouquíssima informação, nem os bons jornais as pessoas não leem, aliás, os jornais não são bons, então falta muita informação, o que gera..., o que abre espaço pra futilidade e a futilidade me deixa louco, eu detesto a futilidade.

[19] Mas os lados bons, eu acho que os lados bons me fazem querer voltar mais do que esses lados problemáticos. [...] Minha ideia é voltar e pegar sol. Eu tô precisando sair daqui, eu tô precisando tá entre brasileiros, eu tô precisando em dezembro estar tá numa praia e sentir que a vida é normal, boa. A natureza dá essa sensação na gente, de que você não tem que fazer muita coisa pra ser feliz, eu tô precisando carregar essas baterias.

[20] Tô me sentindo sufocado de novo por alguns motivos, eh... a sociabilidade aqui não é tão grande quanto é no Brasil [...]. Eu tenho muita coisa no Rio, as pessoas... eu tenho uma integração social muito grande [...] eu sinto uma solidão sempre constante, presente há oito anos, desde que eu saí do Brasil tenho essa sensação de solidão que não consegue sair de perto de mim de jeito nenhum [...]. Eu não consigo me adaptar tão bem com, com..., com a cultura alemã, isso me atrapalha, me faz querer voltar para o Brasil também.

O conflito dramático da narrativa de **Carlito** é anunciado desde o início da narração. O encontro dos genitores – da mãe educada segundo parâmetros alemães e do pai brasileiro, caracterizado como “moreno, solto” e de um bairro do subúrbio carioca – marca o projeto dramático de oposição entre o narrador e o grupo caracterizado como personagem coletiva a que pertence, os brasileiros, e a personagem coletiva antagônica, os alemães.

Em [1] a ascendência alemã que justifica o rumo tomado na trajetória de vida é apresentada como um trunfo usado pela família para influenciar a trajetória de vida das gerações presentes, onde o narrador se inclui. A decisão familiar materializa os conflitos familiares

veladamente revelados pelo narrador por meio da figura do pai “completamente diferente do resto da família”, diferença relacional central na trama de **Carlito**. Em [2] o trunfo usado pela família é positivamente assumido pelo narrador, o que dá rumo à sua trajetória, conforme anunciado em [3] concomitantemente ao reforço de caracterização do narrador como um “brasileiro típico”, sendo a miscigenação expressa pela indefinição da cor da pele a marca realçada nessa caracterização física da personagem. A caracterização psicológica do narrador, personagem principal, será desenhada ao longo da narrativa também atrelada a elementos que remente à marca da miscigenação, ao longo da história o narrador vai assumir uma personalidade extrovertida, aberta e solta, uma personalidade “malandra”, tal como descreve o pai nas primeiras sequências. A miscigenação, marca da brasilidade, em contraste com a ascendência alemão será várias vezes abordada.

As três primeiras ações fecham o primeiro episódio e o narrador parte para a Alemanha. A chegada na Alemanha é descrita de forma positiva, realçando a pré-disposição do narrador para a integração à nova sociedade, que poderia ser facilitada pela presença de familiares que já viviam no novo país. Na chegada, os conflitos tangenciados no primeiro episódio são olvidados (excertos [4] a [6]) para serem subliminarmente retomados em [7] e [9] por meio de uma estratégia de inflexão na história narrada em [8]. A sequência [8], em que o movimento básico de equilíbrio-desequilíbrio-reequilíbrio é notável, traz o conflito à tona de forma mais clara ao introduzir a personagem antagonista, caracterizada coletivamente como “os alemães”.

Em [4] o narrador reafirma seu pertencimento nacional, agora não mais por meio da malandragem mestiça positivamente avaliada por pressuposição, mas pelo deslumbramento com a Europa comum aos brasileiros, o que remete a outra característica, esta negativa, atribuída à formação da nação brasileira: a cópia mal sucedida de ideias e valores europeus. No excerto [5] Carlito indica seu processo de fácil integração, o que marca sua “boa vontade” inicial, reafirmada em [6] com a descrição das primeiras impressões: “até o frio era bom”. A autocaracterização feita pelo narrador é, conforme Monika Fludernik, um procedimento comum em narrativas naturais, conforme denomina Labov as narrativas orais do cotidiano. Segundo Fludernik:

In conversational narratives, or “natural” narratives, as William Labov calls them, narration does not necessarily only serve the purpose of telling a good story; it

additionally – and often primarily – has the function of protecting “face” (Fludernik, 2007: 260) ¹⁹⁷

Mesmo o primeiro choque foi positivo e é narrativamente também construído pelo diálogo com uma memória cultural sobre traços de uma brasilidade. O primeiro “choque cultural” do narrador acontece pela observação da impessoalidade, mas também da rudeza, de um agente do Estado no exercício de suas funções. Para ouvidos familiarizados com a crítica ao patrimonialismo, que seria característica enraizada e circularmente renovada da sociedade brasileira, é explícita a crítica à sociedade de origem e a avaliação positiva da nova sociedade, mesmo com a ambivalente ressalva da rudeza. A ausência de cordialidade da burocrata alemã é justificada e minimizada pela ausência do personalismo. É extremamente reveladora da estratégia de ressaltar a “boa vontade” inicial e a escolha da positividade do frio e da minimização da rudeza no tratamento, características muitas vezes ressaltadas como negativas nas narrativas colhidas, algo que viria a se desenvolver também na narrativa de **Carlito**.

Nos excertos [7] e [9] as personagens que serão confrontadas no resto da história aparecem de forma mais clara. O narrador filia-se definitivamente ao grupo dos brasileiros, e, de forma mais ampliada, ao grupo dos latinos (descrição não mencionada) e dos estrangeiros. Ao revelar sua adscrição, o narrador pode desenvolver seus conflitos internos com a personagem antagonista da narrativa: os alemães. Esse ponto de virada na história é narrado na sequência [8], na qual o clímax da narrativa se dá em um tipo de viagem de reencontro com as raízes do narrador, com as ibéricas raízes brasileiras que são redescobertas na Espanha e promovem a fortificação da personalidade do narrador, conforme retomado e afirmado na sequência [12]. A partir da sequência [8], o frio, que era engraçado, deixa de sê-lo e o narrador já não tem nenhuma vontade de estar entre os alemães, acaba-se a boa vontade inicial justamente quando o narrador se aproxima espacial e metaforicamente do Brasil e da sociabilidade brasileira, mas na Espanha. Assim, a ação desenrolada na Espanha, aparentemente secundária, tem papel central na trama.

O conflito é explicitado, as tensões se tornam claras, mas nem as estratégias de solução do conflito, nem a personalidade fortificada do narrador – que assume características heroicas – durante a incursão pela Europa ibérica deixam de ser ambíguas.

O conflito é transmutado ainda por um momento de um conflito direto entre narrador e a personagem coletiva antagonista, para um conflito entre o narrador e as características sociais

¹⁹⁷ Em narrativas conversacionais, ou narrativas “naturais”, na denominação de William Labov, a narração não serve necessariamente ao propósito de contar uma boa história; ela tem, ademais – e com frequência, primariamente –, a função de proteger a “face” (Fludernik, 2007: 260).

sufocantes do espaço mais imediato onde se desenrola a trama até então: “*eu acho que qualquer cidade pequena me sufocaria*” [11], essa é a última tentativa de negação do conflito que será definitivamente assumindo no terceiro episódio.

No terceiro episódio as razões e soluções para o conflito dramático são buscadas em fatores psicológicos (“*eu entendi muita coisa sobre mim mesmo*” [12]), sociais (“*muitos dos problemas que eu tinha era problema por conta de não ser aceito na sociedade onde eu tava*” [12]) e sociogeográficos (“*eu entendo isso como uma dificuldade daquela região*” [13]). Nas ambivalências em que a narrativa se move, as ações e as caracterizações dos espaços “Espanha” e “Berlim” desempenham papel central. A Espanha é o lugar do reencontro com a personalidade essencial e Berlim o cenário onde essa personalidade poderia ser mantida, uma cidade “normal”, onde “você pode viver, falar e sentir e ser da forma que você quiser” [13].

Contudo, nem o cosmopolitismo e a “normalidade” de Berlim são capazes de solucionar o conflito dramático e a narrativa se caminha para o seu fim sem terminar, caracterizando uma narrativa aberta. Mesmo em Berlim, “*mesmo os alemães sendo mais abertos e interessantes e tudo mais, mas eles não têm muita emoção*” [14]. O conflito interno gerado pelas angústias do narrador entre o que sente e o que deveria sentir como persona aberta e solta, como “típico brasileiro”, e entre o que sente e o que pode sentir em suas relações cotidianas – incluindo a relação amorosa com uma alemã (“*milhões de sentimentos que eu tenho em relação aos alemães que nem sempre são muito bons*” [15]) – leva o narrador ao desfecho de sua história por meio de uma nova mudança ainda não realizada.

Desta vez a mudança é narrada prospectivamente e é para o Brasil, onde os tropos da riqueza cultural, da informalidade e da natureza são exaltados ([16] e [17]) e a desorganização e desinformação das classes baixas são criticadas ([17] e [18]), “*mas os lados bons me fazem querer voltar mais do que mais do que esses lados problemáticos*” [19].

No desfecho com o retorno anunciado são retomados os elementos vistos nas demais narrativas deste capítulo e que estão inscritos em toda a narrativa de **Carlito**. Os motivos edênicos do Brasil e as características de uma identidade brasileira malandra e mestiça, ligadas à emoção e à maior sociabilidade, são apontadas como positivas em relação à racionalidade e à frieza alemã. São, contudo, ao mesmo tempo, apontadas como origens de alguns de nossos grandes problemas. A suposta desorganização da sociedade brasileira estaria intrinsecamente ligada a “*essa forma de existência do brasileiro, do improvisado, desse tipo de coisa. Mas que, claro, nos âmbitos..., nas esferas de poder atrapalha muitíssimo*” [17].

Por meio do conflito dramático, da caracterização dos espaços, das personagens coletivas e da persona do narrador, **Carlito** nos revela, ao longo de sua narrativa, parte significativa dos tropos de construção de identidades brasileiras presentes nas demais narrativas de imigrantes entrevistados/as na Alemanha. Movendo-se entre os pares xenofilia-autofobia e xenofobia-autofilia, **Carlito** aciona pela memória comunicativa, elementos comuns a uma memória cultural compartilhadas com seus conterrâneos.

Sustentada na contextualização histórica construída na primeira parte deste capítulo, nesta terceira parte, a interpretação conjunta de todas as narrativas colhidas na Alemanha com o auxílio de ferramentas metodológicas da ACD e da ACN e de categorias teóricas da interpretação cultural sobre processos de imaginação da nação brasileira, aliadas a uma ampliação das categorias de Erdheim conforme apropriação de Barkowski, permitiu mapear um campo discursivo de construção de identidades nacionais cercado por tensões e ambiguidades dos processos identitários, construídos em narrativas que se movem entre o par xenofilia-autofobia e o seu oposto xenofobia-autofilia. Tais comportamentos são acionados pela memória comunicativa em processo dialógico com uma memória cultural estruturada em torno das ideias da mestiçagem como um valor a ser afirmado e da incapacidade de originalidade como um estorvo a ser superado. Chamo tal processo de dialógico e não de dialético, para tentar ressaltar que não há síntese, não há pausas, mas sim um ininterrupto processo que se apropria de construções já feitas e as altera de forma incessante.

Para aprofundar ao nível do detalhe, passamos no próximo capítulo à análise crítica da narrativa e à análise crítica do discurso no texto originado da entrevista com **Gabriela**, buscando aí uma interpretação mais fina das tensões e ambiguidades de processo identitários de imigrantes brasileiros/as na Alemanha.

Capítulo 8 (Re)inventando identidades na Alemanha

The narrative of the world are numberless. Able to be carried by articulated language, spoken or written, fixed or moving images, gestures and the ordered mixture of all these substances; narrative is present in myth, legend, fable, tale, novella, epic, history, tragedy, drama, comedy, mime, paint, stained glass windows, cinema, comics, news items, conversation (...) narrative is present in every age, in every place, in every society, it begins with the very history of mankind, and there nowhere is nor has been a people without narrative. (Roland Barthes)

8.1 Apresentação

De forma análoga ao que foi feito no capítulo 6 com uma das entrevistas realizadas em Portugal, neste capítulo, utilizo a ACD e a ACN para interpretar uma narrativa gerada na Alemanha. A narrativa da Alemanha foi escolhida dentre três selecionadas pelo critério de “passagens citáveis” já discutido. Devo confessar que não posso justificar objetivamente a escolha desta entrevista entre as três selecionadas; posso, contudo, contar que após a audição repetida das entrevistas me vi decididamente inclinado por ela, que foi, devido aos fortes aspectos emocionais narrados e às ambiguidades das reconstruções identitárias acionadas, sem dúvida, a mais densa e a mais tensa das entrevistas realizadas na Alemanha. Subjetivamente pesou também na escolha a estruturação extremamente bem trabalhada do enredo desta narrativa, sobretudo em se tratando de uma narrativa conversacional.

Não sei, contudo, como quantificar a tensão e a densidade de uma entrevista, espero que a leitura da transcrição anexada à tese e as interpretações feitas a seguir possam ser convincentes. Na realidade, dentro do rigor metodológico adotado para esta pesquisa, a seleção que importa é a primeira, pelas “passagens citáveis”, a segunda seleção deve-se puramente a critérios práticos. A interpretação de qualquer uma das três entrevistas previamente selecionadas, se bem feita, revelaria aspectos importantes, ainda que distintos, sobre as questões da pesquisa, disso eu não tenho dúvida alguma. O que não posso afirmar com tanta veemência é se, na interpretação das entrevistas selecionadas, consegui efetivamente trazer à luz muitos de seus aspectos importantes, realizando o seu potencial revelador, esse julgamento cabe às minhas leitoras e leitores.

8.2 Plano da história e metanarrativa

Assim como na seção 6.2 do Capítulo 6, sigo aqui, na interpretação do enredo da narrativa selecionada, os cinco primeiros dos sete movimentos de análise crítica de narrativa propostos por Motta (2013: 140-211), sendo que considero incluídos nesses cinco movimentos que sigo os dois últimos movimentos propostos pelo autor. Aqui, como lá, parto do evento mais reportável (e0) da narrativa, passo pela sua pré-construção (e-n ... e-3, e-2, e-1), e chego a uma síntese da narrativa que é então o objeto da interpretação empreendida com a ACN.¹⁹⁸

Após a identificação do evento mais reportável da narrativa (e0), pôde ser elaborada a seguinte pré-construção, que serve de base para a remontagem resumida da narrativa a ser interpretada. Apesar de ter “e0” como ponto de partida de sua elaboração, após elaborada, a pré-construção é apresentada a partir de seu ponto mais extremo no sentido prospectivo (en), passando pelo evento mais reportável (e0) – ponto de partida da pré-construção – e pelo evento inicial (ei), até a matriz inicial (i0):

Pré-construção narrativa a partir da identificação do evento mais reportável (e0)

e5 **Gabriela** avalia positivamente sua vida na Alemanha.

porque

e4 Ela mudou muitos valores e hábitos e aprendeu muito.

porque

e3 Ela precisa se sentir pertencendo.

porque

e2 Ela percebeu que seu lugar é na Alemanha e não mais no Brasil.

porque

e1 Ela voltou por um tempo ao Brasil.

porque

e0 Estava insegura e com medo de sair de casa, o que caracterizou uma crise de pânico.

porque

¹⁹⁸ Uma descrição mais detalhada das categorias de interpretação aqui apenas mencionadas é feita no capítulo 4 desta tese, remeto o/a leitor/a então à leitura do capítulo 4, sem o qual se torna de difícil compreensão as interpretações realizadas neste capítulo 8.

e -1 Um ano após a imigração ela teve que se mudar na Alemanha e recomeçar todo o processo de pertencimento que lhe é necessário, sentir-se em casa, conhecer pessoas.

porque

e -2 Mesmo tendo feito amigos e se esforçado para pertencer ao novo contexto, após dois anos na Alemanha, um bloqueio a impedia de falar alemão com pessoas desconhecidas em situações cotidianas e ordinárias.

porque

e -3 Embora pessoas conhecidas a tivessem ajudado muito, inclusive na aprendizagem do idioma, pessoas desconhecidas eram rudes em situações cotidianas e ordinárias.

porque

e -4 Eles eram grossos e ela não dominava códigos culturais e da língua.

porque

e -5 Ela havia imigrado para a Alemanha para acompanhar o marido.

porque

e *i* O marido recebera uma bolsa para fazer o doutorado na Alemanha.

i 0 vida anterior, infância, família, estudos de teologia, casamento (*ordinary behaviors*)

O evento mais reportável (e0) da narrativa de **Gabriela** é mais facilmente localizado pela quebra na narrativa, quebra que acentua a gravidade do evento mais reportável e o torna extraordinário e incompreensível na cadeia lógica que vinha sendo construída. De um início aparentemente bem sucedido de integração na sociedade acolhedora, com aprendizado da língua, inserção laboral, vínculos de amizade e pertencimento a um universo familiar, a protagonista desemboca em uma crise de pânico, o que não pode ser explicada pela narrativa construída até então. As tensões e antagonismos que levaram ao pânico são narradas posteriormente, predominando nos eventos anteriores movimentos de orientação e avaliação, complicações ocorrem apenas superficialmente e antagonismos e conflitos não são narrados em profundidade. É apenas após o anúncio do evento mais reportável que os antagonismos, e com ele as tensões e ambiguidades, se tornam centrais, o que é necessário para a credibilidade do evento mais reportável.

Os caminhos de pertencimento encontrados pela narradora anteriormente ao pânico só podem ser assim narrados em uma tentativa de organização temporal das experiências vividas,

em uma tentativa de organização da história feita no momento da narração. A identificação do evento mais reportável e a reconstrução da narrativa a partir dele servem para deixar claro esse trabalho de “artesanato do tempo” que é executado em toda narração. Sendo algumas artesãs e artesãos obviamente mais talentosos que outros. Na narrativa aqui interpretada estamos diante de uma exímia narradora.

Reconstrução narrativa a partir da identificação e descrição dos episódios:

E1 – Antecedentes

Gabriela nasceu no sul do Brasil tendo ascendência portuguesa pelo lado materno e ascendência alemã de quarta geração pelo lado paterno. É luterana e estudou Teologia, o que reforça sua vinculação à Alemanha. Na faculdade conheceu **Antonio**, com quem se casou.

Antonio ganhou uma bolsa de cinco anos para fazer o doutorado em Teologia na Alemanha, e **Gabriela** acompanhou o marido na imigração para este país.

E2 – Os primeiros anos: integração, tensões e ambiguidades

Os primeiros anos na Alemanha foram marcados pelas descobertas das diferenças de costumes e comportamentos, pelas dificuldades com a língua e pelas tentativas de integração à nova cultura, apropriando-se de comportamentos e valores positivamente avaliados.

E3 – Começar de novo: a mudança

Um complicador foi a mudança de cidade após o primeiro ano, o que significou um novo começo. Na nova cidade, o início foi promissor, com novas amizades, aprendizado do idioma e trabalho.

Apesar dos exemplos de sucesso na integração e dos amigos feitos, ela ainda se sentia insegura quanto ao domínio dos códigos, sobretudo da língua. Além disso, pessoas desconhecidas eram rudes com elas em situações corriqueiras.

E4 – As tensões e os medos

A insegurança e as situações de atrito levaram **Gabriela** a começar a ter medo de sair de casa, configurando-se uma crise de pânico. **Gabriela** procurou então ajuda médica e auxílio financeiro para intensificar os estudos de alemão. Conseguiu tanto a ajuda médica quanto o auxílio financeiro e foi passar um tempo no Brasil.

E5 – Sou de lugar nenhum

No Brasil ela se sentiu acolhida e bem recebida, emocionou-se, mas avaliou que seu lugar não era mais ali, pois suas coisas já não estavam mais lá. Seu lugar era na Alemanha. No Brasil ela constatou que precisava se sentir pertencendo.

E6 – Pertencendo

Gabriela voltou do Brasil e começou a estudar alemão intensivamente. Seu alemão melhorou muito e ela recuperou a autoconfiança. Ela conheceu novos brasileiros e pode outra vez reafirmar, por contraste, as mudanças pelas quais havia passado, avaliando positivamente as coisas que havia podido aprender por estar na Alemanha: o novo idioma, outros valores e as culturas com que pode entrar em contato.

E7 – A persistência das tensões e das ambiguidades

Gabriela enfrenta as tensões entre os aspectos positivos e negativos de suas experiências, ressaltando os primeiros, mas os aspectos negativos continuam a incomodá-la. Novas estratégias são acionadas, incluindo a evocação da divisão entre Alemanha ocidental e oriental, para diferenciar modos de agir nas duas Alemanhas. Sendo os alemães orientais caracterizados como mais gentis.

E8 – Compaixão: um projeto identitário

Gabriela conscientemente quer guardar as boas lembranças, quer se lembrar dos amigos, quer se fortalecer e não voltar a uma crise de medo. Pois, ao final, “tudo foi se ajeitando” e ela sabe que “vai doer bastante ter que ir embora”, pois não consegue mais ver a sua vida sem o período na Alemanha. Agora ela se sente mais forte, mais feliz, quem sabe?

Adotando-se uma proposta de sequência narrativa básica triádica, composta por uma situação inicial que sofre uma perturbação, que tende a ser solucionada, podemos dividir a narrativa resumida em quatro sequências narrativas: Sequência *A* (*SA*), que engloba os episódios 1 e 2; Sequência *B* (*SB*), que engloba os episódios 3 e 4; Sequência *C* (*SC*), que coincide com o episódio 5; e Sequência *D* (*SD*), que engloba os episódios 6, 7 e 8. Tomemos então para a interpretação os episódios narrados, inseridos em suas sequências narrativas, que, juntas, conformam a narrativa reconstruída para interpretação a partir da entrevista original disponível no Anexo B.¹⁹⁹

¹⁹⁹ A montagem dos episódios é feita com excertos do texto original considerados suficientes e necessários para reproduzir o teor dos episódios identificados e nomeados a partir da pré-construção narrativa. Os excertos selecionados são ordenados na mesma sequência em que aparecem na íntegra do texto.

*Antecedentes*²⁰⁰

- SA E1 mv1 OR *Meu nome é Gabriela S., eu nasci em (nome da cidade X), em 1985. Morei lá até*
 CN *os 18 anos e depois fui estudar em outra cidade. Tenho duas irmãs, família normal.*
- mv4 IN *Eu casei em 2008 e... por causa do casamento que eu vim pra cá, por isso que...*
 encx CA *por isso que eu vim pra Alemanha.*
- mv3 OR *E eu estudei Teologia, quatro anos e... Teologia também já tem a ver com a*
 encx CN *imigração, com a Alemanha. E por eu ser da Igreja Luterana também tem uma*
ligação, tem... é a Pátria da igreja Luterana de... pode-se dizer que a é Alemanha,
né? Por isso já tem essa ligação.
- mv2 OR *Meu pai fala alemão, por eu ter raízes alemãs, né? Eu não sei se é a terceira ou a*
 PE1 *quarta geração. O avô do meu pai só falava alemão, nunca chegou a aprender*
 CN *Português.*
- mv5 CN *Digamos, a Alemanha não é um país que eu não tive contato, eu acho que com a*
língua, com as coisas aqui... Era muito mais familiar vir pra cá do que pra um
outro lugar, assim. Não era uma coisa totalmente desconhecida, a própria
cultura... esse negócio de fazer... fazer muito bolo, de fazer bolachinha no Natal,
assim, muita coisa a gente ainda tinha preservado assim, né? Então, não foi
digamos um choque de cem por cento, quando eu cheguei aqui algumas coisas
foram bem familiares, assim.

O que predomina no primeiro episódio (E1) é uma estratégia narrativa que vai se repetir em outros episódios da história, mas que é solidamente construída desde o primeiro momento da narrativa. Trata-se da construção do narrador (CN), o que não chega a ser surpreendente, já que a elaboração de uma “imagem de proteção” do narrador é uma característica essencial de narrativa conversacionais (Fludernik, 2007), pode se esperar que essa estratégia seja fortalecida logo ao início da história. A estratégia narrativa a ser interpretada não é, pois, a constatação da construção do narradora, mas sim de como ela é construída, ou melhor, de como ela é imaginada, pois, seguindo Fludernik, essas identidades construídas são imaginadas do mesmo modo que as comunidades imaginadas de Benedict Anderson. Elas não existem

²⁰⁰ Para não interromper o texto, prefiro lembrar em nota de rodapé a descrição das abreviaturas usadas: AN – antagonista; AV – avaliação; CA – complicação; CN – construção do narrador; CO – conflito; E – episódio; encd – encadeamento; encx – encaixe; IN – inflexão; mv – movimento; OR – orientação; PE – personagem; PR – protagonista; RE – resolução; S – sequência. Todas essas categorias são indicadas por suas abreviaturas, que antecedem as passagens citadas da narrativa, mas só são compreensíveis a partir do texto interpretativo que segue cada episódio. A descrição detalhada de cada categoria, bem como dos passos seguidos na pré-construção narrativa e na identificação dos episódios, foi feita no capítulo 4 desta tese.

independentemente do contexto conversacional e se constituem no momento da interação com o outro (Fludernik, 2007). Ainda segundo Fludernik:

Although narrators generally believe they have a clear identity, that identity is an accumulation of performative stances and memories of past experiences which creates a continuity of self-understanding between roles and between contexts. (Fludernik, 2007: 261)²⁰¹

Ainda que o lugar comum sobre a não coincidência entre autor/a, narrador/a e protagonista seja válido também para narrativas conversacionais, é nitidamente mais difícil desenhar as linhas exatas dessa demarcação no caso de biografias narradas pelo/a próprio/a biografado/a que é, obviamente, também protagonista da história e, muitas vezes, embora isso não seja obrigatório, também o seu/sua narrador/a. Mesmo que esse possa ser um exemplo extremo que dê razão ao argumento de que uma total separação entre autor/a, narrador/a e protagonista pode ser às vezes tão equivocada quanto sua equiparação (Herman & Vervaeck, 2005), a percepção de que o/a narrador/a é imaginado/a ao se narrar a história nos ajuda a entender os elementos histórico-culturais acionados nesse contexto conversacional específico para a construção do narrador. Ajuda-nos, conforme a citação de Franz Karl Stanzel que fazem Reis e Lopes, a “revelar a natureza enviesada da nossa experiência da realidade” (Reis & Lopes, 2007: 257).

Impossível se mostrar nesse caso uma distinção precisa entre narradora e protagonista. A diferenciação de termos adotada se vincula exclusivamente à ação narrada. Quando a ação gira em torno da construção do perfil da narradora, em movimentos de orientação e avaliação, mantenho a categoria “narrador”, pois é essa a estratégia que me interessa ao lançar mão dessa categoria. Quando, contudo, a ação narrada é de conflito, prefiro usar a categoria de “protagonista”, pois aí há construções identitárias que se fazem imediatamente por oposição a um/a antagonista em situação de embate.

Esse primeiro episódio é marcado exclusivamente por movimentos de orientação, no sentido laboviano (ver Capítulo 4), algumas vezes de adiamento do início dos eventos diegéticos pela descrição de fatos e que dão sustentação à trama que será desenvolvida. A descrição gira quase que exclusivamente em torno da construção biográfica da narradora, que será alçado ao papel de protagonista nos movimentos de conflito. A única personagem que aparece, a família (PE1), serve também para a construção da narradora: *“família normal”*

²⁰¹ Ainda que os narradores em geral creiam ter uma identidade clara, essa identidade é um agregado de posturas performáticas e memórias de experiências passadas, que criam uma continuidade de autoentendimento entre papéis e entre contextos (Fludernik, 2007: 261).

(mv1), que marca a personalidade ordinária e pacata imaginada para a narradora; e pai e avô que falavam alemão (mv2), o que aproxima a narradora dos antagonistas que surgirão na narrativa, ajudando também a marcar as ambiguidades e tensões do conflito dramático. Esse primeiro episódio tem, portanto, a função primordial de traçar linhas identitárias da narradora, as quais serão objeto de reconstrução na narrativa.

Cabe chamar a atenção para outra estratégia narrativa que se repetirá na concatenação dos episódios e das sequências narrativas. No movimento quatro (mv4) do episódio um (E1), a narradora encaixa a ação que será desenvolvida no episódio dois (E2). O encaixe, em que um episódio é anunciado ou ocorre em outro, é preferido ao encadeamento, ou mera justaposição, em quase todas as concatenações de episódios, o que indica uma tessitura complexa da narrativa, que pode estar relacionada com as estratégias para resolver os conflitos que conduzem a narradora ao evento mais reportável da narrativa: o pânico que surge inesperadamente de um contexto inicialmente bem sucedido de adaptação, experimentado por uma protagonista compreensiva, curiosa e aberta ao diferente.

Os primeiros anos: integração, tensões e ambiguidades

- E2 mv1 IN *Bem, eu vim pra cá por causa do meu esposo. Ele foi convidado a fazer Doutorado,*
CA *pela Igreja Luterana e... nós chegamos aqui dia 28 do 10 de 2008.*
- mv2 CA *E... só que eu não tinha nenhuma ideia, nunca tinha feito viagem Internacional,*
CN *a língua eu só ouvia do que os outros falavam assim, que tá heiß ou que... que é*
AV *frio... assim tinha bem pouco conhecimento antes. E daí eu cheguei aqui, a gente*
chegou já era começo do outono, já tinha um mês de outono e no outro dia já
nevou. Acho que as primeiras duas semanas a gente não tem muita dimensão do
que é, né? Depois assim, que a gente vai vendo que as coisas que a gente cozinha
é difícil de achar. Assim, a coisa bem básica do dia a dia assim, aprender a contar
o dinheiro diferente. Aos poucos a gente vai vendo que a gente não tá mais em
casa, assim, vai ficando bem claro, né? E isso ficou bem claro porque eu sou bem
comunicativa, assim, eu gosto de conversar, de fazer amizade. Mais aí uma pessoa
ficar sem conseguir falar, sem se comunicar com as pessoas, é difícil, assim. Isso
foi acho que a primeira barreira que eu senti assim foi a língua.
- mv3 CA *Eu me sentia que nem uma criança e tinha que aprender a atravessar a rua, porque*
CN *eu tinha que apertar o botãozinho e não podia atravessar antes do sinal vermelho,*
que não podia isso, não podia aquilo, assim, a gente se sente como se a gente tivesse
que aprender de novo a viver... hum... aprender a viver de novo, tudo, né?
- mv7 AV *Então... mas essas descobertas todas assim, isso não me doía tanto.*

- mv4 CA *A comida foi uma coisa, assim, que claramente eu vi que daí eu já não tava mais no Brasil. Assim uma coisa que agora vai ter que mudar porque essas coisas tu não acha mais, tu não vai poder comer as mesmas coisas, né?*
- mv5 IN *Então acho que a partir da comida, dessa pesquisa de ver o que é que eles comem,*
 encx RE *eu observo muito quando eu vou na casa deles, o que que eles comem, com o que*
 PE2 *é que eles temperam, eu olho as cozinhas, tudo assim que eu puder, nos mínimos*
 CN *detalhes perguntar, porque como boa dona de casa no Brasil, assim, né? Que a minha mãe foi dona de casa, então pra mim não é uma coisa estranha ser. Eu acho que é um universo que, que, não sei, a partir da cozinha eu cheguei na Alemanha, eu acho.*
- mv8 AV *Doeu, o começo aqui, mas eu não consigo ver a minha vida já sem esse período. Assim... Graças a Deus hoje eu posso dizer também assim que eu gosto, que tá tudo bem, porque no começo essas barreiras assim, que nem tudo foram coisas boas.*
- mv6 AV *Então... foi legal aprender assim, no começo doía bastante. Ah, vai estragar o meu*
 RE *cabelo, vai não sei o quê, né? Ai depois foi indo mais no automático, não sei... Eu,*
 PE3 *eu acho que eu convivi com muito pouco brasileiro no começo e isso foi bom*
 PR *porque eu adquiri muita coisa deles, assim. Às vezes eu acho que eu não sou mais, eu não posso dizer que eu sou cem por cento brasileira, porque eu adotei muitas coisas, muitas coisas mesmo dentro de casa.*

O início do episódio dois (E2) é marcado pela introdução de um novo predicado que não se encaixa no quadro anterior, que não segue a sequência de predicação que vinha sendo desenvolvida no episódio anterior (Van Dijk, 1981: 181), mas se vincula a este pelo encaixe feito em seu movimento quatro (mv4-E1). O uso de encaixe empresta à narrativa de **Gabriela** uma coerência interna bastante sólida, sobretudo em se tratando de narrativas conversacionais (ou narrativas naturais, na definição laboviana), o que pode revelar um projeto identitário bastante trabalhado, fruto das tensões experienciadas pela narradora.

A primeira inflexão significativa na história marca também a passagem do episódio um (E1), essencialmente de orientação, para o episódio dois (E2), que é aberto já com uma complicação no segundo movimento (mv2): o estranhamento, avaliado como difícil e doloroso. Essa complicação traz também os primeiros sinais da ambiguidade que marca a narrativa de **Gabriela**. A alegada aproximação com a Alemanha, com seus costumes e inclusive certa proximidade com o idioma, que teriam impedido um “choque de cem por cento” desaparece e ganha destaque o estranhamento com o novo mundo, com hábitos cotidianos e, sobretudo, com a língua, exatamente com os elementos de proximidade mencionados no primeiro episódio. Em E2 a narradora deixa indícios que podem explicar o evento mais reportável da narrativa, a

sensação de não-pertencimento e as barreiras de comunicação, mas essas sensações são ainda minimizadas pela tentativa de integração, que vai parecer bem sucedida. Afinal, essas primeiras descobertas não doeram tanto assim, não para uma narradora aberta para descobrir o mundo e suas diferenças.

Duas personagens que assumirão papéis centrais nos conflitos narrados nos episódios seguintes já são mencionadas aqui, mas ainda não assumem seus papéis de protagonismo e antagonismo. No movimento cinco (mv5) surge a personagem coletiva “eles” (PE2), que assumirá papel de antagonismos em ações posteriores, e no movimento seis (mv6) surge a personagem coletiva “brasileiro” (PE3), que dividirá o protagonismo da história com a narradora em algumas ações posteriores.

As tensões que marcam processos identitários de brasileiros/as vivendo no exterior já aparecem nas entrelinhas nesse episódio e serão explicitadas mais adiante. Para sujeitos informados por um discurso de identidade nacional que se fundamenta em características de plasticidade, tolerância, abertura ao outro e vários outros predicados associados à miscigenação sobre a qual se funda o discurso hegemônico de identidade brasileira, a reconstrução identitária marcada pela experiência da imigração pode, em um extremo possível, levar ao paradoxo que marca as tensões nas narrativas de **Gabriela** e em outras narrativas vistas com menos vagar no capítulo anterior.

Se somos marcados pela plasticidade e pela miscigenação, se é essa nossa característica irremediável, em uma análise lógica, no processo migratório, poderíamos tender a nos moldar à sociedade de acolhimento, deixando de ser brasileiros/as e, dependendo de como é vista a sociedade de acolhimento, deixando de ser flexíveis. Em uma situação logicamente possível de paradoxo extremo, em um contexto migratório, nossa plasticidade poderia nos levar à inflexibilidade. É claro que isso não ocorre como em um silogismo assim tão simples, e justamente porque isso não ocorre, começam a nos incomodar as ambiguidades de nossos próprios discursos identitários, lembrando que embora identidades sejam sempre ambíguas, há também sempre um esforço para apresentá-las como coerentes, esforço muitas vezes feito narrativamente. Esse esforço narrativo de **Gabriela** e as emoções que dele surgem revelam e são revelados pelas tensões desenvolvidas nas novas relações sociais construídas no contexto de imigração.

A primeira ação narrada para enfrentamento dessas tensões e dos conflitos até aqui ainda não revelados se aproxima do que Bhabha definiu como mímica (*mimikry*) (Bhabha, 1998), como uma tentativa de se comportar como o outro, um projeto que pode não ser plenamente

aceito por esse outro. A estratégia da mímica está presente no quarto movimento desse segundo episódio (mv4-E2), que serve também de encaixe para o terceiro episódio (E3), onde a estratégia será melhor desenvolvida e inicialmente narrada como bem-sucedida e apaziguadora, o que contradiz a própria mímica, que, segundo Bhabha, traz em si um potencial desafiador. Conforme Bhabha, “o discurso da mímica é construído em torno de uma ambivalência, para ser eficaz, a mímica deve produzir continuamente seu deslizamento, seu excesso, sua diferença” (Bhabha, 1998: 130). A estratégia da mímica, é, ainda segundo Bhabha:

Um processo discursivo pelo qual o excesso ou deslizamento produzido pela ambivalência da mímica (quase o mesmo, mas não exatamente) não apenas “rompe” o discurso, mas se transforma em uma incerteza que fixa o sujeito colonial como uma presença "parcial". Por "parcial" entendo tanto “incompleto”, quanto “virtual”. (Bhabha, 1998: 131)

Os deslocamentos de sentido acionados na mímica, que se sustenta nas incertezas e ambivalências que emolduram o conflito dramático da narrativa de **Gabriela**, vão se chocar com o projeto dramático de conciliação construído pela narradora e não verão seu potencial ameaçador ser realizado. Veremos, então, que o projeto de **Gabriela** será ele próprio deslocado da mímica para outra estratégia de manejo das tensões e ambivalências no processo de (re)construção identitária acionado em sua narrativa.

O caminho que **Gabriela** escolhe em sua narrativa para se integrar ao outro não deixa também de ser relevante: a casa, ou melhor, a cozinha. O que poderia demonstrar de forma mais inequívoca o sucesso da integração do que a entrada pelo lar, mais especificamente pela cozinha, local no imaginário brasileiro reservado às relações cotidianas mais familiares e menos formais? A entrada pela cozinha em um universo familiar alemão que, no próximo episódio E3 parece marcar o sucesso da integração de **Gabriela**, vai se desdobrar nas emoções anunciadas pelo surpreendente evento mais reportável da narrativa e revelar as tensões do projeto identitário da narradora.

O paradoxo da plasticidade se mostra com toda clareza na afirmação que fecha o segundo episódio: *Às vezes eu acho que eu não sou mais, eu não posso dizer que eu sou cem por cento brasileira, porque eu adotei muitas coisas, muitas coisas mesmo dentro de casa.* Deixar de ser brasileira e reconstruir uma nova identidade estrategicamente mimética se encaixa, a princípio, logicamente com o discurso de uma identidade brasileira fundada na plasticidade. Contudo, a “miscigenação” inscrita na memória cultural brasileira passa antes por um imaginário em que identidades se encontram e se perpetuam ao se miscigenarem, do que

pela assimilação de um elemento pelo outro ou pelo enfrentamento revolucionário. A miscigenação inscrita em nosso imaginário comum é, antes conciliadora que revolucionária. Visto por esse lado, a plasticidade inscrita no discurso de uma identidade brasileira e acionada na vontade de integração de nossa narradora não pode ser bem sucedida com a mímica, pois a mímica implica em transformar-se no outro e, ao mesmo tempo, contra o outro, não em transformar-se com o outro. Deixar de ser cem por cento brasileira não conduz a protagonista à apaziguação de conflitos com os antagonistas que serão construídos no restante de sua narrativa, nem a leva a assunção positiva desses enfrentamentos. É a busca de equilíbrio, de todo não alcançado, e não a transformação no outro ou contra o outro, que marca as estratégias acionadas para a tentativa de resolução do conflito dramático.

Os episódios E1 e E2 foram agrupados como uma sequência (SA), pois juntos constroem a base da narrativa desenvolvida. Como vimos, E1 é marcado por movimentos de orientação e de construção do narrador que podemos interpretar como descritivos, no sentido que, além de servirem como orientadores da ação narrativa, conforme definição de Labov para o seu conceito de orientação, também “proporcionam momentos de suspensão temporal, pausas na progressão linear dos eventos diegéticos”, conforme definição de Reis e Lopes para a categoria “descrição” (Reis & Lopes, 2007: 93). O episódio um engloba então a “situação inicial” da sequência triádica SA.

No episódio E2 os outros dois momentos da sequência SA são realizados e os movimentos de orientação, descritivos ou não, desaparecem. Aqui se destacam as complicações de ação (CA) com uma tentativa de resolução (RE) ao final do episódio, que indica a opção inicial pela mímica na resolução dos conflitos ainda subliminares em SA. As ações de E2 completam a sequência SA que se estrutura em orientação inicial (E1), descrição do narrador (sobretudo em E1, mas também em alguns movimentos de E2), menção ao conflito dramático (mv 1, 2, 3 e 4 de E2) e indicação das estratégias de resolução deste conflito (mv 5, 6, 7 e 8 de E2)

A ordem dos movimentos nos dois episódios da sequência A estabelece um padrão que será mantido na narrativa. Os movimentos são ordenados, via de regra, tanto em sua sequência lógica-causal quanto cronológica. Tal ordem só é interrompida com os encaixes (encx), usados para a tessitura cerrada desta construção narrativa, e com as avaliações, que agem como descrições do caráter da narradora, como pausas internas no fluxo cronológico da história narrada. Para além das perguntas que movem esta pesquisa, do ponto de vista estético, a tessitura que esses recursos dão à história torna bastante envolvente a narrativa de **Gabriela**.

Começar de novo: a mudança

- SB E3 mv1 IN *Outra coisa que... uma parte assim também que foi difícil foi porque eu morei*
 CA *noves meses num lugar, numa casa de estudante que tinha tudo, assim, tava bem*
 AV *equipada mais ou menos que nem aqui onde vocês moram. E depois a gente se*
mudou pra um lugar que não tinha nada, né? E daí isso também foi pra mim... eu
me senti vazia de novo, como se eu não tivesse... não sei, é... não sei se acho que é
não só por ser brasileira, eu acho que a pessoa é assim, acho que ela precisa do
mínimo de coisas pra achar que aquilo é seu.
- mv2 CA *Essa mudança, daí a gente teve que fazer amizade nova... foi assim... tem que de*
 AV *novo cavar teu lugarzinho ali pra ver onde é que tu vai ficar, né? Foi assim já bem*
complicado.
- mv3 IN *Daí... eu comecei a estudar alemão e... e logo... logo também, quando eu cheguei*
 CA *em YYYY, comecei a trabalhar com uma senhora é Tagesmutter, que cuida de*
 PE4 *criança. E isso foi muito bom porque ela me mostrou a cidade, assim, ela me...*
além dela falar bastante, assim... eu aprendi muito alemão com ela. E ela me
ensinou muitas coisas, ela me mostrou onde é que eu podia ir no ginecologista,
qual o Praxis, qual o médico que eu podia ir... todas essas coisas básicas, assim,
que... que... sei lá... que mãe que fala, né?
- mv4 OR *Daí... eu acho que eu trabalhei quase dois anos com ela, e, assim, a partir também*
 AV *foi surgindo trabalhos como pra trabalhar com criança, né? Porque a criança*
 PE5 *também ela não julga tanto a gente na língua, a gente fala e eles não ficam rindo,*
ou... E daí ali eu me achei também. E... o próprio convívio com as mães, apesar de
eu não ter filhos, eu entrei num universo muito de família assim.
- mv5 IN *E... só que no meio disso tudo eu ainda não tava com meu alemão tão bom, então*
 encx CA *com as pessoas que eu tinha confiança de falar, eu falava e era eu. Mas a com a*
maioria das outras pessoas, ou quando eu tinha que ir na rua e comprar uma coisa
e falar com uma pessoa que eu nunca tinha falado, era como se meu alemão todo
tivesse voado fora da minha cabeça.

O terceiro episódio (E3) serve para concretização da estratégia de integração narrada pela protagonista. Um desvio na história, visto como uma inflexão, serve para adiar ainda mais a assunção dos conflitos surgidos das tensões já indicadas no episódio dois (E2). A mudança para outra cidade na Alemanha permite ainda narrar as dificuldades encontradas como sendo dificuldades cotidianas, inerentes a uma mudança de cidade, agravadas pela situação de migração, mas que, na verdade, independeriam dessa situação. Adiar ao máximo a assunção do conflito tem um papel importante na (re)construção identitária que será marcada pelo

aprendizado com elementos da nova cultura e a manutenção de características de personalidade atribuídas à cultura de origem. Contudo, essa construção não pode ser ainda explicitada, pois ela será feita a partir da declaração dos conflitos e identificação dos antagonistas, algo que ainda não é plenamente realizado em E3.

Neste episódio, também de construção do narrador, as emoções narradas são interpretadas como sentimentos universais, não ligados à cultura de origem: *não sei se acho que é não só por ser brasileira, eu acho que a pessoa é assim, acho que ela precisa do mínimo de coisas pra achar que aquilo é seu*. Aqui aparece também a primeira personagem alemã não coletiva, a *Tagesmutter* (PE4), cujas ações descritas pela narradora a permitem caracterizá-la como uma mãe. A outra personagem que participa deste episódio, as crianças (PE5), reforçam o ambiente familiar construído pela narradora. A narradora não só entra na Alemanha pela casa, como ela passa figurativamente a pertencer a uma família alemã. É esse aparente sucesso nas estratégias de pertencimento que tornam o evento que se segue o mais reportável da narrativa, que é encaixado ainda nesse episódio em seu último movimento (mv5) por meio da quebra sequencial de predicação (Van Dijk, 1981: 181).

Ao ler e reler a narrativa de **Gabriela**, por mais que as tenha abandonado e delas hoje duvide bastante, é impossível a este intérprete não se recordar das lições de Roberto Damatta sobre as dicotomias entre a casa e a rua que marcariam a constituição da sociedade brasileira²⁰². Aquela sendo um “espaço da sociedade brasileira que traduz o mundo como um assunto de preferências, laços de simpatia, lealdades pessoais, complementaridades, compensações e bondades” (Damatta, 1997: 34), enquanto esta “é um espaço definido precisamente ao inverso (...). A rua é um local perigoso” (Damatta, 1997: 40). Os espaços privilegiados da narrativa de **Gabriela** são esses dois que marcam metaforicamente as relações de sociabilidade também presentes no imaginário comum brasileiro. **Gabriela** tenta se sentir pertencendo ao um lar na Alemanha, mas do que isso, pois a princípio não se trata de construir um lar na Alemanha, ela quer pertencer a partir de um lar alemão. A casa é o cenário onde busca se refugiar e a rua aparece como o cenário dos conflitos que ela tenta evitar. A rua é o local do perigo e do pânico, a casa é, nesse caso, o refúgio perdido que se busca reencontrar. Antes mesmo da revelação de

²⁰² Minhas dúvidas em relação a grande parte da obra ensaística de Damatta decorrem do fato de eu interpretá-la como sendo mais uma repetição e reificação de persistentes representações sobre uma imaginada brasilidade fundadas na cordialidade e na miscigenação, do que como uma tentativa de problematizar e refletir sobre essas representações. Não seriam a denúncia do “você sabe com quem está falando?”, o elogio ao “jeitinho brasileiro” apenas manifestações de nossa cordialidade, de nossa capacidade e mesclar contraditórios? Com Damatta, até o hábito de comer feijão com arroz se transforma em manifestação de nossa plasticidade (Damatta, 1984, 2007). Contudo, todas as minhas dúvidas, não me impedem o reconhecimento dos méritos, que são muitos e significativos.

dos antagonismos fundamentais ao processo de (re)construção identitário em marcha nessa narrativa, são elementos de um imaginário compartilhado que embasam as estratégias de **Gabriela**.

As tensões e os medos

- E4 mv1 CA *E aí eu comecei a sentir meio pânico de... de... de sair, de... assim, eu comecei a perceber que eu ia precisar de ajuda, assim, né? E daí a gente falou com uma médica da comunidade o que é que a gente poderia fazer.*
- mv2 AV *Talvez o sentimento da falta... da saudade... e coisa, começou a vir mais tarde.*
 CN *Acho que... as descobertas foram maiores e eu tentei, assim, também, tentei me esforçar pra que... achar que o lugar era meu, né? Não rejeitar, assim, eu não queria expor, eu sabia que eu tinha que ficar.*
- mv3 CA *E daí eu pedi ajuda, porque... eu tinha pavor, assim, eu não podia andar de ônibus,*
 PE2 *que eu sempre achava que as pessoas estão só se brigando, que o jeito do alemão*
 AN *de ser, né?*
- mv4 AV *Brasileiro é sentimental, a gente não fala na cara das pessoas as coisas. E eles*
 PE3 *falam. É um jeito tão estúpido de tratar as pessoas às vezes, assim, que eu, eu...*
 PE2 *isso é uma coisa que a gente vê lá em casa e a gente não consegue se acostumar.*
 PR *E assim tem épocas que se irrita mais e épocas que se irrita menos. Porque... eu*
 AN *vi também situações a última vez que eu estive no Brasil também que eu não gostei,*
 CO *porque as pessoas apitam no trânsito... Mas as pessoas não são assim de graça estúpidas contigo.*
- mv5 AV *Eu sei que tem muita gente que vem pra Alemanha e não se esforça assim pra*
 PE2 *seguir as coisas, eu me esforcei e cada coisa que eu aprendi eu faço. Mas eles às*
 PE6 *vezes têm muito pouca paciência, eles precisam muito da gente, e eles não são*
 AN *nem... nem um pouco gratos, as coisas que a gente ajuda eles.*
- mv6 CA *E isso foi criando assim uma raiva e meu alemão também não melhorava, porque*
 CO *eu era só matriculada na Uni e era muito poucas horas de aula, daí a gente pediu*
 PE7 *ao pessoal da Bolsa pra que eu fizesse um Curso, daí intensivo, e se eles pagariam*
 isso.

No ponto de inflexão com que se encerra o episódio três (E3) se encaixa o episódio quatro (E4), justamente com o evento mais reportável da narrativa: o pânico que surpreendentemente surge de uma relação até então predominantemente harmoniosa. Essa complicação que inaugura o quarto episódio (E4) e redefine as estratégias narrativas a partir de então é avaliada logo no movimento posterior (mv2) por meio do reforço do caráter no narrador

construído até então. O pânico surge repentinamente após, aparentemente, terem sido superadas as dificuldades iniciais, “naturais” a um processo de mudança, devido ao esforço de adaptação empreendido pela narradora. Os elementos para essa construção do narrador são provavelmente informados por um discurso de reconstrução identitária que reforça a plasticidade e o acolhimento como narrativa e nega o conflito e a segregação. Mas esse discurso entra em colapso na situação de migração, pois, como dito, em um extremo logicamente possível, poderia levar ao desaparecimento de uma identidade que se pretende destacar, o que não ocorre.

O pânico é o estopim para a assunção do conflito e para a evidenciação da tensão dos processos de reconstrução identitária acionados. Protagonistas e antagonistas surgem nomeadamente nesse episódio e passam a conduzir as ações empreendidas. No terceiro movimento volta à cena a personagem coletiva “os alemães” (PE2). Já mencionada uma vez no episódio dois (E2) quase como figurante, essa personagem assume agora claramente o papel de antagonismo, de *“pessoas estão só se brigando, que o jeito do alemão de ser”*.

No movimento imediatamente posterior (mv4) surgem claramente os protagonistas, aqui representados pela personagem coletiva “os brasileiros” (PE3), direta e imediatamente confrontado com a personagem antagonista “os alemães”: *Brasileiro é sentimental, a gente não fala na cara das pessoas as coisas. E eles falam. É um jeito tão estúpido de tratar as pessoas*. Aqui se torna também claro que a narradora foi construída com os mesmos elementos que caracterizam a personagem coletiva protagonista “os brasileiros”. A narradora divide parcialmente então com “os brasileiros” o protagonismo da história na medida em que se identifica com eles, mas assume a centralidade no protagonismo na medida em que os supera em seus próprios termos, posicionando-se em um “entre-lugar” entre “os brasileiros” e o antagonista “os alemães”, absorvendo mesmo do antagonista o que ele tem de bom, mas mantendo os aspectos positivos de sua “identidade originária”. Essa mudança de estratégia da “mímica” para o que passo a chamar de “equilíbrio de antagonismos”, em clara alusão à obra de Gilberto Freyre, ou, melhor ainda, a alguns de seus intérpretes (Vianna, 2000; Araújo 1994, 2009) se torna mais evidente nos episódios seguinte.

Nesse quarto episódio (E4) o “equilíbrio de antagonismo” se mostra ainda ameaçado e os movimentos cinco e seis (mv5 e mv6) revelam essa ameaça. Em mv5 a relação de conflito assumida pela narradora entre a protagonista “os brasileiros” e a antagonista “os alemães” é expandida para enfatizar que é o caráter da antagonista que leva ao conflito: *Mas eles às vezes têm muito pouca paciência, eles precisam muito da gente, e eles não são nem... nem um pouco gratos, as coisas que a gente ajuda eles*. O pronome “eles” (PE2) refere-se claramente

ao antagonista “os alemães”, mas “a gente” (PE6) amplia o protagonismo nesse movimento para além da personagem coletiva “os brasileiros”, aqui “a gente” está no lugar de “estrangeiros”, o que conduz a um caminho de embate cuja resolução pode não passar mais pelo “equilíbrio de antagonismos” que marcaria o discurso hegemônico de uma identidade nacional brasileira. A narradora se afasta da serenidade e abertura com que foi imaginada a sua personalidade e se aproxima perigosamente da raiva, sentimento que leva a outra grande inflexão na narrativa e a outro episódio que surge, o único, por encadeamento.

Com E4 encerra-se também a sequência B, parte da narrativa onde se descortina os conflitos ainda subliminares em SA. Em SB a situação inicial de aparente estabilidade sofre um revés surpreendente com a crise de pânico que revela definitivamente o conflito dramático da narrativa, o seu quadro cognitivo. A resolução que fecha a sequência é anunciada com a obtenção da bolsa para intensificar os estudos de alemão e logo encadeada com o próximo episódio, que inaugura também uma nova sequência.

Reforçando a interpretação feita para a sequência anterior (SA), a ordem direta dos movimentos nos dois episódios da sequência B não sofre nenhuma interrupção. Na sequência B as ações são narradas em sua ordem lógico-causal e cronológica sem que haja movimentos de construção do narrador acionados por avaliação ou encaixes no meio das ações narradas. O encaixe (encx) entre E3 e E4 é feito no último movimento de E3 por meio da expressão “*e no meio disso tudo*”, que evita a quebra do ritmo narrativo em uma sequência marcada pela revelação do conflito dramático e elevação do suspense por meio de uma ordenação lógica direta. As numerosas avaliações ocorrem aqui também sem recurso a pausas na ordenação cronológico, a revelação do conflito dramático é central nessa sequência B.

Sou de lugar nenhum

SC	E5	mv1	CA	<i>Dai eles pagaram e eu fui pro Brasil nesse ano e também foi uma coisa bem</i>
		encl	IN	<i>estranha, eu ficar dois anos aqui e depois ir pra lá. Foi muito especial, assim,</i>
			PE1	<i>receber... ser recebida no Aeroporto... eu pedi assim que só fosse a família, que</i>
			PR	<i>não fizesse, que não precisava fazer nada de festa ou coisa assim... foi bem</i>
			RE	<i>emocionante, assim. Mas quando eu cheguei lá, eu tinha comigo mesmo uma</i>
				<i>preocupação assim de... de... de não sentir saudade, de não querer ficar, sabe?</i>
				<i>Porque meu lugar é na Alemanha agora. Eu me esforcei pra não sofrer com um</i>
				<i>sentimento que ia vim, sabe? Eu acho que por isso que... que eu fiquei assim tensa,</i>
				<i>mas depois eu fui vendo: não, minha casa é lá. Porque eu ligo muito casa às coisas</i>
				<i>que a gente, o nosso canto, assim... eu preciso pertencer em alguma coisa ou em</i>
				<i>algum lugar ou ver que aquele lugar é meu e eu vi que lá não era mais.</i>

- mv2 AV *As coisas de pensar assim, meu, ficar duas horas ficar se arrumando no banheiro*
 PE3 *isso é típico de brasileiro. E a gente aqui na Alemanha, a gente começa a dar bola*
 AN *pra outras coisas mais importantes do que ficar se arrumando pra outras mulheres*
te olhar e... Assim, essa questão da vaidade também me... me... me encantou aqui,
porque eu não preciso provar pra ninguém quem eu sou, não preciso provar pra
ninguém a roupa que eu visto ou se eu me arrumo, ou se eu faço as minhas unhas,
se... Isso é uma coisa muito positiva pra mim aqui, as pessoas me consideram eu
sendo o que eu sou, o que eu faço, o que eu falo, não o que eu visto. E no Brasil
tem muito isso, a aparência, né? E que aqui não tem.
- mv3 CA *E... daí no meio de tudo isso eu tava tomando remédio pra curar esse medo, porque*
 encx *eu tinha pavor. E graças a Deus agora já melhorou, isso melhorou de acordo com*
o nível de alemão que eu tinha. Óbvio, né? Porque era o medo porque eu num...
era insegura e realmente tinha insegurança de não saber.

O episódio da ida ao Brasil tem um papel fundamental na tessitura da narrativa, opera como uma pausa na qual se delinea o novo projeto identitário fundado em um “equilíbrio de antagonismos”, que, ao fim e ao cabo, vincula-se imediatamente a elementos da memória cultural brasileira, nomeadamente aos elementos criados durante a construção discursiva de uma identidade brasileira imaginada pelo ensaísmo acadêmico modernista das primeiras décadas do século passado (Botelho & Schwarz, 2009).

Ao voltar ao Brasil, após ver fracassada sua estratégia de pertencimento fundada na mímica, a narradora se descobre também afastada de seu local de pertencimento anterior. No segundo movimento desse episódio (mv2), **Gabriela** se distancia pela primeira vez da personagem coletiva “os brasileiros” e assume características de personalidade (não-vaidade) e não apenas de hábitos (costumes culinários) da personagem coletiva “os alemães”, os antagonistas são aqui positivamente avaliados em contraste com “os brasileiros”, grupo ao qual a narradora já também não pertence confortavelmente.

A narradora não é rude como “os alemães”, mas sim sentimental como “os brasileiros”. Contudo não é mais vaidosa (ou fútil) como “os brasileiros”, pois aprendeu a se preocupar com “*coisas mais importantes*” como “os alemães”. É em meio a esses “processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (Bhabha, 1998: 20), que **Gabriela** tem que encontrar a coerência necessária para a reconstrução identitária marcada pelo “equilíbrio de antagonismos”. A estratégia tão familiar aos contextos de invenção de uma nacionalidade brasileira no início do século passado tem que ser resignificada pela narradora no contexto da migração em um posicionamento de negociação de valores culturais e de “experiências

intersubjetivas e coletivas de nação” (Bhabha, 1998: 20), que marca os entre-lugares tão bem interpretados por Bhabha (1998).

A resolução (RE) das tensões narradas toma então o caminho da instabilidade e do incômodo que vai perseguir a narradora. Cabe lembrar com Ricardo Benzaquen de Araújo (2009: 201) que o “equilíbrio de antagonismo” inscrito em nossa memória cultural pela interpretação freyreana da formação da sociedade brasileira leva a uma situação “sincrética, mas nunca sintética”, leva a um “‘luxo de antagonismos’ que embora equilibrados, aproximados, recusam-se a se fundir em uma nova identidade, separada, indivisível e original” (Araújo, 2009: 201). O “equilíbrio de antagonismo” é, pois, sempre instável e, para nossa narradora, incômodo.

Parece-me ainda adequado me apropriar um pouco mais da interpretação de Ricardo Benzaquen de Araújo sobre o “equilíbrio de antagonismo freyreano” quando aquele propõe que em nenhuma de suas acepções o “equilíbrio de antagonismo” busca um “ponto intermediário entre polos extremos, em condições de reduzi-los ou neutralizá-los” (Araújo, 2009: 210). Isso, creio, vale também para a ideia de entre-lugar que adapto de Bhabha: o entre-lugar não é o meio, mas sim um espaço de tensões e ambivalências e/ou de ambiguidades no qual se move a narradora em seu projeto de reconstrução identitária. Isso não significa que o equilíbrio seja abandonado como meta, mas é um equilíbrio sempre instável, pois não visa a síntese, nem um outro terceiro, nem em um “eu-estereotipado” que não existia no contexto anterior. Nos termos propostos no capítulo anterior desta tese, o equilíbrio instável de antagonismo pode aqui ser entendido como uma negociação constante entre os pares xenofilia-autofobia e xenofobia-autofilia, enquanto que a alterrepresentação madura seria a situação de equilíbrio estável que não chega a ocorrer.

A volta ao instável equilíbrio ameaçado pela raiva (xenofobia) anunciada no último movimento do episódio quatro (E4) é assegurada narrativamente no encaixe do episódio seis dentro do episódio cinco, feito no último movimento deste episódio (mv3-E5), ainda que com uma intervenção divina, pois “*graças a Deus*” a situação melhorou. Ressalta-se que, nos termos de Van Dijk (1981), a passagem entre os episódios E5 e E6 é linguisticamente marcada pela introdução de um “novo” indivíduo, neste caso de um “indivíduo renovado”, diferente das outras mudanças de episódios, marcadas por alterações de predicação e de espaço e não por alterações no sujeito.

Por ser o episódio E5 marcado pela inflexão que se anuncia, se desenvolve e se apresenta como resolução inteiramente dentro de E5, o episódio coincide com a sequência C e não exige

interpretação dedicada à sequência. Como anunciado na primeira interpretação sobre a ordenação dos movimentos, também em SC prevalece a ordem lógico-causal e cronológica direta.

Pertencendo

- SD E6 mv1 RE *Eu voltei do Brasil e comecei a fazer um curso intensivo de alemão em fevereiro e*
AV *em maio eu tava pronta e saltou assim, meu, foi... da água pro vinho.*
- mv2 CA *E daí de novo, eu já conhecia a Anita, mas e aí ela começou a estudar comigo e*
PE8 *daí acho que pra nós duas também foi muito especial ter alguém que falasse*
AV *português e que tivesse quase na mesma situação que a gente... e tal, né? Então de*
ver que outras pessoas também passam aquilo que tu passa, assim... Foi... foi bem
bom...
- mv3 PE8 *A Anita às vezes é meio insegura com a fala dela e daí ela acha que eu falo melhor*
AV *do que ela e daí as duas vamos fazer as coisas juntas e fluiu, foi bem especial,*
NA *assim, ter... Mas eu acho que também foi bom encontrar ela só depois desse tempo,*
PE2 *sabe? Porque eu noto que ela é uma pessoa que mora aqui mas ela quase não tem*
contato com alemães. Então ela preservou muito a cultura dela, ela cozinha coisas
do Brasil, ela se veste muito como brasileira ainda, né? Que no Brasil é saltinho,
maquiagem e tudo... E... e eu já estou totalmente... alemã, eu penso assim, quando
eu olho pra ela.
- mv4 PR *Não sei se é um problema de personalidade, que é fácil então cê ser influenciável*
RE *por outra pessoa. Não sei, mas eu me sinto feliz assim, como se eu tivesse agregado*
AV *mais coisa e conhecido mais coisa... e eu acho que qualquer agora país que eu*
morasse, mesmo eu sendo brasileira, tendo os meus gostos, os meus temperos, as
minhas coisas, eu ia sempre querer aprender e fazer sempre mais e agregar assim
as coisas, né?
- mv5 AV *Estudar não Uni de YYYYY já é uma viagem, porque é só estrangeiro, cada curso*
PR *de alemão que tu vai, tu conhece gente de tudo quanto é lugar do mundo, então...*
ali tu já ganha muito culturalmente, né? ... assim, não é só vir pra Alemanha, é
todo contato que isso te traz, por ser estudante, assim. Isso foi muito legal. Hoje eu
tava pensando se eu não tivesse vindo pro país eu acho que eu não aprenderia a
língua assim do jeito que eu aprendi, sabe? É muito mais... não é só uma língua,
é uma cultura que se aprende, é muito especial, é muito legal.
- mv6 AV *As pessoas são bem instruídas, educadas. Mesmo que... que... que a resposta às*
encx PE2 *vezes vem muito... muito grossa, as pessoas sabem o que é educação, elas sabem,*
AN *elas têm muito conhecimento, assim, acho que a escola aqui é muito boa, a gente*
nota assim que elas são bem cabeça e pensa bem mais adiante que a nossa. E... eu

não sei, é... eu quero é ter uma imagem das pessoas queridas que eu conheço, das pessoas que... que me tratam bem, que... Mas...

O episódio seis (E6) é o local da construção do instável “equilíbrio de antagonismos”, alcançado por movimentos de afastamento e de aproximação às posições antagônicas. No primeiro movimento (mv1) a causa superficial das tensões anteriormente inconciliáveis é resolvida sem muita problematização, o aprendizado do idioma elimina a causa superficial do pânico, elemento mais reportável da narrativa, que surge e desaparece de forma repentina.

A personagem **Anita** (PE8), introduzida no segundo movimento (mv2), é fundamental para a construção do novo projeto identitário. **Anita** serve como ponto de aproximação e afastamento da narradora de um dos extremos da relação de antagonismo. **Anita** incorpora a personagem coletiva “os brasileiros” que deixa de compartilhar o protagonismo da história com a narradora. Na narrativa de **Gabriela**, **Anita** passa por um processo de reafirmação identitária, que é também uma reconstrução identitária, que levado ao extremo pode ser visto como uma assunção de estereótipos de uma identidade brasileira, marcada por uma vaidade que se acentua ao ser comparada com um certo comportamento alemão, mais estoico e racional. Olhando para **Anita**, **Gabriela** não se enxerga mais e, *mesmo se isso for um problema de personalidade*, ela avalia positivamente as consequências desse “problema”, pois *“mesmo eu sendo brasileira, tendo os meus gostos, os meus temperos, as minhas coisas, eu ia sempre querer aprender e fazer sempre mais e agregar assim as coisas”*. **Gabriela** não deixa de ser brasileira, mas se vê diferente de Anita após a experiência migratória, não deixando de avaliar nas entrelinhas a personificação de estereótipos que de certa forma enxerga em Anita.

Cabe aqui um breve parêntese para chamar a atenção ao fato de que a vaidade e futilidade é atribuída à personagem coletiva “os brasileiros” por meio de sua concretização em uma personagem feminina. Vimos já no capítulo 5 desta tese o quanto o discurso de uma identidade brasileira está marcado por estereótipos de inferiorização do feminino, frequentemente vinculado à emoção exacerbada e, sobretudo, à erotização e a valorização exagerada do corpo. Como foi dito, a feminilização da identidade brasileira, muito marcada em Portugal, liga-se a esses estereótipos e pode ser notada também nas narrativas de brasileiros/as na Alemanha.

Nesse episódio, a personagem antagonista “os alemães” também é reconstruída, mas em termos positivos. Recorrendo também a estereótipos, no caso o da racionalidade e do acúmulo de conhecimentos julgados válidos entre os alemães, a protagonista se aproxima de certa forma da personagem antagônica ao adquirir essas competências que, ao permitir a aproximação não

mimética a seus antagonista, permite também o afastamento da personagem coletiva “os brasileiros”, sem que seja necessário negar o pertencimento, ainda que modificado, a essa identidade coletiva.

Mas..., mas o equilíbrio de antagonismos é um equilíbrio instável, reticente, característica muito bem marcada pela última palavra do episódio, pela adversativa “mas”, seguida de pausa graficamente indicada com reticências. Adversativa e pausa nos conduzem de novo aos conflitos que constituem o entre-lugar onde se posiciona a narradora.

A persistência das tensões e das ambiguidades

- E7 mv1 CA *Eu tenho a imagem positiva, mas a imagem negativa é que tudo que é alemão é*
 PR *bom. Tudo que é daqui é melhor, assim, que eles são muito exigentes quando eles*
 AN *vão fazer férias em algum lugar ou que... que... ou assim porque eles tão pagando*
 CO *uma coisa, então... eu não sei... eu ainda tenho mais coisas negativas do que*
positivas pra dizer de um alemão, sabe? Isso me incomoda. E eu sempre fui assim,
eu quero ver sempre as coisas positivas. Eu acho que a vida não tem graça, se só
ficar no negativo, né?
- mv2 CA *Eu acho que é esse negócio que eu falei das pessoas às vezes são muito estúpidas,*
 AN *assim... De achar que pode falar qualquer coisa par ti porque tá falando a verdade,*
 PR *sabe? Isso... isso dói muito. Foi um conjunto de ações que aconteceram, que eu fui*
criando assim uma raiva e uma falta de amor total, por qualquer pessoa, sabe? E
daí com outras situações que a gente foi passando, daí eu fui criando essa
distância, ah, os alemães são maus.
- mv3 AV *Quando eu conhecia alguém que era legal, daí de novo dava uma luz assim. Mas...*
 AN *assim, eu tenho a impressão que eles não gostam de pessoas, brasileiro gosta de*
 PE *pessoas, o brasileiro é feliz. Eles têm que ter muita coisa pra ser feliz, a gente não,*
 CO *né?*
- mv4 AN *Isso que... acho que me irritava muito assim. De ver as condições que as pessoas*
 PR *viviam no Brasil e de ver as condições que eles viviam aqui, e ainda nunca tá bom,*
 CO *nunca tá bom, nunca tá bom, sabe? Isso me irritava muito, assim.*
- mv5 RE *Agora já entendo... Aprendi a ter um pouquinho mais de compaixão, acho que é a*
 encx IN *palavra certa. Sabe? Não julgar sempre negativo. Ah, eles pensam assim, porque*
 PR *assim e assim aconteceu.*

No penúltimo episódio da narrativa (E7) o conflito dramático atinge o seu ápice. Em uma sequência lógica, as ações aqui narradas deveriam talvez vir antes do evento mais reportável, pois apenas após o clímax do conflito dramático aqui alcançado é que se torna

compreensível a crise de pânico sofrida pela narradora. Mas talvez, se a narrativa fosse assim construída, o caráter surpreendente do evento mais reportável fosse diminuído e o suspense e a tensão que crescem após a sua enunciação seriam provavelmente menos envolventes. O evento mais reportável é o que nos prende até aqui e é aqui que ele pode ser compreendido. A força narrativa desse episódio sete é inquestionável e isso é alcançado pela inflexão do primeiro movimento (mv1) que abala de forma bastante ameaçadora a estratégia de reconstrução de identidades fundada no “equilíbrio de antagonismos” que vinha sendo construída nos episódios anteriores.

O episódio sete (E7) é o episódio onde predomina o suspense, onde se anuncia o desenlace necessário após a elevação do conflito dramático ao seu extremo. Qual solução poderá dar a narradora ao seu “equilíbrio de antagonismo” após um distanciamento tão grande da personagem antagonista: *“os alemães são maus, eles não gostam de pessoas, brasileiro gosta de pessoas, o brasileiro é feliz?”*

O antagonismo mais evidente é construído sobre estereótipos de identidades e comportamentos vinculados a pertencimentos nacionais. Experiências que confirmam os estereótipos são reforçadas e experiências que os negam são relegadas ao lugar de exceções. Os alemães são estúpidos, os brasileiros felizes; os alemães não gostam de pessoas, os brasileiros sim; os alemães não são generosos, os brasileiros sim. Essas representações construídas em cima de estereótipos e de sua generalização para *“qualquer pessoa”* incomodam a narradora ao ponto de levá-la à crise de pânico e à busca de uma resolução que passa por processos de reconstrução identitárias que rearticulam elementos discursivos da memória cultural, mas não rompem com esta, o que é de todo impossível.

O sujeito constituído na experiência é também interpelado pelo discurso, e precisa retrabalhá-lo por meio da memória comunicativa na busca do ponto para a resolução provisória das tensões e da volta ao instável “equilíbrio de antagonismos” com que a narradora encerra esta narrativa de composição aberta, como são abertos também os “equilíbrios de antagonismo”.

Compaixão: um projeto identitário

E8 mv2 AV PE9 *Também, é um fato, é uma verdade, que o povo que mora no Ostdeutschland é mais aberto, um pouquinho mais, assim, satisfeito do que o povo do norte, porque eles passaram mais trabalho e tal, né? Eu acho isso uma verdade, também. Eu acho o povo aqui muito mais aberto, mais simpático, assim. A gente viu isso na*

igreja, as pessoas, assim, nossa, tratam a gente muito bem, perguntam, se a gente não vai, eles já tão perguntando, ou ligando, sabe?

- mv4 RE *Eu quero ter essa impressão dos alemães, eu quero levar essas coisas boas, sabe?*
 PR *E as coisas ruins eu quero esquecer, eu quero deixar, e foi, e eu cresci com isso,*
 PE *chorei, passou, sabe? Eu tento ser assim, porque se eu levar muito, sempre muito a sério, levar sempre só levar só o negativo, só reclamar das coisas, assim, não... todo mundo que tá ao redor de ti não vai gostar de conviver contigo. Isso pra família eu acho muito importante.*
- mv1 CA *Claro, falta família, né? O brasileiro é assim, a gente... os alemães não são assim*
 encx AV *com a família do jeito que a gente é, a gente precisa de família, né? Eles, não.*
 AN *Uma vez por ano, duas no máximo, e olhe lá. “Ah, minha mãe tá doente, ah, ela vive sozinha”, ou contrata alguém pra cuidar, mas não vai, sabe? Assim, é... E a desculpa deles, muitas vezes, é de não incomodar os outros, né? Porque tudo incomoda, o barulho incomoda, o vizinho incomoda, assim... Eles são um povo egoísta.*
- mv3 AV *É... Mas tudo foi assim, não posso dizer que foi uma catástrofe. Foi... tudo foi se ajustando. Até hoje, tudo que tem de novo assim, ser positivo.*
- mv5 AV *Eu sei que também vai doer bastante ir embora daqui. De novo aquela, eu não sei*
 PE *quando é que eu vou ver de novo essas pessoas, que eu tenho contato hoje aqui,*
 PR *que são a minha família no momento, né? E, talvez eu vou sentir agora o sentimento inverso, quando eu chegar lá. Sabe? O mesmo sentimento de deixar, quando eu fui embora, eu vou sentir esse sentimento ao contrário, deixar a Alemanha. E o futuro eu quero muito, muito falar alemão com meus filhos, muito, muito, assim.*
- mv6 RE *Que eu nunca fui criada com essa... Eu acho que os teus filhos vão ser criados*
 PR *com isso, né? Que... que... das duas nacionalidades, e, de pensar a mamãe morou lá, ou eu morei lá quando era pequeno, eu não tive essa dimensão, assim, eu num... Ou de... de saber que meus pais falam outra língua, não tinha nenhum, nenhum contato. E eu quero trazer isso, esse universo, essa visão de mundo, que o mundo é grande, que a pessoa pode morar em outro lugar, que a gente pode aprender com os outros, que a gente pode ter muito prazer, assim, com isso, sabe? Aproveitar muito, assim.*
- mv7 RE *Ah, eu não consigo mais ver minha vida sem esse período aqui. Eu acho que isso*
 PR *tava já planejado antes, (risos) porque... não sei, eu me sinto mais feliz, mais segura.*

Não há surpresas na última sequência da narrativa de **Gabriela** (SD). A situação inicial de recomeço da Alemanha, aparentemente estável, é alterada por novas perturbações que incomodam a narradora e a nova resolução, que serve também de resolução para toda a narrativa, passa pelo projeto identitário identificado pela narradora como compaixão e por este intérprete como “equilíbrio de antagonismo”. Também não há surpresa na ordem dos movimentos nos três episódios de SD, que seguem o padrão direto com algumas interrupções coincidentes com encaixes (encx) e avaliações (AV), conforme visto na interpretação de SA.

Mesmo que constantemente interpelada pelo discurso, pelos estereótipos engravados na memória cultural e reafirmados pela experiência que a constitui como sujeito, a narradora busca também na experiência narrada o “equilíbrio de antagonismos”, a solução para as tensões inerentes a um processo de reconstrução identitária fundado na marcação das diferenças. Em um movimento também surpreendente na organização da narrativa, **Gabriela** aciona na conclusão um elemento até então oculto e que entra na construção narrativa repentinamente e sem a preocupação com as incoerências que poderiam daí saltar.

A narradora, que morou por um ano no lado ocidental da Alemanha e depois se mudou para o lado oriental do país, aciona, em sua volta ao equilíbrio instável, elementos de uma memória comunicativa alemã que diferencia os alemães entre *Wessies* e *Ossies*, entre alemães ocidentais e alemães orientais, estes mais abertos e simpáticos. Não importa aqui que tanto as situações de conflito anteriormente narradas quanto a crise de pânico tenham ocorrido na Alemanha Oriental, essa é uma forma que a narradora encontra para se reencontrar com a identidade que constrói desde o primeiro episódio da narrativa, uma identidade forjada no entre-lugar entre o sentimentalismo, a felicidade e a cordialidade do brasileiro e o estoicismo, a razão e, por fim, também a simpatia dos alemães, mesmo que sejam apenas os alemães orientais. Seguindo novamente Fludernik, cabe ressaltar que:

Identity is not merely differentiated from alterity, the other, by singling itself out from a multiplicity of others; it is itself constituted in a dialectic process that interacts with the other (...). Identity, moreover, is (re)constituted continuously in our self-narrations. We do not merely tell stories about our recent experience in which we try to make ourselves look good; we also narrate and retell our lives to ourselves. In order to create continuity between past and present, in order to lend meaning to the experiences that we have undergone, we construct a story of our life. (Fludernik, 2007: 261-262)²⁰³

²⁰³ A identidade não é apenas diferente da alteridade, do outro, pela identificação individual de si mesmo em meio a uma multiplicidade de outros; ela mesma é constituída em um processo dialético que interage com o outro (...).

Para concluir a interpretação desta reconstrução narrativa de sua história de vida em meio a um processo dialógico de interação com o outro que empresta lógica e sentido a experiências dispersas e coerência a processos identitários essencialmente ambíguos, resta-me olhar a construção das personagens com mais detalhe do que foi feito no decorrer da interpretação até aqui empreendida. Para tanto, recorro outra vez à ACD de van Leeuwen e às suas categorias de interpretação de representação de atores sociais (ver quadro 4.1 no capítulo 4), o que me permite também uma transição da interpretação narrativa mais focada no plano da história para a interpretação discursiva mais centrada no plano textual, sendo ambos os planos cortados pela interpretação histórico-cultural vinculada ao plano metanarrativo.

8.3 Plano do texto e metanarrativa

Ao buscar as categorias de van Leeuwen descritas no capítulo 4 desta tese, encontrei na narrativa resumida de **Gabriela** quase que exclusivamente a representação de atores sociais por *inclusões*, que ocorrem sobretudo por *ativação por papéis gramaticais participantes em estruturas transitivas*. Há ainda ocorrências frequentes de *personalização por assimilação*; *determinação por funcionalização* e *generalizações*, sendo esta última e aquela primeira as mais frequentes após a *ativação por papéis gramaticais participantes*. Além das quatro categorias mais frequentes há ainda alguns casos específicos de *determinação por nomeação*, de *determinação por identificação*, de *especificação por individualização*, bem como alguns poucos casos de *indeterminação*.²⁰⁴ Só há poucos casos de representação por *exclusão* imediatamente ligados a casos de passivação, no qual apenas o beneficiário ou o submetido à ação é identificado, mas não se deixa conhecer o agente da ação. Os casos de exclusão encontrados não foram considerados relevantes na interpretação. Rara também é a presença de *inclusão por impersonalização* na narrativa interpretada; só foi detectada uma ocorrência, que será devidamente tematizada.

Em se tratando de uma narrativa de trajetória de vida, não causa estranheza a frequência predominante de inclusões por ativação com papéis gramaticais participantes, menos ainda quando vemos a opção da autora de construção do narrador a partir da narração em primeira pessoa. É justamente o “eu-narrador” que assume na maioria das vezes o papel gramatical

Ademais, a identidade é continuamente (re)constituída em nossas autonarrações. Não apenas contamos histórias a respeito de nossa experiência recente, nas quais procuramos fazer com que pareçamos bem; também narramos e recontamos nossas vidas a nós mesmos. Para criar uma continuidade entre o passado e o presente, a fim de atribuir um significado às experiências pelas quais passamos, construímos uma história de nossa vida (Fludernik, 2007: 261-262).

²⁰⁴ Assim como as categorias utilizadas na interpretação narrativa, todas as categorias de interpretação textual foram descritas e comentadas no capítulo quarto desta tese (ver Quadro 4.1).

participante em estruturas transitivas. Também não é surpreendente a grande presença de especificações por assimilação, que são bastante adequadas ao propósito de vinculações identitárias por meio da delimitação de grupos de pertencimento. A coerência das escolhas discursivas da narrativa de **Gabriela** reforça a narratividade do texto já ressaltada outras vezes. Cabe ver como operam essas escolhas.

De uma maneira geral, é possível destacar que há uma predominância da representação de atores sociais por papéis gramaticais participantes em estruturas transitivas em todo o texto, mas sobretudo nos episódios E1, no qual esse tipo de representação é quase exclusivo, e E5, que representa um momento de inflexão e resolução de conflitos identitários dentro da narrativa. Em todos os outros seis episódios, a representação por papéis gramaticais participantes divide a frequência de ocorrência com outras categorias, sobretudo com as generalizações, nos episódios E2 e E3, e com as assimilações, nos episódios E4, E7 e E8. Em E6 há uma maior variação de estratégias de representação de atores sociais, incluindo além das três categorias predominantes nos outros episódios, a passivação, a especificação por individualização, a indeterminação, a determinação por identificação e a determinação por funcionalização.

É interessante como a escolha das formas de representação dos atores sociais e, logo, a construção das personagens, segue de perto o projeto dramático da narradora, sendo parte constitutiva e constituinte deste projeto. Não é mera coincidência a prevalência da ativação com papéis gramaticais participantes em E1 e E5, visto ser essa a melhor estratégia para a definição e redefinição de rumos que ocorrem nesses dois episódios. Os papéis gramaticais participantes servem nestes episódios, sobretudo, para a orientação da narrativa e a construção da narradora que marcam o episódio E1, e para a guinada e redefinição das estratégias de resolução do conflito identitário que marca o episódio E5. Nos demais episódios, quando categoria está ligada ao narrador, ela é marcada, sobretudo, para reforçar a construção do narrador feita fundamentalmente em E1 e aprofundar a guinada na (re)construção identitária iniciada em E5. Vejamos mais de perto e com mais vagar as representações de atores sociais nesses episódios.

Em E1, a narradora inicia sua narrativa se nomeando e se individualizando e continua se incluindo ativamente como sujeito de suas ações e, sobretudo, apresentando os motivos que a aproximariam da Alemanha, caracterizando certa “naturalidade” no fato de ter migrado para esse país: *“Meu pai falava alemão, por eu ter raízes alemãs, né?”*, *“O avô do meu pai só falava alemão”*. A única inclusão por assimilação presente em E1, que a princípio destoaria da predominância da ativação por participação, serve também para reforçar essa aproximação e “naturalidade”: *“muita coisa a gente tinha preservado assim, né?”*. Sendo que esse ator “a

gente” pode, no contexto do episódio E1, ser interpretado como a família da narradora, com suas tradições culturais vinculadas à imigração alemã, ou, em um contexto histórico ampliado, como os descendentes de imigrantes alemães no sul do Brasil, cujo projeto de marcar a distinção cultural do resto do país é bastante conhecido e celebrado. Nos dois casos, a representação deste ator social é feita especificando-se um grupo por assimilação de todos os membros unidos em características que lhes seriam comuns, estratégia de representação de atores sociais que podemos imaginar bastante frequente em um processo de (re)construção identitária, fato que a narrativa de **Gabriela** não contradiz.

No episódio E5 também prevalecem os papéis gramaticais participantes vinculados à representação da narradora como ator social. Cabe voltar a lembrar a função de inflexão e de pausa desempenhada por E5 na narrativa, de quebra na escalada do conflito narrativo que vinha ocorrendo até o episódio anterior. Sobretudo no primeiro movimento (mv1) predominam quase exclusivamente os papéis gramaticais: *“Daí eles pagaram e eu fui pro Brasil nesse ano”*. Encontra-se talvez nesse movimento o momento central de mudança da estratégia adotada nos processos identitários da mímica interrompida – que não alcança um papel transformador, nem estanca na pura imitação – para o instável “equilíbrio de antagonismos”: *“eu preciso pertencer em alguma coisa ou em algum lugar ou ver que aquele lugar é meu e eu vi que lá não era mais”*. Após perceber que precisa pertencer e ver-se no entre-lugar, não mais no Brasil, mas ainda na Alemanha, Gabriela segue no segundo movimento (mv2) de E5 com um afastamento de uma identidade brasileira com a representação do ator social coletivo “o brasileiro” em um caso claro de assimilação individualizada de uma identidade coletiva com a qual, nesse movimento, não se identifica: *“ficar duas horas ficar se arrumando no banheiro isso é típico de brasileiro. E a gente aqui na Alemanha, a gente começa a dar bola pra outras coisas mais importantes”*. Com a comparação por meio da dupla representação e atores sociais por assimilação, a narradora não só se afasta de uma identidade brasileira, como busca se aproximar de traços de uma identidade alemã em um mesmo movimento.

Em se tratando de representação de atores sociais, os demais episódios da narrativa de **Gabriela**, nos quais o conflito dramático é revelado e desenvolvido e as tensões são enfrentadas pelo embate direto com o “outro”, mostram-se mais fecundos para a interpretação cultural de narrativas pretendida. As categorias de representação de atores sociais que aí disputam a predominância com a ativação com papéis gramaticais participantes, quais sejam, generalização, assimilação e, em menor escala, a funcionalização, deixam, em suas manifestações, perceber de forma mais clara a ação dos discursos historicamente formulados e da memória culturalmente constituída. Além disso, nesses capítulos a caracterização de

antagonismo e protagonismo das personagens feitas por pares de ações opostas ressaltam as marcas da história e da memória cultural acionadas pela memória comunicativa.

Após dedicar o primeiro episódio à construção do narrador, **Gabriela** passa os três próximos episódios (E2, E3 e E4) revelando o conflito dramático da narrativa por meio da construção da personagens que serão antagonizadas desde o final do quarto episódio, mas sobretudo na sequência final, que abarca os três últimos episódios. É sobretudo por meio da revelação do conflito dramático, logo, por meio da construção dos papéis de protagonismo e antagonismo, que **Gabriela** opera sua (re)construção identitária, e ela o faz com movimentos de afastamento e aproximação realizados em estratégias de representação dos atores sociais que surgem na narrativa.

No episódio E2, as aproximações são construídas pela representação da própria narradora em papéis gramaticais participantes. Em E2, essa estratégia de representação de atores sociais está sempre ligada à narradora representada pelo pronome de primeira pessoa “eu” ou “nós” e “a gente”, nestes casos referindo-se à narradora e a seu marido, seguido de estrutura transitiva. Nesses momentos, a narrativa é direta e afirmativa: a narradora se aproxima da história com constatações de fatos ou de características suas, como em “*nós chegamos aqui dia 28*”, ou “*eu não tinha nenhuma ideia*”; ou “*eu cheguei aqui*”, ou ainda “*eu sou bem comunicativa*”.

O papel de protagonismo da narradora é reforçado e mantido o tempo todo em E2, mas não o seu caráter diretivo e afirmativo sobre as experiências e sentimentos vividos. Em E2, a narradora transita em quase todos os oito movimentos do episódio (exceto em mv1 e mv8) entre momentos de aproximação e afastamento das experiências narradas. Se as aproximações são feitas com a representação por papéis gramaticais participantes atribuídos à própria narradora, os afastamentos lançam mão, sobretudo, da generalização e assimilação na construção de outros atores sociais que surgem neste episódio.

Esses afastamentos aparecem a partir do segundo movimento (mv2) e se alternam com a aproximação até o movimento final (mv8). Em mv2, após a narração factual da chegada à Alemanha em primeira pessoa ser encerrada com um poético e simbólico “*e no outro dia nevou*”, a narradora abre mão da representação por papéis gramaticais participantes e introduz na narrativa o pronome “a gente” generalizador. Notem que agora “a gente” não se refere mais à narradora e ao seu marido, mas sim a “as pessoas”. Nas primeiras avaliações (AV) introduzidas na narrativa (“*a gente não tem muita dimensão do que é, né?*”, “*a gente vai vendo que a gente não tá mais em casa*”), a narradora deixa de empreender um esforço de

autoidentificação com as afirmações feitas, generalizando seus sentimentos como se fossem sentimentos compartilhados por toda em qualquer pessoa que passasse por aquela situação, atribuindo a tais atitude um caráter de normalidade. No decorrer de toda a narrativa, a generalizações usadas pela narradora na representação de atores sociais estão muitas vezes ligadas a movimentos de avaliação, o que pode ser entendido pela estratégia de “equilíbrio de antagonismos” utilizada pela narradora na resolução das tensões de seu conflito dramático. Ao avaliar, a narradora o faz genericamente. Ao generalizar, a narradora alivia a carga de comprometimento pessoal na tensão dividindo seu comportamento, ou o comportamento conflitivo com toda a humanidade. A alteração entre aproximação e afastamento como estratégia de apaziguamento de tensões internas acionadas pela memória comunicativa é bastante clara no movimento mv3 do episódio E2:

Eu me sentia que nem uma criança e tinha que aprender a atravessar a rua, porque eu tinha que apertar o botãozinho e não podia atravessar antes do sinal vermelho, que não podia isso, não podia aquilo, assim, a gente se sente como se a gente tivesse que aprender de novo a viver... hum... aprender a viver de novo, tudo, né?

A construção sequencial, que vai em um crescente que poderia levar a uma “explosão” em seu clímax, é desconstruída com a generalização apaziguadora introduzida pelo pronome “a gente”, que transforma o aparente movimento de indignação das ações iniciais em uma resignação melancólica ao final. É bastante frequente em toda a narrativa que movimentos iniciados com uma complicação da ação (CA), ligada a uma representação dos atores sociais com papéis gramaticas participantes, terminem em avaliações (AV), ligadas a representação de atores sociais por generalizações, promovendo esse trânsito entre aproximação e afastamento claramente marcado neste movimento terceiro (mv3) do episódio E2.

Além das generalizações, no episódio E2 atores sociais são representados especificamente por meio da assimilação. Essa forma de representação será a mais frequente nos momentos em que o conflito dramático é revelado sem tentativas de conciliação e é fundamental na construção de protagonismos e antagonismos. No quinto movimento, o ator social coletivo que assumirá o papel de antagonismo nas ações de conflito acirrado é introduzido por meio do pronome pessoal “eles”. Não dito, mas subentendido, o “eles” de “**eu vou na casa deles, o que que eles comem, como é que eles temperam**” pode ser claramente substituído por “os alemães” ou por “o alemão”, como ocorrerá em outros movimentos da narrativa. “Eles”, “os alemães”, “o alemão” são representações de um ator social coletivo operada por meio da assimilação de todo um grupo humano em uma entidade que existe nos discursos de invenções de nacionalidades e que é recriada narrativamente tanto pelo próprio

grupo como por grupos externos em um processo relacional constante de (re)invenções identitárias.

Quase sempre que lança mão da assimilação na representação de atores sociais a narradora reforça seu movimento de afastamento, mas, neste caso não estamos falando de um afastamento que busca a “neutralidade”, que se indica com o uso da generalização, mas de um afastamento que busca o par diferença-identidade. Ao construir o “eles”, **Gabriela** constrói o “nós” onde se inclui. Contudo, claro, isso não é sempre tão simples assim nos processos identitários, nem durante a aposta na mímica como estratégia de (re)construção de identidades, nem durante a mudança para o “equilíbrio de antagonismo”, para lembrar as duas estratégias identitárias operadas por **Gabriela** em sua narrativa.

Os desvios que tornam mais complexos os processos identitários, mais rica a narrativa e mais prazeroso o trabalho de interpretação são acionados já no próximo movimento (mv6) deste episódio E2, pois se em mv5 **Gabriela** introduziu “os alemães”, representados por assimilação”, em mv6 ela deixa claro que isso não significa sua adscrição imediata e irrestrita ao “nós, brasileiros”, que surge representado aí também por assimilação. **Gabriela** põe-se, antes mesmo da revelação das tensões e do conflito dramático, no entre-lugar, de onde sai ora para um lado, ora para o outro, em sua (re)construção identitária, acionando ora a estratégia da mímica, ora a estratégia do equilíbrio de antagonismo que termina por marcar de forma mais intensa sua estratégia de resolução das tensões identitárias de encontro como o “eles” narrativamente (re)construído com base em discursos de identidade nacional. “Eles” e “nós” começa a ser construído em E2, e **Gabriela** está em algum lugar entre esses polos:

Eu acho que eu convivi com muito pouco brasileiro no começo e isso foi bom porque eu adquiri muita coisa deles, assim. Eu acho que eu não sou mais, eu não posso dizer que eu sou cem por cento brasileira, porque eu adotei muitas coisas, muitas coisas dentro de casa.

A complexidade dos processos identitários marcada pelos entrelaçamentos, afastamentos e aproximações ambíguas da narrativa de **Gabriela** é inaugurada em mv6 com a representação de atores sociais por assimilação que confronta pela primeira vez papéis de protagonismo e antagonismo em um mesmo movimento.

No episódio E3, as avaliações ligadas a representação de atores sociais com generalizações são de novo encontradas em quase todos os movimentos, exceto no movimento final (mv5), no qual predominam as assimilações. A estrutura de E2 é então parcialmente repetida em E3 com atores representados inicialmente por papéis gramaticais participantes no

movimento inicial de complicação da ação (CA), com representação de atores por generalizações nos movimentos intermediários com avaliação (AV) e por assimilação nos movimentos finais com inversão (IN) e/ou resolução (RE). Limito-me, portanto, a chamar a atenção para duas categorias de representação de atores sociais diferentes usadas em E3.

Nesse episódio, **Gabriela** usa em dois momentos a representação de atores sociais por meio da determinação. Logo no primeiro movimento, ela usa a determinação por identificação ao se categorizar a si mesma por meio de sua nacionalidade, mas o faz não para atribuir características ao seu comportamento, mas sim para negar que o comportamento esteja vinculado à categoria brasileira, à qual se enquadra, e ela faz isso emendando à categorização uma nova generalização na qual volta a compartilhar suas angústias com toda a humanidade: *“não sei, é... não sei se acho que é não só por ser brasileira (categorização por identificação), eu acho que a pessoa (generalização) é assim, acho que ela (generalização) precisa do mínimo de coisas pra achar que aquilo é seu”*.

No terceiro movimento (mv3) há uma surpreendente passivação, ocorrida até então apenas no primeiro movimento (mv1) do episódio E2, quando a narradora nos conta que o marido *“foi convidado a fazer doutorado”*, não revelando de quem partiu o convite, no único caso de exclusão do agente por supressão em toda a narrativa. Diferentemente da passivação em mv1 de E2, que não foi problematizada por não ter se mostrado para esse intérprete relevante no processo de (re)construção identitária, a passivação em mv3 de E3 se relaciona diretamente às estratégias acionadas pela narradora neste processo. A passivação é acionada juntamente com a introdução de uma nova personagem.

A nova personagem introduzida em mv3 de E3, a **Tagesmutter**, é representada por meio de sua profissão, uma profissão fundamentalmente doméstica; em termos de representação de atores sociais, trata-se de uma determinação por categorização por funcionalização. A escolha dessa forma de representar tem relação direta com a estratégia da narradora de mostrar suas tentativas de integração à sociedade acolhedora por um dos caminhos mais íntimos e seguros possíveis, pelo lar. A **Tagesmutter** não é nomeada (não sabemos seu nome), nem assimilada. A **Tagesmutter** não é inserida pela autora no grupo “eles”, “os alemães”; ela é além de **Tagesmutter**, a figura que representa para a narradora uma mãe, que a ensina passos elementares na nova vida, que ensina a narradora a “viver de novo”. É nessa relação de filha e mãe em que se coloca a narradora que aparecem as representações por passivação prenes de sentidos. A narradora aqui é representada quatro vezes pelo pronome “me” (*“ela me mostrou a cidade, assim, ela me...”*, *“Ela me ensinou muitas coisas, ela me mostrou onde é que eu*

podia ir”), que a coloca na posição de beneficiária de um processo material cujo agente é representado pela *Tagesmutter*. Apenas no episódio E5, quando a narradora “foi recebida” pela família no aeroporto ao voltar ao Brasil, a passivação da protagonista voltará a ocorrer, outra vez em um ambiente narrado como familiar.

Em outro enquadramento teórico, talvez a relação da narradora com a *Tagesmutter* e com “eles” pudesse ser descrita como “arquetípica” dos processos de reconstrução identitária na situação de migração, assim como poderia ser tomada como ponto de reflexão sobre os mecanismos de manutenção e transformação que operam na experiência social. Informados por discursos inseridos na memória cultural sobre uma determinada identidade coletiva, o encontro com representantes desse coletivo que não se enquadram na descrição discursiva tende a ser tratado como exceção ou ignorado, mostrando a força das estruturas discursivas e da memória cultural na experiência social. Contudo, esses mesmos encontros podem também, não raramente, detonar processos ambivalentes ou ambíguos que arranham essas mesmas estruturas, mostrando a força da experiência histórica na formação de sujeitos e na conformação das estruturas.

Fundamentalmente informada por um discurso inscrito em nossa memória cultural e que predominará nos outros episódios da narrativa, discurso no qual “eles, os alemães”, são assimilados em um grupo cujos traços diacríticos extremos seriam a arrogância e a brutalidade, de um lado, e a competência e inteligência, de outro, a narradora precisa individualizar a *Tagesmutter*, cujo comportamento pode ser descrito de várias formas: solidário, carinhoso, receptivo, sendo que nenhuma das descrições possíveis se próxima aos traços diacríticos atribuídos na memória cultural aos alemães. Além de individualizá-la, a narradora o faz dentro de suas estratégias narrativas, o faz pela representação por uma atividade doméstica de cuidado com crianças pequenas, o que reforça tanto a imagem positiva da personagem construída como também a imagem positiva da própria narradora, acolhida em um meio não apenas doméstico, como também pueril.

Em E4, apesar da *Tagesmutter*, já faz parte da narrativa o seu evento mais reportável: o pânico desencadeado pela insegurança no lido com pessoas desconhecidas e pelas situações desconfortáveis experimentadas no cotidiano. De nada adianta a nova personagem representada como a *Tagesmutter* por meio de sua profissão, a *médica da comunidade*, que também ajuda a narradora. Os indivíduos que contradizem a memória cultural sobre “eles” não foram fortes o suficiente para evitar a crise de pânico e não conseguem evitar também que o conflito dramático se revele plenamente em E4 sobretudo pela representação dos atores sociais em seus claros

papéis de protagonismo e antagonismo expressos por pares de ações opostas, pelo “*jeito alemão de ser*” e pelo “jeito brasileiro de ser”:

Brasileiro é sentimental, a gente não fala na cara das pessoas as coisas. E eles falam. É um jeito tão estúpido de tratar as pessoas às vezes, assim, que eu, eu... isso é uma coisa que a gente vê lá em casa e a gente não consegue se acostumar. E assim tem épocas que se irrita mais e épocas que se irrita menos. Porque... eu vi também situações a última vez que eu estive no Brasil também que eu não gostei, porque as pessoas apitam no trânsito... Mas as pessoas não são assim de graça estúpidas contigo.

Os sentimentos de **Gabriela** não são mais sentimentos compartilhado com o gênero humano, são agora compartilhados com um grupo específico “os brasileiros”. Não há lugar aqui para as representações de atores sociais por generalização que afastam a narradora das tensões, adiando a revelação do conflito dramático. As especificações por assimilação também não servem para o adiamento do conflito, pois aqui a narradora pertence “cem por cento” a um dos grupos especificados. A interrupção da escalada das tensões que marca E4 só pode ser narrativamente resolvida com uma pausa, com a viagem da narradora ao Brasil, descrita no episódio E5 já interpretado.

A pausa nas tensões arranjada com a viagem ao Brasil, narrada em E5, é interrompida com a decisão da narradora de “pertencer” ao lugar onde vive. A estratégia de “pertencimento”, como vimos, passa da mímica para o instável “equilíbrio de antagonismos”. Contudo, como argumentei, o “equilíbrio de antagonismo” não promove uma síntese, mas sim uma situação de constante negociação a partir do posicionamento em um movediço entre-lugar. A narradora se afirma neste entre-lugar e passa a se mover entre o “nós, os brasileiros” e o “eles, os alemães”, e faz isso, sobretudo, por meio da representação de atores sociais, e especialmente nos dois últimos episódios da narrativa, E7 e E8, como demonstro mais detalhadamente a seguir.

Antes disso, no episódio E6, encontramos a maior diversidade de categorias de representação de atores sociais. O acionamento de um número maior dessas categorias pode talvez estar ligado ao fato de que é nesse episódio que se concretiza um segundo movimento de afastamento identitário fundamental ao equilíbrio buscado por **Gabriela**. Se antes o pânico afastou a narradora da mímica, em E6 ela realiza um afastamento talvez mais difícil, que a coloca no entre-lugar. Se é certo que ela já havia anunciado antes não ser mais “cem por cento brasileira”, em E6 esse afastamento de uma identificação como “os brasileiros” é a construção identitária mais significativa, realizada por meio da construção de uma personagem que

incorpora a identidade brasileira com a qual a narradora já não consegue se identificar totalmente. Trata-se de **Anita**.

Com o uso de nomeação (“*eu já conhecia a Anita*”), papel gramatical participante (“*ela começou a estudar comigo*”), indeterminação (“*Então de ver que outras pessoas passam aquilo*”), generalização (“*que tu passa*”), passivação (“*foi bom encontrar ela*”) e identificação (“*ela se veste muito como brasileira ainda*”), a personagem de Anita é construída pela narradora como um *alter ego*, um outro eu vinculado ao passado, suplantado na (re)construção identitária vinculada ao processo migratório. Anita é “a brasileira”, é o que **Gabriela** não quer ou não pode mais ser. **Anita** é o contraponto aos “alemães”, ao que **Gabriela** não quer ou não pode vir a ser. A construção de **Anita** cristaliza e permite ver o tempo e o processo histórico em suas três dimensões: o que foi, o que é e o vir a ser condensados no mesmo momento.

Em E7 há uma escalada no conflito que, mesmo que às vezes modalizado, revela a instabilidade constante enfrentada pela narradora. Predomina no episódio a representação de atores sociais por assimilação, na qual “eles, os alemães” são negativamente descritos, inicialmente com marcadores de modalização – como em “*Esse negócio que eu falei das pessoas às vezes são muito estúpidas*”, em que o uso do “às vezes” minimiza a representação negativa –, mas em seguida com afirmações categóricas afirmativas, como em “*os alemães são maus*”, ponto culminante da sentença final de mv2 que poderia ser utilizada em uma sinopse da narrativa: “*Foi um conjunto de ações que aconteceram, que eu fui criando assim uma raiva e uma falta de amor total, por qualquer pessoa, sabe? E daí com outras situações que a gente foi passando, daí eu fui criando essa distância, ah, os alemães são maus.*” No movimento seguinte, de uma forma que nos parece quase automática, são descritos por contraste os brasileiros: “*eles não gostam de pessoas, brasileiro gosta de pessoas, o brasileiro é feliz*”. Aqui é retomado outra vez os discursos sobre identidades nacionais inscritos em nossa memória cultural compartilhada e reafirmados pela memória comunicativa narrada.

No episódio E8 predominam também as representações de atores sociais por assimilação, nas quais “eles, os alemães” são negativamente descritos. A diferença aqui está na estratégia utilizada de dividir o grupo “os alemães” em “*o povo que mora no Ostdeutschland*” e “*o povo do norte*”. A estratégia que não se mantém constante durante o episódio, mas é fundamental para a resolução da narrativa e a volta a uma “instável estabilidade” a seu “equilíbrio de antagonismos. Na nova especificação arranjada por **Gabriela** para “eles”, os alemães orientais (“*o povo que mora no Ostdeutschland*”, incluindo a *Tagesmutter* e a *médica da comunidade* e apagando-se os que *parecem que estão se brigando no bonde pelo jeito rude*

que se tratam) são mais abertos, mais simpáticos, “*tratam a gente muito bem*”, e a explicação para isso é porque eles teriam “*passado por mais trabalho*”, o que eu entendo como tendo tido uma vida mais difícil na Alemanha Oriental. Deixa-se entender então que “os alemães” maus são apenas os alemães do oeste (*o povo do norte*), o que não deixa de ser ambíguo, pois as experiências negativas que levaram ao pânico foram vividas em uma cidade do lado oriental da Alemanha. Também não fica claro se a divisão entre alemães orientais e ocidentais é mantida quando a narradora retoma a representação de atores sociais por assimilação e generalização com o uso do pronome “eles”. Na verdade, parece haver uma oscilação, ou melhor, uma ambivalência, pois não creio poder dizer que quando Gabriela volta a afirmar categoricamente sobre os alemães que “*eles são um povo egoísta*” que ela esteja se referindo apenas aos alemães ocidentais como povo. Por outro lado, parece-me possível que ao falar da saudade que vai sentir das “*pessoas, que eu tenho contato hoje aqui, que são minha família ano momento*”²⁰⁵, a narradora esteja se referindo também aos alemães orientais, mas não aos alemães ocidentais.

Uma representação de ator social bastante singular e interessante merece um destaque extraordinário na interpretação: trata-se da única ocorrência de impersonalização por objetificação em toda a narrativa. Essa estratégia de representação de atores sociais é bastante estimulante para o intérprete, pois é uma das menos óbvias se comparada com as outras estratégias de representação de atores sociais por inclusão. No primeiro movimento do episódio oito (mv1), na mesma sentença em que afirma sem modalização que os alemães são um povo egoísta, anteriormente a narradora constrói as razões para tal afirmação dizendo que: “*Porque tudo incomoda, o barulho incomoda, o vizinho incomoda, assim... Eles são um povo egoísta*”. Pensando na forma e apaixonado pelo gênero narrativo, eu gostaria muito de parar com esse parágrafo aqui, deixando à imaginação e à criatividade de minhas leitoras e leitores o trabalho de especular sobre qual ator social teria sido aqui representado por objetificação, gostaria mesmo de tirar o sono de alguns deles com esse silenciamento. Mas sei que estaria levando o hibridismo genérico para além do tolerável. Revelo então que estou seguro de que “o barulho” na sentença acima se trata de uma representação impersonalizada por objetificação dos antagonistas de “eles, os alemães” – “nós, os brasileiros” – outra vez representados com elementos de discursos sobre identidades nacionais inscritos em nossa memória cultural, que nos afirma como povo alegre, festeiro e, portanto, ruidoso.

²⁰⁵ Talvez em uma espécie de *mea culpa* acho esse o lugar adequado para admitir que, embora eu tenha seguido caminhos de interpretação para mim mais seguros, as relações familiares desenvolvidas pela narradora ou a tentativa de desenvolvê-las parecem ter sido de fundamental importância no desencadear de seus conflitos identitários. Na verdade posso dizer que tenho quase certeza que o foram. A família é tematizada em vários outros momentos e mesmo a ausência da atribuição de um papel mais central ao marido é indício disso.

Mesmo que mais instigante, a ocorrência mais excepcional no episódio final da narrativa não é o uso da representação por objetificação, pois, ainda que seja feita por meio de uma nova categoria, ela se constrói sobre representações discursivas ancoradas na memória cultural como em quase todos os outros momentos da narrativa. O mais excepcional é que há em E8 representações de atores sociais e processos identitários que fogem desse padrão e se assentam na memória comunicativa e não na memória cultural, se assentam no momento conjuntural e não no momento estrutural da experiência histórica vivida.

Não faz parte da memória cultural compartilhada por **Gabriela**, nem nos discursos sobre identidades nacionais que informam suas experiências, a representação dos alemães orientais como mais simpáticos e abertos; isso é algo que “aprendemos” quando vivemos na Alemanha, mais especificamente quando vivemos na Alemanha Oriental. Claro que se pode argumentar que a representação não deixa de ser informada por outros discursos sobre identidade nacional ou por outras memórias culturais a que **Gabriela** passa a ter acesso ao viver na Alemanha oriental, mas isso não é o mesmo que ser informado pelos discursos e memória cultural que fizeram parte de toda a vida anterior de **Gabriela**. Essa “quebra discursiva” ou “intercâmbio de memórias culturais” tem um potencial de transformação que os argumentos construídos apenas sobre discursos anteriores não têm. Talvez essa seja, quiçá, uma das muitas chaves para entender como operam os processos de (re)invenção identitária em uma situação de encontro intercultural.

Como já dito, a interpretação da construção de personagens com o uso de ferramentas da ACD permite, além da interpretação cultural, a vinculação entre ACN e ACD, que é completada a seguir com a continuidade da interpretação textual para além das personagens e com o uso de categorias metodológicas propostas por Fairclough. Nessa transição, é conveniente aqui um salto da interpretação até agora concentrada no resumo da narrativa feito a partir das propostas de Labov para o trabalho com excertos da transcrição integral, o que contribui fortemente para o enriquecimento da interpretação.

Fairclough (2003) argumenta sucintamente que processos de identificação são, em parte, processos discursivos. Se não temos dúvidas de que invenções de nacionalidade são também processos de identificação, não há razões para duvidarmos que são, ao menos em parte, processos discursivos que se enquadram na proposta teórico-metodológica faircloughiana. Sem dúvida quanto a isso, após a audição repetida da entrevista e identificação das categorias mais relevantes e presentes, utilizei na interpretação discursiva as categorias interdiscursividade, intertextualidade, modalização, avaliação.

O uso de avaliações é a categoria discursiva mais frequente no texto de **Gabriela**. As avaliações feitas por **Gabriela** têm predominantemente a função de comparação de atores sociais presentes no texto e são fundamentais para os movimentos de aproximação e afastamento identitários que **Gabriela** constrói em relação a esses atores, quase sempre inseridos na história como ponto de referência para a (re)construção identitária da própria narradora. **Gabriela** avalia tanto diretamente, lançando mão de afirmações avaliativas, quanto sutilmente, usando de processos mentais e valores presumidos.

Muitas das avaliações que comparam hábitos e valores são feitas sutilmente, sobretudo no início da narrativa, onde passam mesmo quase despercebidas em meio a temas maiores abordados. Quando fala da comida, um dos temas mais caros a **Gabriela**, ela reclama das dificuldades do início buscando o equilíbrio nas comparações: por um lado *“a carne é moída com muita gordura junto”*, mas de outro *“eu gosto mais de salada aqui do que eu gostava no Brasil”*. Ainda sobre as adaptações, Gabriela conta que teve de se adaptar a outras formas de viver, pois *“como bom brasileiro, eu não gosto de caminhar muito”*, mas *“o alemão, ele tá mais disposto”*. No final, o que predomina é o aprendizado: *“doeu o começo aqui, mas eu não consigo ver minha vida já sem esse período (...). Foi legal aprender assim, no começo doía bastante”*.

No começo, e ainda não revelado o evento mais reportável da narrativa, as comparações são suaves e os pequenos embates são antes cômicos que dramáticos. A comida que não dá certo, a descoberta de uma vida mais saudável, a “preguiça” do brasileiro para caminhar etc. As barreiras a serem enfrentadas nos parecem anedóticas quando a narradora ainda tem como projeto a “aprendizagem” e como estratégia a mímica, que a aproxima do “eles” e a afasta do “nós”, movimentos que são confirmados em uma avaliação que integra um processo mental, uma afirmação avaliativa e um valor presumido: *“eu acho que eu convivi muito pouco com brasileiro no começo e isso foi bom porque eu adquiri muita coisa deles”*. A avaliação – iniciada por um processo mental (“eu acho”), continuada com uma afirmação avaliativa (“isso foi bom”) e encerrada com um valor presumido (“eu adquiri muita coisa deles”) – reforça tanto a aproximação que vem sendo construída até aí com “eles”, quanto o afastamento de “nós”.

É nesse sentido dos movimentos de aproximação e de afastamento que seguem as avaliações seguintes, vinculadas não mais a atores coletivos, mas a novos atores individuais, ainda com predominância das avaliações sutis, feitas sobretudo por valores presumidos. Os relatos sobre as primeiras relações construídas na Alemanha estão repletos dessas avaliações que podem passar despercebidas a uma leitura não instrumentalizada. É assim que a

Tagesmutter entra na história e nos ouvidos e olhos que a leem e escutam como uma personagem positivamente avaliada, que fala bastante (o que pode ser entendido como um valor presumidamente positivo no contexto da história, pois ligado à simpatia e à abertura ao outro), que ensina e, assim, ajuda muito a narradora na (re)construção de sua nova vida (ou de sua nova identidade). O mesmo pode ser dito das pessoas da comunidade luterana a que se junta a narradora, sobretudo sobre a “mulher especial que tem seis filhos”, tão hospitaleira e aberta quanto a *Tagesmutter*, além de gostar muito de cozinhar.

Ressalta-se a interpretação já feita acima de como a narradora associa valores positivos ao lar, à família e à cozinha e de como isso está diretamente ligado à nossa memória cultural compartilhada, que nos informa ser o lar o refúgio para os perigos da rua e a cozinha o local do convívio harmonioso. Local inscrito em nosso imaginário como espaço da construção de nossa sociedade harmônica e miscigenada. Quem não visualiza, ao falarmos da cozinha, uma imagem da cozinheira negra (Tia Anastácia?) cozinhando em um grande caldeirão (quase como uma boa feiticeira), enquanto crianças brancas e negras perambulam por ali e acolá e uma dona de casa branca também participa da cena, todos com feições de felicidade?

Mas nem só na cozinha e nos lares pôde viver **Gabriela** sua nova vida. A rua estava lá, ameaçadora, a ser enfrentada. É na ida à rua que **Gabriela** reverte os sentidos de seus movimentos de afastamento e abandona a sua estratégia da mímica. E é também nas avaliações que também servem para representar os atores sociais que essas reversões se deixam perceber. Nessa primeira inversão de sentidos dos movimentos de aproximação e afastamento, as avaliações também são feitas predominantemente por valores presumidos, mas elas perdem bastante do caráter sutil e se tornam mais notórias. São, além disso, intercaladas com um número maior de afirmações avaliativas.

Na rua, **Gabriela** tem a impressão de que “*as pessoas estão só se brigando*”, devido “*ao jeito alemão de ser*”, que compara com clara avaliação negativa ao “jeito brasileiro de ser”, positivamente avaliado por presunção de valores: “*Brasileiro é sentimental, a gente não fala na cara das pessoas as coisas e eles falam*”. O “jeito brasileiro” é claramente positivado com a afirmação avaliativa sobre o “jeito alemão”: “*é um jeito tão estúpido de tratar as pessoas*”, seguida da afirmação avaliativa em sentido inverso sobre o “jeito brasileiro”: “*as pessoas não são assim de graça estúpidas contigo*”. Aqui é óbvia a inversão: a narradora afasta-se agora dos “alemães”, de quem vinha se aproximando, e aproxima-se dos “brasileiros”, de quem vinha se afastando.

Outra vez discursos construídos com elementos de memória cultural são acionados no processo identitário (o brasileiro sentimental e o alemão grosseiro) e reforçados pela memória comunicativa narrativa. Mais do que fundada nas experiências narradas até o momento em que são feitas, essas avaliações se fundamentam em imaginários discursivamente construídos que retratam brasileiros e alemães. Como brasileira, **Gabriela** compartilha do discurso da cordialidade brasileira. Devido ao papel da Alemanha na história ocidental no século XX, **Gabriela** compartilha também do discurso sobre a brutalidade germânica, o que a incomoda muito, sobretudo após as amizades construídas com indivíduos que contradizem esse discurso.

Por um breve momento, o conflito chega a seu ápice, em uma divisão do mundo narrado em apenas dois grupos bem definidos por afirmações avaliativas: *eles*, os alemães impacientes (“*eles tem muito pouca paciência*”), estúpidos e ingratos (“*eles não são nem... nem um pouco gratos*”) e nós, os imigrantes. Tamaña dicotomização e intensificação do conflito rompe com o projeto dramático fundado na mímica, o que se materializa talvez com a crise de pânico. Contudo, seguir e aprofundar esses sentidos dos movimentos de afastamento e aproximação não conduziria à nova estratégia do “equilíbrio de antagonismo”, no qual na (re)construção identitária prevalecem movimentos não traumáticos de reposicionamento e deslocamento. Para acionar o “equilíbrio de antagonismo”, é necessária uma nova inversão.

Novamente os sentidos se invertem e **Gabriela** volta a se afastar do “nós” e a se aproximar do “eles” por meio de avaliações negativas sobre aqueles e avaliações positivas sobre estes, todas feitas por presunção de valores: a brasileira é vaidosa (“*ficar duas horas se arrumando no banheiro, isso é típico de brasileiro*”), o alemão não (“*a questão da vaidade também me... me... me encantou aqui*”); no Brasil prevalece a futilidade das aparências (“*no Brasil tem muito isso, a aparência*”), enquanto que “*na Alemanha, a gente começa a dar bola pra outras coisas mais importantes que ficar se arrumando (...). Isso é uma coisa muito positiva pra mim, as pessoas me consideram eu sendo o que eu sou, o que eu falo, não o que eu visto*”.

Essa inversão de sentidos dos afastamentos e aproximações ocorre ao menos mais duas vezes na história: uma primeira inversão que consiste em um afastamento ainda mais forte dos “alemães”, construído por meio de afirmações avaliativas de alto impacto como “*os alemães são maus*” e “*eles são um povo egoísta*”; seguida de uma reaproximação parcial efetuada pela diferenciação entre alemães orientais (mais abertos e simpáticos) e alemães ocidentais, que passam a ser a representação do imaginário discursivamente construído sobre o alemão brutal, mesmo que Gabriela não tenha como saber se os alemães que foram estúpidos com ela e que

pareciam sempre estar brigando entre eles são *Ossis* ou *Wessis* e que a probabilidade maior é que sejam alemães orientais. Contudo, ao final, mesmo morando em um “*país superdesenvolvido*”, com “*pessoas bem instruídas, educadas*”, que “*têm muito conhecimento*” e “*já estão a anos-luz na nossa frente*”, **Gabriela** lamenta: “*eu ainda tenho mais coisas negativas do que positivas pra dizer de um alemão, sabe? Isso me incomoda*”. Embora também acione reposicionamentos e deslocamentos identitários, o “equilíbrio de antagonismo” não proporciona a ruptura, não favorece o enfrentamento, que tende a ser negado. **Gabriela** não rompe definitivamente nem com os brasileiros, nem com os alemães, por vezes avaliados de forma bastante negativa. Nesse sentido, o “equilíbrio de antagonismo” talvez seja potencialmente menos revolucionário que a mímica, conforme a caracteriza Bhabha (1998).

Para ressaltar o cuidado nos deslocamentos identitários acionados narrativamente por **Gabriela**, vale a pena destacar que nenhuma avaliação negativa sobre “o brasileiro” é feita por afirmação avaliativa, nestes casos a narradora escolhe sempre a avaliação por valores presumidos, que são ainda frequentemente modalizadas. Assim são, por exemplo, operadas as avaliações sobre **Anita**, que podem ser destacadas para reforçar a interpretação feita quando da análise da representação dessa personagem feminina que incorpora as características da personagem coletiva “os brasileiros”:

eu acho que também foi bom encontrar ela só depois desse tempo, sabe? Porque eu noto que ela é uma pessoa que mora aqui mais ela quase não tem contato com alemães. Então ela preservou muito a cultura dela, ela cozinha coisas do Brasil, ela se veste muito como brasileira ainda, né? Que no Brasil é saltinho, maquiagem e tudo... E... e eu já estou totalmente... alemã, eu penso assim, quando eu olho pra ela (...). E... Eu não sei, eu acho, ela... ela ficou muito mais brasileira mesmo morando aqui do que... do que eu, sabe? Eu não sei... Não sei se é um problema de personalidade, que é fácil então cê ser influenciável por outra pessoa. Não sei, mas eu me sinto feliz assim, como se eu tivesse agregado mais coisa e conhecido mais coisa... e eu acho que qualquer agora país que eu morasse, mesmo eu sendo brasileira, tendo os meus gostos, os meus temperos, as minhas coisas, eu ia sempre querer aprender e fazer sempre mais e agregar assim as coisas, né?

Anita mantém traços de uma identidade brasileira inscritos discursivamente em nosso imaginário e associados ao feminino, sobretudo ao corpo e à beleza da brasileira. Conforme visto nas interpretações dos processos identitários conduzidos em Portugal, a identidade nacional brasileira tende a ser feminizada e junto com a feminização são atribuídas características relacionadas ao corpo e a sexualidade. Ainda que, diferentemente de Portugal, o erotismo não seja abordado na maioria das narrativas de identidades colhidas na Alemanha,

como também não aparece na narrativa de **Gabriela**, a corporificação de uma identidade feminina associada à vaidade ao corpo e a aparência é uma característica associada ao brasileiro por intermédio do comportamento de **Anita**, do qual **Gabriela** se afasta sem julgá-lo abertamente, com afirmações avaliativa, mas sem deixar de avaliá-lo sutilmente por meio de processos mentais e de valores presumidos.

Entre os tipos de avaliação acionados, predominam as avaliações por valores presumidos, sendo as avaliações feitas por meio de afirmações avaliativas presentes sobretudo nos momentos de maior tensão, nos quais a narradora balança em seu equilíbrio instável do entre-lugar em que fala. Mais conforme ao projeto dramático, que gira em torno da manutenção do equilíbrio, a avaliação por valores presumidos tende a ser menos direta e, portanto, a ter um potencial menor de contribuir para o desequilíbrio do que as afirmações avaliativas, algumas delas muito fortes e outras minimizadas com uso de modalizadores.

A estratégia do “equilíbrio de antagonismos” acionada no processo de (re)construção identitária por **Gabriela** requer movimentos lentos, que não gerem desequilíbrio de onde não se possa mais recuperar a estabilidade. Nesse sentido, os modalizadores são constantemente acionados pela narradora de formas diversas, algumas delas inusitadas. O uso constante dos marcadores discursivos “assim” e “né?”, por mais difícil que seja enquadrá-los diante de sua multifuncionalidade, têm, no texto em foco, frequentemente uma função modalizadora. Também a prosódia, as pausas da narração, indicadas por reticências nas transcrição, desempenham muitas vezes um papel modalizador, que ameniza avaliações feitas ou interrompem uma escalada no conflito, permitindo o retorno à “instável estabilidade”.

A modalização é usada por Gabriela, desde o início, ao tentar construir uma proximidade com a Alemanha e seus costumes: *a própria cultura... esse negócio de fazer... fazer muito bolo, de fazer bolachinha no Natal, assim, muita coisa, a gente ainda tinha preservado assim, né?* Aqui, em um enunciado de algumas poucas palavras, a narradora tenta a aproximação lenta, cuidadosa, sem um comprometimento alto, com elementos que serão acionados depois em toda a narrativa e que a trarão de volta do conflito para o equilíbrio instável em alguns momentos. Os marcadores discursivos “assim”, utilizados duas vezes, e “né?” modalizam essa aproximação que não pode ser categórica quando a narradora narra de um entre-lugar. As reticências que indicam pausa para reflexão marcam também esse cuidado no movimento de aproximação, emprestam à narrativa um ritmo processual e lento, que volta a ser marcado logo depois com o uso repetido do marcador discursivo “assim”, do marcador discursivo “né?”. E

com o inusitado uso de locução com gerúndio como modalizador de um processo que enfraquece a aproximação não categórica tentado nos primeiros movimentos:

Acho que as primeiras duas semanas a gente não tem muita dimensão do que é, né? Depois assim, que a gente vai vendo que as coisas que a as coisas que agente cozinha é difícil de achar. Assim, a coisa bem básica do dia a dia assim, aprender a contar o dinheiro diferente. Aos poucos a gente vai vendo que a gente não tá mais em casa, assim, vai ficando bem claro, né?

Além de “assim”, usado quatro vezes no trecho acima, e de “né?”, usado duas vezes, ambos com função modalizadora epistêmica de baixo grau de comprometimento, o uso do gerúndio empresta um ritmo gradual à narrativa, que também pode ser interpretado como narração, como parte da estratégia de equilíbrio que será revelada depois. A narradora não **vê** repentinamente que não está mais em casa, não **vê** que as bolachinhas de Natal que ela fazia no Brasil terão que ser feitas na Alemanha de outra forma, ela **vai vendo**, aliás, “**a gente vai vendo**”, com o uso de um ator social generalizado (a gente) que apenas reforça o baixo grau epistêmico de comprometimento, feito em uma descrição suave que desemboca surpreendentemente no episódio mais reportável: no pânico que não vai chegando, modalizadamente, mas que irrompe categoricamente na narrativa.

Ainda com processo mentais, adjetivos, verbos e advérbios modais a narradora reforça seus afastamentos de posições antagônicas e aproximações de soluções conciliatórias, modalizando epistemicamente avaliações sobre atores coletivos e individuais representados em sua narrativa. É assim, que ela diz que a Alemanha “**não era uma coisa totalmente desconhecida**”, um pouco antes de contar sobre as bolachinhas de Natal feitas ainda no Brasil. O uso de verbos modais se associa muito a avaliações positivas que fecham trechos em que são narradas dificuldades, como em “**Graças a Deus hoje eu posso dizer também assim que eu gosto, que tá tudo bem, porque no começo essas barreiras, que nem tudo foram coisas boas**”. É com “**eu posso dizer também assim**” que a narradora termina o relato sobre suas primeiras dificuldades e deixa suspeitar o leitor mais atento que ou não está tudo bem, ou o estar tudo bem é antes uma situação bastante instável e transitória que um estado consolidado. É essa instabilidade o que indica a modalização epistêmica de baixo grau de comprometimento marcada por um verbo modal e pelas lexias “também” e “assim”.

Os processos mentais são talvez tão frequentes quanto os marcadores discursivos “assim” e “né?”, e atuam também no ritmo cuidadoso dado aos movimentos de aproximação e afastamento, sobretudo nas avaliações que caracterizam alguns atores sociais apresentados.

Voltando a **Anita**, que é para esse intérprete um elemento chave para a compreensão da narrativa de **Gabriela** como uma narração de (re)construção identitária, o cuidado na avaliação por valores presumidos e na representação dessa personagem é feito também por modalizadores tanto gramaticais – como o advérbio “às vezes” (“**A Anita às vezes é meio insegura**”) –, como lexicais – como o uso de processos mentais (“**Mas eu acho**”, “**Porque eu noto**”, “**eu penso assim**”) e mais uma vez dos marcadores textuais “assim” e “né?”. O cuidado em não romper com nenhum dos dois lados que busca equilibrar é ainda mais forte quando **Gabriela** está avaliando atores sociais coletivos ou individuais que representam o “nós” da narrativa identitária e que chegam a dividir com ela o protagonismo nos momentos de maior tensão.

Embora os modalizadores sirvam na maioria dos casos para a construção do “equilíbrio de antagonismos”, é certo que a instabilidade é uma característica inerente a esta construção. Nos momentos de maior instabilidade, nos quais o equilíbrio é ameaçado e o conflito toma a cena, os modalizadores são deixados de lado, e o que Fairclough considera modalizações categóricas ganha força e destaque, como acontece em dois grandes momentos de tensão realizados nas afirmações “**os alemães são maus**” e “**eles são um povo egoísta**”. Mesmo que indiretamente modalizadas, a primeira por se tratar de um relato de fala e a segunda por ser seguida de um riso, as afirmações aparecem diretamente ao leitor como categóricas e só a interpretação mais profunda permite ver mesmo aí a modalização epistêmica de médio grau de comprometimento, feita de forma bastante sutil, quase imperceptível.

Este último excerto (“**eles são um povo egoísta**”), que considero a mais forte afirmativa do texto e talvez o momento mais acirrado do conflito antagônico, é seguido necessariamente de um modalizador inusitado, acionada pela narradora para impedir a ruptura, que já havia lhe custado uma crise de pânico, e iniciar o retorno ao equilíbrio instável. O impacto dramático da afirmação avaliativa categoricamente modalizada “**eles são um povo egoísta**”, associado ao seu potencial de ruptura, leva a narradora a concluir essa avaliação com um riso, seguido de uma pausa. Riso e pausa são claramente para esse intérprete modalizadores epistêmicos de baixo grau de comprometimento: com eles a narradora se afasta da avaliação bastante impactante que acabara de fazer.

No excerto anterior (“**os alemães são maus**”), há um relato de fala que me permite um breve parágrafo sobre o uso da intertextualidade na narrativa de Gabriela. Embora pouco frequente na narrativa, a intertextualidade aparece de forma clara em relatos diretos de fala, em momentos de extrema tensão ou de avaliação claramente negativa, nos quais atribuir voz a uma personagem pode ter o efeito de retirar da narradora um juízo de valor parcial, pois a

personagem representada fala por si mesma. A narradora usa o relato direto de fala sobretudo para caracterizar a personagem coletiva individualmente representada “os alemães” nos momentos de maior tensão, como em *“Não tem Kleingeld? Eu preciso de moeda”, “por que você não traz Kleingeld?”*, que traz a voz traduzida de uma mulher alemã, ou em *“Scheiß egal, diese Ausländer kommen und wissen nicht was sie machen, und...”*, em que a voz trazida sequer é traduzida, o que tem o efeito de reforçar o teor conflituoso da ação. O tom da narrativa, que não aparece na transcrição, precisa também ser mencionado por marcar muito o conflito. Em ambos os casos, as vozes relatadas são feitas em tom áspero, sobretudo no trecho sem tradução. Mas o relato direto de fala também aparece, ao menos uma vez, na caracterização de uma personagem vinculada a “os brasileiros”, quando a suposta ignorância de uma brasileira é caricaturizada pela narradora: *“Ah o ‘profeito’ mandou eu escrever que as coisas são orgânicas porque é tudo do meu quintal, eu não boto veneno em nada”*. Em ambos os casos o relato direto dramatiza o ato narrado. Como a avaliação por pressupostos presentes nos relatos é clara, mesmo que no caso das vozes alemã o tom da narração seja fundamental para perceber a avaliação negativa do ator social representado, a reprodução da fala pode ter a pretensão de tornar a avaliação objetiva e não um juízo de valor.

A interdiscursividade por relato indireto livre e por pressuposição, mais sutis e fugidias à interpretação, também aparece nas representações de atores sociais e marca certo distanciamento da narradora no momento das críticas mais fortes. Ela usa o relato indireto livre, por exemplo, ao iniciar novo distanciamento dos “alemães”, descrevendo aspectos negativos de sua experiência no país: *“mas a imagem negativa é que tudo que é alemão é bom. Tudo aqui é melhor”*. Nesse caso a autora traz para seu texto vozes externas sem nenhuma indicação disso, caracterizando o relato indireto livre e, por meio dele, diminuindo seu grau de comprometimento com a avaliação subjacente.

A pressuposição é mais acionada nas críticas aos hábitos que caracterizariam “o brasileiro”, neste caso melhor dizer “a brasileira”: *“Ela se veste muito como brasileira, né? Que no Brasil é saltinho, maquiagem e tudo...”*. Para ter efeito, a pressuposição necessita de um compartilhamento de textos inscritos em nossa memória cultural, pode, por exemplo, ser acompanhada da expressão “você sabe, né?”, pois se refere a um texto que a narradora pressupõe de conhecimento compartilhado pela entrevistadora, não importando para a interpretação se esse conhecimento compartilhado realmente se verifica. Texto aqui é entendido em seu sentido amplo e, neste exemplo, refere-se sobretudo ao texto imagético sobre a vaidade das mulheres brasileiras, desenhada no relato por meio da escolha de roupas e outros acessórios estéticos. Apesar de relevante, não há novos sentidos no uso da intertextualidade, mas o reforço

significativo das mesmas estratégias colocadas em marcha com outros recursos narrativos e discursivos.

Relendo minhas interpretações sobre a narrativa de **Gabriela**, percebi uma lacuna importante na interpretação, de uma ideia que esteve sempre em minhas articulações, mas que em nenhum momento foi contada ao leitor. Venho usando (espero que não abusando) nesta interpretação da ideia de “equilíbrio de antagonismo” tomada emprestada à interpretação de Ricardo Benzaquen de Araújo sobre *Casa-Grande e Senzala*, tendo ela se tornado para mim a chave interpretativa para a narrativa em foco. Sem ser minha intenção, mas por não ter ainda dito o contrário, corri o risco de reificar o “antagonismo” do equilíbrio almejado, como se ele existisse prévia e independentemente à narração de **Gabriela**, e apenas a busca do equilíbrio fosse invenção de sua narrativa, mas não é essa ideia que me moveu. Tanto quanto o equilíbrio, o antagonismo da narrativa é (re)criado por **Gabriela** ao narrar.

Talvez o antagonismo esteja mais vinculado ao discurso e à memória cultural – embora também esteja vinculado à narrativa e à memória comunicativa –, ao passo que o “equilíbrio de antagonismos” talvez esteja mais vinculado à narrativa e à memória comunicativa – embora também esteja vinculado ao discurso e à memória cultural. Sendo assim, foi mais imediata a interpretação do equilíbrio do que do antagonismo como construção narrativa, espero estar aqui me redimindo: ambos são construções narrativas e, ainda que o antagonismo possa estar mais “naturalizado” no imaginário, ambos estão vinculados a um imaginário discursivamente construído e presente em nossa memória cultural compartilhada e narrativamente acionada pela memória comunicativa.

Com a interpretação das avaliações, a construção narrativa dos antagonismos foi tangenciada, mas não foi direta e intensivamente tematizada, como o foi a estratégia do “equilíbrio”. Com a interpretação do uso de modalizadores, que seguiu a interpretação das avaliações, foi reforçado o papel do “equilíbrio de antagonismos” como chave interpretativa, neste caso por não mostrarem predominantemente as modalizações a (re)construção de atores sociais antagônicos, mas antes as estratégias usadas durante as ações de voltadas ao equilíbrio. As ocorrências de interdiscursividade presentes no texto são talvez mais propícias para ressaltar a (re)construção narrativa de um antagonismo discursivamente inscrito em nossa memória cultural e reinventado por **Gabriela** em sua narração.

Comprar as coisas na feira. Ver os artesanatos, assim, aqui também tem essas coisas, mas o Brasil é muito rico em cultura, assim, de... de... é muita coisa pros olhos verem, assim, pra cheirar, pra provar.

(...)

A gente tem muito pra mudar ainda. Justamente por ter morado num lugar em que as coisas funcionam muito bem, que... que... que... a gente às vezes quando já tá num lugar da Europa que não é que nem a Alemanha, já nota, sabe? E quando a gente for pro Brasil, também. A... O “jeitinho” brasileiro, né? De achar que tudo dá pra dar um jeitinho, que aqui não tem. A imagem que eu tenho do Brasil, olha, é muito bonito. A natureza que a gente tem, a riqueza de cultura, tudo eu gosto. Mas também tem aquele negócio, se não correr atrás do prejuízo, né? (pausa) Tem que correr atrás do prejuízo.

Os discursos acionados que caracterizam o Brasil são o da riqueza e diversidade cultural, da natureza e da cordialidade e sentimentalismo por um lado, e do atraso e do “jeitinho”, por outro lado. No caso da construção de uma identidade alemã, são acionados os discursos da inteligência e eficácia de aspectos ligados à racionalidade:

As pessoas são bem instruídas, educadas. Mesmo que... que... que a resposta às vezes vem muito... muito grossa, as pessoas sabem o que é educação, elas sabem, elas têm muito conhecimento, assim, acho que a escola aqui é muito boa, a gente nota assim que elas são bem cabeça e pensa bem mais adiante que a nossa.

Mas também servem de base para o contraste, um imaginário discursivo sobre a rudeza e frieza no trato com as pessoas: *“eu tenho a impressão que eles não gostam de pessoas, brasileiro gosta de pessoas, o brasileiro é feliz.*

A interdiscursividade serve de pano de fundo as outras estratégias narrativas e discursivas adotadas, pois é ela que atua mais diretamente no plano metanarrativo que se tentou aqui descortinar. É sobre os discursos presentes em nossa memória cultural que a narradora constrói seu texto usando da intertextualidade, de modalizadores, avaliando, ordenando-os lógica e cronologicamente para retirá-los do caos e nos contar uma história.

Parte III Como terminar?

Considerações finais

Me resulta difícil contar el resto de esta historia. Ni siquiera sé si se le puede llamar historia a esto. ¿Es posible definir como historia esta constante acumulación y disociación... de elementos...? (Witold Grombowicz)

Como disse na introdução a esta tese, neste desfecho recupero algumas interpretações das narrativas colhidas em Portugal e na Alemanha, como forma de identificar o peso de diferentes alteridades na (re)construção discursiva de identidades de imigrantes brasileiros/as nesses dois países e também de retomar algumas reflexões centrais desta tese.

Contudo, antes de voltar às interpretações concentradas na segunda parte da tese, ressalto que minhas perguntas geradoras não foram feitas no sentido de saber “se” imigrantes (re)constroem suas identidades em termos de nação durante a experiência migratória. Não parti dessa pseudo-dúvida, seguida da formulação de uma tese de que “sim”, imigrantes (re)constroem suas identidades em termos de nação durante a experiência migratória. As perguntas foram formulada em torno do “como” isso acontece e não de “se” isso acontece. A assunção da existência desses processos de (re)construção identitária foi um ponto de partida baseado em experiência prévia e isso não é o mesmo que uma hipótese. Na formulação das perguntas e das respostas encontradas após a pesquisa e as interpretações, continuo concordando com Claudia Barcellos (2009) que a identificação subjetiva em termos de pertencimento nacional tende a ser ressaltada quando o sujeito está na posição de estrangeiro; a experiência de viver em outro país tende a reforçar a dimensão contrastiva da identidade nacional.

Ao fim, posso acrescentar que se estou seguro de que um processo de (re)construção identitária ocorre durante a migração, não posso afirmar que ela sempre ocorre em termos de nação. Pelo contrário, suspeito que não, pois há um número considerável de variáveis históricas, culturais e psicológicas que podem sim levar a processos de identificação que não passem pelo pertencimento nacional, mesmo em um processo de imigração, mesmo em nosso mundo contemporâneo ainda tão definido pela ideia de pertencimento nacional, apesar de todas as múltiplas identidades “pós-modernas” possíveis. A própria seleção das entrevistas com que trabalhei, ou melhor, a própria exclusão das entrevistas com as quais não trabalhei, revela a existência dessas possibilidades, não exploradas nesta tese. As entrevistas excluídas o foram, em sua grande maioria, por não revelarem a este intérprete processos de (re)construção de

identidades fundados centralmente no pertencimento nacional. Mas, como se diz, a gente só encontra o que procura. Só há (algumas) respostas nesta tese para as perguntas feitas nesta tese. E as perguntas feitas, reforço, dizem respeito a como se explicam os horizontes de possibilidades, as fronteiras imaginadas por esses/as migrantes dentro desse caso específico de encontro intercultural com alteridades surgidas no processo de imigração e como elas agem na (re)construção de identidades.

Espero que as respostas encontradas possam estar certas no contexto histórico em que foram formuladas e que, quando se mostrarem equivocadas, possam servir de orientação para serem superadas. Em resumo, creio poder dizer que responderia à pergunta geradora da pesquisa que, se tanto em Portugal quanto na Alemanha elementos da memória cultural acionados são semelhantes e se vinculam a uma identidade nacional brasileira discursivamente fundada na mestiçagem e na cordialidade, as narrativas construídas pela memória cultural sofrem também o impacto do presente e há diferenças sensíveis nas estratégias narradas e nas formas como a memória cultural fundada no discurso é manejada narrativamente pela memória comunicativa. A narrativa é, então, influenciada pelo discurso, assim como a memória comunicativa pela memória cultural, mas ambas aquelas, narrativa e memória comunicativa, operam uma imperceptível mudança no discurso e na memória cultural. Na Alemanha a diferença entre “nós” e “eles” é mais clara, e as estratégias de aproximação são narradas como estratégias individuais entre “eu” e “eles”. Em Portugal, as ambivalências entre alteridade e identidade são mais profundas e, sobretudo, aproximações são majoritariamente movimentos coletivos entre “nós” e “eles”. Com essas respostas, concordo mais uma vez com Barcellos quando afirma que, “se há um imaginário acerca do que significa ser brasileiro, ele é manipulado com alguma variação pelas pessoas, que constroem assim um sentido de pertencimento à nação de modo não tipificado, com características individuais” (Barcellos, 2009: 76).

Em termos de pertencimento nacional, o que busquei ressaltar em minhas interpretações, é que a (re)construção narrativa de identidades por imigrantes brasileiros/as vivendo na Alemanha, quando ocorre nesses termos, se constrói em dois sentidos complementares. Funda-se em elementos discursivos de uma memória cultural compartilhada por esses/as imigrantes, mas aciona elementos narrativos de uma memória comunicativa que se relaciona ao contexto migratório específico. Assim, se há semelhanças nos processos de identificação de brasileiros/as em Portugal e na Alemanha, há também diferenças. Essas, creio, são mais interessantes quando se está buscando o papel das alteridades na constituição de identidades.

Nas narrativas de brasileiros/as na Alemanha, vimos a (re)construção de identidade fundamentalmente a partir de contrastes, como nas descrições de “viva, feliz, musical, gostosa”, sobre uma identidade brasileira, em oposição a uma germanidade, que seria “morta, triste, silenciosa e insípida”. Argumentei que esse trecho da narrativa de **Andreia** passa como um filme que conta parte da história do Brasil-nação diante de olhos acostumados a ouvir sobre a narrativa mestra da construção discursiva hegemônica sobre uma identidade brasileira. Na esteira de Lilia Schwarcz (1994), propus que os valores manifestos em sua superfície mais imediata encontram fundamentos na constituição de uma identidade brasileira construída com as representações da mestiçagem e da malandragem, que se tornou também traço dessa identidade brasileira mestiça, plástica, adaptável.

Continuando com as (re)construções de **Andreia** vimos que aos sentidos positivos *viva, feliz, musicalidade, gostosa* se associam por interpretação contextualizada os sentidos negativos *hierarquização irracional e autoritarismo*. Aos alemães, além dos sentidos negativos extraídos por oposição, *morta, triste, silenciosa e insípida*, podem ser associados os sentidos positivos *racionalidade e abertura*, o que sem dúvida se vincula também ao processo de construção identitária acionado no Brasil e inscrito em nossa memória cultural, mas pode ter ainda vínculos com as situações experimentadas na Alemanha, onde se vivencia também o processo de construções de identidades alemãs, especialmente ambíguo e conflituoso.

Na interpretação da narrativa de **Carlito**, destaquei o esforço de caracterização do narrador como um “brasileiro típico”, sendo a miscigenação expressa pela indefinição da cor da pele, a marca realçada nessa caracterização física da personagem. A caracterização do narrador, desenhada ao longo da narrativa, é atrelada a elementos que remetem à marca da miscigenação. Ao longo da história, o narrador assume uma personalidade extrovertida, aberta e solta, uma personalidade “malandra”. A miscigenação, marca da brasilidade, em contraste com sua ascendência alemã é várias vezes abordada. O narrador filia-se ao grupo dos brasileiros e, ao revelar sua adscrição, pode desenvolver seus conflitos internos com a personagem antagonista da narrativa, os alemães, acionando elementos de contrastes semelhantes aos acionados por **Andreia**. Definidos os papéis de protagonismo e antagonismo, o conflito dramático, a caracterização dos espaços, as personagens coletivas e a persona do narrador nos revelam, ao longo de sua narrativa, parte significativa dos tropos de (re)construção de identidades brasileiras presentes nas demais narrativas de imigrantes entrevistados/as na Alemanha. Movendo-se entre os pares xenofilia-autofobia e xenofobia-autofilia, **Carlito** aciona, pela memória comunicativa, elementos comuns a uma memória cultural compartilhada com seus/suas conterrâneos/as brasileiros/as.

No primeiro momento da interpretação do conjunto de narrativas colhidas na Alemanha, tentei mapear um campo discursivo de construção de identidades nacionais cercado por tensões e ambiguidades dos processos identitários, construídos em narrativas que se movem entre o par xenofilia-autofobia e o seu oposto xenofobia-autofilia. Seguindo essa trilha interpretativa, tomei a narrativa de **Gabriela** como objeto de interpretação mais detalhada das tensões e ambiguidades das (re)construções de identidades operadas nas narrativas colhidas. Parti da ideia de que, para sujeitos informados por um discurso de identidade nacional que se fundamenta em características de plasticidade, tolerância, abertura ao outro e vários outros predicados associados à miscigenação, a (re)construção identitária marcada pela experiência da imigração pode levar ao paradoxo que marca parte das tensões nas narrativas da Alemanha, sobretudo na narrativa de **Gabriela**.

Tentei desenvolver a pista seguida argumentando que, se acreditamos que somos marcados pela plasticidade e pela miscigenação, em uma análise lógica, no processo migratório, poderíamos tender a nos moldar à sociedade de acolhimento, deixando de ser brasileiros/as e, dependendo de como é vista a sociedade de acolhimento, deixando de ser flexíveis. É claro que isso não ocorre como em um silogismo lógico assim tão simples e, justamente porque isso não ocorre, podem começar a nos incomodar as ambiguidades de nossos próprios discursos identitários. Lembrei ainda que embora identidades sejam sempre ambíguas, há também sempre um esforço para apresentá-las como coerentes, esforço muitas vezes feito narrativamente. Esse esforço narrativo de **Gabriela** e as emoções que dele surgem revelam e são revelados pelas tensões desenvolvidas nas novas relações sociais construídas no contexto de imigração.

O paradoxo da plasticidade se mostra na narrativa de **Gabriela** em afirmações como: *Às vezes eu acho que eu não sou mais, eu não posso dizer que eu sou cem por cento brasileira, porque eu adotei muitas coisas, muitas coisas mesmo dentro de casa.* A “miscigenação” inscrita na memória cultural brasileira passa antes por um imaginário em que identidades se encontram e se perpetuam ao se miscigenarem, que pela assimilação de um elemento pelo outro ou pelo enfrentamento revolucionário. A miscigenação inscrita em nosso imaginário comum é conciliadora. Visto por esse lado, a plasticidade inscrita no discurso de uma identidade brasileira, e acionada na vontade de pertencimento de nossa narradora, revelada durante toda a narrativa, não pode ser bem sucedida com a mímica, estratégia de (re)construção de identidades inicialmente acionada por **Gabriela**. A mímica, nos termos de Bhabha (1998), implica em transformar-se no outro e, ao mesmo tempo, contra o outro, não em transformar-se com o outro. Deixar de ser cem por cento brasileira não conduz a protagonista à apaziguação de conflitos com os antagonistas que serão construídos em sua narrativa, nem a leva à assunção positiva

desses enfrentamentos. É a busca de equilíbrio, de todo não alcançado, e não a transformação no outro ou contra o outro, que marca as estratégias acionadas para a tentativa de resolução do conflito dramático. É a busca de equilíbrio, dentro do conflito, entre os papéis protagonistas e antagonistas que marca o processo de identificação da narradora. Protagonistas e antagonistas são outra vez construídos por **Gabriela** com os mesmos elementos de contraste acionados em outras narrativas colhidas na Alemanha, quando ela afirma que *“brasileiro é sentimental, a gente não fala na cara das pessoas as coisas. E eles falam. É um jeito tão estúpido de tratar as pessoas”*.

A narradora divide parcialmente com “os brasileiros” o protagonismo da história na medida em que se identifica com eles, mas assume a centralidade no protagonismo na medida em que os supera em seus próprios termos, posicionando-se em um “entre-lugar” entre “os brasileiros” e o antagonista “os alemães”, absorvendo mesmo do antagonista o que ele tem de bom, mas mantendo os aspectos positivos de sua “identidade originária”. Esse posicionamento no entre-lugar marca a mudança de estratégia da “mímica” para o que chamo de “equilíbrio de antagonismos”.

Sempre instável e ameaçado, o “equilíbrio de antagonismos” é mais uma meta do que uma conquista, sendo que é enfatizado que a instabilidade se deve sobretudo ao caráter da personagem antagonista: *“Mas eles às vezes têm muito pouca paciência, eles precisam muito da gente, e eles não são nem... nem um pouco gratos, as coisas que a gente ajuda eles.”* Em movimentos como esse, de conflito direto, a narradora se afasta como grupo do antagonista sempre tomado também como grupo. Contudo, em outros movimentos, **Gabriela** se distancia do grupo “os brasileiros” e assume características de personalidade (ausência de vaidade) e não apenas de hábitos (costumes culinários) da personagem coletiva “os alemães”, aproximando-se como indivíduo do grupo que exerce, na maior parte das vezes, o papel de antagonismo. A narradora não é rude como “os alemães”, mas sim sentimental como “os brasileiros”. Contudo, não é mais vaidosa (ou fútil) como “os brasileiros”, pois aprendeu a se preocupar com *“coisas mais importantes”* como “os alemães”.

Sobre esses movimentos em busca do equilíbrio, argumento que é em meio a esses “processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (Bhabha, 1998: 20), que **Gabriela** tenta encontrar a coerência necessária para a reconstrução identitária marcada pelo “equilíbrio de antagonismos”. A estratégia, tão familiar aos contextos de invenção de uma nacionalidade brasileira no início do século passado, tem que ser ressignificada pela narradora no contexto da migração, em um posicionamento de negociação de valores culturais e de

“experiências intersubjetivas e coletivas de nação” (Bhabha, 1998: 20), que marca os entre-lugares.

Lembro com Ricardo Benzaquen de Araújo (2009: 10) que o “equilíbrio de antagonismos freyreano” em nenhuma de suas acepções busca um “ponto intermediário entre polos extremos, em condições de reduzi-los ou neutralizá-los”, o que considero valer também para a ideia de entre-lugar adaptada de Bhabha: o entre-lugar não é o meio, mas sim um espaço de tensões e ambivalências e/ou de ambiguidades no qual se move a narradora em seu projeto de (re)construção identitária. Isso não significa que o equilíbrio seja abandonado como meta, mas é um equilíbrio sempre instável, pois não visa a síntese, nem um outro terceiro, nem em um “eu-estereotipado” que não existia no contexto anterior. O equilíbrio instável de antagonismo pode ser entendido como uma negociação constante entre os pares xenofilia-autofobia e xenofobia-autofilia, enquanto a alterrepresentação madura seria a situação de equilíbrio estável que não chega a ocorrer.

Os movimentos de afastamentos e aproximações identitárias de **Gabriela** são muitas vezes construídos com o uso de representação de atores sociais feitas, sobretudo por ativação, predominando *ativação por papéis gramaticais participantes em estruturas transitivas* e a *ativação por meio de determinação por assimilação*, por meio de *categorização por funcionalização* e por meio de *generalizações*. Enquanto as ativações são usadas frequentemente na construção do perfil do narrador, a generalizações estão muitas vezes ligadas a movimentos de avaliação, o que pode ser entendido pela estratégia de “equilíbrio de antagonismos” utilizada na resolução das tensões do conflito dramático. Ao avaliar, a narradora o faz genericamente. Ao generalizar, a narradora alivia a carga de comprometimento pessoal na tensão dividindo seu comportamento, ou o comportamento conflitivo com toda a humanidade.

Muitas vezes vinculado à representação de atores sociais, o uso de avaliações é a categoria discursiva mais frequente no texto de **Gabriela**. As avaliações feitas têm predominantemente a função de comparação de atores sociais presentes no texto e são fundamentais para os movimentos de aproximação e afastamento identitários que **Gabriela** constrói em relação a esses atores, quase sempre inseridos na história como ponto de referência para a (re)construção identitária da própria narradora. **Gabriela** avalia tanto diretamente, lançando mão tanto de afirmações avaliativas, quanto sutilmente, usando de processos mentais e valores presumidos.

Entre os tipos de avaliação acionados, predominam as avaliações por valores presumidos, sendo as avaliações feitas por meio de afirmações avaliativas presentes sobretudo nos momentos de maior tensão, nos quais a narradora balança em seu equilíbrio instável do entre-lugar de onde fala. Mais conforme ao projeto dramático, que gira em torno da manutenção do equilíbrio, a avaliação por valores presumidos tende a ser menos direta e, portanto, a ter um potencial menor de contribuir para o desequilíbrio do que as afirmações avaliativas, algumas delas muito fortes e outras minimizadas com uso de modalizadores.

A estratégia do “equilíbrio de antagonismos” acionada no processos de (re)construção identitária por **Gabriela** requer movimentos lentos, que não gerem desequilíbrio de onde não se possa mais recuperar a estabilidade. Nesse sentido, os modalizadores são constantemente acionados pela narradora de formas diversas, algumas delas inusitadas. O uso constante dos marcadores discursivos “assim” e “né?”, por mais difícil que seja enquadrá-los diante de sua multifuncionalidade, têm, no texto em foco, frequentemente uma função modalizadora. Também a prosódia, as pausas da narração, indicadas por reticências nas transcrição, desempenham muitas vezes um papel modalizador, que ameniza avaliações feitas ou interrompem uma escalada no conflito, permitindo o retorno à “instável estabilidade”.

Embora os modalizadores sirvam na maioria dos casos para a construção do “equilíbrio de antagonismos”, é certo que a instabilidade é uma característica inerente a esta construção. Nos momentos de maior instabilidade, nos quais o equilíbrio é ameaçado e o conflito toma a cena, os modalizadores são deixados de lado e modalizações categóricas ganham força e destaque, como acontece em dois grandes momentos de tensão realizados nas afirmações “*os alemães são maus*” e “*eles são um povo egoísta*”.

Com a interpretação das avaliações, a construção narrativa dos antagonismos foi tangenciada, mas não foi direta e intensivamente tematizada, como o foi a estratégia do “equilíbrio”. Com a interpretação do uso de modalizadores, que seguiu a interpretação das avaliações, foi reforçado o papel do “equilíbrio de antagonismos” como chave interpretativa, neste caso pelo fato de as modalizações não mostrarem predominantemente a (re)construção de atores sociais antagonônicos, mas antes as estratégias usadas durante as ações de antagonismo.

Sobre as narrativas da Alemanha, o que gostaria de ressaltar nessa tentativa de conclusão é que os antagonismos mais evidentes são construído sobre estereótipos de identidades e comportamentos vinculados a pertencimentos nacionais. Experiências que confirmam os estereótipos são reforçadas, e experiências que os negam são relegadas ao lugar de exceções. Os alemães são estúpidos, os brasileiros felizes; os alemães não gostam de pessoas, os

brasileiros sim; os alemães não são generosos, os brasileiros sim. Os alemães são racionais, os brasileiros emotivos, os alemães são organizados, os brasileiros não; os alemães são densos, os brasileiros fúteis. As (re)construções identitárias são feitas pela adscrição a um desses blocos de características, ou, de forma mais complexa, a uma seleção de elementos de cada um desses blocos que não perturba a organicidade de cada grupo. A instabilidade e ambiguidades narradas são compreendidas como processos individuais e não colocam em dúvida características que definem e essencializam os dois grupos em contraste. Quando isso é feito, como por exemplo, no caso da narrativa de **Gabriela**, soluções surpreendentes são encontradas – como, no exemplo citado, subdividir os alemães em dois grupos, possibilitando atribuir características essencialmente positivas a um dos subgrupos, no caso os alemães orientais, entre os quais a narradora fez amigos/as e se sentiu em alguns momentos acolhida.

Retomando as interpretações feitas sobre as narrativas colhidas em Portugal, vimos que além da esperada comparação entre brasileiros/as e portugueses/as são marcantes as diferenças e conflitos entre brasileiros/as e brasileiros/as. A interpretação das entrevistas de Portugal revela uma pluralidade de antagonismos e alianças que tornaram bastante complexa a tentativa de traçar um mapa com campos de possibilidades das (re)construções identitárias semelhante ao que foi feito para o contexto alemão. Destaquei então as marcas mais evidentes dos processos identitários desenvolvidos no contraste entre brasileiros/as e portugueses/as e entre os/as brasileiros/as. No primeiro caso, se manifestam as questões de pertencimento nacional, as questões de raça e de gênero de forma imediatamente relacionada à nacionalidade. No segundo caso, por um lado, a classe social desempenha um papel essencial nas estratégias de posicionamento na nova sociedade promovendo uma “escala de imigração” na qual alguns/mas brasileiros/as são “mais imigrantes” que outros/as. Por outro lado, a identidade nacional promove a percepção das semelhanças acima das classes em contraste com portugueses/as. Esse segundo movimento é ainda complicado quando a própria nacionalidade serve de aproximação a uma identidade portuguesa vista como matriz de uma identidade brasileira.

Dos múltiplos caminhos de (re)construção de identidades compreendidos por meio da interpretação das narrativas sobre Portugal, destaquei caminhos como os tomados por **Elton** e **Fabrcio**, que passam pela aproximação com brasileiros/as dos/das quais se sentem próximos notadamente por marcadores de classe. Aqui são reproduzidas divisões trazidas do Brasil e simbolicamente reforçadas em Portugal, ao serem objeto de reflexão constante da memória comunicativa usada na (re)elaboração de identidades migrantes. Da mesma forma, a (re)construção identitária de **Joana** segue as marcas dos recortes internos à população brasileira

pelo pertencimento de classe, mas nesse caso também por questões de gênero, que dialogam, classe e gênero, com as construções identitárias vinculadas à nacionalidade.

Nessas três narrativas, a imigração qualificada, sobretudo a imigração com propósitos de formação científico-acadêmica, é representada como uma não-imigração. Considero que se pode argumentar que a característica que permite assim representá-la é a temporalidade que a caracterizaria. Contra-argumento, contudo, que, se essa fosse a característica determinante para as construções narrativas que diferenciam entre “imigrantes” e “não-imigrantes”, essas construções não deveriam marcar a narrativa de brasileiros/as como **Elton**, doutorando em Lisboa, mas com a intenção manifesta de permanecer em Portugal após o doutorado, por tempo indeterminado. De outra perspectiva, se o projeto pessoal de permanecer por dois ou três anos e retornar exercesse o papel central na construção narrativa de diferença entre “imigrantes” e “não-imigrantes” entre os/as brasileiros/as, em muitas outras narrativas deveria aparecer o fato de ter-se tornado imigrante apenas após a percepção de que os planos de retorno deveriam ser constantemente adiados. Ainda complementarmente, se o tempo de permanência fosse critério para a diferenciação, **Fabrcio** talvez não se descrevesse com características de um “não-imigrante”. O que marca de forma mais forte e determinante a distinção não é o tempo que se pretende ficar, nem o tempo que de fato se fica, mas sim a vinculação ao exercício do trabalho não qualificado e ao projeto de ganhar dinheiro; em outras palavras, o discurso que marca a distinção narrativa é o discurso de pertencimento de classe.

Argumento ainda que, em uma população imigrante que pode ser homogeneizada pelo olhar externo segundo estereótipos vinculados à nacionalidade brasileira, reforçados no contexto migratório em Portugal pelo lusotropicalismo como elemento de uma memória cultural parcialmente compartilhada (Castelo, 1998; Almeida, 2000, 2007), os recortes de classe expressos em capital cultural por meio de *habitus*, gosto ou formação intelectual (Bourdieu 1989, 2007) podem ser um caminho de negação tanto dos estereótipos negativos associados à representação discursiva do imigrante, quanto, no caso de brasileiros/as, aos estereótipos que vinculam estes nacionais ao comportamento afetivo às vezes exagerado em detrimento de competências racionais e do desenvolvimento intelectual.

Os recortes de classe a dividir brasileiros/as em Portugal são expressos narrativamente antes por marcadores simbólico-culturais do que por bens materiais. Contudo, os marcadores simbólicos se sustentam claramente nas relações materiais de trabalho, pois imigrante é aquele/a que vai para Portugal em busca de trabalho e de melhores condições de vida, é, portanto, o/a trabalhador/a. Não-imigrante é o que vai para Portugal cultivar o espírito, seja

academicamente, ou por meio de seu novo “estilo de vida”, por sua competência social para “gozar a Europa”. Por meio destes recortes, brasileiros/as da classe média brasileira que não mais encontram bons empregos como ocorria no início do fluxo migratório contemporâneo do Brasil para Portugal tentam, narrativamente, se afastar dos estereótipos de pobreza vinculados à imigração em larga escala e de alguns estereótipos da nacionalidade brasileira, embora aqui operem também com a ambivalência dos estereótipos, acionados ou incorporados quando se apresentam como vantajosos.

Na interseccionalidade com classe e raça, o gênero desempenha ainda um papel extremamente relevante nas narrativas de identidade das colaboradoras mulheres, que se deparam com a “marca da prostituição” associada à imigração brasileira em Portugal, reforçada pela mídia e vinculada à nacionalidade brasileira por meio de elementos discursivos que compõe o lusotropicalismo, ainda bastante vivo nas construções identitárias portuguesas fortemente vinculadas a uma imagem do “Brasil construído por Portugal” (Castelo, 1998; Almeida, 2000, 2007). As brasileiras (re)constróem suas identidades dentro de um campo discursivo de relações de gênero, no qual atuam também imaginários e estereótipos de raça e de classe. Aí elas se movem ao terem que se resolver com os assédios e representações fortemente marcadas pelo corpo e por um suposto comportamento aberto que as caracterizaria tanto cultural quanto racialmente. Em seus processos de identificação, essas mulheres não apenas sofrem com os estereótipos, mas agem com eles, ou contra eles, reforçando-os ou subvertendo-os em suas estratégias de (re)construção de identidades.

Se as afirmações de identidades brasileiras em Portugal são feitas a partir de recortes operados dentro do próprio grupo “população brasileira”, elas se dão também e concomitantemente a partir das relações de identidade e diferença com a população nativa, com portugueses e portuguesas. Marcadas por afastamentos e aproximações, as identidades brasileiras são (re)construídas no “jogo de espelhos” e se funda em elementos de uma memória cultural compartilhada com portugueses/as, devido ao passado colonial, e reinventadas no contexto migratório contemporâneo. Aos pares de opostos calor-frieza, abertura-fechamento, emoção-razão etc., repetidos em outros contextos da imigração brasileira, incluída a Alemanha, é acrescido, no contexto da imigração brasileira em Portugal, um complicador: no discurso hegemônico sobre uma identidade nacional brasileira marcada pela miscigenação e pela cordialidade, o português desempenha um papel de protagonismo. Nesse discurso, teria sido a plasticidade que caracterizaria o português que engendrou o/a brasileiro/a. Na memória cultural compartilhada, sem a plasticidade do português, não haveria a alegria do brasileiro. Essa contradição em si aparece de forma muito clara se compararmos narrativas, mas aparece

também no interior de cada narrativa, nas quais, muitas vezes, o “outro” português é, além de “outro”, a origem do “nós” brasileiros/as.

Na narrativa de **Bruno**, essa contradição é clara em sua percepção de “*relação conflituosa e dúbia que tem dos portugueses com os imigrantes das ex-colônias*”, relação construída ainda sobre parâmetros coloniais. Relação que se faz a partir da violência do colonizador, violência que é relativamente minimizada quando exercida sobre brasileiros/as em comparação com o trato dispensado a imigrantes das ex-colônias africanas. A violência das representações coloniais é experimentada por **Bruno** de forma tão intensa e clara que, mesmo nas relações amistosas estabelecidas com portugueses/as ele a percebe como uma “exceção”, construindo uma imagem-força bastante eloquente sobre processos subjetivos de (re)construção identitária carregados pelas marcas de uma memória cultural fundada na violência da colonização. Construída sobre a crítica ao caráter português, essencializado por meio de suas relações pós-coloniais, marcada seja pela violência, pelo apagamento do outro ou mesmo pela ideia de exceção, que, embora construída em um contexto de aproximação, não deixa de ser violenta, a (re)construção identitária de **Bruno** é marcada pela reafirmação de suas características, atribuídas tanto a aquisições individuais, como sua alta qualificação profissional, como por características de uma identidade coletiva da qual em nenhum momento se desvincula, a brasileira.

A (re)afirmação de identidade no processo de identificação experimentado por **Bruno** em seu enfrentamento com o português no contexto claramente interpretado como pós-colonial, além de reforçar sua estratégia de confronto aberto às hierarquias construída no cenário hodierno entre metrópole e ex-colônias, reforçam também o meu argumento sobre a variedade e a complexidade de processos de identificação multifacetados, dos elementos complicados de um processo já em si complexo de (re)construção identitária em um contexto migratório, quando esse contexto envolve relações com um outro ambíguo por estar presente na construção discursiva do “nós”. Diferente de relações coloniais tardias, ou mesmo de relações coloniais modernas, em que a representação do “nós” foi construída frente ao posicionamento do colonizador como o “outro”, a identidade brasileira não foi construída frente a construção do português como alteridade, pelo contrário o português foi discursivamente incorporado ao “nós” nas narrativas mestras da nação brasileira.

Sabemos que as respostas obtidas na primeira metade do século XX e que constituiriam as narrativas mestras da “brasilidade” incorporaram o elemento português como fundante da identidade nacional. Esse “nó identitário” prenhe de ambivalências pode ser encontrado

inclusive em um projeto de identificação tão sólido teoricamente e tão politicamente refletido como o de **Bruno**, que constrói a representação negativa de uma identidade portuguesa fundada na violência colonial e a representação positiva de uma identidade brasileira marcada pela miscigenação, sem levantar considerações de se tratarem ambas as representações de dois lados de uma mesma moeda, de serem construídas sobre processos históricos violentos que, na construção discursiva de uma identidade brasileira mestiça, foram tornados ambivalentes, emprestando positividade a estupro e violações de toda sorte.

Por fim, para tentar caracterizar um pouco mais e melhor o quadro de possibilidades múltiplas de (re)construções identitárias a partir de alteridades que se constroem internamente à população brasileira e da construção de continuidades e diferenças entre portugueses/as e brasileiros/as, trabalho com a interpretação detalhada da narrativa de **Fabrício**, na qual pululam identidades e alteridades entre brasileiros/as e entre brasileiros/as e portugueses/as.

Fabrício começa a (re)construir sua identidade dando ênfase à mudança e essa escolha não é tão óbvia quanto pode parecer. Na narrativa alemã, **Gabriela** escolhe começar sua construção identitária por uma narrativa de “retorno as raízes”; **Fabrício**, ao contrário, escolhe começar pelo fim, pelo que é hoje e não pelo que sempre foi. Esses movimentos iniciais tem grande peso nas diferentes estratégias de (re)construção identitária empreendidas, e estas diferenças se relacionam também com os diferentes contextos migratórios a que estão vinculadas. Para **Fabrício**, a mudança é um dado de onde se parte, é uma questão resolvida que não será primordial nos conflitos que aparecem na história. Na narrativa alemã, as mudanças são afirmadas apenas na trama da narrativa e o seu manejo está diretamente relacionado aos conflitos.

A (re)construção identitária de **Fabrício** será marcada pela tentativa de desvinculação de uma identidade de imigrante representada em um discurso no qual seus sujeitos são ligados a uma experiência histórica marcada por dificuldades, à busca de melhores oportunidades materiais e a um lugar de subalternidade nas relações sociais, tanto no país de origem quanto no país de destino. **Fabrício** não percebe assim sua posição no contexto migratório, ao menos não inicialmente e também não essencialmente. Se ele se encontra em posições subalternas em alguns momentos, isso é narrado como uma eventualidade logo superada. A subalternidade negada por **Fabrício** aparece nas entrelinhas das raras e tensas relações estabelecidas com portugueses/as e no desejo manifesto por **Fabrício** de construir laços de proximidade com esse grupo, algo ainda não realizado após dez anos de imigração. Por outro lado, a superação de uma possível posição de subalternidade é alcançada pelos recortes de classe operados pelo narrador

ao descrever suas relações sociais com brasileiros/as em Lisboa. Tento interpretar as movimentações do narrador nesses dois eixos de (re)construções identitárias que se interseccionam a partir do uso da metáfora do “jogo de espelhos”. Entre as múltiplas identidades refletidas nesse jogo de espelhos estão, de um dos lados, as relações de antagonismo com os/as portugueses/as; de outro lado, os recortes de classe entre brasileiros/as; de outro lado, a identificação com uma brasilidade acima das classes que nos diferencia de portugueses/as; de outro lado, a assunção da matriz ibérica dessa brasilidade que, de forma ambivalente, também nos une aos portugueses. **Fabrizio** afirma que nunca foi tão brasileiro, mas também que ele já se sente meio português. Longe de ser uma incompatibilidade, essa ambivalência é bastante esclarecedora sobre a complexidade dos processos de identificação acionados por brasileiros/as em Portugal, pois revela seus múltiplos sentidos, sejam as ambivalentes representações e jogos e alteridades e identidades nas relações entre brasileiros/as e portugueses/as ou as contraditórias relações de identidade e diferença entre brasileiros/as eles/as mesmos/as, revelando, para **Fabrizio**, o que nos une e o que nos separa dos/as portugueses/as e de nós mesmos/as.

Por um lado, se a diferenciação e divisão entre brasileiros/as por pertencimento de classe é construída pelo narrador de forma clara, há ambivalentemente na migração a possibilidade discursiva de reforço de identidades que nos unem, apesar de nossas diferenças e essas possibilidades discursivas são acionadas pelo narrador em confronto com as diferenças, de classe que realça. Se ele se sente antes ligado a uma brasilidade diferenciada pelo pertencimento de classe, também nos conta que em Lisboa “*a gente se descobre nesse sentido, cara, que tem algo mais que nos une, que é essa brasilidade, né, esse sentimento de pertencer a alguma coisa é importante, essa brasilidade*”. Essa “brasilidade” acima das classes, aqui anunciada mas não descrita, é o que nos une nas imagens de **Fabrizio**. Por outro lado, se representações coloniais servem para a construção de diferenças entre brasileiros/as e portugueses/as, elas servem também para a construção de aproximações narrativas fundadas em elementos discursivos de uma memória cultural compartilhada, que torna portugueses/as “fundadores/as” de identidades brasileiras que informam as (re)construções identitárias de alguns brasileiros/as em Portugal, como no caso de **Fabrizio**.

São essas aproximações que marcam a (re)construção identitária de **Fabrizio**. É a interpretação de que somos tão iguais, quase os mesmos, que tornam tensas as imagens refletidas no jogo de espelhos que contradiz essas aproximações identitárias, e a maior contradição é, talvez, a não integração, que só pode ser interpretada e compreendida como uma questão individual, pois estruturalmente não seria possível que identidades tão próximas não conseguissem se entender, até a língua promoveria o entendimento.

O discurso de uma identidade compartilhada que faz com que imigrar para Portugal seja “*relativamente diferente de imigrar para outro país*” não revela suas ambivalências e apaga seu efeito reverso que age nas tensões de processos de identificação de brasileiros/as em Portugal, tornando-os relativamente mais complexos do que processos de (re)construção de identidades alhures. As imagens refletidas em um jogo de espelhos são múltiplas, confusas, contraditórias e ambivalentes, formam um emaranhado de representações com a qual brasileiros/as imigrantes, diferenciados ou não, têm de trabalhar para ressignificar suas vidas além-mar.

O “jogo de espelho” deixa suas marcas também nas categorias de representação de atores sociais mais acionadas por **Fabício**. Se a interpretação da narrativa de **Gabriela** nos leva a um campo de contrastes no qual há de um lado os/as brasileiros/as e do outro os/as alemães/ãs e no entre-lugar entre esses polos a narradora, que se posiciona aí individualmente e não como pertencente a um novo grupo que categoriza ao se identificar, no caso da narrativa de **Fabício**, o cenário do conflito dramático é mais complexo: não há brasileiros/as de um lado, portugueses/as de outro e o narrador posicionado individualmente no entre-lugar. Há brasileiros/as, brasileiros/as diferenciados, brasileiros/as do povo, portugueses/as, tucas, Portugal e Brasil, imigrantes, europeus, vários grupos e todos eles precisam ser categorizados, o que o narrador faz quase sempre por *identificação*, posicionando-se sempre em um grupo. Quando essas múltiplas identidades se aproximam ou se afastam, elas são representadas como identidades de grupos.

No caso de **Gabriela**, os afastamentos e aproximações são feitos, por um lado, também entre grupos, quando a narradora se assimila aos/às brasileiros/as e se afasta dos/as alemães/ãs, mas, por outro lado, nos sentidos opostos, quando a narradora se afasta dos/as brasileiros/as e se aproxima dos/as alemães/ãs, ela se posiciona individualmente, (re)construindo sua identidade por meio de processos entendidos e narrados como processos idiossincráticos que a colocam na posição do entre-lugar, pois nesses momentos, se ela não se vê mais no grupo de origem, tampouco consegue integrar-se plenamente ao grupo “acolhedor”. **Fabício** pertence sempre a um grupo, seu conflito dramático poderia ser resumido como a constituição desses grupos. **Gabriela** em alguns momentos não pertence mais a nenhum grupo e seu conflito dramático se vincula a esse posicionamento no entre-lugar, que será interpretado com o auxílio da ideia de “equilíbrio de antagonismos”.

Espero que, ao retomar de forma conjunta – e em grande parte textualmente – momentos centrais das interpretações antes feitas de forma isolada para os contextos de Portugal e da

Alemanha, possa realçar nessas considerações finais a resposta à pergunta geradora de todo esse empreendimento que levou cinco anos para chegar a termo. Ficando à espera de uma resposta durante quase toda a minha narrativa, após ter sido mencionada em seu início, a pergunta que me trouxe até aqui teve que ser retomada no início dessas considerações finais, já acompanhada de uma resposta possível. Após retomar as interpretações desenvolvidas na segunda parte dessa tese, volto outra vez à pergunta e resposta encontrada. Sobre a pergunta, considero que ela continua aberta, pois as respostas possíveis são infundáveis; sobre a resposta, espero que ela contenha em si ao menos um pouco dessa verdade temporária, histórica, contextualizada e ideologicamente marcada da qual podemos nos acercar.

Então, como se explicam os horizontes de possibilidades, as fronteiras imaginadas por esses/as migrantes que entrevistei dentro desse caso específico de encontro intercultural com alteridades surgidas no processo de imigração e como elas agem na (re)construção de identidades?

Resposta: se, por um lado, os processos de (re)construções identitárias desses imigrantes se fundam em elementos discursivos de uma memória cultural compartilhada, por outro lado eles se moldam a contextos migratórios específicos e são construídos narrativamente pela memória comunicativa que retira seus elementos tanto da memória cultural compartilhada quanto do contexto imediato em que é narrada, ao mesmo tempo acionando e transformando a memória cultural. Nos contextos específicos interpretados, na Alemanha a diferença entre “nós” e “eles” é mais unívoca nas representações acionadas nas narrativas, o que permite que o pertencimento nacional e sua descrição a partir de estereótipos ancorados na cultura e na história sejam assumidos como a fronteira que nos separa e identifica. As estratégias de aproximação, quando acionadas, são narradas como estratégias individuais entre “eu” e “eles”, entre a brasileira que incorpora hábitos de valores dos alemães, mas a aproximação não é nunca realizada entre os dois grupos como um todo.

Em Portugal, em um contexto de relações pós-coloniais e do peso expressivo da população brasileira na paisagem cultural contemporânea, as ambivalências entre alteridade e identidade são mais profundas, e aproximações são majoritariamente movimentos coletivos entre “nós” e “eles”. Aqui os dois grupos não são representados como grupos apenas pelas diferenças, mas também pela identidade. Quando se representam semelhanças, estas não são apenas entre o/a narrador/a que se tornou semelhante aos/às portugueses/as, elas são semelhanças que unem brasileiros/as e portugueses/as em uma identidade compartilhada, ressalvadas as diferenças. Em outros movimentos complementares, as diferenças internas à

população brasileira assumem um peso central nos processos de identificação interpretados em Portugal. Diferenças abertamente marcadas pela classe e pelo gênero e subliminarmente marcadas pela raça ganham uma centralidade que não possuem na narrativas selecionadas para a Alemanha, não que elas não existam além-Reno, apenas não exercem aí peso equivalente ao papel da alteridade alemã na (re)construção de identidades brasileiras como ocorre em Portugal.

Corpus documental

A – Oral:

10 entrevistas com imigrantes brasileiros/as na Alemanha realizadas em 2006 e 2011, conforme o quadro abaixo:

Colaborador/a	DURACÃO	ANO
AB	1h11'51"	2006
EW	2h50'10"	2006
MC	1h27'15"	2006
MJ	1h21'42"	2006
RM	1h15'11"	2006
AG	1h24'14"	2011
TS	0h56'20"	2011
NI	0h54'11"	2011
MS	2h01'21"	2011
RE	0h54'06"	2011
TOTAL	14h16'21"	-----

09 entrevistas realizadas com imigrantes brasileiros/as em Portugal, conforme quadro abaixo:

Colaborador/a	DURACÃO	ANO
AM	0h37'01"	2012
CA	0h40'03"	2012
EL	0h44'00"	2012
FE	0h57'10"	2012
GU	1h12'07"	2013
MA	1h04'29"	2013
ME	0h52'40"	2013
MT	1h18'01"	2013
MY	0h44'35"	2013
TOTAL	08h10'06"	-----

B – Escrito:

ABA – Associação Brasileira de Antropologia. *Apreciação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) sobre a nova proposta de lei de migrações*, 2014.

BRD – BUNDESREPUBLIK DEUTSCHLAND. *Staatsangehörigkeitsgesetz*, 22. Juli 1913

BRD – BUNDESREPUBLIK DEUTSCHLAND. *Zuwanderungsgesetz*, 30. Juli 2004.

CBL – Casa do Brasil em Lisboa. *A segunda vaga de imigração brasileira para Portugal (1998-2003). Estudo de opinião a imigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal – Informação estatística e elementos de análise*. Lisboa: CBL, 2004.

DESTATIS – Statistisches Bundesamt. *Bevölkerung und Erwerbstätigkeit: Ausländische Bevölkerung, Ergebnisse des Ausländerzentralregisters 2005*. Wiesbaden, 2006.

DESTATIS – Statistisches Bundesamt. *Bevölkerung und Erwerbstätigkeit: Ausländische Bevölkerung, Ergebnisse des Ausländerzentralregisters 2006*. Wiesbaden, 2007.

DESTATIS – Statistisches Bundesamt. *Bevölkerung und Erwerbstätigkeit: Ausländische Bevölkerung, Ergebnisse des Ausländerzentralregisters 2007*. Wiesbaden, 2008.

DESTATIS – Statistisches Bundesamt. *Bevölkerung und Erwerbstätigkeit: Ausländische Bevölkerung, Ergebnisse des Ausländerzentralregisters 2008*. Wiesbaden, 2009.

DESTATIS – Statistisches Bundesamt. *Bevölkerung und Erwerbstätigkeit: Ausländische Bevölkerung, Ergebnisse des Ausländerzentralregisters 2009*. Wiesbaden, 2010.

DESTATIS – Statistisches Bundesamt. *Bevölkerung und Erwerbstätigkeit: Ausländische Bevölkerung, Ergebnisse des Ausländerzentralregisters 2010*. Wiesbaden, 2011.

DESTATIS – Statistisches Bundesamt. *Bevölkerung und Erwerbstätigkeit: Ausländische Bevölkerung, Ergebnisse des Ausländerzentralregisters 2011*. Wiesbaden, 2012.

DESTATIS – Statistisches Bundesamt. *Bevölkerung und Erwerbstätigkeit: Ausländische Bevölkerung, Ergebnisse des Ausländerzentralregisters 2012*. Wiesbaden, 2013.

DESTATIS – Statistisches Bundesamt. *Bevölkerung und Erwerbstätigkeit: Ausländische Bevölkerung, Ergebnisse des Ausländerzentralregisters 2013*. Wiesbaden, 2014.

GEB – Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido. *Imigrantes brasileiras no mundo*. Londres, 2013

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: 2011.

INE – Instituto Nacional de Estatística. *Anuário Estatístico de Portugal*, Lisboa, 2009.

INE – Instituto Nacional de Estatística. *Anuário Estatístico de Portugal*, Lisboa, 2010.

INE – Instituto Nacional de Estatística. *Anuário Estatístico de Portugal*, Lisboa, 2011.

INE – Instituto Nacional de Estatística. *Anuário Estatístico de Portugal*, Lisboa, 2012.

INE – Instituto Nacional de Estatística. *Anuário Estatístico de Portugal*, Lisboa, 2013.

INE – Instituto Nacional de Estatística de Portugal. *Estatísticas Demográficas*, Lisboa, 2012.

IOM – International Organization for Migration. *Perfil migratório do Brasil*, 2009.

IOM – International Organization for Migration. *Informe sobre las migraciones en el mundo*, Ginebra: 2010.

IOM – International Organization for Migration. *Informe sobre las migraciones en el mundo*, Ginebra: 2011.

IOM – International Organization for Migration. *Informe sobre las migraciones en el mundo*, Ginebra: 2013.

IOM – International Organization for Migration. *World Migration Report*, Ginebra: 2000.

IOM – International Organization for Migration. *World Migration Report*, Ginebra: 2003.

MRE – Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Brasileiros no Mundo: Estimativas*. 2008.

MRE – Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Brasileiros no Mundo: Estimativas*. 2009.

MRE – Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Brasileiros no Mundo: Estimativas*. 2011.

MRE – Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Brasileiros no Mundo: Estimativas*. 2012.

OECD – Organisation for Economic Co-operation and Development. *International Migration Outlook*, 2013.

OI/ACIDI – Observatório da Imigração do Alto Comissariado para a Integração e o Diálogo Intercultural. Compilações estatísticas disponíveis em www.oi.acidi.gov.pt.

PORTUGAL. Lei 23 de 04 de julho de 2007.

PORTUGAL. Decreto 40 de 19 de setembro de 2003.

PORTUGAL. Decreto-Lei 04 de 10 de janeiro de 2001.

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Relatório Estatístico. Portugal: 2000.

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Relatório Estatístico. Portugal: 2001.

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Relatório Estatístico. Portugal: 2002.

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Relatório Estatístico. Portugal: 2005.

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Relatório Estatístico. Portugal: 2006.

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Relatório Estatístico. Portugal: 2007.

C – Base de dados Online:

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. *Programa Ciências sem Fronteiras*. 2014

<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/estatisticas-e-indicadores>

<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/dados-chamadas-graduacao-sanduiche>

<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>

Data de acesso: 26/06/2014

CLANDESTINO – Database on irregular migration: <http://irregular-migration.net/>

GENESIS ONLINE-DATENBANK. (STATISTISCHES BUNDESAMT) https://www-genesis.destatis.de/genesis/online/data.jsessionid=52482AAF4ED6E26EB498D952219DF2E8.tomcat_GO_1_2?operation=begriffsRecherche&suchanweisung_language=de&suchanweisung=Ausl%C3%A4nderstatistik&x=9&y=8. Data do último acesso: 20/10/2014.

Bibliografia

ABRAMS, Lynn. Oral history theory. London: Routledge, 2010.

AIKANT, Satish. Varieties of nationalism: culture and resistance in the Indian English novel. In: VIJAYASREE, Chaganti et al. (Eds.). *Nation in imagination. Essays on nationalism, sub-nationalisms, and narration*. Hyderabad: Orient Longman, 2007.

ALBERTI, Verena. Além das versões: Possibilidades para além da construção do passado, *XIIIth International Oral History Conference "Memory and globalization"* Rome: pp. 23-26, 2004. www.cpdoc.fgv.br/Producao_intelectual/htm/tp_download.htm.

ALBERTI, Verena. História Oral na Alemanha, Rio de Janeiro: CPDOC, 1996. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/Producao_intelectual/htm/tp_download.htm.

ALBERTI, Verena. Indivíduo e biografia na história oral, Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Em: http://www.cpdoc.fgv.br/Producao_intelectual/htm/tp_download.htm.

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia, Rio de Janeiro: CPDOC, 1991. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/Producao_intelectual/htm/tp_download.htm.

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral, em *Anais eletrônicos do Simpósio Nacional de História* João Pessoa: ANPUH-PB, 2003a. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/Producao_intelectual/htm/tp_download.htm.

ALBERTI, Verena. O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral, Rio de Janeiro: CPDOC, 2003b. Em: www.cpdoc.fgv.br/Producao_intelectual/htm/tp_download.htm.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Experiência: uma fissura no silêncio. Em: *Territórios e fronteiras*, v.3, n. 1, p.61-75, 2002.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ALMEIDA, Gisele Maria Riberio de. A integração dos imigrantes brasileiros na França. *Travessia. Revista do Migrante*, nº 72. São Paulo: CEM, janeiro-junho 2013a, p.19-30

ALMEIDA, Gisele Maria Riberio de. *Au revoir, Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2013.

ALMEIDA, Gisele Maria Riberio de. Circulação estudantil e imigração brasileira na França. In: BAENINGER, Rosana (org.). *Migração internacional*. Campinas: NEPO/Unicamp, 2013b.

ALMEIDA, Gisele Maria Riberio de. Os brasileiros na França. *Revista Ideias*, nº 2, IFCH, UNICAMP, 2011, p. 43-57

ALMEIDA, Miguel Vale de; BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela. *Trânsitos coloniais: diálogos críticos Luso-Brasileiros*. Campinas: Unicamp, 2007.

ALMEIDA, Miguel Vale de. O Atlântico pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso lusófono. In: ALMEIDA, Miguel Vale; BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela. *Trânsitos coloniais: diálogos críticos Luso-Brasileiros*. Campinas: Unicamp, 2007.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Um mar cor da terra: "raça", cultura e política da identidade*. Oeiras: Celta Editora, 2000.

ALVES, Clara Ferreira. O Brasil a ir embora: O Brasil a ir embora Um país que decide prescindir de imigrantes é um país empobrecido. Em *Jornal Expresso*. Lisboa, 13 de agosto de 2013.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

AMORIM, Marina Alves. *Para Além de partidas e de chegadas: migração e imaginário entre o Brasil e a França na contemporaneidade*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Die Erfindung der Nation: zur Karriere eines folgenreichen Konzepts*. Frankfurt am Main: Campus Verlag, 1988.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities. Reflexions on the origin and spread of nationalism*. London: Verso, 2002.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz. Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 50*. São Paulo: Editora 34, 1994.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. Chuvas de verão. “Antagonismos em equilíbrio” em Casa-Grande & Senzala de Gilberto Freyre. Em: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (orgs.). *Um enigma chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. De Criciúma para o mundo. Os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. Em: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Gênero e Redes Sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui. . . estar lá uma cartografia da vida entre os Estados Unidos e o Brasil - Textos NEPO 41*. Campinas: NEPO/Unicamp, 2002.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres imigrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migrações internacionais. Em: *Revista Estudos Feministas*, v. 15, 2007, p. 745-772.

ASSMANN, Aleida 2006. Memory, individual and collective. In: GOODIN, Robert; TILLY, Charles. *The Oxford handbook of contextual political analysis*. New York: Oxford University Press: 2006.

ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Eds.). *A companion to cultural memory studies*. Berlin: De Gruyter, 2010.

ASSMANN, Jan. *Das kulturelle Gedächtnis: Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*. München: Beck, 1992.

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. Casamento e migração internacional: notas a partir de uma etnografia sobre relacionamentos afetivos entre brasileiras(os) e holandeses(as). Em: PADILLA, Beatriz et al. (orgs.). *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Lisboa, 2012.

BACZKO, Bronislaw. Immaginazione Sociale. In: ROMANO, Ruggiero (Ed.) *Enciclopédia Einaudi*, vol. 7 (imitazione – istituzione). Torino: Einaudi, 1979.

- BAENINGER, Rosana (org.). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-NEPO/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.
- BAENINGER, Rosana e PATARRA, Neide Lopes. Migrações Internacionais, Globalização e Blocos de Integração Econômica – Brasil no Mercosul. Texto apresentado no *Congresso da Associação Latino Americana de População*, ALAP, Minas Gerais, 2004
- BAENINGER, Rosana. Brasileiros na América Latina: o que revela o projeto IMILA/CELADE. Em: CASTRO, Mary Garcia (org.). *Migrações internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001.
- BAENINGER, Rosana; PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. EM: PATARRA, Neide Lopes (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 2005.
- BAGANHA, Maria Ioannis. The Lusophone Migratory System: Patterns and Trends. In: *International Migration*, vol. 47 (3), 2009, 6-20
- BAHIA, Joana. Brasileiros em Berlim: sociabilidades e identidades em construção. Em: ZANINI, Maria Catarina; PÓVOA NETO, Helion; SANTOS, Miriam (Org.). *Migrações Internacionais. Valores, capitais e práticas em deslocamento*. Santa Maria: Editora UFSM, 2013a.
- BAHIA, Joana. De Miguel Couto a Berlim. A presença do candomblé em terras alemãs. Em: PEREIRA, Glória Maria Santiago; PEREIRA, José de Ribamar Sousa (orgs.) *Migração e globalização: um olhar interdisciplinar*. Curitiba: CRV, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press, 1994.
- BAL, Mieke. Close Reading today. From Narratology to cultural analysis. In: GRÜNZWEIG, Walter; SOLBACH, A. *Grenzüberschreitungen: Narratologie im Kontext*. Tübingen: Gunter Narr, 1999.
- BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BALAKRISHNAN, Gopal. A imaginação nacional. Em: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. *Rasse, Klasse, Nation, ambivalente Identitäten*. Hamburger: Argument Verlag, 1990.
- BAMBERG, Michael, Identity and Narration. In: HÜHN, Peter; PIER, John; SCHMID, WOLF; SCHÖNERT, Jörg. *Handbook of narratology*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2009.
- BAMBERG, Michael (ed.). *Oral versions of personal experience. Three decades of narrative analysis*. A special issue of *the Journal of Narrative and Life History*. 1997.
- BARKOWSKI, Hans. „Bilder von Königen“. Fremdsprachenunterricht und die Begegnung von Kulturen. Conferência plenária realizada em Córdoba/Argentina, 2006. Disponível em: http://www.uni-jena.de/unijenamedia/ba_203_BildervonKoenigen_1.pdf
- BARTH, Frederick. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. Em: Poutignat, Philippe e Streiff-Fenart, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, pp 185-227, 1998.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

- BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. Em: PATARRA, Neide Lopes (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 2005.
- BAYNHAM, Mike & DE FINA, Anna (Eds.). *Dislocations/relocations. Narratives of displacement*. Manchester, UK Northampton, MA: St. Jerome Pub., 2005.
- BENEVIDES, Maria Victoria. Cidadania e Direitos Humanos. Disponível em <http://www.iea.usp.br/iea/textos/>, s.d.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia, técnica e arte*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. Sérgio Buarque e Cassiano Ricardo: confrontos sobre a cultura e o Estado brasileiro. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; VANGELISTA, Chiara (Orgs.). *Leituras Cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- BESSERA, Bernatede. The invention of Brazil and other metamorphoses in the world of Chicago Samba. In: HOOK, Derek & SIMAI, Szilvia. *Brazilian subjectivity today. Migration, identity and xenophobia*. Vila Maria: Eduvim, 2012.
- BHABHA, Homi. *Nation und Narration*. London/New York: Routledge, 1990.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BILAC, Elisabete Dória. Gênero, família e migrações internacionais. Em: PATARRA, Neide Lopes (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 2005.
- BILLIG, Michael. Critical Discourse Analysis and the rhetoric of critique. In: WODAK, Ruth; WEISS, Gilbert. *Theory and Interdisciplinarity in Critical Discourse Analysis*, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BLOMMAERT, Jan. *Discourse. A critical introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BÓGUS, Lúcia M. e BASSANEZI, Maria Silvia. Brasileiros na Itália: movimentos migratórios e inserção social. *Margem*. Faculdade de Ciências Sociais/PUC-SP, EDUC/FAPESP, vol. 10, pp. 211-227, 1999.
- BÓGUS, Lúcia Maria Machado. Esperança além-mar: Portugal no “arquipélago migratório” brasileiros. Em: MALHEIROS, Jorge Macaísta (org.). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.
- BÓGUS, Lúcia Maria Machado. Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar. Em: PATARRA, Neide Lopes (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 2005.
- BOIA, Lucian. *Pour une histoire de l’imaginaire*. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- BOMFIM, Manuel. *América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (orgs.). *Um enigma chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1989.

- BOURDIEU, Pierre. A distinção. Crítica social do julgamento. São Paulo / Porto Alegre: EDUSP / Zouk, 2007.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. Em: *Cadernos Pagu*, (26), janeiro-junho de 2006. pp.329-376.
- BRETTELL, Caroline. Theorizing Migration in Anthropology. The Social Construction of Networks, Identities, Communities, and Globalscapes. In: BRETTELL, Caroline; HOLLIFIELD, James (Eds.). *Migration theory: talking across disciplines*. New York; London: Routledge, 2008.
- BRETTELL, Caroline; HOLLIFIELD, James (Eds.). *Migration theory: talking across disciplines*. New York; London: Routledge, 2008.
- BROCKMEIER, Jens; CARBAUGH, Donal. *Narrative and Identity. Studies in autobiography, self and culture*. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2001.
- BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrative. Problems and promises of an alternative paradigm. In: BROCKMEIER, Jens; CARBAUGH, Donal. *Narrative and Identity. Studies in autobiography, self and culture*. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2001.
- BRUNER, Jerome. Labov and Waletzky, Thirty Years on. In: BAMBERG, Michael (ed.). *Oral versions of personal experience. Three decades of narrative analysis*. A special issue of *The Journal of Narrative and Life History*, 7, 1997.
- BRUNER, Jerome. *Actos de significado*. Madrid: Alianza, 1998.
- BRUNER, Jerome. Narrative, culture and mind. In: SCHIFFRIN, Deborah; DE FINA, ANNA; NYLUND, Anastasia (Eds.). *Telling stories: language, narrative and social life*. Washington, DC: Georgetown University Press, 2010.
- BRUNER, Jerome. Self-making and world-making. In: BROCKMEIER, Jens; CARBAUGH, Donal. *Narrative and Identity. Studies in autobiography, self and culture*. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2001.
- BRUNER, Jerome. The narrative construction of reality. In: *Critical Inquiry*, vol. 18, n°. 1, 1991, pp. 1-21
- BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Unesp, 2002.
- BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALDAS-COULTHARD, Carmen. *Identity trouble: critical discourse analysis*. New York: Palgrave, 2008.
- CALHOUN, Craig. *Nationalism*. Buckingham: Open University Press, 1997.
- CARNEIRO, Roberto. et al. O futuro da imigração brasileira para Portugal: olhares, perspectivas e interrogações. Em: MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.
- CARVALHO, Flávio et al. (orgs). *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona, 2010.
- CARVALHO, José Alberto Magno de et al. Estimativa dos saldos migratórios internacionais e do número de emigrantes internacionais das grandes regiões do Brasil – 1986/1991 e

- 1991/1996. Em: CASTRO, Mary Garcia (org.). *Migrações Internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001.
- CARVALHO, José Alberto Magno de; CAMPOS, Marden Barbosa de. A variação do saldo migratório internacional do Brasil. Em: *Estudos Avançados*, vol. 20, nº 57, São Paulo, 2006.
- CARVALHO, José Murilo (Org.) Nação e cidadania no Império: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CARVALHO, José Murilo de. Brasil: nações imaginadas. Em: *Pontos e bordados. Escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- CARVALHO, Sheila Abadia Rocha; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Raça e gênero na formação da nação brasileira. Em: *Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil*, Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 2007. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss10_05.pdf. Data de acesso: 04/04/2014.
- CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Edições Afrontamento, 1998.
- CASTLES, Stephen; HANSEN, Peo; SCHIERUP, Carl-Ulrik. *Migrations, citizenship and the European Welfare State. A European Dilemma*. New York: Oxford University Press, 2006.
- CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. *The age of migration. Population movements in the modern world*. New York: The Guildford Press, 1998.
- CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J.; DE HAAS, Hein. *The age of migration. International population movements in the modern world*. New York/Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.
- CASTLES, Stephen; DAVIDSON, Alastair. *Citizenship and migration. Globalization and the politics of belong*. Basingstoke: Macmillan: 2000.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- CASTORIADIS, Cornelius. *O Mundo Fragmentado. As encruzilhadas do Labirinto III*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- CAVALCANTI, Leonardo. (Re)pensando a construção social da categoria imigrante. Reflexões a partir da presença brasileira na Espanha. Em: *Revista Ágora*, v. 13, p. 25-40, 2007.
- CAVALCANTI, Leonardo. A imigração brasileira na Espanha. Mercado de trabalho, globalização e projetos migratórios. Em: PEREIRA, Glória Maria Santiago; PEREIRA, José de Ribamar Sousa. (Orgs.). *Migração e globalização: um olhar interdisciplinar*. Curitiba: EDITORA CRV, 2012.
- CAVALCANTI, Leonardo. Lembrança de emigração e realidade de imigração: O fenômeno migratório na Espanha e a chegada dos brasileiros. Em: *Cadernos CERU (FFLCH/USP)*, São Paulo, v. 15, p. 185-201, 2005.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? Em: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- CHATTERJEE, Partha. *The nation and its fragments: colonial and postcolonial histories*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

- CHILTON, Paul. Missing links in mainstream Critical Discourse Analysis. In: WODAK, Ruth; CHILTON, Paul Anthony. *A new agenda in (critical) discourse analysis. Theory, methodology and interdisciplinarity*. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2005.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COMPARATO, Fábio Konder. Fundamentos dos Direitos Humanos. Texto disponível em <http://www.iea.usp.br/iea/textos/>, em 27/09/2010, 1997.
- CONFINO, Alon. Memory and History of Mentalities. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Eds.). *A companion to cultural memory studies*. Berlin: De Gruyter, 2010.
- CONNOR, Walker. The timelessness of nations. In: *Nations and Nationalism*, 10 (1/2), 2004, 35–47.
- CONNOR, Walker. When is a nation? In: *Ethnics and racial studies*, 13/1 1990, 92-103.
- CONTEL, Fábio Betioli. Aspectos geopolíticos da internacionalização do ensino superior. Em: FEIJÓ, Glauco Vaz; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva (Hrsg.). *Festival de Cores: Dialoge über die portugiesischsprachige Welt*. Calepinus-Verlag: Tübingen, 2007.
- CONTEL, Fábio Betioli; LIMA, Manolita Correia. *Internacionalização da educação superior. Nações ativas, nações passiva e geopolítica do conhecimento*. São Paulo: Alameda; Edusp, 2011.
- CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. Em: *Cadernos Pagu* (6-7), 1996. pp.35-50.
- COSERIU, Eugenio. *Textlinguistik: eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2007.
- COSTA, Paulo Manuel. A legislação de brasileiros em Portugal: a situação dos cidadãos brasileiros. Em: MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.
- CRIBB, Tim. Benedict Anderson revisited. In: VIJAYASREE, Chaganti et al. (Eds.). *Nation in imagination. Essays on nationalism, sub-nationalisms, and narration*. Hyderabad: Orient Longman, 2007.
- CUNHA, Eneida Leal. Comemorações dos descobrimentos: reconfigurações contemporâneas da nacionalidade no Brasil e em Portugal. Em: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- CUNHA, Eneida Leal. *Estampas do Imaginário*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- CUNHA, Eneida Leal. O Brasil no imaginário português. Revista Semar, nº 6, 2002. Disponível em: www.letras.pucio.br/catedra/revista/6Sem_11.html, Data de acesso: 04/04/2014.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DAMATTA, Roberto et alli. (Orgs.) *Cultura das transgressões no Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2008.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
- DAMATTA, Roberto. *O que é o Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DE FINA, Anna. Group Identity. In: DE FINA, Anna; SCHIFFRIN, Deborah; BAMBERG, Michael (Eds.). *Discourse and Identity*. Cambridge: Univ. Press, 2006.
- DE FINA, Anna. *Identity in narrative. A study of immigrant discourse*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Pub. Co., 2003.
- DE FINA, Anna; SCHIFFRIN, Deborah; BAMBERG, Michael (Eds.). *Discourse and Identity*. Cambridge: Univ. Press, 2006.
- DELANTY, Gerard. *Citizenship in a global age. Society, culture, politics*. Buckingham: Open University Press, 2000.
- DELANTY, Gerard; WODAK, Ruth; JONES, Paul. *Identity, Belonging and Migration*. Liverpool: Liverpool University Press, 2008.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary. (Orgs.). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 107-128.
- DUSCHA, Annemarie. Social support activities by a Brazilian women's organisation in Germany and why they matter for social work in a migration context. Em: CARVALHO, Flávio et al. (orgs). *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona, 2010.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia, uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- ELIAS, Norbert. *Studien über die Deutschen: Machtkämpfen und Habitusentwicklung im 19. und 20. Jahrhundert*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.
- ELTIS, David; RICHARDSON, David. *Atlas of the Transatlantic Slave Trade*. New Haven/Londres: Yale University Press, 2010.
- ERDHEIM, Mario. *Psychoanalyse und Unbewußtheit in der Kultur*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.
- ERLL, Astrid. *Memory in culture*. Basingstoke: Palgrave, 2010.
- ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar. *A companion to cultural memory studies*. Berlin: Gruyter, 2010.
- ERLL, Astrid; ROGGENDORF, Simone. Kulturgeschichtliche Narratologie. In: NÜNNING, Ansgar; NÜNNING, Vera. *Neue Ansätze in der Erzähltheorie*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2002.
- EVANS, Yara et al. Brazilians in London: A Report. Em: *Canadian Journal of Latin American & Caribbean Studies*, Vol. 36, No. 71, 2011.
- FAIRCLOUGH, Norman. A dialectical-relational approach to critical discourse analysis in social research. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2009.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse*. London: Routledge, 2003.

- FAIRCLOUGH, Norman. Critical Discourse Analysis in transdisciplinary research. In: WODAK, Ruth; CHILTON, Paul Anthony. *A new agenda in (critical) discourse analysis. Theory, methodology and interdisciplinarity*. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2005.
- FAUSTO, Boris. A interpretação do nazismo, na visão de Norbert Elias, *Mana* 4/1. pp. 141-152, 1998.
- FAZITO, Dimitri. *Reflexões sobre os sistemas de migração internacional: proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários*. Tese de Doutorado, Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- FAZITO, Dimitri. Situação das migrações internacionais do Brasil contemporâneo. Em: *Populações e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais*. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2008.
- FEIJÓ, Glauco Vaz. Aspectos discursivos de (des)construção de identidades nacionais: o depoimento de um brasileiro na Alemanha. In: *Revista Papia*, 2012 [no prelo].
- FEIJÓ, Glauco Vaz. Mundos y mitos en construcción: la reafirmación del ‘ser brasileño’ en una situación de encuentro cultural. In Durán, Juan de Dios Luque & Antonio Pamies Bertrán (eds.). *Interculturalidad y Lenguaje II*. 51-59. Granada: Método, 2007.
- FEIJÓ, Glauco Vaz. Sobre sobrados, mucambos, raízes e rotas: inventando o futuro com histórias do passado. *Revista Intercambio dos Congressos de Humanidades*, 2010. <http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/250/204.pdf>. 23/01/2011.
- FELDMAN, Carol Fleischer. Narratives of national identity as group narratives. In: BROCKMEIER, Jens; CARBAUGH, Donal. *Narrative and Identity. Studies in autobiography, self and culture*. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2001.
- FELDMAN-BIANCO, Bela (org.) *Identities: Global Studies in Culture and Power*, vol. 8, nº4, dez. 2001.
- FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- FELDMAN-BIANCO. Brasileiros em Lisboa, portugueses em São Paulo. Construções do “mesmo” e do “outro”. Em: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Entre a “fortaleza” da Europa e os laços afetivos da “irmandade” luso-brasileira: um drama familiar em um só ato. In: ALMEIDA, Miguel Vale; BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela. *Trânsitos coloniais: diálogos críticos Luso-Brasileiros*. Campinas: Unicamp, 2007.
- FERNANDES, Duval Magalhães (coord.). *Projeto Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral – Relatório final*. MTE/IOM/PUC-MG. Belo Horizonte, 2014.
- FERNANDES, Duval Magalhães; MILESI, Rosita; FARIAS, Andressa. Do Haiti para Brasil: o novo fluxo migratório. Em: *Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, vol. 6, nº 6. Brasília: IMDH/ACNUR, 2011.
- FERNANDES, Duval Magalhães; RIGOTTI, José Irineu Rangel. Os Brasileiros na Europa: notas introdutórias. Em: MRE – Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Brasileiros no Mundo. I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.
- FERNANDES, Duval; MILESI, Rosita; PIMENTA, Bruna; do CARMO, Vanessa. Migração dos haitianos para o Brasil a RN nº 97/2012: uma avaliação preliminar. *Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, vol. 8, nº 8. Brasília: IMDH/ACNUR. 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332.

FERREIRA, Ricardo Hirata. O papel do estado na migração internacional: o exemplo dos decasséguis. Em: *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, nº 94(57), agosto, 2001.

FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. São Paulo: Unesp, 2005

FEYERABEND, Paul. Kuhns 'Struktur wissenschaftlicher Revolutionen'. In: *Der Wissenschaftstheoretische Realismus und die Autorität der Wissenschaft*. Braunschweig; Wiesbaden: Vieweg & Sohn, 1978.

FICHTE, Johann Gottlieb. *Reden an die deutsche Nation*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2008.

FIGUEIREDO IKEN, Isabel. *Integrationsprobleme brasilianischer Frauen in Deutschland*. Magisterarbeit. Universität Köln, 2000.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Soglie: il "luogo terzo" della identità brasiliana. Disponível em: www.siarq.unicamp.br/sbh/produdos_pesquisa.html. s/d. Data de acesso: 01/09/2014.

FIORUCCI, Rodolfo. História e tempo presente: contribuições ao debate. *História Agora*, 11ª.Edição, Dossiê Religiões e Religiosidades no Tempo Presente, vol. 2, 2011, pp. 449-467.

FIRMEZA, George Torquato. *Brasileiros no exterior*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2007.

FLAM, Helena (Hg.). *Migranten in Deutschland: Statistiken, Fakte, Diskurse*. Konstanz: UVK, 2007.

FLEISCHER, Soraia. *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston*. São Paulo: Annablume, 2002.

FLUDERNIK, Monika. Identity/alterity. In: HERMAN, David (Ed.). *The Cambridge companion to narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FOUCALUT, Michael. *A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, proferida em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

FRANÇA, Thais. Excluindo sexo, raça e etnia: mulheres brasileiras trabalhadoras em Portugal. Em: CARVALHO, Flávio et al. (orgs). *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona, 2010.

FRANÇA, Thais. Mulheres Brasileiras na academia portuguesa: rompendo ou perpetuando estereótipos? Em: PADILLA, Beatriz et al. (orgs). *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Lisboa, 2012.

FREITAS, Lucia Gonçalves. *Discurso e identidade em narrativa de migrantes*. Tese de Doutorado, Brasília: UnB, 2008.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Global, 2006b.

FRIESE, Heidrun. Cultural Identities. In: DELANTY, Gerard (Ed.). *Handbook of Contemporary European Social Theory*. London: Routledge, 298-310.

FROBÖSE, Ulrike. Nation, Staat und Staatsbürgerschaft: Deutsche Ein- und Ausschlüsse in historischer Perspektive. In: FLAM, Helena (Hg.) *Migranten in Deutschland. Statistiken – Fakten – Diskurse*. Konstanz: UVK, 2007.

FUSCO, Wilson. Migração e Redes Sociais: a distribuição de brasileiros em outros países e suas estratégias de entrada e permanência. Em: MRE – Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Brasileiros no Mundo. I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.

GALETTI, Roseli. Migrantes estrangeiros no centro de São Paulo. Em: PATARRA, Neide Lopes (coord.) *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1995.

GÄSCHE, Daniel. *Eingereist und abgetaucht*. Illegal in Deutschland. Leipzig: Militzke, 2014.

GEB – Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido. Dossiê Brasileiros em Londres. Em: *Travessia. Revista do Migrante*. Ano XXIII, nº 66, jan./jun., 2010.

GEERTZ, Clifford. Descripción densa: hacia una teoría interpretativa de la cultura. In: *La interpretación de las culturas*, Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

GELLNER, Ernest. *Nation and Nationalism*. New York: Cornell University Press, 1983.

GELLNER, Ernest. *Nationalism*. London: Phoenix, 1997.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small and large identities in narrative (inter)action. In: DE FINA, Anna; SCHIFFRIN, Deborah; BAMBERG, Michael. *Discourse and Identity*. Cambridge: Univ. Press, 2006.

GINZBURG, Carlo. De Aby Warburg a E. H. Gombrich. Notas sobre um problema de método. Em: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. *Il formaggio e i vermi: il cosmo di un mugnaio dell'500*, Torino: Einaudi, 1993.

GÓIS, Pedro; MARQUES, José Carlos; PADILLA, Beatriz; PEIXOTO, João. Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. Em: PADILLA, Beatriz; XAVIER, Maria (orgs.). *Revista Migrações – Migrações entre Portugal e América Latina*, nº 5, outubro, 2009.

GOMES, Mariana Selister. Mulheres Brasileiras em Portugal e imaginários sociais: uma revisão crítica da literatura. Em: *CIES e-Working Papers*, nº 106. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – Instituto Universitário de Lisboa, 2011.

GOUEIA, Carlos A. Critical Discourse Analysis and de development of the new science. In: WODAK, Ruth; WEISS, Gilbert. *Theory and Interdisciplinarity in Critical Discourse Analysis*, New York: Palgrave, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Gefängnishefte*. Kritische Gesamtausgabe, Band 6, Hamburg: Argument Verlag, 1999.

GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cary; TREICHLER, Paula (Ed.) *Cultural Studies*. New York; London: Routledge, 1992.

HALBWACHS, Maurice. *Das Gedächtnis und seine sozialen Bedingungen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.

HALBWACHS, Maurice. *Das kollektive Gedächtnis*. Frankfurt am Main: Fischer 1991.

HALL, Stuart. Cultural Studies and its Theoretical Legacies. In: Grossberg, Lawrence; Nelson, Cary; Treichler, Paula (Ed.) *Cultural Studies*, New York; London: Routledge, 1992.

- HALL, Stuart. Die Frage der kulturellen Identität. In *Rassismus und kulturelle Identität. Ausgewählte Schriften 2*, 180-222. Hamburg: Argument Verlag, 2008.
- HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. Em: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 24, 1996, pp. 68-76.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In Silva, Tomás Tadeu (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*, 103-133. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HALL, Stuart. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart; EVAN, Jessica; NIXON, Sean (eds.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London/ Milton Keynes: Sage/ Open University, 2013a.
- HALL, Stuart. The spectacle of the 'other'. In: HALL, Stuart; EVAN, Jessica; NIXON, Sean (eds.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London/ Milton Keynes: Sage/ Open University, 2013b.
- HALLIDAY, Michael e MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *An introduction to functional grammar*. 3. ed., Oxford, Londres: Arnold, 2004.
- HAN, Petrus. *Soziologie der Migration*. Stuttgart: UTB, 2010.
- HAN, Petrus. *Theorien zur internationalen Migration*. Stuttgart: UTB, 2006.
- HARTH, Dietrich. The invention of cultural memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Eds.). *A companion to cultural memory studies*. Berlin: De Gruyter, 2010.
- HERDER, Johann Gottfried. *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit* (Herder Werk III/1). München/Wien: Carl Hanser Verlag, 2002.
- HERMAN, Luc; VERVAECK, Bart. *Handbook of narrative analysis*. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2005.
- HIRANO, Fábio Yoiti. *O caminho para casa: o retorno dos Dekasseguis*. Textos NEPO, 54. Campinas: 2008
- HOBSBAWM. Eric. *Nações e nacionalismo desde 1970*. São Paulo: Paz e Terra: 2008.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette. Gender and Contemporary U. S. Immigration. *American Behavioral Scientist*, vol. 42, n. 4, pp. 565-576, 1999.
- HÜBNER, Kurt. *Die Wahrheit des Mythos*, München: Beck, 1985.
- HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos*. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.
- IANNI, Octávio. Tipos e mitos do pensamento brasileiro, *Revista brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, nº 49, 2002, pp.5-10.
- JÄGER, Margret et al. *Von deutschen Einzeltätern und ausländischen Banden: Medien und Straftaten; mit Vorschlägen zur Vermeidung diskriminierender Berichterstattung*. Duisburg: DISS, 1998.
- JÄGER, Margret. *Fatale Effekte. Die Kritik am Patriarchat im Einwanderungsdiskurs*. Duisburg: DISS, 1996.

- JÄGER, Siegfried. *Wie kritisch ist die kritische Diskursanalyse? Ansätze zu einer Wende kritischer Wissenschaft*. Duisburg: DISS, 2008.
- JÄGER, Siegfried; JÄGER, Margret. *Deutungskämpfe. Theorie und Praxis kritischer Diskursanalyse*. Wiesbaden: VS Verlag, 2007.
- JÄGER, Siegfried. *Kritische Diskursanalyse: eine Einführung*. Münster: Unrast, 2012.
- JÄGER, Siegfried; MAIER, Florentine. Analysing discourses and dispositives: a Foucauldian approach to theory and methodology. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. *Methods of critical discourse analysis*. 3rd Ed. London: Sage, 2014.
- JENKINS, Richard. *Rethink Ethnicity. Arguments and explorations*. London: Sage, 2008.
- KAHRSCHE, Vania Maria. Perspektive des Lebens der brasilianischen Immigrantinnen in Deutschland. In: BRIESEMEIER, Dietrich; ROUANET, Sérgio Paulo. *Brasilien im Umbruch: Akten des Berliner Brasilien-Kolloquiums vom 20. – 22. September 1995*. Frankfurt am Main: TFM, 1996.
- KAMMEL, Ali. *Não somos racistas. Uma reação aos que querem nos transformar em uma nação bicolor*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- KAWAMURA, Lili. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999.
- KEDOURIE, Elie. *Nationalism* (fourth expanded edition). Oxford: Blackwell, 1993.
- KEMPADOO, Kamala. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. *Cadernos Pagu* (25), julho-dezembro de 2005, pp.55-78.
- KOCH, Ingedore & VILELA, Mário. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.
- KOSER, Khalid. Dimensions and Dynamics of Irregular Migration. *Population, space and place*, 16, p. 181–193, 2010.
- KRESS, Gunther & VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: the Grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.
- KRITZ, Mary M., ZLOTNIK, Hania. Global interactions. Migrations systems, processes and policies. In: KRITZ, Mary; ZLOTNIK, Hania; LIM, Lin Lean (Eds). *International migration systems a global approach*. New York: Oxford University Press, 1992. 1992.
- KRITZ, Mary M.; ZLOTNIK, Hania; LIM, Lin Lean (Eds). *International migration systems a global approach*. Oxford: Clarendon Press, 1992.
- KRZYŻANOWSKI, Michael; WODAK, Ruth. Multiple identities, migration and Belonging: ‘voices of migrants’. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen. *Identity trouble: critical discourse analysis*. New York: Palgrave, 2008.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- KURZ, Robert. Barbarei, Migration und Weltordnungskriege. Zur Signatur der gegenwärtigen weltgesellschaftlichen Situation. Disponível em: www.exit-online.org. Data de acesso: 04/04/2014. Texto apresentado no Fórum Social Mundial, Porto Alegre, 2005.
- LABOV, William. Narrative Pre-Construction. In: *Narrative Inquiry*, 16, Pp. 37-45, 2006.
- LABOV, William. Narratives of personal experiences. In: HOLGAN, Patrick Colm (Ed.) *Cambridge Encyclopedia of Language Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010a.

- LABOV, William. Ordinary events. In: FOUGHT, Carmen (Ed.). *Sociolinguistic Variation: Critical Reflections*. New York: Oxford University Press, Pp. 31-43, 2004.
- LABOV, William. Some Further Steps in Narrative Analysis. In: BAMBERG, Michael (ed.). *Oral versions of personal experience. Three decades of narrative analysis*. A special issue of *The Journal of Narrative and Life History*, 7, 1997.
- LABOV, William. Uncovering the event structure of narrative. In: TANNEN, Deborah; ALATIS, James (Ed.) *Georgetown University Round Table 2001*. Washington, DC: Georgetown University Press, Pp. 63-83, 2003.
- LABOV, William. Where should I Begin? In: SCHIFFRIN, Deborah; DE FINA, ANNA; NYLUND, Anastasia (Eds.). *Telling stories: language, narrative and social life*. Washington, DC: Georgetown University Press, 2010b.
- LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative Analysis. Oral Versions of personal experiences. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard. *Sociolinguistics. The essential readings*. London: Blackwell, 2003.
- LAFER, Celso. *A reconstrução dos direitos humanos. Um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Companhia da Letras, 1988.
- LAGROU, Pieter. De l'actualité du temps présent. *Bulletins de l'IHTP*, Bulletin n°75: L'histoire du temps présent, hier et aujourd'hui, IHTP, 2000.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- LEMKE, Jayl. Identity, development and desire: critical questions. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen. *Identity trouble: critical discourse analysis*. New York: Palgrave, 2008.
- LESSA, CARLOS. Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira. Em: *Estudos Avançados*, 22 (62), 2008, pp. 237-256.
- LEVY, Maria Stella Ferreira. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira. Em: *Revista de Saúde Pública*, n° 8, São Paulo, 1974, pp. 49-90.
- LIDOLA, Maria. „O Nós Fragmentado“: Identifikationsprozesse brasilianischer Migrantinnen in Berlin. In: FEIJÓ, Glauco Vaz; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva (Hrsg.). *Festival de Cores: Dialoge über die portugiesischsprachige Welt*. Calepinus-Verlag: Tübingen, 2007.
- LIDOLA, Maria. Als 'Basilianerin' in Berlin: eine Auseinandersetzung mit symbolischen Verortungen. In: EBERT, Anne; LIDOLA, Maria; BAHRS, Karoline; NOACK, Karoline (Hg.). *Differenz und Herrschaft in den Americas: Repräsentationen des Anderen in Geschichten und Gegenwart*. Bielefeld: Transkript, 2009.
- LIDOLA, Maria. Appropriating "die Brasilianerin". Negotiating Belonging and Unbelonging in Everyday Practice in Berlin. In: DROTBOHM, Heike; KUMMELS, Ingrid (eds.). *Zeitschrift für Ethnologie* 136/2, 2011, 155–176.
- LIDOLA, Maria. Changing boundaries and redefining relations: migration and work experiences of Brazilian women in Germany. In: FRITZ, Barbara; KUMMELS, Ingrid; RINKE, Stefan (Eds.). *Migrations between Spaces in the Americas and Beyond. FIAR Forum for Inter-American Research. The Journal of the International Association of Inter-American Research (IAS)*. 6/2, September 2013.
- LIDOLA, Maria. Es leben die Zwischenräume? Ambivalente Erzählungen über Zugehörigkeiten von brasilianischen Frauen in Berlin. In: DILGER, Hansjörg; HOFFMANN,

Bea (eds.), *Räume durch Bewegung. Ethnographische Perspektiven auf eine vernetzte Welt*. Berlin: Panama-Verlag, 2012.

LIDOLA, Maria. Negotiating integration in Berlin's Waxing Studios: Brazilian migrants' gendered appropriation of urban consumer spaces and 'ethnic' entrepreneurship. In: *Journal of Contemporary History*, 49, January, 2014, 228-251.

LISBOA, Wellington Teixeira. Reminiscências coloniais e sentidos midiáticos: a identidade brasileira em Portugal. Em: *Perspectivas de la comunicación*. Vol. 1, nº 2. Temuco-Chile, Universidade de la Frontera, 2008, pp. 30-38.

LISBOA; Wellington Teixeira. Fluxos transatlânticos e identidade: a imigração brasileira em Portugal e o imaginário português. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambu, 2010. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs_pdf/tema_6/abep2010_2275.pdf

LISTER, Martin; WELLS, Liz. Seeing beyond belief: Cultural Studies as an approach to analysing the visual. In: VAN LEEWEN, Theo; JEWITT, Carey. *Handbook of visual analysis*. London: Sage, 2001.

MACAMO, Elísio. O que nos une? In: CONTEL, Fábio Betioli. Aspectos geopolíticos da internacionalização do ensino superior. Em: FEIJÓ, Glauco Vaz; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva (Hrsg.). *Festival de Cores: Dialoge über die portugiesischsprachige Welt*. Calepinus-Verlag: Tübingen, 2007.

MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006a.

MACHADO, Igor José de Renó. Cárcere público: os estereótipos como prisão para os brasileiros no Porto, Portugal. Em: *Temática. Revista dos Pós-Graduados em Ciências Sociais do IFCH*, vol. 10 (19/20) Campinas: Unicamp, 2002. pp. 120-152.

MACHADO, Igor José de Renó. *Cárcere Público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto*. Tese de doutorado. Campinas, ICHF: Unicamp, 2003.

MACHADO, Igor José de Renó. Estereótipos e encarceramento simbólico no cotidiano de imigrantes brasileiros no Porto. Em: *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.

MACHADO, Igor José de Renó. Imigração brasileira no Porto, Portugal. Apontamentos para uma etnografia do jogo da centralidade e dos circuitos de reciprocidade. Em: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MACHADO, Igor José de Renó. Imigração em Portugal. In: *Estudos Avançados*, 20 (57), 2006b.

MACHADO, Igor José de Renó. Sobre as identidades brasileiras em Portugal. Em: MALHEIROS, Jorge Macaísta (org.). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.

MACIEL, Andréa Junqueira Dessoay. Coming out for coming home: uma análise etnográfica sobre brasileiros homossexuais em Munique. Em: CARVALHO, Flávio et al. (orgs). *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona, 2010.

MAGALHÃES, Izabel. Discurso e Identidades – Exotismo e Domínio Violento. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. Vol. 11(1): 13-37, 2010.

MALHEIROS, Jorge Macaísta (org.). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.

- MALHEIROS, Jorge Macaísta. Os brasileiros em Portugal. A síntese do que sabemos. Em: MALHEIROS, Jorge Macaísta (org.). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.
- MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Para uma História do Tempo Presente: o ensaio de nós mesmos. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, Florianópolis, n.17, p.137-151, 2009.
- MARGOLIS, Maxine L. *Goodbye, Brazil. Emigrantes brasileiros no mundo*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papyrus, 1994.
- MARINUCCI, Roberto. Brasileiros e brasileiras no exterior. Apresentação de dados recentes do Ministério das Relações Exteriores, 2008. Disponível em: http://www.csem.org.br/2008/roberto_marinucci_brasileiros_e_brasileiras_no_exterior_segundo_dados_do_mre_junho2008.pdf. Consulta: 30/11/2011
- MARQUES, José Carlos; GOIS, Pedro. A evolução do sistema migratório lusófono. Uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa. Em: *Revista Internacional de Língua Portuguesa – Dossiê Migrações*, 2011, pp. 213-232.
- MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros no exterior. Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra: 2000.
- MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (orgs). *Fronteiras Cruzadas. Etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra: 2003.
- MARTIN, Susan. Introduction to the Special Issue on Migration in the Lusophone World. In: *International Migration*, vol. 47 (3), 2009, 3-4.
- MARTIN, James Robert & WHITE, Peter Robert Rupert. *The Language of Evaluation: appraisal in English*. Hampshire & New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MARTINS, Suely Aparecida. As contribuições teórico-metodológicas de E.P. Thompson: experiência e cultura. In: *Em Tese*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, vol. 2(4), pp. 113-126, 2006.
- MASSEY, Douglas et al. Theories of international migration: a review and appraisal. In: *Population and Development Review*, vol. 19, nº 3, outubro, 1993, pp. 431-466.
- MASSEY, Douglas et al. *Worlds in motion. Understanding international migration at the end of the millennium*. New York: Oxford, 1998.
- MCKENZIE, David; SALCEDO, Alejandrina. Japanese-Brazilians and the Future of Brazilian Migration to Japan. In: *International Migration*, vol. 52 (2), IOM, 2014, 66-83.
- MEHY, José Carlos Sebe Bom. *O Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MIGUEL, Luiz Felipe. Em torno do conceito de mito político, In: *Dados*, v.41, n.3, 635-661, 1998.
- MISHLER, Elliot. Narrative and identity: the double arrow of time. In: DE FINA, Anna; SCHIFFRIN, Deborah; BAMBERG, Michael. *Discourse and Identity*. Cambridge: Univ. Press, 2006.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora da UnB, 2013.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

- NAIRN, Tom. *Faces of nationalism: Janus revisited*. London: Verso, 1997.
- NEUMANN, Birgit, NÜNNING, Ansgar, & PETTERSSON, B. *Narrative and identity. Theoretical approaches and critical analyses*. Trier: Wiss. Verlag Trier, 2008.
- NÍ ÉIGEARTAIGH, Aioleann, HOWARD, Kevin, & GETTY, David (Eds.). *Rethinking Diasporas. Hidden narratives and imagined borders*. Newcastle: Cambridge Scholars, 2007.
- NICOLAZZI, Fernando. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. In: *Anos 90*, vol. II, nr. 19/20, pp. 101-138, Porto Alegre, 2004.
- NINA RODRIGUES, Raimundo. *Os Africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1945.
- NOIRIEL, Gerard. *A quoi sert "l'identité nationale"?* Marseille: Agone, 2007
- NORA, Pierre (dir). *Les lieux de mémoire: la République, la Nation, les France*, vol 2. Paris: Gallimard, 1997.
- NORA, Pierre (dir). *Les lieux de mémoire: la République, la Nation, les France*, vol 3. Paris: Gallimard, 1998.
- NORA, Pierre (dir). *Les lieux de mémoire: la République, la Nation, les France*, vol 1. Paris: Gallimard, 2001.
- NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire. En: *Les lieux de mémoire: la République, la Nation, les France*, vol 1. Paris: Gallimard, 2001a.
- NUNES, Adriana. *Nur die Edelsteine kommen aus Brasilien. Brasilianer in Deutschland*. St. Ottilien: EOS-Verlag, 2001.
- NÜNNING, Ansgar; NÜNNING, Vera. *Neue Ansätze in der Erzähltheorie*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2002.
- OLIVEIRA VIANNA, Francisco de. *Evolução do Povo Brasileiro*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co. 1923.
- OLIVEIRA, Adriana Capuano de. *Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão: a trajetória de uma identidade em um contexto migratório*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 1997.
- OLIVEIRA, Alessandra Madureira. O despertar da consciência de identidade nacional brasileira: raça e nacionalidade. In: Feijó, Glauco Vaz / Regis, Jacqueline Fiuza da Silva (orgs.) *Festival de Cores: Dialoge über die portugiesischsprachige Welt*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2007.
- OLIVEIRA, Juarez de Castro. Migração internacional, dinâmica demográfica e desafios para o dimensionamento da comunidade brasileira no exterior. Em: MRE – Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Brasileiros no Mundo. I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.
- OLIVEIRA, Sérgio. Sem lenço, sem documento: brasileiros não documentados em Portugal. Em: MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.
- OLIVEN, Ruben George. Cultura brasileira e identidade nacional (O eterno retorno). Em: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira*, vol. IV. São Paulo: Sumaré, 2004.
- OLTMER, Jochen. *Globale Migration. Geschichte und Gegenwart*. Bonn: Bundeszentrale für Polit. Bildung, 2012.

- OLTMER, Jochen. *Migration im 19. und 20. Jahrhundert*. Enzyklopädie Deutscher Geschichte, Band 86. München: Oldenbourg Verlag, 2010.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- OVERING, Joanna. The role of Myth: an anthropological perspective, or: ‘the reality of the really made-up’. In: KOSKING, Geoffrey; SCHÖPFLIN, George (Ed.). *Myths and nationhood*. London: Hurst & Co., 1997.
- PADILLA, Beatriz et al. (orgs). *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Lisboa, 2012.
- PADILLA, Beatriz. A imigrante brasileira em Portugal: Considerando o género na análise. Em: MALHEIROS, Jorge Macaísta (org.). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.
- PADILLA, Beatriz. Acordos bilaterais e legalização: o impacte na integração dos imigrantes brasileiros em Portugal. Em: MALHEIROS, Jorge Macaísta (org.). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007a.
- PADILLA, Beatriz. Engagement Policies and Practices: Expanding the Citizenship of the Brazilian Diaspora. In: IOM. *International Migration*, vol. 49 (3), 2011, pp. 10-29.
- PADILLA, Beatriz. Género e migrações: o que sugere o estudo das imigrantes brasileiras em Portugal. Em: CARVALHO, Flávio et al. (orgs). *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona, 2010.
- PADILLA, Beatriz. Integração dos “imigrantes brasileiros recém-chegados” na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades. Em: MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.
- PADILLA, Beatriz. Integration of Brazilian immigrants in Portuguese society: problems and possibilities. *SOCIUS Working Papers*. ISEG/UTL, nº1, 2005.
- PADILLA, Beatriz. Redes sociales de los brasileiros recién llegados a Portugal: ¿solidariedad étnica o empatía étnica? *SOCIUS Working Papers*. ISEG/UTL, nº2, 2005.
- PADILLA, Beatriz; FERNANDES, Gleiciani; GOMES, Mariana Selister. Ser brasileira em Portugal: imigração, género e colonialidade. Em: CARVALHO, Flávio et al. (orgs). *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona, 2010.
- PARDO, María Laura. *Teoría y metodología de la investigación lingüística. Método sincrónico-diacrónico de análisis lingüístico de textos*. Buenos Aires: Tersites, 2011
- PATARRA, Neide Lopes (coord.) *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1995.
- PATARRA, Neide Lopes. Emigração e imigração de e para o Brasil contemporâneo. Volume, Fluxos e significados. Em: *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005.
- PATARRA, Neide Lopes. Governabilidade das migrações internacionais e direitos humanos: o Brasil como país de emigração. Em: MRE – Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Brasileiros no Mundo. I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.
- PATARRA, Neide Lopes. *Migrações Internacionais: Herança XX, Agenda XXI*. São Paulo: FNUAP, 1996.

- PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. Em: *Estudos Avançados*, 20 (57), 2006.
- PATARRA, Neide Lopes; FERNANDES, Duval. Brasil: país de imigração? Em: *Revista Internacional de Língua Portuguesa – Dossiê Migrações*, 2011, pp. 65-96.
- PECORA, Vincent (Ed.). *Nations and identities*. Oxford: Blackwell, 2011.
- PEDROSO, Luiz Eduardo Villarinho. *O recente fenômeno imigratório de nacionais brasileiros na Bélgica*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- PEIXOTO, João; FIGUEIREDO, Alexandra. Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal Em: MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.
- PEREIRA, Glória Maria Santiago. Diáspora(s) negra(s), subjetividade e identidade: um olhar pan-africanista. Em: FEIJÓ, Glauco Vaz; MARTINS, Pollyana Maria Ribeiro. *Cadernos de Resumo do SERNEGRA 2013*. Brasília: Ed. IFB, 2013, p. 36.
- PEREIRA, Glória Maria Santiago; PEREIRA, José de Ribamar Sousa (orgs.) *Migração e globalização: um olhar interdisciplinar*. Curitiba: CRV, 2012.
- PEREIRA, Mariana Cunha. Processos migratórios na fronteira Brasil-Guiana. Em: *Estudos Avançados*, 20 (57) 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PESAVENTO, Sandra. Paraísos cruzados: diálogos do encantamento e do desencantamento do mundo (Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda), s/d. Disponível em: http://www.siarq.unicamp.br/sbh/paraissos_cruzados.pdf. Data de acesso: 01/09/2014.
- PIORE, Michael Joseph. *Birds of passage. Migrant labor and industrial societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- PISCITELLI, Adriana. Actuando la “brasileñidad”? Tránsitos entre circuitos de turismo sexual y los mercados del sexo y matrimonial europeos. Paper apresentado no encontro da Latin American Studies Association (LASA). Rio de Janeiro, June 11-14, 2008c.
- PISCITELLI, Adriana. As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha. En: *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*. Rio de Janeiro: CLAM-UERJ, 2009. pp. 177-201.
- PISCITELLI, Adriana. Geografa política do afeto: interesse, “amor” e migração. Em: CARVALHO, Flávio et al. (orgs). *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona, 2010.
- PISCITELLI, Adriana. Intérêt et émotion: la migration de femmes brésiliennes en Italie dans le contexte du tourisme international du sexe. En: *Migrations Société*, v. 17, p. 105-125, 2005.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263 a 274
- PISCITELLI, Adriana. Looking for New Worlds: Brazilian Women as International Migrants. In: *Journal of Women in Culture and Society*, vol. 33, no. 4, 2008a, pp. 784-793.
- PISCITELLI, Adriana. Sujeição ou subversão? Migrantes brasileiras na indústria do sexo na Espanha. Em: *História & Perspectivas*, Universidade Federal de Uberlândia, nº 35, Agosto-Dezembro, 2006.
- PISCITELLI, Adriana. *Tránsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: EDUERJ/Garamondo/CLAM, 2013.

- PISCITELLI, Adriana. Tropical sex in a European country: Brazilian women's migration to Italy in the frame of international sex tourism. Em: *Revista Estudos Feministas*, vol. 4, 2008b.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.23, Julho-Dezembro, 2005, p.229-256.
- PONTES, Luciana. Mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa. Em: MACHADO, Igor José de Renó. MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 24 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. Em: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PRINCE, Gerald. Narratology and Narratological Analysis. In: BAMBERG, Michael (ed.). *Oral versions of personal experience. Three decades of narrative analysis*. A special issue of *The Journal of Narrative and Life History*, 7, 1997.
- RADHAY, Rachel Anneliese. *Discurso e Poder na Política de Imigração Brasileira*. Tese de Doutorado. PPGL, Universidade de Brasília, 2006.
- RAGO, Margareth. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira dos anos vinte e trinta. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, vol 12, nº 1, 2001. Disponível em: <http://www1.tau.ac.il/eial/index.php>, data de acesso: 11/06/2014.
- RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.
- REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva. *Die Integrationskurse nach dem Gesetz zur Steuerung und Begrenzung der Zuwanderung und zur Regelung des Aufenthalts und der Integration von Unionsbürgern und Ausländern (Zuwanderungsgesetz) und ihre Auswirkung auf die Integrationserfahrungen Betroffener*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Jena, 2007.
- REGO, José Lins; FREYRE, Gilberto. Retratos do autor: Paulo Prado. Em PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina Macário. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 2007.
- REISIGL, Martin; WODAK, Ruth. The discourse-historical approach (DHA). In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2009.
- RENAN, Ernest. What is the Nation? In: BHABHA, Homi (Ed.). *Nations and narration*. New York/London: Blackwell, 2000.
- RESENDE, Viviane de Melo & RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2009.
- RESENDE, Viviane de Melo. Representação discursiva de pessoas em situação de rua no “Caderno Brasília”: naturalização e expurgo do outro. Em: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n.2, p439-465, maio/ago, 2012.
- RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso Crítico e Realismo Crítico. Implicações Interdisciplinares*. Campinas: Pontes, 2010.

- REZENDE, Claudia Barcellos. *Retratos do estrangeiro. Identidade brasileira, subjetividade e emoção*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009.
- REZENDE, Claudia Barcellos. Seeing oneself through the eyes of the other. Gender, race and Brazilian identity abroad. HOOK, Derek & SIMAI, Szilvia. *Brazilian subjectivity today. Migration, identity and xenophobia*. Vila Maria: Eduvim, 2012.
- RIBEIRO, Ilza. A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2. Unicamp, Tese de Doutorado, 1995
- RIBEIRO, Ilza. Sobre a perda da inversão do sujeito no português brasileiro. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Para a história do português brasileiro*. V. II: Primeiros estudos, 2001, p.91-126.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- RIBEIRO, José Teixeira Lopes. Brasil-África: Angola em destaque. Em: PATARRA, Neide Lopes (coord.) *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1995.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. Il Portocollo nello spazio comunitario. Globalizzazione e coesione nazionale. In: Landuyt, Ariane (org.). *L'Unione Europea tra riflessione storica e prospettive politiche e sociali*. Siena: Protagon Editori Toscani, 2000.
- RICOEUR, Paul. *Memory, history, forgetting*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2004.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.
- RICUPERO, Bernardo. Da formação à forma. Ainda as “idéias fora do lugar”. Em: *Lua Nova*, São Paulo, 73: 59-69, 2008.
- RICUPERO, Bernardo. Existe um pensamento político brasileiro ou as ideias e seu lugar. Em: *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2007.
- RIOS NETO, Eduardo L.G.; AMARAL, Ernesto. F. A Gestão Migratória e o Paradoxo da Grandeza. Em: MRE – Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Brasileiros no Mundo. I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.
- RIOUX, Jean-Pierre. Peut-on faire une histoire du temps présent ? En : CHAUVEAU, Agnès ; TÉTART, Philippe. *Questions à l'histoire des temps présents*. Bruxelles : Complexe, 1992.
- ROSA, Hartmut. *Beschleunigung und Entfremdung. Entwurf einer kritischen Theorie spätmoderner Zeitlichkeit*. Berlin: Suhrkamp, 2013
- ROSA, Hartmut. *Beschleunigung: die Veränderung der Zeitstrukturen in der Moderne*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2012.
- ROSSINI, Rosa Ester. O retorno às origens ou o sonho do encontro com o “Eldorado” japonês: o exemplo dos dekasseguis do Brasil em direção ao Japão. Em: PATARRA, Neide Lopes (coord.) *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1995.
- ROUSSO, Henry. L'histoire du temps présent, vingt ans après. *Bulletins de l'IHTP*, Bulletin n°75: L'histoire du temps présent, hier et aujourd'hui, IHTP, 2000.
- ROWLAND, Robert. A cultura brasileira e os portugueses. In: ALMEIDA, Miguel Vale; BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela. *Trânsitos coloniais: diálogos críticos Luso-Brasileiros*. Campinas: Unicamp, 2007.

- ROY, Anjali Gera. Rethinking diaspora. *Transforming Cultures eJournal*, Vol. 3, nº 1, 2008. Em: <http://epress.lib.uts.edu.au/journals/index.php/TfC/article/viewFile/672/601>, acessado em 03/06/2011.
- SAHLINS, Marshal. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SALES, Teresa. Brasileiros nos Estados Unidos. Em: MRE – Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Brasileiros no Mundo. I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.
- SALES, Teresa. Migrações de Fronteira entre o Brasil e os Países do Mercosul. Em: *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 13, n. 1, jan./jun., 1996.
- SALES, Teresa. Segunda geração de emigrantes brasileiros nos EUA. Em: CASTRO, Mary Garcia (org.). *Migrações internacionais – contribuições para políticas*. Brasília, CNPD, 2001.
- SALES, Teresa; REIS, Rossana Rocha (orgs). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- SALLES, Ricardo. *Nostalgia imperial. Escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.
- SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil*, vols. 1-3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaio sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, Alina Lima. Casa do Brasil de Lisboa: especificidades, conquistas e desafios do associativismo de imigrantes brasileiros em Portugal. Em: PADILLA, Beatriz et al. (orgs). *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Lisboa, 2012.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. GOMES, Conceição; DUARTE; Madalena. Tráfico sexual de mulheres: Representações sobre ilegalidade e vitimação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 87, Dezembro 2009, pp. 69-94.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. GOMES, Conceição; DUARTE; Madalena. BAGANHA, Maria. *Tráfico de mulheres em Portugal para fins de exploração sexual*. Porto: Coleção Estudos de Gênero, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Em: SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTOS, Gustavo Adolfo Daltro. Encontros, alianças, e desencontros: partidos, associações de imigrantes e o Estado português nos embates em torno da política para imigrantes. In: MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.
- SANTOS, Gustavo Adolfo P. Daltro. A construção da lusofonia no Portugal pós-colonial. Estratégias das associações de imigrantes de Lisboa. Em: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.).

Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

SARLO, Beatriz. *Tempo presente*. São Paulo: José Olympio, 2005.

SASAKI, Elisa Massae. A imigração para o Japão. Em: *Estudos Avançados*, v. 57, 2006, p. 99-117.

SASAKI, Elisa Massae. Brasileiros nos Japão. Em: MRE – Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Brasileiros no Mundo. I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.

SASSEN, Saskia. *The global city: New York, London, Tokio*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou o paradoxo da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. Qu'est-ce qu'un immigré? In : *Peuples méditerranéens*, 7, avril-juin, 1979, p. 3-23.

SCHEGLOFF, Emanuel. "Narrative Analysis" Thirty Years Later. In: BAMBERG, Michael (ed.). *Oral versions of personal experience. Three decades of narrative analysis*. A special issue of *The Journal of Narrative and Life History*, 7, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação: imaginar é difícil (porém necessário). Em: ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Complexo de Ze Carioca. Notas sobre uma identidade mestiça e malandra*. Comunicação apresentada no encontro da ANPOCS. Caxambu, 1994. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_29/rbcs29_03. Data de acesso: 01/09/14.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e pensamento racial no Brasil: 1870-1930*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Racismo no Brasil*. São Paulo: PubliFolha, 2001.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social no início do romance brasileiro*. São Paulo: Daus Cidades, 2000.

SCHWARZ, Roberto. Brazilian culture: Nationalism by elimination (1992). In: Szeman, Imre; Kaposy, Timothy (eds.). *Cultural Theory. An Anthology*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011, pp. 391-400.

SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade de experiência. Em: *Projeto História* (16), São Paulo, fevereiro, 1998.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /dez. 1995, pp. 71-99.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural de imigração. Em: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 26, nº 77 Outubro de 2011.

SEYFERTH, Giralda. A singularidade germânica e o nacionalismo brasileiro: ambiguidade e alotropia na idéia de nação. In: ALMEIDA, Miguel Vale; BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela. *Trânsitos coloniais: diálogos críticos Luso-Brasileiros*. Campinas: Unicamp, 2007.

SEYFERTH, Giralda. Antropologia e a Teoria do Branqueamento da Raça no Brasil, em: *Revista do Museu Paulista*, 1985

- SEYFERTH, Giralda. Formação de identidades culturais. Apresentação no encontro da ANPOCS: Caxambu, 2005
- SEYFERTH, Giralda. Identidade Étnica, assimilação e cidadania. A imigração alemã e o Estado brasileiro. Texto apresentado no encontro da ANPOCS: Caxambu, 1993.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração e Colonização Alemã no Brasil: uma revisão da Bibliografia. Em: *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)*, 25, 1988.
- SEYFERTH, Giralda. Os paradoxos da miscigenação. Em: *Estudos Afro-Asiáticos*, 20, 1991.
- SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno de identidade. Em: *Cadernos Pagu*, 23, Campinas: Unicamp, 2004, p.11-54.
- SILVA, Fabiana Carneiro da. Tensões no pensamento nacional no diálogo crítico entre Roberto Schwarz e Silviano Santiago. Dissertação de mestrado: USP, 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SIMAI, Silvia. Three fantasies of nations. In: HOOK, Derek & SIMAI, Szilvia. *Brazilian subjectivity today. Migration, identity and xenophobia*. Vila Maria: Eduvim, 2012.
- SKIDMORE, Tomas. *Preto no Branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- SMITH, Anthony, HUTCHINSON, John (Eds.). *Nationalism*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1994.
- SMITH, Anthony. *Myths and memories of the nation*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1999b.
- SMITH, Anthony. *National Identity*. Las Vegas: University of Nevada Press, 1991.
- SMITH, Anthony. *Nationalism and Modernism. A critical survey of recent theories of nations and nationalism*. New York; London: Routledge, 1998.
- SMITH, Anthony. *The cultural foundations of Nations. Hierarchy, Covenant and Republic*. Oxford: Blackwell, 2008.
- SMITH, Anthony. *The ethnic origins of nations*. Oxford: Blackwell, 1999a.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Nationalism and the imagination. In: VIJAYASREE, Chaganti et al. (Ed.). *Nation in imagination. Essays on nationalism, sub-nationalisms, and narration*. Hyderabad: Orient Longman, 2007.
- STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. *Estudos Feministas*, 14(1): 336, Florianópolis, janeiro-abril/2006, pp. 15-42.
- STRANDÉN, Sofie. Trust in the empathic interview. In: KURKOWSKA-BUDZAN, Martha; ZAMORSKI, Krzysztof. (Eds.). *Oral history. The challenges of dialogue*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Pub. Co., 2009.
- TAMBLING, Jeremy. *Narrative and ideology*. Milton Keynes: Open University Press, 1991.
- TÉCHIO, Kachia. Imigrantes brasileiros não documentados: uma análise comparativa entre Lisboa e Madri. *Socius Working Papers*, v. 1, Instituto Superior de Economia e Gestão Universidade Técnica de Lisboa: Lisboa, 2006a.
- TÉCHIO, Kachia. Pizza sabor identidade: brasileiros evangélicos em um restaurante em Lisboa. EM: MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.

- THEIJE, Marjo de. Insegurança próspera: As vidas dos migrantes brasileiros no Suriname. Em: *Revista Antropológicas*, ano 11, volume 18(1), 2007, 71-93.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. Tigres de papel: Gilberto Freyre, Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa. In: ALMEIDA, Miguel Vale; BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela. *Trânsitos coloniais: diálogos críticos Luso-Brasileiros*. Campinas: Unicamp, 2007.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. I – A árvore da liberdade, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
- THOMPSON, Edward. Palmer. La sociedad inglesa del Siglo XVIII: ¿Lucha de clases sin clases? In: *Tradición, Revuelta y Conciencia de Clase*. Barcelona: Editorial Crítica, 1979.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado. História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- THORNBORROW, Joanna; COATES, Jennifer (Ed.) *The sociolinguistic of narrative*. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2005
- TIFIN, Helen. Re-imagining communities. In: VIJAYASREE, Chaganti et al. (Eds.). *Nation in imagination. Essays on nationalism, sub-nationalisms, and narration*. Hyderabad: Orient Longman, 2007.
- TÖLÖLYAN, Khachig. Diaspora studies. Past, present and promise. *IMI Working Papers Series*, nº 55, 2011.
- UZELAC, Gordana. *When is the nation? Towards an understanding of theories of nationalism*. New York; London: Routledge, 2005.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. Episodes as units of discourse analysis. In: TANNEN, Deborah (Ed.), *Analyzing Discourse: Text and Talk*. Georgetown: Georgetown University Press, 1981.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. *Communicating Racism: Ethnic Prejudice in Thought and Talk*, Newbury Park: Sage, 1995.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. Contextual knowledge management in discourse production. In: WODAK, Ruth; CHILTON, Paul Anthony. *A new agenda in (critical) discourse analysis*. Theory, methodology and interdisciplinarity. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2005.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. Critical discourse studies: a sociocognitive approach. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2009.
- VAN LEEUWEN, Theo. *Discourse and Practice. New tools of Critical Discourse Analysis*. New York: Oxford University Press, 2008.
- VAN LEEUWEN, Theo. Three models of interdisciplinarity. In: WODAK, Ruth; CHILTON, Paul Anthony. *A new agenda in (critical) discourse analysis*. Theory, methodology and interdisciplinarity. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2005.
- VAN LEEUWEN, Theo. Discourse as the recontextualization of social practice: a guide. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2009.
- VANGELISTA, Chiara (Ed.). *Areia. Le nuove migrazioni tra America Latina e Europa*. Roma: CISU, 2011.

VANGELISTA, Chiara. Formas de fabulação na construção do passado: história e memória em torno da brasilidade, s/d. Disponível em: www.siarq.unicamp.br/sbh/producos_pesquisa.html. Data de acesso: 01/09/2014.

VANGELISTA, Chiara. Terra e fronteira, história e memória: uma leitura de Sérgio Buarque de Holanda”. In: *Rivista di Studi Brasiliani*, II, 2000, pp. 71-90.

VASCONCELOS, José. *La raza cósmica. Misión de la raza iberoamericana. Notas de viajes a la América del Sur*. Madrid: Agencia Mundial de Librería, 1925.

VERDERY, Katherine. Para onde vão a “nação” e o “nacionalismo”. Em: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

VIANNA, Hermano. Equilíbrio de Antagonismos. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 12 de março de 2000, pp.21-22.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

VIJAYASREE, Chaganti et al. (Eds.). *Nation in imagination. Essays on nationalism, sub-nationalisms, and narration*. Hyderabad: Orient Longman, 2007.

VOGEL, Dita. Estimate number of irregular foreign residents in Germany (2010), *Database on Irregular Migration*, 2012. Update report, <http://irregular-migration.net/>

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol 1. Brasília: UnB, 2000.

WEEDON, Chris. *Identity and culture. Narratives of difference and belonging*. New York: Open University Press, 2004.

WHITE, Hayden. The narrativization of real events. In: BAL, Mieke (Ed.). *Narrative theory. Critical concepts in literary and cultural studies*. London New York: Routledge, 2004.

WHITE, Hayden. The value of narrativity in the representation of reality. In: *The content of the form. Narrative, discourse and historical representation*. London; Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987.

WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society 1780-1950*. Edinburgh: Penguin Books, 1961.

WILLIAMS, Raymond. *Keywords. A vocabulary of culture and society*. New York: Oxford University Press, 1983.

WODAK, Ruth, et al. *Zur diskursiven Konstruktion nationaler Identität*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD. Um resumo da sua história, conceitos importantes e desenvolvimentos. Em: *Linguagem em (Dis)curso*, vol. 4, pp. 223-243, Tubarão, 2004.

WODAK, Ruth; CHILTON, Paul Anthony. *A new agenda in (critical) discourse analysis. Theory, methodology and interdisciplinarity*. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2005.

WODAK, Ruth; KRZYZANOWSKI, Michal. *Qualitative discourse analysis in the social sciences*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2009.

WODAK, Ruth; WEISS, Gilbert. *Theory and Interdisciplinarity in Critical Discourse Analysis*, New York: Palgrave, 2003.

WOLLNAN, Howard; SPENCER, Philip. *Nationalism. A critical introduction*. London: Sage, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em: Silva, Tadeu T. (org.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

XAVIER, Maria. *Redescobrimo o Brasil processos identitários de brasileiros em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.

ZLOTNIK, Hania. International Migration 1965-96: An Overview. In: *Population and Development Review*, Vol. 24 (3) pp.429-468, 1998.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Porto Alegre: LP&M, 2006.

Apêndice A: guia para orientação das entrevistas

Aspectos a serem observados

Sobre o passado:

- a) onde nasceu e onde cresceu
- b) formação escolar
- c) o que fazia antes de vir para a Alemanha / Portugal
- d) condições materiais de vida no Brasil (salário, bens etc.)
- e) experiência com a Alemanha / Portugal antes de migrar (amigos, parentes, leituras etc.)
- f) contato com alemães / portugueses no Brasil
- g) ascendência alemã / portuguesa

Sobre a migração:

- a) com quem migrou (sozinho, família etc.)
- b) porque migrou
- c) como migrou (direto, por outro país)
- d) quando migrou
- e) descrição da partida do Brasil
- f) como foi recebido
- g) falava alemão
- h) tinha alguém aqui
- i) primeira impressão
- j) primeira experiência marcante

Sobre o presente:

- a) o que faz agora
- b) como chegou a fazer o que faz hoje
- c) experiências marcantes
- d) constituição de rede social,
- e) conflitos enfrentados
- f) condições materiais de vida
- g) círculo de amizades
- h) constituição familiar,
- i) tipo de moradia (república, casa, apartamento, jardim etc.)
- j) contato com brasileiros e outros latino-americanos

- k) frequência de visitas ao Brasil
- l) sente falta do Brasil
- m) mudança na opinião/imagem sobre Alemanha/Portugal e Brasil

Sobre o futuro:

- a) como imagina seu futuro
- b) pretende voltar ou gostaria de ficar

Há algo mais que você gostaria de me contar, algo fora do script ou que você se lembre quando eu faço essa pergunta?

Você gostaria de me indicar alguém para entrevistar?

Anexo A: transcrição de entrevista realizada em Portugal

Entrevistador: Lisboa, 17 de dezembro. Fabrício, como eu tava te dizendo, essa entrevista é pro meu projeto de doutorado em curso, que é sobre representações discursivas de identidades brasileiras por pessoas em situação de migração na Alemanha e em Portugal.

Fabrício: Sim.

Entrevistador: A metodologia que eu uso é trajetória de vidas, que é uma história de vidas mais curta, né...

Fabrício: Claro.

Entrevistador: ... e não há necessariamente perguntas nessa entrevista, né...

Fabrício: Sim.

Entrevistador: O que eu te peço é que você, por gentileza, me conte sua trajetória, narre pra mim sua trajetória de vida... alguns aspectos pra mim são importantes, se eles não aparecerem, no final - ou durante -, eu faço as perguntas que forem necessárias, mas as perguntas só surgem se forem necessárias.

Fabrício: Então, você quer saber, assim, basicamente, o que me levou a vir pra cá ou...

Entrevistador: Eu te peço pra contar a sua trajetória... a sua história de vida, né, de uma forma mais curta e você decide quais são os elementos importantes a narrar pra mim, de onde você começa e por onde você vai.

Fabrício: Interessante. Diferente a sua entrevista. Bom, como é que é, o que é que eu posso te dizer?

Entrevistador: Antes, pra gente, talvez, ajudar, você pode me dizer, assim, alguns dados gerais, biográficos, seu nome, local de nascimento, data de nascimento...

Fabrício: Meu nome é Fabrício, eu sou de XXXXXX [*Cidade do centro-Oeste, cujo nome foi omitido na transcrição para preservar a identidade do entrevistado*] e tenho 39 anos. Daqui a um mês eu completo dez anos que eu tô aqui - daqui a um mês faz dez anos - e pronto. É interessante isso, né, essa perspectiva; esta entrevista é até uma retrospectiva que eu faria a mim mesmo, né, nesses dez anos aqui, porque uma coisa que eu sempre tenho noção é que eu mudei muito; isso é um fato; todo mundo muda, né, mas esses dez anos vivendo fora do Brasil, realmente, eu noto uma mudança; eu já não sou mais aquele homem que saiu de lá há dez anos atrás; na época, eu trabalhava em XXXXXX, eu era professor de história também, o quê, dava aula em três escolas, ganhava R\$ 600 e chegou 2003... foi num ano letivo que eu perdi muitas aulas, ou seja, eu tava praticamente sem trabalho e eu já tinha uma irmã que vivia aqui em Lisboa e que sempre insistia pra eu vir pra cá, mas eu, por várias razões, nunca tive interesse; eu sempre tive vontade sim de sair do Brasil, mas nunca tinha tido essa vontade, esse interesse, e pronto; ela foi ao Brasil de férias, em 2003, e insistiu, insistiu, insistiu, e eu: “tá, tá bom, eu vou! tudo bem”, não tava bem lá mesmo, profissionalmente falando, eu trabalhava muito e ganhava muito pouco, então, foi um incentivo, eu vim; e não só por isso, meu, eu sempre tive aquela vontade de sair do meu Brasil, né... uma coisa que eu aprendi também a falar aqui, descobri aqui que não tem um Brasil, tem vários Brasis; eu aprendi a dizer: “ah! lá no Brasil é assim”, não é assim, “lá no meu Brasil é assim” porque eu não sei a realidade do cara que é lá de Porto Alegre, do cara que é lá de Belém do Pará, aquilo é um continente, né, então, eu já vi

muitos brasileiros aqui, inclusive, aí que eu me dei conta, que eu parei: “é verdade”, porque muitas vezes você diz: “ah! no Brasil é assim...”, de uma maneira taxativa, né, como se aquilo fosse válido pra todos, mas não é, meu, você tem várias realidades socioeconômicas, culturais, geográficas diferentes... dizer assim - seja o que for -, ah... em termos culturais, econômicos, sociais, ah... tipo... - pronto, eu já tô desviando, né, mas... no meu Brasil, nesse caso, a minha realidade naquela altura juntou duas coisas: a vontade que eu tinha de viajar, de sair, de conhecer lugares novos e o momento que eu tava; eu não via o dinheiro, dificuldades, a minha filha tinha acabado de nascer naquela altura... tinha um ano quando eu vim pra cá e esse foi o incentivo que eu precisava, então, eu vim pronto, né, não posso reclamar, não foi nada traumático, nada... como é que eu vou dizer, assim... não posso te dizer que eu sofri, que eu... eu cheguei aqui pra já eu tinha uma estrutura; já tinha uma irmã que vivia aqui... duas irmãs, na verdade: tem a pioneira, a que veio primeiro, que hoje vive em Madri, tá lá estabelecida; e tem uma outra irmã, que já tinha vindo depois, um pouco antes de mim; então, eu cheguei, eu tinha uma cama me esperando, um quarto... eu me lembro como se fosse hoje... eh... quando eu desci do avião e apanhei um táxi, pra já veio um choque: o táxi era uma Mercedes... então... e era uma manhã de inverno, mas tinha um céu azul, tinha sol, embora, pros meus padrões, tivesse um frio desgraçado - pra quem é do Centro-Oeste sabe o que eu tô falando - e pronto, meu, cheguei em casa, já tinha lá minha cama, tinha comida quentinha, tinha cobertores, tudo... então, tinha toda um estrutura; três dias depois que eu tava aqui, eu comecei a trabalhar... que a minha irmã me arranhou um emprego no restaurante que ela trabalhava e, aí, foi a adaptação, né, foi a convivência; agora, esse ponto é que eu, refletindo depois, eu fui ver o determinismo, né, como o lugar que as pessoas que você conhece ou o lugar que você vai se estabelecer, em resumo, pra onde a vida te leva, né, como aquilo vai determinar várias coisas posteriores; então, eu fui trabalhar num restaurante que, por acaso, eu não era bem tratado - vamos dizer assim, a grosso modo -, aliás, ninguém ali era; então, eu fiquei lá por oito meses; foi o tempo de eu pagar a minha passagem - que eu vim pra cá com a passagem parcelada; eu lembro que um tio comprou pra mim... aquela coisa bem brasileira mesmo... deu cheques pré-datados... eu trabalhava, dava a grana e cobria os cheques; isso foi assim por oito meses; e eu lembro que o dia que paguei a última parcela eu saí daquele emprego porque... pronto, não havia respeito, cara. Na boa, aquilo me deixou uma imagem muito negativa dos portugueses esse meu primeiro emprego e, pra já, a velhota lá nem portuguesa era... aquelas angolanas nasc... aquelas portuguesas nascidas em Angola, que veio pra cá depois da descolonização da África, mas, enfim, penso que ela não tinha uma relação de respeito, de patrão-empregado, ela via as pessoas como... depois, me falaram que ela cresceu em Angola e a avó, os pais ainda tinham escravos, aquela coisa, então, ela transferia essa maneira, essas relações assim, essa maneira de ser dela pras relações profissionais; basicamente, ela tratava todo mundo mal; aquilo não era uma empresa, era uma senzala, vamos dizer assim; você comia mal, não tinha hora pra sair; era um subtrabalho mesmo, um subemprego, explorado; e eu, pronto, vi que aquilo não é pra mim... e eu descobri também que lá trabalhavam africanas e brasileiras, e as africanas falavam: “você brasileiros são fodidos, cara...”, isso quer dizer o quê? “você não se curvam”, isso é uma coisa também que é bem característica do brasileiro, o cara é humilde, pode ter largado o cabo da enxada e vindo pra cá trabalhar, quer dizer, ele mantém uma certa dignidade, sabe, ele... eu conheço muitas histórias: o mau-patrão, o cara maltrata... o brasileiro não aceita isso, cara, mesmo na pobreza, ele tem certo orgulho... mesmo na necessidade, sabe, ele não deixa ninguém gritar com ele... salvo algumas exceções, mas, no geral, é isso, brasileiro não aceita esse tipo de coisa. Foi o que aconteceu lá: a mulher era má-patroa mesmo e isso influenciou muito o meu percurso aqui nesses dez anos, cara; depois dela, eu tive um outro patrão também que era muito mau... pra você ter uma ideia, eu tava detrás do balcão, o velho queria passar, ele, te empurrava assim e dizia: “sai!”; então, era por aí; também não fiquei lá; essa coisa... agora, eu me fechei, eu tive que construir um muro, digamos que eu passei a esperar o pior dos portugueses e isso influencia o que eu sou hoje, cara... eu tô aqui há dez anos, mas... eu vivo aqui, mas eu não tô entrosado

aqui; todos os amigos que eu tenho aqui são brasileiros ou são estrangeiros que vivem em Lisboa - que são muitos: aqui tem gente de todo o mundo -, mas eu não posso te dizer que tenho amigos portugueses ou que eu tenha... nunca tive uma namorada portuguesa... dez anos aqui... e isso... agora, são barreiras que eu construí, eu me fechei, passei a associar assim: “não, português é mau e chato e não serve pra mim” ou, agora, lentamente, esses muros... eu passei a destruir esses muros, já tenho conhecidos, eu falo com eles na boa, mas eu te confesso que foi traumatizante esse primeiro contato; é diferente, por exemplo, de amigos brasileiros que eu conheci depois, pessoas que chegaram aqui e já caíram, por exemplo... foram trabalhar lá no bar que a gente tinha; eu tenho um exemplo muito notável: um amigo meu, o Heitor, o cara ele veio aqui em Lisboa só pra fazer uma escala, né, na verdade, ele tava migrando pra Inglaterra só que, nisso de ele parar aqui, ele conheceu a gente; o bar nosso lá era um ponto de encontro mesmo, era uma coisa legal, aquele lugar que você podia ir sozinho porque sabia que você ia chegar lá, você ia encontrar seus amigos, tava todo mundo lá e era um ponto de encontro dessa brasilidade, mas dessa brasilidade, vamos dizer, diferenciada... você sabe o que eu tô dizendo... você é de que cidade no Brasil?

Entrevistador: Eu moro em Brasília atualmente.

Fabício: Então, você sabe que em Brasília tem aquele barzinho na Asa Norte, ali, que vai aquele pessoal, que vai ouvir uma música diferente, que vai pagar um preço diferente também pelas bebidas, mas, em suma, é um círculo sociocultural diferente do que aquele cara que tá num bar, no pagode, ali, na Ceilândia, sabe... então, basicamente acontece o mesmo aqui, cara; e esse bar que a gente trabalhou era onde se reunia esse brasileiro que não curte o que eu não curtia no Brasil: o sertanejo, o pagode, o samba, o fo..., o... sabe, era uma... então, esse Heitor ele chegou lá e conheceu a gente e de ele conhecer a gente a gente... pá, o cara ia pra Inglaterra trabalhar de coveiro, meu, ilegal, e, nisso de ele conhecer a gente, ele ficou, nele ficar, ele conheceu uma amiga minha polonesa, que ele casou com ela, tem uma filha... isso é, a história de vida do cara mudou, mas, ou seja, o cara, por outro lado também, ele não sabe o que é conviver com portugueses, ele trabalhou ali no núcleo dele, sempre foi ali no meio da brasilidade, basicamente, então, isso é determinante, eu penso - quando você sai do Brasil e chega aqui -, o lugar pra onde você vai... tipo, a história de vida... a minha história de vida seria totalmente diferente se a minha referência em Portugal - no caso, a minha irmã -, vivesse em Viseu, por exemplo, ou no Porto, então, isso é o determinante, cara, é quando você chega, isso determina muita coisa, quem você conhece, então, nesse caso... eh... há história e há histórias, meu... - é difícil falar disso, né! - são... aqui eu vi de tudo, cara, eu vi gente que queria juntar dinheiro... esses que queriam juntar dinheiro pra comprar alguma coisa no Brasil já foram embora; brasileiro que mora aqui hoje mora aqui porque quer; que vive aqui; é o meu caso: eu não tô aqui pra juntar dinheiro, pra comprar casa, um carro no Brasil, ou terreno, nada disso, tô aqui porque é uma opção de vida, eu gosto daqui, eu vivo aqui, embora eu também me sinta... aliás, eu nunca fui tão brasileiro quanto agora; que é interessante isso; eu conheci mais o Brasil vivendo aqui do que quando eu tava lá... porque aqui, aqui não tem o brasiliense, o carioca, o candang... o nordestino, o... não tem, cara, aqui tem o brasileiro, certo, perante um português ou um outro europeu qualquer, não adianta você falar pro cara: “eu sou paulista... eu sou de Curitiba... ah! eu sou de Pernambuco”, não, meu, pro cara você é brasileiro, “brasuca”, né, como dizem os tugas, então... e, nisso, aqui eu convivi com brasileiros de todos os estados possíveis, então, foi aí que eu conheci mais do Brasil do que quando eu tava lá; aquilo é um país-continente: os transportes são precários, Internet não era... quando eu saí de lá, não era isso que é hoje, então, o brasileiro era um desconhecido pro brasileiro... e você sabe que os estereótipos... se tem estereótipo aqui imagi... lá também tem; o estereótipo no estrangeiro, meu, o estereótipo externo, também existe o estereótipo interno, tipo, tenta imaginar a visão de um brasileiro, que um carioca tem de um cara de XXXXXX: “tem onça na rua”... aquela merda toda... “índio” e aqui a gente se descobre nesse sentido, cara, que tem algo mais que nos une, que é essa

brasilidade, então, eu achei isso fascinante, cara, você tá falando a mesma língua que um cara que mora a cinco mil quilômetros de você e, no entanto, aqui, por tá fora, com certeza, né, esse sentimento de pertencer a alguma coisa é importante, essa brasilidade, pra dizer assim... eu acho que isso é natural, meu... os ucranianos aqui fazem isso e qualquer comunidade estrangeira, vivendo fora do seu país, você vai procurar seus pares, né, é uma maneira de se manter perto de casa (???)... em Portugal não é muito difícil, eu acho que a maneira mais fácil de tá perto do Brasil, na Europa, é viver em Lisboa, cara, pra já, a língua, o clima - é ameno, não tem o clima da Alemanha, que você bem conhece, né, aquele inverno que você vai ver lá do teu lugar -, é diferente, cara, e aquela relação, assim, como é que eu vou dizer, entre pai e filho, ou melhor, entre dois irmãos, que se gostam, mas que se odeiam... porque, querendo ou não, cara, eu reconheço muito do que eu vejo lá, no Brasil, eu vejo aqui; aqui eu tô vendo a matriz, de onde veio a coisa, sabe... o brasileiro gosta muito de se lamentar, né isso? “eh, que o Brasil é isso...” pra gente, lá, enquanto você vive no Brasil, aquilo é o pior país do mundo, aquela baixa estima que, por acaso, eu penso que tem alguma coisa de herança portuguesa: se você vive aqui, você vê isso também, o tuga ele é um eterno infeliz, tá sempre reclamando, nunca tá bom, sabe, então, a gente herdou isso e mais - falando um pouco mais além -, eu vi que coisas que a gente coloca como sendo brasileira, coisas como se... vicissitudes, assim, coisas ruins, ou até que a gente tem mania de colocar como se fosse... bem brasileira, não é, meu; eu diria até que tem alguma coisa acima da brasilidade: ainda existe a latinidade, cara, essa tendência pra, por exemplo, falar alto, ser alegre, expansivo, um pouco desorganizado: isso é latino, meu, isso não é brasileiro; você vê isso na Itália, eu vejo isso aqui em Portugal, tem isso na Espanha, então, há coisas assim que superam essa coisa... é uma experiência isso de viver fora do país e... então, minha...sentimento de identidade foi reforçado justamente nisso, nessa contraposição; primeiro que eu vi de onde a gente veio, Portugal, então, realmente nós somos filhos dele: Portugal é o pai ou a mãe do Brasil, não sei... então, é fácil um brasileiro se adaptar aqui; uma espécie de uma volta a casa, cara; você vê quando os portugueses dizem ditados, os ditos populares, provérbios, essas coisas, ele vai lá, o velhote lá, o português... ele diz uma coisa e você já logo: “pô! ah! no Brasil a gente também diz isso”; então, isso é pro bem e pro mal, mesmo aquela... agora, como o brasileiro vive isso aqui é que é complicado, aí, depende muito da história de vida da pessoa e do núcleo sociocultural dessa pessoa, meu... quer ver um exemplo banal, mas que vai mostrar muito isso? eu lembro uma vez eu tava na casa da namorada, era 1:30 da manhã, a gente tava lá, com a janela aberta, no quarto, tranquilo, aí, passa um carro tocando um pagodão no último volume: quer dizer, eu não preciso ir na janela e olhar pro cara pra saber que é brasileiro, véio...

Entrevistador: Aqui em Lisboa?

Fabrício: É! Só brasileiro que vai fazer isso, vai andar com o som do carro no último volume; isso é bem brasileiro; pode ser que agora o pessoal daqui tá se identificando com isso, mas... cê sabe que isso no Brasil é comum, né: o cara ter um carro de cinco mil, mas tem dez mil em som, em aparelhagem... e ele precisa mostrar a música pro mundo inteiro ouvir o que ele tá ouvindo; na Europa não tem isso, então, enquanto me passa um cara aqui com o som agora no último volume eu sei que aquele cara é brasileiro, sabe, é aquela coisa de trazer o teu estilo de vida pra cá, e isso não é mau, acho que todo o estrangeiro faz isso: você quer manter a tua... falar a tua língua, fazer o prato tradicional do teu país, mas essa cena de ter aquela consciência de que você vive no estrangeiro, respeitar o espaço do próximo, isso é uma coisa que não é todo mundo que faz isso, sabe; você vê isso muito, fica bem óbvio, quando o brasileiro faz festa, sério, véio, é como se fosse no Brasil; aqui não funciona assim, cara, mas o cara faz um quebra no apartamento dele até cinco, seis horas... fatalmente, uma festa brasileira a polícia vai bater lá na porta... ah! por quê? porque o cara traz hábitos do Brasil pra cá, só que ele se esquece que ele não tá no Brasil, agora, como eu te disse, isso vai do nível sociocultural da pessoa, então, há vários Brasis aqui em Lisboa, sabe, somos todos brasileiros, mas... é uma continuação de lá,

meu, quem era, vamos dizer, do povo lá, é do povo aqui e, se você lá se sentia separado do que é do povo, isso também vai se manter aqui; isso se reflete nos lugares que você frequenta, nas pessoas que você vai conhecer, no seu círculo de amizades, numa série de coisas... agora, numa coisa todos se beneficiam, cara: é o fascínio que os europeus têm pelo Brasil e pelo brasileiro, enquanto aquela... é exótico, meu! pra quem nunca saiu da Europa, então, por mais que prevaleça... que seja pelo estereótipo, né, futebol, samba e carnaval e praia e capoeira, aquelas coisas, mas ‘Brasil’ é um país que todo mundo conhece, todo mundo já ouviu falar e quem não foi tem vontade de ir; mas que... desperta um certo fascínio, cara, nas pessoas, e isso é um facilitador das relações pessoais, o brasileiro... aí, vem aquela coisa que tá acima da divisão de classes que o Brasil tem: o brasileiro ele é aberto, ele fala com as pessoas, e é engraçado que viver num lugar cosmopolita, como uma capital europeia como Lisboa... é engraçado cê ver isso, quando se trata de se comunicar com o outro, o fato do povo brasileiro não falar inglês... línguas estrangeiras, então, você vê isso aqui bem... a elite brasileira ou esse pessoal que tem um nível sociocultural diferenciado, que já fala um inglês, um espanhol, eles conseguem estabelecer outras relações, seja na noite, na balada, na pegação... aquela gringa tá te dando mole, mas como é que faz? o cara não fala inglês, mas ele é brasileiro, ele é quente, ele é safado, ele quer pegar aquela menina, mas, então, é a hora que a barreira da língua... e é a hora que o outro cara que chega e domina o inglês vai lá e desenrola e pronto, acontece, então, são diferenciadores, cara; tem muita coisa que determina como é a sua vida aqui, quem você é, o círculo que você se inseriu, o teu nível sociocultural... isso é muito determinante mesmo; é como aquele... por exemplo, eu já conheci muitos brasileiros que foram morar em Londres; o cara vai morar lá dois, três anos, volta e não fala uma palavra de inglês, cara, mas por quê? porque ele trabalhava numa fábrica que tinha portugueses e brasileiros; dividia apartamento com brasileiros... o cara nunca... mora lá em Londres, mas não mora; mais ou menos como eu aqui: moro em Portugal, mas não moro: essa coisa de eu não ter tanto contato com os portugueses, mas aqui eu sobrevivo, a comunidade portuguesa aqui é grande; em Londres o cara sobrevive, a comunidade brasileira aqui é grande; em Londres também, o cara sobrevive, a comunidade brasileira lá ainda é maior que aqui, mas, ao mesmo tempo, o cara se atrofia... imagina! morar três anos em Londres e não falar nada em inglês; então, isso limita as suas relações, tanto lá quanto aqui, então, é bem determinante isso.

Entrevistador: E você passou algum tempo em outro lugar nesses dez anos que você tá aqui ou sempre em Lisboa?

Fabrcio: Já. Não, eu sempre vivi em Lisboa, mas eu andei muito por aí, até porque eu namorei... tive namorada da Polônia, tive uma namorada francesa, tive namorada da República Tcheca, então, é essa coisa de você... compreende? eu conseguia... o fascínio tem, cara! mas como com uma menina linda, da Lituânia vai falar com um brasileiro que ela tá interessada se o cara não fala nada de inglês, ou como que esse cara vai almejar um emprego melhor se ele tá limitado com uma cidade que vive basicamente de turismo? então, é isso, cara, eu vejo que os brasileiros que... tem muitos brasileiros aqui que se destacam, meu; você tem brasileiros aqui - e são muitos - que tão num padrão de vida muito maior do que a maioria dos portugueses; você tem muitos empresários brasileiros, você tem pessoas que abriram o próprio negócio, então, é aquela ideia feita, aquele estereótipo do imigrante “coitadinho do cara”, isso não cola muito; nós tivemos milhares desses aqui, mas a maioria foi embora porque imigração vai pra onde tá o dinheiro; Portugal agora não tem dinheiro, então, nesses últimos dois anos, cara, a quantidade de amigos meus que foram embora daqui é impressionante, sabe, e só vai ficar quem realmente vive aqui e... pronto; são vários... eu tenho... eu tô aqui há dez anos, meu, conheço muita gente que tá aqui há oito, dez, doze... são esses os que vão ficar; aqui, basicamente, já não tem mais lugar pra aquele cara que sai buscando o Eldorado, né, o lugar pra ganhar dinheiro rápido, aquela cena que já começa nos anos 90, né, com a migração em massa de brasileiros pros Estados Unidos... era aquela coisa do enriquecimento rápido... agora, é engraçado como que é

a natureza humana, né, cara: seja, o brasileiro que foi pros Estados Unidos buscando a riqueza ali na era Clinton, seja o brasileiro que veio pra cá no auge, na euforia do euro, buscando mais... cê conta... você faz planos... quando eu saí de XXXXXX, eu disse pra toda minha família que eu ficar aqui um ano, cara; inocentemente, eu achei que a coisa era assim tão simples: “eu vou lá, ganho uma grana”... porque cê não tem muita noção do que te espera - e olha que eu tinha uma irmã que vivia aqui e que me falava coisas -, mas cê não tem noção do que te espera, você sempre vem naquela que “eu vou juntar uma grana, eu vou voltar”, mas você nesse ponto... nem sempre a gente controla o destino, porque - aí é que tá - você constrói uma vida aqui; pra já, num ano, você não junta dinheiro nenhum; dois anos também não; três anos... vá lá... e se você se propõe a isso, você vive só pra isso; eu tive um grande amigo aqui que o cara trabalhou comigo... ele era aquele cara que comia frango todo dia, meu... ou pão com mortadela... o cara tava centrado, focado, o cara morou em Portugal, mas não conhece nada, não visitou nada... hoje ele tem um sitiozinho lá no Paraná - ele é do Paraná -, comprou um pedaço de terra, tem oito vacas e o cara é feliz, mas era isso que ele queria, ele ficou aqui o tempo de ele juntar a grana pra comprar isso e foi embora e... pronto... é um cara centrado, eu admiro; é aquele cara que não ia pra lugar nenhum, não saía, não fazia nada, ele não tinha vida; o tempo que ele ficou aqui... foi mesmo... cada centavo... mas não é assim, cara! o ser humano... isso requer uma força de vontade muito grande; você chega aqui, você faz amigos, você conhece pessoas, você cria uma vida, você... cria uma vida, meu, é básico; você aluga uma casa, tem um emprego, tem uma namorada e, de repente, mesmo quem veio - acontece muito -, que veio com aquela certeza, com aquela... “não, eu vou juntar ‘x’ e eu vou vazar...”, mas chega aqui, ele se deixa levar... de repente, os planos mudam, o cara nunca mais volta; conheci um cara que tá aqui há dezessete anos e nunca voltou no Brasil nem pra passeio e nem quer; então, você, geral... isso muda muito, você entra em contato, as pessoas gostam dessa... o que eu vejo basicamente é o gostar da segurança, da tranquilidade; uma coisa que me chama a atenção também é isso que os brasileiros falam muito na segurança... realmente, isso não tem preço, tipo, você andar duas três horas da manhã tranquilo, sem tá paranoico, olhando pra trás, que alguém vai te assaltar; a facilidade de acesso que os brasileiros, que as pessoas no geral têm a bens materiais... você que trabalha... você trabalhando como garçom ou varrendo rua, você compra um Iphone à vista, enquanto no Brasil é poucos, né, você vai ver um Iphone 5, aí, R\$ 4 mil, sei lá, quanto custa... então, essas coisas acabam definindo muito... e quanto mais... eu costumo dizer assim: “um dia a mais aqui é um dia a mais que você se desenraiza do Brasil”, porque você começa a gostar daqui, você constrói uma vida, você conhece lugares, conhece pessoas, se apaixona - muitos já têm filhos -, então, essa certeza que se tem quando você deixa o Brasil de que você vai juntar uma grana e vai voltar, isso você diz até você chegar aqui e conhecer o mundo, né, cara; o tempo passa, as coisas mudam, é dialético, né.

Entrevistador: E como é que foi a sua construção de vida aqui? Você me falou da chegada, que foi bastante marcante, do primeiro emprego...

Fabrcio: Depois, por acaso... eh... aí, eu não posso me queixar, cara, eu tive bons empregos; eu tive um emprego aqui sensacional; eu tinha uma patroa que, apesar de eu... eu trabalhava muito... mas a mulher, a patroa, se tornou minha amiga, me respeitava enquanto pessoa, percebe, era um lugar fascinante; eu trabalhava num ponto turístico em que, praticamente, todas as pessoas que visitam Lisboa obrigatoriamente vão lá; então, ali, eu conheci namorada minha, pessoas, amigos, sabe, e pronto, só que eu, particularmente, guardei aquele ressentimento; não digo que isso é bom, tanto que eu tô desconstruindo isso, mas eu me fechei, cara, percebe, cê vai ver que eu sou um caso atípico, cara, a maioria dos brasileiros aqui tem relações muito amplas, profundas até com portugueses, né, você vai - se não entrevistou - entrevistar pessoas que, porra, tem casamentos com portugueses, relações de amizade, tudo, mas eu falhei nesse ponto... esse primeiro impacto, essa... eu me fechei muito em relação aos portugueses, aí eu passei a ser o “brasileiro que vive em Lisboa”, que tem amigos na Europa inteira... Houve um

tempo - pra você ter uma ideia -, eu viajei em vários países da Europa, nunca paguei hotel em lugar nenhum por conta que eu conheço gente... em qualquer país que eu vá, eu conheço alguém, mas eu não conheço ninguém aqui, então, isso é um bocado estranho, porque eu me fechei, isso foi pessoal, sabe, gente boa e gente má tem em qualquer país do mundo, em qualquer lugar, só que a minha experiência inicial não foi boa com o português, no caso, então, eu, tipo, criei aquela ideia que brasileiros e portugueses são tipo 'água e óleo', não se misturam, embora, por mais paradoxal que seja, eu vejo que nós somos, nós temos muito em comum, mas muito mesmo e, então, partindo desse princípio, eu vivi bem aqui, cara, só que isso: meu círculo de amizades era sempre brasileiros; eu fiz muitas boas amizades aqui, conheci muita gente interessante, inclusive brasileiros turistas... eu fiz muitas boas amizades no Brasil por conta disso, por trabalhar num lugar turístico, da mesma maneira que eu conheci uma pessoa que veio da França... então, eu sou aberto, eu sou expansivo, eu falo: a pessoa se senta ali na mesa: "aí, de onde você é? eu sou da França"; "ah tá! tudo bem?", tal; comecei muitas amizades boas assim aqui na Europa e também com brasileiros, tanto que eu já fui ao Brasil esse ano, por exemplo, e fiquei no Rio de Janeiro e fiquei hospedado com uns amigos que eu conheci aqui em Lisboa, mas que não eram imigrantes, tavam aqui de férias, eram turistas; então, é isso, eu vivi assim e continuo, eu tenho aquele... a gente criou uma comunidade brasileira, assim, muito... e, de certa forma, a gente, a nossa pequena comunidade é fechada, por incrível que pareça, são pessoas, assim, que... embora a maioria delas não seja como eu, não tenha esse ressentimento, não tenha se fechado em relação aos portugueses, mas a maioria delas também, por alguma razão - cada um tem a sua -, mas a maioria delas se sente confortável em tá ali naquele círculo ali só de brasileiros e, aí, é que tá, brasileiros, são pessoas... meu círculo de amizade, nós temos pessoas de todos os estados, mas aqui não importa de onde você é, você é brasileiro... e pronto... e os estrangeiros, cara, alemães... pronto: hoje, por exemplo, pra você ter uma ideia, daqui duas horas eu tenho um encontro, vou jantar com uma amiga minha americana, que mora em Lisboa, e é isso, é estranho... isso até ultimamente eu ando refletindo sobre isso, eu tenho de dar um jeito de mudar, eu me fechei, é pessoal isso, eu não posso viver aqui e não viver, percebe, eu preciso ter amigos portugueses, frequentar os lugares que eles frequentam, ir na casa de um português, jantar com eles na mesa e, sabe, não quer dizer também que eu sou nenhum monstro, assim, tenho conhecidos portugueses; ontem eu tive com um casal luso-brasileiro; a menina é muito minha amiga, há sete anos que eu conheço ela; eu a conheci quando ela chegou aqui, sete anos atrás; e ele é português, mas é uma pessoa fantástica, eu gosto muito; só me falta mesmo é me abrir mais e dar mais oportunidade; também já tem um pouco de personalidade nisso, sabe, também eu sou um bocado marrento, vamos dizer assim...

Entrevistador: Fabrício, Você vai regularmente ao Brasil?

Fabrício: "Regularmente" queria eu, cara. Todo ano. Um dia eu ainda vou conseguir, sabe; pro ano agora o meu projeto é abrir um *winebar* aqui, sabe, é o meu ramo, é o que eu faço, o que eu me apaixonei, mas não dá pra ir ao Brasil... dar dá, mas você não faz outra coisa na vida; tipo, tive lá agora, foi uma viagem, assim, mesmo pra lavar a alma; eu fui no dia 18 de janeiro e voltei no dia 6 de março desse ano; então, eu fui, pô, Mato Grosso, Goiás, Bahia, Rio de Janeiro... eu andei muito, cara, foi quase oito mil quilômetros de estrada, de carro mesmo... Chapada Diamantina... foi divertido, mas gasta muita grana, então, esse ano, a minha vontade... até o que eu tinha calculado era ir agora no inverno; não era pra eu tá aqui agora, dia 17 de dezembro, mas não dá, meu, senão você trabalha só pra ir pro Brasil, porque o Brasil tá um país cada vez mais caro, já não tem mais aquela euforia; quando eu cheguei aqui, era quatro por um, meu, ou seja, um euro, quatro reais; era essa época que vinha aquele brasileiro que eu te falei, que vinha juntar dinheiro pra comprar uma coisa lá, que tinha objetivo; como agora tá dois, dois e meio por um, já não faz mais sentido e o Brasil é a bola da vez; agora é ao contrário; eu li recentemente - isso me interessa, esses assuntos também, de imigração, de... - então, recentemente, eu li que de 2009 até 2011, já foram quase 300 mil portugueses pro Brasil, então,

agora, o fluxo reverteu; é como eu te disse, só vai ficar aqui quem quer morar aqui, aqueles que mesmo criaram uma vida aqui, se enraizaram, dez anos é muita coisa, então, as pessoas, né... mas, eh, pronto, eu quero um dia ter essa condição de... o ideal é isso: passar seis meses aqui, seis meses lá; é verão aqui, é verão na Europa, eu tô aqui; quando começar o inverno, eu vou no Brasil; e eu trabalho pra isso.

Entrevistador: Quanto tempo você ficou a primeira vez sem ir ao Brasil? Do primeiro retorno.

Fabício: Foi três anos. Eu cheguei em 2003, em janeiro de 2003 e fui ao Brasil em maio de 2006, a primeira vez; não fui antes porque eu não podia sair do país, porque eu tava ilegal, é aquela fase que todo brasileiro passou, né; e eu cheguei numa época que era muito difícil você conseguir se legalizar; hoje é fácil: você, por exemplo, tá me entrevistando aqui agora, mas se você resolver ficar aqui de vez, você fica, basta você arrumar um trabalho, alguém que te dê um contrato de trabalho e esse contrato, você com seis meses, ou seja, faz seis meses de descontos pra previdência social, aí, você pode pegar o seu... sua residência, né, o seu visto pra viver aqui; só que quando eu cheguei não era assim, meu, você dependia de... Daquele perdão presidencial, né, daquela... Foi o que o Lula fez no Brasil, agora, antes de terminar o mandato dele...

Entrevistador: anistia...

Fabício: anistia, isso... Eu dependia disso, né, e era aquela cena: eh, você... por exemplo, "quem chegou de janeiro de 2001 até julho de 2003 legaliza"; então, antes, era assim pra se legalizar; eu me legalizei na época... Na que ficou conhecida como "lei do Lula"; o Lula veio aqui na época, em 2005, se não me engano, e assinou um tratado que o governo português comprometia legalizar os brasileiros que viviam aqui, e foi nessa leva aí que eu me legalizei: só me legalizei em 2006; mas isso é aquela coisa... Não foi antes também porque era complicado, tipo, pra você se legalizar, você precisava de um contrato, mas o português não te dava o contrato se você não for legalizado; fica aquela coisa brasileira, né, tipo "eu tenho uma vaga de emprego, mas eu quero alguém com experiência", "mas como eu vou ter experiência se você não me dá o emprego?"; então, era basicamente isso, eu queria me legalizar, mas, pra me legalizar, eu precisava do contrato, mas como eu ia ter o contrato se o cara não me dava o trabalho - que com o trabalho eu teria o contrato -; aí, então, eu fiquei três anos nessa lenga-lenga, até me legalizar em 2006; tanto que, assim que eu peguei o visto, eu fui ao Brasil; aí, depois, eu fui de novo em 2009 por motivo de doença e... Meu pai ficou doente e faleceu, minha filha também - eu tenho uma filha no Brasil -, como eu disse, ela também teve doente; depois, pronto. Foram três vezes, 2006, 2009... Não: 2006, 2010 e 2011... 2012.

Entrevistador: e como foi o primeiro retorno? Você se lembra dos sentimentos?

Fabício: lembro, lembro porque... Eh, quando você passa um tempo aqui e depois volta pra lá, cara... Pô, querendo ou não, mesmo você aqui, que seja uma curta estadia, só pra... Com o objetivo de desenvolver uma tese, de estudar e fazer o doutoramento, mas você também vai voltar pra lá e não vai ser o mesmo homem porque você vê coisas, entra em contato com ideias, isso é importante; foi estranho a minha primeira volta a XXXXXX, eu fiquei lá 45 dias; as duas primeiras semanas eu tava lá de corpo, mas minha cabeça tava aqui, sabe, aí, depois que eu comecei... Inclusive, eu tava até chato, sem perceber, né, imagino eu porque você tá o tempo todo... Cê tá lá, mas tá falando daqui, tá contando, tá falando... E, hoje, aquela coisa que eu evito ao máximo: não há que cê fazer comparações, cara, isso é chato, né, tipo, "ah! Lá na Europa é assim...", você passa por pedante, por arrogante, por chatinho, né... "pô, o cara é europeu já não é mais brasileiro"; mas, pronto, eu me defino hoje como uma pessoa que já... Meio a meio, cara, eu sou meio europeizado já, vamos dizer assim: são dez anos, não são dez meses nem dez dias; muda muita coisa dentro de ti...

Entrevistador: Você tocou num tema que apareceu pela primeira vez e eu fiquei curioso: qual foi o impacto da legalização, dessa legalização... Foi um processo de legalização em massa, né, qual foi o impacto disso na sua vida aqui? Tem 'antes e depois', assim, é um marco? como foi isso?

Fabrício: O impacto, a diferença, Glauco, pelo menos pra mim e pra muita gente, é só que você pode viajar porque antes... Porque, na boa, se você... Portugal é muito Brasil, cara, isso aqui, você, como disse o Sérgio Buarque de Holanda - né, você deve ter lido o 'Raízes do Brasil' -, você só entende o Brasil quando você entende Portugal, quer dizer, isso aqui é um Brasil em menores proporções e, talvez, seja hoje o que o Brasil vai ser daqui a trinta anos, quer dizer, eles têm acesso a bens materiais, é uma sociedade mais estabilizada, né, é uma sociedade capitalista mais evoluída no sentido até positivista da palavra, vamos dizer assim, mas eles também têm aquelas vicissitudes, velho, é um país também que você vive dando um jeitinho, empurrando com a barriga; uma coisa é você ser um brasileiro ilegal em Londres, você não fica ilegal em Londres, cara, a polícia te prende e você vive numa eterna, numa constante tensão, você pode ser abordado pela polícia o tempo todo e ser deportado, a polícia pode bater na sua porta e te deportar, e dizem até que pessoas ganham recompensas, recompensa financeira mesmo pra denunciar imigrantes ilegais; Portugal não tem nada disso, meu, se você entrou aqui, ninguém vai te deportar, a polícia não vai te prender, se você não tiver fazendo nada de errado, não tiver fazendo merda... Ninguém te deporta, então, a diferença da legalização vem só no sentido de você poder ir ao Brasil, foi isso que eu senti a partir do momento... Tanto que, quando eu peguei o visto, eu fui ao Brasil e voltei porque se eu fizesse isso ilegal, eu saía e não voltava, eles não me deixavam entrar de volta; então, em termos de Portugal, é diferente; se você entra em Portugal, você vive aqui, e eu conheço gente que tá aqui há quinze anos, véio; tem brasileiro aqui que praticamente é indigente, cara; aqueles caras que se perderam, sei lá, vivem; você encontra por aí, pelas ruas do Bairro Alto, se tornaram boêmios, mas é um cara que não tem residência, não tem passaporte, não tem documento nenhum, já perdeu tudo; o cara não tem... Simplesmente, não tem nenhum documento, ele não tem passaporte brasileiro, ele perdeu ou já venceu, e ele não renovou, ou ele não tá nem aí pra isso e muito menos tem documentos portugueses, e como ninguém aqui vem encher do saco do cara ou vai deportar o cara, então, cara, aqui se vive, basicamente essa é a diferença; nenhum país da Europa você vai viver na boa, ilegalmente igual você vive em Portugal; é um pouco Brasil isso aqui, sabe, a lei não é aquela coisa pra ser aplicada a sério mesmo, então, basta você não fazer nada de errado, não se envolver com nenhum tipo de crime e nem se envolver em brigas de rua... Aí, pronto, ninguém vai te deportar, até porque a polícia aqui não tem poder de deportar, isso é pro SEF, né - a sigla pra 'Serviço de Estrangeiros e Fronteiras', a Imigração, vamos dizer assim -, então não tem essa tensão que você poderia ter em brasileiros que vivem em outros países tipo na Alemanha. Na Alemanha o cara não vive ilegal, não vive, meu, eu te falo que não vive! Ele fica por um tempo; assim que acabar o dinheiro dele ele vai embora porque ninguém vai contratar ele, ele não vai ter emprego, ele não... Sem falar alemão, então... Aqui também tem isso, não tem a barreira da língua, então, isso é fascinante, cara, porque aqui é um... Portugal é um país que você vive ilegal e você não precisa de muito dinheiro pra viver... Sabe, não tem... A vida aqui é mais lenta, não é aquela... Mesmo aqui em Lisboa, que é a capital, cara, o ritmo de vida aqui é lento e isso fascina, inclusive outros europeus que vêm se refugiar dessa correria da vida moderna vem pra Lisboa, cara, sabe... Portugal no imaginário europeu é aquele exótico, assim, que não é tão fascinante e exótico quanto o Brasil, que tá lá nos trópicos, mas também é um país à parte na Europa, cara; pra já, é latino e o europeu do norte, um alemão, um norueguês, um dinamarquês ou um... Qualquer um europeu germânico, ele tem plena consciência que tem uma diferença muito grande entre ele e um latino, cara, e, dentro disso, ele tá em Portugal à maneira, tipo, aqui tem muitos alemães, o Algarve! O Algarve é alemão e inglês, meu, não vamos longe; o Algarve no verão você tem cardápio em inglês, meu, você não tem cardápio em português: aquilo é só gringo, é só... Mas por quê? Porque é o pedaço de paraíso na terra do cara, do alemão, ele não

tem aquela vida tão rigorosa, tão centrada, tão marcada pelas regras como na Alemanha, aqui... Pra já, aqui, você pode beber álcool na rua, você pode andar na rua com a... Sabe; então, isso é diferente... É diferente; é muita coisa que determina isso, cara; imigrar pra Portugal é relativamente diferente de imigrar pra outro país que seja porque você só tem que fazer uma leve adaptação, cara, mas basicamente você tá em casa, meu; a comida é deliciosa, não é muito diferente do que a gente tem; a língua é a mesma, ninguém tem que fazer um curso de português pra viver aqui - você tem que adaptar teu ouvido -; confesso que quando eu cheguei aqui eu não entendia nada que eles falavam, mas, pronto... É um país fascinante; eu aprendi a gostar disso aqui; ano que vem, inclusive, eu tenho direito à cidadania portuguesa, pra pegar uma dupla cidadania, e quero, gosto daqui, cara; como eu te disse, eu pretendo... Portugal, mesmo que um dia eu daqui vá pra outro país da Europa, mas Lisboa vai ser sempre a minha base na Europa; eu já me considero meio português também, vamos dizer assim; e também espero, um dia, devolver ao Brasil o que aprendi aqui, cara, eu acho isso justo, sabe; aqui foi muita aprendizagem; eu entrei em contato com ideias, com uma visão de mundo, sabe... Você é meu vizinho, você é de Brasília, cara, tu sabe que... Pronto, uma coisa é quando você é do Rio de Janeiro ou Salvador, o gringo tá ali no teu dia a dia, sabe, no Rio de Janeiro é isso: você tem estrangeiro, turista pra todo lado; em XXXXXX você não tem gringo, cara, o gringo lá é um ET, um alienígena, então, eu acho fascinante essa multiculturalidade, essa... Esse cosmopolitismo de Lisboa, cara, você tá a ver gente, isso é fascinante, eu aprendo e gosto muito disso; mas, ao mesmo tempo, isso me complicou a vida porque agora eu já não sei se eu seria capaz de viver em XXXXXX novamente; XXXXXX ficou pequena pra mim, percebe; portanto, se hoje eu volto pro Brasil, eu tenho consciência que eu vou trabalhar nessa área do turismo..., então, eu tenho que tá onde estão os estrangeiros; eu gosto disso... Rio de Janeiro, seja o nordeste do Brasil, mas eu vou tá em lugares cosmopolitas porque eu gosto de falar com pessoas de outros países, de outras culturas, isso me engrandeceu muito enquanto ser humano, enquanto estudante também, enquanto pessoa, enquanto tudo; trocas são sempre boas.

Entrevistador: Como é que é a sua vida hoje aqui em Lisboa, sua rotina? Como é que é um dia típico seu?

Fabício: "Um dia típico". Pronto, basicamente, eu trabalho... meu horário, meu horário é bacana: eu trabalho das cinco à meia-noite, sou gerente de um restaurante, portanto, meu trabalho é mais vocacionado, orientar, estabelecer as normas que são pra serem seguidas, percebe; agora, nesse momento, por exemplo, antes de eu vir te encontrar, eu tava definindo o novo cardápio de vinhos, eu tô mesmo visitando garrafeiras, escolhendo vinho - uma coisa também que eu aprendi, em XXXXXX não tinha vinhos, tá vendo como é bom isso! Em XXXXXX eu não tinha contato com isso; não que XXXXXX não tinha vinhos, eu que não tinha contato com esse universo; mas, pronto, meu dia a dia é isso, é falar com as pessoas, definir o cardápio, tipo, "não, vamos mudar isso"; basicamente, são oito horas de trabalho; eu era muito da festa também: pronto, termina o trabalho meia-noite, passa ali no *happy hour* com os amigos, a gente bebe alguma coisa, fala... Às vezes, eu vou pra algum bar, mas, geralmente, eu venho pra casa; eu ando muito caseiro ultimamente; aí, pronto... Caseiro e introspectivo porque eu chego à casa, eu vou ler, vou estudar, vou fazer alguma coisa ou vou simplesmente ver televisão... No outro dia eu acordo... No dia a dia... Pronto, eu tô bem adaptado a essa vizinhança... Aqui... esse homem me conhece há muitos anos; quase todo mundo aqui me conhece porque eu sou praticamente um local, né: eu almoço ali naquele restaurante, já tenho meus hábitos, né, então...

Entrevistador: E você mora aqui nessa área e trabalha aqui?

Fabício: Eu moro logo ali; tá vendo aquela farmácia com aquele luminoso? Eu moro ali, naquela esquina, então... E trabalho também, eu vou a pé; toda a minha vida é aqui na cidade velha, né, no centro de Lisboa... Basicamente, eu não preciso de transporte coletivo pra nada; tudo o que eu faço eu vou à pé; então, é isso; no outro dia eu acordo - não muito cedo,

infelizmente - mas, aí, faço as minhas coisas, saio, encontro os amigos, tomo um café, vejo o que tem que fazer; minha rotina é essa, vou pro trabalho, e ali tem a ga... À noite, o atendimento ao público e pronto; basicamente é isso.

Entrevistador: A gente tá quase terminando, eu creio, mas se você me falasse um pouco da sua vida no Brasil. Você começou a me contar a sua história a partir do momento da imigração, mas, assim, um resumo curto, a exemplo, da sua infância, escola, essas coisas que costumam marcar a vida da gente.

Fabrício: O que é que eu posso dizer de uma maneira resumida? Eu não sou... Pronto, eu não sou rico, eu seria o que - se é que no Brasil existe - a famosa classe média, né, meu; sabe, eu não tenho uma história de vida triste: eu ganhei bicicleta nova no Natal e aquela coisa toda, cara; eu não vim aqui porque tava passando fome ou nada disso; é importante, sabe... Eu notei nos anos... sempre que você se apresenta a um estrangeiro e tal e tá falando, aí, "ah, de onde você é?", "eu sou do Brasil", "ah! Você é do Brasil!", é fatal: 99,9% das vezes vão te perguntar "por que você veio pra cá?", mas eles perguntam isso, muitas vezes, já imaginando que vão ouvir uma história triste, né, que eu fugi de um tiroteio na favela ou que eu passava fome... Nada disso, cara! Eu vim aqui porque talvez fosse meu destino vir pra cá; aconteceu, cara; eu tava mesmo na pior quando a minha irmã foi lá de férias, ela já tava aqui há três anos e sempre me chamou, mas eu nunca quis vir, mas, naquele momento, eu resolvi vir; ou seja, eu sou filho de pais separados, cresci... uma parte da minha vida eu fui criado por minha avó paterna, depois, fui viver com o meu pai e a nova esposa dele, minha madrasta; eles nunca me deixaram faltar nada; estudei numa escola boa, tive liberdade de escolher o que eu quis estudar - tanto que eu escolhi história -; entrei na faculdade de História na Federal - Universidade Federal de YYYYYYY - e antes de concluir o curso eu tinha trancado porque também, aí, eu tive... A minha filha nasceu, aí, pronto, tive que correr atrás, trabalhar, né; e, disso de o curso ter trancado, eu nunca concluí o curso na Federal e eu tranquei o curso faltando só a monografia pra entregar, mas o que eu fiz? Eu vim pra cá e transferi pra cá, ou seja...

Entrevistador: Pra Lisboa?

Fabrício: É. Eu tenho esse privilégio, cara, eu fiz dois cursos de História: eu fiz o curso de História da UFX, em YYYYYYY, e fiz o curso de História na Universidade de Lisboa, que é a universidade federal daqui, né, pública; então, basicamente, eu estudei a história do ponto de vista do colonizado e do colonizador, né; isso também me engrandeceu, foi fascinante; então, é isso, meu, eu era uma pessoa igual qualquer outra lá no Brasil, eu tinha meu emprego, eu trabalhava, tinha namorada, saía pra balada, bebia cerveja, tinha uma vida... nada assim de muita... Nada excepcional, assim, sabe, não era de uma família rica, mas também não era de uma família miserável, sabe, então, tinha meu carro no Brasil antes de vir pra cá; então, tem muito a ver com escolha de vida; hoje eu tenho plena consciência que com o que eu aprendi aqui hoje, com as coisas que eu aprendi nesse dez anos de Portugal, profissionalmente, eu me daria muito bem no Brasil; bastava eu me focar, definir a cidade que eu quero viver e me focar naquilo e trabalhar por isso, eu conseguiria ter uma boa vida no Brasil, só que agora eu tô bem dividido, como eu te disse, são dez anos, sabe, também já tem muito apego pela vida aqui, sabe, e eu também tenho uma coisa assim que é muito peculiar: eu não tenho aquele apego, não sou tanto aquele cara família, sou um bocado desleixado; eu sei também que há pessoas que têm tudo pra ficar aqui, gostam de tá aqui, mas que são muito família, que não conseguem por isso, porque tem aquele lado, que chama, né... A família... Talvez por eu ser filho de pais separados... Então... Não tô dizendo com essas palavras que eu não goste da minha família ou que eu não me importe nem nada disso, mas eu... não sei... É um bocado diferente... Eu curto o desapego; isso também é uma influência, cara... Aqui na Europa, brasileiro é muito ligado ainda na vida comunitária; eu vejo que nós somos um povo ainda que... Talvez o clima proporciona isso, mas brasileiro é muito comunitário, sabe, ele... O círculo de amizades de um brasileiro é muito maior do que o de qualquer europeu, embora seja mais superficial; no Brasil você tem muitos amigos,

mas você tem poucos bons amigos; na Europa você tem poucos amigos, mas os poucos que você tem são mesmo verdadeiros; então, o individualismo europeu é muito marcante e pronto, se eu vivo aqui, eu acabo... Vejo que eu acabei sendo influenciado por isso, o europeu é muito fechado em si, é um respeito muito grande pela sua própria individualidade e pela individualidade alheia, coisa que o brasileiro não tem; você vê isso em detalhes do dia a dia, tipo eu tô passando na rua com a galera e "pá, o Glauco mora ali", "ah, vai, vamos parar aí, vamos comprar...", pá, toca a tua campainha, "oh, Glauco, e aí, beleza?", e o Glauco: "não, sobe aí, chega aí", sabe... Aqui isso não acontece, meu; você não bate na casa de alguém assim do nada, você liga antes avisando que vai passar lá ou combina, então, eu tive que me adaptar a essas coisas e, então, se eu volto pro Brasil hoje, eu vou voltar diferente, tipo, de repente um cara me passa, bate na minha porta uma hora da manhã, eu já não vou achar muito legal, tá ligado? Tão normal - não é que eu não vou achar legal, não vou achar tão normal como eu achava há dez anos atrás; é isso, cara, cultura.

Entrevistador: Marcos e o futuro? A gente falou um pouco do passado, bastante do presente e o futuro?

Fabício: O futuro é isso, cara, eu quero ampliar meus horizontes; eu penso que, por mais que eu goste de Portugal, mas dez anos aqui já é muito; o plano agora é talvez é ir pra outro país da Europa porque agora eu tô focado em fazer um pé de meia, né, cara; eu não conto com previdência social nem nada disso pra sustentar minha velhice, até porque a previdência social tá falindo no mundo todo, né, esse modelo ocidental já era, faliu, é preciso ter mais jovens que velhos e a equação se inverteu, você tem mais velhos que jovens, então, não posso contar com um Estado pra me sustentar no futuro, então, eu tenho plena consciência disso; e tendo consciência disso, meu objetivo é centrar em me estabelecer, de uma maneira assim que eu tenha algum resguardo financeiro pra garantir o futuro, mas sem pressa, sem paranoia; eu ando numa cena muito espiritual até, vamos dizer assim, bem minha; não preciso ser rico, eu não quero nada a mais, além do que eu preciso, mas há que se pensar na velhice; então, basicamente é isso, agora, pra 2013, o meu objetivo agora é abrir o meu próprio negócio; eu já tive um restaurante aqui em Lisboa, não foi bem sucedido, eu tinha um sócio, o cara era muito porralouca, não deu certo.

Entrevistador: Brasileiro?

Fabício: Brasileiro. Mas pronto, eu continuo amigo dele na boa; não foi o momento certo; nem eu nem ele estávamos preparados pr'aquela responsabilidade, naquele momento, mas agora eu pretendo fazer a coisa de uma maneira mais centrada, mais pé no chão porque... Pronto.

Entrevistador: Só uma última pergunta que tem surgido nas entrevistas sempre algum comentário do momento que a Europa tá passando agora e do retorno, do refluxo de brasileiros. Como que você tá sentindo isso? Você tá sentindo isso? como que você tá percebendo esse movimento?

Fabício: Não, que a Europa tá em crise, Portugal principalmente - não diria a Europa, né, a Alemanha vai bem, obrigado, mas Espanha, Portugal -; pronto, vamos falar do meu universo, Portugal; eu lamento pelos amigos que tão indo embora, né; como eu te disse, nesses últimos dois anos eu vi muita gente ir embora e pessoas, assim, que vão deixar saudade, que dentro dessa comunidade que a gente criou aqui são pessoas que fazem falta, sabe, mas isso não me afeta por quê? primeiro, eu tô estabelecido aqui; eu tenho um emprego; e eu gosto de viver aqui, então, eu enfrento essa crise como um português enfrentaria, como uma pessoa que vive aqui enfrentaria, seja indo na rua protestar, ou seja me resignando, mas eu não vejo diferença na minha postura e na postura de um português; eu vivo aqui, é uma escolha minha e os que se sentem afetados pela crise, e acham que já não dá mais, tão indo embora; então, basicamente, a diferença é essa...

Entrevistador: Mas esse fluxo de retorno ele é afetado, ele é relacionado à crise ou isso é um fluxo normal, que sempre...

Fabício: É e não é; é como eu disse, eh, essas pessoas, como esse amigo meu que veio aqui pra juntar dinheiro, comprar um sítio, comprar as vaquinhas... esse tipo de pessoa que veio aqui com o objetivo de ganhar tanto, ele é diretamente afetado pela crise, ele não tem interesse nenhum em viver aqui; muitas vezes viver aqui, pra esse tipo de pessoa, é um martírio, o cara tá aqui suportando de uma maneira até estoica, né, uma coisa que é só pra garantir um benefício futuro; outra coisa é o cara que se adaptou aqui, criou vida aqui, então, esse tipo de pessoa é afetado pela crise? é; mas tem que ser mais do que a crise pra fazer essa pessoa ir embora, a pessoa que escolheu viver aqui; pode acontecer, o cara quer ficar aqui, mas, infelizmente, não há trabalho, não há condições, o cara vai embora, com lágrimas nos olhos, mas vai embora, mas não é o senso comum; a crise afeta só o brasileiro, faz ir embora só o brasileiro que veio atrás do dinheiro pura e simplesmente; é o cara que veio pelo dinheiro; tanto que a minha irmã, que me trouxe pra cá, assim que nós chegamos aqui, passou três meses, ela se mudou pra Espanha; foi engraçado, ela passou três anos me enchendo o saco pra eu vir pra Portugal, quando eu venho, ela vai pra Espanha; ela foi viver em Madri, tá lá até hoje, há dez anos, então... mas ela escolheu viver em Madri... o marido dela tinha melhores propostas de trabalho lá, o cara é colombiano, então, pronto, o caso dela é diferente; então, eu fui a Madri a primeira vez em 2005 e fiquei lá um mês; nesse um mês que eu fiquei em Madri, eu vi um brasileiro só, trabalhando numa pizzeria; dois anos depois, você em Madri, tinha brasileiro pra todo lado, mas era o brasileiro o quê? era o brasileiro... o brasileiro da Espanha, se você conversar com ele, você vai descobrir que é o brasileiro que morava em Portugal e ele só fez atravessar a fronteira foi quando as coisas aqui começaram a piorar, começou a não ser tão rentável tá em Portugal, foi quando os brasileiros começaram a atravessar a fronteira e ir pra Espanha; então, basicamente o brasileiro que hoje vive em Espanha eram brasileiros que viviam em Portugal, ou seja, foi pra Espanha porque monetariamente não tava valendo a pena ficar aqui em Portugal, só atravessou a fronteira, e isso começou em 2007, por aí; então, mais uma vez é aquela, é aquilo que eu te disse, cara, fica aqui quem gosta daqui; esse país tem o dom também, Portugal: ou você ama ou você odeia; mas uma coisa é verdade, muito dinheiro aqui você não vai ganhar; aqui tá longe de ser o país mais rico da Europa, tem problemas, tá em crise... então, se você tem aquele sonho de Eldorado, não é pra Portugal que você deveria vir, mas muita gente veio pra Portugal naquela esperança que... porta de entrada, né, “de Portugal vou pra outro lugar”, mas não vai, meu! aí o cara fica e, nisso dele ficar, ele conhece gente, começa a namorar, aluga uma casa e constrói uma vida e vai ficando; mas pronto; eu vejo essa crise como uma peneira, velho, vai peneirar mesmo, vai ficar aqui s... o fluxo, o impacto que foi, tipo... parece um ataque dos vândalos, né, cara: aquela coisa rápida, fulminante, que deixa impacto; então, o impacto que essa invasão de brasileiros teve aqui em Lisboa não vai ser apagado assim, cara; você vê isso na cultura portuguesa, cara; qualquer bar que tu vai hoje, tu pode pedir uma caipirinha, uma coxinha, sabe... eu acho isso fascinante, cara; aqui, nesse quiosque ali tem coxinha, meu; percebe, nós deixamos a nossa cultura mesmo que grande maioria vá embora, mas a...

Entrevistador: O supermercado aqui vende pão de queijo...

Fabício: Tem pão de queijo; mesmo que a gente vá embora, mas a nossa cultura ficou, cara; a gente deixou a nossa marca aqui; agora, não acho que todos vão embora, isso não vai acontecer, tem muita gente que vai ficar porque escolheu ficar...

Fabício: Então, é isso, cara, quem gosta daqui vai ficar, quem construiu uma vida, quem criou raízes aqui, vai ficar e quem veio só pelo dinheiro já foi embora ou vai; basicamente é isso ou não; e, também, vamos ser justos, vai ter aqueles que queriam ficar, mas vão ser forçados a ir porque não tem como mais, né; também já conheci uma pessoa assim; a pessoa até queria ficar, mas não tem trabalho, meu, a empresa dispensou e a pessoa não encontra trabalho, então, acaba tendo que ir embora; mas, basicamente é isso.

Entrevistador: Você, nos seus planos, vai ficar?

Fabício: É; eu vou ficando; daqui, se eu for embora, não vai ser pro Brasil, vai ser, talvez, pra Noruega, pra um outro país da Europa; o Brasil fica pra depois; o Brasil eu vou pra estabelecer ali alguma coisa que talvez venha a ser a minha aposentadoria, percebe; eu ainda quero ter um negócio no Brasil, nunca vou perder essa relação, essa ligação com o Brasil, mas, ao mesmo tempo também, eu tô dividido: na boa, eu gosto daqui, mas ao mesmo tempo eu amo o Brasil, só que eu amo o Brasil agora de uma maneira até mais madura, eu diria, não é aquele nacionalismo infantil do patriota; eu vejo o país com problemas, mas um dia eu espero poder dar minha contribuição pro país que me viu nascer, né, cara; e, sabe, eu sou um professor... eu era antes de vir pra cá e, talvez o que eu aprendi aqui eu possa ensinar pras nossas crianças lá; então, eu não tenho essa relação também... não sei se nas tuas entrevistas se você já topou com aquele brasileiro que odeia o Brasil, que também tem; tem brasileiro que chega aqui, que ele cria uma relação de ódio em relação ao Brasil, cara, eu acho isso doentio, estúpido até, né, porque que a pessoa vai odiar a terra em que nasceu, mas pronto, quem sou eu pra criticar, né! cada um tem suas razões, mas não é o meu caso: não tenho nenhum ódio em relação ao Brasil, amo o Brasil, tenho orgulho de ser brasileiro e ser brasileiro me abre muitas portas, percebe, seja em termos de... você já conquista uma pessoa, véio, só falando que é brasileiro, você chega com aquele sorriso... isso, pressupondo que você fala inglês, você tá na Alemanha, lá naquele frio, num barzinho, num boteco em Berlim ou em Munique ou em Hamburgo, sei lá, e você tá, meu... você sabe como os alemães são... eles não vão falar com você, mas você abre aquele sorriso: “oi, tudo bem! e aí!”... “eu sou do Brasil”... porra, meu, aquilo ali já te abriu... meio caminho já tá andado, sabe, só de você ser do Brasil a pessoa já vai olhar: “Ah é, do Brasil?!”; então, como é que eu posso ter raiva ou ressentimento de um país assim tão bonito e que proporciona tantas coisas boas, sabe; eu tenho orgulho de ser brasileiro, cara, o que eu sou só foi possível por eu ter nascido no Brasil e ter cultura brasileira, de ser alegre, expansivo, otimista e tudo aquilo que, pronto, todo mundo já sabe; então, há pessoas e pessoas, cara; é difícil... eu sei que teu trabalho é científico, você vai filtrar, né, vai ver... você tem que tentar encontrar um consenso, tipo, você tem que pegar numa coisa que oito afirmaram... de dez, oito afirmaram que sim pra de repente dar um embasamento científico, mas em se tratando disso é complexo, né, você vai entrevistar pessoas e pessoas e, é como eu te disse, tudo vai depender da história de vida da pessoa do nível sociocultural, socioeconômico, da escolaridade dessa pessoa, várias coisas... de onde ela chegou, cara, de como ela foi acolhida, como ela foi recebida aqui... uma coisa eu notei, cara: o primeiro contato aqui determina muita coisa, sabe, quisera eu ter caído num lugar assim que eu fosse tratado com mais respeito, de repente, minha história teria sido outra; eu me fechei muito mesmo, isso é mal, tô corrigindo isso, mas... eu me fechei em relação aos portugueses... é besteira! besteira mesmo; é isso.

Entrevistador: Fabrício, muito obrigado, se você for pra Noruega, gostaria muito de te entrevistar daqui a uns três ou quatro anos; acho que me daria uma entrevista ainda mais interessante do que essa, depois dessa (???)

Fabício: E olha que eu nem sei se vai ser Noruega, pode ser Alemanha, pode ser República Tcheca, pode ser qualquer lugar; aqui eu aprendi o seguinte, Glauco: o mais difícil eu já fiz, cara, foi sair da minha cidade natal, foi sair de XXXXXX, meu mundo; depois que eu saí de lá, hoje eu vejo que tudo é possível porque viajar, meu, você precisa mais de coragem do que de dinheiro; é mais atitude do que qualquer outra coisa; se você reparar bem, a maioria das pessoas constroem milhões de desculpas pra não saírem da sua zona de conforto; e viajar é isso, cara, é enfrentar o desconhecido, é sair da sua zona de conforto; então, depois que eu saí de XXXXXX, meu, o que vier é lucro; tudo é aprendizado; eu acho isso legal.

Entrevistador: Marcos, muito obrigado mesmo, foi muito rica a entrevista; com certeza, vai dar boas páginas à minha tese.

Anexo B: transcrição de entrevista realizada na Alemanha

Entrevistadora: Bom é isso como eu tava te falando eu gostaria que você dissesse contasse a trajetória da sua vida. É, e tentando falar do seu passado, da migração, do presente e do futuro. E, por favor, antes disso, seus dados gerais, seu nome, onde você nasceu e data do nascimento.

Gabriela - Meu nome é Gabriela S., eu nasci em (nome da cidade X), em 1985. Morei lá até os 18 anos e depois fui estudar em outra cidade. Tenho duas irmãs, família normal, 17/10/85. Ontem eu tinha aniversário (risos). E que mais de dados gerais? Eu casei em 2008 e... por causa do casamento que eu vim pra cá, por isso que... por isso que eu vim pra Alemanha. Nunca tava assim nos planos fixos, mas aconteceu e... e eu topei, por isso eu tô aqui.

Entrevistadora – Certo.

Gabriela - E eu estudei Teologia, em uma cidade do Norte de (nome do estado X), quatro anos e... Teologia também já tem a ver com a imigração, com a Alemanha porque... os livros... tem tudo ligado assim, né? Muito dos meus professores, muitas das pessoas que trabalham lá, moraram aqui. Então, a partir do momento em que eu fui pra Faculdade, eu já comecei a ouvir muito mais da Alemanha. E por eu ser da Igreja Luterana também já... os pastores, as pessoas que trabalham com a Igreja têm já uma ligação mais com País assim, né? Pelo fato deles manterem ainda muitos... muitos trabalhos no Brasil, financeiramente... publicarem vários artigos, várias coisas – claro que daí a gente tem de traduzir tudo no Brasil... mas, assim, tem uma ligação, tem... é a Pátria da igreja Luterana de... pode-se dizer que a é Alemanha, né? Por isso já tem essa ligação.

Entrevistadora – Uhum.

Gabriela - Meu pai fala alemão, por eu ter raízes alemãs, né? Eu não sei se é a terceira ou a quarta geração. O avô do meu pai só falava alemão, nunca chegou a aprender Português, e meu pai aprendeu alemão de ouvir e pra ter que se comunicar com pessoas que daí também só falavam alemão, né? E... ele ainda fala, é um dialeto, chama *Plattdeutsch*, e... o alemão dele eu entendo bem assim, assim não tem muita diferença, né?

Entrevistadora – Uhum.

Gabriela – E... Assim não é um país... Digamos, a Alemanha não é um país que eu não tive contato, eu acho que com a língua, com as coisas aqui... Sempre tinha alguém da Igreja ou alguém que vinha pra cá, então assim... Era muito mais familiar vir pra cá do que pra um outro lugar, assim. Não era uma coisa totalmente desconhecida, a própria cultura... esse negócio de fazer... fazer muito bolo, de fazer bolachinha no Natal, assim, muita coisa a gente ainda tinha preservado assim, né? Então, não foi digamos um choque de cem por cento, quando eu cheguei aqui algumas coisas foram bem familiares, assim. Bem, eu vim pra cá por causa do meu esposo. Ele foi convidado a fazer Doutorado, pela Igreja Luterana e... nós chegamos aqui dia 28 do 10 de 2008. Há exatamente, nove meses assim a gente não tinha um ano de casado ainda. E antes de a gente casar eu já sabia que ele tinha essa possibilidade, então eu já sabia assim ou eu caso e vou embora, ou eu fico lá e caso só depois quando ele voltar. Então era assim, ou vai ou racha. E daí, eu, pra te falar a verdade eu não pensei muito assim. Eu pensei ah, eu amo meu namorado e eu vou casar e vamos juntos, né? E... só que eu não tinha nenhuma ideia, nunca tinha feito viagem Internacional, a língua eu só ouvia do que os outros falavam assim, que tá *heiß* ou que... que é frio... assim tinha bem pouco conhecimento antes. E daí eu cheguei aqui, a gente chegou já era começo do outono, já tinha um mês de outono e no outro dia já nevou. Acho

que as primeiras duas semanas a gente não tem muita dimensão do que é, né? Depois assim, que a gente vai vendo que as coisas que a gente cozinha é difícil de achar. Assim, a coisa bem básica do dia a dia assim, aprender a contar o dinheiro diferente. Aos poucos a gente vai vendo que a gente não tá mais em casa, assim, vai ficando bem claro, né? E isso ficou bem claro porque eu sou bem comunicativa, assim, eu gosto de conversar, de fazer amizade. Às vezes até já faço demais, tem que cuidar, o Antonio não, já é mais introspectivo. Mais aí uma pessoa ficar sem conseguir falar, sem se comunicar com as pessoas, é difícil, assim. Isso foi acho que a primeira barreira que eu senti assim foi a língua. E até nós tínhamos um vizinho brasileiro e isso foi também uma coisa muito boa que ele ensinou nós a separar o lixo. Claro eu tinha uma noção de como separar o lixo, mas tinha as cores, né? Que aqui na Alemanha tem, assim. Eu me sentia que nem uma criança e tinha que aprender a atravessar a rua, porque eu tinha que apertar o botãozinho e não podia atravessar antes do sinal vermelho, que não podia isso, não podia aquilo, assim, a gente se sente como se a gente tivesse que aprender de novo a viver... hum... aprender a viver de novo, tudo, né? Que pra tomar banho, assim, é pra economizar um pouco de água... quando escovar os dentes, usar um copinho pra tá economizando água também, que a água já é mais cara... Com a água aqui, o cabelo da gente fica diferente, porque a água tem muito cálcio... Assim, as coisas assim bem básicas, eu me lembro que eu fiquei seis meses usando o fermento errado, porque eu olhava no dicionário escrito *Hefe*, fermento era igual a *Hefe*. E aqui chama, o fermento de bolo chama *Backpulver* e eu não tinha ninguém que me dissesse o que é que era o fermento verdadeiro, né? Então... mas essas descobertas todas assim, isso não me doía tanto. Eu achava legal quando eu encontrava assim um outro brasileiro que me dizia o que é que era e o que não era. Porque... ah, foram alguns bolo pro lixo... Ou a carne moída que tem muita gordura, eu lembro que eu fazia daí pastelão e o pastelão boiava na gordura, assim, e eu não entendia porque, daí depois que eu me toquei que a carne é moída com muita gordura junto, né? E daí eu acho que a partir do momento, a comida foi uma coisa, assim, que claramente eu vi que daí eu já não tava mais no Brasil. Assim uma coisa que agora vai ter que mudar porque essas coisas tu não acha mais, tu não vai poder comer as mesmas coisas, né? Então acho que a partir da comida, dessa pesquisa de ver o que é que eles comem, eu observo muito quando eu vou na casa deles, o que que eles comem, com o que é que eles temperam, eu olho as cozinhas, tudo assim que eu puder, nos mínimos detalhes perguntar, porque como boa dona de casa no Brasil, assim, né? Que a minha mãe foi dona de casa, então pra mim não é uma coisa estranha ser. Eu acho que é um universo que, que, não sei, a partir da cozinha eu cheguei na Alemanha, eu acho. Eu acho que foi muito assim, de aprender de temperar salada... Meu, eu gosto mais de salada aqui do que eu gostava no Brasil! Em muitas coisas, assim, eu não consigo ver... doeu, o começo aqui, mas eu não consigo ver a minha vida já sem esse período. Assim... Graças a Deus hoje eu posso dizer também assim que eu gosto, que tá tudo bem, porque no começo essas barreiras assim, que nem tudo foram coisas boas. Assim com o dinheiro... A gente é por ser você estudante não tinha tanto. Já no Brasil não tinha horrores, mas a gente tinha carro, tinha alguns confortos que aqui a gente já não pode ter. E... como bom brasileiro, eu não gosto de caminhar muito, fazia as coisas tudo de carro... isso também a gente teve que aprender. E... renunciar a esses confortos, eu acho que é a primeira, uma das primeiras barreiras também que o brasileiro, é... que o alemão, ele tá mais disposto, tá chovendo ele sai igual, ele... tá nevando ele sai igual. A gente, se tiver chovendo um pouquinho, a gente fica tudo dentro de casa, né? Então... foi legal aprender assim, no começo doía bastante. Ah, vai estragar o meu cabelo, vai não sei o quê, né? Aí depois foi indo mais no automático, assim, ah, já compra uma jaqueta que tem isso que tem aquilo. E daí, já... a gente, a gente, não sei... Eu, eu acho que eu convivi com muito pouco brasileiro no começo e isso foi bom porque eu adquiri muita coisa deles, assim. Eu, às vezes eu acho que eu não sou mais, eu não posso dizer que eu sou cem por cento brasileira, porque eu adotei muitas coisas, muitas coisas mesmo dentro de casa. A gente cozinhar justamente falando da comida, ah...

Entrevistadora – Você falou assim que tinha que se acostumar aqui. Que você vai ter que mudar, porque você não vai mais poder comer as mesmas coisas. E você disse que quando você vai à casa dos alemães você observa o que é que eles comem. O que que você não ia poder mais comer e o que que é que eles comem?

Gabriela – Ah, trocar a mandioca pela batata (risos). A mandioca pela batata que na minha casa a minha mãe tem uma descendência portuguesa bem forte dos Açores por morar em (nome da cidade X) e... mas os meus pais também, a minha avó era colona e plantava também muita mandioca, né? Então... a gente sempre comeu muita mandioca. Aipim chama no Sul, não chama mandioca, chama aipim. E ter que trocar também... aprender a comer também talvez um pouco menos de carne e isso foi muito bom porque eu não sou muito chegada, assim. É... Que mais que no Brasil, que a gente num...? Ah, automaticamente a gente come mais carne de porco, quando a gente come carne come mais carne de porco do que carne... fiquei também um longo período sem comer carne e isso não foi também tão penoso, porque aqui tem muitas opções, cogumelos, essas coisas tudo que a gente daí não tem no Brasil, a gente aproveita aqui, né? Falando de outra coisa a não ser de comida (risos). Outra coisa que... uma parte assim também que foi difícil foi porque eu morei nove meses num lugar, numa casa de Estudante que tinha tudo, assim, tava bem equipada mais ou menos que nem aqui onde vocês moram. E depois a gente se mudou pra um lugar que não tinha nada, né? E daí isso também foi pra mim... eu me senti vazia de novo, como se eu não tivesse... não sei, é... não sei se acho que é não só por ser brasileira, eu acho que a pessoa é assim, acho que ela precisa do mínimo de coisas pra achar que aquilo é seu. Eu não achava que a casa é minha, eu não achava que... (riso) acho que eu só tinha minhas roupas, acho que só as roupas que eu achava que era minha, que o resto nada me pertencia, né? Essa mudança, daí a gente teve que fazer amizade nova... foi assim... a própria mudança dentro do Brasil já é difícil e tu mudar dentro de um outro País, tem que de novo cavar teu lugarzinho ali pra ver onde é que tu vai ficar, né? Foi assim já bem complicado. Daí... eu comecei a estudar alemão e... e logo... logo também, quando eu cheguei em YYYYY, comecei a trabalhar com uma senhora é *Tagesmutter*, que cuida de criança. E isso foi muito bom porque ela me mostrou a cidade, assim, ela me... além dela falar bastante, assim... eu aprendi muito alemão com ela. O pouco que eu sabia, assim de coisa bem básica do que é que eu fiz, o que que eu, eu... fui aperfeiçoando com ela, assim, né? E ela me ensinou muitas coisas, ela me mostrou onde é que eu podia ir no ginecologista, qual o *Praxis*, qual o médico que eu podia ir... todas essas coisas básicas, assim, que... que... sei lá... que mãe que fala, né? Daí... trabalhei... eu acho que eu trabalhei quase dois anos com ela, e, assim, a partir também foi surgindo trabalhos como pra trabalhar com criança, né? Porque a criança também ela não julga tanto a gente na língua, a gente fala e eles não ficam rindo, ou... E é fácil também porque ninguém tem o tema da Universidade pra discutir o *Wortschatz* é menor, né? E daí ali eu me achei também. E... o próprio convívio com as mães, apesar de eu não ter filhos, eu entrei num universo muito de família assim. E outra coisa que foi boa pra nós, quando a gente se mudou, o que a gente não tinha lá que era a comunidade que a gente começou a participar da Igreja, que é pequena e o povo já se conhecia, já tinha um casal de brasileiros que participava lá. Então eles adotaram, assim, a gente... E então alguns móveis que tinha na casa, eles mesmo providenciaram. Eu lembro da gente ganhar dinheiro pra começar a fazer as coisas... Assim, eles foram bem... Assim, no sentido de ser comunidade mesmo bíblico, por eu ser teóloga, assim, a gente sente como se Deus tivesse acompanhando a gente assim, né? E... eu tenho muito boa experiência com pessoas da comunidade, as minhas amizades mais fortes, assim, com alemães, daí, são... são de lá, né? De famílias, assim, de lá que convidam a gente pra fazer coisa... Lá também que eu aprendi com uma mulher em especial que tem seis filhos, que ela sempre me convidou muito pra ir na casa dela, assim muito querido, e daí com ela eu aprendi muita coisa também. A fazer bolachinha de Natal, a trocar receita, que ela cozinha também muito *gern*, né? E... só que no meio disso tudo eu ainda não tava com meu alemão tão bom, então com as pessoas que eu tinha confiança de falar, eu falava e era eu. Mas a com a maioria das outras pessoas ou quando eu

tinha que ir na rua e comprar uma coisa e falar com uma pessoa que eu nunca tinha falado, era como se meu alemão todo tivesse voado fora da minha cabeça. E aí eu comecei a sentir meio pânico de... de... de sair, de... assim, eu comecei a perceber que eu ia precisar de ajuda, assim, né? E daí a gente falou com uma médica da comunidade o que é que a gente poderia fazer porque... talvez o sentimento da falta... da saudade... e coisa, começou a vir mais tarde. Acho que... as descobertas foram maiores e eu tentei, assim, também, tentei me esforçar pra que... achar que o lugar era meu, né? Não rejeitar, assim, eu não queria expor, eu sabia que eu tinha que ficar. E daí eu pedi ajuda porque... eu tinha pavor, assim, eu não podia andar de ônibus, que eu sempre achava que as pessoas estão só se brigando, que o jeito do alemão de ser, né? Brasileiro é sentimental, a gente não fala na cara das pessoas as coisas. E eles falam. Hoje aconteceu uma coisa, a mulher, eu dei cinco euros pra ela, que eu queria comprar um café de um e dez. Daí ela: “Não tem *Kleingeld*? eu preciso de moeda!”, brigando comigo porque ela não tinha troco pra me dar. Sabe? “Por que que você não traz *Kleingeld*?” É um jeito tão estúpido de tratar as pessoas às vezes, assim, que eu, eu... isso é uma coisa que a gente vê lá em casa e a gente não consegue se acostumar. E assim tem épocas que se irrita mais e épocas que se irrita menos. Porque... eu vi também situações a última vez que eu estive no Brasil também que eu não gostei, porque as pessoas apitam no trânsito... Mas as pessoas não são assim de graça estúpidas contigo. E todas as situações possíveis aconteceram comigo, eu fui premiada, não sei. Numa ponte aqui em YYYYY, a guria começou a me xingar, porque eu tava andando de bicicleta em cima dum lugar de pedestre, que tinha outras pessoas fazendo também, sabe? Mas ela escolheu a mim e foi direto e parecia que ia me jogar ponte abaixo. E ela falando que estrangeiro era uma merda. Que... que... assim, o pouco que eu entendi era *Scheiß egal diese Ausländer kommen und wissen nicht was sie machen, und...* Eu sei que tem muita gente que vem pra Alemanha e não se esforça assim pra seguir as coisas, eu me esforcei e cada coisa que eu aprendi eu faço. Mas eles às vezes tem muito pouca paciência eles precisam muito da gente, porque eu tava vendo uma reportagem na TV que se tirassem todos os estrangeiros que trabalhassem em todos os órgãos da Alemanha, tipo correio, coisa de comida, não ia ter gente que chega pra fazer as coisas, e eles não são nem... nem um pouco gratos, as coisas que a gente ajuda eles. E isso foi criando assim uma raiva e meu alemão também não melhorava, porque eu era só matriculada na *Uni* e era muito poucas horas de aula, daí a gente pediu ao pessoal da Bolsa pra que eu fizesse um Curso, daí intensivo, e se eles pagariam isso. Que, curso de Alemão na Alemanha é duzentos e poucos euros por mês, né? Daí eles pagaram e eu fui pro Brasil nesse ano e também foi uma coisa bem estranha, eu ficar dois anos aqui e depois ir pra lá. Assim o sentimento, eu... eu... gente eu fiquei uma semana, assim, com dor de barriga e mal, assim, de...

Entrevistadora – Por quê?

Gabriela – Quando eu chego lá. Eu não sei, quando eu chego aqui, a primeira v... eu acho que a expectativa, o nervosismo, sabe? Eu cheguei lá e fiquei uma semana com diarreia muito forte, muito forte. Assim de...

Entrevistadora – Como é que foi antes de você ir e como é que foi, além da diarreia, os primeiros di... os últimos dias aqui e antes dessa viagem e os primeiros dias depois que você chegou lá?

Gabriela – Eu não fiz assim muito *Sorge* assim, eu não fiquei muito preocupada, assim, eu tava feliz, tava assim preocupada com os meus sentimentos, que é que eu ia sentir quando eu abraçasse de novo minhas irmãs, o que é que eu ia... que eu tinha saudade mesmo, né? E foi muito especial, assim, receber... ser recebida no Aeroporto... eu pedi assim que só fosse a família, que não fizesse, que não precisava fazer nada de festa ou coisa assim. Quem quisesse mesmo me ver já lá no ar que fosse, o resto me vai em casa. E abraçar a minha irmã de novo assim, que eu tinha uma relação muito forte com ela, tinha até... até ela casar, porque depois a pessoa começa a mudar, assim, né? Mas até pelo tempo, mas abraçar ela de novo e ver minha v... foi bem emocionante, assim. Mas quando eu cheguei lá, eu tinha comigo mesmo uma

preocupação assim de... de... de não sentir saudade, de não querer ficar, sabe? Porque meu lugar é na Alemanha agora. Eu me esforcei pra não sofrer com um sentimento que ia vim, sabe? Eu acho que por isso que... que eu fiquei assim tensa, mas depois eu fui vendo: não, minha casa é lá. Porque eu ligo muito casa às coisas que a gente, o nosso canto, assim. Então se a minha casa tivesse em São Paulo, em qualquer lugar, eu ia querer voltar pra lá. Tanto em São Paulo, quanto na Alemanha, que são, eu preciso me sentir pertencente... eu preciso pertencer em alguma coisa ou em algum lugar ou ver que aquele lugar é meu e eu vi que lá não era mais, sabe? Porque não tinha mais as minhas coisas. As coisas de pensar assim, meu, ficar duas horas ficar se arrumando no banheiro isso é típico de brasileiro. E a gente aqui na Alemanha, a gente começa a dar bola pra outras coisas mais importantes do que ficar se arrumando pra outras mulheres te olhar e... Assim, essa questão da vaidade também me... me... me encantou aqui, porque eu não preciso provar pra ninguém quem eu sou, não preciso provar pra ninguém a roupa que eu visto ou se eu me arrumo, ou se eu faço as minhas unhas, se... Isso é uma coisa muito positiva pra mim aqui, as pessoas me consideram eu sendo o que eu sou, o que eu faço, o que eu falo, não o que eu visto. E no Brasil tem muito isso, a aparência, né? E que aqui não tem.

Entrevistadora – Além disso teve mais coisas com a qual, assim, você se deparou na sua volta, que você estranhou, apesar de você tá voltando pra casa? Se é que se pode dizer isso, que cê tava... você voltou pro Brasil, né?

Gabriela – Sim. Ah, talvez assim coisas com o dinheiro, assim, que o brasileiro, ele dá dinheiro para coisas que o alemão não dá. Ele... ele gasta o dinheiro sem dó, assim, e o alemão já pensa três, cinco vezes antes, né? E de ver que as coisas no Brasil são muito mais caras do que aqui, a comida, né? Não sei, também eles falam muito sobre a qualidade da comida, porque aqui a comida é barata, mas talvez pela qualidade que ela tem, né? Mas que a gente precisa muito mais de dinheiro pra viver lá bem, do que viver bem aqui, sabe? Isso me chamou muito a atenção como as coisas são caras, assim. E... Mais: ir numa feira no Brasil, aquela gente que nem sabe o que é que é produto orgânico, assim. Uma mulher falou assim pra mim, ah o “profeito” mandou eu escrever que as coisas são orgânicas, porque é tudo do meu quintal, eu não boto veneno em nada. Ela nem sabe talvez o que é que é orgânico e o que significa mesmo orgânico, mas ela então queria dizer que era do quintal dela, pra ir comprar as coisas... a feira é barato, né? Comprar as coisas na feira. Ver os artesanatos, assim, aqui também tem essas coisas, mais o Brasil é muito rico em cultura, assim, de... de... é muita coisa pros olhos verem, assim, pra cheirar, pra provar. E isso de novo eu pude, de novo aproveitar, porque às vezes a gente não tá lá e não nota, né? A gente nota quando a gente viaja do Sul do Brasil pro Nordeste ou de novo pro Sul. Aí a gente vê, né? Mas foi como ser turista de novo no meu país, assim eu me senti. E... daí no meio de tudo isso eu tava tomando remédio pra curar esse medo, porque eu tinha pavor, porque eu ia viajar de avião sozinha, e no Aeroporto o Antonio tinha que ir comigo, sabe? E graças a Deus agora já melhorou, isso melhorou de acordo com o nível de alemão que eu tinha. Óbvio, né? Porque era o medo porque eu num... era insegura e realmente tinha insegurança de não saber. Eu voltei do Brasil e comecei a fazer um curso intensivo de alemão em fevereiro e em maio eu tava pronta e saltou assim, meu, foi... da água pro vinho. E daí de novo, eu já conhecia a Anita, mas e aí ela começou a estudar comigo e daí acho que pra nós duas também foi muito especial ter alguém que falasse português e que tivesse quase na mesma situação que a gente, porque ela também tá por causa do marido... e tal, né? Então de ver que outras pessoas também passam aquilo que tu passa, assim... Foi... foi bem bom. Tanto é que agora a gente estuda junta, né? Faz bastante coisa junta na *Uni*, pra... Eu acho que uma... A Anita às vezes é meio insegura com a fala dela e daí ela acha que eu falo melhor do que ela e daí as duas vamos fazer as coisas juntas e fluuiu, foi bem especial, assim, ter... Mas eu acho que também foi bom encontrar ela só depois desse tempo, sabe? Porque eu noto que ela é uma pessoa que mora aqui mais ela quase não tem contato com alemães. Então ela preservou muito a cultura dela, ela cozinha coisas do Brasil, ela se veste muito como brasileira ainda, né? Que

no Brasil é saltinho, maquiagem e tudo... E... e eu já estou totalmente... alemão, eu penso assim, quando eu olho pra ela. Eu não cozinho mais assim coisas do Brasil, quando eu quero daí fazer uma coisa e... eu ligo muito a saudade, assim o gosto com a saudade... assim, quando eu tô com saudade eu faço um feijão, uma coisa, mas, eu não preciso comer... Sabe? Eu acho que o marido dela também não se adaptou muito bem com a comida. E... Eu não sei, eu acho, ela... ela ficou muito mais brasileira mesmo morando aqui do que... do que eu, sabe? Eu não sei... Não sei se é um problema de personalidade, que é fácil então cê ser influenciável por outra pessoa. Não sei, mas eu me sinto feliz assim, como se eu tivesse agregado mais coisa e conhecido mais coisa... e eu acho que qualquer agora país que eu morasse, mesmo eu sendo brasileira, tendo os meus gostos, os meus temperos, as minhas coisas, eu ia sempre querer aprender e fazer sempre mais e agregar assim as coisas, né?

Que mais, meu, assim? Nossa, são tantas histórias...

Entrevistadora – Você me contou, você começou me contando da Faculdade de Teologia, né? E antes? Antes disso?

Gabriela – Antes eu... O que que eu ouvia da Alemanha ou o que que eu fazia antes?

Entrevistadora – Pode ser o que você ouvia da Alemanha e assim no geral a sua vida antes disso.

Gabriela – Eu morava em (nome da cidade X), fazia o Ensino Médio, estudei sempre na mesma escola, assim, perto de casa. (Nome da cidade Y) agora já tá bem maior, mas não era uma cidade assim muito grande, a gente tinha até a liberdade de ir pra escola a pé, essas coisa assim, coisa que às vezes em muitos países (sic) do Brasil não dá mais, né? E... a família do meu pai é do interior, como eu já falei, então a gente teve muito contato com a terra, de comer também muita coisa que não tinha agrotóxico, coisa natural, assim. Meu pai sempre comeu muita fruta. Eu tive uma educação assim bem... bem... bem misturada, né? Desse jeito português de ser e de viver na praia, de todo ano quarenta dias a gente ficava na praia de férias e a mãe daí, por não trabalhar, ficava com a gente, né? E... não sei, eu... O que também sinto falta aqui é o mar, né? Por ter vivido a minha vida toda perto do mar, o cheiro, o vento, os esportes que tu faz no mar, assim, tudo... A minha vida mudou mais quando eu fui pra Faculdade, assim, porque daí tinha q... tinha... morei sozinha e daí... acho que também... acho que pra todo mundo é assim, né? É criar... ser... andar com as próprias pernas e... claro meus pais me sustentaram, mas aí também, fazer e curtir mesmo as coisas, né?

Entrevistadora – E eu perguntei também, o que é que você esperava da Alemanha, qual que é a imagem que você tinha da Alemanha?

Gabriela – Ah, a imagem falsa de Bayern, né? Só de homem de *Latzhose* e *Oktober* e cerveja e... eu não pensei assim que era muito mais do que isso, na verdade eu não tinha muita expectativa, assim, o que fosse pra mim tava bom, assim, eu não criei uma coisa... E o meu marido já tinha vindo pra cá. E ele só falava coisa boa, assim, só falava coisa boa, que tinha gostado muito... ele dizia assim: a gente vai poder viajar, conhecer outros lugares, ter contato com outras pessoas, né? Estudar na *Uni* de *YYYYY* já é uma viagem, porque é só estrangeiro, cada curso de alemão que tu vai, tu conhece gente de tudo quanto é lugar do mundo, então... ali tu já ganha muito culturalmente, né? Eu me lembro que o primeiro curso que eu fiz, eu morava em *ZZZZZ* ainda e daí tinha uma moça do Irã e uma da Coreia e daí a gente almoçou juntas. E eu não sei até hoje como é que a gente se comunicou, porque as três tinham bem pouco alemão e daí a moça do Irã cozinhou coisa típica do lugar, assim, tipo eu fiz isso sem nem sair da Alemanha, quer dizer eu entrei numa casa de uma iraniana sem nem sair daqui e provei os temperos, ela mostrou fotos da casa, de como se decoravam as casas lá... assim, não é só vir pra Alemanha, é todo contato que isso te traz, por ser estudante, assim. Isso foi muito legal. (Pausa)

A gente não falou do clima. (Risos)

O clima, bem como eu falei, no outro dia que a gente chegou nevou. E daí, ah, que bonito, neve e tal. Claro saia toda encasacada, não sabia que passava mal por causa da calefação, me entupia de casaco pra andar na rua e cada vez que entrava numa loja ficava ruim, minha pressão baixa, né? (palavras incompreensíveis) E sentia muito mais sede, assim pelo clima, o nariz da gente sempre tava machucado. Assim, acho que a gente sentiu na mente, no corpo, no estômago, acho que mudar, assim, tu sente todas as tuas dimensões, que tu... A gente tem que se adaptar com tudo mesmo, o ar, a água, o tempo, mas tem que tá disposto, né? Mas foi muito bom. Hoje eu tava pensando se eu não tivesse vindo pro país eu acho que eu não aprenderia a língua assim do jeito que eu aprendi, sabe? Se os meus filhos quiserem ir pra um país pra aprender, assim, claro que dependendo da situação, né? Eu vou apoiar, porque é muito mais... não é só uma língua, é uma cultura que se aprende, é muito especial, é muito legal.

Entrevistadora – Que imagem... depois que você tá aqui. Você disse que você não tinha nenhuma imagem da Alemanha, bem pouco não tinha o que responder sobre isso, e hoje, qual a imagem que você tem da Alemanha?

Gabriela – Ah... As pessoas são bem instruídas, educadas. Mesmo que... que... que a resposta às vezes vem muito... muito grossa, as pessoas sabem o que é educação, elas sabem, elas têm muito conhecimento, assim, acho que a escola aqui é muito boa, a gente nota assim que elas são bem cabeça e pensa bem mais adiante que a nossa. E... eu não sei, é... eu quero é ter uma imagem das pessoas queridas que eu conheço, das pessoas que... que me tratam bem, que... que tem amizade com a gente, que tão dispostas a ouvir às vezes um pouco do Brasil, porque eu ouço muito feliz as coisas que eles me contam. A gente já ouviu muito a história da DDR, é... a imagem que eu tenho assim é... é um povo que já sofreu muito, mas que sabe muito além da educação deles, eles pesquisam muito coisas adiante pra... pra... cada vez melhorar mais as coisas, né? Mas... eu tenho a imagem positiva, mas a imagem negativa é que tudo que é alemão é bom. Tudo que é daqui é melhor, assim, que eles são muito exigentes quando eles vão fazer férias em algum lugar ou que... que... ou assim porque eles tão pagando uma coisa, então... eu não sei... eu ainda tenho mais coisas negativas do que positivas pra dizer de um alemão, sabe? Isso me incomoda.

Entrevistadora – Isso quem você falou das férias e da exigência, é positivo ou é negativo? Eu acho que você falou duas vezes positivo. Mais eu tenho a impressão que é...

Gabriela – Não. É negativo. Eu acho negativo porque eu acho que tudo tem um limite.

Entrevistadora – Você tem a imagem positiva que é a que você quer, que você falou que você quer guardar das pessoas que você gosta...

Gabriela – Que eu quero lembrar das pessoas.

Entrevistadora – E tem as negativas que ...

Gabriela – O lado positivo do inverno: Meu, o natal aqui é lindo! A neve e tal, mas claro chega ali janeiro, final de janeiro de fevereiro, março, ainda é frio, tu já tá de saco cheio, tu já quer, assim, um calorzinho pelo menos, né? Eles também, não só a gente. E eu vou guardar essas... E eu sempre fui assim, eu quero ver sempre as coisas positivas. Eu acho que a vida não tem graça, se só ficar no negativo, né?

Entrevistadora – Mais mesmo assim você tem um lado negativo?

Gabriela – Mesmo assim. Não... Isso que... Por isso que eu vi que eu tava precisando de ajuda aqui porque o lado negativo tava muito forte, na minha cabeça. E foi ali que a gente notou que realmente tava precisando de ajuda. Porque se tu viver num lugar sem achar que nada presta, que nada é bom ou que ninguém presta digamos assim, isso já tem que ficar muito atento, porque não pode ser... Tu tem que ficar num lugar porque durante aquele período, porque tu vai

estudar e que isso vai ser bom pra ti quando tu chegar no Brasil e tudo. E se daí tu não ficar um pelo menos um pouco feliz, né? Aí não...

Entrevistadora – O que é o lado negativo?

Gabriela – Eu acho que é esse negócio que eu falei das pessoas às vezes são muito estúpidas, assim... De achar que pode falar qualquer coisa pra ti porque tá falando a verdade, sabe? Isso... isso dói muito, assim, a gente já teve experiência com os chefes das bolsas, assim... hum... a gente tava achando que a gente ia ganhar um dinheiro e na verdade não era tudo aquilo. A gente achou que ia ganhar seiscentos euros e era pra gastar menos por mês. E a daí gente tava gastando seiscentos, setecentos e daí o dinheiro tava começando a acabar e daí a gente disse agora então com o que a gente vai fazer, né? E eles não tinham dito, foi um erro de comunicação. E o cara foi lá visitou a gente, sentou na mesa e pegou um papel e perguntou onde é que a gente gastava nosso dinheiro. Assim, isso... isso foi tão invasivo pra mim, sabe? Foi um conjunto de ações que aconteceram, que eu fui criando assim uma raiva e uma falta de amor total, por qualquer pessoa, sabe? Porque foi invasão de privacidade, foi... E daí eu me senti culpada porque daí ele disse assim vocês gastam muito com comida. Porque o brasileiro compra coisa fresca, o alemão compra coisa congelada. Daí eu comprava assim – hoje eu já sei muito como é que funciona, mas eu tinha, totalmente, a mentalidade brasileira. Eu achava as coisa muito barato, comida mais barata, assim, né? Que aqui tu vai com 50 euros no mercado, meu, tu faz um *rancho* gigante. No Brasil, com 50 reais compra queijo, presunto, pão e iogurte, e olhe lá, né? E eu comparava assim o dinheiro, não o que realmente custa, né? E eu sei que daí... daí ele fez isso e eu achei tão... (pausa) Eu achei assim muito... Bruto, assim, não gostei. E daí com outras situações que a gente foi passando, daí eu fui criando essa distância, ah, os alemães são maus. Quando eu conhecia alguém que era legal, daí de novo dava uma luz assim. Mas... assim, eu tenho a impressão que eles não gostam de pessoas, brasileiro gosta de pessoas, o brasileiro é feliz. Eles têm que ter muita coisa pra ser feliz, a gente não, né? Isso que... acho que me irritava muito assim. De ver as condições que as pessoas viviam no Brasil e de ver as condições que eles viviam aqui, e ainda nunca tá bom, nunca tá bom, nunca tá bom, sabe? Isso me irritava muito, assim. Agora já entendo... Poxa, a gente, na cidade que a gente morava antes, a igreja é tão velha, que ela era católica antes da reforma, sabe? Tipo, a igreja estava sendo construída, quando Cabral descobriu o Brasil, sabe? Então não posso exigir, que eles, eles já estão a anos-luz na nossa frente, eles já passaram muitas coisas que a gente ainda não passou. E aprendi a ter um pouquinho mais de compaixão, acho que é a palavra certa. Sabe? Não julgar sempre negativo. Ah, eles pensam assim, porque assim e assim aconteceu. Acho que também outra coisa também é o fato da gente achar que... eles também, é um fato, é uma verdade, que o povo que mora no *Ostdeutschland* é mais aberto, um pouquinho mais, assim, satisfeito do que o povo do norte, porque eles passaram mais trabalho e tal, né? Eu acho isso uma verdade, também. Eu acho o povo aqui muito mais aberto, mais simpático, assim. A gente viu isso na igreja, as pessoas, assim, nossa, tratam a gente muito bem, perguntam, se a gente não vai, eles já tão perguntando, ou ligando, sabe? Ontem foi o meu aniversário, eu convidei esses dois casais, ela ligou hoje de manhã dizendo que tinha sido muito legal, sabe? Eu quero ter essa impressão dos alemães, eu quero levar essas coisas boas, sabe? E as coisas ruins eu quero esquecer, eu quero deixar, e foi, e eu cresci com isso, chorei, passou, sabe? Eu tento ser assim, porque se eu levar muito, sempre muito a sério, levar sempre só levar só o negativo, só reclamar das coisas, assim, não... todo mundo que tá ao redor de ti não vai gostar de conviver contigo. Isso pra família eu acho muito importante. Outra coisa aqui na Alemanha foi... que eu, por me sentir sozinha, eu comecei a ter vontade de ter filho. E daí a gente não... não podia ter, primeiro por um problema de saúde meu, depois quando a gente podia ter, ah... Assim, foi uma sequência de... de... Agora, talvez, pode ser mais concreto, de poder ter ou não, e é uma coisa também que eu não sinto medo de ter aqui. Que muitos brasileiros pensam: “ah, mas tem que fazer isso, ah, meu médico, ai, não sei o quê”. Assim, eu acho, poxa, eu tô num país superdesenvolvido, se é pra ter um

filho então, ter aqui, ter a chance de ter aqui, sabe? É ótimo, né? Eu penso assim. E... não sei, eu tenho boa experiência até agora, assim, com a coisa de saúde, também, talvez por eu ter o seguro da Alemanha, não passo trabalho com nada, assim. Acho que todos, assim, acho que... a gente precisa, pra gente sentir bem acolhido, né? Ou assim, o bras... qualquer pessoa, ah, saber que pode fazer tipo o plano de saúde, a casa, com um mínimo de coisa, assim, eu me sinto como se o ambiente é, não é um ambiente inóspito, é um ambiente propício pra que a família seja... viva bem e com o dinheiro que a gente ganha, com os amigos que a gente tem... Claro, falta família, né? O brasileiro é assim, a gente... os alemães não são assim com a família do jeito que a gente é, a gente precisa de família, né? Eles, não. Uma vez por ano, duas no máximo, e olhe lá. “Ah, minha mãe tá doente, ah, ela vive sozinha”, ou contrata alguém pra cuidar, mas não vai, sabe? Assim, é... E a desculpa deles, muitas vezes, é de não incomodar os outros, né? Porque tudo incomoda, o barulho incomoda, o vizinho incomoda, assim... Eles são um povo egoísta. (risos)

Entrevistadora: - E qual a imagem que você tem do Brasil? Ah, não, antes disso, eu quero fazer uma outra pergunta, que eu tava esperando pra fazer, porque você começou a comparar. Você citou isso, a diferença entre o alemão do norte e aqui do Leste da Alemanha, né? E você tinha me falado no início que você mudou, aqui dentro da Alemanha. Você não me falou de onde pra onde. Eu queria saber se teve nisso também diferença na sua experiência, de um lugar para o outro, e quando foi isso.

Gabriela: - Eu cheguei em outubro, daí eu me mudei no outro ano em julho, quase começo de agosto. Nesse meio tempo eu recebi visita dos meus pais, mas também a gente não aproveitou muito, porque eu não falava muito alemão, e o Antonio tinha que estudar, então ficou tudo meio assim, ah... Eu morei no Sul da Alemanha em **ZZZZ**, uma cidade universitária também, e lá, infelizmente, eu não pude estudar muito alemão, porque a bolsa era só pro Antonio estudar. E daí a mudança de **YYYYY** foi que aqui, daí ele então tinha um professor orientador, e a faculdade aqui tem uma parceria com a faculdade do Brasil que enviou a gente, que a gente estudou. Ah e mudou tudo, melhor, assim, não sei, eu tenho dificuldade de conviver com jovens, eles só falam do que estudam, do que fizeram, que viajaram, não falam de coisa do cotidiano, coisa normal, pra aproveitar, jogar conversa fora que nem a gente, né? Todo papo tem que ser sério! Eu não gosto de conversar sempre sério, sabe? Porque que não pode uma vez, né? falar de um filme que viu, uma coisa... Sempre assim, parece que querem sempre falar difícil, sabe? E a gente só vivia com jovem. E daí eu... eu num... E já quando tinha uma pessoa, uma mulher casada, com filho, tudo, daí eu já me sentia mais à vontade de conversar. Eu tinha amizade com uma menina, com uma mulher, que era argentina, daí eu não aprendi alemão quase também, mas recuperei todo o meu espanhol, aprendido na escola. Ah... (pausa) Assim, de mudança é o que eu falei, assim, de ter comunidade, de ter daí uma casa, que não parecesse uma casa formatada, dessas casas tudo igual, assim. E... Daí a gente pôde, assim, aos poucos, fazer a casa da gente, assim. Eu não sei, eu sou muito assim, já desde que eu saí de casa, também os apartamentos eram assim iguais, e daí eu fazia de tudo, assim, pra me achar dentro daquele lugar, daí eu fazia, pintava uma coisa e colava lá, ou... tinha pôster de filme e colava lá, então eu acho que eu precisei fazer isso aqui na Alemanha pra sentir que eu tinha chegado, daí. E acho, que esse primeiro ano eu não tinha chego assim, eu acho. (pausa) Que é muito, dá muita dó, assim, já lá no Brasil tu empacotar tuas coisas tudo, e não saber quando tu vai voltar, ou pensar eu tenho que viver cinco anos com essas duas malas. Fazer uma mala pra cinco anos, é muito doido. É um sentimento assim... ali já começa a perda. Ali já começa a perda, tem que aprender, ou se desfaz ou fica. A partir de agora, nos próximos sete anos da tua vida, tu vai ter que se desfazer de muitas coisas, das pessoas, das coisas, né? Ou se despedir das pessoas e não sabe quando vai ver de novo... É... Mas tudo foi assim, não posso dizer que foi uma catástrofe. Foi... tudo foi se ajustando. Até hoje, tudo que tem de novo assim, ser positivo. E ver que... (Risos) E qual era tua pergunta?

Entrevistadora: - E a imagem do Brasil?

Gabriela: - Ah, que a gente tem muito pra mudar ainda. Justamente por ter morado num lugar em que as coisas funcionam muito bem, que... que... que... a gente às vezes quando já tá num lugar da Europa que não é que nem a Alemanha, já nota, sabe? E quando a gente for pro Brasil, também. A... O “jeitinho” brasileiro, né? De achar que tudo dá pra dar um jeitinho, que aqui não tem. A imagem que eu tenho do Brasil, olha, é muito bonito. A natureza que a gente tem, a riqueza de cultura, tudo eu gosto. Mas também aquele negócio, se a gente não correr atrás do prejuízo, né? (pausa) Tem que correr atrás do prejuízo.

Entrevistadora: - O que você espera?

Gabriela: - Ah, eu espero... Eu sei que também vai doer bastante ir embora daqui. De novo aquela, eu não sei quando é que eu vou ver de novo essas pessoas, que eu tenho contato hoje aqui, que são a minha família no momento, né? E, talvez eu vou sentir agora o sentimento inverso, quando eu chegar lá. Sabe? O mesmo sentimento de deixar, quando eu fui embora, eu vou sentir esse sentimento ao contrário, deixar a Alemanha. Outra coisa, por isso às vezes eu acho que não vou ter filho aqui, porque eu acho que essa mudança toda pro filho seja muito penosa, sabe? Pra mim, pra criança, pro Antonio, e então... (pausa) E o futuro eu quero muito, muito falar alemão com meus filhos, muito, muito, assim. Se eu... eu sempre... se eu vim pra Alemanha, aprendi alemão, eu tenho que fazer alguma coisa com isso, sabe? Assim, o mínimo que eu puder. Ou de... de... antes, quando eu fazia aconselhamento, visitava as pessoas do hospital, tinha muita gente que só falava alemão.

Entrevistadora: - Onde?

Gabriela: - No Brasil, ainda. E eu lembro que eu tinha folhetos, assim, em alemão, pras pessoas que só falavam alemão. E daí agora eu poder alcançar, falar com essas pessoas também, pra mim é tão especial, sabe? Tinha uma senhora que eu visitava que ela sempre dizia assim: “Ai, tu me desculpa, mas eu vou ter que orar em alemão, porque, sabe, eu fui educada com essa língua”. Ela... ela foi uma alemã criada no Brasil, praticamente, né? E eu nunca entendi aquilo, meu, porque que ela precisa orar em alemão? Ela sabe português, ela mora aqui no Brasil. E hoje eu posso entender isso tão nítido, assim, sabe? Era uma falta de compaixão, de tentar entender assim mesmo. Que eu nunca fui criada com essa... Eu acho que os teus filhos vão ser criados com isso, né? Que... que... das duas nacionalidades, e, de pensar a mamãe morou lá, ou eu morei lá quando era pequeno, eu não tive essa dimensão, assim, eu num... Ou de... de saber que meus pais falam outra língua, não tinha nenhum, nenhum contato. E eu quero trazer isso, esse universo, essa visão de mundo, que o mundo é grande, que a pessoa pode morar em outro lugar, que a gente pode aprender com os outros, que a gente pode ter muito prazer, assim, com isso, sabe? Aproveitar muito, assim.

Entrevistadora: - Como você imagina sua vida daqui a cinco anos?

Gabriela: - Ah, eu imagino a faculdade, o Antonio trabalhando, eu acho que vou ter filhos pequenos, talvez que nem vocês. Ah, eu quero ter minha vidinha lá, numa cidade não muito grande, quero... quero também levar meus filhos pra brincar, como aqui as mães, talvez por trabalharem mais, elas aproveitam o tempo com os filhos, né? Assim, a gente vê os pais brincando com as crianças no parquinho, no Brasil a gente vê às vezes a babá, né? Sei lá... Eu acho... A qualidade do tempo que se passa com os filhos aqui. Eu aprendi muita coisa, assim, sobre educação aqui, já, por trabalhar com criança, sabe? Que a criança não precisa ver tanta televisão, como no Brasil, às vezes, ou que tu pode escolher muito melhor as coisas que a criança vê, sabe? Não simplesmente ligar lá num canal e assistir passivamente tudo o que esse canal te dá, né? Que a criança, do Brasil, assim – a minha cunhada falou agora, ah, porque vocês vão ter um filho, vocês vão precisar de muita ajuda, de muita ajuda, de muita ajuda. Assim, como se fosse impossível, impossível criar uma criança sozinho, né? Sem ajuda. Ou ganhar, eu

sei que é difícil quando a gente ganha, não tive ainda, mas... Daí quando eu falo assim com as minhas amigas alemães, assim, eu pergunto assim, sinceramente vocês acham será que a gente consegue, sozinho, assim, ter o bebê, voltar pra casa? Aí elas falam, mas é *natürlich*, todo mundo faz isso, porque não, isso só vai ganhar estresse, porque daí tu vai ganhar não sei quantas visitas, e as pessoas... Porque no Brasil, as nossas famílias moram longe da gente. Então eles vão visitar, mas eles vão dormir na nossa casa. Tu vai ter visita, vai ter ganhado bebê, daí cada um vai dar uma opinião de que quem tem que fazer, sabe? Aqui não se faz isso, é uma coisa muito positiva. Eu amo pensar que se eu tivesse filho aqui, eu teria outras pessoas que iriam me ajudar, mas que não iam ser tão invasivas, às vezes, quanto no Brasil. Mas, não sei, eu... Eu espero que eu tenha conseguido falar alguma coisa com sentido, porque... Eu tenho dificuldade de ir numa linha contínua, assim, falar as coisas, sempre vou emendando um monte ao mesmo tempo. (risos)

Entrevistadora: - Mais alguma coisa sobre educação das crianças?

Gabriela: - Ai... Assim também quando... a questão da *Gesundheit*, né? Assim, que às vezes a criança também tem que sentir a mudança do tempo, tem que andar com elas na rua, mesmo se tá frio, porque no Brasil, “menina, se tá chovendo, vai ficar dentro de casa”, que criança não pode sentir frio, que nasceu fica três, quatro dias daí já sai na rua. No Brasil, minha nossa, com dois meses vai sair a primeira vez na rua. E aqui, assim, meu, nasceu, é criança, mas vamos lá, né, pessoal? Não é aquela coisa, que às vezes é uma superproteção que a gente tem. E eles não, a criança... a criança tá lá brincando no coisinha de *Klettern*, se ela caiu, vamo, levanta, nem doeu, sabe? E no Brasil às vezes é aquela coisa demais, assim. Eles já te criam pra tu ser independente, pra não depender de ninguém, né? E no Brasil às vezes tem que tomar muito cuidado com isso, tudo é muito fácil. Eu ficava apavorada, que tinha uma amiga minha que passava manteiga no pão, ainda, pra uma criança de 10 anos. Isso é inconcebível, aqui, nunca pode ser. (pausa) Se lembrar de alguma coisa ainda.

Entrevistadora: - Tem alguma coisa que eu não te perguntei, que você gostaria de falar, e que você acha que possa ser uma contribuição pro trabalho?

Gabriela: - Ah, eu não consigo mais ver minha vida sem esse período aqui. Eu acho que isso tava já planejado antes, (risos) porque... não sei, eu me sinto mais feliz, mais segura. Acho que todo mundo que... que... que faz assim um período... uma viagem – essa semana a gente teve um texto na aula também, que falava que as pessoas que voltam, de um período assim, voltam mais seguras nas suas escolhas e coisa. Então, eu me sinto muito mais madura, muito mais capaz de... de... de saber... de saber o que eu quero, e se eu gosto, se eu não gosto, e se eu quero fazer isso, se não, e de falar sinceramente: “não, isso eu não tou a fim”, sabe? Assim... Eu acho que eu era talvez um pouco insegura antes, e que isso me trouxe muitas coisas boas, assim, pessoais. E acho que pro casamento também é uma coisa que é legal, porque a gente amadurece junto, né? Assim, acho que todo mundo passa dificuldade quando casa, assim, com dinheiro, com coisa, pra se adaptar com tudo. E acho que a gente passa, talvez, vinte, vinte e cinco dificuldades num ano só, coisas que às vezes as pessoas só vão passar até cinco anos de casado, e a gente no primeiro já passou todas, né? A... Aqui na Alemanha... a... fui no médico, eu tinha que fazer uma cirurgia, daí... essa coisa quando alguém do casal tá doente, né? Precisa de cuidados, assim, a... ah, um monte de coisa. Acho que, pro relacionamento, é muito bom, aprende muito e... Ah, foi muito legal. (pausa) É só. (risos)

Entrevistadora: - Muito obrigada, pela entrevista, foi muito boa mesmo! Eu acho que é isso, da minha parte. Obrigada.

Ausführliche Zusammenfassung (resumo estendido)

Conforme determinado no Acordo de Cotutela sob o qual realizei esse trabalho de doutoramento, segue abaixo resumo estendiado em alemão da tese escrita em português.

Wie es im Cotutelle-Vertrag vorgeschriebene ist, folgt hier unten eine auf Deutsch verfasst ausführliche Zusammenfassung der Dissertation, die auf Portugiesisch geschrieben wurde.

Diese Dissertation ist eines der zentralen Ergebnisse meiner persönlichen fünfjährigen Migrationserfahrung in Deutschland. Es ist im Wesentlichen diese Erfahrung, dieser Abschnitt gelebten Lebens, die mich dazu gebracht hat, darüber zu reflektieren, wie und warum wir wöchentliche Treffen zwischen BrasilianerInnen organisierten. Warum wir uns zusammen mit anderen lateinamerikanischen MigrantInnen in thematischen Vereinen assoziierten, unsere Latinität feierten und auslebten und uns den Spaniern, Italienern und Franzosen so nahe fühlten und warum in unseren wöchentlichen Treffen das Gespräch nahezu vorhersagbar und geradezu reflexhaft irgendwann auf dasselbe Thema hinsteuerte: in welchen Hinsichten wir BrasilianerInnen (oder sogar Latinos und Latinas) anders sind als die Deutschen.

Im Mittelpunkt meiner Dissertation stehen zwei zentrale Themen und Erkenntnisinteressen. Zum einem geht es mir darum, die Geschichte und Entwicklung von theoretischen und methodologischen Zugängen zur Erforschung von identitären Prozessen in Migrationskontexten nachzuzeichnen und im Hinblick auf meine empirische Studie auszuwerten. In der empirischen Studie selbst interpretiere ich – mittels Interviews, die mit BrasilianerInnen in Deutschland und in Portugal geführt worden sind – Narrative zur Lebenslaufbahn von MigrantInnen. Dabei versuche ich folgende Frage zu beantworten: welche sind die imaginierten Grenzen zwischen dem Fremden und dem Eigenen in den spezifischen Fällen der Begegnung, die sich im Migrationsprozess ergeben, und wie wirken sich diese Alteritätserfahrungen auf die (Re)konstruktion von Identitäten aus?

Die vorliegende Dissertation besteht aus vier Abschnitten, einer Einleitung und den Teilen I bis III. In der Einleitung wird der Prozess der Datenerhebung mit den entsprechenden

Details („Mitwirkende“, Interview-Leitfaden; Datenaufbereitung und –menge usw.) beschrieben.

In Teil I wird die Arbeit theoretisch und methodologisch verortet. In Teil II erfolgt die Interpretation der in der Einleitung beschriebenen Daten, d.h. die erzählten Lebenslaufbahnen der Interviewten werden nachgezeichnet und interpretiert. In Teil III werden Ergebnisse der Interpretationen der Narrative aus Portugal und aus Deutschland verglichen.

Teil I verhandelt seine Gegenstände in folgenden Schritten:

Das 1. Kapitel stellt die theoretisch-methodologischen Überlegungen vor, die im Sinne des Erkenntnisinteresses der Studie anzustellen waren, um zu einem belastbaren Konzept für das Design der empirischen Studie sowie für die Interpretation der erhobenen Daten zu gelangen, wobei nach Auffassung des Verfassers Erkenntnisinteresse, Studiendesign und Interpretationsverfahren eine untrennbare epistemologische Einheit bilden, der das zu erarbeitende theoretisch-methodologische Konstrukt im Ergebnis Genüge tun muss.

Die darin angestellten Überlegungen führen in ihrem Ergebnis zu einem interdisziplinär orientierten und operierenden Vorgehen, wobei die Interdisziplinarität vor allem durch die Berücksichtigung von drei methodologischen Ansätzen erreicht wird, die, obwohl in spezifischen Disziplinen verankert, alle ontologisch und epistemologisch für den – dialektisch zu denkenden – Dialog miteinander offen sind: es sind dies im Einzelnen die kritische Narrativenanalyse (KNA), die kritische Diskursanalyse (KDA) und der Ansatz der *oral history*. Die gleichzeitige Arbeit mit diesen Ansätzen hat mich vor die Herausforderung gestellt, den Dialog zwischen der Narratologie, der Sprachwissenschaft und der Geschichte zu führen und voran zu bringen.

Von der Definition von Marc Bloch ausgehend, die besagt, dass Geschichte über die Menschen im Wandel der Zeiten berichtet, möchte ich - mit Paul Ricouer (1994) – betonen, dass es die Narration ist, die die Zeit vermenschlicht; und mit Thomas Mann, dass – so eine der im *Zauberberg* vorgetragenen Thesen – die Erzählungen die Zeit erfüllen. Angesichts dessen glaube ich argumentieren zu können, dass, wenn die Zeit für historische Studien von zentraler Bedeutung ist, es sich um die menschliche Zeit handelt und keine andere. Daraus folgt, dass – gesetzt, dass der Inhalt der Zeit aus Narrativen besteht, die diese selbe Zeit dabei vermenschlichen – eben diese Narrative zum Hauptinteresse des Historikers werden sollten.

Aus der Entscheidung, Geschichte mittels der Erhebung und Interpretation von Narrativen zu (re)konstruieren, also sprachliche Daten zum Gegenstand wissenschaftlicher

Analyse zu machen, folgt notwendig, dass ich mich epistemologisch wie methodologisch einem Zusammenhang verpflichte, den die Historikerin Verena Alberti, dem Sinne nach, so charakterisiert, dass ein Ereignis oder eine Situation nicht an Dritte übertragen werden könne, ohne erzählt zu werden. Das bedeute, dass das Ereignis, von dem erzählt wird, sich gleichzeitig zum Interview konstituiere. Wenn wir von unseren Erfahrungen erzählen, verwandeln wir das, was wir tatsächlich erlebt haben, in Sprache, treffen dabei eine Auswahl und organisieren das Erlebte in einem bestimmten Sinn. Dies sei eine Charakteristik jeder Erzählung. Dabei plädiert Alberti zudem dafür, diesen Eigenheiten unbedingt auch im Umgang mit mündlichen Quellen Beachtung zu schenken, mehr als es häufig geschehe (Alberti, 2003a: 1). In der Konsequenz dieser Überlegungen habe ich bei der Interpretation meiner Quellen versucht, diesen besonderen Zusammenhang zwischen berichteten Ereignissen, berichtendem Subjekt und sprachlichem Ausdruck systematisch besondere Aufmerksamkeit zu schenken. Dazu habe ich mich der methodologischen Werkzeuge der Kritischen Narrativenanalyse (KNA) und der Kritischen Diskursanalyse (KDA) bedient.

Den von mir angewandten Diskurs-Begriff habe ich der KDA entnommen. Dabei lege ich Wert darauf, Konzepte und Werkzeuge unterschiedlicher Schulen zu nutzen, und zwar solcher, die, auch wenn sie sich in manchen Schwerpunktsetzungen unterscheiden, ausreichend viele Affinitäten untereinander aufweisen. Eine Diskurs-Auffassung, von der ich glaube, dass sie in hohem Maße wissenschaftlichen Konsens erfährt, wird von Chouliaraki & Fairclough vorgeschlagen:

We shall use the term 'discourse' to refer to semiotic elements of social practices. (...). The concept of discourse can be understood as a particular perspective on these various forms of semiosis – it sees them as moments of social practices in their articulation with other non-discursive moments. (Chouliaraki; Fairclough, 2009: 38)

Im Grundsatz verstehe ich den Begriff des Narrativs im Folgenden wie Neumann (2008: 4-5):

Narratives are not regarded as a merely literate form but as a fundamental way of organising human experience and as tool for constructing models of reality (...). Narrative, therefore, allow human beings to come to terms with the temporality of their existence (...). When we tell stories we impose order to chaotic events, structuring heterogeneous lived experience.

In ihrer „*Theory of oral history*“, meiner dritten zentralen theoretisch-methodologischen Orientierung, postuliert Lynn Abrams:

Oral history sources are also narrative sources, so historians must use theories devised from the interpretation of literacy and folklore texts, and those derived from linguistics and psychology in order to gain insight into the meaning as opposed to the content of the interview. (...). The important point here is that as historians using oral history we must be alert to the essential narrative nature of oral sources and recognising them as such we need to employ the tools of the narrative theorists to unpack our sources. (Abrams 2010: 18-21)

Vor diesem Hintergrund bin ich davon überzeugt, dass die ausgewählten Methodologien, auch wenn mannigfaltig, oder hybrid, sich in ein kohärentes Ganzes verflechten. Aus der Entscheidung, mich mit Interviews im Rahmen einer der Methodologie der *oral history* zu beschäftigen, ergaben sich die weiteren methodologischen Ableitungen. Diese von mir vorgeschlagene „methodologische Hybridität“ ist dabei den ausgewählten Methodologien selbst inne.

Insofern ist diese Arbeit keine im konventionellen Sinne monodisziplinär ausgerichtete Dissertation, aber sie ist auch keine antidisziplinäre Arbeit geworden, wie ich sie mir einmal - angeregt durch radikale Wissenschaftskritiker wie etwa Feyerabend – vorgestellt, ja vorgenommen hatte. Die Suche nach Antidisziplinarität hat dabei einen ihrer Ursprünge aus meiner späten Begegnung mit den britischen *cultural studies*, beruht aber vor allem und quasi ausschlaggebend auf der Lektüre des großen kleinen Buchs *Um discurso sobre as ciências* (Santos, 2010), noch in den ersten Jahren meines Studiums, als der kühne – und gleichzeitig überaus zärtliche – Stil von Boaventura de Sousa Santos noch hinreißender auf mich wirkte als heute. In seiner Darstellung der Probleme und Hindernisse der modernen Wissenschaft weist der portugiesische Soziologe, unter anderem, auf die Begrenzung und Begrenztheit eines Denkens in Schubladen, Fächern – eben: Disziplinen hin. Jede in Disziplinen eingesperrte Wissenschaftspraxis neige dazu, sich selbst zu disziplinieren und das Verlassen ihrer Grenzen unter Strafe zu stellen. Sie verlange gleichzeitig und darüber hinaus die Errichtung einer unsichtbaren „Polizei“, die darauf zu achten habe, dass niemand von Außen das eigene Territorium betrete (vgl. Santos, 2010: 74).

Eine weitere Grundlage der Dissertation resp. des Umgangs mit ihren Gegenständen bilden Theoreme und methodologische Positionen und Konzepte der Forschung zum kulturellen und zum kommunikativen Gedächtnis, insbesondere die dazu einschlägigen und richtungweisenden Arbeiten von Aleida und Jan Assmann, die ihrerseits an die Unterscheidung zwischen kommunikativem und kulturellem Gedächtnis in der von Halbwachs vorgeschlagenen Fassung von kollektivem Gedächtnis anknüpfen:

Halbwachs, however, the inventor of the term “collective memory”, was careful to keep his concept of collective memory apart from the realm of traditions, transmissions and transference which we propose to subsume under the term “cultural memory”. We preserve Halbwachs’s distinction by breaking up his concept of collective memory into “communicative” and “cultural memory”, but we insist on including the cultural sphere, which he excluded, in the study of memory. (Assmann, 2010: 110)

Das kulturelle Gedächtnis wird folgendermaßen von Assman beschrieben:

Cultural memory is a kind of institution. It is exteriorized, objectified, and stored away in symbolic forms that, unlike the sounds of words or the sight of gestures, are stable and situation-transcendent (...). In an order to be reembodyed in the sequence of generations, cultural memory, unlike communicative memory, exists also in disembodied form. (Assmann, 2010: 110-111)

Während das kommunikative Gedächtnis so definiert wird:

Communicative memory is non-institutional; it is not supported by any institutions of learning, transmission, and interpretation; it is not cultivated by specialist and it is not summoned or celebrated on special occasions; it is not formalized and stabilized by any forms of material symbolization; it lives in everyday interaction and communication. (Assmann, 2010: 111)

Ähnlich wie Assmann definiert Erll (2010) ihr Konzept von kulturellem Gedächtnis als "Interaktion zwischen Vergangenheit und Gegenwart in soziokulturellen Kontexten", eine Raum-Zeit-Bild-Vorstellung, die ohne Zweifel Licht auf eine Studie zu werfen hilft, die als Thema narrativ vorliegende identitäre Repräsentationen hat.

Kapitel 2 beschäftigt sich in enger Anlehnung an die dazu einschlägige Literatur (vgl. v.a. Castles, Miller & de Haas, 2014; Massey et. al., 1998) mit dem Thema der zeitgenössischen internationalen Migrationen und führt zu der These, dass wir aktuell im „Zeitalter der Migration(en)“ leben. Gleichzeitig situiert das Kapitel damit die vorliegende Arbeit in einem umfassenderen zeitgeschichtlichen Kontext.

Kapitel 3 unternimmt eine umfängliche Sichtung unterschiedlicher wissenschaftlicher Diskussionen rund um das von Anderson (2008) vorgeschlagene Konzept der *Nationalität* (vgl. v.a. Smith, 1993, 1995, 1999a, 1999b, 2001, 2008; Balakrishnan, 2000; Chatterjee, 1993, 2000; Cribb, 2007), wonach unter Nationalität eine „vorgestellte Gemeinschaft“ zu verstehen sei. Dieses Konstrukt dient auch der vorliegenden Arbeit als Grundlage.

Den ersten Teil abschließend, referiert Kapitel 4 die Interpretationskategorien der Kritischen Narrativenanalyse wie auch der Narrativenanalyse nach Labov, zu denen u.a. die Kriterien *most reportable event*, *initiating event*, *narrativ pre-construction* gehören, sowie die der Kritischen Diskursanalyse mit den Elementen *representation of social actors*, *actional meaning*, *representational meaning*, *identificational meaning*, *modalization*, *evaluation*, *interdiscursivity*, *intertextuality*. Diese Kriterien finden gemeinsam im zweiten Teil der Dissertation Anwendung.

In Teil II dieser Dissertation unternehme ich den Versuch, die erzählten Lebenslaufbahnen der Interviewten – hier v.a. Bal folgend; vgl. besonders Bal 1999 – sowohl als kulturelle Interpretationen von Narrativen als auch als narrative Interpretationen von Kulturen zu verstehen und in diesen Dimensionen als Beiträge zum Verständnis von Lebenswegen in der Epoche der Migration verfügbar zu machen. Teil II besteht aus vier Kapiteln, zwei davon gelten der Interpretation aller in Portugal und in Deutschland durchgeführten Interviews (Kapitel 5 u. 7) und zwei davon jeweils einem ausgewählten Interview aus beiden Ländern (Kapitel 6 u. 8). In den Kapiteln 5 und 7 geht es darüber hinaus darum, einen allgemeinen Überblick über die latenten Möglichkeiten der kulturellen Identitätsentwicklung jeweils in diesen Ländern bereitzustellen. In den Kapiteln 6 und 8 werden detaillierte Anwendungen der Werkzeuge der KNA und der KDA vorgestellt, und zwar am Beispiel der Interpretation von je einem nach dem Kriterium der „zitierbaren Passagen“ (Alberti, 1996, 2004) ausgewählten Narrativ aus beiden Ländern.

In Kapitel 5, *Gênero e experiências de imigrantes brasileiras e brasileiros em Portugal*, unternehme ich eine kritische Revision der inzwischen breiten Literatur zur brasilianischen Migration nach Portugal und gelange zu einer Auflistung der darin verhandelten zentralen Themen. Diese Themen sind: Migration, Klasse und Arbeit, Migration und Gender, Migration und identitäre Prozesse. Abschließend stelle ich meine Forschungssubjekte und ihre Migrationslaufbahn vor.

In Kapitel 7 scheint es so, als ob die Zahlen meine Arbeit erobert hätten, aber dann kehre ich wieder zu den historischen Subjekten zurück, die mich dazu gebracht haben, die Zahlen zu betrachten, die sich als produktiv für eine Interpretation erwiesen haben. Dabei ist anzumerken, dass – anders als zur Migrationsituation von BrasilianerInnen in Portugal, zu der es eine Fülle von Veröffentlichungen gibt – zur Situation brasilianischer MigrantInnen in Deutschland nur wenige Studien vorliegen. Ich habe deswegen versucht, diese Lücke wenigstens ansatzweise zu schließen.

So wie im Kapitel 5, in dem es um BrasilianerInnen in Portugal geht, versuche ich in Kapitel 7 des Weiteren, einen allgemeinen Blick auf die latenten Möglichkeiten der kulturellen Identitätsausprägungen zu werfen, die in den Narrativen von in Deutschland lebenden brasilianischen MigrantInnen aufscheinen.

In Kapitel 5, Entfernungen und Annäherungen, werden die identitären Spannungen in den Erzählungen der in Portugal lebenden BrasilianerInnen thematisiert. Diese sind sowohl durch die komplexen historischen Beziehungen zwischen Brasilien und Portugal als auch die aktuellen zwischen brasilianischen MigrantInnen und Portugiesen geprägt. Die Beziehungen leiten sich einerseits her aus der großen Bedeutung brasilianischer Einwanderung nach Portugal, andererseits auch aus den kulturellen Veränderungen, die diese ausländische hinzukommende Migrationsgruppe in dem kleinen iberischen Land bewirkt hat und bewirkt. In Portugal werden sowohl identitäre Annäherungen als auch Distanzierungen überwiegend als Prozesse auf der kollektiven Ebene berichtet, also zwischen BrasilianerInnen und Portugiesen und nicht zwischen den je einzelnen MigrantInnen und den Portugiesen. Parallel dazu spiegelt eine weitere Alteritätsperspektive innerhalb der brasilianischen Bevölkerung in Portugal unmittelbar die Klassen- und Genderauschnitte, die im Migrationskontext narrativ reproduziert und verstärkt werden. Zusätzlich zu Klasse und Geschlecht spielt schließlich auch Rasse eine wenn auch verschleierte Rolle im Prozess der identitären (Re-)Konstruktion. Während Klasse und Gender ausdrücklich erwähnt und für die Bestimmung von Gruppen und Hierarchisierungen angewendet werden, ist die Erwähnung von Rasse als Kriterium identitärer Entwicklung und Entwicklungsmöglichkeiten eher subtil, nicht ausdrücklich. Die Rasse dient dabei als Alteritätskriterium in der Begegnung mit den portugiesischen Autochthonen, den Anderen, und andererseits nach innen als durchaus positiv besetztes Merkmal und Bindemittel einer brasilianischen kollektiven Identität, die auf dem spezifischen Umgang mit Rassenfragen und Mestizisierung in Brasilien basiert. Dabei werden u.a. „*jogo de cintura*“, Sinnlichkeit, Sympathie, u.a.m. als positive Merkmale einer rassengemischten Gesellschaft verstanden bzw. kommuniziert.

In Kapitel 7 bediene ich mich für eine Gesamtinterpretation aller in Deutschland ermittelten Narrative verschiedener Werkzeuge der Kritischen Diskursanalyse, der Kritischen Narrativenanalyse und einiger Kategorien der Kulturwissenschaft, wie sie in einschlägigen brasilianischen Publikationen bei der Analyse von Merkmalen der brasilianischen Nation Anwendung finden. Zusätzlich wende ich einige der von Erdheim (1988) ausgearbeiteten und von Barkowski (2006) übernommenen Kategorien an, ergänzt um weitere, in Anlehnung an

Erdheim von mir selbst entworfene Kategorien. Der Ansatz von all diesen Instrumenten hat es ermöglicht, ein diskursives Feld der Identitätskonstruktion zu kartieren. Die diakritischen Merkmale dieses Felds werden – von diskursiven Repräsentationen bezüglich nationaler Identitäten in Begegnung ausgehend – narrativ (re)konstruiert. Dieses an Repräsentationen nationaler Identität geknüpfte diskursive Feld ist von Spannungen und Ambiguitäten des identitären Prozesses umgeben, die sich in Narrativen konstituieren und sich zwischen Xenophilie-Autophobie und Xenophobie-Autophilie bewegen.

Von den zwei in Kapiteln 5 und 7 ausgearbeiteten Interpretationen habe ich jeweils eine Erzählung ausgewählt, die wegen der Intensität und der Frequenz ihrer „zitierbaren Passagen“ (Alberti 1996, 2004) ein Potential für besonders komplexe und in die Tiefe gehende Einsichten in die zu untersuchenden Prozesse zu eröffnen schienen. Diese sind Gegenstand der Kapitel 6 und 8. In diesen Kapiteln arbeite ich gründlicher mit den analytischen Werkzeugen der KDA und der KANN, um die ausgewählten Narrativen zu interpretieren. Im Rahmen des KNA-Ansatzes bediene ich mich der Arbeit von Motta (2013), der methodologischen Kategorien von Labov (1997, 2003, 2004, 2010a, 2010b) und weiterer wichtiger narratologischer Kategorien, wie zum Beispiel Episode, Erzähler und Figur. Aus dem Ansatz der KDA bediene ich mich der von van Leeuwen (2008) für die Auslegung der Repräsentation sozialer Akteure entworfenen Kategorien und der Kategorien von Fairclough (2003) – alle in Kapitel 4 beschrieben.

In Kapitel 6 interpretiere ich das Narrativ von **Fabricao**. Dabei habe ich die Metapher des Spiegelspiels eingeführt. Diese Metapher hat ihren Ausgangspunkt in den vielfältigen Alteritäten und Identitäten, die in seinem Narrativ (re)konstruiert werden. Das Szenarium des dramatischen Konflikts ist äußerst komplex, da es hier nicht einfach um BrasilianerInnen auf der einen und PortugiesInnen auf der anderen Seite mit dem Erzähler im Zwischenraum geht. Es gibt vielmehr ganz unterschiedliche „MitspielerInnen“: BrasilianerInnen i.A., also die ganze Gruppe; „differenzierte BrasilianerInnen“ (*brasileiros diferenciados*), BrasilianerInnen aus dem s.g. einfachen Volk (*brasileiro do povo*), PortugiesInnen i.A., Portugal, Brasilien, ImmigrantInnen, EuropäerInnen... und alle diese Identitäten müssen im Narrativ (re)konstruiert werden. In dieser (Re)Konstruktion geschehen Begegnungen, Annäherungen, Distanzierungen u.s.w. nicht auf individueller Ebene, vielmehr sind es Gruppen, die sich annähern oder entfernen. Auch **Fabricao** gehört seinem Narrativ zufolge immer zu einer Gruppe, und sein dramatischer Konflikt könnte als die Konstituierung von Gruppen definiert werden, denen er entweder zugehört oder nicht. Gruppen, die z.T. auf nationaler Zusammengehörigkeit basieren, z.T. auch auf Klassen-Zugehörigkeit.

Wenn wir das mit der Interpretation des in Deutschland erhobenen Narrativs von **Gabriela** vergleichen (Kapitel 8), werden wir feststellen, dass deren Interpretation ein deutlich anderes Kontrastfeld eröffnet. Hier befinden sich die BrasilianerInnen auf der einen und die Deutschen auf der anderen Seite. Allerdings teilt die Erzählerin die Gruppe der Deutschen in zwei Subgruppen mit unterschiedlichen Merkmalen, in Ost- und Westdeutsche. Sie tut dies mittels Elementen des kommunikativen Gedächtnisses, wobei sie ihre Erfahrung mit beiden Teilgruppen auswertet. Insgesamt entwickelt **Gabriela** eine Strategie, die ich „Equilibrium der Antagonismen“ nenne, ein Gleichgewicht der Gegensätze, das immer instabil bleibt. Im Rahmen dieses Equilibriums konstruiert die Erzählerin als erstes den Anderen, wobei sie sich dazu Elementen des kulturellen Gedächtnisses bedient; dabei entfernt sie sich, als Mitglied einer anderen Gruppe, von dieser kollektiven Identität, ohne diese leugnen oder gar verlassen zu müssen, und (re)konstruiert dabei ihre eigene Identität. In deren Zwischenraum stellt sich die Erzählerin, als Individuum und nicht als Mitglied einer neuen Gruppe. Vielmehr repräsentiert sie sich oft als gar keiner Gruppe zugehörig und ihr dramatischer Konflikt definiert sich in Verbindung mit dieser Stellung im Zwischenraum, im „Equilibrium der Antagonismen“.

In Teil III werden Ergebnisse der Interpretation der Narrative aus Portugal und aus Deutschland verglichen und daraufhin untersucht, ob und inwieweit ihnen unterschiedliche Alteritätskonzepte bei der diskursiven (Re)konstruktion von Identitäten zugrunde liegen und wie gewichtig diese sind. Dazu werden insbesondere folgende Befunde ermittelt und diskutiert: Wenngleich sich in beiden Ländern die aktivierten Elemente des kulturellen Gedächtnisses gleichen und einer brasilianischen nationalen Identität entsprechen, die diskursiv in ihrem Kern v.a. auf den Merkmalen *Mestizisierung* und *Herzlichkeit* beruht, werden die Narrative auch von der Gegenwart der Migrationsexistenz beeinflusst und weisen unterschiedliche Strategien und Formen der narrativen Handhabung des kulturellen Gedächtnisses durch das kommunikative Gedächtnis auf. So ist z.B. in Deutschland der Unterschied zwischen „uns“ und „ihnen“ in den erzählten Alteritätserfahrungen deutlich artikuliert, und die Annäherungsstrategien an das Migrationsland werden v.a. als individuelle Unternehmungen berichtet, als solche zwischen „mir“ und „ihnen“. In Portugal dagegen sind die Ambivalenzen zwischen Alterität und Identität tiefgründiger, und Annäherungen und Distanzierungen werden eher als kollektive Strategien der Migrantengruppe gegenüber der Gruppe der Autochthonen, als ein Prozess zwischen „uns“ und „ihnen“ wiedergegeben.

Declaração de Honra

Eu, Glauco Vaz Feijó, ao solicitar a abertura de processo de defesa de tese de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, declaro que:

(a) conheço o Regulamento do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, bem como as normativas dessa universidade que regulamento o processo de doutoramento,

(b) eu mesmo redigi a tese de doutorado a ser avaliada, sem copiar textos de outros autores ou textos próprios usados em outros trabalhos avaliados para obtenção de títulos acadêmicos sem que isso esteja claramente indicado na tese, assim como estão indicadas todas as fontes e outros materiais utilizados,

(c) Jacqueline Fiuza da Silva Regis me auxiliou na produção, na escolha e avaliação de parte do material utilizado, como também na correção do texto final da tese,

(d) não recorri a nenhuma consultoria paga para a elaboração desta tese, não havendo terceiros que tenham recebido nenhum tipo de benefício monetário direto ou indireto para a realização de nenhuma parte do conteúdo da tese apresentada, exceto para a transcrição das fontes orais utilizadas,

(e) eu apresentarei a mesma tese na abertura do processo de doutoramento na Friedrich-Schiller-Universität Jena, conforme o Convênio de Cotutela de Tese de Doutorado, sob o qual realizei meu doutoramento

Brasília, 15 de janeiro de 2015.

Glauco Vaz Feijó

Ehrenwörtliche Erklärung

Hiermit erkläre ich, Glauco Vaz Feijó, als Antragsteller der Eröffnung eines Promotionsverfahrens an der Philosophischen Fakultät der Friedrich Schiller-Universität Jena,

(a) dass mir die geltende Promotionsordnung bekannt ist,

(b) dass ich die Dissertation „*O Brasil lá fora: a invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal (1989-2012). Narrativas e Discursos de Identidades*“ selbst angefertigt, keine Textabschnitte eines anderen Autors oder eigener Prüfungsarbeiten ohne Kennzeichnung übernommen und alle von mir benutzten Hilfsmittel und Quellen in meiner Arbeit angegeben habe,

(c) dass Jacqueline Fiuza da Silva Regis mich bei der Auswahl und Auswertung des Materials sowie bei der Herstellung des Manuskripts unterstützt haben,

(d) dass die Hilfe eines Promotionsberaters nicht in Anspruch genommen wurde und dass Dritte weder unmittelbar noch mittelbar geldwerte Leistungen vom Promovenden für Arbeiten erhalten haben, die im Zusammenhang mit dem Inhalt der vorgelegten Dissertation stehen,

(e) dass ich die Dissertation noch nicht als Prüfungsarbeit für eine wissenschaftliche Prüfung eingereicht hat, außer für die Verteidigung der gleichen Dissertation an der Universidade de Brasília, gemäß dem Kooperationsvertrag für ein binationales Promotionsverfahren, unter dessen ich promoviert habe.

(f) dass ich, gemäß dem Kooperationsvertrag für das binationale Promotionsverfahren, in dessen Rahmen ich die Dissertation verfasst habe, die gleiche Dissertation bei der Universidade de Brasília eingereicht habe. Das Ergebnis an der Universidade de Brasília war „*aprovado*“ (bestanden). Gemäß der Promotionsordnung der Universidade de Brasília (Resolução CEPE 91/2004) wird das Promotionsverfahren nicht benotet, die möglichen Ergebnisse sind „*aprovação*“ („bestanden“), „*aprovação com revisão de forma*“ („bestanden mit Revision der Form); *reformulação*“ („Neuformulierung“) oder „*reprovação*“ („nicht bestanden“).

Jena, den 21. März 2015

Glauco Vaz Feijó

Tabellarischer Lebenslauf

A) Persönliche Daten:

Name: Glauco Vaz Feijó

Geburtsdatum: 10. April 1975

Geburtsort: Miracema-RJ, Brasilien

Reisepass: FI 883405

Adresse: SCRN 704/5, Bloco G, Entrada 12, Apto 201. Brasília-DF, Brasilien 70730-670

E-Mails: glauco.feijo@ifb.edu.br; glaucofeijo@yahoo.com.br

B) Bildungsweg:

1) Schulischer Bildungsweg

Von 1980 bis 1988: Grundschule (Primeiro Grau: Colégio Cenecista Nossa Senhora das Graças, Miracema-RJ.

Von 1989 bis 1991: Gymnasium (Segundo Grau): Colégio Cenecista Nossa Senhora das Graças, Miracema-RJ.

2) Akademischer Bildungsweg

Von 1992 bis 1993: Studium des Bauingenieurwesens an der *Universidade Federal Fluminense*, Niterói-RJ (abgebrochen).

Von 1993 bis 1997: Studium (Bachelor) in Sozialwissenschaften an der *Universidade Federal Fluminense*, Niterói-RJ.

Von 1997 bis 1999: Studium (Lehramt) in Sozialwissenschaften an der *Universidade Federal Fluminense*, Niterói-RJ.

Von 2000 bis 2001: Studium in Geschichte an der *Universidade Federal Fluminense*, Niterói-RJ, und an der *Universidade Federal da Bahia*, Salvador-BA, (abgebrochen).

Von 2002 bis 2004: Studium in Geschichte (Master-Diploma de Estudos Avanzados) an der *Universidad de Huelva*, Huelva, Spanien.

Von 2004 bis 2007: Studium in Soziologie und Geschichte an der Friedrich-Schiller-Universität Jena (abgebrochen).

Von 2010 bis 2015: Promotion an der *Universidade de Brasília*, seit 2012 im Cotutelle Verfahren auch an der Friedrich-Schiller-Universität Jena.

C) Wissenschaftlicher Werdegang:

1) Wissenschaftliche Tätigkeit

Vom 2010 bis heute: Dozent für Soziologie und Kulturwissenschaft am *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília*, Campus Brasília, Brasília-DF.

Von 2008 bis 2010: Science and Technology Analyst an der *Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES) des Bildungsministeriums Brasiliens, Brasília-DF.

Von 2008 bis 2008: Lehrbeauftragter an der Abteilung für Geschichte des Instituts für Geisteswissenschaft und Philosophie der *Universidade Federal da Bahia*, Salvador-BA.

Von 2004 bis 2007: Lehrbeauftragter am Institut für Romanistik der Friedrich-Schiller-Universität Jena.

2) Veröffentlichungen (Auswahl)

FEIJÓ, Glauco Vaz. ADC, ACN e fontes orais: algumas reflexões sobre interdisciplinaridade e ideologia. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, vol 2, nº 15. Brasília, 2014. S. 8-25.

FEIJÓ, Glauco Vaz. História Oral, Análise Crítica de Discurso e Análise Crítica de Narrativa: Metodologias Intrinsecamente Interdisciplinares. In: *Atas do 3 Congresso Iberoamericano de Investigação Qualitativa*. Oliveira de Azeméis: Ludomedia, 2014. v. 3. S. 42-47.

FEIJÓ, Glauco Vaz. Diálogos possíveis e necessários entre história e linguagem. In: *Anais do I Simpósio de Metodologia da História*, Brasília, 2013, S. 66-78.

FEIJÓ, Glauco Vaz. Encontros entre História e Linguagem: uma interpretação de narrativas de imigrantes na Alemanha e em Portugal. In: *Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar*. Uberlândia: GT Nacional de História Cultural, 2012.

FEIJÓ, Glauco Vaz. Revisitando a Reserva Extrativista Marinha da Baía do Iguape e Repensando a Questão Cultura-Natureza. In: *Anais do V Simpósio Nacional de História Cultural. Ler e ver: paisagens subjetivas e paisagens sociais*, Brasília, 2011.

FEIJÓ, Glauco Vaz. Aspectos discursivos de (des)construção de identidades nacionais: o depoimento de um brasileiro na Alemanha. *Papia* (Brasília), v. Especial, 2011, S. 45-63.

FEIJÓ, Glauco Vaz. Sobre sobrados, mucambos, raízes e rotas: inventando o futuro com histórias do passado. *Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades* (UnB), v. 1, 2010.

FEIJÓ, Glauco Vaz. Projeto Paraguaçu: Resonanzen eines Zwischenraumes. In: Joachim Born. (Org.). *Curt Unckel Nimuendajú - ein Jenenser als Pionier im brasilianischen Nord(ost)en*. Wien: Praesens, 2007, S. 301-310.

FEIJÓ, Glauco Vaz. Mundos y mitos en construcción: la reafirmación del 'ser brasileño' en una situación de encuentro intercultural. In: Juan de Dios Luque Durán; Antonio Pamies Bertrán (Org.). *Interculturalidad y Lenguaje: Identidad cultural y pluralidad lingüística*. Granada: Método Ediciones, 2007, v. 2, S. 51-60.

FEIJÓ, Glauco Vaz; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva Regis (Hgs.). *Festival de Cores: Dialoge über die portugiesischsprachige Welt*. Tübingen: Calepinus, 2007.

FEIJÓ, Glauco Vaz. *La creación de la Reserva Extractiva Marina de la Bahía de Iguape: territorio de conflictos*. Caracas: Programa Globalización, Cultura y Transformaciones Sociales, CIPOST, FaCES, Universidad Central de Venezuela, 2006.

FEIJÓ, Glauco Vaz. Naturaleza Culturalizada. La Reserva Extractiva de la Bahía de Iguape: propuesta de investigación. In: Andrés Botero Bernal (Org.). *Naturaleza y Cultura: Una mirada interdisciplinaria*. Medellín: Fondo Editorial Biogénesis, 2004, S. 123-144.

3) Vorträge (Auswahl)

Brasileiras e brasileiros na Alemanha: tensões e ambiguidades na (re)construção discursiva de identidades nacionais. Kurzvortrag an der “XII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais”. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

História Oral, Análise Crítica de Discurso e Análise Crítica de Narrativa: Metodologias Intrinsecamente Interdisciplinares. Kurzvortrag an der “3º Congresso Iberoamericano de Investigação Qualitativa”. Universidad de Extremadura, Badajoz, 2014.

A invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal: narrativas e discursos de identidade. Vortrag an der Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2013.

Diálogos possíveis e necessários entre história e linguagem. Kurzvortrag am “I Simpósio de Metodologia da História”. Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2013.

Trajelórias de migrantes e caminhos de transdisciplinaridade para a História. Kurzvortrag am “Encontro Internacional Fronteiras e Identidades”, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2012.

Encontros entre História e Linguagem: uma interpretação de narrativas de imigrantes na Alemanha e em Portugal. Kurzvortrag am “VI Simpósio Nacional de História Cultural”, Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, 2012.

Discursive aspects of de(construction) of national identities: the statement of a brazilian living in Germany. Kurzvortrag am “38th International Systemic Functional Congress”. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

Revisitando a Reserva Extrativista Marinha da Baía do Iguape e Repensando a Questão Cultura-Natureza. Kurzvortrag am “V Simpósio Nacional de História Cultural”, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2010.

Sobre sobrados, mucambos, raízes e rotas: inventando o futuro com histórias do passado. Kurzvortrag am “XII Congresso Internacional de Humanidades”, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.

Xenophobie o. Xenophilie zur reifen Selbstrepräsentation: die mögliche Entstehung einer positiven Nationalität am Beispiel brasilianischer Studierenden und Migranten in Jena. Kurzvortrag am „XIV. Internationale Tagung der Deutschlehrerinnen und Deutschlehrer“. FUS, Jena, 2009.

Mundos y. Mitos en construcción: la reafirmación del 'ser brasileño' en una situación de encuentro intercultural. Kurzvortrag am “II Congreso Internacional sobre Lenguas y Culturas del Mundo”. Universidad de Granada, Granada, 2006.

Projeto Paraguaçu: Resonanz eines Zwischenraumes. Vortrag am „Kolloquium Curt Unckel Nimuendajú - ein Jenenser als Pionier im brasilianischen Nord(ost)en“. FSU, Jena, 2005.

Jena, den 21. März 2015

Glauco Vaz Feijó

